CANCIONEIRO

PORTUGUEZ

DA VATICANA

EDIÇÃO CRITICA

RESTITUIDA SOBRE O TEXTO DIPLOMATICO DE HALLE,
ACOMPANHADA DE UM GLOSSARIO
E DE UMA INTRODUCÇÃO SOBRE OS TROVADORES E CANCIONEIROS
PORTUGUEZES

POR

THEOPHILO BRAGA

Professor de Litteraturas modernas e especialmente de Litteratura portugueza,
no Curso superior de Lettras

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL

MDCCCLXXVIII

Prevenção — Seguimos na reproducção do texto d'este Cancioneiro o respeito que se deve ter pela integridade de qualquer monumento historico, não amputando aquellas phrases que repugnam aos costumes modernos, por isso que este livro é para estudo e não para recreio; como o serviço que prestamos á litteratura e historia póde ser mais uma vez deturpado por insidias de uma moral capciosa, declaramos que n'esta reproducção seguimos o exemplo do historiador Herculano na sua edição critica dos *Nobiliarios*.

No meado do seculo XV falla o marquez de Santillana da existencia d'este Cancioneiro em Hespanha, e desde o seculo XVI se sabe do seu apparecimento em Roma; mas no seculo XVII D. João IV preoccupava-se exclusivamente em mandar copiar musicas dos principaes compositores, e no seculo XVIII D. João V pagava perdulariamente as copias de miseraveis documentos ecclesiasticos do Vaticano. O Cancioneiro portuguez ficou sempre ignorado, e por isso a tradição litteraria esquecida fez com que esses dois seculos fossem mesquinhos e sem intuito e vitalidade na litteratura. Os excerptos extrahidos por Lopes de Moura, por Grüzmacher, por Wolf, por Diez, por Varnhagen e por Monaci, nunca conseguiram despertar o minimo interesse na Academia das Sciencias de Lisboa, cuja dotação annual de mais de *doze contos de réis* era dispendida em commissões litterarias ficticias, porque o trabalho effectivo resumia-se na reproducção typographica de alguns documentos com poucas linhas de prologo historico. Referimo-nos especialmente á collecção *Portugaliæ Monumenta historica*, da qual desde 1856 até 1877 apenas apresenta quatorze fasciculos, os quaes custaram até ao anno de 1876, pagando a um director 480$000 réis annuaes, a um paleographo 270$000 réis, e a um revisor 240$000 réis (sem incluir a impressão e o papel), a quantia de réis 19:800$000! O trabalho litterario d'estes fasciculos consiste em copias paleographicas e mais nada; mas no nosso paiz entende-se o dever d'este modo. N'esta collecção dos *Portugaliæ Monumenta historica* resolvêra o seu fundador e director incluir na Secção dos Scriptores o *Cancioneiro da Ajuda* e o *Cancioneiro da Vaticana;* como estas reproducções não consistiam em simples copias, mas em restituições de texto e interpretações historicas, encobriu-se a impossibilidade com a reproducção de um desgraçado texto do Codigo wisigothico, e assim se ficou servindo a algibeira sem servir a sciencia. Pela parte do governo nenhum ministro teve a educação litteraria sufficiente para d'esses subsidios que se dão para assistir a paradas militares no estrangeiro tirar uma pequena quantia para mandar a Roma quem copiasse o monumento portuguez da Bibliotheca do Vaticano. Porém ás vezes póde mais a boa vontade do que todos os poderes do mundo.

Sobre os pequenos subsidios para a historia da litteratura provençal portugueza, ministrados pelo embaixador *inglez* Lord Stuart, pelos *brazileiros* Lopes de Moura e Varnhagen, pelos *allemães* Wolf, Grüzmacher e Diez, tentámos uma pequena synthese da epocha dos nossos trovadores no livro *Trovadores galecio-portuguezes*, Porto, 1871. O livro era defeituoso por incompleto, porque incompletos eram os documentos sobre que se fundava; terminava com uma imprecação acerba sobre o desleixo da Academia e do governo por deixarem no esquecimento o grande *Cancioneiro portuguez da Vaticana*. De 1871 a 1877 a Academia continuou consummindo em silencio a sua dotação, e o governo continuou a preoccupar-se de si; mas o livro dos *Trovadores galecio-portuguezes* chegou á Italia, e um illustre romanista o joven professor dr. Ernesto Monaci, movido por aquellas palavras de interesse emprehendeu restituir á nação portugueza o livro da sua tradição litteraria [1]. As difficuldades que elle teve a vencer irão contadas adiante ao biographarmos este eminente philologo; é certo porém que o *Cancioneiro portuguez da Bibliotheca do Vaticano* estava publicado em

[1] Em carta de 14 de abril de 1873, escrevia-nos o illustre philologo: «Nel preparare questo lavoro poi non mi è di poca compiacenza il pensare ai materiali richissimi che esso presenterà per nuove opere all' illustre storico della letteratura portoghese.»

1875 por uma casa editora de Halle, que teve o patriotismo que faltou ao nosso governo, e a intelligencia scientifica que faltou á nossa Academia.

Monaci fez uma edição diplomatica do *Cancioneiro portuguez da Vaticana;* as difficuldades insuperaveis do texto obrigaram-no a uma reproducção quasi *fac-simile,* entregando á aptidão dos homens de sciencia de Portugal a restituição pura da linguagem archaica ali deturpada pelo primeiro copista do seculo XVI.

São commoventes as palavras com que Monaci termina a sua audaciosa empreza: «Questa non é che una prima pietra, e voglia il cielo che tornato il livro in Portogallo, diventi presto oggetto di studi novelli. É solo nelle fonte delle tradizione patrie che lo spirito di una nazione si ringagliardisce.» O livro chegou a Portugal em dezembro de 1875, encarregando-me o auctor e editor de offerecer em seu nome um exemplar á Academia das Sciencias. Para evitar a nossa vergonha tive de solicitar o agradecimento, e a nomeação de *socio correspondente,* titulo que tem descido entre nós até á infima plebe das letras, para o homem que no estrangeiro maior serviço prestou á litteratura e historia de Portugal. Para que o juizo sobre o *Cancioneiro* não ficasse no olvido, como a maior parte das obras dadas á censura academica, tive que redigil-o. Mas apesar de tudo o trabalho de Monaci não foi comprehendido, porque um academico chegou a propôr em sessão, que sendo illegivel a edição de Monaci, seria conveniente que a Academia das Sciencias de Lisboa mandasse tirar uma nova copia para fazer uma edição sua! Que paleographo na Europa seria capaz de tirar uma copia com mais fidelidade e intelligencia do que a de Monaci? com todos os elementos criticos para uma restituição integral? Ninguem.

O que a edição diplomatica do *Cancioneiro da Vaticana* reclamava era estudo. Lançámo-nos a esse trabalho de restituição, como quem cumpria um dever de honra nacional; não tinhamos esperança de alcançar os meios de publicidade para o nosso texto, mas fomos proseguindo sempre. Nas livrarias, dos exemplares do *Cancioneiro* apenas se venderam uns quinze! Silencio da parte dos escriptores, porque nenhum jornal deu noticia da publicação de Monaci, desprezo da parte do publico, tudo pesava sobre nós como uma grande vergonha. Da Allemanha pediam-nos um juizo critico sobre o *Cancioneiro* para a *Zeitschrift für romanische Philologie*[1] de Breslau, e em Portugal todos os livreiros se recusavam a tomar a empreza da edição critica d'este esplendido monumento nacional!

Depois de restituido completamente o *Cancioneiro,* tentámos publical-o por fasciculos, associando-nos com um proprietario de typographia. Fizemos correr o seguinte prospecto:

«O monumento principal da litteratura portugueza, pela sua importancia philologica, historica, tradicional e artistica, e pela epoca e sociedade que representa, é indubitavelmente o grandioso *Cancioneiro portuguez da Bibliotheca do Vaticano.* Pertence aos seculos XIII e XIV, e compõe-se de mil duzentas e cinco canções que se repetiram nas côrtes de D. Affonso III, D. Diniz e D. Affonso IV; ali se acham imitadas as varias escolas poeticas do fim da edade media, os cantos trobadorescos da côrte de S. Luiz, os cantares de segrel das côrtes peninsulares, os dizeres gallegos, e os lais bretãos a que apenas se allude; emquanto ás individualidades historicas, ali se acham representadas nos mais saborosos trovadores as familias que estiveram com Affonso III em França, e conspiraram para o elevarem ao throno. Por qualquer lado que se compulse este monumento, redobra-se o seu valor. Desde o seculo XVI que se sabe da sua existencia; os sabios estrangeiros o têm estudado successivamente, a estrangeiros devemos os fragmentos publicados até hoje, e hoje a admiravel edição diplomatica de Ernesto Monaci, que appareceu á luz em Halle, em fins de 1875. O texto primitivo do *Cancioneiro* suppõe-se perdido desde 1516; existe um apographo de copista que não sabia portuguez, e que reproduziu o texto extrahindo-o d'entre a pauta musical; d'aqui resultou que o amanuense, apesar de toda a sua fidelidade reproduziu palavras imaginarias,

[1] Fasc. I, p. 41 a 57, e II, p. 179 a 190

as mais das vezes sem fórma de verso. O illustre Monaci, que salvou este texto, provoca a nação portugueza com o seu generoso brinde, a trabalhar para a reconstrucção critica da fórma authentica perdida. É o que tentamos hoje de um modo integral.

«A nossa edição deve constar:

«1.º De uma longa introducção sobre a historia da poesia provençal portugueza deduzida do texto do *Cancioneiro,* e de um estudo de historia externa sobre a filiação dos differentes *Cancioneiros* dos seculos XIII e XIV, com os quaes o *Cancioneiro da Vaticana* tem intima relação.

«2.º Do texto das mil duzentas e cinco canções restituido em quanto á lingua, á da epoca em que foi escripto o *Cancioneiro,* pelos processos criticos mais rigorosos; em quanto á poetica, fixando-lhes a sua justa metrificação e a fórma estrophica, segundo os dados comparativos da poetica provençal.

«3.º De um glossario de todas as palavras archaicas empregadas no *Cancioneiro;* e noticias biographicas dos trovadores portuguezes.»

Ao fim de seis mezes apenas se haviam colhido oito assignaturas! O typographo propoz então dirigir em seu nome um requerimento ao governo, pedindo a assignatura de um certo numero de exemplares. Ficou sem resposta o requerimento, que é como se segue, e que aqui fica archivado, por isso que o outro se perdeu debaixo da mesa da secretaria competente:

«SENHOR — Os typographos F. F., procurando alliar ao interesse da sua arte todos os esforços para que a gloria d'este paiz, de quem são filhos adoptivos, se affirme com todo o brilho nos grandes congressos industriaes do nosso seculo, projectam fazer uma edição do primeiro monumento da lingua e da litteratura portugueza, d'esse opulentissimo *Cancioneiro da Bibliotheca do Vaticano,* do qual apenas existe uma edição diplomatica illegivel, publicada na Allemanha.

«A necessidade que o publico portuguez tem d'este livro, a sua inquestionavel importancia, ficam expostas no prospecto junto; a falta de iniciativa das emprezas editoras, e o grande sacrificio necessario para restituir aos que estudam este precioso *Cancioneiro,* ficaram-nos patentes com a cedencia gratuita do texto litterario; é para o auxilio das despezas da impressão que recorremos ao expediente das assignaturas, e por isso dentro dos limites da verba destinada para animar e favorecer as emprezas scientificas d'este paiz

«Lisboa, 1876. «P. a Vossa Magestade haja por bem mandar subscrever por um certo numero de exemplares do *Cancioneiro portuguez da Bibliotheca do Vaticano,* tal como se projecta no presente prospecto.— E. R. M.cê = *F. F.*»

Por ultimo offereci ao typographo emprezario duzentas assignaturas, mas recusando-se então a imprimir por sua conta o *Cancioneiro da Vaticana,* vi que elle perdêra completamente a esperança de ser secundado pelo publico. Na Academia, os estatutos têm um artigo que dá direito á impressão de obras de individuos não socios, mas de reconhecida importancia nacional; para que esse artigo se tornasse effectivo era necessario esperar por um novo orçamento para que essa despeza podesse ser incluida na dotação da Academia, e que eu me expuzesse a passar por detrás dos membros da classe de litteratura, de quem dependia a approvação do *Cancioneiro.* Um d'elles cria que o texto do *Cancioneiro* era latim!

No emtanto a Academia das Sciencias gastava perto de *dois contos de réis* em adornar as suas salas para celebrar uma sessão solemne, porque havia já dez annos que se não reunia; o publico foi assistir á sessão real, sem se lembrar de querer saber em que se gastaram cen-

to e tantos contos de réis n'esse intervallo de dez annos, porque as relações litterarias com as outras Academias da Europa conservam-se á custa das *Memorias* do principio d'este seculo. A par d'esta negligencia nacional, no estrangeiro o interesse scientifico muitas vezes se occupou do passado historico de Portugal; e no momento em que a Academia se preparava para sacudir o pó da velha rhetorica official, para dar parte da compra insensata de um casco de Diccionario portuguez por doze contos de réis, e com o qual tem gasto sem resultado até ao presente perto de sete contos e quinhentos mil réis, um erudito italiano, auxiliado por um intelligente editor allemão, restituia á nação portugueza o livro das suas origens litterarias.

Era uma vergonha para esta corporação o ter pelo menos desde 1847 deixado esquecido no archivo do Vaticano esse documento extraordinario do nosso passado historico. Nada se fez para o tornar accessivel aos que estudam desajudados; porém nos assumptos propostos a premio pela Academia, para o anno de 1876, appareceu o seguinte inexplicavel quesito, ao qual se promette uma medalha de oiro de peso de cincoenta mil réis: «*Compôr um glossario de palavras hoje obsoletas ou antiquadas, que se leiam nos antigos* CANCIONEIROS PORTUGUEZES, *fazendo sobre ellas as observações linguisticas e philologicas que parecerem convenientes*[1].» Isto revela-nos que alguem na Academia ouvira fallar em *Cancioneiros portuguezes,* mas que não sabia que um glossario se não póde fazer sem um texto accessivel; ou que se pretendia supprir com este novo subsidio as insanaveis imperfeições do supposto Diccionario de Ramalho e Sousa. Era tempo já do governo mandar pôr em pratica o artigo dos estatutos da Academia, que commina a exclusão aos socios que durante dois annos não apresentem trabalhos; assim se melhorava uma instituição admiravel e unica, excluindo os inuteis que a desauctoram.

Haviamos perdido toda a esperança de honrar o serviço do illustre Monaci, publicando o nosso estudo fundamental sobre o *Cancioneiro portuguez da Vaticana;* faltava-nos só o recurso ultimo de publicarmos algumas restituições parciaes dos grupos de canções mais illegiveis nas Revistas de philologia romanica, na *Romania,* para cuja collaboração nos convidára Mr. Gaston Paris, ou na *Zeitschrift für romanische Philologie,* para onde nos convidára o dr. Gustav Gröber.

N'estas circumstancias visitou-nos o dr. Francisco Ferraz de Macedo, medico pela escola do Rio de Janeiro, onde exerce a clinica, por occasião da sua viagem pela Europa; soube das difficuldades insuperaveis que embaraçavam a entrega d'este monumento á nação portugueza, e insurgiu-se pondo immediatamente ás nossas ordens todos os meios materiaes para que a edição critica do *Cancioneiro portuguez da Bibliotheca do Vaticano* viesse a publico. Emquanto os principes assignalam a sua passagem com salvas, fogos de vista e paradas de manequins, os que sabem o valor do trabalho e que têm amor de patria deixam após si monumentos que em todos os tempos são outros tantos estimulos de progresso. A publicação do *Cancioneiro portuguez da Vaticana* deve-se exclusivamente ao patriotismo do dr. Francisco Ferraz de Macedo; os que estudam conhecerão o valor d'este acto, e para elles o seu nome ficará sempre venerado. Desculpe-nos esta violação da modestia desinteressada, declarando contra sua vontade o nome de quem por um sentimento de solidariedade nacional praticou o que uma Academia dita de sciencias, com uma rica dotação, não soube fazer. No emtanto o corpo dos *Portugaliæ Monumenta historica* continúa consummindo quatrocentos e oitenta mil réis annuaes com um director a quem a Academia concedeu dois annos de aprendizagem espectante, e duzentos e quarenta mil réis com revisor, que nada revê porque nada se imprime, e mais de quinhentos mil réis a dois paleographos que nada copiam. Com o poderoso subsidio annual de que dispõe, a Academia das Sciencias devêra ser um elemento civilisador n'este paiz, e não um asylo de mendicidade, dispendendo esterilmente

[1] Sessão publica de 1875, p. XXXVI.

os seus meios em mezadas que endireitem o orçamento domestico de amanuenses de secretaria ou bachareis sem clientela que se lembraram de ser academicos.

Demos agora conta dos nossos processos de restituição do texto do *Cancioneiro*. Como este texto foi copiado em principio do seculo XVI por um amanuense italiano de um apographo pouco intelligivel, acontece que os erros que se acham no *Cancioneiro* se podem reduzir a um systema, e portanto a interpretação facilita-se porque desapparece o capricho. Os erros consistem: 1.°, em *troca de letras*, e n'este ponto o proprio Monaci organisou uma chave bastante util para o trabalho da restituição; 2.°, em *união de abreviaturas;* a leitura offerece muitos equivocos, mas pela intelligencia da canção e pela phraseologia usual se estabelece a fórma definitiva; 3.°, erros resultantes da *troca de letras e confusão das abreviaturas*, são os mais difficeis de interpretar, e só por logares parallelos se consegue uma leitura plausivel; 4.°, *falta de versos*, e *versos escriptos como prosa*, ou *dois fragmentos de verso reunidos em um só;* a leitura faz-se conhecendo primeiramente a estructura da strophe; 5.°, *alteração da rima*, aqui a emenda póde ser conjectural, uma vez que siga a fórma imposta pela canção; 6.°, *alteração da fórma strophica;* como de ordinario a canção tem tres strophes, começa-se pela leitura da mais completa para assim entrar na reconstrucção das mais deturpadas; 7.°, *suppressão de estribilhos*, quando se não póde formar o estribilho na interpretação da primeira estrophe, procura-se no typo analogo de outras canções o seu systema de rima, e do texto da canção se extráem os versos ou palavras que o completam; 8.°, *canções divididas*, ou *com rubricas intercalladas*, reunem-se pela similhança da fórma strophica e do sentido. Onde apparecem dois numeros repetidos, é porque designavam dois fragmentos de uma mesma canção; 9.°, *canções repetidas*, estas têm um grande valor para o systema de interpretação, e para explicar o systema de compilação do *Cancioneiro;* 10.°, *ignorancia dos generos caracteristicos;* acontece que algumas canções gallegas ou *de amigo*, estão escriptas á maneira limosina; pelo conhecimento da fórma gallega é que se reconstrue o typo da canção; 11.°, *alteração dos nomes proprios;* restituem-se pela rima, e especialmente pela interpretação historica.

Se exemplificassemos todos estes casos, o trabalho que ahi fica tornar-se-ía prodigioso; se se confrontar o nosso texto com os fragmentos de Lopes de Moura e Varnhagen, ver-se-ha que estes editores organisaram os seus textos por supposições gratuitas, supprimindo as canções quando não as podiam ler. Depois da enumeração dos erros systematicos segue-se a enumeração dos meios hermeneuticos para a restituição do texto; foram: *interpretação pelos recursos da poetica provençal*, medição do verso, distribuição da rima, estructura strophica, combinação de retornellos, e caracteristicas distinctivas do genero; *uma parte conjectural*, como palavras omissas introduzidas por força da rima, sentido e estylo peculiar e contemporaneidade de fórmas archaicas.

Por estes processos ousâmos declarar que nenhuma canção resistiu por mais deturpada que estivesse; com algumas gastámos mezes, approximando-nos gradualmente da verdade até a julgarmos plenamente restituida. Porém desde a primeira até á ultima canção tivemos sempre diante de nós o imprevisto, e nunca a segurança de que terminariamos com bom exito este trabalho! Algumas das nossas interpretações já publicadas na *Anthologia portugueza* mereceram ao traductor allemão de Camões, o dr. Storck, a classificação de *admiraveis*[1]; porém estamos certos de que uma critica severa tem de fazer o processo do nosso trabalho canção a canção, não em Portugal, onde só temos colhido insultos de uma

[1] «Car sans vouloir diminuer la grande valeur de l'ouvrage de Mr. Monaci, laquelle est au dessus de mes louanges, il me faut dire qu'elle n'est qu'une copie de l'original, quoique cette reproduction soit fort exacte et fort précieuse; mais le texte en est presque aussi difficile à comprendre que le manuscript le sera lui-même. Selon ce qu'on voit par les épreuves que vous en avez données dans votre prospectus et dans votre *Anthologie*, surtout dans l'admirable restitution du texte de la Romance n.° 3 (Desfiar enviaron) votre édition rendra plus facile ou plutôt — pour en dire la verité — elle rendra possible l'étude de ces documents précieux. Storck, Munster, 5 décembre, 1876.»

imprensa jornalistica degradada, mas onde os estudos romanicos estão convertidos em sciencia. Ahi atravessarei duras provas, mas dar-me-hei por compensado se o texto que apresento for julgado a base indispensavel de uma edição definitiva.

A introducção historico-litteraria é quasi inteiramente nova, porque na refundição do livro *Trovadores gallecio-portuguezes* pouco aproveitámos diante da riqueza de factos desconhecidos. O glossario foi organisado com o simples intuito de facilitar a leitura do *Cancioneiro;* a philologia romanica tem tudo a fazer na parte linguistica. Se o *Cancioneiro de Affonso o Sabio* já estivesse publicado pela Academia de Historia de Madrid, com certeza derramariamos mais luz sobre o periodo litterario de D. Affonso III; infelizmente aquella corporação precisando consultar escriptores portuguezes sobre a linguagem d'essas canções julgadas ora compostas em gallego ora em portuguez, estacionou perante uma das nossas reputações officiaes, e o *Cancioneiro* soffre delongas que prejudicam a sciencia. É possivel que o *Cancioneiro portuguez* vá prestar ao codice poetico affonsino uma nova luz; fica ainda na sombra o *Cancioneiro da Ajuda*, á espera da coadjuvação casual de algum impulso patriotico. Se o governo em vez de mandar imprimir resmas innumeras de papel em orgãos officiaes, relatorios e outras cousas que se gastam em embrulhos de mercearia, comprehendesse a necessidade de fortificar o sentimento nacional, tornando accessivel á nação os monumentos do seu passado historico, com certeza não caíriamos n'este profundo marasmo que se revela pela esterilidade scientifica, pelo pedantismo litterario, pela dissolução e indifferença politica, emfim por esta desaggregação de um corpo a que lhe foge a vida.

TROVADORES E CANCIONEIROS PORTUGUEZES

CAPITULO I

ORIGEM E DIFFUSÃO DA POESIA PROVENÇAL NA EUROPA MODERNA

A Provença é considerada como o centro d'onde irradiou pelo mundo o gosto e a tendencia da poesia lyrica e do amor; não porque a alma moderna ali primeiro do que em outra qualquer parte soffresse a necessidade de dar uma fórma universal e sentida á sua paixão, mas porque ali essa linguagem recebeu pela primeira vez a fórma *escripta*. Fixadas graphicamente as estrophes caprichosas que se cantavam, conservava-se o artificio poetico, e a imitação tornava-se espontanea; a novidade e o imprevisto das fórmas tornaram-se o caracteristico da invenção, e se por um lado produziram o desenvolvimento do genio poetico, pelo abuso das convenções banaes e frivolas é que a poesia provençal veiu a extinguir-se ao fim de dois seculos. A propagação rapida do lyrismo provençal para o norte da França e Inglatèrra, para a Italia, Allemanha, Sicilia, Baleares, para a Galliza, Portugal, Catalunha, Aragão e Castella, revelam-nos que esta poesia se deriva de um profundo elemento *tradicional* despertado pelos trovadores da Provença, e de um novo sentimento de *nacionalidade,* de que esse lyrismo foi a linguagem.

Antes de procurarmos as *tradições* e o impulso *nacional* que produziram esta poesia nova, que serviu de desafogo ao saír da mudez da edade media, vejamos a sua collocação geographica, determinemos-lhe as raias, para que pelas suas relações ethnicas ou por contiguidade material se explique o modo como ella lavrou e se diffundiu por quasi todos os povos da Europa. Assim procedeu Diez.

O nome de *Provença* foi dado pelos conquistadores romanos á Gallia transalpina; conquistado o resto das Gallias, ainda depois de Cesar ficou prevalecendo o nome de *Provincia;* com as divisões administrativas de Augusto, a *Provincia romana* veiu a comprehender a Provença, o Delphinado, a Saboya, o Russilhão, Foix e quasi todo o Languedoc. Com a invasão wisigotica no seculo v, o titulo de *Provincia* perde o seu sentido administrativo e fica usado como uma denominação vaga; no sentido politico a *Provença* nem mesmo significava a França meridional, que era conhecida pelo nome de *Aquitania*. Com o tempo estes dois nomes identificam-se.

Alem da differença dos costumes e das tradições municipaes-romanas, as povoações francezas dividiam-se segundo a lingua que fallavam. Em uma canção do trovador Albert de Sisteron, as povoações francezas estavam divididas em Catalães, Gascões, Provençaes, Limosinos, Avernos e Vienezes. Sómente depois das Cruzadas é que o nome de *Provença,* até então particular, foi dado a toda a parte meridional da França; os Borgundios, Avernos, Vasconios e Godos, ficaram designados como *Provinciales,* como declara Raymundo de Agiles, e os historiadores usaram tambem chamar Francigenas aos que occupavam as regiões do norte da França. Os chronistas e escriptores foram introduzindo a denominação vulgar de *Provença* ou *Proença*, a ponto de se esquecer a designação official de *Aquitania;* este nome encerra a extensão ethnica em que floresce a poesia provençal, e pela moderna comprehensão da *raça gauleza hoje considerada como differente da cellica,*[1] se explica a unidade do lyrismo meridional. A demarcação da zona em que se desenvolveu o novo genero litterario discorre desde o norte do Loire, passando pela ponte do lago de Genova, de Sevres niòrteza para o oeste, comprehendendo o Ducado da Aquitania, o Condado de Auvergne, o Condado de Rodez, o Condado de Tolosa, o Condado de Provença e o Condado de Vienna[2].

Os geographos romanos confundiram os Gaulezes com os Celtas; só modernamente é que se conseguiu descobrir que o Gaulez era de raça scythica, e portanto pertencente a esse fundo turaniano que ainda se revela pela Europa na *côr ruiva* dos cabellos. (Topinard.) Uma

[1] Lemière, *Étude sur les Celtes,* 2e *Étude,* pag. 40. Polybio é quem mais profundamente distingue o gaulez do celta, dizendo: «Mas os Romanos confundiram estas nações sob uma mesma denominação, e a todas deram o nome de gaulezes.» (Op., v, 32.) Lagneau, *Celtes,* ap. *Dictionnaire des Sciences médicales,* t. XIII.

[2] Frederico Diez, *Poésie des Troubadours,* pag. 1. Trad. Roisin.— Baret, *Les Troubadours,* pag. 58.

emigração em sentido contrario ao da corrente indo-europêa o fez espalhar-se pela peninsula hispanica e italica e pelas ilhas do Mediterraneo. Como de raça scythica o Gaulez tinha intimas analogias com os Iberos, como observou Strabão nos povos da Aquitania, ou da região meridional da França. O nome de *Basco* é uma das fórmas communs do nome de *Vascones* ou *Gascões;* e o nome de *euskuara*, a linguagem gesticulada, a sciencia do gesto, assim como é o caracteristico do ibero, distingue o gaulez pelo seu genio rhetorico; Fauriel tambem determinou um grande numero de palavras bascas no provençal dos trovadores, recorrendo a uma unidade commum de ethnologia.

Segundo Guilherme Humboldt, que ainda não distinguira o celta do gaulez, os Iberos encontravam-se na Aquitania, e nas tres grandes ilhas do Mediterraneo, a Corsega, a Sardenha e a Sicilia; é n'estes paizes que existe uma poesia lyrica especial, que facilmente assimila a si a poesia da Provença e lhe imprime uma tendencia pastoril, tornando o gosto das *pastorellas* como a unidade do genio lyrico da Europa meridional. Os nomes ibericos que se acham na Italia primitiva, apresentam este caracter pelo que têm de commum com o gaulez. Estes dois povos são ramos do mesmo grande tronco *turaniano*, que vieram a fundir-se com os celtas das migrações indo-europêas; distinguem-se um do outro, porque o gaulez invadiu a Europa occidental pela Asia Menor ao longo da costa do Mediterraneo, e o ibero isolou-se na peninsula, vindo da Asia através da Africa e do Egypto, como se deduz da sua dolichocephalia, que revela a fusão com grupos africanos de raça branca. Nas inscripções lapidares da Peninsula encontram-se nomes de divindades que se acham tambem entre os povos do ramo allophylo do tronco branco, a que se tem dado o nome de *turaniano,* rejeitado por alguns philologos. Nos documentos da grande civilisação *turaniana* temos hoje as provas directas do seu grande genio lyrico nos hymnos accadicos traduzidos por Oppert e por Lenormant; esses hymnos são de um gosto pastoril, e o costume dos retornellos revela-nos a sua reapparição na tradição gauleza. Se a facil propagação do lyrismo provençal por toda a Europa meridional se explica por um fundo ethnico commum, as fórmas particulares das *pastorellas,* ás vezes quasi copiadas entre cantores que se desconheceram, revelam-nos uma mesma tradição manifestando a recorrencia d'essa identidade ethnica.

A poesia provençal manifestou-se na zona gallo-romana, e, como abaixo veremos, os trovadores partiram de imitações de fórmas tradicionaes. Na zona gallo-romana, o elemento gaulez representa a parte popular, e a influencia erudita, latinista e ecclesiastica, e sobretudo a organisação municipal, são os vestigios da cultura romana. A união d'estas duas influencias formou a civilisação da França meridional, apesar de trabalharem longo tempo sem accordo. A civilisação romana em nada alterou o caracter do gaulez, como aconteceu com as invasões frankas, que desnaturavam pelo numero e pelo cruzamento; as instituições municipaes desenvolviam a autonomia local, asseguravam a independencia do individuo cuja feição ethnica se conservava espontaneamente. Só quando a egreja se apoderou da cultura latina, é que tornou desprezivel a linguagem popular, e que prohibiu os cantos vulgares, como restos do paganismo. O silencio foi longo e forçado; adoptaram-se canções latinas e redigiram-se relações agiographicas ou *legendas,* mas uma circumstancia particular desviando a pressão clerical para a empreza das Cruzadas, a França meridional voltou-se com amor para os seus cantos tradicionaes.

Os trovadores começaram por dar fórma aos cantos tradicionaes que se repetiam inconscientemente; umas vezes aproveitavam as velhas *arias* para acompanhar os versos novos, outras vezes explicavam com versos fragmentarios que lhes serviam de *refrem* a situação de um sentimento exclusivo. O emprego do retornello na canção litteraria da Provença proveiu d'esta imitação tradicional. Muitas vezes o trovador, diante da variedade de fórmas novas que se introduzia, adheria com mais affinco á tradição do passado e fazia as suas pastorellas no *gosto antigo*. O achado de novas combinações poeticas produzia um deslumbramento, e repetia-se e imitava-se entre os cantores; a *tradição* esqueceu-se de prompto. O primeiro trovador conhecido pela sua inspiração individual foi Guilherme IX, conde de Poitiers e duque da Aquitania (1087); as suas canções revelam a existencia de cantos anteriores ao seculo XI, menos perfeitos, mas já em linguagem vulgar. Diez considera as suas canções como uma transição dos cantos populares; pelos concilios episcopaes determina-se a existencia de canções amorosas e satyricas ao sul da França condemnadas pela egreja [1], e entre os nomes de desprezo dados pelos latinistas da erudição da decadencia aos que cantavam as cantigas vulgares acham-se as fórmas d'onde provieram depois as designações de classes novas, como os *jograes,* os *menestreis,* os *histriões* ou troveiros que recitavam as chronicas rimadas.

[1] Concilio de Auxerre, de 578.

Este ponto de vista da origem tradicional do lyrismo da Provença é uma realidade historica; o trovador Guilherme de Berguedan o confessa:

Chanson ai comensada
Que sera loing chantada,
En est son veill antic,
Que fez Not de Moncada.

(CHOIX, II, 167).

Pierre d'Auvergne confessa o esforço que fez para se libertar da imitação tradicional: «Não é sem fadiga e sem tormento que eu cheguei a cantar de maneira que o meu canto se não pareça com o de alguem.» (Fauriel, II, 13.) Gui d'Uissel cita o typo das canções amorosas de que procurava fugir: «Bem mais vezes faria canções; mas aborrece-me ter sempre de dizer que choro e suspiro de amor; porque toda a gente sabe dizer outro tanto. Eu quisera sobre arias agradaveis versos novos; mas não acho cousa que não esteja já dita.» (Faur., II, 43.) O trovador Cercamons, o primeiro trovador conhecido depois de Guilherme IX, conde de Poitiers, é designado nas tradições provençaes como auctor de *Pastorellas no gosto antigo.* (Faur., II, 91.) Ao passo que vemos nos proprios trovadores accusada a existencia de um veio tradicional, achâmos n'esses barões manifestado o primeiro gosto que lhes chamou a attenção para esses cantos; Ebles III (n. 1086) é denominado o *Cantador,* e seu filho Ebles IV, morto em 1170, em edade avançadissima, *usquam ad senectam carmina alacritatis dilexit,* como escreve o Prior de Vigeois na sua Chronica.

Portanto é ao sul da França que se deve procurar os vestigios da primitiva poesia da raça gauleza, tantas vezes absorvida e assimilada. Essa poesia era propriamente lyrica e satyrica, com o caracter que mais tarde vieram a revelar as canções dos trovadores occitanios e os sirventesios jogralescos. Leroux de Lincy, sob o nome de *Vallemachias* cita uma fórma de poesia popular prohibida pelo Concilio de Auxerre, no seculo VI: «Ellas eram muito livres, e talvez se possa contar entre o numero d'essas composições as que cantavam as raparigas nas egrejas, e que foram expressamente prohibidas pelo Concilio de Auxerre, de 578.»[1] Na tradição portugueza acha-se a designação de *Cantos de ledino,* que nos define esta fórma da tradição popular; embora o nome de *Vallemachias* nos appareça pela primeira vez em Izidoro de Sevilha, e seja de origem grega, não se deve confundir a *designação,* dada por eruditos ecclesiasticos para condemnar um facto existente, com esse *facto* negando a sua existencia ou caracter gaulez, porque a palavra *Ballismatica* é grega. O nome condemnatorio dos eruditos ecclesiasticos tem em si impressa a feição erudita[2]; as *Balladas, Ballets, Baylias,* que apparecem em toda a poesia trobadoresca meridional, são uma designação moderna de cantos tradicionaes antigos que reappareceram com voga na corrente dos costumes. O instrumento musico de corda com que se acompanhava o trovador no seu canto, chamava-se *Rota,* instrumento gaulez, cuja designação *Croud* se acha melhor definida em Venancio Fortunato, que lhe chama *Chrotta britana.*[3] As *Côrtes de Amor,* que se usaram como divertimento em toda a Europa, reviveram primeiramente nos solares da Provença, porque nas planuras centraes da França, onde era o foco da raça gauleza, lá havia existido o antigo costume dos *Puy,* ou assembléas poeticas e juridicas. O clima aprazivel do sul facilitava as divagações nocturnas, e as colonias gregas de Marselha fizeram reviver as fórmas da *tensão,* os cantos de *alvorada* e a *ballada* (Vallemachia).[4] Na tradição popular portugue-

[1] *Récueil des Chants historiques,* tom. I, pag. v.

[2] Em um juizo critico do eminente romanista o sr. Gaston Paris, sobre a nossa *Theoria da Historia da Litteratura portugueza,* Porto, 1872, (na *Revue critique,* n.º 47, pag. 332, de 1872), condemna-se o emprego da palavra *Vallemachias,* não podendo designar cantos gaulezes, por a palavra ser de origem grega: «Je ne sais dans quelle compilation il a trouvé ces chants lyriques gaulois aujourd'hui connues sous le nom de *Vallemachias;* ce mot, comme on peut s'en assurer dans Du Cange, est une faute de lecture pour *ballismatia* ou quelque terme grecque semblable; il ne se trouve guère qu'en Espagne, et paraît signifier—danses.» Esta objecção é meramente exterior. Belloguet, no *Glossario gaulez,* pag. 173, entre as palavras colligidas de santo Isidoro de Sevilha, traz *Vallemachias* significando cantos deshonestos; póde muito bem ser corrupção da palavra grega *Ballismatia,* e como tal sem importancia philologica, mas nem por isso perde a sua importancia historica, que é onde se encerra o problema litterario.

Esta designação dada aos cantos deshonestos gaulezes não proveiu do povo, mas dos que condemnavam esses cantos; e como quem condemnava a poesia tradicional eram os Bispos, os principaes eruditos da baixa edade media, não ha contradição em que a palavra *Vallemachia* referindo-se a uma creação gauleza seja tirada da baixa grecidade.

Portanto o facto da designação não tem importancia, e accita-se á falta de outro para exprimir uma realidade. A existencia dos cantos gaulezes é indubitavel, como se prova por esta passagem de Tito Livio (l. XXXVIII, cap. 17): «Ad hoc cantûs inchoantium prœlium... in patrium morem, etc.» Du Méril é de opinião que estes cantos fossem lyricos. *(Hist. de la Poésie Scandinave,* pag. 470, not. 1 e 2.)

[4] Baret, *Les Trobadours,* pag. 56.

[3] Ibid., pag. 57.

za existem as *endexas a duo,* como no tempo de Sá de Miranda, e os cantos de desgarrada ou desafio, as alvoradas, como no S. João, e os *Puy* nas serenadas; isto accentua a realidade de um fundo tradicional sobre que os trovadores começaram as suas composições.

Mas ao lado da corrente vital da inspiração da raça, dá-se o apparecimento de uma poesia semi-popular, semi-erudita, proveniente das tradições cultas latinas; começou esta primeiramente pela condemnação dos cantores populares, a quem davam o nome insultuoso de *Jaculatores*, *Jocistæ, Ministrales, Ministellæ, Scurræ, Mimi, Histriones.* Nas côrtes feudaes preferiam-se as Cantilenas guerreiras, cantadas pelos *histriones;* os que sabiam dar fórma ao sentimento preferiam escrever em latim no mesmo genero erotico que condemnavam no povo. S. Bernardo, o revolucionario das cruzadas e creador do ideal da Virgem, escreveu versos de amor na sua mocidade; e Abaillard celebrava em versos latinos Heloisa, como ella confessa em uma carta: «Quando para te desenfadares dos trabalhos da philosophia punhas em rima canções de amor, todos as queriam cantar por causa da sua doçura e melodia. Por ellas o meu nome andava em todas as bôcas, e as praças eccoavam com o nome de Heloisa.»[1]

Já vimos como no sul da França existiam vivas as *tradições* gaulezas, modificadas pelo cultismo romano, e promptas para receberem uma nova vida e manifestarem uma vigorosa efflorescencia desde que a *nacionalidade* se sentir por um instante livre, ou reagir pela sua liberdade. Entre o genio gallo-romano e o gallo-franko existia um antagonismo de raça e de instituições; mas sómente quando a lucta das Cruzadas distrahiu a França feudal do norte, é que a França municipal do meio-dia pôde ter alegria e cantar. Este antagonismo revelou-se primeiro pela poesia, porque estava no sentimento, tomou a sua fórma na lingua escripta, porque estava na cultura romana; assim vemos a França do norte crear as grandes epopêas feudaes ou as Canções de *Gesta,* e a França meridional propagar as Canções lyricas do amor e das lendas mysticas. Na Grammatica de Raymond Vidal accentua-se este antagonismo: «O fallar francez vale mais e é melhor azado para fazer *romances* e *pastorellas*; mas o Limosino é preferivel para fazer *versos, canções* e *sirventes:* e por todas as terras da nossa linguagem são de maior auctoridade os cantares em lingua limosina mais do que em nenhum outro idioma...»[2]

As canções amorosas ou provençaes só se extinguem, como veremos, quando a França do norte absorver a do sul e apagar ahi os restos da liberdade municipal. As *tradições* poeticas gaulezas não chegaram a desapparecer sob a cultura romana, nem sob os combates successivos dos latinistas ecclesiasticos; até onde se estendeu a influencia provençal é porque ahi persistira o genio lyrico da raça commum de que o gaulez era um ramo.

Attribue-se ao dominio arabe, que se estendeu pelo sul da França a conservação da passividade lyrica; Fauriel exagera esta influencia, determinando-a na negação do genio provençal para as fórmas dramaticas, na tendencia para os poemas breves e para as lendas agiologicas, e no costume arabe de se reunirem em certa epocha do anno para recitarem os seus cantos. Os restos da civilisação grega das escolas de Marselha facilitariam a assimilação da cultura dos arabes, que introduziram de novo na Europa os thesouros da sciencia positiva que receberam da Grecia; mas o lyrismo popular era incommunicavel, se o Arabe não tivesse recebido a sua poesia, a sua religião e as suas superstições dos povos turanianos que conquistou. Da personificação biblica de *Heber,* tronco dos Judeus e dos Arabes, se deriva o nome de Iberia[3], e a raiz *BR,* que se acha em *Abraham* acha-se tambem em *Hibernia, Cumberland, Cambria, Britannia, Celtiberia, Ibericum mare, Berber, Bretanha, Cimbro, Breguez, Brenner, Umbria, Calabria, Iberia,* na Georgia[4], revelando a extensão do elemento kuschito-semita, e o modo como se communicou á Europa meridional a civilisação phenicia e a civilisação arabe. O arabe influe no lyrismo provençal pelo phenomeno de recorrencia. O apparecimento dos poetas mysticos de Italia coincide com o dos cantos exaltados da Kaba e dos suphis da Persia; a cavalleria andante tem analogias com as façanhas de Rustem; Zoak é o typo oriental do Fausto, e Eblis o de Mephistopheles; o reino do Diabo da edade media apresenta os mesmos caracteres de malignidade de Arhimane. As modificações que a poesia e as tradições arabes soffriam com o contacto da Persia communicaram-se á Europa fazendo reviver na grande zona da Aquitania um lyrismo que se extinguia, e cujo typo perfeito se determina hoje nos hymnos accadicos.

O dominio arabe estendia-se no seculo VII por toda a zona meridional da França, não

[1] Trad. do Bibliophilo Jacob, pag. 131.
[2] Ed. Guessard, tom. I, pag. 125.
[3] Mezokovesd, *Migrations,* pag. 164.
[4] Segundo a lei de Hauslab, da persistencia das consoantes.

avançando até ao norte pela resistencia de Carlos Martel (732-739); comtudo os arabes fixaram-se na Septimania, creando fundações estaveis por uma politica tolerante, a ponto de uma filha do Duque de Aquitania ser desposada por um emir. E assim como os conquistadores arabes deixaram as cidades do Languedoc continuarem a ser governadas pelos seus condes, depois de vencidos por Pepino o Breve, que reconquistou a Septimania em 759, continuaram a residir no territorio do mesmo modo que os *Mudjares* em Hespanha. Na epoca de Carlos Magno a civilisação arabe estava no mais alto esplendor, e a pressão das guerras converte-se em relações politicas, a ponto de Harun-al-Raschid procurar a alliança com o monarcha franko. Depois da morte d'este monarcha que sustára as invasões germanicas e arabes, estes readquirem o seu predominio sobre a França meridional, avançam dos Pyrenéos até aos Alpes, chegam até Borgonha e á Suissa, ao Tyrol e á Lombardia. (888-975.) Pelo seu numero, pela individualidade ethnica, pelos conhecimentos de toda a sabedoria da Grecia que elles renovaram, pelos altos progressos da industria agricola e fabril, pela tolerancia politica e pela cultura litteraria, os Arabes deixaram de ser invasores para se tornarem os civilisadores da Europa. Os monarchas europeus conservavam embaixadores junto dos kalifas, e a côrte de Tolosa imitava os habitos sumptuosos de Cordova; os concursos poeticos, mais tarde reorganisados por Clemencia Isaura, foram uma imitação dos *Moallacât* dos antigos arabes.[1] Na aristocracia da Peninsula a tendencia para organisarem *Cancioneiros,* transmittidos em familia, era um resultado da educação arabe; os *Divans* eram formados pelas canções ás vezes de uma tribu inteira. E, como diz Sedillot: «Dos seus Divans é que os Provençaes adoptaram a rima, empregada desde tempo immemorial pelos Arabes.»[2] Humboldt, caracterisando com justeza o genio arabe na civilisação da Europa, allude tambem á sua influencia no lyrismo provençalesco: «Os Arabes eram admiravelmente azados para exercerem a acção de mediadores e para actuar sobre os povos comprehendidos desde o Euphrates até ao Guadalquivir e na parte meridional da Africa media. Possuiam uma actividade sem exemplo, que assignala uma epoca distincta na historia do mundo; uma tendencia opposta ao espirito intolerante dos Israelitas, que os levava a fundirem-se com os povos vencidos, sem abjurar comtudo, a despeito d'esta perpetua mudança de regiões, o seu caracter nacional e as memorias tradicionaes da sua patria primitiva. Emquanto as raças da Germania só começaram a polir-se muito depois das suas migrações, os Arabes traziam comsigo não só a sua religião, mas tambem uma lingua aperfeiçoada e *as flores delicadas de uma poesia que não devia ser perdida para os trovadores provençaes nem para os minnesingers.*»[3]

O periodo das Cruzadas (1095-1291) tornou mais profundo o conhecimento da civilisação arabe; pela vulgarisação da lingua arabe facilitou-se o conhecimento da astronomia, da mathematica, da medicina e da philosophia das suas escolas; circularam os seus productos industriaes, como as tapeçarias de couro de Cordova, as laminas de Toledo, os tecidos de Murcia, as sedas de Granada, de Almeria e Sevilha, e o papel de Salibah. Póde-se dizer que a reacção catholica das Cruzadas veiu atrazar por alguns seculos esta corrente da civilisação, que só tornou a achar difficilmente o seu curso no seculo XVII.

Com a hallucinação religiosa das Cruzadas, as instituições municipaes do sul da França, que a civilisação romana ali deixára, adquiriram uma independencia passageira. D'este relampago de liberdade nasceu a inspiração que encheu de ideal a alma moderna. A França do norte, feudal e prepotente, queria por todos os modos absorver a França meridional, matar ahi os germens do municipalismo que diffundia o contagio da liberdade. O antagonismo politico torna-se eloquentissimo no antagonismo das linguas. O chronista Raduphus Cademensis faz o parallelo d'estas duas nações, dando a superioridade nas armas aos francigenas e exaltando a parcimonia e inercia dos provençaes. A lingua *d'Oc* caracterisava as povoações meridionaes. Os trovadores occitanios eram os primeiros a fazerem sentir a rivalidade do uso da sua lingua; na Grammatica do trovador Raymond Vidal se precisa melhor esta divisão: «Todo aquelle que se quizer entregar á poesia, deve primeiro saber, que nenhum idioma é nossa justa e natural linguagem a não ser a que se falla em Limoges, na Provença, no Auvergne, em Quercy. Ora quando eu fallo do Limosino, deveis entender estas mesmas terras, bem como todos os territorios vizinhos e intermediarios; e todo o homem nado n'estas paragens falla naturalmente e correctamente a nossa lingua.» Dante, no tratado *De Vulgari Eloquio,* descreve esta rivalidade entre o norte e o sul da França: «A lingua *d'Oil* allega pela sua parte, que em rasão das suas fórmas mais faceis e mais agradaveis

[1] L. A. Sedillot, *Hist. générale des Arabes,* tom. II, pag. 205.
[2] Ibid., tom. II, pag. 106. Nos modernos estudos dos cantos lyricos accadicos, encontra Lenormant a origem da poesia semita. D'esta fórma a influencia arabe na Provença deve ser explicada como um phenomeno de revivescencia. *Les Premières Civilisations,* t. II, p. 189.
[3] *Cosmos,* trad. Galusky.

que as outras, tudo quanto ha redigido em *prosa* vulgar (poemas narrativos) lhe pertence; por exemplo: a serie das *Gestas,* dos Troyanos e dos Romanos e as longas e bellas aventuras do Rey Arthur e muitas outras historias e Exemplos. A lingua *d'Oc* póde pretender que foi a primeira que teve poetas, como a mais perfeita e mais doce, como Pedro d'Auvergne, e outros antes d'elle.» Quando a Provença foi herdada por Carlos de Anjou, dizia o trovador Aimeric de Peguilain: «*Ah, Provençaes,* em que deshonra caístes... e viestes a parar nas mãos d'aquelle de França. Ah desastrados senhores, de que vos servem agora cidades e castellos roqueiros? *sois francezes* e nem pela boa ou má causa vos será permittido trazer escudo ou lança.»[1] Quando se deu a entrada dos francezes na Catalunha, o trovador Bernard d'Auriac symbolisou a rivalidade das duas raças e das duas civilisações nos dois signaes de affirmação: «Depressa os trovadores aprenderam a conhecer os *lirios,* gomos de uma nobre semente; e ouvir-se-ha em Aragão *oil* e *nenil,* em logar de *Oc* e *No.*»[2] Bertrand de Born tambem incitava os reis de França e de Inglaterra com dois adverbios de affirmação e negação. Esta rivalidade revelada pela poesia dos trovadores existia antes do apparecimento do lyrismo provençal; tinha um caracter politico, que obrigava a realeza a conter-se forçada ao norte do Loire entre os ducados de Normandia e de Bretanha e os condados de Champagne e de Anjou.

Os barões prepotentes alistaram-se para a cruzada pregada por Pedro Eremita; venderam os castellos e empenharam os solares; a necessidade da aventura fez com que o poder das armas reconhecesse o novo poder do *capital* que ia emancipando a burguezia. As datas tambem têm ás vezes a sua eloquencia: a primeira Cruzada foi publicada por Urbano II em 1095, e com differença de oito annos apparecêra o primeiro trovador, Guilherme, conde de Poitiers. Durante as oito cruzadas deu-se a vasta efflorescencia das canções provençaes, que se propagou pelas côrtes da Europa, e sendo a ultima Cruzada a de S. Luiz em 1268, assombra-nos ver notada a decadencia d'esta poesia do amor e da liberdade entre 1250 e 1290 pelo eminente Diez. O trovador Guilherme IX, conde de Poitiers, commandava trezentos mil homens na cruzada de 1101; o trovador Marcabrun faz em uma sirvente appello para a cruzada com o mesmo vigor de um S. Bernardo; Joffre Rudel toma parte na cruzada de 1147; emfim, todos os nobres trovadores misturam as suas queixas amorosas com as lutas e desastres das expedições da Terra Santa.

A Provença achou-se em condições excepcionaes para ser o foco d'onde se acordasse a nova poesia, que era uma revivescencia ethnica; tendo apenas sido perturbada de passagem pelos Lombardos já suavisados pela permanencia na Italia, enriquecida com o commercio que fortalecia a classe burgueza e tornava mais robusta a tradição municipal romana, aconteceu ter dois seculos de paz, sem que nenhuma invasão viesse perturbar-lhe o desenvolvimento. Estes mesmos factos explicam a derivação das canções provençaes dos costumes populares, que se admittiram como moda em todas as côrtes. O espirito democratico despertado pelas instituições municipaes manifestava-se na satyra atrevida, na sirvente que não poupa nem os guerreiros nem os ecclesiasticos. Pierre Cardinal cantava: «Indulgencias, perdões, Deus e o Diabo, de tudo se servem os padres... não ha peccado de que se não obtenha absolvição dos monges; por dinheiro elles dão aos usurarios e renegados a sepultura que recusam aos pobres, porque não têm com que pagar.»

Os trovadores prégaram a Cruzada, e com as suas canções revolucionaram os castellos. Mas á medida que as classes se nivelavam com a prosperidade do commercio e da navegação, que o espirito de independencia se robustecia com as garantias locaes, a humanidade tambem se servia de uma força organica de unificação — o amor. A separação e preponderancia de classes na hierarchia social da edade media, foi o primeiro elemento de ordem, mas obstou por longo tempo ao progresso; o abuso pela tyrannia dos senhores feudaes, pelos monarchas e pelo obscurantismo ecclesiastico prolongou a noite dos tempos modernos, e só por uma luta que ainda dura, é que se formaram as communas e se fez reconhecer o terceiro estado pela participação politica, e emancipação da arbitrariedade senhorial ou real pelos codigos escriptos. Á medida que se alcançavam as cartas de immunidades, mais funda ficava a scisão entre a nobreza e a burguezia, contidas nos seus odios de raça pelo poder monarchico, que explorava a secular antipathia. Depois do impulso que tornou *escriptas* as linguas novo-latinas, e as fez communicaveis, a Provença, nos destinos da civilisação moderna serviu de modelo para a accommodação dos dialectos confusos ao lyrismo que apostolava a egualdade perante o amor. Levado pelo impulso da paixão, o trovador não conhece a distancia que o separa da castellã orgulhosa, que escuta com um mixto de desdem

[1] Ap. Frederico Diez, *Les Troubadours,* pag. 59.
[2] Ibid., pag. 59.

e compaixão a cantiga com que o senhor, n'uma hora de capricho se dá por quite dos *serviços feúdaes*. A verdade do sentimento fascina, e o riso de escarneo torna-se nos labios da castellã um sorriso de complacencia e talvez de esperança. Elle parte alentado por aquelle novo calor; vae meditar no silencio e procurar *(trovar)* na saudade viva a inspiração para cantar seus amores. O impossivel mostra-se-lhe sempre diante; servo da gleba, como erguer os olhos a tanta altura? O amor, assim, torna-se desinteressado, puro, vaporoso e mystico; o seu ideal é um nome que não pronuncía, é um segredo que só repete no imo da alma; a estrophe é um enigma artificioso com que occulta a todos esse mysterio que o attrae ao solar onde canta as melhores canções. Ai, se adivinham no rubor da castellã a confidencia que só ella percebe! No meio d'estes terrores vagam sinistramente as reminiscencias sombrias da lenda do trovador Guilherme de Cabestaing, cujo coração foi dado a comer a Margarida de Roussillon.[1] O trovador não as esquece, distrae-se com o artificio da *rima*, e adormece com o canto os que tentavam surprehender-lhe o segredo. Debaixo das abobadas do castello roqueiro, na monotonia e enfado de uma vida solitaria, a mulher, pobre *Griselidis* exposta á brutalidade baronial, alegra-se ao conhecer que alguem vive por ella, que póde dar o que nunca teve no mundo, emfim sente que se eleva, que fazem d'ella uma Madona, com a adoração do amor. Tal é a impressão que deixam as canções dos trovadores provençaes, e é este o espirito que anima ainda as mais pallidas imitações das novas litteraturas. A cada pagina dos nossos Cancioneiros transparecem os mesmos sentimentos, quasi inintelligiveis para quem não tiver comprehendido este momento da historia. O periodo das invasões barbaras estava terminado pela acção de Carlos Magno; fixadas nos seus territorios, as recentes nacionalidades sentiam-se seguras, em uma federação moral; passára tambem o terror do *millenario* conservado pela egreja, e o homem começava a conhecer em si uma outra força — a rasão. A invasão arabe havia-a despertado, ensinando a medicina, descobrindo-nos o calculo, a astronomia, e até o canto, que afugenta o medo. As fabulas e contos da cadeia tradicional do oriente vinham servir de expressão ao bom senso popular. Os grandes successos que agitavam o mundo despertavam uma curiosidade immensa, tiravam o cerebro da apathia. Todos queriam saber. Os pobres, os aventureiros íam de terra em terra para cantarem e receberem dadivas. Era facil entenderem-se; as linguas, na indisciplina das suas fórmas, por uma mudançá na inflexão, por uma maior predominancia de accentos nas syllabas finaes, por qualquer contracção particular, eram entendidas, como o *poitevin* pelo francez do norte e do sul, ou como o *galleziano* em todos os reinos da peninsula hispanica. O jogral vagabundo, contando a um grande auditorio para se fazer ouvir recorria ao canto; a intonação da palavra, alem da obliteração das flexões latinas, produziu o arranjo natural da pausa metrica, de modo que espontaneamente se achou o verso octosyllabo das linguas romanicas. O genio intuitivo de Vico comprehendeu este phenomeno organico; os gagos quando querem fazer-se entender, modulam, cantam. A integridade severa com que os povos conservam as suas tradições tornou a linguagem poetica, por assim dizer, immovel. As canções, as epopêas e as linguas modernas foram formadas simultaneamente, e esta simultaneidade revela-se nos seus mais intimos caracteres; assim a par do desenvolvimento individual da poesia reapparecem os typos *tradicionaes*, como já observámos, e a par da systematisação *syntactica* dos dialectos, reapparece no *vocabulario* um fundo popular primitivo.

A distincção entre o *vocabulario* e a *syntaxe* nas questões da origem de uma lingua, explica um grande numero de factos historicos apparentemente contradictorios; no problema da formação das linguas romanicas estas duas ordens de phenomenos coexistem em um certo equilibrio, que se estabelece á medida que as linguas se tornam escriptas. As linguas novo-latinas não provêm exclusivamente de uma degeneração do latim classico ao contacto das populações barbaras dos paizes conquistados; o facto natural explica-se pela independencia de um grande numero de dialectos pelasgicos bastante proximos do latim, que se enriqueceram com o vocabulario latino propagado pela milicia e administração romana, e que os disciplinaram na fórma escripta approximando-se do typo das construcções latinas. Tal é a opinião do grande philologo Gubernatis,[2] objectando, que tendo os Romanos dominado mais na Grecia do que na Hispania, não conseguiram ali impôr a sua lingua; o mesmo se dá com o dialecto romanico dos Alpes suissos proveniente dos poucos seculos de dominação de Engadina, ao passo que as numerosas colonias militares na Illiria não conseguiram impôr aos slavos a lingua latina. Pergunta tambem, como sendo o celtico fallado na Italia superior, na França, na Bretanha e na Hespanha, porque é que só sobreviveu na Bretanha, que era occupada pelos Romanos? A rasão, segundo Gubernatis está na coexistencia de dialectos po-

[1] Jacob Grimm, *Tradições allemãs.*
[2] *Piccola Enciclopedia indiana,* p. 108.

pulares conservados de uma primitiva migração dos povos latinos, que foram influenciados pelo latim, como agora os dialectos da Italia o estão sendo pelo toscano; e caminhando de Genova para os Pyrenéos, as variações dialectaes modificam-se em gradação successiva, sendo os dialectos de França um annel entre os italicos e os ibericos. O estudo do *vocabulario* apresenta fórmas desconhecidas no latim, e mesmo que não são communs aos outros dialectos romanicos, sem comtudo se derivarem do celtico, do germanico ou do arabe; a acção da disciplina *syntactica* começou desde que os novos dialectos independentes se tornaram nacionaes e escriptos. D'este modo se concilia o facto *natural* do vasto desenvolvimento espontaneo das linguas romanicas, e o facto *historico* positivo da grande influencia da civilisação latina. Collocada a questão sob este aspecto, é admissivel a existencia de uma raça latina, com uma physionomia ethnica revelada pelos dialectos, e não só com a physionomia moral da cultura, como geralmente se admitte.

Na poesia moderna, desde que se descobriram as fórmas lyricas communs á França, Italia e Portugal, é impossivel comprehender os trovadores na sua elaboração individual sem conhecer a tradição, que se foi revelando á medida que a poesia decaiu em um mister dos jograes. É sobre este novo problema que baseámos o estudo da propagação do lyrismo provençal á Peninsula hispanica.

A immobilidade da linguagem poetica, tornou precisas outras fórmas para serem empregadas nos usos vulgares da vida; as fórmas *duplas* ou divergentes accusam a modificação social, e a *imitação* provençalesca, em um periodo de tanto vigor poetico, mostra-nos como esses evangelhos do sentimento fixaram as phrases em moldes eternos. Da Provença, que Fauriel considerava a capital das tradições da Europa moderna, saíram os primeiros jograes a espalharem a boa nova da éra que se inaugurava; nenhum paiz esteve como este em condições para activar a imaginação e a concepção mental; a Provença era como a flor protegida pelo clima suave do Meio Dia; abrigada das invasões do norte ali vieram reflectir os sons da invasão e da civilisação arabe, e as terriveis legendas barbaras. Os dois seculos de paz que a Provença gosou foram a causa primeira do desenvolvimento do novo dialecto que se constituiu em lingua escripta; assim o provençal excedeu o italiano na flexibilidade dos verbos e dos substantivos e na tendencia elliptica dos pronomes [1], e foi a primeira lingua em que se ouviram os cantos de amor e da liberdade.

Diffusão da Poesia provençal na Italia.— O primeiro paiz que acceitou esta grande manifestação do sentimento moderno foi a Italia; fôra da Italia que se propagára para o Meio Dia da França a liberdade municipal, e a Provença pagava essa conquista da alma humana com a nova linguagem do amôr, que a fortalecia. A constituição municipal da Provença, do Condado de Venaissin, do Languedoc, do Auvergne, do Limousin, da Marche, da Guienna, do Périgord, da Gasconha, do Béarn, da Baixa Navarra, do Condado de Foix e do Delphinado, foi transplantado da Italia com o nome de regimen consular.[2] Diz Augustin Thierry: «A Provença e o Condado de Venaissin, nos seculos XII e XIII, foram o fóco da tradição italiana; foi ali que depois do estabelecimento da municipalidade consular se implantou nas tres grandes cidades a instituição extravagante de *Podestat* [3].» É esta uma das causas por que os trovadores da Provença visitavam e frequentavam as côrtes e as republicas italianas; com certeza da Italia se propagou reflexamente para Portugal a nossa primeira manifestação da poesia dos trovadores, porque da Italia vinham as nossas armadas, as primeiras rainhas e o pensamento dos nossos Foraes. A florescencia das instituições municipaes produziu o vigor das novas escolas poeticas da Aquitania, do Auvergne, de Rodez, do Languedoc e da Provença. Quando a infame luta contra os Albigenses tomou uma hallucinação religiosa, e o despotismo feudal do norte da França ligado com a theocracia, devastaram em nome de Deus as cidades e povoações meridionaes matando a independencia municipal e vinculando o sul á monarchia franka, acabou tambem a civilisação e a poesia occitaniana. Os solares ficaram desertos, a lingua muda, e os trovadores procuraram agasalho nas côrtes estrangeiras onde o alaúde provençal se tornou um arremedo nas mãos dos grandes senhores e dos principes. O genio da Provença renasceu na Italia, nos grandes lyricos, os *Fieis do Amor*, em Dante e Petrarcha [4]. Na Italia a arte de trovar exercia a mesma fascinação que na Provença; alguns dos mais celebres trovadores eram italianos, como Bartholomé Zorgui, natural de Veneza, Bonifacio Calvo, de Genova; Sordello, de Mantua, Albert de Malaspina do seu marquezado d'este nome. Em 1080, Roger, Conde de Sicilia, casou com Mathilde, filha do Conde de Pro-

[1] C. Cantu, *Hist. univers.*, XI époque.
[2] Augustin Thierry, *Essai sur l'Histoire du Tiers-État*, p. 237, (ed. 1868.
[3] Ibidem, *op. cit.*, p. 233.
[4] Gidel, *Les Troubadours et Petrarche*. Angers, 1857.

vença, Raymundo Berenger. Segundo Fulgore de S. Geminiano, usava-se na Italia «Cantar, danzar alla provenzalesca.»[1] Dante, no *Convito,* queixa-se dos que desprezavam a lingua italiana preferindo o provençal: «Questi (malvagi uomini d'Italia) fanno vile lo parlare italico, et precioso quello di Provenza.»[2] No viscondado de Saboya, que estava ligado aos condes de Provença, formára-se o centro da nova poesia; as republicas eram tambem visitadas pelos trovadores que prégavam a democracia. Os trovadores aventureiros Bernard de Ventadour, Cadenet, Raimbau de Vaqueiras e Peire Vidal, propagavam os segredos da arte de trovar. Na Sicilia revela-se uma phase de poesia local animada do espirito provençalesco. Guilherme II acolhia na sua côrte aquelles que eram bons dizidores de rima ou que eram excellentes cantores.[3] Na escola italiana floresceu no fim do seculo XII Ciulo d'Alcamo; o imperador Frederico II, tendo subido ao throno da Sicilia em 1197, produziu com o seu esmerado gosto o esplendor das instituições provençaes. Nas *Cento Novelle antiche* se lê, que Frederico II admittia na sua côrte os *trovadores, ensoadores* e homens de arte, que ali chegavam.[4] Como todos os grandes senhores e monarchas dos seculos XII e XIII, o imperador da Sicilia tambem cultivou a poesia, como se sabe pelos monumentos colligidos por Crescembini; Enzo, filho natural de Frederico, e rei da Sardenha, Arrijo, filho legitimo, e Manfredi, outro bastardo do imperador, tambem foram excellentes trovadores. O mesmo facto se dá com D. Diniz, seu filho legitimo D. Affonso IV, e os seus bastardos Conde D. Pedro e D. Affonso Sanches. O Chanceller do imperador Frederico, Pier della Vigne, era um dos mais antigos poetas da escola dos trovadores. Quando o imperador saia á noite a tomar a fresca ía acompanhado por dois musicos italianos que romanzavam os estrambotes e canções que improvisava. Assim começou o alvorecer da poesia italiana. Em Bolonha o nome de Bernard de Ventadour tornou-se a antonomasia de poeta. No canto XXVI do *Purgatorio,* Dante enumera no mesmo côro italianos e provençaes, Guido Guinicelli, de Bolonha, Giraud de Borneilh e Arnaldo Daniello. Sam Francisco de Assis prégando a pobreza, imitava nos seus cantos o lyrismo provençal, e chamava aos seus discipulos —jograes da divindade. Dante condemnava o predominio da poesia provençal, mas não se pejou de fazer recitar por Arnaldo Daniello alguns tercetos n'essa lingua; o patriotismo severo é que o forçava a reagir contra essa influencia estranha, mas elle era o primeiro a gemer sobre a ruina da liberdade municipal do sul da França, assolado com a cruzada contra os Albigenses, guerra da theocracia feita «con forza e con mensogna.»[5] Dante lamenta a morte politica da França meridional determinada pelo casamento de Beatriz com Carlos de Anjou.[6]

Diffusão da Poesia provençal no norte da França.—Fauriel sustentou com argumentos engenhosos as origens poeticas do norte da França derivando-as absolutamente do Meio Dia; a verdade acha-se hoje restabelecida, e o proprio Fauriel reconheceu ao fim de vinte annos de estudo a superioridade, independencia e prioridade do genio poetico gallo-franko[7] sobre o genio gallo-romano. Estas duas creações derivam-se de differentes condições ethnicas, e apesar de se penetrarem, revelaram o antagonismo politico; as Canções provençaes, menos vigorosas do que as Gestas, pelos seus artificios convencionaes acharam nas côrtes dos reis e potentados uma predilecção, que se impoz tambem pelo despotismo da moda ao norte da França. A contar do anno 1000, quando Constança, filha de Guilherme Taillefer, Conde de Provença, casou com Roberto, grande numero de trovadores visitavam e frequentavam a côrte da sua condessa, que havia sido educada em Tolosa e Arles. E quando em 1150 Leonor de Aquitania casou com Luiz VII, continuou-se a exercer a mesma communicação. Os poetas francezes por seu turno tambem visitavam a Provença, como se vê por uma canção de Perrin d'Angecourt. Quando em 1245 a Provença caiu em poder de Carlos de Anjou, começou a decadencia da poesia do amor; Villani diz que este monarcha não prezava os trovadores. O casamento do segundo irmão de S. Luiz com a herdeira de Raymundo VII, e a cedencia que Amauri, filho do terrivel Simão de Montfort, fez á corôa de França, acabaram de consummar a ruina da França meridional. Innocencio IV tambem ajudou a ruina da civilisação gallo-romana com a condemnação da lingua provençal como heretica! A fixação

[1] *Poeti del primo secolo,* t. II, pag. 175. D'après Du Méril.
[2] *Convito,* pag. 95.
[3] Tiraboschi, *Storia della letteratura italiana,* Part. II, pag. 383.
[4] Novella XX.
[5] *Purgatorio,* canto XX.
[6] *Purgatorio,* canto XX, est. 61, exclama:

> Mentre quela gran dote provenzale
> Al sangue mio no tolse la vergogna,
> Poco valea ma pur no facea male.

[7] *Hist. littéraire de la France,* t. XXII, p. IX.

da côrte franceza de Carlos de Anjou na Provença produziu a immixtão que fez desapparecer essa lingua primorosa, e os ultimos restos da poesia occitanica desnaturaram-se na fórma alexandrina do norte, como se vê em uma canção de Bernard Rascas. O trovador Aimeric de Pequilain protesta contra esse desastre.

Os trovadores provençaes para serem entendidos na côrte franceza serviam-se do dialecto do Poitou, que segundo Leroux de Lincy e De Roisin, era um ponto de transição entre as duas linguas do norte e do sul; o dialecto *poitevin* explica-nos o modo de transmissão das canções provençaes para a côrte ingleza.

Diffusão da Poesia provençal em Inglaterra.— O grande revolucionario e trovador Bertrand de Born ateava a guerra entre o rei de Inglaterra e o de França com as suas canções provençaes. Quando os monarchas têm uma pequena tregua o trovador prorompe: «Vou entoar uma canção, que aquelle que ainda tiver vergonha ha de sentir vontade de batalhar.» Julgando que o rei-trovador Ricardo Coração-de-Leão o offendêra, põe as cruas sirventes ao serviço de seu irmão Henrique. Por aqui se vê quanto perstigio tinha a poesia provençal em Inglaterra. Quando Leonor de Aquitania casou em segundas nupcias com Henrique, Duque de Normandia, começaram os trovadores, e entre elles Bernard de Ventadour, a frequentar a côrte ingleza. Ricardo, que chegou a ser rei de Inglaterra, era excellente trovador, e foi o seu menestrel que descobriu a recondita prisão em que haviam encerrado o seu senhor. As romagens ao tumulo de S. Thomaz de Cantorbery attrahiam tambem os cantores provençaes [1]; mas esta poesia tendo de lutar com as tradições scandinavas, e com o gosto do saxonio pelas Gestas dos *cantatores francigenarum*, só veiu a penetrar no espirito da litteratura ingleza quando Chaucer tendo percorrido a Italia trouxe d'ahi o gosto da imitação provençalesca.

Diffusão da Poesia provençal na Allemanha.— Os minnesingers allemães eram cantores vagabundos e visitaram tambem a Provença. No poema *Perzival*, de Wolffran von Eschenbach, diz o poeta que as verdadeiras tradições vieram da Provença [2]. A poesia de Suabia era modelada sobre a dos trovadores; não tinha Frederico I assistido ao desenvolvimento d'esta poesia na Sicilia? Em 1043 Henrique III, imperador da Allemanha, desposou Agnès de Poitou, filha do Conde de Provença e irmã do primeiro trovador conhecido Guilherme IX.

A canção amorosa na Allemanha, o *lied*, tem uma origem nacional; mas pelo espirito do tempo, e pelo predominio do gosto occitanico o estylo provençal deu a esse elemento natural uma exclusiva fórma artistica. Frederico Diez confessa que as canções provençaes chegaram de vez em quando ao conhecimento dos poetas allemães como se os territorios dos dois idiomas tivessem um ponto de contacto [3]. Diez não precisa qual era esse ponto de contacto, mas os factos positivos nos estão indicando o norte da Italia, onde os trovadores acharam uma segunda patria. O unico plagiato incontestavel das canções allemães são as do Conde de Nemburg, mais do que paraphraseadas das canções do trovador Folquet de Marselha, que Dante cita, e que era natural de Genova. Frederico Diez aponta mais imitações de outros trovadores, que na maior parte visitaram a Italia. Peire Vidal, que frequentou as côrtes do norte de Italia, mostrou-se sempre hostil aos allemães. Os desastres da Italia occupam o seu canto, e para elle a lingua allemã similhava o ladrar de cães: «E lors parlars sembla lairar de cans.» Em outros trovadores revela-se este mesmo espirito hostil contra a Allemanha, porque tomavam o partido dos perseguidos, como se vê nos seus sacrificios a favor dos Albigenses contra o despotismo franko, ou defendendo a Italia contra as violações dos imperadores da Allemanha. Por effeito d'estas lutas é que os minnesingers se familiarisaram com o italiano. O trovador Peire de la Caravana insulta-os ainda mais duramente do que Vidal.[4] Os minnesingers imitavam os artificios exteriores; Walter de Wogelveide e outros imitavam as rimas pela ordem das cinco vogaes, achada por Bernard Ventadour; Wizlan imita a fórma de *ecco*, inventada por Jaufre Rudel; Rudolf von Nemburg e Rudolf von Rotenburg introduzem

[1] A linguagem commum da poesia provençal em Inglaterra era tambem o *poitevin*, mais proxima da linguagem dos *Cantatores francigenarum*, frequente na côrte ingleza. D'este dialecto diz Leroux de Lincy: «Estava em uso no Poitou, no Maine e Anjou, e tinha muitas analogias com o provençal. Mas á medida que se afastava do Meio Dia e que se approximava da Borgonha e de Champagne, este dialecto perdia as suas fórmas meridionaes, e parecia-se mais com o francez usado n'estas ultimas provincias. Este idioma é tanto mais curioso para ser estudado, porque parece o ponto de juncção entre os dois romances do sul e do norte.» *Recueil de Chants historiques*, t. I, p. 64.

[2] Grandiss, p. 108, d'après Du Méril, *Poésie scand.*, p. 315:

Von *Provenz* in Tutsche lant
Die rechte mere sint gesint.

[3] *Les Troubadours*, p. 259. Trad. De Roisin.

[4] Raynouard, *Choix de Poésies des Troubadours*, t. IV, p. 197.

na Allemanha o *lexapren* e *mansobree* provençal, e o *encadenado* em que a estrophe se prende á antecedente pela repetição da ultima palavra. A *rima* por composição de palavras ou por mudança de inflexão, as rimas femininas, o artificio de uma mesma letra, o acrostico de uma só letra, a repetição de uma mesma palavra no verso, ou do verso na estrophe, foram outros tantos caprichos resultantes da admiração pelos trovadores.[1] Com a poesia allemã deu-se o mesmo que com a ingleza: o estado da tradição era vigoroso, e a originalidade da raça não podia estar por muito tempo abafada pelo perstigio dos trovadores; as maiores communicações com os jograes do norte da França e o enthusiasmo das *Canções de Gesta*, não tardaram a fecundar o cyclo dos *Niebelungens*, e a fazerem com que a raça germanica elaborasse pela segunda vez as suas tradições.

Da diffusão da Poesia provençal nas côrtes peninsulares.—Não se póde formar uma idéa clara do modo de communicação da poesia dos trovadores nas varias côrtes da Peninsula, sem descrever a situação especial d'estas para com os centros d'onde irradiaram os cultores da *Gaya sciencia;* sem ver como essas côrtes estabeleceram a sua independencia politica ou a foram perdendo, dando assim logar pelo seu isolamento á formação de dialectos romanicos especiaes; finalmente pelas relações d'essas côrtes, se fixa não só o modo de propagação do gosto provençal, mas sobretudo sobresáem com uma certa originalidade de fórmas os vestigios tradicionaes resultantes de caracteres ethnicos até agora não considerados. O intervallo historico que comprehende estas questões complexas é pequeno, se tomarmos como ponto de partida a primeira manifestação da poesia provençal em Guilherme IX, Duque da Aquitania, e se terminarmos na constituição da primeira unidade nacional da peninsula, isto é, na independencia da nacionalidade portugueza firmada pela batalha de Aljubarrota (1087–1385).

Tanto na marcha politica da peninsula como nos successos das suas transformações historicas, os seus movimentos sociaes caracterisam-se em dois actos repetidos quasi periodicamente: formação de pequenos estados até á sua unificação em uma grande nacionalidade, e desmembração d'essa nacionalidade outra vez em pequenos estados quer pela força de invasões de novas raças, ou por heranças monarchicas. Exemplifiquemos: a raça turaniana ou iberica fusionando-se com o elemento ligurico ou celta, produz tres estados pequenos, os Galaecos, os Lusitanos e os Bastulos. Pela acção civilisadora das feitorias phenicias, estes elementos tendiam a converter a civilisação bastulo-phenicia como o centro de uma unificação nacional; este facto foi perturbado pelo conflicto das colonias e feitorias gregas com as feitorias carthaginezas, fazendo intervir por necessidade da luta o poder dos Romanos. Foram estes que realisaram pela sua administração, pela lingua, pela jurisprudencia, a unificação nacional hispano-romana. Outra vez se deu a desmembração da peninsula hispanica pela invasão germanica, fundando-se as monarchias dos Alanos, dos Suevos e dos Vandalos; da mesma causa de desmembração proveiu o impulso de unificação pelo esforço dos Godos (642–649.) A esta unidade da monarchia gothica resistem por differenciação ethnica os Asturos, os Cantabros e os Bascos, e completa-se o seu desmoronamento pela invasão dos Arabes, que se apoderam de quasi toda a Peninsula em menos de dois annos.

Aqui começa a moderna vida historica dos povos peninsulares; a sua actividade resume-se ainda n'esse movimento de oscilação, no qual pelo sentimento da reconquista christã se estabelecem dois nucleos de unificação nacional, o reino das Asturias e o de Navarra, comprehendendo o primeiro Galliza, Portugal e Castella, e o segundo Aragão. Da parte dos Arabes, não obstante a unidade de lingua, de crença e de raça, a tendencia separatista fal-os desmembrar-se nos reinos de Toledo, de Badajoz, de Sevilha, de Granada, de Malaga, de Almeria, de Murcia, de Valencia, de Denia e das Baleares. Á medida que prepondera a federação nos pequenos estados christãos, ou que um monarcha mais audacioso ou menos dotado de sentimento de justiça se apodera dos outros reinos vizinhos, o poder dos Arabes diminue. Muitas vezes os kalifas arabes entram nas ligas christãs contra a ambição despotica de um monarcha que se torna invencivel pela grandeza dos seus estados. N'estas lutas sem plano politico e sem outro intuito mais do que o arbitrio pessoal, a unidade politica chegou quasi a firmar-se por Sancho o Magno, por Affonso VII de Leão, e por Fernando de Castella, mas elles mesmos a destruiram com a distribuição dos diversos estados por seus filhos. É por isso que o primeiro estado que fixa a sua unidade inalteravel foi Portugal constituindo-se de condado leonez em monarchia autonomica (1114), e só no fim do seculo XV é que Castella póde tornar-se o centro da unidade politica hespanhola.

Todos estes successos vitaes se ligam á manifestação da cultura litteraria, como produc-

[1] Diez, *Les Troubadours*, p. 260.

ção de dialectos romanicos, reapparição de tradições por causa da resistencia local, propagação das fórmas poeticas e rasão das suas caracteristicas. Da luta dos pequenos estados christãos contra os Arabes veiu o fervor das cruzadas prégadas contra os mouros de Hespanha e de Africa pelos trovadores provençaes; as invasões dos arabes andaluzianos haviam chegado ao sul da França de 715 a 1019, e muitas palavras arabes se conservaram nas canções dos trovadores. Aquelles que pertenciam á escola poetica da Aquitania, como Guilherme IX, foram os primeiros a prégarem a cruzada fervorosa, e para exaltarem as multidões e os reis tinham um genero chamado *prezics* e *prezicanzas*. Foi este um movel de communicação do gosto provençal á peninsula, que foi muito visitada por trovadores que affluiam á romagem de S. Thiago de Compostella, ou que vinham tomar parte na cruzada da Extremadura, ou que aportavam a Lisboa, na sua viagem para Jerusalem. Os casamentos dos principes produzindo relações e ligas de estados foram tambem um motivo de propagação; assim pelo casamento do fundador da monarchia portugueza com uma princeza italiana, introduzem-se em Portugal algumas instituições communaes, e muitos trovadores acompanham o séquito real. Pela fusão da Provença no Condado de Barcelona, a escola poetica de Aragão recebe uma mais directa communicação com os trovadores provençaes. O exercicio da poesia nos dialectos romanicos, que haviam persistido através do dominio arabe por effeito da incommunicabilidade do semita, fez com que estes dialectos fossem escriptos no tempo da desmembração politica, e por isso se differenciaram entre si. Por esses dialectos podemos estabelecer as caracteristicas que distinguem as differentes escolas trobadorescas da peninsula. São tres esses dialectos principaes, que se desenvolveram ou paralysaram em consequencia de causas historicas: *a*) o *Catalão*, que se subdivide no *Valenciano* e *Malhorquino* e que pertence á poesia trobadoresca da escola de Barcelona e de Aragão; *b*) o *Galleziano*, ao qual pertence o *Bable*, apenas fallado, o *Gallego* que estacionou e o *Portuguez* que progrediu, e servindo essa lingua para a linguagem poetica da Galliza e de Portugal, de Leão e de Castella; *c*) o *Castelhano*, por effeito da tardia unificação politica, só teve o seu verdadeiro desenvolvimento litterario no seculo XV, e os seus monumentos poeticos têm um caracter epico, tradicional e popular, proveniente d'esta lingua não ser usada pela aristocracia nas imitações provençalescas. Ha portanto tres escolas poeticas bastante distinctas: a de *Aragão*, em que ao passo que a tradição pura da Provença é communicada a Barcelona o genio arabe allia-se a esses artificios lyricos, por via das escolas secundarias de Valencia, de Murcia e das Baleares.

Em seguida temos a escola da *Galliza*, em que se dá a communicação com os trovadores da Aquitania, e onde o elemento ethnico das Asturias, que, tendo resistido á conquista arabe assim como resistiu á unificação politica dos Godos, se inspira de um profundo elemento tradicional, como veremos nas *serranilhas*. Mas este antigo elemento asturiano explica-nos os caracteres fundamentaes da escola da Galliza. A resistencia dos Asturos aos Godos prova-nos que elles assim como os Cantabros e Bascos pertenciam á antiga raça iberica; e hoje que se sabe que os Gaulezes comprehendiam principalmente o elemento scythico, tornam-se notabilissimas estas palavras de Strabão: «Os *Aquitanos* differem totalmente dos Gaulezes (Strab. confundia estes com os Celtas) não sómente pela lingua, mas pela figura que se parece muito com os *Iberos*.»[1] Já se vê que a Galliza foi um centro onde o mesmo genio ethnico da Aquitania e dos Asturos se encontrou revivescendo com um grande vigor lyrico. Tornam-se aqui de grande auctoridade as palavras de Fauriel, desenvolvendo as observações de Strabão: «Entre os paizes de lingua provençal estão comprehendidos a Aquitania de Cesar, e a plaga maritima que se estende desde as bacias do Rhodano até á extremidade oriental dos Pyrenéos; e está historicamente constatado que uma lingua iberica esteve antigamente em uso n'estes paizes. Ora, depois de termos encontrado o celtico no provençal, nada ha de estranho em presumir, que tambem se perdessem alguns restos d'esta antiga lingua iberica cuja identidade com o vasconço é incontestavel.» Fauriel exemplifica o asserto com certas palavras communs ao basco e ao provençal, como *Aonar*, auxiliar, secundar, *asko*, muito, *bis*, negro, *bresca*, mel, *enoc*, enojo, tristeza, *nec*, triste, *gais*, mal, damno, *gaissar*, destruir, *serra*, monte, *gavarrar*, matagal, *rabi*, ribeiro, *grazal*, graſ, vaso. Por fim conclue: «Todas estas palavras e uma cincoentena de outras que se poderiam juntar, têm em vasconço exactamente a mesma significação e o mesmo sentido que em provençal. Ha seculos que o vasconço está restricto ás montanhas; longe de poder dar palavras ás linguas vizinhas é forçado a tomal-as para exprimir idéas e relações novas do povo que o falla. O provençal não podia tomar do vasconço senão sómente aquillo que adoptou nos pai-

[1] Ap. Fauriel, *Hist. de la Poésie provençale*, t. I, pag. 187.

zes onde antigamente se fallou a lingua iberica.»[1] Effectivamente na *escola gallega* encontramos refrens communs tanto a Galliza, como á Biscaia, tal é o *Alalala*, e este problema importante será particularmente estudado quando investigarmos as origens tradicionaes d'esta escola. O uso do gallego ou portuguez-galleziano na poesia de Leão e de Castella, tornando-se assim um dialecto intermediario, á maneira do *poitevin* para o sul e norte da França, tambem se explica de uma maneira natural pelas origens ethnicas; os Vandalos e Suevos haviam occupado a Galliza e o que hoje tem o nome de Castella-Velha, e alem das causas politicas, esta circumstancia manifestada apenas nos dialectos, fez com que os trovadores castelhanos, como Affonso o Sabio, preferissem versificar em gallego até ao principio do seculo XIV, o que fez dizer com profunda verdade ao Marquez de Santillana: «No ha mucho tiempo cualesquier decidores é trobadores d'estas partes, agora fuesen *Castellanos, Andaluses,* é de la *Extremadura,* todos sus obras componian en *lengua galega* ó *portugueza.*»

Aqui temos determinadas as duas escolas trobadorescas emquanto ás suas origens ethnicas, politicas e litterarias, do *Aragão* e da *Galliza;* crêmos que a persistencia do elemento tradicional dá á Galliza um passado muito mais remoto, o que justifica a prioridade que lhe attribuia o Marquez de Santillana, antepondo a todas as escolas as dos Gallaicos cisalpinos, e a provincia da *Equitania.* As outras escolas são ramos secundarios derivados d'este tronco. Enunciaremos agora as modificações politicas que influenciaram sobre a cultura trobadoresca, para entrarmos por essa via na historia da litteratura provençal portugueza.

A separação em que estava a Catalunha de Castella e a unidade da lingua d'Oc no meio dia da França, tornaram-a um centro litterario onde se cultivou a nova poesia; a séde do governo da Provença estava em Barcelona, na Catalunha. Por estas relações politicas Bastero e Amat quizeram concluir que a poesia provençal tivera a sua origem na Catalunha; porém a designação que em Hespanha se deu sempre a esta poesia, a que chamavam *Limosina,* como vêmos pela Carta do Marquez de Santillana, basta para provar que ella veiu da escola da Aquitania.[2] A lingua provençal predominava em Aragão, na Catalunha, em Valencia, Murcia e nas Baleares;[3] alem d'estas causas naturaes e organicas da diffusão da poesia trobadoresca, accresceram as circumstancias politicas. Em 1092 extinguiu-se a dynastia borgonheza, que em uma serie de doze reis governára a Provença; passou em 1113 essa corôa para o terceiro Conde de Barcelona, casado com Dulce, herdeira do throno. Raymundo Berenger era irmão de Affonso II, de Aragão, e esta circumstancia influiu bastante para os trovadores serem acolhidos na côrte d'este monarcha. O trovador Ramon Vidal exalta a côrte aragoneza: «Pela minha parte eu tambem aprendi a conhecer a côrte do rei Affonso, o pae do rei actual (D. Pedro II) que enchia a todos de honras e de bens. Não teres vivido então! conhecerias os bons tempos tão gabados por vosso pae; terias sabido da bôca dos poetas como se percorria o mundo, visitando as cidades e os castellos; terias visto as suas molles sellas, os magnificos arnezes, os freios dourados e os seus palafrens; grande numero d'elles vinha para a Catalunha, outros vinham de Hespanha; todos tinham a certeza de encontrar um protector affavel, generoso no rei Affonso II, bem como no bravo Diogo, no amavel Conde Fernando e em seu irmão, de um espirito tão esclarecido.»

Em 1137, a poesia provençal localisada em Barcelona, capital da Catalunha, mudou de séde quando os Condes de Barcelona obtiveram por via de casamento o reino de Aragão[4]; Raymundo Berenger III casou com Petronilla, filha de Ramiro o Monge, e Aragão tornou-se o foco dos trovadores. Os nomes dos trovadores catalães Guilherme de Berga e Hugo de Mataplan figuram a par dos provençaes. Affonso II de Aragão (1162–1196) cultiva a *gaya sciencia;* frequentaram a sua côrte os trovadores Pedro Rogiers, Pedro Remon de Tolosa e Aimeric de Péguilain. A guerra dos Albigenses fez com que os trovadores que defenderam a causa da liberdade municipal contra as violações da santa sé e do feudalismo, encontrassem em Aragão um refugio. Pedro II, de Aragão, morreu na batalha de Muret em 1213 defendendo-os; frequentaram-lhe a côrte os trovadores Hugo de Saint-Cyr, Azemar le Noir, Raymundo de Miraval e outros muitos, que fugiram diante das atrocidades do infernal Simão de Monfort. O successor de Pedro II, Jayme o Conquistador (1213–1276) tambem protegeu os trovadores, como o confessam nos seus versos Guilherme Ameller, Nat de Mons, Arnaldo Plagues, Mateo de Quercy, Hugo de Mataplan, e Guilherme de Berguedan. A tomada das Baleares em 1229 e 1223 tambem estendeu a diffusão da poesia provençal. Em 1390

[1] Ap. Fauriel, *Hist. de la Poésie provençale,* t. I, p. 200, e t. III, p. 299.
[2] Baret, *Les Troubadours,* p. 89.
[3] Diez, *op. cit.,* p. 2.
[4] Ticknor, *Hist. de la Literatura española,* t. I, p. 326.

estabeleceu-se em Barcelona um Consistorio do *Gay Saber*, e ainda hoje conserva os seus *Jogos floraes*.

Entre os reis de Castella encontrou a poesia provençal o acolhimento que recebia em todas as côrtes da Europa; distinguem-se como protectores Affonso III (1158–1284), Affonso IX (1188–1229), e entre todos Affonso X (1252–1284), que teve relações directas com os trovadores a quem deu asylo depois da quéda das côrtes de Provença e de Tolosa.[1] Nat de Mons dirigiu a este monarcha um poema sobre a influencia das estrellas, e Giraud Riquier, de Narbonna, em 1275, dirigiu-lhe um requerimento em verso ácerca do titulo de jogral e de trovador. Todas as obras de Affonso o Sabio foram escriptas em castelhano, á excepção das suas *Cantigas*, redigidas em dialecto galleziano. Por este facto e pelo testemunho do Marquez de Santillana, a poesia provençal entrou em Castella, que esteve separada de Aragão, por via da Galliza e de Portugal; a contar de 1214 é que Castella teve relações directas com os trovadores; Aimerie de Bellinoi esteve na côrte de Affonso IX; Martaquagent e Folquet de Lunel celebraram a eleição de Affonso X, imperador; Raymundo de Tours dirigiu-lhe versos, e Bertrand de Carbonel dedicou-lhe as suas composições.[2] Mas a poesia provençal encontrava em Castella uma terrivel antagonista, que obstava ao seu desenvolvimento: o genio nacional começava a elaborar as *epopêas mosarabes*, que constituem o riquissimo e inimitavel Romancero hespanhol, e o gosto pelas Gestas francezas dava preferencia aos cantos de feitos de armas, dirigindo a imitação para a fórma alexandrina usada por Segura e pelo Arcipreste de Hita, que conhecia os *fabliaux*. A imitação provençalesca foi uma moda palaciana em Castella, e por isso a lingua em que essas canções eram escriptas, o galleziano ou o portuguez, era preferida para esse artificio. Em breve o lyrismo provençalesco foi substituido pela renovação italiana de Dante e de Petrarcha.

Em Portugal as condições vitaes da nacionalidade não eram tão profundas, e a poesia dos trovadores conservou-se com uma persistencia notavel de fórmas nos Cancioneiros até ao fim do seculo XVI; ainda assim não se póde considerar uma imitação inorganica, porque essa persistencia explica-se pelo sentimento tradicional que revive nas differentes epocas da nossa historia litteraria.

CAPITULO II

PERIODO ITALO-PROVENÇAL (1114-1245).

Para a fidalguia peninsular, empenhada na empreza da reconquista christã e nas tendencias separatistas dos pequenos estados ou nas violencias de unificação politica de monarchas prepotentes que nos seus testamentos destruiam a obra que haviam realisado á custa de crimes, n'este conflicto da sociedade catholico-feudal, a poesia dos trovadores foi como uma aura saudavel que todos quizeram respirar, era um raio de luz moral que vinha alegrar os solares sombrios. A fidalguia da peninsula quiz tambem imitar essa poesia que seduzia os monarchas de França, da Italia, da Inglaterra, da Sicilia e da Allemanha; em tres pontos se manifesta quasi ao mesmo tempo a arte dos trovadores da Provença — na Catalunha, em Aragão, que se confundem em uma só escola, e na Galliza. Já vimos as condições que favoreciam esta imitação ou a tornavam uma revivescencia ethnica n'este ultimo ponto, e investigando a acção que exerceram outras raças que posteriormente occuparam a Galliza assim explicaremos o motivo porque o seu primitivo genio lyrico se manteve até á sua floração esplendida no fim da edade media. Como primeira das provincias romanas invadidas, começou mais cedo na Galliza a formação do dialecto romanico que havia de servir de linguagem á sua poesia; os Suevos, que a occuparam, imprimiram um cunho particular ao dialecto galleziano, que Helfferich e Declermont definem: «Comparando a vocalisação do dialecto suabio actual á do portuguez, julga-se ter achado a solução do problema. Foram os Suevos, que primeiro que todas as outras tribus germanicas se estabeleceram na Galliza, e admittindo que a lingua allemã recebesse da bôca dos Suevos desde a sua primeira apparição historica, uma vocalisação distincta do gothico, não custará a attribuir a intonação nasal, particular ao dialecto suabio, e que se encontra de uma maneira surprehendente no portuguez, á influencia da lingua dos Suevos sobre o neo-latino que acabára de formar-se unicamente na

[1] Diez, *op. cit.*, p. 61.
[2] Ticknor, *ibid.*, p. 47, not.

Galliza.»[1] Vejamos as circumstancias que levaram o Suevo a perder os seus mythos e tradições epicas, e a adoptar a vida agricola e um lyrismo pastoril.

A Galliza foi o primeiro ponto da Peninsula que soffreu e ficou submettido ás invasões dos barbaros do norte. Os Suevos eram um dos ramos mais civilisados das raças germanicas; na invasão da Peninsula hispanica, apoderaram-se da região que mais favorecia o seu progresso e a independencia: «De antes os Suevos tinham o seu assento na Galliza e na Lusitania, que se estende sobre a direita da Hespanha, ao longo das costas do oceano, tendo ao oriente a Austrogonia, ao occidente sobre o promontorio, o monumento sagrado de Scipião, general romano; ao norte o oceano, ao meio dia a Lusitania e o rio Tejo....»[2] Por esta noticia de Jornandes se vê que os Suevos occupavam o melhor solo da Peninsula, que os levava á ambição do dominio sobre todos os outros ramos germanicos: «Foi d'estas regiões que saíu Ricciario, rei dos Suevos, com o projecto de se apoderar de toda a Hespanha.» Theodorico, que occupava o throno dos Visigodos, arruinou para sempre esta ambição na batalha junto do rio Urbius. Por tanto a situação geographica que provocava o Suevo á independencia e dominio, foi a causa da sua absorpção pelos visigodos. Por outro lado a situação dos Suevos, na invasão da Peninsula, prova-nos a sua superioridade, porque já então tinham poder para preferir a melhor parte da conquista, e sabiam conhecer as melhores condições para a economia das suas cidades; mas este progresso foi interrompido por uma causa que explica tambem o desenvolvimento dos Godos: os Suevos abraçaram o catholicismo e por causa da nova crença perderam os seus mythos, e por consequencia não chegaram a elaborar os cantos epicos, que teriam sido um meio de resistirem sempre e de sustentarem a sua independencia apesar de todas as derrotas. Uma vez privado das ambições de conquista, e da actividade das armas, o Suevo ficou sedentario, e pelas condições do territorio em que estava limitado, entregou-se ao trabalho da agricultura. A natureza d'este trabalho fel-o renovar a antiga linguagem technica da agricultura romana juntamente com os processos mais adiantados; ainda no seculo passado, escrevia o P. Sarmiento: «Galicia, mi patria, es *la Provincia que mas voces latinas conserva*, y en especial en quanto toca á agricultura. Digolo, porque leí por curiosidad de verbo ad verbum á Caton, Varron, Columella y Paladio.»[3] D'esta condição essencialmente agricola, tirou o gallego a sua poesia lyrica, as chamadas *Serranas*, como as villanelas da Gascunha, de que falla o Marquez de Santillana, e que influiram no lyrismo de toda a Peninsula, como adiante verêmos; mas o trabalho da terra fez adoptar sob o dominio moral absoluto do catholicismo, uma fórma de propriedade que foi a causa mais forte da decadencia da Galliza. Como se sabe, a egreja da edade media era mais uma fórma particular da propriedade, do que uma instituição hieratica; onde a egreja dominou fundou a auctoridade sobre a grande propriedade, e por este motivo fez prevalecer a emphyteuse romana. Portugal, que já desde a occupação dos Suevos fazia parte da Galliza, no alto Minho é completamente emphyteutico. Portanto, submettida a propriedade territorial na Galliza á emphyteuse, deu-se a separação entre os que trabalhavam e os que possuiam, que eram as ricas abbadias e grandes senhores. D'aqui resultou uma riqueza limitada, e uma miseria geral, que levava as classes pobres a dispersarem-se por toda a Peninsula abraçando a profissão de jograes. Assim communicaram não só as canções dos trovadores que visitavam o tumulo de S. Thiago de Compostella, e que elles aprendiam, mas como jograes de tambor pediam de terra em terra cantando os seus cantos tradicionaes. Os Suevos tambem influiram no systema musical que veiu a prevalecer nas canções aristocraticas, como affirma o illustre musicographo Soriano Fuertes. Antes da invasão arabe já os Judeus se espalhavam pela peninsula, e até certo ponto lhe ensinaram os segredos da occupação territorial; como os Suevos eram apaixonados pela musica, os judeus lisonjearam-os ensinando o systema musical das *notas rabbinicas*, cuja analogia com as *linhas*, os *numeros* e os *pontos* usados pelos Suevos, produziu o systema *mixto*, hoje conhecido pelas largas explicações do veneravel Beda.[4] Affonso o Sabio, assim como foi educado na Galliza, assim escreveu não só as suas canções em dialecto galleziano, mas como diz Fuertes, a medida das suas canções está escripta em *notas rabbinicas*.[5] Eslava classifica a musica das canções de Affonso o Sabio como do systema de canto-chão melodico, o que está revelando a tradição *rabbinica*, conservada na egreja. No *Cancioneiro da Ajuda* ainda se acham na primeira strophe de cada canção os intervallos para se escrever a solfa, e pelo que se ob-

[1] *Aperçue de l'histoire des langues neo-latines en Espagne*, p. 36, Madrid, 1857.
[2] Jornandes, *De rebus Geticis*, p. 335, trad. Savagner.
[3] *Memorias para la Historia de la Poesia y Poetas españoles*, p. 144.
[4] *Historia de la Musica en España*, t. I, p. 94.
[5] Ibid., t. I, p. 94.

serva nos codices de Affonso o Sabio, seguia-se em Portugal a notação rabbina. Ainda no *Cancioneiro da Vaticana* se acham dois fragmentos de canções (n.os 1138-1139) que compozera um judeu de Elvas, que porventura se conservaram por causa da musica a que eram cantadas; e do *Cancioneiro do Conde de Marialva*, extrahira Fuertes a musica da celebre *Canção do Figueiral*, e da *Reina groriosa*.[1]

Os Suevos depois de haverem dilatado o seu dominio pela Betica e Lusitana, entraram na unificação gothica; tendo com os Vandalos occupado tambem a Castella Velha, dava-se uma unificação de raça, que fez com que no seculo XII viesse Castella a receber a tradição provençal da Galliza em vez de a receber das escolas da Catalunha ou do Aragão, de quem estava separada. O dialecto galleziano com leves modificações tornava-se intelligivel em todas as capitaes christãs da peninsula, e principalmente em Castella e Leão. Os fidalgos asturo-leonezes, que vinham desempenhar a homenagem dos castellos dos dois Condados da Galliza e de Portugal, compraziam-se em escutar as canções amorosas n'esse dialecto novo, que começou a ser escripto depois que se formou a nacionalidade portugueza.

A independencia do Condado de Portugal com relação a suzerania de Castella, foi uma desmembração territorial da Galliza, que nunca conseguiu a autonomia nacional. N'esta separação, a côrte portugueza teve de estabelecer relações com outros paizes, como Genova e Veneza por causa da sua marinha, e com os cruzados francezes, inglezes e allemães para a sua defeza e colonisação. Foi por isto que o dialecto galleziano começando a ser escripto como a lingua da nacionalidade portugueza, serviu de expressão á poesia provençal que nos foi communicada pela Italia. A tradição da Galliza só se tornou a achar mais tarde; o nosso primeiro periodo de manifestação poetica é rigorosamente *italo-provençal*. Comecemos pelo phenomeno da desmembração dos dois Condados, até chegarmos ás causas que produzem esta corrente de communicação italiana.

No tempo de Fernando Magno, a provincia da Galliza, regida por diversos Condes, estendia-se até ao Mondego; as suas fronteiras variavam com a conquista. Em 1065 as conquistas ao norte do Mondego e do Alva ainda estavam incluidas no territorio da Galliza; por morte do monarcha coube a Galliza a seu filho Garcia, mas por causa das dissensões entre seus irmãos vem esse dominio a caír em poder de Sancho rei de Castella, e pelo assassinato d'este ao outro seu irmão Affonso, rei de Leão. Este successo deixou um ecco remotissimo na poesia popular da Galliza, no romance de Ayras Nunes, conservado no *Cancioneiro da Vaticana* (n.º 466), que adiante analysaremos. Em 1093, tendo Affonso posto cêrco a Santarem, e tomando em seguida Lisboa e Cintra, as fronteiras da Galliza estenderam-se até á foz do Tejo. Ainda hoje os habitantes do Alemtejo conservam a tradição d'estes limites chamando indistinctamente *gallegos* aos ribatejanos, e no Ribatejo cada povoação dá o nome de gallegos aos povos que lhes ficam para o norte. É a contar d'este ponto que começam a dar-se as condições para a separação de Portugal.

Affonso VI, de Leão, tendo de tornar mais forte a administração do immenso dominio da Galliza, entregou-a a Raymundo, filho do Conde de Borgonha, cavalleiro que acompanhára o séquito da rainha D. Constança, mulher do monarcha leonez. Crê-se que viera com os guerreiros frankos que passaram os Pyrenéos para ajudarem Affonso VI na batalha de Zalaka. Em 1094 Affonso VI casou-o com sua filha Urraca, encarregando-o assim da administração de toda a Galliza. Não faltariam jograes frankos que visitassem a côrte do Conde borgonhez, attrahidos pela fama das piedosas romagens ao tumulo de S. Thiago, pelo *caminho francez*.

Com Raymundo viera tambem á Peninsula seu primo Henrique, sobrinho da rainha D. Constança; o illustre cavalleiro francez logo em 1095 casou com D. Tareja, filha bastarda de Affonso VI, ficando a governar os districtos de Braga sob a dependencia de seu primo. Em breve o territorio das margens do Minho até ao Tejo foi desmembrado da Galliza, ficando a sua administração privativa de Henrique e independente da suzerania de Raymundo. A fama da romagem de S. Thiago crescia tanto, que já em 1097 a 1098 o Conde D. Henrique fizera essa peregrinação. Mas o grito da primeira cruzada da Terra Santa soára pela Europa em 1095! Os cavalleiros da peninsula não quizeram esquivar-se ao appello. O Conde D. Henrique em 1103 partiu para o oriente, talvez na passagem da armada genoveza, e de lá regressou em 1105. Os trovadores provençaes lançaram a proclamação fervorosa por todas as côrtes por meio de canções. O trovador Guilherme IX, Conde de Poitiers e Duque da Aquitania, que tomou parte na primeira cruzada, diz em uma canção:

«Fiel á honra e á bravura, eu tomo as armas; partamos; vou para Alem-mar, lá onde os peregrinos imploram o perdão.

[1] *Historia de la Musica en España*, t. I, p. 117. Colligidas nas *Epopêas Mosarabes* e *Trovadores Galecio-portuguezes*.

«Adeus esplendidos torneios, adeus magnificencia e tudo quanto agrada ao coração! Já nada me detem, eu vou aos logares onde Deus promette a remissão dos peccados.

«Perdoae-me companheiros a quem haja offendido; imploro o meu perdão, offereço o meu arrependimento a Jesus, senhor do raio; dirijo-lhe a minha supplica em lingua romance e em latim.

«Por muito tempo me distrahi em mundanidades, mas a paz do Senhor se faz ouvir, e é preciso apparecer no seu tribunal. Eu succumbo sob as minhas iniquidades.

«Oh meus amigos! quando eu estiver em presença da morte, ajuntae-vos em torno de mim, e concedei-me as vossas saudades e consolações.»

Como este, muitos outros cantos exaltados resoaram pelos castellos sombrios. O fervor que o grito da cruzada produziu nos cavalleiros da Peninsula concebe-se pela bulla de Paschoal II, que os inhibe de abandonarem a reconquista do territorio hispanico para irem para alem-mar. Os cavalleiros partiam por terra ou dirigiam-se á Italia para embarcarem nas armadas genovezas.

Este facto indica-nos a primeira communicação da poesia provençal por meio dos trovadores que residiam nas côrtes de Italia. O que traria Peire Vidal, que residiu muito tempo em Genova, até Portugal, se não fosse o seu encontro com os cavalleiros portuguezes que d'ali iam seguir o destino da Terra Santa? Tambem da Italia nos veiu esse enthusiasmo da liberdade que tanto vigor deu aos municipios no tempo das lutas de D. Urraca, viuva do Conde Raymundo da Galliza, com D. Tareja, viuva do Conde de Portugal. N'estas lutas, o primeiro trovador conhecido, Guilherme IX, duque de Aquitania, era do partido de D. Urraca, querendo que Affonso Raymundes, ainda seu parente, fosse o herdeiro de Affonso VI.[1] Desde 1122 o infante da Galliza começou a denominar-se Affonso VII; o triumpho sobre o rei de Aragão, que aspirava pelo casamento com D. Urraca ao throno de Castella e de Leão, fez com que D. Tareja em paga da sua adhesão ás pretensões da Galliza ficasse com o Condado de Portugal, em segurança pelo menos até á morte de sua irmã em 1126. Um anno antes, em 1125, o filho de D. Tareja, D. Affonso Henriques, armava-se cavalleiro aos quatorze annos, diante do altar de S. Salvador em Samora, e n'este mesmo dia seu primo Affonso Raymundes (Affonso VII) vestia as armas no altar de S. Thiago em Compostella. Era d'este acto analogo que havia de nascer a independencia do Condado de Portugal, que tendia a emancipar-se do reino de Castella e Leão; em 1140 toma Affonso Henriques o titulo de rei, servindo-se das armas e do perstigio de Roma contra as pretensões de Affonso VII.

Emquanto duraram estas lutas um trovador provençal, que frequentava a côrte de Affonso VII, viera tambem a Portugal, em dias mais propicios. Chamava-se Marcabrus, e pertencia ao ramo da Gasconha, da escola poetica da Aquitania. A sua visita á côrte portugueza seria talvez em consequencia da paz do novo estado com Affonso VII. D'este trovador, que em um antigo manuscripto traz a seguinte rubrica «o primeiro de todos os trovadores,» diz Fauriel: «Nasceu, segundo a maior probabilidade, por 1120; é certo que viveu até 1147, porque d'elle ha composições allusivas a acontecimentos d'esse anno. Frequentou as côrtes christãs d'áquem dos Pyrenéos, *nomeadamente a de Portugal, e é o unico dos trovadores positivamente conhecido por ter visitado esta ultima.*»[2] Em uma canção de Guerau de Cabrera cita-se a influencia da escola da Gasconha na Peninsula, e allude-se ao trovador Marcabrus:

Non saps balar,
ni trasgitar,
a guisa de juglar guascon,...
....
non cug que't pas sotz lo guingnon
de Markabrun
nin de negun.[3]

Um dos motivos que chamaria os trovadores a Portugal seria o publicar-se, que os cavalleiros e homens de armas que fossem defender a Extremadura e especialmente Leiria, gosariam as mesmas graças como se fossem á Palestina, e seus peccados seriam remidos como se morressem em Jerusalem.[4] Os trovadores eram um dos grandes instrumentos das Cruzadas; Marcabrus, que prégara com os seus versos a cruzada de Luiz VII, não podia deixar de acudir a este appello. A sua vinda a Portugal deve presumir-se portanto depois de 1142. A luta entre os Almoravides com os Almohades em Africa e com os Arabes em Hespa-

[1] Herculano, *Hist. de Portugal,* t. I, p. 265.
[2] *Hist. de la Poésie provençale,* t. II, p. 6.
[3] *Lo Libre dels poetas,* collecç. de Pelay Briz, p. 24. Barcelona, 1868.
[4] Herculano, *Hist. de Portugal,* t. I, p. 340.

nha, fez com que D. Affonso Henriques fosse alargando para o sul as fronteiras do novo estado. As pequenas potencias das costas do Mediterraneo, provençaes e italianos, levados pela necessidade de protegerem os almoravides, alliaram-se a Affonso VII para formarem uma liga contra o novo poder dos Almohades. O trovador Marcabrus incitou os monarchas para esta cruzada; elle tambem cita o rei de Portugal em uma das suas canções:

«Imperador, eu agora sei por mim mesmo quanto cresce o vosso denodo. Eu apresseime em vir, e alegro-me em vêr-vos alimentado de prazer, elevado em gloria, florente de mocidade e de cortezania.

«Pois que o filho de Deus vos requer, para o vingar da raça de Pharaó, rejubilae-vos.

«E se aquelles das partes de alem não morrem nem pela Hespanha, nem pelo Sepulchro, compete a vós tomar o partido, sacudir os sarracenos, abater o seu orgulho. Deus será comvosco no momento decisivo.

«Falta soccorro aos Almoravides, por culpa dos senhores das partes de álem, que se puzeram a urdir certa trama de inveja e de iniquidade. Mas cada um d'elles se lisonjêa de fazer-se absolver na sua morte da parte que lhe pertence na obra.

«Deixemos então deshonrar-se aquelles das outras partes das montanhas, esses barões que amam o descanso, e as doçuras da vida, os leitos moles e os bons somnos; e nós d'este lado, respondendo ao appello de Deus, reconquistemos a sua honra e a sua terra.

«Folguem muito entre si, esses deshonrados que se dispensam da santa peregrinação, e eu lhes digo, que um dirá virá em que lhes será preciso saír dos seus castellos; mas sairão com os pés para diante e a cabeça para traz!

«Que o Conde de Barcelona persista na sua resolução com o *Rei de Portugal* e o da Navarra, immediatamente iremos plantar os nossos pavilhões sob os muros da imperial Toledo, e destruir os pagãos que a guardam.»[1]

N'esta cruzada figuraram sob a direcção de Affonso VII, Guilherme de Baux, senhor de Marselha, Guilherme IV, de Montpellier, e a viscondessa Ermengarda de Narbona. D. Affonso Henriques tomando parte n'ella, teve occasião de conhecer a organisação das republicas italianas. Em 1146, casou este monarcha com D. Mafalda ou Mathilde, filha de Amadeu II, conde de Mauriana e Saboya; descendente tambem da casa de Borgonha por seu pae o Conde D. Henrique, seria o parentesco com a casa de Mauriana que o levaria a effectuar esse casamento.[2] A Saboya, nas antigas divisões de Augusto pertencia á Provença, e tambem na Provença foi comprehendida a Borgonha, depois das cruzadas. O facto d'este casamento, explica-nos como por via da Italia se propagou a Portugal a poesia da Provença. Quando Raymundo Berenger fôi a Turin prestar homenagem a Frederico Barba Roxa, acompanharam-no os trovadores Arnaldo Daniello, Geoffroy Rudel, Pierre de Vernegues, Elias Barjols, Guillaume de Sain Didier, Guillaume Adhemar e outros muitos.[3] Temos uma contraprova d'esta influencia italiana, no trovador Peire Vidal, que residiu uma grande parte da sua vida na Alta Italia, e em Genova; elle deixou nos seus versos a prova de ter residido em Portugal, na côrte de D. Sancho I. A rainha D. Mafalda (Mahaut), ao vir para Portugal, trazia, como todas as princezas, trovadores no seu séquito; era na Italia que D. Affonso Henriques e seus successores compravam os navios com que atacavam os arabes do Algarve; foi da Italia que se propagou tambem a Portugal o espirito das revoltas communaes, das nossas cartas foraleiras. Com a vinda de D. Mafalda fixaram-se em Portugal bastantes nobres italianos; nos Nobiliarios encontramos o nome de *Podestade* em varias familias. No *Livro velho das Linhagens,* acha-se o nome de Alvaro Fernandes *Podestade,* cuja neta veiu a casar com um filho bastardo de el-rei D. Sancho.[4] O nome de *Podestat,* era derivado do cargo electivo de dictador adjunto ao governo municipal;[5] quando as instituições municipaes italianas penetravam no sul da França, é certo que a esta corrente das garantias communaes obedeceram D. Sancho II e D. Affonso III, com a creação dos numerosos Foraes portuguezes.

É provavel que Marcabrus acompanhasse o séquito de D. Mafalda em 1146; nos seus

[1] Fauriel, ib., p. 147. Eis esta ultima strophe em provençal:

> Ab lavador de *Portegal*
> E del rei navar atretal,
> Ab sol que Barsalona is vir
> Ver Toleta l'emperial
> Segur poirem cridar reial
> E paiana gen desconfir.

[2] Herculano, *Hist. de Portugal,* t. I, pag. 363.
[3] Pitton, *Hist. de la Ville d'Aix,* liv. II, cap. IV; Baret, *Troubadours,* p. 192.
[4] *Portug. Mon. hist.,* (Scriptores), t. II, p. 145 e 260.
[5] Augustin Thierry, *Hist. du Tiers-Etat,* p. 288. (Ed. 1868.)

versos elle exalta D. Affonso Henriques.[1] O regresso dos estudantes portuguezes das universidades de Bolonha, Tolosa e París, era tambem um vehiculo para o conhecimento da nova poesia. Porém um elemento que mais devêra ter contribuido para essa diffusão seria a chegada dos cavalleiros cruzados, de ordinario trovadores, que vieram ajudar D. Affonso Henriques na tomada de Lisboa. Em 1146, Luiz VII, a quem escrevêra o trovador Marcabrus, tomou a insignia de Cruzado, e com elle os mais inclytos cavalleiros francezes; ajuntou-se-lhe Conrado III da Allemanha, e dirigiram-se para a Asia por terra. Os cavalleiros do Rheno inferior e da Frisia e as tropas de Colonia dirigiram-se para Inglaterra, onde no porto de Dartmouth estava surta uma armada de duzentas vélas flamengas e inglezas que haviam de transportar os Cruzados de Flandres, de Lorena, de Inglaterra e da Aquitania, que se haviam desmembrado de Luiz VII para irem por mar. Esta armada de mais de treze mil homens dirigiu-se para o norte da Peninsula, vendo-se obrigada pela tempestade a aportar e juntar-se na foz do Tambre, na Galliza. Ali os cruzados celebraram a festa do Pentecostes no sanctuario de S. Thiago de Compostella. Bastava este facto para deixar em evidencia a causa por que a Galliza recebeu a poesia provençal de uma maneira differente da Catalunha e do Aragão. Esta mesma armada, commandada pelo Conde Arnolfo de Areschot, aportou ao Douro a 16 de junho de 1147, e dias depois foi sitiar Lisboa, para ajudar o combate que lhe dava por terra D. Affonso Henriques.

N'este mesmo anno dera-se a tomada de Santarem, e o ecco d'este feito estrondoso conservou-se em uma composição do *Cancioneiro da Ajuda*, (n.º 119, das *Trovas e Cantares)* cujo estribilho tem um grande valor historico:

A mais fremosa de quantas vejo
en Santarem, e que mais desejo,
e en que sempre cuidando sejo,
non cha direi, mas direi commigo:
Ay Sentirigo! ay sentirigo
al e Alfanx e al sesserigo!

Os nomes usados n'este estribilho concordam plenamente com uma Relação da tomada de Santarem, especie de poema em prosa, que refere todas as circumstancias da ousada empreza de D. Affonso Henriques.[2] Depois que a hoste do rei portuguez saltou aos muros da fortaleza, succedeu-se um repentino estrepito de armas e de gritos, que se não conheciam no tumulto; o rei mandou atacar pelo lado direito ainda hoje chamado *Alphan,* e Gonçalo Gonsalves sustentou o ataque pelo lado esquerdo, impedindo o soccorro ao bairro ou arrabalde externo de *Senterigo* ou *Sesserigo.*[3] Assim o estribilho da cantiga do *Cancioneiro da Ajuda* parece ser uma lembrança não remota de um *grito de guerra* usado pelos cavalleiros portuguezes em 1147, lembrança que se apagava, como se vê por este outro estribilho da canção 120 (ed. *Trov. e Cant.)*:

Pero eu vejo aqui trobadores,
senor e lume d'estes olhos meus,
que troban d'amor por sas senores,
non vej'eu aqui trobador, par deus,
que m'oj'entenda o porque digo:
—Al e *Alfanx* e al *Sesserigo!*

O poema em prosa é attribuido ao proprio D. Affonso Henriques, e esta tradição basta

[1] En Castella et en *Portugal*
No trametré aquestas salutz;
Mas Deos los sal
Et en Barcelona atretal
E neis las valors son perdutz.
(Ap. Baret, op. cit., p. 192.)

[2] Póde ver-se na *Monarchia lusitana,* Part. III, Escr. 20, e nos *Port. Mon. hist.*

[3] No poemeto em prosa se lê: «Tanta deinde secuta est confusio vocum ut utrarumque partium, ut nulla possit notari discretio. Aio ergo meis, feramus auxilium sociis, *teneamus dextram, si poterimus ascendere per Alphan*, et Gundisalvus Gundisalvi cum suis sinistram, ut praeoccupet callem, que venit de SETERIGO, ne portae aditus ab illis praeoccupetur...» Como já observámos, ainda hoje se conserva o nome de *Alfão;* em um documento dos Templarios, de 1159, o nome de *Sesserigo,* designava ainda o arrabalde que modernamente se chama a Ribeira de Santarem: «illa ecclesia de S. Jacobi, quae est in *suburbio de Sesserigo...» (Elucidario,* vb.º Templarios.) Esta palavra concorda com a descripção de Edrisi: «Chantarin est une ville bâtie sur une montagne très haute, au midi de laquelle est une vaste enfoncement. Il n'y a point de murailles mais au pied de la montagne *un faubourg bâti sur le bord du fleuve.»* (Trad. Jaubert, vol. II, p. 29.) Quanto ao poema em prosa, talvez primitivamente em verso e deturpado n'essa fórma pelos copistas, foi combatido como apocrypho por Fr. Joaquim de Santo Agostinho (*Mem. de Litt. da Academia,* t. V, p. 316), com rasões que Herculano não acceitou, suppondo a redacção em um latim superior ao dos documentos dos seculos XII e XIII, mas ainda assim verdadeiro na sua origem. (*Hist. de Portugal,* t. I, p. 504.)

para nos provar o gosto litterario do monarcha para dar protecção aos trovadores que visitavam a sua côrte. A fórma latina d'este poema, e a descripção da tomada de Lisboa no *Carmen Gosuinum*, revelam-nos como a cultura latina começava muito cedo a obstar ao desenvolvimento do dialecto vulgar, e estabelecia o desprezo pelas tradições populares.

Depois da tomada de Lisboa, alguns cruzados não seguiram para o Oriente, e fixaram-se em Portugal; Jourdan estabeleceu-se na Lourinhã, Alardo em Villa-Verde, e Guilherme de Cornes ajudou a povoar Athouguia com os seus homens de armas. No *Cancioneiro da Vaticana* (n.º 1181) ha um apodo contra um descendente d'este ultimo cruzado.[1] Em 1157 veiu a Portugal outra armada de Cruzados, commandada por Thierry de Flandres. As prosperidades do fundador da monarchia faziam com que outros soberanos procurassem a sua alliança; e Raymundo Berenger, um dos grandes protectores dos trovadores, procurou casar seu filho com D. Mafalda, filha de Affonso Henriques. Realisou-se o contrato em 1160, não se effectuando por fallecimento da infanta; comtudo a boa avença em que estavamos com a corôa de Aragão fez com que essa fusão se renovasse pelo casamento do principe D. Sancho com D. Dulce, filha do Conde de Provença. É portanto n'este tempo que os trovadores Gavaudan o Velho, Peire Vidal, e segundo Baret, Cercamons e Peire Valeira se referem a Portugal, ou visitam este paiz. Nos Nobiliarios começam a apparecer os nomes de fidalgos portuguezes conhecidos pelo epitheto de *trobador*, e outros já se tornam conhecidos pelo seu talento poetico nas côrtes peninsulares, como João Soares de Panha[2].

Uma canção de João Soares de Panha (n.º 937), «*al rey dom Sancho de Navarra, por que lhi roubar tensa forom*» pelos successos historicos a que allude, mostra-nos que este trovador pertencia ainda ao fim do seculo XII. O monarcha a quem dirige a cantiga de maldizer era Sancho VI o Forte, cunhado do trovador Ricardo Coração de Leão, rei de Inglaterra, cuja tradição cavalheiresca se conservou tambem nos cantos dos trovadores peninsulares[3]. Sancho VI começou o seu reinado alliando-se com o Emir de Marrocos contra a guerra que lhe moviam os reis de Aragão e de Castella. Emquanto Sancho VI esteve na côrte do Emir em Sevilha, a Navarra ficou exposta á invasão dos reis de Leão e de Castella (1200) e o rei de Aragão havia posto cêrco a Pampelona e a Estela. A estes factos allude o trovador portuguez João Soares de Panha, que soffreu as consequencias das invasões, «*por que lhi roubar tensa forom e nom lhi deu el rey ende dereyto.*» Á demora de Sancho VI na côrte do Emir, allude o primeiro verso da canção:

Ora faz est'o senhor de Navarra,
poys em Proença est él rey d'Aragon,
non lh'am medo de pico nem de marra...

No Nobiliario do Conde D. Pedro acha-se a lenda de D. Diogo Lopes de Haro e da Dama pé de cabra; este vassallo do rei de Castella revoltou-se e veiu ajudar á independencia dos

[1] *Martin de Cornes* vi queixar
de sa molher, a gram poder,
que lhi faz hy a seu cuydar...

[2] A lenda poetica do trovador Egas Moniz Coelho não é menos bella e ficticia do que aquellas com que Nostradamus e o Monge das Ilhas de Ouro embellezaram a vida de muitos trovadores provençaes. Conta-se que Egas Moniz, primo do celebre ayo de Affonso Henriques, amava uma dama da rainha D. Mafalda, chamada D. Violante. O cavalleiro trovador tendo de ir a Coimbra escreveu á sua dama uma formosa canção de despedida; na ausencia Violante casou com um cavalleiro castelhano a instancias da rainha. Egas Moniz regressou á côrte e encontrou a sua dama já casada; escreveu então a segunda canção inspirado pela tristeza e pelo despeito e morreu de amores. Violante vendo quanto perdêra envenenou-se. (Vid. *Cancioneiro popular*, p. 5 a 7). Miguel Leitão Ferreira foi o primeiro que publicou estas canções (*Miscellanea*, Dialogo XVI, p. 458), dizendo haverem sido encontradas em um manuscripto que apparecêra no tempo de D. Sancho I, na tomada do castello de Arunce. Estas circumstancias imaginosas accusam a invenção novellesca; as duas canções existiam, como observa Ribeiro dos Santos no Cancioneiro do dr. Gualter Antunes, e tanto pela letra como pelo estylo litterario essas composições pertencem na realidade ao principio do seculo XV.

[3] Em uma canção travada entre Pero da Ponte e Affonso Eannes de Cotom, jograes da côrte de Affonso IX de Castella e de Leão, e que viveram na côrte de Affonso III de Portugal, allude-se ainda á valentia de Ricardo Coração de Leão:

Pero da Ponte, se dês vos perdon'
non faledes mais em armas, ca non
non está bem, esto sabe quem quer.
Affonso Eanes, filharey en don,
verdade vos ay *Cór de Leão,*
e faça poys cada quem seu mister.

(CANC., n.º 556.)

navarros. A canção de João Soares de Panha refere com escarneo a inefficacia do cêrco do rei de Aragão:

> Se lh'o bon rey varrel-a escudela
> que de *Pamplona* oystes nomear,
> mal ficará aquest'outro em *Todela,*
> que al non ha a que olhos alçar;
> que verrá hi o bon rey sejornar,
> e distinge a ca burgo de *Estella,*
> e veredes Navarros acerar,
> e o Senhor que os todos caudela.

No meio das lutas com os outros monarchas, Sancho VI, conhecido tambem pelo nome de *Encerrado,* viveu o resto de seus dias fortificado no seu castello de Tudela, e d'ahi lhe veiu o epitheto; na canção de João Soares se allude a esta circumstancia:

> Quand'el rey sal de *Todela,* estrea
> el essa oste e todo o seu poder,
> ben soffren hy de travalho e de pêa,
> ca van a furt'e tornam-s'en correr;
> *guarda-s'el rey, como é de bon saber,*
> *que o non filhe luz en terra alhea,*
> *e onde sal hy ss'ar torna a jazer*
> *ao jantar ou senon aa cea.*

Esta canção 937, alem dos factos historicos do reino de Navarra a que allude, e cujas fontes historicas são diminutissimas,[1] vem-nos precisar a epoca em que floresceu este antiquissimo trovador portuguez, separando-o assim de outros homonymos. Pela marcha dos successos politicos a Navarra, depois da morte de Sancho VI (1234), tendeu a ser absorvida pela França, e assim termina aqui a sua influencia nas transformações da peninsula.

O nome de João Soares de Payva acha-se citado nos antigos Nobiliarios portuguezes do seculo XIII e XIV. Antes de se descobrirem os nossos Cancioneiros provençaes, Manuel de Faria e Sousa ao fazer uma edição d'este cadastro da nobreza portugueza, achou ahi os nomes de seis trovadores, entre os quaes figura João Soares de Paiva. Diz elle: «de modo que las personas principales de que al Conde Don Pedro vino a lanse hazer memoria, apparecen en este libro seys poetas de casi 400 annos de antiguidad unos, e mas de trescentos, otros.»[2] De facto, nos Nobiliarios acham-se com o titulo de «*que foi Trobador, que trobou bem, e Trobador e mui saboroso,* os seguintes fidalgos: João de Gaia,[3] João Soares de Paiva,[4] Fernão Garcia Esgaravinha,[5] Vasco Fernandes de Praga,[6] João Martins,[7] e Estevam Annes de Valladares.[8] Alguns d'estes trovadores pertencem ao fim do seculo XIII, como João Martins, que n'uma doação de D. Marinha Affonso, viuva do trovador D. João de Aboim, ao abbade de Alcobaça em 1228, assigna como testemunha: «Joanne Martini *Trovatore,*»[9] e em outro documento da mesma epoca: «João Martins *Trovador,* alvasil de Santarem.»[10] Outros, como João de Gaya, pertencem ao meado do seculo XIV.

O trovador verdadeiramente da primeira metade do seculo XII é João Soares de Pavha, cujo nascimento se póde fixar depois de 1139. No *Livro velho das Linhagens* se lê ácerca d'este trovador: «O sobredito Soeiro Ayres des que se lhe foy Elvira Nunes com Mem de Sande, casou com uma infante da Galliza e fege nella *João Soares,* que foy *boo trobador.*»[11] Esta tradição parece pertencer a um João Soares de Payva, cuja homonomya explicaremos pelo syncretismo d'esta mesma tradição conservada pelo Marquez de Santillana. Portanto ao antigo trovador que esteve na côrte do rei de Navarra Sancho VI, pertencem rigorosamente estas noticias do *Nobiliario:* «E este Dom Soeiro Paes, de alcunha o Mouro por sobrenome, era muy boo mancebo e muito apôsto e bem fidalgo assaz e entendia com Dona Orraca Mendes, mulher de Don Diogo Gonsalves... que outrosi era muy manceba e mui fermosa...

[1] Rossew Saint-Hilaire, *Hist. d'Espagne,* t. IV, p. 56.
[2] Notas de Manuel de Faria e Sousa ao *Nobiliario do Conde D. Pedro,* Plana 120, n.º 18.—Vid. Planas 137, n.º 8; 244 e 279.
[3] *Fragmento do Nobiliario do Conde D. Pedro,* p. 272. Citamos sempre a edição de Herculano, *Portugaliæ Monumenta* (Scriptores)
[4] *Livro velho das Linhagens,* p. 166; *Frag. do Nob. do Conde D. Pedro,* p. 208; *Nobiliario do Conde D. Pedro,* p. 352 e 297.
[5] *Frag. do Nob. do Conde D. Pedro,* p. 192 e 290.
[6] *Nob. do Conde D. Pedro,* p. 349.
[7] *Nob. do Conde D. Pedro,* p. 302.
[8] Ibid., p. 199.
[9] Brandão, *Monarchia lusit.,* Part. V, p. 185.
[10] Ibid., t. V, p. 372.
[11] *Mon. hist.,* (Scriptores), p. 166.

e quando soube que seu marido fôra morto na batalha que el rei Dom Affonso o primeyro rey de Portugal ouve com os mouros no campo de Ourique, non leixou porem de casar com Dom Soeiro Mouro... e fez com ella *Joham Soares o Trovador*... Este João Soares foi casado com Dona Maria Annes, filha de Dom João Fernandes de Riba d'Avisella....»[1] Portanto o nascimento de João Soares o trovador seria poucos annos depois de 1139, em que foi a batalha de Ourique, e sendo de 1204 a canção de João Soares de Pavha (n.º 937), do *Cancioneiro da Vaticana,* allusiva ao cêrco de Pamplona e de Estella, vê-se que elle estava no vigor poetico, e que pela sua antiguidade é que ficou a tradição do seu talento, mas se perderam as suas obras.

O Marquez de Santillana descrevendo o celebre Cancioneiro portuguez que vira na sua mocidade em casa de sua avó D. Mecia de Cisneros, refere-se a um outro João Soares de Pavia, ou de *Pavha*, colligindo a seguinte tradição: «Avia otras (obras) de João Soares de Pavia, el qual se dice *aver muerto en Galicia por amores de uma infanta de Portugal.*» Evidentemente o João Soares, que nasce dos amores de uma infanta da Galliza, ou que morre pelos amores de uma infanta de Portugal na Galliza, é sempre o mesmo individuo, como o prova o syncretismo da tradição primitiva. A distincção d'estes trovadores estabelece-se não só pela differença do nome de *Panha* e *Payva,* mas pelos successos historicos que levaram este ultimo trovador a fugir de Portugal refugiando-se na Galliza. Vamos ver as lutas que preludiaram a grande batalha das Navas de Tolosa, onde estabeleceremos a personalidade historica d'este trovador.

Um dos trovadores da escola da Gasconha, que allude á dissidencia dos reis da Peninsula em 1210, dissidencia que provocou a terrivel batalha de Navas de Tolosa em 1212, é *Gavaudan o Velho;* a influencia provençalesca continuava-se em Portugal pelo casamento de D. Sancho II, em 1178, com D. Dulce, filha de Raymundo Berenger IV, conde de Provença e rei de Aragão. A necessidade de se defender contra a invasão do rei de Castella fez com que o monarcha portuguez se alliasse com o reino de Aragão; assim os trovadores que frequentavam aquella côrte visitavam confiadamente Portugal. Um dos trovadores conhecidos que incita o monarcha portuguez para a cruzada contra os sarracenos é Gavaudan. Diz elle:

Non laissem nostrus heretatz
Pusqu'as la gran fé en assis,
A cas negres outramaris,
Q'usquecx ne sia perpassatz,
Enans qu'el dampnatge nos toc;
Portugals, Gallics, Castellas,
Navars, Arragones, Ferras,
Lura ven en barra gequitz
Qu'els an rahuzatz et unitz.[2]

Este canto de Gavaudan tinha por fim incitar os monarchas christãos contra o exercito de cento e sessenta mil homens com que Mahomed El Nassir partira de Africa, chegando a Sevilha em 1210: «Não entreguemos, nós, firmes possuidores da grande lei, não entreguemos as nossas heranças a esses negros cães ultramarinos; não esperemos que elle nos assalte; os *Portugalezes*, Gallegos, Castelhanos, Navarros, Aragonezes, Ferrarezes, que eram para nós como uma barreira avançada, agora são derrotados e ultrajados.»[3] Mohamed proclamou do seu lado o *aldjihed,* o grito da guerra santa, que os bispos de Nantes e de Narbona tambem repetiram alvoroçando os habitantes da França meridional. Á voz de Innocencio III, accudiram tambem os cavalleiros da Allemanha e da Italia. Em maio de 1211 Mohamed reunira completamente todo o seu exercito em Sevilha; *Maio* era a epoca em que se recomeçavam as batalhas fronteiriças, e nas alcavalas antigas *cavallo de Maio* era o tributo para a guerra contra os mouros, assim como na poesia popular *campo que se lavra em Maio* era o logar bom para dar batalha.[4] Segundo Lucas de Tuy e Rodrigo Ximenez os exercitos christãos reuniram-se para a batalha das Navas em Toledo em maio; Portugal mandou o infante D. Pedro,[5] e os aragonezes chegaram pelo Pentecostes. Uma canção do trovador Pero Barroso (n.º 1055), chasquêa um cavalleiro que não quiz concorrer a esta cruzada em que por um momento todas as monarchias da peninsula se congrassaram:

Chegou aqui Dom Joam
e veo muy ben guisado,

[1] Ibid., p. 336 e 352.
[2] Raynouard, *Choix de Poésies des Troubadours,* t. IV, p. 86 e 87.
[3] Ap. Fauriel, *Hist. de la Poésie provençale,* t. II, p. 155.
[4] *Cantos populares do Archipelago açoriano,* n.º 147.
[5] Rosseew Saint-Hilaire, *Hist. d'Esp.,* t. IV, p. 60.—Adiante fallaremos d'este trovador desconhecido.

pero *non veo ao Mayo*
por non chegar endoado,
demos-lhi nos uma Maia
das que fazemos no Maio...
Por que veo ben guisado
com tenda e com reposte,
pero *non veo ao Mayo*
nem veo a *Pindecoste*...

Como acima vimos, D. Affonso II tomou parte n'esta cruzada, resultando-lhe a protecção do rei de Castella e terminando a hostilidade do rei de Leão; os seus guerreiros voltaram immediatamente para Portugal, e sem se preoccupar com as consequencias d'esta guerra que enfraquecia para muito tempo o dominio arabe, D. Affonso II veiu expoliar suas irmãs da herança de D. Sancho I seu pae. Uma canção em estylo popular, (n.º 79) composta por *El rei D. Affonso de Castella e de Leão,* allude a este crime do monarcha portuguez:

Quem *da guerra levou cavaleyros*
e a sa terra foy guardar dineyros,
non ven al Mayo!
Quem da guerra se foy con maldade
a sa terra, foy *comprar erdade,*
non ven al Mayo!

O facto de ser esta canção assignada por *El rei D. Affonso de Castella e de Leão* mostra-nos que ella se dirigia evidentemente ao rei de Portugal. No *Cancioneiro da Vaticana*, encontram-se dezenove composições (n.ºs 61–79) sob a rubrica *Elrei Dom Affonso de Castella e de Leom.* Quem reuniu estas duas corôas foi Affonso IX rei de Leão, pelo casamento com Dona Berenguella, infanta de Castella, em segundas nupcias. As relações d'este monarcha com Portugal provieram do seu primeiro casamento com Dona Thereza; d'este primeiro casamento teve duas filhas, D. Sancha e D. Dulce, nomeando-as successoras do seu throno contra os direitos do filho D. Fernando, o Santo. A canção 79, em que chasquêa o companheiro de armas que *não vem al Maio,* refere-se indubitavelmente a D. Affonso II de Portugal, que se retirára depois da batalha das Navas de Tolosa, para vir desapossar suas irmãs da herança de D. Sancho I, que lhes pertencia.

Eram então os principaes trovadores Pero da Ponte, Affonso Eanes de Cotom, Bernaldo de Bonaval e Citola; era já celebre o Cancioneiro de versos eroticos, o *Livro dos Sons,* que possuia o Dayão de Cales; a poesia resentia-se de uma grande dissolução dos costumes, e era bastante obscena. O proprio Affonso IX escreveu n'este estylo, que hoje mais nos revela o viver intimo da sociedade do fim do seculo XII, e conservou o nome das damas mais afamadas pela sua desenvoltura, taes como Maria Balteyra, Mayor Cotum, «e Alvela, a que andou em Portugal.» (n.º 64). A epoca de Affonso IX, em que se dá o desenvolvimento da poesia provençal em Castella, comprehende de 1188 a 1229; as canções que restam d'este monarcha são puro portuguez dionisiano, signal de que effectivamente era esta a lingua litteraria de toda a peninsula.[1] As poesias de D. Affonso IX começam por um fragmento, e têm a rubrica *Desunt;* as composições que existiam no manuscripto truncado, e que occupavam o logar intermedio á canção 60 de Vaasco Peres e á 61, fragmento de Affonso IX, podem hoje ser indicadas pelo indice do autographo de Colocci; seguiam-se n'este intervallo, duas canções de Pero Vyviaens, duas canções de Bonifacio Calvo, trovador genovez, e mais uma canção de Vaasco Peres (existem trez no Cod. da Vaticana, e quatro no de Colocci) uma canção de D. Garcia Mendes de Eixo, outra do conde D. Gonçalo, (ou ao conde D. Gonçalo, em casa de Rodrigo Sanchez, per Coderniz). Depois d'estas é que se seguem 19 canções de D. Affonso rei de Castella e de Leão, no codice da Vaticana; porém no codice de Colocci seguiam-se quarenta e uma canções, attribuidas a dois monarchas, 11 ao rei D. Affonso de Leão com a seguinte nota: «*Bembo dice d'Aragone, figlio de Berenghieri, alia lectio ẽ Portugal Rey don Sancho deponit.*» N'este caso estas onze poesias perdidas pertenciam a D. Affonso III, que em Portugal deposera seu irmão D. Sancho II. O segundo grupo constava de trinta canções attribuidas al rey D. Affonso de Castella et de Leon; é d'este que se conservam ainda 19 no codice da Vaticana a contar depois da rubrica *Desunt.* Por este confronto dos logares truncados do codice da Vaticana vemos primeiramente, que el rei D. Affonso III, que tanto desenvolveu a poesia provençal na côrte portugueza, era tambem trovador; nem de outra fórma se póde explicar a sua fama na côrte poetica de S. Luiz, e a decidida protecção que deu aos trovadores portuguezes durante o seu reinado, e a educa-

[1] No livro dos *Trovadores galecio-portuguezes,* sob a interpretação do sr. Varnhagen, confundimos algumas vezes as composições d'este monarcha com as de Affonso XI.

ção litteraria que soube dar a seu filho D. Diniz. Por outro lado vê-se pelo confronto do livro de Bembo, e do *lemosino* de Colocci, que existiam ainda no seculo XVI alguns dos Cancioneiros parciaes, que serviram para formar a grande collecção da Vaticana. Nem só a canção de Pero Barroso lança o stigma contra os que não vieram á cruzada das Navas; outros trovadores increparam o monarcha portuguez, que abandonou a cruzada contra os mouros para saciar a voracidade com que disputava a herança de suas irmãs. No seculo XIII ainda os trovadores eram a alma revolucionaria da Europa; apostolavam a liberdade e faziam com que os reis se despedaçassem. No longo poema provençal intitulado *Historia da Cruzada contra os Albigenses*, começada a escrever em 1210 por um supposto jogral chamado Guilherme de Tudele, e acabado em 1219, ahi se condemna a luta esteril dos reis D. Affonso II de Portugal e Affonso IX de Leão. O poeta elogiando o infernal Simão de Monfort e Guilherme de Encontre, que exterminaram a França municipal do sul, diz no cantar XXXVII, a começar do verso 857: «que se os reinos de Portugal e de Leão tivessem chefes eguaes áquelles, seriam incomparavelmente melhor governados do que são por *estes insensatos marotos que ali são reis, e que para elle trovador não valem um botão.*» A este proposito diz Fauriel com o seu grande tino critico: «Não se sabe bem explicar esta tirada que ali rebenta tão vivamente e fóra de proposito. Mas o certo é, que pelo tempo em que escreveu o nosso poeta, Portugal e o reino de Leão andavam agitados por *discordias civis bastante escandalosas;* e ha sobejos motivos para ver que o nosso trovador tinha, como tantos outros, passado os Pyreneos, visitado os reis christãos da Peninsula, e que ahi contrahira relações e affeições em virtude das quaes elle continuava a tomar interesse em tudo o que acontecia n'estes reinos de prospero ou de adverso. Em apoio d'esta conjectura vem directamente a allusão que acabo de dizer, faz o poeta á batalha das Navas de Tolosa, allusão em que o elogio do rei de Navarra apparece de uma maneira, que auctorisa a suppor n'isso motivos pessoaes.»[1] Se Gavaudan o Velho condemnára D. Sancho I mostrando a sua pouca força contra o ataque de Mahomed El Nassir em 1210, em 1212 Guilherme de Tudele stigmatisava a velhacaria de D. Affonso II que espoliava suas irmãs, resultando d'esse acto uma ligeira guerra civil. Alguns fidalgos portuguezes defenderam as infantas, que estavam cercadas no castello de Monte-Mór por D. Affonso II; uma lenda ácerca da morte de Martim Annes de Riba d'Avisella conserva-se no Nobiliario do Conde D. Pedro,[2] e com certesa a lenda da morte do trovador João Soares de Pavha na Galliza *por amor de uma infanta de Portugal,* tal como a conservou o Marquez de Santillana, significa o facto historico, de que este trovador seguira o partido das infantas, e sendo vencido se refugiára na Galliza onde morreu. João Soares de Pavha estava apparentado com a familia de Riba d'Avisella: «E D. Maria Annes, filha de D. João Fernandes de Riba d'Avisella e de D. Maria Soares, e neta de D. Soeiro Mendes o Gordo, de gança, foi casada com *João Soares de Pavha o trovador.*»[3] Isto prova a realidade da lenda, como se vê pelo fio historico.

É muito natural que o desenvolvimento da poesia provençal se paralysasse em Portugal com o exterminio dos Albigenses. De 1210 a 1219 foram perseguidos pelo fanatico Simão de Monfort e pelo Papa, que com a mão da monarchia esmagava a França communal. Pelas atrocidades commettidas contra os indefesos Albigenses os trovadores refugiaram-se na Italia, por causa das suas instituições communaes. A Lombardia era a que melhor comprehendia a vida dos trovadores; Affonso IX de Castella e Leão allude a estas relações:

> E diss': esta é a medida de Espanha,
> cá non de *Lombardia,* nem d'Allemanha... (n.º 64).

Nos cantos populares portuguezes a Lombardia é ainda um ponto d'onde se filiam tradições, como o *Duque de Lombardia.*[4] O dialecto de Genova, por effeito d'esta emigração dos trovadores, approximou-se bastante do francez, a ponto de ainda hoje se notar uma certa homogeneidade nos monumentos escriptos.[5]

Esta corrente foi o meio indirecto por onde, antes de D. Affonso III, communicamos com a Provença; essa influencia continuou-se ainda no reinado de D. Diniz, porque de Genova vinham os marinheiros para as nossas armadas. Na côrte de Affonso IX propagam-se os contos italianos ou *Noellaire.* Se trovadores que viveram na alta Italia e em Genova é que alludem nos seus cantos a Portugal como tendo-o visitado, no *Cancioneiro da Vaticana* exis-

[1] *Hist. de la Poésie provençale,* t. III, p. 369.
[2] Tit. XXVI.
[3] *Mon. hist.,* (Scriptores), t. II, p. 371.
[4] *Romanceiro geral portuguez,* n.º 40.
[5] Rathery, *Influence de l'Italie,* p. 12.

te a prova immediata de que esses cantos se repetiam em Portugal, e de que na lingua portugueza deixaram bastantes *italianismos.*

A communicação provençal por via da Italia não é um facto deduzido por provas indirectas; no *Cancioneiro portuguez*, de Angelo Colocci, as canções 449 e 450 pertenciam a *Bonifaz de Jenoa*, e pelo Indice que resta apenas d'este Cancioneiro perdido se vê que o erudito possuidor confrontára estas duas canções com o manuscripto dos versos de Bonifazio Calvo, de Genova, que pertencia ao cardeal Bembo. Eram de Genova os marinheiros contratados para as nossas frotas, e as relações com a Italia continuaram-se de modo que de Italia nos veiu o almirante Pezagno, para commandar as nossas galeras. A universidade de Bolonha era frequentada por alumnos portuguezes, e era tal o saber juridico da Italia, que mesmo ainda depois de fundada a universidade de Coimbra, os nossos principaes jurisconsultos, como João das Regras, eram formados na escola de Bolonha. Por outro lado, a tradição aristotelica na peninsula hispanica era tão viva por effeito dos ultimos restos da cultura arabe, que por nosso turno influimos nas escolas italianas com as *Summulas logicas* de Pedro Hispano. Dante colloca este portuguez no *Paraiso* (cant. XII) entre Sam Boaventura, Illuminato e Agostinho, Hugo de Sam Victor e Pedro Comestor «e *Pedro Hispano,* que brilha na terra com os seus doze livros.»

Dante cita tambem na *Divina Comedia* o trovador *Sordello,* e em uma canção de João Soares Coelho (n.º 1021) acha-se satyrisado o jogral Picandon pelo atrevimento com que cantava as canções de Sordello; o jogral defende-se, que para ser apreciado na côrte deve saber coplas e sirventesios perfeitos:

—Vedes, Picandon, sou maravilhado
eu d'en *Sordel*, que ouço entenções
muytas e boas, ey mui boos sões
como fuy en teu preyto tan errado;
poys non sabedes jograria fazer
porque vos fez per côrte guarecer
ou vós ou el dad'ende bom recado.
«João Soares, logo vos é dado
e mostral-vol-o-ey en poucas razões:
gram dereyt'ey de ganhar dões,
e de ser en côrte tan preçado
como segrel que diga, mui bem vês,
en canções e cobras e sirventês
e que seja de falimento guardado...

O nome de *segrel* revela-nos que este jogral é anterior á côrte de D. Diniz, que apodando aquelles que só cantam na sazão da flor, nunca lhes dá este nome, que especificadamente se encontra no Regimento da Casa de D. Affonso III.

Na linguagem de algumas canções tambem se encontram *italianismos,* que fortalecem a prova d'esta primeira influencia litteraria; taes são *Affam, aquesto, aquisto, aval, besonha, cajon, cambhar, color, cór, dolçor, demandar, guarrá, gradesco, guirlanda, ledo, leger, mensonha, mentre, nostro, pelegrin, podestade, remanyr, toste, vergonça,* etc. Por esta influencia se póde determinar uma das causas que levou a linguagem litteraria a afastar-se da corrente popular, e com o exercicio das versões latinas a admittir um grande numero de vocabulos directamente tomados do latim urbano.

No *Cancioneiro da Ajuda* tambem se deparam algumas fórmas poeticas, que o Marquez de Santillana dá como caracteristicas da poesia portugueza, mas que hoje podemos provar que nos foram communicadas pela corrente italo-provençal; taes são as fórmas de *lexapren* e *mansobre.* Diz o citado Marquez na Carta ao Condestavel: «E aun d'estes (os Portuguezes) és cierto recebimos los nombres del Arte, assi como *Maestria mayor é menor,* encadenados, *lexapren* é *mansobre.*» A poesia provençal allemã apresenta tambem nos seus complicados artificios as fórmas de *lexapren* e de *mansobre*, introduzidas pelos trovadores Rudolf von Nenburg e Rudolf von Rotenburg, e Frederico Diez explica o caracter do lyrismo allemão pelas viagens dos trovadores á Italia.[1]

Como exemplo do *mansobre doble*, apresentamos a canção do *Cancioneiro da Ajuda:*

Pero m'eu ei, *amigos,* non ei neum *amigo*
con que falar ousass'a coita que comigo
ei, nem ar *ei* a quem ous'eu mais *dizer,* e *digo*
de mui bon grado querria a un logar ir
e nunca m'end'ar viir...[2]

[1] *Les Troubadours,* p. 259, trad. franc.
[2] Ed. das *Trovas e Cantares,* n.º 4, Madrid, 1849.

A fórma do *lexapren* (toma e larga) é mais frequente, por isso que consiste na repetição do ultimo verso da estrophe servindo de primeiro da estrophe seguinte:

Agora me part'eu muy sem meu grado
de quanto bem oje no mund'avia,
c'assy quer deus e mao meu pecado.
Ay, eu, de mays se me non val santa Maria,
d'aver coyta muyta tenh'eu guisado,
e rog'a deus, que mais oj'este dia
non viva eu se m'el y non consella.

Non viva se m'el y non consella
non viverei, nen é cousa guisada
ca poys non vir meu lume e meu espelho...[1]

A corrente italo-provençal é tambem evidente no gosto dos Contos, que começaram a ser repetidos nos ajuntamentos palacianos. Os jograes novellistas da Lombardia, fizeram sentir a sua influencia em Hespanha, como se vê na *Declaratio* de Giraud Riquier, onde são condemnados com o nome insultuoso de *Bufos*:

Hom los apel bufos
Co fa en *Lombardia,*
E silh c'ab cortezia
Et ab azaut saber
Se sabon cap tener
Entre las ricas gens
Per tocar esturmens
E per *novas contar,*
Antrus verso e cansos
O per dautres faitz bas,
E plazens per auzir
Podon ben possezir
Aquel nom de *joglar.*[2]

O trovador Ramon Vidal conta uma anedocta da vida intima da côrte de Affonso IX, por onde se revela o gosto communicado pelos trovadores da Lombardia nos *Noellaire:* «Um dia, el-rei Affonso de Castella, em cuja casa reinavam a boa e regalada vida, a magnificencia, a lealdade, o valor, a destreza e o manejo das armas e cavallos, tinha em seu palacio uma numerosa reunião de cavalleiros e jograes. Quando a côrte já estava completa, chegou a rainha D. Leonor, coberto o rosto com um véo, saudou o rei e foi sentar-se a alguma distancia d'elle. N'este momento um jogral se acercou silenciosamente do monarcha e disse: —Rei, imperador de valor, venho supplicar-vos me concedaes audiencia. O rei prohibiu que se interrompesse o jogral na narração que ia fazer. O jogral vinha da sua terra contar uma aventura que acontecera a um barão de Aragão, conhecido do rei, chamado Affonso Barbastro.—Eis aqui, disse o jogral, a desgraça em que o precipitaram os seus zelos. O jogral contou então a desgraça do barão aragonez e o rei disse-lhe:—Jogral, *tuas fabulas são agradaveis e formosas,* e tu serás bem recompensado; mas para te mostrar quanto me satisfizeste, quero que d'aqui em diante lhe chamem em minha côrte *El celoso castigado.*—Quando o rei acabou de fallar, não houve na côrte barão, cavalleiro, infanção ou donzella ou pessoa alguma que se não manifestasse encantada e satisfeita de taes fabulas, e que, elogianda-a, em altas vozes não manifestasse desejos de aprender de cór *El celoso castigado.*»[3] Este monarcha tão apreciador da fórma de *Noellaire* era tambem poeta, e como acima vimos teve relações com a côrte litteraria de Portugal. Sabendo-se a communicação dos Arabes com a Lombardia, e como foram os Arabes os propagadores na peninsula dos Contos orientaes, a fórma de *Noellaire* nos revela como os jograes acharam este veio tradicional que recebeu em Hespanha um grande desenvolvimento litterario. A influencia arabe tem duas manifestações, uma erudita sobre as classes illustradas, que abraçaram os requintes exteriores da sua civilisação; outra popular, que se descobre ainda nos costumes intimos, como os cantos do *Fado* (Huda), entoados á *guitarra* (quitára), ou as velhas *aravias* heroicas, as imprecações como *Oxalá* (Inschallah), emfim o culto de *Mahomed* em *S. Mamede,* e as designações de officios industriaes com *Alvener, Alfaiate, Alfageme, Calafate, Alveitar,* etc. Das relações com a sociedade arabe apresentam os Cancioneiros numerosos vestigios historicos, sobretudo referindo-se ás lutas desesperadas da reconquista. As relações com as camadas populares já ficaram estudadas no nosso livro das *Epopêas mosarabes.*

[1] Ibid., n.º 114.
[2] Ap. Diez, *Troubadours,* p. 409.
[3] Millot, *Hist. des Troubadours,* t. III, p. 296.

A prova mais positiva da influencia dos arabes sobre a fidalguia da peninsula é a creação da Ordem de cavalleria religiosa.[1] Antes da existencia das Ordens dos Templarios e Hospitalarios na Europa, já os arabes andalusianos tinham a ordem dos *Rabitas,* que viviam com uma austeridade cavalheiresca sobre a fronteira christã, no duro mister das armas supportando com constancia todas as fadigas. Antonio José Conde foi o primeiro que determinou as origens da cavalleria christã. Grande parte dos cavalleiros christãos sabiam fallar a *aravia* ou linguagem vulgar dos arabes, como Martim Moniz, que esteve na conquista de Santarem. Á maneira dos Arabes, com quem D. Affonso Henriques chegou a combater sob a bandeira do Koran, fundou este monarcha a Ordem da *Ala* em 1167, em memoria da conquista de Santarem, e a Ordem de *Avis*, ou *Ordem nova*. Os cavalleiros obedeciam a votos religiosos, juravam morrer pela defesa da fé, e protegerem as esposas e viuvas. Em uma canção de Gonçalo Eanes do Vinhal, (n.º 1003), allude-se a este ultimo dever chasqueando dos Hospitalarios:

> Unha dona foy de pram
> demandar casas e pam
> da ordin de Sam Joham,
> con minguas que avya;
> e digo-vos que lh'as dam
> quaes d'elas queria...

Estas protegidas tinham o nome de *Dona d'Ordym* como se póde ver por uma rubrica do Conde de Barcellos, (n.º 1040) allusiva a uma senhora pouco recatada. Se confrontarmos com a exaltação cavalheiresca estes costumes intimos e o estado da crença do seculo XII, vemos que as desmedidas ambições do papado haviam espalhado entre todos os povos um grande scepticismo religioso, que não podia produzir aquellas virtudes das Ordens novas. Nas canções dos trovadores acham-se asperas sirventes a estes mantenedores da fé e da reconquista:

> non pararám os do *Spital*
> de melhor morte a lide com besonha. (n.º 1157.)

Uma canção de escarneo do Conde Dom Pedro «*foy fecta a um Meestre d'Ordin, de cavalaria, por que havia sa barregãa...*» (n.º 1039.) Uma canção de João Soares Coelho verbera acremente os Hospitalarios:

> — Pero Martiis, ora por caridade
> vós; que vos teedes por sabedor,
> dizede-mi quen é Commendador
> en o *Espital* ora da escassidade;
> ou na franqueza, ou quen no forniz,
> ou em quanto mal sse faz e diz
> se o sabedes dizede verdade... (n.º 1020.)

A dissolução provinha da egreja pela independencia politica dos bispos, e pela intervenção ardilosa do papado. Frederico II, imperador da Allemanha, insurgiu-se contra Roma em 1238, e este facto chegou a produzir ecco nos nossos trovadores, como se vê por esta canção de João Soares Coelho, escripta depois de 1240, como o prova a allusão aos Tartaros:

> Joham Fernandes, o mundo é tornado
> e de pram cuydamus que quer fiir,
> *vemol-o o Emperador levantado*
> *contra Roma,* e Tartaros viir; etc. (n.º 1013.)

Esta sirvente é de uma profunda ironia. A creação das Ordens foi uma necessidade de disciplina, submettendo o genio guerrilheiro ao ascetismo. A idéa politica da resistencia fez com que se abraçasse dos Arabes uma instituição que os tornava invenciveis, e que ia submettendo todo o sul da Europa ás raças que vinham do deserto.

A canção 578 de Pero da Ponte, celebra o triumpho do cêrco de Valença, por D. Jayme I, rei de Aragão, em 1238. O monarcha procedeu n'esta conquista com um resto das virtudes cavalheirescas que se extinguiam; o emir de Valença propoz a entrega e o rei acceitou-a secretamente, porque os seus nobres queriam tomal-a á força para terem direito de exercer uma depredação selvagem. O rei conhecia-os e assignou o tratado de rendição, de modo que quando os arcebispos e nobres souberam as condições pacificas da evacuação torna-

[1] Fauriel, *Hist. de la Poésie provençale*, t. III, p. 318.

ram-se fulos de raiva, como diz a velha chronica. Tal é o sentido da sirvente de Pero da Ponte:

O que Valença conquereu
por sempre mays Valença aver,
Valença se quer manteer,
e sempre Valença entendeu,
e de Valença é senhor
poys el mantem prez'el cór
e pres Valença por valer...
Rey d'Aragon, rey de bon sen
rey de prez, rey de todo ben,
est o rey d'Aragon de pram. (n.º 578.)

A ambição clerical, que D. Jayme sofreou na conquista de Valença, veiu provocal-o a passar á Italia para defender os estados do papa contra o imperador Frederico II. O papa Gregorio IX exigia-lhe pelo direito de suzerania sobre o reino de Aragão, que Jayme I passasse á Italia a defendel-o; felizmente o cêrco de Valença embaraçou-o d'esta nova aventura. Em uma sirvente do trovador portuguez João Soares Coelho (n.º 1013) existe o ecco vago da impressão que produziu na peninsula a luta de Frederico II com o papa, e isto nos fixa a epoca em que florescia este trovador.

A conquista de Valença produziu entre o povo um desenvolvimento de poesia heroica, e ainda no tempo de Gil Vicente cantava-se em Portugal o romance *Guay Valencia, guay Valencia.*[1]

Na poesia dos trovadores e dos jograes acha-se o reflexo da vida historica das nacionalidades da Peninsula; uma canção de Pero da Ponte (n.º 573) refere-se ao principio do reinado de Fernando III o santo, pelo ardil de sua mãe D. Berenguella restituido á corôa de Castella. Fernando III tambem por influencia de sua mãe casou com D. Beatriz de Suabia, filha do imperador Filippe; a canção de Pero da Ponte celebra o fallecimento d'esta rainha em 1236:

En forte ponto et em fort'ora
fez deus o mundo, poys non leixou hi
nenhun conhort' e levou d'aqui
a boa Rainha que ende fora
dona Beatriz, direy-vos en qual
non fez deus outra melhor, nem tal
nem de bondade par non lh'acharia
home no mundo, par sancta Maria. (n.º 573.)

D'este casamento ficára, alem de outros filhos, o grande trovador Affonso o Sabio, que, por occasião da morte do imperador Guilherme de Hollanda, queria fazer prevalecer os seus direitos sobre a Suabia por parte de sua mãe. Ao segundo casamento de Fernando o Santo, em 1238 com Joanna de Ponthieu, segunda sobrinha de S. Luiz, referem-se as canções 999 e 1008 de Gonçalo Eanes do Vinhal, que adiante analysaremos. Fernando III, considerado pelo seu ardor religioso nas cruzadas contra os mouros da peninsula, como o S. Luiz hespanhol, nos seus impetos selvagens tinha um unico pensamento, o libertar o solo do dominio arabe; por onde passava ficava a ruina e a devastação das colheitas e dos arvoredos; o solo tornava-se secco e esteril, mas era assim que extinguindo a civilisação, a industria e a agricultura dos arabes, prestava homenagem á sua fé. A tactica era apenas a *razzia* desesperada. Pela entrega de Jaén a Fernando III, o caminho de Sevilha e de Granada ficava aberto á conquista. Fernando seguiu-o no seu fervor. Em duas canções de Ruy Martins do Casal, allude-se ás algaradas que precederam a occupação de Granada, que pelo reconhecimento da suzerania de Fernando III, se conservou arabe até ao reinado de Fernando e Izabel:

Rogo-te, ay amor, queyras migo morar
tod'este tempo em quanto vay andar
a *Granada* meu amigo! (n.º 765.)

Em outra canção repete-se o facto das expedições contra Granada no refrem:

Muyt'ey, amor que te gradescer,
porque quizeste comigo morar
e non me quizeste desemparar
atá que vem meu lum'e meu prazer,
e meu amigo que se foy andar
a *Granada,* por meu amor lidar.

[1] *Romanceiro geral portuguez,* n.º 35.

Em uma canção de Pero Barroso (n.º 1056) falla-se já da posse pacifica de Granada:

Pero non vos custou nada
mha yda nem mha tornada,
gradades com mha espada
e com meu cavallo louro
bem da villa de *Granada*
tragu' eu o ouro e o mouro...

Conquistada Granada, seguia-se fatalmente Sevilha; começou o cêrco na primavera de 1247; os prégadores incitaram do pulpito esta nova cruzada, e a ella além de toda a fidalguia da peninsula acudiu o infante D. Pedro de Portugal, senhor de Mayorca e cunhado do rei de Aragão.[1] Pero da Ponte canta em uma das suas canções esta empreza gloriosa:

O muy bon rey que conquis a fronteyra
se acabou quanto quiz acabar,
e que se fez com rasão verdadeyra
todo o mundo temer e amar;
este bom rey de prez valente fis,
rey dom Fernando, bon rey que conquis
terra de mouros bem de mar a mar.
A quem deus mostrou tam gram maravilha
que já no mundo sempr'am que dizer
de quam bem soube *conquerer Sevilha*
per prez, per esforço e per valer;
e da conquista mays vos contarey,
non foy no mundo emperador nem rey
que tal conquista podesse fazer... (n.º 572.)

Na *Chronica general*, de Affonso x, descrevem-se as maravilhas de Sevilha como nunca vistas nem dentro nem fóra de Hespanha: «A sua belleza e opulencia tem fama por todo o mundo, poys contém mais de cem mil quintas de recreio, e as portagens produzem uma renda incalculavel.» Pero da Ponte repete esta mesma admiração geral:

Non sey oj'me tam bem razoado
que podesse contar todo o bem
de Sevilha, e por end'a deus grado
já o bom rey em seu podel-a tem;
o mays vos digo em todas *trez las Leys*
quantas conquistas forom d'outros reys
após Sevilha todo non foy rem.

As *trez-Leys* são aqui a synthese da historia antiga e moderna subordinada ao criterio religioso, a lei pagã, a lei mosaica e a christã. A posse de Sevilha terminava a conquista de toda a Andalusia, e o trovador proclama-o com enthusiasmo:

Mayl o bom rey que deus mantem e guya,
e quer que sempre faça o melhor,
este conquis bem a *Andalusia*
e non catou hi custa nem pavor...

A entrega de Sevilha fez-se a 23 de novembro de 1248, em dia de S. Clemente, como observa o trovador:

E des aquel dia que deus naceu
nunca tam bel presente recebeu
como del recebeu *aquel dia*
de Sam Clemente, em que se conquereu,
e em outro tal dia se perdeu
quatro centus e nov'annos avia (n.º 572.)

Em outras canções conserva-se a impressão d'esta cruzada a que concorreram o joven Affonso com o exercito que conquistára Murcia, os infantes D. Affonso de Aragão e D. Pedro de Portugal, Lopes de Haro com as tropas da Biscaia, os gallegos capitaneados pelo Arcebispo de San Thiago e as milicias concelhias de Castella;[2] a canção 520, de Ruy Fernandes, inspira-se d'este fervor popular:

«Madre, quer oj'eu yr veer
meu amigo, *que se quer hir*
a Sevilha el rey servir...

1 Rosseew Saint-Hilaire, *Hist. d'Espagne*, t. IV, p. 141.
2 Rosseew Saint-Hilaire, *op. cit.*, p. 149.

A Sevilha se vay d'aqui
meu amigo por fazer ben,
ir-lo-ey veer por en,
madre, se vos prouguer d'ir y...

Depois de oito annos de guerras pela Andalusia, e de esgotamento pelas razzias constantes em que andára, Fernando III consumia-se com uma hydropesia lenta, e falleceu a 30 de maio de 1254. O trovador Pero da Ponte exaltou o seu passamento, não se esquecendo de saudar o successor Affonso x:

Que bem se soub'acompanhar
nostro senhor esta sazon,
que filhou tam bom companhon
do qual vos eu quero contar,
Rey don Fernando tam de prez
que tanto bem no mundo fez
e que conquis de mar a mar... (n.º 574.)

Affonso x, que mereceu dos seus contemporaneos o nome de *Sabio*, pelo desenvolvimento que deu ás sciencias e á poesia, tornou-se digno herdeiro de Fernando sob este ponto de vista. Como poeta sonhava tambem conquistas phantasticas, e aspirava ao imperio da Allemanha. O trovador Pero da Ponte exalta-o:

Mays hu deus per a si levar
quis o bom rey, hi logu'enton
se nembrou de nós, poyl-o bom
rey Dom Affonso nos foy dar
por senhor, e bem vos cobrou,
ca se nos bom senhor levou,
muy bom senhor nos foy leixar.
....
Mays façamos tal oraçom
que deus que pres mort'e paixom
o mande muyto bem reynar. (n.º 574.)

É esta a unica referencia que se encontra no *Cancioneiro da Vaticana* ao trovador Affonso x, cuja côrte se tornou um centro litterario. É tambem nos primeiros annos do reinado de D. Affonso III que começa uma éra nova para a poesia portugueza; como adiante veremos, as relações de parentesco e politicas entre estes dois monarchas influiram no curso da historta portugueza. Affonso III, como ardiloso, conseguiu tudo o que pretendeu do monarcha de Castella, e o desenvolvimento que deu á poesia provençal na sua côrte seria tambem ou para lisonjeal-o ou para competir com elle. Com o apparecimento de D. Affonso III começa a vida popular ou dos concelhos, apesar d'elle ter recebido o throno de que seu irmão foi espoliado, pelo arbitrio das facções clerical e aristocratica. Affonso III comprehendeu este poder novo que despontava na sociedade moderna, e fortaleceu-o defendendo-se com elle. O habito das algaradas convertêra os fidalgos em bandidos, e acabada a conquista, e não tendo em que se occupar seria impossivel organisar sobre bases moraes e juridicas a sociedade moderna.

Ao passo que a cavalleria religiosa substituia o costume da velha cavalleria feudal, da defeza do fraco contra o forte, a nobreza fazia justiça por suas mãos com legitimidade desde que avisasse o seu inimigo com dez dias de antecedencia; defendia-se em duello ou combate judiciario, tinha a prova das *façanhas*, e á medida que faltavam os arabes para combater, atacava os burgos e as povoações ruraes. Foi então que se formou a liga dos fracos contra os fortes, liga que tornou os villãos em Terceiro estado. Esta liga foi pela primeira vez estabelecida pelos habitantes de Aiusa e Sobrarbe, com o titulo de *Hermandad*, para se defenderem contra os abusos da aristocracia que se associára aos bandidos aragonezes; as *Hermandades* foram uma imitação da liga das cidades do Rheno para a paz publica estabelecida em 1247;[1] mas estavam nos costumes peninsulares, como vestigios da organisação social germanica.

Na canção n.º 37, verso nono, encontra-se uma palavra que não introduzimos na nossa interpretação, mas que aqui conservamos, para ser admittida no caso de uma justa demonstração historica; eis o verso:

como outras *arllotas* vivem na razom...

[1] Rosseew Saint-Hilaire, *Hist. d'Espagne*, t. IV, p. 163.

Nas poesias dos trovadores encontra-se frequentemente a palavra *arlot,* significando homem folgazão:

> Ni *arlot,* ni joglar
> Que lay vuelha contar.[1]

No poema sobre a *Cruzada contra os Albigenses,* do seculo XIII, os *arlots* representam a canalha, os maltrapilhos que tambem têm o seu rei, como a ribaldaria:

> Le Reys e li *arlot* cuieren estre gais
> dels avers qu'an pres...

Esta palavra subsiste como vestigio da tradição germanica na primitiva organisação social da Peninsula. O nome de *Arimania* e *Ariman,* que na lingua hespanhola se conserva em *germania, hermandad,* liga-se ao sentido politico da palavra *arlot,* porque na decadencia da classe dos homens livres, apparece com frequencia *Arm-leute,* (o *ariman* confundido com o *leude)* e de que *arlot* é um apagado vestigio. Não nos admira que no momento em que as *hermandades* renasciam com um certo vigor, a tradição do *arm-leute* reapparecesse já degradada e sem intuito nas reuniões dos *arlotes.*

As *Hermandades* tornaram-se um poderoso elemento de ordem na peninsula, mas algumas vezes foram cumplices dos crimes da realeza. Em uma canção de Ayras Nunes, as *Hermandades* são tambem envolvidas no quadro da corrupção geral:

> Porque no mundo mengou a verdade
> punhei um dia de a hyr buscar,
> et hu per ela fuy preguntar
> disserom todos: — Alhur a buscade;
> ca de tal guysa se foy a perder
> que non podemos en novas aver
> nem já non anda na *Yrmaydade.* (n.º 455.)

As *Irmandades* tinham como norma o recusar abrigo aos malfeitores, resolverem as suas questões pelo julgamento dos tribunaes; estas ligas tornaram-se um elemento de organisação civil; o sino da sua egreja é que as convocava, e debaixo das carvalheiras do adro se davam as sentenças. O sino era para o burgo da edade media como o canhão moderno, e em uma canção do tempo de D. Affonso III encontra-se um anexim velho que pinta esta força moral:

> Qual ric'omen tal vassalo,
> *qual Concelho tal campana.* (n.º 1082.)

Tudo isto nos indica estarmos chegados a uma éra nova da vida moderna, caracterisada pela elevação do proletariado a povo. O rei D. Affonso III comprehendeu esta necessidade da vida social e deu Foraes a todas as povoações do reino, redigindo por escripto os seus direitos consuetudinarios. A canção 1080, de D. Affonso Lopes de Bayam, parodiando o estylo das Gestas francezas, é o retrato grotesco da cavalleria representada em D. *Velpelho* (Vulpecula, ou Golpelha, a raposa) o *Renard* da epopêa burgueza do fim da edade media. A poesia dos trovadores, que tinha apostolado a causa da liberdade humana, no sul da França e na Italia, ao ser propagada d'este ultimo paiz a Portugal, trouxe-nos esse sentimento que provocou o reconhecimento das garantias populares.

CAPITULO III

A POESIA PROVENÇAL NA CORTE DE D. AFFONSO III

(PERIODO LIMOSINO. 1246-1279)

Portugal recebeu muito cedo o novo canto do amor, escutou-o com prazer, mas não o pôde repetir emquanto as lutas para a constituição da nacionalidade não permittiram os ocios da côrte, nem a passividade do sentimento. No emtanto já vimos os monumentos que attestam a nossa communicação com os trovadores desde o reinado de D. Affonso Henriques até D. Sancho II. De 1112 a 1245 muitos trovadores provençaes vieram a Portugal; a romaria

[1] Raynouard, *Choix,* t. v, p. 43.—Vid. adiante, p. XLVI, not. 3.

a S. Thiago de Compostella tornára a Galliza o centro onde concorriam os jograes; e os seus portos, bem como os de Lisboa e do Porto eram o ponto onde afferravam as armadas dos cavalleiros que íam para a cruzada da Palestina. Portugal ainda não estava organicamente desmembrado da Galliza; a separação era uma phantastica divisão politica, e pela imitação da constituição municipal da Italia e pela vinda de uma princeza italiana para Rainha de Portugal, começou uma elaboração poetica entre as familias nobres, effeito da fascinação do gosto dominante da epoca. As provas da actividade n'esse periodo são na maior parte indirectas. A verdadeira expansão da poesia provençal, que acordou o genio dos trovadores portuguezes data do fim do reinado de D. Sancho II; durante uma parte d'este reinado seu irmão D. Affonso frequentou a côrte franceza de S. Luiz, onde floresciam bastantes trovadores; com o infante portuguez refugiaram-se em França numerosos fidalgos das familias dos Porto-Carreros, Nobregas, Valladares, e é d'estas familias que saíram os nossos principaes trovadores. Do reinado de D. Affonso III a D. Diniz, de 1245 a 1279 decorre o periodo da maior fecundidade dos trovadores portuguezes, e a escola provençal portugueza desprendendo-se da imitação limosina e inspirando-se de fórmas tradicionaes gallezianas, torna-se moda em todas as côrtes christãs da Peninsula. Este capitulo é destinado a historiar esta epoca brilhante do desenvolvimento da nossa sociedade e da poesia, que mutuamente se influenciaram e que ainda hoje se explicam uma á outra. N'este periodo os factos e as provas são positivas, directas e immediatas; os *Nobiliarios* são o commentario indispensavel dos Cancioneiros.

A poesia provençal não podia achar grande desenvolvimento na côrte de um rei sempre occupado nas guerras da fronteira com os arabes, e nas dissensões internas contra o clero e a fidalguia, e principalmente em uma côrte onde não havia damas, porque D. Sancho II esteve até aos trinta annos solteiro. Se o monarcha olhava para o que se passava nas côrtes estrangeiras era para acompanhar as intrigas dos seus bispos com o papa, e dos seus fidalgos junto do principe D. Affonso. Os seus exaltados amores por D. Mecia Lopes de Haro foram atormentados pela malevolencia da fidalguia que olhava aquelle casamento com inveja, calumniando-o em vez de celebral-o com canções trobadorescas. A destituição de D. Sancho II pela nobreza e pelo clero, e a repentina creação de immunidades foraleiras são uma prova de que o monarcha portuguez foi victima de uma reacção de classes que não queriam que o povo tivesse direitos como as *Hermandades* aragonezas, nem que os judeus servissem cargos publicos, nem que os impostos fossem de encontro aos seus privilegios. N'esta luta o infante D. Affonso retirou-se para França acompanhado de alguns fidalgos das familias mais influentes do reino que o monarcha destituíra com a nova ordem de cousas que inaugurára. Por occasião do casamento da princeza D. Leonor, irmã de D. Sancho II com o principe Waldemar da Dinamarca em 1229, aproveitaria o ambicioso Affonso, que se tornou chefe dos descontentes para desthronar seu irmão, ensejo para saír sem desconfiança de Portugal. As festas do casamento foram celebradas em Ripen com uma pompa que ficou proverbial. No celebre poema *Kudrun*, falla-se em uma princeza portugueza; este facto seria sem importancia e por assim dizer casual, se a edade do poema e os factos da historia portugueza não fossem conformes. O poema de *Kudrun* recebeu a fórma com que hoje é conhecido no seculo XIII. O pae de Kudrun é o rei Hettel, que tem vassallos na Dinamarca; na historia portugueza vemos que o rei da Dinamarca Waldemar II casou em segundas nupcias com Berengaria, irmã do monarcha portuguez Affonso II; tendo um filho de sua primeira mulher Margarida de Bohemia, escolheu para esposa do successor do seu reino a infanta D. Leonor, sobrinha de sua mulher e irmã de D. Sancho II.[1] O casamento da infanta celebrou-se em 1229, justamente quando estava em elaboração o poema de *Kudrun;* mas em 1231 a mimosa planta do occidente morreu nos rigores dos frios do norte e com ella tambem o seu joven esposo. É crivel que a ambiciosa Berengaria trabalhasse para que o throno pertencesse a um dos seus tres filhos; Herculano chega a dizer que Berengaria era «*appellidada a orgulhosa nas Canções populares.*» Aqui temos um elemento que entrou por certo na corrente da impressão tradicional da epopêa germanica. Depois do facto historico comprehender-se-ha o sentido do episodio do poema de *Kudrun;* Hettel, rei de Irlanda, mandou a Hagen tres embaixadores para lhe pedirem uma filha em casamento. Hagen era conhecido pela antonomasia de selvagem e espanto dos reis *(der wilde, Valant der Kunige);* em criança fôra arrebatado de casa de seu pae por um hypogrypho e levado para uma ilha deserta; prestes a ser devorado por um d'estes monstros que o empolgaram, quebrou-se o ramo em que estava poisado, e Hagen escapando-se por entre os arbustos, chegou a esconder-se dentro de

[1] Herculano, *Hist. de Portugal*, t. II, p. 298.

uma caverna. Lá dentro encontrou tres princezas, que tambem haviam escapado da morte, a primeira era da India, a segunda era *princeza de Portugal,* e a terceira da Irlanda. Hagen cresceu em forças junto com ellas, até que chegou a libertal-as, destruiu os gryphos e ficou senhor da ilha. Vencendo a equipagem de um navio que aportára á ilha, pôde a final regressar á Irlanda, succeder no reino de seu pae e casar com a princeza da India. D'este casamento teve Hagen uma filha chamada Hilde, que é a que os tres embaixadores foram pedir ao violento rei para Hettel. A princeza de Portugal acompanhou Hagen para a côrte de Irlanda, e depois foi no sequito de Hilde; o seu nome era Hildburg, e foi tambem amiga de *Kudrun*, chegando a casar com um dos seus pretendentes.[1] Mas no seculo XIII era a França a grande sybilla que fascinava o mundo com os seus cantos.

Seria talvez por occasião do casamento de sua irmã, que D. Affonso iria para a côrte de seu primo Luiz IX, attrahido pelos calculos de interesses de familia que sua tia Branca de Castella tão bem sabia urdir. Muitos dos fidalgos que o acompanharam para França foram paes de trovadores portuguezes, como Pero Ourigues da Nobrega, pae do trovador D. João de Aboim, como os da familia dos Valladares, d'onde provém os trovadores Estevam Annes de Valladares e Rodrigo Annes de Valladares. D. Affonso correu as suas aventuras de armas fóra de Portugal, porque só veiu a ser armado cavalleiro em Melun; a estas festas assistiram vinte menestreis, a quem Luiz IX pagou com cincoenta livras. Na côrte de S. Luiz tinham então os trovadores uma grande influencia; elles incitavam por meio de canções o ardor do monarcha para a cruzada. D. Affonso obedeceu a este poderoso meio, cultivando tambem a poesia, como se deprehende de uma nota de Bembo no Indice do Cancioneiro perdido de Colocci.

Documentos positivos da estada do infante portuguez em França só se encontram a contar de 1238; é d'este tempo em diante que principia a maior cultura da poesia trobadoresca entre a aristocracia portugueza por meio da familia dos Nobregas, dos Sousas e dos Valladares. A poesia provençal da côrte de D. Affonso III, (1245-1279) apresenta provas materiaes e immediatas da influencia franceza do norte, resultado da convivencia na côrte de S. Luiz. Diez sustentava que no *Cancioneiro da Ajuda* não ha vestigio de imitação ou plagiato das canções da lingua d'oc; outro tanto se não póde dizer da lingua d'oil. No *Cancioneiro da Ajuda,* em uma canção anonyma acha-se um estribilho ou refrem em francez, signal da sua muita popularidade:

> Dizer vos quero hũa rem,
> senhor que sempre bem quige:
> *Or sachaz veroyamen*
> *que ie soy votre home-lige*[2].

Em Portugal não houve o feudalismo puro, e portanto a designação de *home-lige* caracterisa uma instituição franka; o trovador portuguez que usava esta palavra como galanteria estava por certo lembrado dos novos usos formulados nos *Assentos de Jerusalem,* praticados na côrte de S. Luiz. A comparação da fidelidade do amante á do *home-lige* apparece uma vez em um trovador que viveu na Normandia e no norte da França, Bernard de Ventadour: «Oh cara dama, eu sou e serei sempre vosso escravo, posto ao vosso mando; eu sou vosso servo e vosso *home-lige.*»[3] Esta palavra accusa uma impressão local.

Em 1238 D. Affonso casou com a Condessa de Boulogne, Mathilde, viuva de Filippe Hurepel, nora de Filippe Augusto; o motivo d'este casamento explica bem como o desenvolvimento da poesia provençal deve começar a contar-se desde Affonso III. O casamento foi devido á suggestão de sua tia Branca de Castella, mãe de S. Luiz, que ao conhecer o caracter do infante portuguez não hesitou em confiar-lhe o destino da viuva de seu cunhado. Branca de Castella era increpada pelos barões francezes de ter envenenado seu marido e de acceitar os amores do celebre trovador Thibaut, conde de Champagne. O barão feudal não se atrevia a fazer sentir a sua paixão á astuta rainha; aconselharam-lhe para allivio da tristeza que compozesse canções provençaes. Em companhia de Gace Brulé, o conde de Champagne nos seus castellos de Previns e de Troyes, escrevia as ainda hoje celebres poesias do rei de Navarra, cujo reino herdára de seu irmão. A estes costumes da côrte franceza assistia o infante D. Affonso e os fidalgos que o acompanharam; por occasião do casamento de Luiz IX, filho de Branca, com Margarida de Provença, filha de Raymundo Beranger, em 1234, a poesia da lingua d'oc tornar-se-ía inevitavelmente uma moda d'aquella regencia exaltada de mysticismo. As canções de Thibaut referiam-se a uma amante sempre occulta, sempre es-

[1] Bossert, *La Litterature allemande au Moyen-Age,* p. 119.
[2] Ed. *Trovas e Cantares,* n.º 140.—Diez, *Uber die erste portugiesische Kunst und Hofpoesie,* p. 29.
[3] Raynouard, *Choix,* etc, t. III, p. 87.

quiva, e nunca adoçando as magoas profundas do trovador que a adorava. É este sentimento o que predomina no maioria das canções do *Cancioneiro da Ajuda* e em uma grande parte do *Cancioneiro da Vaticana*. As *Grandes Chronicas de S. Denis* retratam os amores de Thibaut com mais clareza[1], mas o impossivel diante do amor orientou o modo de sentir dos nossos trovadores, em quanto não abraçaram a tradição lyrica galleziana.

As canções populares chamavam Branca de Castella *Dame Hersent*, nome da mulher do *Renard*, do romance satyrico da burguezia. Antes do infante D. Affonso saír de Portugal para França dera-se a revolta dos Barões, que pretendiam desthronar Luiz IX ainda criança, para darem o throno ao senhor de Coucy. O conde de Boulogne era apparentemente do partido de Branca e da regencia, mas tinha ligações secretas com os barões. Foi este o motivo da sua morte; diz Filippe de Mouskes, na *Chronica rimada*:

Filippes, li cuens de Boulogne,
Entreprist moult celle besogne,
Et dist que li cuens de Campagne
Qui et tous les barons desdagne,
Et s'avait son frère empuisnet
Le roi Loeys, e laissait
Mauvaisement à Avignon
Et fait en avait *traison*[2].

Branca de Castella quiz vingar-se d'esta traição contra seu filho, e os cantos populares accusam-na da morte de Filippe, conde de Boulogne:

S'ant furent dolants li François,
Cevaliers, bourgeois et vilain
Et trestous li pais à plain;
Mais la reine en fu blamé[3].

A morte de Filippe foi em 1234; quatro annos depois o infante D. Affonso servia de instrumento nas mãos d'esta mulher, que o casava com a condessa viuva; costumada a conspirar contra os Barões, Branca de Castella seria a primeira a coadjuvar D. Affonso e os seus fidalgos para destituirem D. Sancho II, seu irmão. Este favor de asylo na côrte franceza fez recrudescer a audacia do clero e da fidalguia contra D. Sancho II. Em 1242 o infante D. Affonso fizera bravuras inauditas na batalha de Saintes, travada entre Luiz IX e Henrique III de Inglaterra. Os chronistas Nangis, Joinville e Matheus de Paris mostram o infante portuguez como o primeiro que rompeu os esquadrões inglezes.[4] As suas bravuras eccoaram por certo em Portugal, e isto não deixou de influir na decisão dos conspiradores, que em 1244 e 1245 se mostraram mais altivos contra D. Sancho II, vindo os bispos e os fidalgos ás mãos na celebre batalha chamada a *Lide do Porto em Gaya*, que na linguagem syncretica dos *Nobiliarios* serve de ponto de partida para computar a epoca a que pertence um facto ou um nobre, como vemos ao fallar-se do trovador Abril Peres.

A contar da *Lide do Porto*, (1245–1246) revolução clerical e aristocratica que precedeu a deposição de D. Sancho II, uma grande parte da fidalguia agrupou-se em volta de D. Affonso; o clero junto do papa tramava para a destituição do monarcha pelos meios do direito canonico, o instrumento de todas as infamias nas familias e nas dynastias, capa dos crimes, porque em vez da rasão e da justiça seguia o escrupulo e a casuistica. Declararam-se a favor de D. Affonso os membros da familia dos Pereiras, Raymundo Viegas de Porto Carrero, o que roubou ao monarcha D. Mecia do proprio leito para evitar que tivesse filhos que viessem prejudicar os direitos de seu irmão, Rodrigo Sanches, tio do rei, Abril Peres, que esteve na lide do Porto em Gaya, os fidalgos da linhagem dos Valladares, dos Mellos, de Bayão, e Rui Gomes de Briteiros. O Bispo D. João Viegas de Porto Carrero foi a França pactuar com o Conde de Bolonha, e depois foi ao papa buscar as absolvições para os perjuros. Era chegado o momento para o golpe; redigiram-se as queixas que serviriam de fundamento para a deposição fulminada pelo papa Innocencio IV; D. Affonso esperou um pretexto para entrar em Portugal sem suspeita; Luiz IX projectava uma cruzada em 1246; o conde

[1] «D'illec se partit tout pensif, et lui venoit souvent en remembrance le doux regard de la reine et sa belle contenance. Lors si entroit dans son cœur la douceur amoureuse; mais quand il lui souvenoit qu'elle etait si haute dame et de si dame et de sa bonne renommée, et de sa bonne vie et nette, si muoit sa douce pensée en grande tristesse.»
[2] Ap. Leroux de Lincy, *Chants historiques*, t. I, p. 158.
[3] Mouskes, *Chr. rimée*, t. II, p. 576.
[4] Herculano, *Hist. de Portugal*, t. III, p. 382.

quiz acompanhal-o e veiu por mar n'esse mesmo anno desembarcar em Lisboa.[1] Entregaram-lhe os castellos, violando a fé jurada a D. Sancho II, Gonçalo Perez, commendador de Mertola, Martim Fernandes, Mem Calvo, Sueiro Gonçalves Bezerra, e outros muitos Alcaides. Esta torpeza aristocratico-clerical deixou na litteratura portugueza um ecco de indignação, que ainda resôa através dos seculos! É a canção 1088 «*de mal dizer dos que deram os castellos como non deviam, al rei don Affonso.*» Esta canção é a pagina mais viva da nossa historia; ella illuminará o que os documentos officiaes callaram. D. Sancho II debalde procurou auxilio em Affonso o Sabio, ainda infante, mas o trovador anonymo da canção 1088 pendurou para sempre os traidores. A canção enumera os alcaides que se venderam, e os que foram illudidos pelo legado do papa:

Non ten Sueyro Bezerra
que tort'é en *vender* Monsanto...

E poren diz que non fez torto
o que *vendeu* Marialva,
cá lhe diss'o Arçobispo
un verso per que se salva...

O que *vendeu* Leyrea
muyto ten que fez dereyto,
ca fez mandado do Papa,
et confirmou-lh'o Eleyto...

O que *vendeu* Faria
por remiir seus pecados
se mays tevesse mays daria...

Outros foram-se offerecer espontaneamente ao conde de Bolonha:

Offereceu Martim Dias
a a Cruz que os confunde
Covylhã; e Pero Dias
Sortelha; e disse o Conde:
centuplum accipiatis...

Offereceu Trancoso
ao Conde Roy Bezerro...
O que offereceu Cintra
fez como boo cavalleyro,
e disse-lh'i o Legado
logu'un verso de salteyro...

Diante da justiça implacavel da historia muitas lendas sentimentaes cáem no desprezo da mentira; a celebre lenda de Martim de Freitas parecerá á primeira vista justificada, porque se não acha na canção 1088 o nome do Alcayde de Coimbra, mas no *Nobiliario* se diz que se não entregou porque o Conde não foi ahi! A outra lenda heroica de Pacheco, Alcaide de Celorico, desfaz-se diante d'esta clara strophe:

E quando o Conde ao Castello
chegou de Celorico
Pachequ'enton o cuytelo
tirou, e disse-lhe: Amigo
mite gladium in vagina,
con el non nos empescas;
Diz Pacheco: Alhur, Conde
peede hu vos digam: crescas.

No fim da acerba sirvente o trovador, cujo nome se perdeu, conclue com uma maxima tirada da moral nova que vira:

Salvo é quem trae castelo
a preyto que o ysopen.

N'esta serie de infamias, e ainda no anno de 1246, Raymundo Viegas de Porto Carrero

[1] D'esta cruzada de Luiz IX, falla o trovador Affonso de Cotom na canção 1118; explicaremos algumas referencias onomasticas, para mostrar a sua importancia historica. Na terceira estrophe *Blandiz* é Brandusium ou Brindes, porto de Napoles, d'onde partiam sempre os cruzados; o *Alcor*, é o Cairo, por onde S. Luiz começou a sua cruzada; *Mormoion* é o sitio de Baramoun, onde o rei caíu exhausto antes de ficar prisioneiro; *Tamaris* será o rio Tamyras (Nahr-Damur) proximo do qual estava uma fortaleza que serviu de refugio aos cruzados depois de perdida a Palestina.

disfarça-se com os seus homens de armas em partidarios de D. Sancho II, chega a Coimbra de noite e rapta do proprio leito de D. Sancho II a formosa D. Mecia Lopes de Haro. Na sua luta D. Sancho II foi coadjuvado por seu cunhado em 1247, mas diante das traições successivas teve de refugiar-se em Toledo, onde morreu logo em 1248. As relações de D. Sancho II com a casa de Haro nos explicam como um grande numero de jograes bascos frequentaram a sua côrte deixando bastantes canções na collecção da Vaticana.

Emquanto o rei estava refugiado em Toledo, D. Affonso III achava-se em Santarem, onde fez a sua residencia habitual. Uma outra canção do mesmo trovador anonymo (n.º 1089) retrata a situação de alguns fidalgos que simulavam apparente hostilidade a D. Affonso III:

Don Estevan diz que desamor
a con el rey, e sey eu cá ment'i,
ca nunca viu prazer poys foy aqui
o *Conde*, nen veerá mentr'ir for;
e per quant'eu de sa fazenda sey
porque non ven al regno el rey
non vêe cousa ond'aja sabor.

Agora as consequencias das traições que deram o throno a D. Affonso III: o clero queria immunidades, e a fidalguia doações e influencias sobre o monarcha. D. Affonso III era bastante intelligente para conhecer como devia fugir a comprommissos criminosos que atrazavam o desenvolvimento nacional, mas não se oppoz de frente ás ambições do favoritismo. As familias que lhe deram o throno cercavam-no como crédores implacaveis, e nos versos de tres jograes nos apparece a accusação contra os privados, que vendiam justiça. Quando D. Affonso III começou a reinar introduziu na sua côrte os costumes da côrte de S. Luiz; no *Regimento da Casa real* estabelece, que o rei tenha sómente *tres jograes* e não menos, e que ao jogral que vier de outra terra, ou de segrel, se lhe dê até cem maravedis.[1] Os tres jograes que apodam os *privados* são Martim Moxa, Lourenço e Diogo Pezelho, o que nos leva a crer que estes pertenciam aos jograes do numero, e que as suas sirventes seriam encommendadas pelo proprio D. Affonso III, para se escusar perante os seus impostos validos. Affonso III era caviloso como um Luiz XI. O jogral Martim Moxa, na canção 472, que apparece tambem sob o nome de Lourenço (n.º 1036) com a rubrica: «*Esta cantiga de cima foy feita em tempo del rey don Affonso, a seus privados*», ataca-os pela sua vileza:

Vós que soedes en côrte morar
d'estes *privados* queria saber
se lhes ha a privança muyto durar,
cá os non vejo dar nem despender;
ant'os vejo tomar e pedir,
et o que lhes non quer dar ou servir
non pode rem con el rey adubar,
D'estes privados non sey novelar
se non que lhes vejo muy gram poder,
e grandes rendas, casas gaanhar...

Na versão attribuida a Lourenço existem variantes que accusam uma lição mais moderna, como *falar* em vez de *novellar*, do genero provençal dos *Noellaires*, ainda usado na côrte de Affonso IX. Outras sirventes compozera Martim Moxa, hoje perdidas, porque o seu nome tornou-se proverbial, quando se atacava qualquer privado; João de Gaya satyrisando o Eleyto de Vizeu, privado de D. Affonso IV, ainda diz:

Comede migo e diram-vos
cantares de *Martim Moxa*... (n.º 1062.)

O jogral Diogo Pezelho allude ainda á traição dos Alcaides e ás absolvições do arcebispo (n.º 1124.):

Meu senhor Arçobispo, and'eu excomungado...
Por mha mala ventura tivi hu castello em Sousa,
e dey-o a seu dono, e tenho que fiz gran cousa;
soltade-me, ay senhor,
e jurarey mandado que seja *traedor*.
Por meus negros peccados tivi hu castello forte,
e dey-o a seu dono, e ey medo de morte...

Em outra sirvente em *maestria menor*, de Martim Moxa, allude-se aos privados e aos que

[1] Ap. *Mon. hist.*, t. I, p. 149.

os presenteavam, e como n'este conflicto de interesses só eram apreciados os cantos de mal-dizer:

Louvamyantes	deytados
e prezenteantes	do mund'exerdados
am prez e poder;	e vam-se perder;
e nos logares	vej'achegados
hu nobres falares	loados,
soyam dizer,	de muitos amados
vej'alongados	os de mal-dizer.

Procurando quem eram os privados de D. Affonso III determina-se o cyclo dos trovadores portuguezes pre-dionisios, que abrilhantaram a côrte poetica de Santarem. Seguiremos as revelações dos *Nobiliarios*. Sabe-se que a familia dos Sousas abraçou a causa do Conde de Bolonha; a esta familia pertence o celebre Fernão Garcia Esgaravunha, cujas canções existem por ventura sem nome no *Cancioneiro da Ajuda*. O *Fragmento do Nobiliario* do Conde D. Pedro cita-o como filho de D. Garcia Mendes de Sousa e de D. Elvira Gonsalves Torinho: «e fez... don Fernam Garcia Esgaravunha, o *que trobou bem*.»[1] Teve mais cinco irmãos todos protegidos pelo monarcha. Na *Chronica geral de Espanha* é tambem citado como *trovador;* entre seus irmãos, João Garcia o Pinto, é por ventura o trovador citado na canção:

Perguntou *Joham Garcia*
da morte de que morria...[2]

N'uma canção de João Soares Coelho (n.º 1024) João Garcia é accusado de trovar por damas a quem não competia fazel-o:

Joham Garcia tal se foi loar
e enfenger que dava sas doas
e que trobava por donas muy boas
e oy end'o meyrinho queyxar,
e dizer, que fará se deus quizer,
que non trobe quem trobar non dever
por ricas donas, nem por infançoas...
Ca mand'al rey, porque a en despeyto
que trobem os melhores trobadores
polas mais altas donas e melhores...

Em outra canção é accusado Pero Lourenço de se servir das tenções de *João Garcia:*

Pero Lourenço, pero t'eu oya
tençon desigual e que non rimava,
pero que essa *entençam* de ti falava,
demo lev'essa que t'eu criia;
cá non cuydey que entençom soubesses,
tan desigual fazer, nem na fezesses,
mais sey-m'eu que x'a fez *Joham Garcia* (n.º 1022.)

As unicas canções que restam de João Garcia no *Cancioneiro da Vaticana* são duas tenções travadas com o jogral Lourenço; isto nos prova que elle respondia ás sirventes aos privados:

Lourenço jograr, as mui gram sabor
de citolares, ar queres cantar
desy ar filhas-te log'á trobar,
e teens-t'ora já por trobador;
e por tod'esto unha rem te direy
deus me confonda, se oj'eu sey
d'estes mesteres qual fazes melhor. (n.º 1104.)

Na canção 1105 João Garcia diz, que o jogral Lourenço não merece a cevada e o vinho que ganhava com o seu canto. Este jogral foi apodado em bastantes canções de differentes fidalgos, o que se explica pelo resentimento da sua sirvente.

Estevam Raymundo, partidario de D. Affonso III, e um dos chefes dos facciosos do reinado de D. Sancho II, tem duas canções na collecção da Vaticana (n.º 294 e 295) que pertencem ao genero de *Cantares de amigo*, da tradição galleziana. Era um fidalgo prepotente que reagia contra as medidas fiscaes de D. Sancho II;[3] basta dizer que era filho do audacioso

[1] *Mon. hist.*, Scriptores, t. II, p. 152, 192 e 321.
[2] *Cancioneiro da Ajuda*, (ed. *Trovas e Cantares*, n.º 146.)
[3] Herculano, *Hist. de Portugal*, t. II, p. 495, n.º 6.

Raymundo Viegas de Porto Carrero, que raptou D. Mecia ao rei seu marido, e de D. Maria Ourigiz; foi casado com uma dona de Santarem, que fôra barregã do rei de Portugal.[1]

Um dos trovadores mais celebres da côrte de D. Affonso III, pelo alto valimento junto do monarcha, pela preponderancia politica e pelo seu talento litterario, é o fidalgo D. João de Aboim. No *Livro velho das Linhagens* se lê ácerca d'este trovador: «e Urraca Gil foi casada com Pero Ouriguiz da Nobrega, e fez em ella *Joam de Aboim, que foi privado d'el rei Dom Affonso,* padre d'el rey D. Diniz de Portugal, e feze-o el rey D. Affonso Rico-Homem... E o sobredito D. João de Aboim... foi mui bõo por mercê d'el rey e houve mui bons vassalos e foi casado com D. Marinha Affonso.»[2] No *Nobiliario* do Conde D. Pedro acrescenta-se: «Casou com D. Marinha Affonso, filha de Affonso Pires de Arganil, o que trouxe as cabeças dos Martyres de Marrocos a Coimbra por mandado do infante D. Pedro.[3] Elle e sua mulher jazem no Marmelar, tendo deixado bens ao hospital de Sam João.»[4] Entre as desavenças de Affonso o Sabio de Castella com D. Affonso III, que se disputavam o dominio do Algarve, D. João de Aboim occupou uma parte importante. Elle e seu filho Pedro Eanes ficaram com os penhores dos castellos de Tavira, Loulé, Faro, Paderne, Silves e Aljesur, como garantia das cincoenta lanças que o monarcha portuguez tinha de dar ao rei de Castella em tempo de guerra em virtude da cedencia do dominio do Algarve.[5] Deu-se este facto em 1264. Na Torre do Tombo guarda-se uma «Carta de el rey de Castella, pela qual manda a D. João de Aboym e a Pedro Eanes, que entreguem os castellos do Algarve ao senhor rei D. Affonso, absolvendo-os da homenagem que d'elles lhe aviam feito.[6] Foi necessario depois da cedencia dos dominios do Algarve a D. Affonso III, proceder a novas demarcações da fronteira do reino de Portugal, nos pontos que confinava com Castella. O trovador D. João de Aboim e D. Diogo Lopes de Bayam foram nomeados por parte do reino de Portugal para este serviço,[7] por carta de 5 de junho de 1264. Ha tambem uma doação de umas casas de Santarem, de 1249, feita por D. Affonso III a este trovador; e na doação do mesmo monarcha a seu filho o infante D. Affonso segundo-genito, de 1278, figura D. João de Aboim como testemunha, e com as dignidades de *Maiordomo d'El rey, e Tenente do Alemtejo.* Por ultimo achamol-o depois de 1279 assistindo com D. Beatriz, viuva de D. Affonso III, a uma especie de regencia de D. Diniz. Por estes factos se póde avaliar o interesse que despertam as canções de D. João de Aboim; pertencem na maior parte ao genero de *Cantares de amigo,* o que nos revela a corrente da escola galleziana. Uma d'essas canções, no gosto limosino, (n.º 279) acha-se tambem no Codice da Ajuda, signal de que este Cancioneiro pertence na sua totalidade aos poetas da côrte de D. Affonso III. Uma sirvente de D. João de Aboim travada com João Soares Coelho, mostra o seu resentimento contra o jogral Lourenço que satyrisára os privados:

— Joham Soares, comecei
de fazer ora hum cantar,
vedes porque, porque achey
boa razon pera trobar:
ca vej'aqui hun *jograron*
que nunca pode dizer son,
nen o ar pode citolar... (n.º 1009.)

Na tenção 1010 ataca directamente Lourenço:

Lourenço, soyas tu guarecer
como podias per teu citolon,
ou bem ou mal non te digo eu de non;
e vejo-te de trobar trameter,
e quero-te eu d'esto desenganar,
bem tanto sabes tu que é trobar
bem quanto sabe o asno de leer.

[1] *Mon. hist.,* (Scriptores) t. II, p. 341.
[2] *Mon. hist.,* (Scriptores) t. II, p. 161.
[3] Este infante D. Pedro, é citado como trovador na canção n.º 1147: «Dom Pedro est cunhado de el rey — . Que chegou ora aqui de Aragão.» Na *Viage literaria a las iglesias de España,* por D. Jaime Villanueva, t. XXI, p. 41, encontram-se dados importantes para a vida d'este ignorado trovador portuguez. Era filho de el rei D. Sancho I de Portugal, e sobrinho de Afonso II de Aragão, em cuja-côrte se refugiou quando D. Affonso II de Portugal esteve em guerra com as irmãs para não cumprir o testamento do pae. O infante D. Pedro trocou o condado de Urgel pelo senhorio das ilhas Baleares, em 1231; a outro presente de reliquias refere-se sua irmã D. Mafalda, em uma carta, em que lhe pede noticias suas por qualquer pessoa *sive per* arlotas *et peregrinos.* O testamento do infante D. Pedro é datado de 9 de outubro de 1255; um dos anniversarios que instituiu foi nomeado em *Mestre Joham* celebrado na canção n.ºs 72 e 73, de Affonso IX, em cuja côrte viveu o infante-trovador.
[4] Ibid., t. II, p. 319.
[5] Herculano, *Hist. de Portugal,* t. III, p. 66.
Torre do Tombo, G. 14, Maç. 4, n.º 9.—V. de Santarem, *Corpo diplomatico,* t. I, p. 16 e 23.
V. de Santarem, *Corpo diplomatico,* t. I, p. 13.

Na tenção 1011, ainda volta ao mesmo resentimento:

Joham Soares, non poss'eu estar
que vos non diga o que vej'aqui,
vejo Lourenço com muytos travar,
pero non o vejo travar en mi;
e bem sey eu porque aquesto faz
que m'ho sey todo e que x'é tod'en mi...

Affonso Lopes de Bayam, é outro fidalgo grande valido de D. Affonso III e trovador distincto; era filho de Lopo Affonso de Bayam e de D. Aldara Veegas, e foi casado com D. Mór Gonsalves, segundo os Nobiliarios.[1] Seu irmão D. Diogo Lopes de Baiam foi um dos árbitros para a demarcação da fronteira portugueza em 1264; e na doação da Lourinha ao infante D. Affonso, de 1278, Affonso Lopes de Bayam, *Tenente de Sousa,* assigna como uma das testemunhas, entre as quaes figura seu irmão *Tenente de Lamego.* A sirvente de Diogo Pezelho, em que se falla do castello de Sousa, parece referir-se a Affonso Lopes Bayam. No *Cancioneiro da Vaticana* traz este trovador algumas canções no gosto limosino, e a maior parte d'ellas no genero de *Cantar de amigo,* e de cantos de *ledino:*

Hyr quer'oj'eu, fremosa, de coraçom
por fazer romaria e oraçom
a sancta Maria das Leiras
poys meu amigo hy vem (n.º 341.)
A sancta Maria das Leiras
hirey velida, se hy vem meu amigo... (n.º 342.)

Uma das composições mais curiosas do *Cancioneiro da Vaticana* é o n.º 1080, que traz esta rubrica: «*Aqui se começa a Gesta que fez don Affonso Lopes a don Mendo e a seus vassalos, de mal dizer.*» É a primeira vez que se encontra na litteratura portugueza a designação de *Gesta,* significando um poema narrativo em alexandrinos monorrimos á maneira das epopêas carlingianas dos troveiros do norte da França. As Gestas francezas deviam ser conhecidas na côrte portugueza, não só porque Gavaudan o Velho já citava a *Chanson do Roland,* e no *Nobiliario* se cita como termo de comparação a gesta dos *Doze Pares,* mas principalmente os privados de D. Affonso III haviam residido com elle na côrte franceza. Por ventura a *Gesta de Maldizer* era para satyrisar algum ferrenho e extemporaneo partidario de D. Sancho II, ou então para satyrisar a disposição legal das *Partidas,* que não permittia se não *cantares de Gesta.* Uma canção de Payo Gomes Charinho (n.º 1159) contra Affonso Lopes de Bayam, e outra d'este contra Martim Alvelo (n.º 1079) mostram-nos a epoca em que figuram estes trovadores.

Martim Peres de Alvim, representado na collecção da Vaticana com seis canções limosinas e um fragmento, pertence ao numero dos partidarios de D. Affonso III; era seu pae Pero Soares de Pousada, que appellidaram de Alvim em terra de Basto, e sua mãe D. Maria Esteves. Tinha solar em Riba de Visella, e foi casado com D. Margarida Pires.[2]

Estevam Coelho, filho de Pero Annes Coelho e de D. Maria Esteves Teixeira,[3] era natural de Riba de Homem; na collecção da Vaticana conservam-se d'elle duas formosas *Serranillas,* da mais pura tradição galleziana, onde se caracterisa o genero dos *Cantares de amigo:*

Sedia la fremosa, seu fuzo torcendo
sa voz manselinha, fremoso dizendo
cantigas de amigo. (n.º 321.)

Por esta serranilha do meado do seculo XIII póde determinar-se a existencia de uma fecunda poesia popular portugueza. Sob o n.º 322 conserva-se a barcarola, typo das que se cantavam na côrte de D. Affonso IV no tempo da batalha do Salado:

Se oj'o meu amigo
soubesse, hyria migo;
eu al rio me vou banhar,
al mare.

Estevam Coelho foi casado com D. Maria Mendes, de quem teve um filho tambem trova-

[1] *Mon. hist.,* Scriptores, t. II, p. 321.
[2] Ibid., p. 302.
[3] Ibid., p. 159.

dor chamado João Coelho, cujas canções não chegaram a ser colligidas na collecção da Vaticana. No *Cancioneiro da Ajuda* encontra-se esta referencia:

O sen, e mais vos ende diria:
João Coelho sabe que é assy.[1]

É provavel que este nome pertença a um trovador mais antigo; D. Maria Mendes casou em segundas nupcias com o trovador Martim Peres de Alvim.[2]

Do partido de D. Affonso III era tambem o fidalgo trovador Fernão Fernandes Cogominho, filho de D. Fernão Guedes e de D. Maria Fogaça. D'elle diz o *Fragmento do Nobiliario,* que está junto ao *Cancioneiro da Ajuda:* «foy muito bõo e muyto honrado. E foi (privado) del rei D. Affonso de Portugal, padre d'el rei D. Diniz de Portugal.»[3] Fernão Fernandes Cogominho confirmou uma doação que em 1261 fez D. Affonso III do castello de Marvão a seu filho D. Affonso. As tres canções de Cogominho, que existem no Codice da Vaticana (n.º 303–306) pertencem ao genero caracteristico dos validos de D. Affonso III, são cantares de amigo e serranilhas.

A familia dos Valladares foi das que conspiraram contra D. Sancho II; a esta familia pertence o antigo trovador Estevam Annes de Valladares, cujas canções não chegaram a ser colligidas no codice da Vaticana, mas que julgamos conservarem-se anonymas no *Cancioneiro da Ajuda.* Sabe-se que era trovador de fama, porque no fragmento do *Livro velho das Linhagens* se lê: «Este Joham Rodrigues foi casado com D. Maria Fernandes, filha de Fernão Peres Pintalho. E fez em ella Stevam Annes de Valladares, o *Trobador.*»[4] No *Cancioneiro da Vaticana* (n.º 523) encontra-se a rubrica «Pero Annes Marinho filho de *João Annes de Valadares*» por onde se vê que o talento de trovar se conservou na sua familia.

Tambem faltam as canções do trovador João Martins na collecção da Vaticana; no *Nobiliario* do conde D. Pedro se lê: «Taregia Lourenço... foi casada com Joham Martins, *Trovador.*» Este fidalgo já figura no tempo de D. Sancho II, achando-se o seu nome em uma doação á ordem de S. Thiago, de 16 de janeiro de 1239; em uma doação de D. Marinha Affonso, viuva de D. João de Aboim, ao abbade de Alcobaça, figura entre as testemunhas «Johanē Martini *Trovadore.*»[5] em 1288, e em outro documento assigna «Joham Martins *Trovador,* Alvasil de *Santarem.*»[6] Tudo nos mostra que este trovador pertence ao numero dos privados de D. Affonso III, assim como outro trovador de que adiante fallaremos, chamado João Lobeyra.

No Nobiliario do conde D. Pedro, lê-se que João Soares de Gaya casára com D. Maria Soares, de quem teve «Johanne Annes de Gaya «que foy cavalleyro, *de boa palavra* e *muyto saboroso.*»[7] No *Cancioneiro da Vaticana* ha uma vaga referencia aos cantares d'este trovador, n'uma canção de Estevam da Guarda:

Ruy Gonçalves, pero vos agravece
porque vos travou em vosso cantar
Johan Eanes... (n.º 917.)

Tanto as canções de Ruy Gonçalves, como as de Joham Eanes estão perdidas ou não chegaram a ser colligidas. No *Cancioneiro* encontram-se canções de Joham de Gaya escudeyro, (n.º 1043, 1044, 1058 a 1062) mas este trovador pertence á côrte de D. Affonso IV, como se prova pelas referencias historicas dos seus versos; é a este que se refere o Conde D. Pedro no Nobiliario: «Este Estevam Annes houve hum filho que houve nome *Joham de Gaya, que foy muy boo trovador e mui saboroso.*»[8] O trovador Joham Eanes, era filho de João Soares de Gaya, que figura no *Cancioneiro da Vaticana,* com o nome de *O Irmão de Martim Soares* (n.º 435.) D. Soeiro Pires tivera de uma barregã dois filhos Martim Soares de Baguim e João Soares de Gaia. Na canção 959 de D. Lopo Lias, falla-se na prostituição da

A dona de *Bagyn*
que mora no Soveral...

Parece que a isto responde Martim Soares na canção que traz a rubrica «*a hum cavalleyro que cuydava que trobava muy ben e que fazia muy bõs sons e non era assy.*» (Canç.

[1] Ed. *Trovas e Cantares,* n.º 179.
[2] *Mon. hist.,* t. II, p. 221.
[3] Ibid., p. 215 e 306.
[4] Ibid., p. 199,
[5] Brandão, *Mon. Lusit.,* Part. V, p. 185
[6] Ibid., t. V, p. 372.
[7] *Mon. hist.,* t. II, p. 271 e 272.
[8] *Mon. hist.,* Scriptores, t. II, p. 272.

965.) As canções de Martim Soares provam que elle florescia na côrte de D. Affonso III, como a n.º 966, em que apoda Affonso Eanes de Cotom, e a n.º 967 escripta tempos antes de ser tomada Jaen por Fernando III, em 1246:

> Hun cavaleyro se comprou
> pera quitar-se de *Jaen*,
> hu jazia pres'e custou
> pouco, pero non mercou ben;
> ante tenho que mercou mal
> ca deu por sy mays ca non val,
> e tenho que fez hy mal sen... (n.º 967.)

A canção 435, que tem a rubrica *Irmão de Martim Soares*, é evidentemente de João Soares de Gaya; pertencendo ao genero de *cantares de amigo*, vem provar-nos com o argumento historico da canção 967, que estes dois trovadores floresceram no cyclo trobadoresco de D. Affonso III.

Á côrte d'este monarcha tambem pertence o trovador Joham Vasques, do qual se acha uma tenção travada com Lourenço jogral:

> Joham Vasques, moiro por saber
> de vós porque me leixastes o trobar,
> ou se foy el vos primeiro leixar,
> cá vedes o que ouço a todos dizer:
> ca o trobar acordou-s'en a tal
> que estava vosco en peccado mortal
> e leixa-vos por se non perder... (n.º 1035.)

João Vasques pergunta ao jogral:

> mas di-me, ti que trobas desigual
> *se te deitan por en de Portugal...*

Esta circumstancia prova-nos que frequentava a côrte de D. Affonso III. Era o trovador filho de Vasco Pires (por ventura o trovador Vaasco Peres, da collecção da Vaticana, (n.º 58 a 60) e de... Annes, filha de João Pires da Nova. João Vasques foi casado com D. Thereza Affonso, e em segundas nupcias com D. Beatriz Affonso, filha do infante bastardo D. João.[1] Algumas das suas canções são communs ao Codice da Vaticana e ao da Ajuda (n.ºs 42, 43 e 44) escriptas no estylo limosino.

Explorando com vagar os *Nobiliarios* ainda se encontram muitos outros nomes de trovadores, taes como D. Estevam Peres Froyam, Fernão Gonsalves, Fernão Velho, Fernand'Eanes, João Soares Coelho, Gonçalo Eanes do Vinhal, Nuno Fernandes, Pero Annes Marinho, Payo Soares, Pero Barroso, Rodrigo Annes de Vasconcellos, Rodrigo Annes Redondo, Ruy Martins, que se acham representados na collecção da Vaticana; porém as suas filiações nada adiantam para a determinação da sua epoca.

Os successos politicos do reinado de D. Affonso III tambem influiram no desenvolvimento da poesia trobadoresca portugueza, não só pelas relações da fidalguia com a côrte de Affonso o Sabio, mas pelo favor que dispensou aos *Segreis*, a quem dava até cem maravedis quando visitavam o seu reino. Investiguemos estas duas causas.

Pelo casamento de D. Affonso III com uma filha bastarda de Affonso X, com o fim de applacar as pretenções do monarcha sobre o dominio do Algarve, se deve determinar a primeira influencia exercida pela escola trobadoresca de Castella sobre Portugal. Alem da imitação dos costumes da côrte poetica de S. Luiz, os fidalgos portuguezes começaram a conhecer o esplendor litterario promovido por Affonso o Sabio, cujas canções eram bastante admiradas. Desde 1250 até á morte de Fernando III, em 1252, as relações de Portugal com Castella foram pacificas,[2] e isto não pouco motivaria a visita dos jograes de ambos os paizes e relações mais intimas entre a sua nobreza. Na côrte de Affonso o Sabio figuraram pelo menos tres trovadores portuguezes, Gonçalo Eanes do Vinhal, D. Pero Gomes Barroso e Payo Gomes Charrinho. O *Livro das Trovas de el rey D. Affonso* copiado por F. de Monte-Mór, e que se guardava na livraria de el rei D. Duarte, como consta pelo catalogo dos seus livros de uso, seria um presente regio do monarcha a seu neto, que mostrava predilecção pela poesia. No *Cancioneiro da Vaticana* encontra-se o nome de um jogral Ugo Gonçalves de Monte-Mór (n.º 666), e na pergunta a que lhe responde Fernão Dambrea já se acha a fórma

[1] *Mon. hist.*, Scriptores, t. II, p. 386.
[2] Herculano, *Hist. de Portugal*, t. III, p. 18.

da outava usada por Affonso o Sabio. Historiemos as relações mutuas das duas côrtes, para melhor se explicar a dupla acção litteraria.

Com a subida de Affonso o Sabio ao throno começaram as dissensões sobre o dominio do Algarve. O ambicioso D. Affonso III não hesitava nos meios para realisar os seus planos; projectou dissolver o seu casamento com a condessa de Bolonha D. Mathilde, e achou no papa Innocencio IV um cumplice d'esta torpeza, porque o papa queria-o ter pelo seu lado na cruzada de Africa. O seu casamento com Beatriz, bastarda de Affonso X, simplificava o direito de conquista sobre o Algarve, e as previsões foram seguras, como abaixo verêmos. Este casamento celebrou-se em meados de maio de 1253, em Chaves, onde os monarchas se encontraram; D. Mathilde submetteu-se a este ultraje infligido pela auctoridade papal. Só depois do nascimento do primeiro filho, e só quando este chegasse á edade de sete annos, é que os dominios do Algarve e dos territorios ao oriente do Guadiana e das praças de Moura, Serpa, Aroche e Aracena tornariam a ser encorporados na corôa portugueza.[1] As dispensas d'este casamento de D. Affonso III foram dadas por Innocencio IV com o intuito de um pacto de familia, alliando-se Portugal e Castella para uma cruzada na Africa. Mas Affonso X era de uma versatilidade proverbial; as lutas e treguas com Navarra, Aragão e Portugal mostram a sua inconstancia. Como vimos, o casamento de Affonso III fôra em maio de 1253, e logo a 20 de agosto Affonso X faltava ao contrato nupcial, fazendo doação de Lagos a Frei Roberto, a quem nomeára Bispo de Silves contra o direito de apresentação de D. Affonso III. No prologo das *Cantigas de Nossa Senhora* allude ainda aos seus direitos de conquista sobre o Algarve, e ao direito de apresentação; Herculano já accentuou a intenção e prova historica d'estes versos:

D. Affonso de Castella
de Toledo, de Leon,
Rey é ben des Compostela
ta o reyno d'Aragon,
de Cordova, de Jaen,
de Sevilha outrossi,
e de Murça, ú gran ben
lhe fez deus con a prendi
do Algarve, que ganou
de mouros, *e nossa fé*
meteu y...[2]

A projectada cruzada de Africa, para a qual Affonso X assentára pazes com Aragão, Navarra e Portugal, e alterára o valor da moeda, mudou-se em uma algarada ás fronteiras de Murcia e Valencia, e na disputa sobre os dominios do Algarve. Por motivo d'esta luta acha-se no *Cancioneiro da Ajuda* uma sirvente contra a pouca firmeza que Affonso o Sabio tinha nos seus pactos, a qual está em harmonia com este juizo de Çurita: «*El rey de Castella era muy vario y de poca firmeza en sus emprezas.*[3] A sirvente portugueza é anonyma, por isso que as canções do codice da Ajuda não chegaram a ser rubricadas pelo amanuense; mas sabendo-se pelo indice de Colocci, que D. Affonso III tambem cultivára a poesia, é muito natural a suspeita de ser sua a sirvente, porque nenhum trovador se atreveria a tanto:

De quantas cousas en o mundo som
non vejo eu ben qual pode semelhar
al *Rei de Castella e de Leon*
se uma, qual vos direy: o mar.
O mar semelha muyto aqueste rey;
e d'aqui em diante vos direi
en quales cousas, segundo razon.

Segue-se uma comparação das qualidades contradictorias do seu caracter com o mar, e termina:

Estas manhas, segundo meu sen,
que o mar ha, ha El Rey; e por en
se semelhan, quem o ben entender.[4]

Vê-se claramente que esta canção sirventesca foi escripta depois de 1253. Como trovador, Affonso X devia ser sensivel á satyra; elle estava relacionado com os principaes trovadores do seculo XIII, como Nat de Mons, Giraud Riquier, e outros muitos, e a linguagem usada então na côrte de Castella era o puro portuguez dionisiaco em que as fórmas gallegas

[1] Herculano, *Hist. de Portugal,* t. III, p. 24.
[2] Castro, *Bibl. Españ.*, t. II, p. 637.—Hercul., *ib.*, t. III.
[3] *Annales,* liv. III, cap. 53.—Herc., ib. t. III, p. 26.
[4] Ed das *Trovas e Cantares,* n.º 286.

são ainda naturaes. É esta a epoca em que toda a poesia artistica da Peninsula se escrevia em dialecto portuguez ou gallego, como disse o Marquez de Santillana na sua Carta ao Condestavel, e hoje se verifica diante do *Cancioneiro da Vaticana,* onde nos apparecem monarchas de Castella como Affonso x, jograes leonezes, catalães, aragonezes e gallegos escrevendo em uma unica linguagem, o portuguez dionisiaco.

A historia politica espalha uma immensa luz sobre a vida moral e artistica referida inconscientemente nos nossos Cancioneiros aristocraticos. Com o nascimento do infante D. Diniz Affonso III viu a possibilidade de recuperar o dominio do Algarve, porque se começaram a realisar as condições impostas por Affonso x. Nasceu o infante em 1261, e em uma carta de 16 de fevereiro de 1267 o rei de Castella e de Leão cede-lhe o Algarve com a condição de o ajudar com cincoenta lanças em tempo de guerra. D. Diniz ainda criança foi levado á côrte de seu avô para lhe pedir a remissão do feudo a que se obrigára Affonso III. Astuto como Luiz XI, Affonso III conhecia a indole poetica do sogro, e por um effeito de sentimento conseguiu o que pretendia. Nos *Romances sacados de historias antigas,* Sepulveda versificou está situação.[1] Ticknor colloca a composição das *Cantigas* de Affonso o Sabio entre 1263 e 1284, e a influencia d'este monarcha sobre a poesia portugueza deve determinar-se apenas durante a mocidade de D. Diniz. É para notar que nenhuma canção de Affonso x apparece como excerpto nos Cancioneiros portuguezes, mas isto deve explicar-se pelo motivo de já estarem colleccionadas em volume. Eram dois os codices poeticos de Affonso o Sabio; o primeiro continha quatrocentas canções, umas em galleziano, outras em castelhano, o segundo constava de duzentas e noventa nos mesmos dialectos.[2] Na bibliotheca de el rei D. Duarte se conservou uma copia de um d'estes codices; e na Torre do Tombo existia no seculo XVI o segundo codice dos *Louvores da Virgem Nossa Senhora,* que Duarte Nunes de Leão attribuia a el rei D. Diniz, talvez pelo motivo de ser escripto em galleziano.[3]

Não nos admira que a lingua portugueza fosse usada pelos trovadores castelhanos da côrte de Affonso o Sabio, porque a constituição da nossa nacionalidade não tinha sido perturbada, e a lingua tendia para uma regularidade grammatical; alem d'isso achâmos trovadores portuguezes occupando os altos cargos d'aquelle reino, protegidos por Affonso o Sabio. O nome que primeiro occorre é o de Pero Gomes Barroso, filho de Gomes Veegas de Basto e da filha de um escudeiro, de quem nascera antes de ser casado com D. Moor Rodrigues de Candarey; [4] casou este trovador em Toledo com D. Chamôa Fernandes. Na canção 334 allude á protecção real:

> O meu amigo, que é com el rey,
> faça-lhi quanto bem quiser, bem sey
> ca nunca no mundo pod'aver
> poys eu fremosa tam muyto bem ey
> se non viver migo em quant'eu viver...

Figura o trovador a segurança de sua namorada em Toledo emquanto elle estava com o rei em Castella. Julgamos como differente este trovador de um outro chamado simplesmente Pero Barroso, cujas canções alludem a factos mais antigos, como a batalha de Acre. Algumas das canções de D. Pero Gomes são communs ao *Cancioneiro da Ajuda* e ao da *Vaticana,* o que prova pertencem á epoca de D. Affonso III em que o primeiro codice foi compilado. Tambem se tornou celebre na côrte de Affonso o Sabio um outro trovador portuguez Payo Gomes Charrinho, o qual, segundo Lavanha, foi Almirante de Castella. Uma das suas composições no *Cancioneiro da Vaticana* (n.º 401) é uma *barcarola* no gosto popular:

> As froles do meu amigo
> briosas vão no navyo;
> e vam-ss'as frores
> d'aqui bem com meus amores!

Esta *barcarola* póde considerar-se como escripta em 1278, quando Affonso o Sabio reuniu em Sevilha a grande armada que foi bloquear Algesiras. Na canção 424 allude o trovador ao seu cargo:

> Disserom-m'oj', ay amiga, que non
> é meu amigo *Almirante* do mar,
> e meu coraçom já pode folgar
> e dormir já, e por esta razom
> o que do mar meu amigo sacou
> saque-o deus de coytas que afogou.

[1] *Romances,* fl. 203. Anvers, 1551.
[2] Seguimos a descripção do sr. Soriano Fuertes, dos Codices da Bibliotheca do Escurial. *Hist. de la Musica españ.,* t. I, p. 94.
[3] Nunes de Leão, *Chron. dos Reis de Portugal,* Part. I, t. II, p. 76.
[4] *Nobiliario do Conde D. Pedro,* ap. *Mon. hist.,* p. 305.

O desastre do assedio de Algeziras, em que o Almirante ficou prisioneiro, e em que Affonso x se viu obrigado a pedir paz, explicam-nos o sentimento d'esta canção. Na canção 429 do mesmo trovador, acha-se um estribilho de canção maritima:

Ay Samtiago, padron sabido,
vós m'hadugades o meu amigo;
sobre mar vem
quem frores d'amor tem;
mirarey, madre,
as torres de Jeen.

A canção 1158 é uma tenção travada entre Payo Gomes Charrinho e um senhor que tem o direito feudal de *Jantar;* pela estrophe segunda d'esta canção suspeitamos que é o proprio Affonso o Sabio:

«Pay Gomes, quero eu vos responder
por vos fazer a verdade saber,
ouv'aqui reys de mayor poder
conquirer, e en terras gaanhar,
mays non quen ouvesse mayor prazer
de comer quando lhi dan bon jantar.
—Senhor, por esto non digu'eu de non,
de ben jantar des ca é gram razom,
mayl'os erdeyros *Fôro* an *de Leon,*
guariam vosco porque am pavor,
d'aver sobre lo seu con vosco entençon
e xe lhis parar outro non peyor.

Payo Gomes Charrinho regressou a Portugal, como se póde concluir da sirvente de escarneo a D. Affonso Lopes de Bayam, tenente de Sousa por D. Affonso III (n.º 1159.)

O terceiro trovador portuguez que se refere a Affonso x é Gonçalo Eanes do Vinhal, que o *Nobiliario* do Conde D. Pedro dá como filho de João Gomes do Vinhal e de D. Maria Pires. Foi casado com D. Bringuella de Cardonha, de terra de Aragão; e teve um filho do mesmo nome.[1] De facto a canção n.º 999 allude á invasão que os Aragonezes tentaram contra Castella juntamente com o infante D. Henrique, irmão de Affonso x, que o desterrára do reino.

O conquistador de Sevilha, Fernando III, o Santo, havia casado duas vezes; ao primeiro leito pertenciam o primogenito Affonso, chamado depois o Sabio, e alem de mais quatro filhos, um outro chamado *D. Henrique;* recordamos esta circumstancia para explicar o sentido da canção 1008 de Gonçalo Eanes do Vinhal, que traz a rubrica: «*ao infante Dom Anrrique, porque diziam que era entendedor da raynha dona Joana, sa madrasta, e esto foy quando el rey dom Affonso o poz fora da terra.*» Fernando III, o Santo, esposára em segundas nupcias em 1238 Joanna de Ponthieu, segunda sobrinha de S. Luiz,[2] de quem teve ainda mais tres filhos. Como se vê pela rubrica, esta canção de Vinhal foi escripta muito depois de 1258, porque as lutas do infante Dom Anrrique foram com seu irmão Affonso x. Diz a canção:

Sey eu, donas, que deitado é d'aqui
do reyno já meu amigo, e non sey
como lhy vay, mais quer'ir a el rey,
chorar-lh'ey muyto e direy-lh'assy:
por deus, senhor, que vos tam bom rey fez,
perdoad'a meu amigo esta vez.

A canção 999, do mesmo trovador, imitando a maestria menor traz a rubrica «*a Don Anrique en nome da reina dona Johana, sa madrasta, porque dizian que era seu entendedor, quando lidou en Mouron con don Nuno, et con don Rodrigo Affonso, que tragia o poder d'el-rey.*» Na canção refere-se o logar da lide fratricida:

Amigas, eu oy dizer
que lidaron os de *Mouron,*
con aquestes d'el rey, e non
poss'end'a verdade saber,
se é viv'o meu amigo
que troux'a mha *touca* sigo.

No symbolismo foraleiro a *touca* era signal de viuvez; a sirvente de Gonçalo Eanes do Vinhal, pela sua audacia revela-nos que elle se fortalecia com a auctoridade de Affonso x. A lide de *Mouron,* não chegou a ser ferida, e segundo Saint-Hilaire, as tropas aragonezas e

[1] Ap. *Mon. hist.*, t. II, p. 370.
[2] Rosseew Saint-Hilaire, *Hist. d'Espagne,* t. IV, p. 148.

os rebeldes castelhanos tentavam invadil-o em 1289.[1] Outras canções de Gonçalo Eanes do Vinhal alludem a estas lutas dos reis christãos:

> En gran coyt'andaramos con el rey
> per esta terra hu con el andamus... (n.º 1001.)

Pela canção 1000 revela-nos elle como certas fórmas bascas penetraram no lyrismo galleziano:

> Pero Fernandes, home de *Barnage,*
> ....
> se lhi peagem forem demandar
> os porteiros do Gaston de *Bear,*
> bevam a peagen que lhis el dará.

E na canção 1007 refere-se do modo mais terminante aos *lays* bretãos «*aques cantares de Cornoalha,*» communicados á peninsula pela Gasconha então ingleza, e pelo casamento de Ricardo Coração de Leão com uma princeza de Navarra. D'esta corrente como adiante veremos existem vestigios nos *Cancioneiros da Ajuda* e da *Vaticana.*

Nas cantigas de Affonso IX, rei de Castella e de Leon, lê-se esta passagem, em que accusando Pero da Ponte, de roubar os versos a Affonso Eanes de Cotom, diz que com esses mesmos versos serve D. Pedro:

> pois se de quanto el foy la erdar
> serve *Dom Pedro,* e non lhi dá en grado.
> E com dereyto seer enforcado
> deve *Dom Pedro,* porque foy filhar
> a Cotom, pois lo ouve soterrado
> seus cantares... (n.º 68.)

Quem é este D. Pedro de que aqui se trata? Com certeza não é o Conde D. Pedro, porque estes dois trovadores eram já velhos antes d'elle nascer. É o proprio Pero da Ponte successor de Cotom? Pela rubrica da canção 1147 vemos referido D. Pedro de Aragão, cunhado do rei:

> *Dom Pedro* est cunhado del rei
> que chegou ora aqui de Aragão...
> ....
> Muy ledo seendo hu cantara seus *lays*
> a sa lidice pouco lhe durou.

O trovador que apoda D. Pedro, é Fernão Rodrigues Redondo, tambem anterior á côrte de D. Diniz.[2] Portanto cremos que este D. Pedro, que chegára *de Aragão,* era o infante portuguez desterrado, que casára com a condessa de Urgel, e que tendo em 1229 acompanhado Jayme I de Aragão á tomada de Mayorca, lhe foi dado o senhorio d'esta conquista. Assim por essa passagem da canção de Affonso IX se descobre a existencia de mais um trovador portuguez, cujas composições existirão talvez innominadas no *Cancioneiro da Ajuda.* A fórma poetica de que usava, o *lay,* corresponde ao genero de cantares da Cornoalha, de que falla Gonçalo Eanes do Vinhal, que vivera tambem em Aragão, e casára em Cardonha. Pode-se dizer que no fim do reinado de Affonso III actuava na côrte portugueza o gosto da escola de Aragão. N'um fragmento de canção do codice da Ajuda, apparece a palavra *Guarvaya,* que consideramos como um vestigio do regimen dos menestreis bretões, que n'esta epoca se procurou imitar:

> E mia senor, des aquel dia y
> me foy a mi muy mal,
> e vós filha de don Paay
> Moniz; e ben vos semelha
> d'aver eu por vós *guarvaya;*
> pois eu, mia senor, d'alfaya
> nunca de vós ouve nem ey
> valia de uma corrêa. *(Trov. e Cant.,* frag. *g.)*

Alguns jograes bearnezes figuram no *Cancioneiro da Vaticana* com trovas portuguezas; tal é Pero de Veer, (Bear) que em uma das suas canções no gosto popular se refere á povoação basca de Juilham:

> Quando s'el ouve de *Juilham* a hir
> fiquei, fremosa, por vos non mentir,
> pequena e d'el namorada. (n.º 720.)

[1] *Hist. d'Espagne,* t. IV, p. 314.
[2] Era facil o equivoco com o Conde D. Pedro, se se considerasse a canção 68 de Affonso XI.

Des que o vy em *Juilham* um dia
ja me non leixam como soya
a santa Maria hir. (n.º 723.)

Na canção 1045 de Ruy Paes de Ribela, tambem na fórma tradicional de serranilha, canta-se uma dama vasconça:

A donzela de *Bizcaia*
ainda a mha preito saia
de noyte ao luar.

Era o *coouro* de Biscaya, que andava na casa de Haro, similhante aos *gouril* da Bretanha, o que o trovador aqui rogava. A canção 415 de Pedr'En Solaz, traz um refrem, *Lelia E doy lelia,* que é o *eterno leloa*, tão caracteristico dos bascos como o *alalála* gallego. Estas relações dos trovadores da Navarra, do Béarn, da Biscaya e da Galliza, renovando o elemento ethnico commum á região da antiga Aquitania, vieram despertar a tradição de um lyrismo esquecido entre o povo, e até então despresado pelos trovadores, lyrismo que deu todo o esplendor á escola galleziana, e que no reinado de D. Diniz veiu a ser imitado pela aristocracia a ponto de ser colligido nos Cancioneiros. A causa por que a côrte de Affonso III foi muito visitada por trovadores de todos os pontos de Hespanha explica-se pela situação especial em que se achava a peninsula, devastada pelos monarchas que se invadiam, derrotada de arvoredos e de verdura ás vezes no circuito de vinte leguas em uma só algarada contra os mouros; a peninsula agricola dos arabes estava esteril, e a miseria era a companheira do trabalho. Os que sabiam cantar e tocar, montavam a cavallo e visitavam as numerosas côrtes independentes, os burgos, lisonjeando os odios dynasticos com as sirventes pessoaes e politicas. Foi assim que se creou uma grande classe de trovadores, a que se deu o nome de *Segrel.* A affluencia d'estes cavalleiros cantores era tanta que D. Affonso III teve de regular o numero dos que eram sustentados no paço, no Regimento da sua Casa.

Em uma tenção travada entre Abril Peres, fidalgo do partido de D. Affonso III, e D. Bernaldo de Bonaval, designado em uma rubrica do Cancioneiro «*prymeiro trobador*» (n.º 653) discute-se as differenças que existem entre o trovador e *segrel:*

... non digades que hides amar
boa dona, ca vos non é mester,
de dizerdes de bona dona mal,
ca bem sabemos don Bernaldo, qual
senhor sol sempr'a servir *Segrel.*

Em uma tenção de João Soares Coelho ao jogral Picandon, (n.º 1021) este defende-se:

gram dereyt'ey de gaanhar dões
e de seer em côrte tan preçado
como *segrel* que diga mui bem vez,
en canções, e cobras e Sirventes...
João Soares, por me deostardes
non perc'eu por esso mha jograria
e a vós, senhor, melhor estaria
d'a tod'ome de *segrel* bem buscardes;
ca eu sey canções muytas, e canto bem,
e guardo-me de todo falimen,
e cantarey cada que me mandardes.

No Regimento da Casa de D. Affonso III, em que se estabelece o numero de jograes que póde sustentar, distingue o *segrel* dos outros jograes, por ser trovador de cavallo que vem de outras terras e a quem o rei póde dar até cem maravedis. A variedade de canções do *Cancioneiro da Vaticana* compostas por trovadores gallegos, asturianos, leonezes, aragonezes, navarros e castelhanos, prova-nos que a côrte portugueza era a mais procurada pelos *Segreis,* ou trovadores da aventura. Os trovadores provençaes detestavam este atrevimento dos *Segreis* se chamarem trovadores, e Giraud de Requier em uma queixa em verso feita a Affonso o Sabio em 1275 accusa a invasão das classes infimas que repetiam por toda a parte as canções provençalescas; este trovador queria que o monarcha estabelecesse uma mais justa classificação dos que versificavam, recitavam ou arremedavam. A distincção adoptada por Affonso o Sabio em *Jograes, Arremedadores* e *Segreis,* é a mesma que se encontra no Regimento da Casa de D. Affonso III, anterior á canção de Riquier. Diz este:

Hom apela *joglars*
totz sels dels esturments
E als contrafazens

Ditz hom *remendadores;*
E ditz als trobadors
Segriers por totas cortz...[1]

«Chama-se jogral a todos os que tocam instrumentos; e diz-se *Arremedador* os que contrafazem alguem; e os trovadores que vão por todas as côrtes *Segreis.*» Tal é o costume de Hespanha; acrescenta Riquier: «aqui o nome dá a medida do talento, mas na Provença todos se chamam jograes.» Como analoga á fórma dos *Arremedadores,* já n'um documento de D. Sancho I se cita uma peagem de um *Arremedilho* que pagavam Bon Amis e Acompaniado; entre as canções de mal dizer citam-se varios *jograes* que mal sabem cantar e rascar no citolon; como segreis podem ser considerados na maior parte os trovadores estrangeiros, cujas canções se guardam no codice da Vaticana. No Cancioneiro de D. Diniz não se cita uma só vez a designação de *Segrel,* signal que decahira de uso, embora innumeros trovadores de cavallo visitassem a sua côrte.[2]

Entre os numerosos trovadores da collecção da Vaticana, que se deve considerar como um Cancioneiro geral da peninsula com que se demonstra a extensão da lingua portugueza, pode-se tentar um esboço de classificação chronologica. Basta tomar o nome dos trovadores de uma antiguidade reconhecida e agrupar em volta d'elles os nomes dos outros trovadores citados nas suas canções. Uma canção de Affonso IX de Castella e de Leão, diz que Pero da Ponte furtára os cantares de Affonso Eanes de Cotom, já fallecido; nas canções de Pero da Ponte acham-se duas datas bem claras, 1236, em que celebra a morte da rainha D. Beatriz, primeira mulher de Fernando o Santo, e a morte d'este monarcha em 1252. Assim fica demonstrada a antiguidade de todos os trovadores citados por Cotom nos seus versos; taes são Sueyro Eanes e Mestre Incholas. Do primeiro diz em uma sirvente, defendendo-o contra os que o accusavam de não saber versificar:

Sueyro Eanes, um vosso cantar
nos veo agora um jograr dizer,
e todos foram polo desfazer;
e punhey eu de vol-o emparar...
E outro trovador ar quis travar
en huã cobra, mais por voss'amor
emparey-vol-eu; non justeis melhor
que a cobra rimava en hun logar
e dix'el: Poys por que rimos aqui?
e dix'eu: de pram nos diss'el assy
mais tenho que x'a errou o jogral. (n.º 1117.)

Nas canções de Pero da Ponte o trovador Soeyro Eanes é tambem apodado não só por versificar mal, mas por saber-se vingar em canções de mal dizer, e em perceber as ironias que lhe dirigem:

Entendestes hun dia ant'el rey
como vos meteran en hun cantar,
polo peyor trobador que eu sey,
esto s'a vós nunca pode negar... (n.º 1184.)

Qual era o monarcha cuja côrte frequêntava o trovador Sueyro Eanes? Pela canção 1170 Pero da Ponte dá-o a entender, referindo-se a um genero poetico usado na côrte de Aragão:

cá Suer'Eanes nunca lhi fal
razon des que el despagado vay,
en que lhi troba tan mal e tan *lay,*
porque o outro sempre lhi quer mal.

[1] Ap. Diez, *Les Troubadours,* p. 409.

[2] Nos nossos primeiros estudos derivámos a palavra *Segrel* da fórma poetica liturgica *Secretela,* empregada no *Rationale* de Durand e nos *Capitulares* de Carlos Magno. *(Trovadores galecio-portuguezes,* p. 152.) O caracter da recitação em voz baixa, fazia-nos estabelecer a relação entre o *Segrel* como cantor da *Secretela* e esta fórma que uma vez apparece usada por Montalvo nas *Sergas* de Esplandian. Nas Leis de Galles acha-se estabelecido que o bardo da côrte deve *cantar em voz baixa* ou em segredo: «When the queen shall will to bear a song in her chamber, let the Bard of household sing to her three elaborate songs *in a moderate voice,* so as not disturb the hal.» (*Ancient Laws and Institutes of Wales,* p. 188, Ed. 1841.) Considerando as nossas relações com a Allemanha pelo casamento de Berengaria, irmã de D. Affonso II com Waldemar II, rei de Dinamarca, e pelo casamento de Leonor, irmã de D. Sancho II com um filho de Margarida de Bohemia, primeira esposa d'aquelle monarcha, concluimos que a designação de *Segrel* é uma corrupção da palavra allemã *Singer*, com que eram denominados os que faziam profissão de cantarem canções provençaes, os *Minnesingers.* Affonso o Sabio, que deu o maior desenvolvimento á poesia trobadoresca na côrte de Castella, era filho de uma allemã Beatriz de Suabia, e é na sua côrte que se adopta a distincção entre *jogral* e *Segrel,* por isso mesmo que as classes dos cantores provençaes estavam confundidas. Tanto para a poesia portugueza como castelhana existe uma intima connexão historica, base indispensavel de toda a etymologia que não é evidente.

Na canção 1179 diz Pero da Ponte, que a musica feita ás canções de Sueyro Eanes é tão boa, que por isso appetece cantar as suas coplas apesar de más:

Ca lhi troban en tan bon *son*,
que non poderian melhor,
e por esto avemos sabor
de lhi as cantigas cantar...

As canções de Sueyro Eanes não foram colligidas, por ventura pela antiguidade d'este trovador, que o proprio Cotom apodava. O outro trovador citado por Cotom é Meestre Incholás, ou Nicoláo, que frequentou a escola de medicina de Montpelier:

Meestre Incholás a meu cuydar
é muy boo fisico por non saber
el a suas gentes ben guarecer,
mais vejo-lhi capelo d'ultramar;
e traj'al uso ben de Monpiller,
e latim como qual clerigo quer,
entende, mais non o sabe tornar.
E sabe seus livros sigo trager
como meestre sabe-os catar
e *sab'os cadernos ben cantar...*

Explorando este systema das relações dos trovadores, agrupamos em volta de Pero da Ponte, Bernaldo de Bonaval, deduzindo por encadeamento os seguintes contemporaneos, Fernão Rodrigues Redondo, o Infante D. Pedro de Portugal, cunhado do rei de Aragão, Ayras Peres Vuyturon, João Baveca, Pedr'Amigo de Sevilha, Pero d'Ambroa, João Soares Coelho, Pedr'En Solaz, Lourenço jograr, Pero d'Armêa, Pero Garcia Burgalez, Ruy Paes de Ribela, João Vasques, João Garcia, João de Guylhade, João Servando, Rodrigo Eanes, Roy Queymado, Martim jograr, Martim Moxa, Affonso Gomes, jograr de Sarria, Ayras Veaz, João Lobeira, Ruy Martins do Casal, Pero Martins, (Julião Bolseyro, Mem Rodrigues Tenoyro), Diego Pezelho, João Soares de Payva, Fernão Garcia Esgaravunha, João Martins, Vasco Fernandes de Praga, Estevam Annes de Valadares, Fernão Fernandes Cogominho, Abril Perez, Picandon, Stevam Reymondo, Affonso Lopes de Bayão, Payo Gomes Charrinho, Pero Gomes Barroso, João Soares de Panha, e D. João de Aboim.

Todos estes trovadores pertencem indubitavelmente á epoca de D. Affonso III, porque nas suas canções se encontram referencias a mutuos interesses pessoaes. João Martins era Alvasil de Santarem em 1238. As canções de João Garcia estão perdidas, postoque muitas canções alludem ao seu talento; em um documento de 1239 assigna como testemunha uma doação á ordem de San Thiago; João Lobeira, assigna como testemunha do testamento do Bispo de Lisboa Airas Veaz, de 1258; Abril Perez figura na Lide do Porto em 1245, e Stevam Raymundo era um dos mais ardentes partidarios de D. Affonso III, e portanto florescendo por 1246. Com menos datas se podia fixar com certesa a epoca d'estes trovadores, que pelo nosso processo consideramos como pre-dionisios, isto é, uns pertencendo á escola gallega na sua maior extensão (Galliza, Navarra, Leão) e estes são os *segreis,* outros imitando o gosto provençal do norte da França, e são os partidarios de D. Affonso III que estiveram com elle na côrte de S. Luiz.[1]

Santarem tornou-se o centro poetico do cyclo pre-dionisio. A existencia de numerosas canções portuguezas revelam uma vida palaciana de serões e festas, de intrigas e anedoctas de côrte e de ambições em um periodo já sedentario, difficil de conciliar com os trabalhos de conquista no Algarve, de povoação pelo regimen foraleiro, e de conflictos com a côrte de Castella e com as ambições de Roma. O *Cancioneiro da Ajuda* e parte da collecção da Vaticana são uma prova de que existiu esse viver sedentario de uma côrte faustuosa, capaz de competir com a aragoneza e castelhana. D. Affonso III depois de haver extinguido em Portugal o dominio dos Arabes com a conquista do Algarve, tendo de procrastinar as ambições da curia romana e a indisposição da fidalguia que não queria nem as inquirições nem os foraes, fingiu-se doente, á maneira de Luiz XI de França, e passava a maior parte do tempo na cama como se estivesse entrevado. Assim adiava as audiencias regias e as concessões. Segundo um manifesto de D. Diniz se lê: que «*avia bem catorze* (annos) *que el rey Dom Affonso jazia em huma cama, e que se nom podia levantar.*»[2] Embora se não acceite este tempo no rigor da phrase, é certo que D. Affonso III, como valetudinario e vivendo recolhido, dava azo a que os seus mais intimos privados se ajuntassem em volta d'elle para o distrahir. Os

[1] Alguns d'estes trovadores continuam a figurar na côrte de D. Diniz, como D. João de Aboim, João Soares Coelho e Ayras Peres Vuyturon.
[2] Torre do Tombo, G. 13, M. 11, n.º 12.—Apud Herculano, *Hist. de Port.,* t. III, not. XII, p. 418.

quatorze annos de entrevamento, de que falla D. Diniz, começam a contar-se de 1264 até 1278. O facto de D. Affonso III dar a seu filho um mestre de poesia provençal, mestre Aymeric d'Ebrard, de Cahors, revela a necessidade d'estes divertimentos palacianos, em que o principe fôra educado, e a rivalidade com a côrte de Affonso o Sabio, seu sogro. Affonso III residia em Lisboa, mas as idas a Santarem eram como as suas ferias politicas. No *Cancioneiro da Ajuda* encontram-se estribilhos allusivos á vida de galanteios em Santarem:

> Todo este mal soffro e soffri
> des que me vin de *Santarem.*[1]

Em uma Sirvente contra João Soares Coelho pelo trovador que apodou os Alcaides traidores, se lê:

> E se vós de trobar sabor avedes
> aqui trobades e faredes hi sen,
> en o beote, cabo *Santarem*
> ca nossos juizes que nos queremos
> ca bem trobamos d'escarnh'e d'amor,
> mais se avedes de trobar sabor
> Martin Alvel'é aqui con que trobedes. (n.º 1092.)

Uma canção de Stevam Fernandes Barreto ainda allude ás intrigas palacianas entre Ruy Pacies e Fernam Dade «cada que el vem a *Santarem.*» (n.º 1144.)

Pela nota de Bembo no Indice dos trovadores do Codice de Colocci, vê-se que D. Affonso III, pae de D. Diniz, era tambem poeta. Não é inverosimil esta observação, postoque seja hoje impossivel verifical-a. D. Affonso III, como todos os reis das côrtes peninsulares, obedecia á moda do tempo, á valentia cavalheiresca alliava a *maestria* amorosa; na côrte poetica de S. Luiz este dote tornava-o tão respeitavel e sympathico como a sua bravura. Pelo Indice do Codice de Colocci, acceitando a sigla de Bembo, existiam de Affonso III onze canções n'aquelle perdido monumento; nós porém consideramos que se realmente Affonso III foi trovador, como seu filho e netos, muitas das suas canções devem existir innominadas no codice hoje designado *Cancioneiro da Ajuda.* De facto, n'este Cancioneiro existem as provas de que é anterior ao cyclo dionisio; não apparecem ali os generos poeticos de origem popular, como as *serranilhas,* os *cantos de ledino,* e os *cantares de amigo;* não apparece a designação de *segrel,* nem vestigio de influencia jogralesca; por outro lado abundam os vestigios do gosto francez, como a celebre canção de estribilho: *Or sachaz veroyement, etc.* e o outro fragmento, que traz a palavra *guarvaya;* as fórmas poeticas são caprichosamente artificiosas, como as combinações de *lexaprem* e de *mansobre;* existem vestigios de factos historicos bastante antigos, como a canção de estribilho: *Ay, Sentirigo, etc.*

É frequente a referencia das canções á permanencia da côrte em Santarem, como succedeu no tempo de Affonso III; e a sirvente contra Affonso X, de Castella, comparado na sua força e versatilidade ao mar, sabendo-se das lutas diplomaticas entre elle e o monarcha portuguez ácerca do senhorio do Algarve, vem acabar de provar que o *Cancioneiro da Ajuda* pertence á côrte de Affonso III. Esta collecção formou-se para comprazer com o gosto de D. Diniz, que estudava os segredos da arte provençal, porque no córte das folhas do pergaminho se lê: Rei Dom Diniz; mas a falta da musica no pentagramma e das assignaturas nas canções, provam-nos que a organisação d'este Cancioneiro foi interrompida por causa de uma nova phase de gosto poetico, que se deu sob a influencia de D. Diniz, pela vinda de muitos jograes aragonezes e leonezes que se fixaram na sua côrte.

CAPITULO IV

A POESIA PROVENÇAL NA CORTE DE DOM DINIZ

(PERIODO LIMOSINO. 1279-1325)

A decadencia da poesia provençal, assignada por Diez entre 1250 e 1290, coincide com o maior fervor de imitação artistica nas côrtes peninsulares; é este o periodo de esplendor e fecundidade da nossa poesia corteză. D. Diniz amava o passado, que se debatia com o es-

[1] *Canc. da Ajuda.* (Ed. *Trov.*, n.º 121.)

pirito novo da burguezia, e assim como quiz conservar os Templarios com o nome de Cavalleiros de Christo, tambem quiz continuar o costume das galanterias provençalescas, quando a Europa entrava já em outra ordem de interesses. Ás causas conhecidas da decadencia da poesia occitanica foram: o triumpho da nefanda cruzada contra os Albigenses, a fundação da Universidade de Tolosa na qual era prohibido fallar-se a lingua d'Oc, e o apparecimento da nova poesia italiana, cuja superioridade se revelou em Dante. El-rei D. Diniz estabelecendo em Portugal o rito romano de preferencia ao rito mosarabe, extinguiu a egreja nacional banindo assim a poesia popular; fundando a Universidade de Coimbra, subordinada á disciplina clerical, por isso que era dotada por um bispo, viciava o sentimento social da secularisação do ensino que inspirára a creação das recentes Universidades; para que o lyrismo desabrochasse com o mesmo vigor que em Italia, era preciso que uma philosophia idealista como o neo-platonismo, desenvolvesse as especulações, illuminando os problemas subjectivos da passividade do amor; porém entre nós prevalecia o aristotelismo averroista, dialectico, casuistico, e exercitado na apologetica dos claustros, e por isso em religião não tivemos mysticos como os poetas da Ombria, nem lyricos como os Fieis de Amor. Como a leste da Hespanha e em Valença continuava a imitação provençalesca animada pelos trovadores ali refugiados, em Portugal continuou-se tambem esse uso palaciano, já por uma certa rivalidade monarchica, já por effeito da educação antiquada de D. Diniz. Creando a marinha portugueza, D. Diniz teve relações mais intimas com as republicas italianas, mas o conhecimento dos seus lyricos, que transformou a poesia castelhana, só se manifesta em Portugal no meado do seculo XV. Ha em tudo isto certas contradições de quem não comprehendeu bem o seu tempo, e, sem o saber, serviu a reacção religiosa e cesarista contra a primeira Renascença.

Nasceu D. Diniz a 9 de outubro de 1261; seu pae D. Affonso III, era trovador, e seu avô Affonso o Sabio era o principal trovador da escola de Castella. Quando Affonso III andava em luta com Affonso o Sabio sobre o senhorio do Algarve, foi o infante portuguez á côrte de seu avô em edade, é certo, em que ainda não podia apreciar a poesia, mas em que podia receber a impressão deslumbrante dos costumes que poz em pratica no seu reinado. Foi talvez por este tempo que veiu para Portugal o *Livro das Trovas de El rei Dom Affonso, compilado por F. de Montemór,* que no seculo XV ainda se guardava na livraria de el rei D. Duarte. D. Affonso III, vivera bastantes annos na côrte franceza onde florescia o trovador Conde de Champagne, e onde a poesia era um passatempo com que se lisongeava Branca de Castella; isto levou o monarcha a escolher um mestre francez para seu filho. O historiador Schaeffer comprehendeu a importancia d'este facto: «Affonso escolheu mestres em França, paiz onde as sciencias e a illustração haviam feito bastantes progressos. A sua permanencia n'aquelle reino tornou-lhe facil a escolha de mestres convenientes. Foram certamente elles que accenderam no joven principe tão impressionavel amor pela poesia.»[1] Nos versos de D. Diniz conhece-se a imitação directa da poesia occitanica, porque elle é o unico trovador portuguez que faz referencia *á maneira de proençal,* e que elogia as trovas amorosas dos provençaes. Segundo alguns vestigios historicos, foi seu mestre Aymeric d'Ebrard, de Cahors, nomeado pelo seu discipulo Bispo de Coimbra.[2] Em Portugal temos as tres designações mais frequentes com que se denominava a poesia dos trovadores: *limosina, averneza* e *provençal.* Nas canções de el-rei D. Diniz apparece duas vezes empregado este ultimo nome, como indicando a corrente artificial e litteraria que o dirigira nos seus primeiros annos:

> Quer'eu *em maneira de Provençal,*
> fazer agora um cantar de amor... (n.º 123.)
>
> *Provençaes sóem mui bem de trovar,*
> *e dizem elles que é con amor...* (n.º 127.)

No seculo XVI, ainda Sá de Miranda, tendo ido á Italia e conhecido ali a tradição de Sordello, de Nicolao de Turin, Bartholomeu Zorgui e Lefranc Cicala, trovadores da escola de Montferrat, ramificação da grande escola de Provença, repete a mesma denominação usada

[1] *Hist. de Port.,* Liv. II, cap. I, § 1.º

[2] Nas *Noticias chronologicas da Universidade,* p. 5, § 10, escreve Leitão Ferreira: «Sendo ainda Infante este principe teve por mestre na sua educação a D. Americo, de nação francez, a quem, tanto que subiu ao throno e empunhou o sceptro, premiou o magisterio com o Bispado de Coimbra. Era D. Americo varão insigne em letras divinas e humanas, e da sua singular doutrina e virtuosas instrucções aprendeu D. Diniz a amar as sciencias e *a cultivar as Musas.*» O chronista Brandão tambem repete, ácerca de Americo: «Que se presume haver sido mestre de el-rei D. Diniz.» *Mon. Luzit.*, t. V, p. 382.—Ferdinand Denis, no seu livro *Portugal,* p. 22, not. 2, diz que Aymeric era filho de Guilherme d'Ebrard, senhor de S. Sulpicio; segundo se lê no *Orbis Christianus,* edificára um mosteiro no valle de *Paradis d'Espagnac,* em Cahors, onde foi sepultado, tendo morrido a 4 de dezembro de 1294.

por D. Diniz: «Eu digo os *Proençaes*, que inda se sente—O som dos brandos versos que entoaram...» Nunes de Leão, referindo-se ao achado do Cancioneiro de D. Diniz, em Roma, antes de 1558, diz d'este monarcha, ser: «quasi o primeiro que na lingua portugueza sabemos escreveu versos, e que elle e os d'aquelle tempo começaram a fazer á imitação dos *Avernos* e *Provençaes*...»[1] Á escola de Auvergne pertenceram Gavaudan o Velho, que allude a Portugal, e Peire Cardinal que metrificou a fabula da *Chuva de Maio*, que Duarte da Gama, Sá de Miranda e D. Francisco Manuel conservaram na litteratura portugueza. O Marquez de Santillana, na Carta ao Condestavel de Portugal, fallando da metrificação dos valencianos, diz que trocaram o verso popular pelo endecasyllabo «de diez syllabas *á la manera de los Limosis*». Esta metrificação caracterisa a primeira epoca poetica de D. Diniz, como as imitações populares em redondilhas de serranas, alvoradas e cantares de amigo, representam o seu pleno desenvolvimento litterario. O citado Marquez tinha para si que a poesia occitanica entrára na Peninsula pela communicação da escola de Limoges: «Estenderam-se, creio, d'aquellas terras e comarcas dos *Limosinos*, estas artes aos Gallaicos, e a esta ultima e occidental parte, que é a nossa Hespanha, onde assás prudente e formosamente se têm usado.» D'esta supposta origem veiu a ser vulgarissima na Peninsula a designação de poesia *limosina;* a opinião só é acceitavel no ponto em que Limoges é uma ramificação da escola ethnica da Aquitania, que o proprio Marquez considera como a que se antepuzera a todas as outras nações em solemnisar e dar honra a estas artes. Á Aquitania pertencia Aimeric d'Ebrard, mestre de D. Diniz.

Outra circumstancia que actuou sobre a educação poetica do joven principe, foram os annos de valetudinario que seu pae D. Affonso III passou no palacio de Lisboa, que tornaram estes passatempos necessarios aos habitos sedentarios da côrte. Quando deu casa a D. Diniz, entre os fidalgos que assignou para o seu serviço contam-se alguns trovadores, como João Velho e Martim Peres, por ventura o d'Alvim. D. Diniz subiu ao throno em 1279; o celebre trovador D. João de Aboim assistia com a mãe do joven monarcha a uma especie de regencia; D. Diniz quiz a sua independencia e d'aqui resultou o malquistar-se algum tanto com Affonso o Sabio. D. Diniz tinha uma organisação sensual; os seus conselheiros induziam-no a que garantisse a corôa dos perigos das bastardias, casando-se. Por esta nova alliança tornou-se mais activa a influencia provençal: D. Diniz casou com Izabel, filha de Constança de Napoles e de Pedro III de Aragão; o tio d'esta infanta, D. Sancho, era o Conde de Provença.[2] N'estas duas côrtes encontrou sempre a poesia provençal férvidos cultores. Em uma *planh* de João Jograr (n.º 708), allude-se á protecção que el-rei D. Diniz dava aos trovadores de Leão, de Castella e de Aragão; o seu casamento influiu em uma communicação directa com a Provença. Mas os primeiros annos do seu reinado foram perturbados com as pretensões de seu irmão D. Affonso, nascido a 8 de fevereiro de 1263, o qual sustentava que lhe pertencia o throno, por ter nascido quando o casamento de seu pae D. Affonso III com a Condessa de Bolonha já se achava dissolvido pelo papa. D. Diniz nascêra quando o divorcio ainda pendia do ajuste com a curia romana; o mais notavel é que a rainha patrocinava estas pretensões que se apoiavam em uma mancebia prévia. A conquista do territorio portuguez estava consummada, e a éra de paz, que caracterisa o seu reinado, reflecte-se no desenvolvimento da poesia popular, por isso que floresceu a agricultura, e no gosto da poesia palaciana, porque se disciplinou a instrucção com o estabelecimento da Universidade.

Pelo numero, variedade e belleza das canções, el-rei D. Diniz é o principal trovador. Nenhum monarcha da Europa foi tão fecundo, se tirarmos a de fóra seu avô Affonso o Sabio, de Castella. Basta o facto eloquente do seu Cancioneiro, para se deduzir como em volta d'elle se organisou uma côrte litteraria, onde, pelo conhecimento de todos os segredos da *Maestria* provençal, todos competiram na aristocracia para se mostrarem mais sabedores, mais artificiosos e conseguirem assim o agrado do monarcha. As canções de D. Diniz não estão de accordo com a sua situação moral; emquanto os trovadores se annullam com a mais profunda passividade diante da sua dama, e occultam o nome d'ella como de um segredo magico que assim como é a felicidade póde ser tambem a sua desgraça, el-rei D. Diniz tinha relações particulares com muitas damas, que na phrase nobiliarchica do tempo *gançavam,* e de quem tinha bastardos que fazia Condes. É por isso que a historia contrasta com o sentimento poetico de canções, como esta:

Oy mays quer'eu já leixal-o trobar
e quero-me desemparar d'amor,
e quer'ir algunha terra buscar

[1] *Chr. dos Reis de Portugal,* P. I, t. II, p. 76.
[2] *Monarch. Lusit.*, t. II, p. 152.

hu nunca possa seer sabedor
ela de mi, nem eu de mha senhor,
poys que lh'é, d'eu viver aqui, pesar. (n.º 81.)

O monarcha procedia n'isto como verdadeiro artista, e de facto as suas canções têm pensamento; elle não desconhece que póde ser mal explicada a sua inspiração e é o primeiro a defender-se contra a perfidia de algumas damas que não querem acceder á linguagem seductora:

Senhor, dizem-vos por meu mal
que non trobo con voss'amor,
mays c'amey de trobar sabor;
e non mi valha deus, nem al
se eu trobo por m'en pagar,
mays faz-me voss'amor trobar. (n.º 92.)

O artificio provençalesco, umas vezes dá-se na fórma strophica, outras no encadeamento das estancias, na disposição da rima, e ás vezes até na repetição das palavras:

Quix ben, amigus, e *quer'e querrey,*
hunha mulher que me *quix* e *quer* mal,
e *querrá,* mays vos direi eu qual
a mulher; mays tanto vos direy:
quix ben e *quer,* e *querrey* tal mulher
que me *quis* mal sempre, *querrá* e *quer.* (n.º 139.)

Eis o retornello no centro da canção, que começa sempre pela mesma palavra:

Nunca vos ousey a dizer
o gram bem que vos sey querer,
senhor d'este meu coração;
mays a que m'en vossa prison
de que vos praz de mi fazer.
Nunca vos dixi nulha rem
de quanto mal mi por vós ven,
senhor d'este meu coraçon
mays a que m'en vossa prison
de mi fazerdes mal ou beñ.
Nunca vos ousey a contar
mal que mi fazedes levar,
senhor d'este meu coraçon;
mays a que m'é vossa prison
de me guarir ou de me matar. (n.º 139.)

Na canção 188, o artificio está na repetição do estribilho no meio e fim da strophe, e na repetição de palavra:

Quisera vosco falar de grado,
ay meu amigo e meu namorado,
mays non ous'oj'eu com vosc'a falar,
ca ey muy gram medo do hirado,
hirad'*aja deus quem lhi foy dar.*

As canções 176, 179 e 180 são dialogadas entre o trovador e a sua dama; se estas canções de que apparecem algumas amostras no Cancioneiro se recitassem *a duo,* como se nota em uma endeixa de Sá de Miranda, ainda da escola velha, em que se conservava o gosto tradicional, então póde-se concluir que na côrte de D. Diniz se conheceram os divertimentos dramaticos. Este genero, segundo o *Jocs-partitz,* da escola limosina, tornava-se tambem casuistico, e portanto era uma parte obrigada das *Côrtes de Amor.* Uma canção de Joham Ayras, burguez de San Thiago, (n.º 597) allude directamente ao divertimento das *Côrtes de Amor* em Portugal:

O meu amigo novas sabe já
d'aquestas *Côrtes* que s'ora faram,
ricas e nobres dizem que seram;
e meu amigo bem sey que fará
hum cantar em que dirá de mi bem,
ou fará ou já o feyto tem...
En aquestas Côrtes que faz El rey
loará mi e meu parecer,
e dirá quanto bem podér dizer
de mim, amigas, e fara bem sey
hum cantar...

João Ayras, de San Thiago, florescia na côrte de D. Diniz e elle mesmo na canção 631 allude á sua permanencia em Portugal:

> Disserom-m'ora, se deus mi perdon',
> que vos trage doas de Portugal...

Indubitavelmente o costume provençal das *Côrtes de Amor* foi tambem imitado na côrte de D. Diniz, e a esse divertimento pertencem as canções dialogadas, como a canção 606 do citado jogral gallego.

É possivel que nem todas as canções que estão em nome de el-rei D. Diniz sejam d'elle; algumas referem situações que só por muito artificio de imitação podia o monarcha descrevel-as, como esta:

> Amiga, muyt'a gram sazom
> *que se foy d'aqui com el rey*
> meu amigo; mays já cuydey
> mil vezes no meu coraçon
> que algur morreu com pesar,
> poys non tornou migo a falar. (n.° 157.)

Por outro lado em todo o grupo das canções do monarcha sente-se a sua reserva em nunca referir um nome de trovador contemporaneo, ou mesmo de dama da sua côrte. N'esta canção, allude-se a uma expedição do monarcha, que nunca teve guerra e foi notavelmente pacificador. Em 1297 concluiu-se um tratado entre Portugal e Castella, e em 1304 el-rei D. Diniz fez uma viagem a Castella para servir de árbitro entre D. Fernando e D. Jayme de Aragão. É esta a expedição alludida; na canção 159 tambem se repete:

> *Dos que ora son na oste,*
> amiga, queria saber
> se se verram tard'ou toste,
> por quanto vos quero dizer,
> porque é lá meu amigo.

É frequentissima a allusão entre os diversos cantares de amigo ao facto de el-rei chamar os namorados ou de os demorar em campanha. Serve isto para estabelecer que o predominio da escola gallega começou no principio do seculo XIV.

Como discipulo dos trovadores, D. Diniz imitava em tudo os modos exteriores da poesia occitanica; já estavam acabadas as cruzadas da terra santa, mas á imitação de Luiz VII, de Luiz IX, de Ricardo Coração de Leão, o monarcha portuguez queria cumprir esses transportes a que levava a *nova maestria,* emprehendendo a heroica romagem. O costume das peregrinações estava arraigado na edade media, e o seguil-o dava um tom cavalheiresco e poetico aos grandes monarchas; no Testamento de el-rei D. Diniz encontramos uma clausula que explica o sentido de muitas canções do codice da Vaticana: «Item, mando que hum cavalleiro, que seja homem de boa vida e de verguença, que vá por mi aa Cruzada Santa d'Ultramar, e que estee hi per dous annos compridos se a cruzada for servindo a Deus, por minha alma...»[1] N'uma canção de Pero da Ponte, (n.° 1176) allude-se a esta compra de penitencia:

> Maria Perez, a *vossa cruzada*
> quando veo da terra d'Ultramar
> assy veo de perdon carregada...

Uma canção de Pero Amigo, de Sevilha, (n.° 1195) satyrisa os que acceitavam estas commissões de penitencia, e simulavam que partiam para Jerusalem; era por uma burla d'estas que apodavam o jogral Pero d'Ambroa:

> Quem m'ora quizesse *cruzár,*
> ben assy poderia hyr
> ben como foy a Ultramar
> Pero d'Ambroa deus servir;
> morar tanto quant'el morou
> na melhor rua que achou
> e dizer: —Venho d'Ultramar, etc.

Nos trovadores gallezianos é frequente a allusão á romaria de San Thiago; era a devoção nacional da peninsula, e as tradições populares tornavam-no um heroe epico das batalhas da

[1] *Provas da Hist. genealogica,* t. I, p. 101.

reconquista christã. Em uma canção de Payo Gomes Charrinho, que frequentou a côrte de Affonso o Sabio, se acha esta expressão de sentimento commum:

> Ay, *Santiago,* padron sabido,
> vós m'adugades o meu amigo;
> sobre mar vem quem frores d'amor tem,
> mirarei, madre, as torres de Jeen. (n.º 429.)

Nas trovas do clerigo Ayras Nunes vê-se que esta romaria era ainda da paixão aristocratica, e ali concorriam os jograes de toda a peninsula:

> En *Santiago* seendo albergado
> em mha pousada, chegaram romeus... (n.º 455.)

E mais explicitamente referindo-se a uma romaria de D. Diniz:

> A *Santiago* em romaria vem
> el rey, madre, praz-me de coraçon.. (n.º 458.)

Em outra canção, satyrisando Ayras Nunes o fidalgo D. Pedro Nunes pelas suas superstições do agouro das aves, diz:

> Don Pedro Nunes era en tornado
> e ia-se a *Santiago* albergar,
> e o aguyro sol el bem catar... (n.º 1078.)

Em um refrem usado pelo trovador Fernando Esquyo, se lê:

> De amor que eu levei de *Santiago* a Lugo
> esse me adugu'e esse me adugo. (n.º 903.)

O habito das romagens piedosas ainda tão popular na provincia do Minho influiu em um genero de cantos chamados de *ledino,* de que adiante fallaremos ao investigar as origens tradicionaes do lyrismo peninsular. A romagem de San Thiago a Compostella tornava a Galliza um centro de unificação poetica, e é por esta circumstancia secundaria, mas que fortalece as condições ethnicas, que a Galliza ficou o fóco de irradiação do gosto trobadoresco. Em uma canção de Pero Amigo, de Sevilha, acha-se revelada esta communicação, e indicada pouco mais ou menos a epoca em que as *pastorellas* se propagaram na peninsula:

> Quando eu um dia *fuy em Compostella*
> *em romaria,* vi hunha pastora
> que poys foy nado nunca vi tam bella,
> nem vy a outra que falasse milhor;
> e demandi-lhe logo o seu amor,
> e fiz por ela esta *pastorella*... (n.º 689.)

Na Grammatica de Raymundo Vidal, diz-se que o fallar francez é mais adoptado para fazer *romances* e *pastorellas,* em quanto o limosino é melhor para canções e sirventes. Na canção de João de Aboim, (n.º 278) conselheiro de el-rei D. Diniz, acha-se intercallada uma pastorella no meio de um conto narrativo ou romanesco, e ahi se encontra indicada a direcção da corrente franceza:

> Cavalgava n'outro dia
> per hum *caminho francez,*
> e hunha pastor siia
> cantando com outras trez
> pastores, e non vos pez'
> e direy-vos todavya
> o que a pastor dizia
> aas outras en castigo:
>
> «Nunca molher crêa per amigo,
> poys s'o meu foy e non falou migo.

A phrase *caminho francez,* embora induza a determinar a corrente das *pastorellas,* significa tambem que a romagem de San Thiago influiu na communicação d'este genero poetico; já Du Puymaigre observou e com elle Monaci, que a romaria de San Thiago de Compostella attrahia um grande numero de peregrinos, e a estrada por onde vinham era conhecida pelo nome de *caminho francez.*[1] Em muitas canções de João Ayres e de João Servando revela-se

[1] Du Puymaigre, *La cour littéraire de D. Juan* II, t. I, p. 35.— Monaci, *Canzoniere,* nota ao n.º 728.

este estylo de intercalar no meio de uma canção narrativa estrophes soltas de *pastorellas* populares. A educação litteraria de el-rei D. Diniz levou-o a admittir este novo gosto chamado francez em contraposição ao limosino, que elle cultivara na sua mocidade. No meio das canções de um exagerado subjectivismo, tem *pastorellas* de um tom narrativo ingenuo, e de um colorido encantador, como de uma illuminura medieval. Por algumas das pastorellas de D. Diniz se descobre o fio da imitação franceza, e por ventura o modo como os trovadores foram levados a cultivarem este bucolismo ante-classico; na canção 137 se lê:

Ela tragia na mão
hũ *papagay* mui fremoso,
cantando mui saboroso
cá entrava o verão...

N'este personagem da pastorella sente-se a ficção oriental dos passaros fallantes, sobre que os arabes formavam poemas allegoricos, de que é exemplo o *Muntic Uttair*. A invasão arabe tambem chegou ao sul da França, e no trovador Arnaut de Cracasse acha-se uma *noelle* intitulada *Antiphanor, a Dama e o Papagaio,* que leva a induzir que este genero despertado pela cultura arabe foi por nós indirectamente recebido por via de França.[1]

Sob os numeros 102 e 150 acham-se mais duas pastorellas de D. Diniz, em *maestria menor,* em que se usava o verso octosyllabo ou de redondilha popular. Isto denota uma influencia jogralesca; e portanto uma vez que esta fórma adquirisse um certo desenvolvimento, o que ella tinha de tradicional e que estava latente nos habitos do povo havia de tornar-se mais apreciado, e até reproduzir-se nos divertimentos poeticos da aristocracia. Este phenomeno póde comprehender-se com o que se está passando entre a principal sociedade que se compraz com o *Fado das salas;* os trovadores fidalgos e o proprio monarcha foram por uma evolução insensivel levados á imitação artificial da fórma primitiva d'estas *pastorellas,* cujas designações particulares e puramente nossas eram *Serrana* ou *Serranilha* e *Dizeres.* O fundo primitivo e ethnico em que persistiu este veio tradicional era commum á França meridional, Italia, Sicilia e Galliza; o proprio Marquez de Santillana, explicando o motivo da prioridade da cultura poetica na Galliza, diz que a todos «se adiantaram e anteposeram os Gallaicos Cisalpinos e da Provincia da *Equitania* em solemnisar e dar honra a estas artes.»[2] Como já acima notamos, o elemento ethnico da Aquitania é turaniano, e com esta raça profundamente poetica, como hoje se póde ver pelos hymnos accadicos, tiveram communicação de tradições alguns ramos arabes. Isto nos revela como pela invasão arabe se deu a revivescencia de certas fórmas poeticas extinctas por uma grande serie de fusionamentos de raça. Com a morte de el-rei D. Diniz a poesia trobadoresca soffreu em toda a peninsula o golpe decisivo da decadencia; á sua côrte convergiam os trovadores e jograes de Leão, de Castella, de Aragão, da Catalunha, da Galliza, como quem buscava um juiz competente para julgar da *maestria.* Não é com lisonja, que o jograr Joham, na *planh* á sua morte, diz:

Os trobadores que poys ficarom
en o seu *regno* et no de *Leon,*
no de *Castela,* no de *Aragon,*
nunca poys de sa morte trobaron... (n.º 708.)

A missão especial da Galliza na unificação da poesia peninsular, pela educação que os principes ali recebiam, e pelo encontro dos trovadores de todas as côrtes meridionaes na romaria de San Thiago, foi continuada por el-rei D. Diniz, pelo seu caracter conciliador, intervindo na paz das differentes monarchias como árbitro, pelo casamento com uma princeza aragoneza e pelo estudo das canções de seu avô Affonso o Sabio de Castella, e pelo divertimento aulico das *Côrtes de Amor.*

Em quanto a unificação poetica se fez por via da Galliza, onde os trovadores conheciam por um contacto immediato as fórmas usadas pelas escolas da Aquitania e do sul da Italia, prevaleceu um estylo artificial conhecido pelo nome de *limosino* ou da escola de Limoges. Os cantos populares ficaram ignorados, e os proprios jograes que os conheciam abandonavam-os com desprezo. Um cantar de mal dizer «*a hum cavaleyro que cuydava que trobava muy ben e que fazia mui bons sons e non era assy*» feito por Martins Soares, revela este desprezo pelos cantos populares:

Os aldeyãos e os concelhos
todolus avedes por pagados,
tambem se chamam per vossos quites,
como se fossem vossos comprados,

[1] Vid. Raynouard, *Choix de Poésies,* t. II, p. 275 a 282.
[2] Carta ao Condestavel de Portugal.

por estes cantares que fazedes d'amor
em que lhis acham as filhas sabor,
e os mancebos que teen soldados.
Benquisto sodes dos alfayates,
dos peliteyros e dos moedores,
d'a vosso bando son os tropeyros [1]
e os jograes dos atambores,
porque lhis cabe nas trombas o som,
para atambores ar dizem que non
acham no mundo outros sões melhores. (n.º 965.)

Aqui se enumeram as classes populares que se comprazíam com esses cantares, que eram de *serranilha*, *de amigo*, *guaiados*, *de ledino*, de *alalála*, as *aravias*, os *areytos* e as *chacones*. Estas fórmas ter-se-iam perdido totalmente se não adquirissem importancia na côrte de D. Diniz; os jograes gallegos affluiam a ella sem o intuito de ganho, como confessa João jograr, e por isso não abandonavam as suas fórmas tradicionaes para lisonjearem o gosto e exploral-o. Cantavam o que sabiam, e foi assim que muitas das fórmas que acima enumeramos penetraram no Cancioneiro por imitação aristocratica. Diz Joham jograr, a proposito da morte de D. Diniz:

et dos jograres vos quero dizer,
nunca cobrarom panos nem aver,
et o seu bem muyto desejarom. (n.º 708.)

É por isso que á primeira influencia por via da Galliza sobre o gosto poetico chamamos *escola limosina*, e á influencia communicada pela côrte de D. Diniz chamamos *escola gallega*. As *Cantigas de amigo* pertencem a um genero em que as fórmas populares animaram o esgotamento da imitação provençalesca; D. Diniz cultivou-o com predilecção e no seu Cancioneiro chegou a formar uma secção especial: «*En a folha adiante se começam as Cantigas de Amigo, que o muy respeitable Dom Diniz fez.*» (p. 32.) Este genero pertence á poesia popular arabe, na qual havia certas canções em que a palavra amigo se repetia, ou se invocava esse sentimento; apenas na linguagem popular é que a palavra *amigo*, ainda conserva o sentido dos Cancioneiros, significando namorado, amante.

O desenvolvimento d'este genero na côrte de D. Diniz revela-nos uma nova influencia poetica; a *maneira de proençal* que D. Diniz aprendera com Ebrard modificava-se pelas fórmas populares, ou estylo *galleziano*. Pode-se caracterisar como uma escola nova, e é a ella que pertence a parte mais bella dos nossos Cancioneiros, contendo alem d'isso a revelação indirecta da existencia de uma profunda poesia popular portugueza que os habitos eruditos não deixaram conservar. Adiante investigaremos as origens tradicionaes d'esta escola gallega. As causas do seu apparecimento historico foram o grande numero de jograes gallegos, leonezes e aragonezes que se fixaram em Portugal.

O casamento de D. Diniz com uma princeza aragoneza, estabeleceu uma communhão poetica entre as duas côrtes; neto de Affonso o Sabio, que fôra educado na Galliza e escrevia as suas canções em gallego, tudo conspirava para tornar a côrte portugueza um centro em que o gosto se uniformisava. Esse lyrismo meio tradicional, meio individual da escola galleziana tem raizes ethnicas no solo peninsular; pela persistencia de alguns retornellos se póde determinar a sua verdadeira origem iberica.

As canções 168, 169, 170, 171, 172, 173, 192, 195, de el-rei D. Diniz, parecem directamente colligidas da tradição popular; se tivessemos a prova de que o monarcha compunha *Sons*, e executava a musica das canções, então podia dizer-se que elle aproveitára essa letra popular, como fizeram alguns compositores do seculo XVI aos romances heroicos. Estas canções indicadas são o typo legitimo da *Serranilha*, como comprovaremos adiante com alguns paradigmas tirados de Gil Vicente. A fórma d'estes cantos revela que serviam para estabelecer o rythmo das danças ou *bailhos de terreiro*:

Amigu'e meu amigo
Valha deus!
vede la frol do pinho
e guisade d'andar.
Amigo e meu amado
valha deus!
vede la frol do ramo
e guisade d'andar.

[1] Os cantos dos tropeyros, ainda hoje usados no Brazil, são na realidade os *Fados*, usados pelos tropeyros arabes com o nome de *Huda*, como os descreve Caussin de Perceval.

Vede la frol do pinho,
valha deus,
selad'o bayoninho,
e guisade d'andar.
Vede la frol do ramo,
valha deus,
salad'o bel cavallo,
e guisade d'andar.
Selad'o bayoninho,
valha deus,
treyde vos, ay amigo
e guisade d'andar. (n.º 173.)

Por esta serranilha vamos estabelecer o typo da sua structura estrophica; as estancias são em geral de dois versos, unidos ou separados por um ou dous refrens; os versos são rimados ou assonantados, predominando na primeira estrophe a assonancia em *i* e na segunda estrophe em *a*. Em rigor a serranilha consta d'estas duas estrophes, que se alternam, tornando o segundo verso da primeira o primeiro da terceira estrophe, sendo o verso que completa esta o primeiro da quinta. O segundo verso da segunda estrophe torna a repetir-se como primeiro da quarta, que é completada com um verso novo, que se repetirá na sexta estrophe. D'esta sorte com duas estrophes se produz uma serranilha com oito e mais estrophes de uma improvisação facil; a alternancia dos versos resulta do movimento dos pares nas danças de terreiro, como ainda se observa entre o povo.

Algumas fórmas lyricas de el-rei D. Diniz conservam-se no moderno lyrismo portuguez, como a da canção 131:

Senhor, pois me non queredes
fazer ben, nen o teedes
per guysado,
deus seja por en loado.
Mays poys vós mui bem sabedes
o torto que mi fazedes,
gram peccado
avedes de mi coytado.

Eram os versos que na tradição popular têm ainda o nome de *pé quebrado*. Esta estrophe simplificada veiu no seculo XV a fixar-se na estrophe das Coplas de Manrique, reapparece nas redondilhas de Camões, em D. Francisco Manuel de Mello, e actualmente nas estrophes de João de Lemos e Palmeirim.

A decima, tão usada no seculo XV, no seculo XVI e principalmente na escola arcádica e pelos improvisadores de Outeiro, tem já o seu typo definido no Cancioneiro de D. Diniz. (n.º 147.) O Cancioneiro de D. Diniz não encerra nas suas cento e vinte nove canções uma unica referencia a nome ou successo particular da côrte; póde attribuir-se isso ao orgulho monarchico; em compensação, as canções do seu valido Estevam da Guarda, completam esta deficiencia do tom sirventesco, porque estão carregadas de um grande numero de personalidades d'essa epoca de transformações. As canções amorosas de Estevam da Guarda (n.º 220-225) trazem a rubrica: «*Privado d'el-rey Dom Denis*»; de facto nos documentos officiaes, como o testamento do monarcha, de 1322, elle assigna como testamenteiro: «Estevam da Guarda, meu criado e meu vassallo...»[1]

Como privado de el-rei D. Diniz o trovador Estevam da Guarda tambem soffreu varias sirventes dos mais afamados trovadores; travou n'elle João Soares Coelho, alludindo á sua curteza de vista e á muita finura, porque nas partilhas entre seus irmãos ficou com as melhores propriedades em Lisboa e com as peiores de Santarem. (n.º 1014.) Na canção 1015 apodam-no pela sua privança com o rei:

e ante el rey muyto caedes ben,
sequer manjar nunca tam pouco tem
de que vós vossa parte non ajades.
E poys el rey de vós é tan pagado
que vos seu ben essa mercê faz
d'averdes nome muyto vos jaz
e non seer home desensinado;
ca poys per côrte avedes a guarir
nunca de vós devedes a partir
hum home que vos traga acompanhado.

[1] *Provas da Historia genealogica*, t. I, p. 101.

Em tres canções de Ayras Peres Veyturon, D. Estevam da Guarda é apodado pelo seu genio impetuoso, porque dá *pancada de cego:*

Don Estevan achey n'outro dia
muy sanhudo de pós hum seu hom'ir,
e sol non lhi pod'un passo fugir,
aquel seu home de pos que el hya;
e filhou-o hy pelo cabeçon,
e feriu-o muy mal d'un gran baston
que na outra mão destra tragia... (n.º 1083.)

Na canção 1084 Veyturon chasquea-o, dizendo que comera em casa de el-rei comidas como elle nunca viu:

Don Estevan, eu eyri comi
em cas d'el rey, nunca vistes melhor,
e contarei-vol-o jantar aqui,
c'axa home de falar hy sabor;
non vyron nunca já outro tal pan,
os vossos olhos, nen ar veeram
outro tal vynho a qual eu bevi...

Da necessidade que elle tinha de um guia tira Veyturon este pretexto para uma sirvente:

Don Estevan, tan de mal talan
sodes, que non podedes de peyor,
que já por home que vos faça amor
sol non catades, tal preço vos dam;
e serv'a vós home quanto poder,
se vos desvya quam pouco xiquer
hydes log'ome trager como can... (n.º 1085.)

Uma sirvente de Pedro Amigo, de Sevilha, (n.º 1194) apoda tambem o privado de D. Diniz pelos amores de uma mulher que elle não vê:

Don Estevan, oy por vós dizer
d'unha molher que queredes gran bem,
que é guardada, que per nulha rem
non a podedes, amigo, veer...

Se a personalidade de Estevam da Guarda nos apparece viva n'estas sirventes, ellas tambem nos explicam o motivo das suas poucas canções amorosas, e do grande numero de canções de mal-dizer; referem-se ás reformas na jurisprudencia portugueza feitas pelo monarcha. A canção 908 satyrisa um letrado por causa das suas differentes opiniões sobre o mesmo feito: «*Esta cantiga de cima foy feita a hũ meestre de leys, que era manco d'ũa perna, e sopegava d'ella muito.*» Pela renascença do direito romano e fundação da Universidade, definiam-se os direitos reaes, e o processo civil tornava-se mais regular. A celebre *Lei de Pontarias* acha tambem o seu ecco na canção 932:

Pero el rey ha defeso
que juiz non filhe preyto,
vedes o que ey apreso:
quem s'ajudar quer do alho
faz barata d'algo e dá-lh'o.

Na canção 910 Estevam da Guarda satyrisa «*hu juiz que nom ouvia bem.*» N'este tempo já el-rei D. Diniz era fallecido, e Estevam da Guarda era mal visto na côrte de Affonso IV, desde o tempo das lutas em que o infante andára com seu pae:

Meu dano fiz por tal juiz pedir
quando mh'a rainha madre d'el rei deu...

Mais a rainha pois que certa for
de qual juiz en sa casa ten,
terá per razon, esto sei eu ben,
de poer hi outro juiz melhor...

Na côrte de Affonso IV tinha Estevam da Guarda contra si a influencia de outros privados; por sirventes do Conde D. Pedro e João de Gaia, sabe-se da preponderancia de Miguel Vivas, Eleito de Viseu, no animo do monarcha; Estevam da Guarda, na canção 927, apoda o vilão rico que casára com a sobrinha do bispo valido, e a quem o rei dera dom; na canção 904

allude á sordidez do mesmo vilão, mas principalmente na canção 915 ataca de um modo directo o bispo:

> Bispo, senhor, eu dou a deus bom grado
> porque vos vejo em privança entrar
> d'el rey, a quem praz d'averdes logar
> no seu conselho mais d'outro prelado...
> Dobrando ende quanto al avedes
> fazede sempre quant'al rey prouguer,
> pois que vos el por privad'assi quer,
> e pois que vós altos feitos sabedes,
> e quanto em fisco e em conselho jaz...

N'esta canção Estevam da Guarda allude ás relações de subserviencia do Bispo com o papa, e como o monarcha ha de ser illudido; a canção é de uma delicada ironia, e encerra muita mais verdade historica do que os documentos dos archivos.

Em outra canção (n.º 918) apoda outro privado, e sabendo-se que elle apoiava assim a situação em que se achava o Conde D. Pedro na côrte de seu irmão, pelo cuidado das rubricas explicativas que acompanham os versos pode-se inferir que o Codice da Vaticana é realmente um transumpto do *Livro das Cantigas;* a rubrica da alludida canção diz: «*foi feita a hun que fora privado d'el-rey, e quando estava muy tendo amor d'el-rey apoinham-lhe que era muy levantado como homem de mal recado; e aas vezes en quanto el-rey non fazia sanhudo, todo tornava mui manso et cordo et mui misurado.*»

Muitas outras referencias se encontram nas canções d'este antigo valido de D. Diniz; a fidalguia, pela reforma da jurisprudencia, perdêra o direito de fazer justiça por suas mãos, representado pelo symbolo de *baraço e cutello.* Na canção 921 satyrisa um Martim Gil, que figura como testemunha na doação da Lourinhã em 1316,[1] pelo facto de mandar açoutar um plebeu contra direito:

> Martim Gil, hum homem vil
> sse quer de vós querellar,
> que o mandastes atar
> cruamente a um esteo,
> dando-lhe açoites bem mil...
> Nom me poss'end'eu partir
> per'o que o já roguey,
> *que se non queix'end' al rey,*
> cá se sente tan mal treyto...

Os impostos ou *talhas* eram cobrados pelos judeus, que em geral faziam nos primeiros seculos da monarchia de ministros das finanças e de junta dos repartidores; Estevam da Guarda compoz uma tenção com o recebedor dos impostos D. Josep, accusando este da cobrança irregular:

> —Vós, dom Josep, venho preguntar
> poys polos vossos *judeus talhadores,*
> vos tem talhad'a grandes e meores
> quanto cada hu judeu hade dar...

O recebedor responde com o espirito secco do homem da finança:

> mais na *talha* graça nem amores
> nulh'y faram os que hande talhar.

Apesar d'esta severidade do judeu, que chegava a pagar-se na carne do devedor, não se tinha chegado a collectar a litteratura, como fez um ministro constitucional cujos merecimentos derivam unicamente dos favores da imprensa.

Pelas canções de Estevam da Guarda sabe-se da existencia de outros trovadores cujas canções se perderam; taes são Ruy Gonçalves e Joham Eanes, que se atacavam em canções de mal-dizer:

> Ruy Gonçalves, pero vos agravece
> porque vos travou em vosso cantar
> Joham Eanes, vej'eu el queyxar
> de quam mal doesto lh'y de vós recrece. (n.º 917.)

Na canção 911, ataca um jogral que abusava do peditorio, acompanhado da mulher e de uma criança emprestada, como fazia outro jogral Pero d'Arruda:

[1] *Provas da Historia genealogica,* t. I, p. 61.

Pois a todos avorrece
este jogral avorrido,
de tal molher e marido,
que a min razão parece
de trager per seu pediolo
o filho d'outro no colo.
Como Pero da Arruda
foy da mulher ajudado...

Na côrte de Affonso IV appareciam de vez em quando estes jograes vagabundos, uns como pedintes, como ainda hoje vemos os cantadores mendigos que affluem na entrada do verão ás cidades, como o *cego d'Abrunheira* em Coimbra, ou o Marcolino, no Porto. O genero de mal-dizer cultivava-se com o despeito dos deslocados em uma côrte com usos differentes dos da passada. A poesia decahia, e a escola gallega já não apresentava representantes dignos; na canção 914, Estevam da Guarda apoda «*a huũ gallego que se preçava de trobar e non o sabya ben e meteu-se á maneira de tençon com Estevam da Guarda, e Estevam da Guarda lhi fez esta cantiga; e el andava sempre espartido, e nunca lhe entendeu a cantiga, nem lhe soube a ella trobar.*» Na canção 919 fala Estevam da Guarda do escudeyro do Mestre de Alcantara chamado *Maçia*, «*et veera d'el rei de Portugal com suas preytesias;*» por nenhuma fórma se póde confundir com o ultimo trovador gallego, o celebre *Macias enamorado,* da casa do Mestre de Calatrava, D. Henrique de Vilhena, que floresceu no primeiro quartel do seculo XV.

Antes do conhecimento do *Cancioneiro da Vaticana* sabia-se que o bastardo de el-rei D. Diniz, o celebre Conde de Albuquerque D. Affonso Sanches fôra tambem trovador;[1] seria pelo seu talento poetico que el-rei D. Diniz o amava loucamente, a ponto de o trazer sempre em sua companhia, e lhe querer deixar o throno, com detrimento de seu filho legitimo D. Affonso IV.[2] São quinze as canções compiladas no Codice da Vaticana, (n.º 17-27, e 366-368); pelo Indice de Colocci (n.º 405-416, e 781) parece que faltam duas canções, mas deve entender-se que a numeração anterior se ampliou em fragmentos de uma só composição. A divisão d'estes dois grupos de canções prova que não foram colligidas de um cancioneiro particular de D. Affonso Sanches, mas sim da memoria d'aquelles que as cantavam no paço para lisonjear o rei. Se o Codice de Colocci ou o *Cancioneiro da Vaticana* fossem compilados pelo Conde D. Pedro sob o titulo de *Livro das Cantigas,* é natural que D. Affonso Sanches fosse mais amplamente representado, do que com treze ou quinze canções sómente. Variando a hypothese, que os Cancioneiros de Roma são os cadernos tumultuarios e apographos do *Livro das Cantigas,* do Conde de Barcellos, então infere-se pelo estado de deturpação e diminuto numero das canções de seu irmão D. Affonso Sanches, que ellas foram colligidas depois de 1329, anno da sua morte, e que por isso o Conde, começando então a compilação, se serviu de subsidios oraes.

As canções d'este bastardo são as mais deturpadas que existem no apographo da Vaticana, isto é, as que o copista italiano menos percebeu do codice primitivo, por isso que não provieram de traslados feitos com perfeição por amanuense, mas de simples notas de memoria. É isto o que se infere do estado fragmentario de uma parte d'ellas. As canções começam com a rubrica *Dom Affonso Sanches, filho de el rey Dom Diniz de Portugal;* porém no Codice de Colocci a rubrica: *Dom Affonso Sanches, filho de Rey Don Denis,* traz uma cota ☞ *alfons.* 4. O possuidor d'este codice suspeitou que essas doze canções pertencessem ao successor de D. Diniz; pela leitura das canções, principalmente pela tenção trovada com o jogral Vaasco Martins (n.º 27) não se póde desconhecer que o seu auctor é D. Affonso Sanches. O principe herdeiro era tambem trovador, segundo o estylo dos monarchas da epoca. Colocci ou o annotador do seu Cancioneiro tinha as provas do seu talento poetico; sob os numeros 1323-1326 estavam quatro canções com a rubrica *El rey dom A°, filho del Rey dom Denis,* e em sigla marginal: *alfonso iiij, successit Donysio.* Aqui está portanto o fundamento da suspeita de Colocci, que ignorava a circumstancia de um outro trovador D. Affonso, tambem filho de el-rei D. Diniz, mas bastardo. Infelizmente estas quatro canções de el-rei D. Affonso IV perderam-se com o Codice de Colocci, e não apparecem no apographo da Vaticana; mas essa rubrica é bastante para authenticar o facto que traz Barbosa Machado, de ter no fim do seculo XVI o chronista Frei Bernardo de Brito colligido as poesias d'este monarcha, como constava de um manuscripto de Manuel Severim de Faria. Antes de 1568, já Ferreira conhecia o talento poetico d'este monarcha, por isso que em seu nome escreveu os dois celebres sonetos gallegos, que vêm nos *Poemas lusitanos;* e a redacção do *Amadis*

[1] Frei Fernando da Soledade, *Historia Seraphica,* Part. III, Liv. 13, cap. 7.
[2] *Portug. Monumenta,* (Scriptores) p. 285.

de Gaula sob a direcção do seu gosto é outro testemunho da educação litteraria de D. Affonso IV. A cultura litteraria seria provocada pela rivalidade que lhe despertavam seus irmãos bastardos D. Affonso Sanches e D. Pedro.

As canções de D. Affonso Sanches são no estylo limosino, em grande parte, estylo usado na côrte desde o reinado de D. Affonso III; outras são já nas fórmas gallegas tradicionaes, adoptadas por el-rei D. Diniz nos *Cantares de amigo*. No estylo limosino prevalecem os versos decasyllabos, as canções tem tres estrophes com refrem, ás vezes um cabo, e são de um sentimento casuistico e de um subjectivismo allegorico. Affonso Sanches, como o Conde D. Pedro, cultivava o genero de *mal-dizer;* postoque este genero apresente pouco sentimento poetico, é hoje para nós o que mais nos revela a vida intima da sociedade portugueza dos seculos XIII e XIV; pela canção 26 vemos que as damas mudavam de nome nos cantares trobadorescos, assim D. Biringela depois de casada passa a chamar-se D. Maria, D. Ousenda, D. Gondiode, D. Gontinha, segundo se vão succedendo os seus namorados.

N'esta canção 26 existe um proloquio, que allude ao

> demo d'uma *meninha*
> d'acolá bem *de Çamora*...

que ainda tem um equivalente na tradição popular; as *Meninas de Çamora* vem citadas n'esta cantiga da Extremadura:

> Salvaterra, Benavente,
> Jericó fica no meio,
> As *meninhas de Çamora*
> Bailam com muito aceio.

Da epoca em que a côrte portugueza esteve em Santarem é que ficou este dito popular, cujo caracter satyrico se conservou na canção de D. Affonso Sanches.

Pela tenção com o trovador Vaasco Martins (n.º 27) vemos que D. Affonso Sanches era ainda novel na *maestria,* porque admirando-se d'aquelle trovador continuar a fazer canções depois de lhe ter morrido a sua dama, este lhe responde «apoz que trobe sabelo-edes.» De Vaasco Martins nenhum outro vestigio resta no *Cancioneiro da Vaticana* alem d'estas duas estrophes da tenção, mas infere-se que era um trovador antigo, ainda da côrte de D. Affonso III, e se as suas canções não estão inclusas anonymamente no *Cancioneiro da Ajuda,* então uma grande parte do Cancioneiro de Roma se perdeu antes mesmo de chegar ao poder do erudito Colocci. Na canção 366 cita-se Affonso Affonses, cuja personalidade historica é ali conhecida por ter um criado mouro; a canção 367 é um graciosissimo idylio, talvez de todas as composições do Cancioneiro a que se inspira de um vago ideal. Sob o n.º 368 acha-se o typo popular dos primitivos *cantares guayados*, a que no seculo XVI alludia Gil Vicente, e que ainda apparecem na tradição como se vê no Romanceiro, no *Jesus peregrino;*[1] o nome d'este genero provém da neuma Guay, ou *Ay,* com que começam sempre os retornellos que acompanham o canto. O conhecimento d'esta fórma por D. Affonso Sanches mostra-nos que elle, seguindo o exemplo de el-rei D. Diniz, foi um dos que influiram para que o gosto e espirito tradicional popular penetrassem nos monotonos Cancioneiros que haviam esgotado até á saciedade o estylo limosino.

O Conde D. Pedro era filho dos amores de el-rei D. Diniz com D. Gracia, senhora da Ribeira de Santarem; o monarcha estimava-o bastante e comsigo o levou a Castella em 1304, quando foi servir de arbitro entre D. Fernando e D. Jayme de Aragão. Em 1 de março d'este mesmo anno o nomeou D. Diniz Conde de Barcellos, senhor de Gestaçó, Lalim e Varzea, e Fronteiro mór da Beira e Entre-Douro e Minho. A paixão que o monarcha mostrava pelos seus bastardos tornava-os odiosos aos fidalgos que apoiavam o descontentamento do principe D. Affonso. O conde de Barcellos soube-se impôr pelos talentos litterarios; elle tornou effectiva a lei de D. Diniz que attribuia á realeza o privilegio de conferir fôro de nobreza, organisando um cadastro da fidalguia existente, conhecido hoje pelo titulo de *Nobiliario do Conde Dom Pedro*. Este nobiliario é uma compilação de antigos registros das familias aristocraticas, e muitas vezes uma copia servil, como se póde ver pelo confronto com o *Livro velho das Linhagens,* e por um segundo fragmento do *Livro velho*.[2] Em um fragmento de genealogias, que se acha appenso ao *Cancioneiro da Ajuda,* a influencia do Conde D. Pedro na côrte de D. Diniz acha-se assim referida: «Este Conde Dom Pedro foi o que fez muito bem a fidalgos em Portugal, e o que os poz em mui grandes contias, cá mais foram por elle postos e feitos em mui grandes contias, cá pelos melhores quatro homens bons que foram em

[1] *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez,* t. III, n.º 43 e 35.
[2] Hoje publicados nos *Port. Mon. hist.* (Scriptores.)

Portugal, salvando se foram ende reis. E este foi o que herdou alguns fidalgos nas suas herdades, e que houve os melhores vassallos que houve outro Conde nem homens bons dos que dante foram.» Pela sua frequencia na côrte de D. Diniz, e pela viagem a Castella o Conde D. Pedro pôde conhecer as varias escolas trobadorescas e imital-as; pela empreza da organisação de um vasto *Nobiliario* tornou-se sympathico á aristocracia e assim podia obter muitos *cadernos de sons,* ou pequenos cancioneiros individuaes, para formar a grande compilação de canções provençalescas que possuia sob o titulo *O Livro das Cantigas,* referido no seu testamento. O *Cancioneiro da Ajuda* já foi confundido com o *Livro das Cantigas,* mas esse codice organisou-se ainda sob a influencia da mocidade de D. Diniz, com composições limosinas rimadas na côrte de D. Affonso III. A considerar-se o *Livro das Cantigas* como um vasto cancioneiro geral, só póde attribuir-se este caracter ao *Cancioneiro da Vaticana*, onde figuram trovadores portuguezes, gallegos, catalães, leonezes e castelhanos. No *Cancioneiro da Vaticana,* o Conde de Barcellos apenas é representado com dez canções desmembradas em dois grupos: 210–213 e 1037–1042; esta desmembração explica-se pela necessidade do systema de apartar os generos poeticos. As primeiras quatro canções pertencem ao genero amoroso, das quaes duas estão incompletas; é provavel que na copia mais antiga de Colocci (608–612) estivessem menos deturpadas. O estylo d'essas canções é de um subjectivismo falso, de um sacrificio e impossibilidade no amor, o que contrasta com o facto de ter sido casado tres vezes com D. Branca Pires de Sousa, D. Maria Ximenez Coronel e D. Thereza Anes de Toledo. Isto prova-nos que a poesia trobadoresca era um costume palaciano, como o jogar as armas; a violencia d'este habito que os proprios reis respeitavam poucas vezes encontrou a espontaneidade do talento. As composições amorosas do Conde de Barcellos acham-se em seguida á unica composição de Affonso XI de Castella, no *Cancioneiro da Vaticana.* Esta approximação não foi accidente casual do copista. Affonso XI tinha relações litterarias com o Conde de Barcellos, e só por via do Conde é que as suas canções poderiam ser conhecidas em Portugal; no seu testamento D. Pedro deixou a Affonso XI o *Livro das Cantigas.* D'estas pequenas circumstancias se poderá inferir, que este Livro era realmente um grande cancioneiro geral para o qual tambem contribuira Affonso XI (n.º 209.) Este monarcha era casado com D. Maria, filha de D. Affonso IV; como trovador bastante distincto, na sua côrte se refugiaram os jograes que não encontravam em Portugal junto de D. Affonso IV o favor que lhes dispensaram D. Affonso III e D. Diniz. Em uma *Planh* de João jograr, alludindo á perda litteraria pela morte de D. Diniz, refere-se á predilecção que a poesia encontrava ainda em seu neto Affonso XI:

> Mays tanto me quero confortar
> em *seu neto,* que o vae semelhar
> em fazer feytos de muy sabeo rey. (n.º 708.)

O Conde D. Pedro, perseguido e desherdado por seu irmão D. Affonso IV, encontrou em Affonso XI e em D. Maria sua sobrinha um generoso acolhimento. A lembrança de deixar áquelle monarcha trovador o seu *Livro das Cantigas* significava um reconhecimento de protecção e de superioridade litteraria. É provavel que por intermedio de Affonso XI el-rei D. Affonso IV fizesse as pazes com o conde de Barcellos. No *Salutz* de João jograr, (n.º 707) cumprimentando D. Affonso IV pela tença que annualmente lhe dava, remata:

> E al do *Conde* falemos
> que he *irmão tio d'el rey,*
> et muyto bem d'el diremos
> segundo como apensey:
> se fosse seu o thezouro
> que el rei de França tem,
> tambem prata como ouro
> daria todo o seu sen.

Era esta generosidade do Conde que o fazia «*haver os melhores vassallos,*» como diz o *Fragmento do Nobiliario,* e que lhe tornava facil obter essa numerosissima collecção de canções do vasto codice de Roma. O casamento de Affonso XI com a infanta D. Maria celebrou-se em 1328, e por esta occasião se estreitaram mais as relações das duas côrtes, a ponto de se alliarem para a celebre batalha do Salado em 1340. A canção de Affonso XI, traz a rubrica: *El rei D. Affonso, de Castella e de Leon, que venceu el rei de Belamarim com o poder d'alem mar a par de Tarifa;* isto prova-nos que a compilação do grande cancioneiro se effectuava não longe de 1340, se é que não foi provocada pela rivalidade poetica das duas

côrtes em 1328. Adiante fallaremos da influencia do successo historico da batalha do Salado sobre a poesia portugueza.

O segundo grupo de canções do Conde D. Pedro consta de seis canções de *mal-dizer* (n.os 1037–1042); a lição de Colocci tinha uma canção de menos. Algumas d'estas canções participam da obscenidade do genero. A canção a Alvar Roiz, Monteiro-Mór, allude a um costume symbolico da edade media, com que se castigava os traidores, rapando-lhe a cabeça:

> ca diz se quer hyr, et per hu for
> levará cabeça descoberta. (n.º 1037.)

Este Alvar Roiz era «*hum escudeyro que andou a alem-mar, e dizia que fora a lo mouro.*» Era ainda então em Portugal frequente a monomania das cruzadas, e quem não podia ir directamente, como sabemos pelo testamento de el-rei D. Diniz, á Palestina, pagava a quem o fizesse. Na côrte de D. Diniz soffreu tambem este Alvaro Rodrigues varias sirventes do grande privado do monarcha, Estevam da Guarda (n.º 905, 906, 907); portanto a canção do Conde de Barcellos deve considerar-se como escripta na sua mocidade e pertencente a algum divertimento da côrte, onde Alvaro Rodrigues foi o alvo dos apodos. Estevam da Guarda em outras canções (n.os 922, 923) ridiculisa-o por causa de um escravo mouro, ainda criança, que lhe tocava a mulher.

Estas canções do Conde D. Pedro são as que vêm na collecção com as maiores rubricas explicativas, signal de que saíram directamente da sua mão para serem encorporadas na vasta compilação, onde a falta de notas torna as outras canções sempre escuras. Muitas d'essas rubricas fazem-nos lembrar alguns traços pittorescos dos costumes da aristocracia portugueza que o Conde de Barcellos introduzia na aridez do seu Nobiliario; taes são as que acompanham as canções n.os 1039 e 1040. Na canção 1041 allude a *Pero Marinho* do qual resta no Cancioneiro apenas uma canção (n.º 523) em resposta a outra de João Ayras de Sanctiago. (n.º 594.) Na canção de Affonso Soares (n.º 1155) Pero Marinho é apodado por Tareja Lopes não querer casar com elle apesar da sua riqueza e mocidade.

É d'este trovador que o Conde D. Pedro traz a formosa lenda heraldica da origem do seu solar, em que seu avô D. Froyam tomou amores com uma Serêa: «Dom Froyam era caçador e monteiro. E andando um dia em seu cavallo per riba do mar a seu monte, achou uma mulher marinha jazer dormindo na ribeira. E hiam com elle trez escudeiros seus, e ella quando os sentiu quise-se acolher ao mar, e elles foram tanto em pós ella ataa que a pilharam ante que se acolhesse ao mar: e depois que a pilhou áaquelles que a tomaram, fea poer em huma bestia e levara para sa casa. E ella era mui fremosa, e el fea bautizar, que lhe nom caia tanto nome nenhum como Marinha, porque saíra do mar, e assy lhe poz nome e chamaram dona Marinha: e ouve d'ella seus filhos dos quaes ouve um que houve nome Joham Froyam Marinho. E esta dona Marinha nom falava nemygalha. D. Froyam amava-a muyto e nunca lhe tantas cousas pode fazer que a podesse fazer falar. E hum dia mandou fazer muy gram fugueyra em seu paaço, e ella vinha de fora e trazia aquelle seu filho comsigo, que amava tanto como seu coraçom, e dom Froyam foi filhar aquel filho seu e d'ela e fez que o queria enviar ao fogo e ela com raiva do filho esforçou de braadar e com o brado deitou pela bocca huma peça de carne e d'alli adiante fallou. E dom Froyam recebeu-a por molher e casou com ella.»[1] Embora no Cancioneiro se diga filho de João Annes de Valladares, o Nobiliario traz Pero Annes Marinho como filho de João Froyaz Marinho, e irmão de outro trovador Martim Annes Marinho (n.º 1154) tambem representado no *Cancioneiro da Vaticana*. Continúa o Conde D. Pedro no Nobiliario: «E estes Marinhos partiram-se per muitas partes per casamentos de filhos que casaram em Galliza com outros de que deçenderam muitos que chamaram Marinhos.» N'este tempo a escola gallega dos trovadores estava confundida por meio de casamentos com o genio portuguez, e portanto esta designação torna-se meramente tradicional.

Na canção 1042, o Conde D. Pedro chasquea um jogral chamado Martim Vasques, porque se presava de saber astrologia e prognosticava que alcançaria uma egreja com mil libras de rendimento. A influencia d'este jogral na côrte parece ter sido grande, attendendo ás duas sirventes que provocou a Estevam da Guarda grande privado de el-rei D. Diniz. Comtudo no *Cancioneiro da Vaticana* não se encontra vestigio das composições d'este jogral, que por certo não foram colleccionadas, attendendo ao despreso que por elle tinha o Conde D. Pedro. As cantigas de mal-dizer eram compostas por strophes desligadas como epigrammas, que depois se combinavam em uma unica sirvente. É o que se deprehende d'esta ru-

[1] *Mon. hist.*, (Scriptores), p. 383.

brica que acompanha a canção 1042: «*Esta cantiga suso escripta, que se commenta, se ajuntou aás que no outro dia fez o Conde a hũ jograr que havia nome Martim Vasques, ca se presava que sabia d'estrologia*...» N'esta canção acha-se ainda uma palavra arabe servindo de interjeição, *messella*, (*mashallah*, deus o quer) que se perdeu, conservando-se a outra litteraria *Oxalá*. A astrologia era a sciencia predominante do seculo; Affonso o Sabio escrevia sobre os phenomenos celestes, e o pretencioso jogral queria arrogar-se importancia pelo conhecimento dos *pontos* e *conjuncções* dos planetas. Na linguagem dos trovadores portuguezes é frequente esta phrase «em *mão ponto* fui nado» resultante da influencia da astrologia nos costumes. As canções de Estevam da Guarda contra o jogral Martim Vasques (n.[os] 928–931) são mais importantes do que as do Conde de Barcellos emquanto a referencias historicas; Martins Vasques recebêra ordens sacras, na esperança de obter uma egreja rendosa. A egreja não lhe foi concedida, e pela sua dignidade era-lhe defesa a profissão da *jograria;* este costume chegou a ser prohibido nas *Ordenações Affonsinas*. A canção 930 é preciosissima pela referencia á tradição de *Merlin*, que o Conde D. Pedro tambem cita nos prologos historicos do *Nobiliario;* é a historia dos amores do propheta da Bretanha com a fada Viviana que o illudia e o clausurou na sepultura, que elle construira:

Como aveo a *Merlin* de morrer
per seu gram saber, que el foy mostrar
a tal molher que elle soube enganar.

E é que lh'é muyto grave de teer
por aquelo que lh'el foy mostrar
em estar com quem sabe que o pod'ensarrar,
em tal logar hu conven d'atender
a tal morte de qual morreu *Merlin*
hu dará vozes dizendo sa fim...

Por esta canção de Estevam da Guarda, do fim do reinado de D. Diniz, se póde fixar a epoca em que as tradições bretãs penetraram em Portugal. O *Roman de Brut* foi a fonte das tradições do cyclo arthuriano n'este paiz; o Conde D. Pedro cita a *Islavalon*, a Ilha encantada de Avalon, a morte de Arthur, as prophecias de Merlim, e a lenda do Rey Lear, perpetuada na tragedia de Shakespeare. Alguns poemas d'este cyclo foram lidos na côrte, como o romance de *Tristão e Yseult*, cujo nome se usou na sociedade civil na fórma de *Yseu*, *Isea* e *Ousenda*, e o romance de *Flores* e *Branca Flor*.

Na canção 115 de el-rei D. Diniz, se acha uma referencia a estes poemas de aventuras do cyclo bretão:

Qual mayor posso, e o mais encoberto
que poss'e sey de *Brancafrol*,
que lhe non houve en *Flores* tal amor
qual vos eu ey......
Qual mayor poss'e o mui namorado
Tristẽ, sey ben que non amou *Oseu*
quanto vos eu amo, esto certo sey...

E na canção 358, de João de Guilhade ha uma egual referencia:

Os grandes vossos amores
que mi e vós sempr'ouvemos
nunca lhi cima fizemos
como a *Brancafrol e Flores*.

Foi por esta influencia bretã, que em Portugal começou a elaboração novellesca do poema de aventuras de *Amadis de Gaula*, e tambem na classe aristocratica se vulgarisou o nome de *Ouroana* (Ydoyne) celebrado n'esses amores. Em uma canção de João de Guylhade (n.º 1109) já se apoda uma dama D. *Ouroana*. Mas a influencia bretã sobre o lyrismo parece ter sido mais musical do que litteraria; uma vez pelo menos encontramos citada a fórma poetica do *Lay*, na canção de Fernão Rodrigues Redondo (n.º 1147) apodando D. Pedro de Portugal, cunhado do rei de Aragão, e que tem sido já confundido com o Conde D. Pedro.

Nas lutas de D. Affonso II com seus irmãos para não cumprir o testamento de seu pae D. Sancho I, é citado o nome do Infante D. Pedro, que se refugiára na côrte de Leão logo que seu irmão subiu ao throno. Entre as canções de Affonso IX, que satyrisou Affonso II em uma aspera sirvente (n.º 79) encontra-se uma em que se allude aos talentos poeticos do infante D. Pedro, seu cunhado, que imitava os versos de Cotom:

E com dereyto seer enforcado
deve *Dom Pedro*, porque foy filhar
a Cotom, poyl-o ouve soterrado
seus cantares... (n.º 68.)

Uma clara intelligencia d'esta estrophe póde fazer considerar D. Pedro de que aqui se falla o trovador Pero da Ponte, da côrte de Affonso IX; mas o que se não póde é confundir com o Conde D. Pedro, auctor do *Nobiliario*, como o entendeu Varnhagen. Que o infante D. Pedro, irmão de D. Affonso II, era poeta, e um dos sectarios da escola bretã na peninsula, prova-o a canção 1147, de Fernam Rodrigues Redondo, que começa:

> *Dom Pedro* est *cunhado de el rei*
> que chegou ora aqui de Aragon...
> Muy ledo sendo *hu cantara seus Lays*,
> a sa lidice pouco lhe durou...

Este infante distinguiu-se na batalha das Navas, e na tomada de Mayorca, onde existe o seu sepulchro, como se descreve na *Viagem Litteraria ás Egrejas de Hespanha.* As suas poesias estão totalmente perdidas, e nem se conheceria o seu gôsto se não fosse a passageira allusão do trovador contemporaneo. A sua influencia litteraria na côrte de Aragão foi notavel como se deduz da linguagem usada por Affonso IX, que é um portuguez dionisiano. Por ventura os *Lays* cóm que começava o antigo Cancioneiro portuguez de Angelo Colocci, de que resta apenas o Indice, pertenciam a este até hoje ignorado trovador; ao tempo que o Conde D. Pedro começou a sua compilação ainda existiam o *Lai de Elis o baço, Lai das Quatro donzellas, Lai de Dom Tristam enamorado, Lai de Dom Tristam* e *Lai de D. Tristam para Genebra.* No tempo do Conde D. Pedro o *lai* era mais uma ária, e a musica nova é que fazia conservar a velha letra; ainda no principio do seculo XVI Gil Vicente intercalava n'um Auto representado no paço uma *canção franceza.* Na novella de *Amadis* vem uma canção «Leonoreta sin roseta» que nos parece representar este estylo bretão. Adiante mostraremos como no reinado de D. Pedro I circumstancias casuaes vieram fazer renascer momentaneamente os cantos de *lay*, que foram supplantados pelo desenvolvimento da fórma novellesca das tradições da Tavola Redonda.

Em uma canção de D. Gonçalo Eanes do Vinhal contra um trovador de segrel cujo nome ficou desconhecido, vem uma referencia directa á poesia bretã usada na côrte portugueza:

> Maestre, todolos vossos cantares
> já que filham sempre d'un a razon
> e outrosy ar filham a mi son,
> e non seguades outros milhares
> senon aquestes de *Cornoalha*,
> mays este seguides ben sen falha,
> e non vi trobador per tantos logares. (n.º 1007.)

Esta strophe allude indubitavelmente aos *lays* de Isonda de Cornoalha, de que restavam cinco composições no Cancioneiro de Collocci. Os cantares de Cornoalha eram as breves cantilenas do cyclo arthuriano antes do desenvolvimento epico e novellesco. Em uma canção de Fernando Esquio (n.º 1140) allude-se á tradição bretã do cavallo-fada:

> Disse um infante ante sa companha
> que me daria bêsta na fronteyra,
> e non será já murzela, nem veyra
> nem branca, nem vermelha, nem castanha;
> pois amarella, nem parda non for
> a pram será a *besta-ladrador*
> *que lh'adusam do reino de Bretanha.*

Nas lutas de D. Affonso IV contra seu pae el-rei D. Diniz, por causa da preferencia que este dava ao seu bastardo Affonso Sanches, o Conde D. Pedro encontrou-se do lado do principe herdeiro: «O infante quando soube que seu pae jazia sobre Coimbra, alçou-se de Guimarães e chegou a Sam Paulo com o *Conde Dom Pedro, seu irmão*, que então era exerdado do reino, e com outros ricos homens e com gram poder de cavalleria, e jouve hi trez dias per tregua que houve entre seu padre e elle.»[1] Apesar de ter soffrido por causa dos direitos de D. Affonso IV, o Conde D. Pedro não achou n'este monarcha o favor de que era digno; na canção 1038 queixa-se o Conde dos privados que influiam no animo do monarcha, que eram o bispo eleito de Vizeu, Miguel Vivas, e Moniz Lourenço de Beja:

> Os privados que d'el rey ham
> por mal de muitos gram poder,
> seu saber é juntar aver
> e non o comem, nem o dam...

[1] *Mon. hist.*, (Scriptores) p. 256.

Em uma canção de Estevam da Guarda (n.º 927) por isso que fôra privado de D. Diniz, então mal visto na côrte de D. Affonso IV, tambem se acha uma satyra contra «*huu vilão rico que avia nome Ruy Fafes, e feze-o el rey Dom, a rogo de Miguel Vivas, eleyto de Viseu, seu privado, porque casou com uma sa sobrinha*...»[1] Na epoca em que o Conde estava em conflicto com D. Affonso IV alguns dos seus cavalleiros vassallos passaram para o monarcha; uma sirvente de João de Gaya, escudeiro, apoda «o Cavalleiro Fernão Vasques Pimentel, *que foy primeiro vassallo do Conde D. Pedro*», (n.º 1058) e depois foi servir o filho de Affonso Sanches e por ultimo «o *Infante D. Affonso filho d'el rey Dom Deniz, que depoys foy rey de Portugal*...» O Conde D. Pedro viveu reconciliado com seu irmão o resto de seus dias; a poesia estava decahida na côrte de D. Affonso IV, e no seu testamento de 1350 o Conde deixa o *Livro das Cantigas* a Affonso XI de Castella, com data de 30 de março; a 26 d'esse mez falleceu o rei de Castella, e o Conde de Barcellos só veiu a morrer d'ahi a quatro annos. É provavel que o *Livro das Cantigas* não saisse de Portugal, se é que elle já não estava em poder de Affonso XI.

Tendo fallado na cultura litteraria dos bastardos de D. Diniz, seria deixar uma solução de continuidade na historia não procurando os elementos que nos descrevam a actividade litteraria da côrte de D. Affonso IV seu successor. Como ha pouco observamos, este rei tambem era trovador, e algumas canções suas foram colligidas no Cancioneiro de Colocci. Não é hoje possivel alcançar qualquer d'estes monumentos, mas nem por isso faltam as provas do seu gosto e influencia litteraria. Póde se dizer que foi o principe que melhor comprehendeu a transformação do lyrismo provençal; porque, faltando-nos uma renascença philosophica neo-platonica para converter a imitação exterior do lyrismo trobadoresco na expressão do sentimento moderno, como o fez a Italia em Dante e nos Fieis d'Amor, este principe influiu na conversão dos *lais* subjectivos em novellas narrativas, tal como vieram a prevalecer na Europa. Na sua menoridade D. Affonso fez com que Vasco de Lobeira redigisse em prosa a novella do *Amadis de Gaula,* até então propagada por toda a Europa na fórma poetica.[2] O nome de Lobeira já figura em um trovador da côrte de D. Affonso III e de D. Diniz; é o trovador João Lobeira «natural portuguez, filho de Pedro Soares de Alvim,»[3] bastardo mas legitimado por D. Affonso III em 6 de maio de 1272; elle assigna como testemunha no testamento do bispo de Lisboa D. Aires Vaz, em 1258; na doação da villa da Lourinhã por D. Affonso III a seu filho D. Affonso, João Lobeira assigna a confirmação em 1278, e em 1321 torna a assignar um instrumento de composição de el-rei D. Diniz com a camara de Lisboa.[4] A phrase de Brandão: «D'este João Lobeira descendem, ao que entendo, os que ha em Portugal d'este appellido...» leva-nos a suppor que Vasco de Lobeira, que escrevia ás ordens do Infante D. Affonso, seria seu filho. Miguel Leite Ferreira, publicando os *Poemas lusitanos* de seu pae, o dr. Antonio Ferreira, explica porque é que este quinhentista compoz em linguagem archaica dois sonetos dirigidos em nome do Infante a Vasco de Lobeira; essa linguagem: «se costumava n'este reino no tempo del rei Dom Diniz, que he a mesma em que foi composta a historia do *Amadis de Gaula,* por Vasco de Lobeira, natural da cidade do Porto, cujo original anda na casa de Aveiro. Divulgaram-se em nome do Infante Dom Affonso, filho primogenito del rei Dom Diniz, por quam mal este principe recebera, (como se vê da mesma historia) ser a formosa Briolanja em seus amores maltratada.»[5] Por esta preciosa nota se vê que Vasco de Lobeira, vivendo o pae na côrte de D. Diniz, era fidalgo da casa do Infante, e que este lhe fez modificar a redacção do episodio dos amores de

[1] A canção 1062, de João de Gaya a *huũ bispo de Viseu, natural de Aragão*, parece referir-se ainda a Miguel Vivas, privado de D. Affonso IV; n'este caso João de Gaya era partidario do Conde D. Pedro, e um dos que o ajudou na compilação do grande Cancioneiro.

[2] Vid. as provas no livro *Formação do Amadis de Gaula*, 1872. Ultimamente o dr. Ludwig Braunfels publicou um opusculo intitulado *Kritischer Versuch über den Roman Amadis von Gallien*, Leipzic, 1876, (Ensaio critico sobre o Romance de Amadiz de Gaula) no qual sustenta a prioridade da redacção castelhana, repetindo os argumentos já refutados que traz Gayangos, sem o conhecimento dos novos trabalhos publicados em Portugal. Braunfels refuta o nosso artigo *Sobre a origem portugueza de Amadiz de Gaula* (*Rivista de Filologia Romanza,* fasc. III, 1873), que é o segundo capitulo da parte segunda do livro supracitado, mas que elle tambem desconhece. N'essa refutação os factos são improvisados pelo critico, taes como: attribuir-me o dizer que Antonio Ferreira foi Bibliothecario do Duque de Aveiro, ou a confusão de Henrique III com Henrique II, que no proprio texto se acha sanada. Outros argumentos contra a prioridade portugueza são inventados pelo proprio dr. Braunfels, como o dizer que o texto de Azurara, que cita o *Amadiz,* é interpollado por um commentador! É esta a grande novidade do seu Ensaio critico, que tomou a questão no ponto até onde a levou Gayangos, e a deixou ficar mais confusa por falta da verdadeira imparcialidade de um methodo scientifico. Depois de estudarmos todas as argucias logicas de Braunfels, concluimos que os seus argumentos conduzem á prova definitiva da redacção portugueza do *Amadiz de Gaula,* contra a qual até de ironias se serviu.

[3] *Monarchia Luz.,* t. VI, p. 112.

[4] Ibid., t. V, p. 521.

[5] Esta nota deve procurar-se na folha de Erratas da edição de 1598, dos *Poemas luzitanos;* este aviso é para que não neguem a sua existencia, como fez Gayangos.

Briolanja, como ainda se lê na rubrica da mesma novella do *Amadis de Gaula*, apesar da paraphrase castelhana, que exclusivamente subsiste. O exercicio da lingua portugueza na novella em prosa era uma consequencia das reformas de D. Diniz; a lingua portugueza acabava de ser estabelecida nos tribunaes, nas escripturas publicas e leis. Demais o regimen trobadoresco decaia, e os jograes, saidos das camadas populares, faziam prevalecer o gosto narrativo. Antes de 1325, epoca do fallecimento de D. Diniz, já na Provença os trovadores se haviam confundido com os jograes, como se vê por estes versos de Giraud de Riquier:

Pero tug son joglar
Apelat en Proensa...

Era este o periodo em que a poesia provençal perdia o seu exagerado subjectivismo, entrando de novo em voga as narrativas jogralescas, ou poemas de aventuras, chamados *Romanz* e depois novellas. A creação do *Amadis de Gaula* foi uma consequencia d'esta transformação historica, e a D. Affonso IV cabe a gloria da comprehensão d'este phenomeno evolutivo, facilitando o descobrimento do genero narrativo, que mais tarde se manifestaria na concepção historica no inexcedivel Fernão Lopes.

A começar do reinado de D. Affonso IV em 1325, dá-se uma certa reacção da poesia castelhana sobre a portugueza, reacção que se tornou crescente e exclusiva, a ponto de permanecer preponderante em todo o seculo XV, como se vê pelo Cancioneiro de Rezende. O casamento de D. Maria, filha d'este monarcha, com D. Affonso XI rei de Castella e de Leão, estabeleceu relações intimas entre as duas côrtes. Affonso XI sustentava extemporaneamente o modo provençal e as *Côrtes de Amor;* D. Affonso IV patrocinava o genero narrativo. As relações das duas côrtes em quanto á actividade jogralesca vêem-se n'esta canção de João Ayras (n.º 553):

Meu senhor *rey de Castella*
venho-me vós querellar;
eu amey unha donzella
por quem m'ouvistes trobar...

Se mi justiça non val
ante rey tam justiceiro,
hir-m'ey ao de Portugal.

Os jograes corriam as varias côrtes peninsulares conforme os favores que lhes dispensavam os monarchas; este João Ayres falla de Portugal, quando descreve como levaria a sua dama:

na coma do rocim deante,
por caminho de Sampay
passar Minh'e Doir'e Gaia. (n.º 547.)

E em outra canção allude ás suas peregrinações poeticas pelas outras côrtes:

Andey, senhor, Leon e Castella
depoys que m'eu d'esta terra quitey,
e non foy hi dona nem donzella
que eu non visse... (n.º 536.)

Um successo historico veiu estreitar mais as relações da côrte portugueza com a castelhana e inspirar os jograes: foi a batalha do Salado. O sultão de Marrocos Abul-Hassan ameaçava a Hespanha christã com uma invasão; uma esquadra mourisca derrotára o almirante Tenorio, e Affonso XI achava-se sem meios de defeza. Affonso IV estava despeitado com Affonso XI, mas pelos rogos de sua filha que veiu directamente a Portugal para decidil-o a entrar na liga, o monarcha portuguez mandou o seu almirante Micer Peçanha cruzar diante de Cadiz, apresentando-se elle mesmo em Sevilha para ajudar o rei castelhano na tomada e defeza de Tarifa. Decidiu-se em conselho que Affonso XI atacaria Abul-Hassan, e Affonso IV acommetteria o rei de Granada. No dia 3 de outubro de 1340 foi o encontro dos exercitos christãos junto do rio Salado, cuja passagem os exercitos mouriscos impediam. Sobrepujada esta primeira difficuldade, e coadjuvados pela guarnição de Tarifa, os exercitos christãos alcançaram uma victoria, que annullou para sempre os terrores de uma invasão mahometana. D. Affonso IV voltou para Portugal não querendo tomar parte nos despojos que ficaram da batalha. Até aqui o facto historico. No *Cancioneiro da Vaticana* estão patentes os resultados da sua acção sobre os cantos dos jograes. Nas *barcarollas* de Joham Zorro acham-se os eccos do enthusiasmo popular por esta expedição maritima:

Os meus olhos, o meu coraçom,
et o meu lume *foy-se con el rey...* (n.º 752.)

As *barcarollas* de João Zorro têm a estructura das canções populares do seculo XIV:

El rey de Portugale
barcas mandou lavrar. (n.º 755.)

En Lixboa, sobre lo mar
barcas novas mandey lavrar;
ay mha senhor velida.
Em Lixboa sobre lo *lez*
barcas novas mandey fazer;
ay mha senhor velida. (n.º 754.)

A este tempo tambem frequentava a côrte portugueza o fidalgo trovador Nuno Fernandes Torneol, castelhano, que fez uma linda barcarolla ao facto da expedição maritima:

Vy eu, mha madre, andar,
as barcas en o mar,
e moyro-me d'amor.
Fuy eu, mha madre, veer
as barcas em o *lez*,
e moyro-me d'amor... (n.º 246.)

Em ambas estas barcarollas encontra-se a palavra *lez*, que segundo a auctoridade de Sédillot[1] provém do arabe *lezz*, ter mão; na linguagem popular portugueza ainda se conserva a phrase locutiva «de *lez* a *lez*» contraposta a est'outra «de riba a baixo.»

Da marcha de D. Affonso IV para Sevilha, acha-se na canção do jogral Ruy Fernandes clerigo esta allusão no estylo provençalesco:

«Madre, quer'oj'eu yr veer
meu amigo, que se quer hir
a Sevilha el rey servir;
ay madre, yr-lo-ey veer...

A Sevilha se vae d'aqui
meu amigo por fazer ben... (n.º 520.)

Nas canções de Ruy Martins do Casal tambem se allude á expedição sobre Granada:

Rogo-te, ay amor, queiras migo morar
tod'este tempo em quanto vay andar
a Granada, meu amigo! (n.º 765.)

A ida a Granada entrava como facto obrigado dos refrens jogralescos; em outra canção Ruy Martins do Casal remata sempre com o estribilho:

... meu amigo, que se foy andar
a Granada por meu amor lidar. (n.º 766.)

Nas canções de Pero Gonçalves de Porto Carrero, uma d'ellas explica a anciedade das namoradas que não recebiam novas dos trovadores que estavam na campanha, ou que não regressavam de Castella:

Par deus, coytada vivo
poys non vem meu amigo,
poys non vem, que farey?
meus cabellos com sirgo
eu non os liarei. (n.º 505.)

N'esta estrophe allude-se ao symbolo juridico dos nossos Foraes, o *cabello atado*, como signal de casada. Este costume ainda se expressa nos modernos cantos populares:

Menina ate o cabello
Que atado fica-lhe bem,
Se lhe faltarem as fitas
O salgueiro verga tem.

Na segunda estrophe da canção 505, a referencia historica é ainda mais clara:

Poys non vem de Castella,
non é viv'ay mesela,
ou m'o detem el rey;
mhas toucas da Estela
eu non vos tragerey.

[1] *Hist. générale des Arabes*, t. II, p. 219.

A viuvez, no symbolismo foraleiro, determinava-se pela *touca*.

Pela epoca da batalha do Salado, em 1340, e pela rubrica que acompanha a canção de Affonso XI, *vencedor a par de Tarifa*, logo no principio do Cancioneiro, vê-se que esta vasta collecção foi organisada por occasião das relações amigaveis das duas côrtes, e sob o enthusiasmo dos trovadores de ambos os paizes.

O successo da batalha do Salado tambem inspirou os trovadores castelhanos; na litteratura hespanhola d'este periodo existem dois poemas historicos celebrando esta mesma batalha. Começou então a ser usada a quadra em redondilhas, que se imitou tambem em Portugal. Os dois poemas castelhanos são a *Chronica en coplas redondillas de Alfonso Onceno*, escripta por Rodrigo Yanes, e achada em 1575 por Diego Hurtado de Mendoza, em Granada; e a *Chronica en rimas antiguas*, por Fernam Gonzalves, ambas em octosyllabos. Da poesia historica de Yanes temos a prova da sua imitação por Affonso Giraldes nos seus versos de redondilha em que escreveu a Chronica de D. Affonso IV até á batalha do Salado. A noticia mais antiga d'este poemeto acha-se em Faria e Sousa na *Europa portugueza*, e a ultima referencia que se fez a elle apresentando alguns extractos, foi em 1751, por Frei Francisco Brandão, na *Monarchia Luzitana*;[1] portanto a sua perda data do grande terremoto de Lisboa, de 1755. Restam d'este poemeto de Affonso Giraldes dez quadras, mas por esses vestigios se descobrem algumas reminiscencias directas da chronica poetica de Yanes. O poema começava, como o descreve o chronista Frei Antonio Brandão, contando varias guerras antigas das mais celebres: «em o principio do qual entre outras *guerras antigas*, se faz menção d'esta, que o Abbade João teve com os mouros e com seu capitão Almançor.»[2] Por esta descripção vê-se que era a quadra seguinte uma das primeiras do poema:

> Outros falam de gram razão
> De *Bistoris*, gram sabedor,
> E do *Abbade Dom João*,
> Que venceu Rei Almanzor.

A guerra de *Bistoris*, aqui citada, viria como allusão á extraordinaria façanha de Eleazar, que nos desfiladeiros de *Betzacharah* para salvar os israelitas, vendo o rei Antiocho Eupator montado sobre um elephante, atravessou denodado o exercito inimigo, e com a lança varou o ventre do animal couraçado por todos os outros pontos.[3] *Betzacharah* é o mesmo que *Bistoris*, na linguagem vulgar, como *Averroes* se converteu da fórma *Ibn-Roschd*.

A lenda do *Abbade João* de Monte-Mór, era um d'esses episodios epicos das lutas de exterminio entre christãos e arabes; d'esta luta subsiste ainda na fórma poetica a lenda do *Figueiral*, colligida desde o seculo XV no Cancioneiro do Conde de Marialva, porém a lenda do Abbade João, pelo seu caracter religioso foi absorvida pelos eruditos ecclesiasticos, e esterilisou-se na fórma de relação em prosa. Na primeira metade do seculo XVI fallava Fernão de Oliveira d'esta lenda, e explicava as façanhas do *Abbade João* referindo-se com uma admiravel lucidez á sociedade *mosarabe*: «E só esta nossa terra Portugal, na Hespanha, quando os Godos com seus costumes barbaros e viciosos perderam a Hespanha, teve sempre bandeira nunca sujeita a mouros; mas muitas vezes côntr'elles victoriosa: como foi a do *Santo Abbade João de Monte-Mór* o qual confessam todos, que corria a terra dos mouros como d'imigos e não como de senhores. E esta é a verdade, que *em Portugal sempre houve logares de christãos*, porque se assim não fora que na Estremadura não houvera logares de christãos, não se atreveria o *Abbade João*, que era homem prudente, a sayr traz seus imigos por suas terras d'esses imigos por espaço de jornadas com pouca gente.»[4] Era n'estes logares de christãos encravados na conquista arabe que se elaboravam as tradições épicas dos Romanceiros, ou *Aravias*, que se conservaram no elemento mosarabe da nacionalidade portugueza. O poema de Affonso Giraldes referia-se a estas tradições nacionaes, mas a tendencia historica escravisava-o á narrativa prosaica; elle descreve o nascimento de D. Affonso IV, a sua educação e casamento, e como mandou usar aos *Mudjares* o distinctivo das almexias; depois descreve a batalha do Salado, referindo-se ao alferes de Portugal Gonçalo Gomes de Azevedo.[5] O estylo d'estas quadras em redondilhas mostra que a tradição provençal tendia a ser abandonada na côrte portugueza; foi então que se vulgarisaram as prophecias de Merlim em Portugal, e o *Leão dormente* e o *Porco espinho* vieram ainda a figurar mas já sem sentido na tradição provincial nas Prophecias de Bandarra, do principio do seculo XVI. A tradição da batalha do Salado chegou até a Camões, formando um dos mais lindos episodios

[1] Tomo VI, p. 106.
[2] *Mon. luzit.*, Part. III, liv. X, cap. 45.
[3] Maccab., I, 6, e 14.— Josepho, *Antig. judaicas*, XII, 9.
[4] *Grammatica da linguagem portugueza*, p. 11. Ed. 1871.
[5] *Antologia portugueza*, n.º 41.

dos *Luziadas*: «Entrava a formosissima Maria...» Depois da morte de Affonso XI de Castella, alguns castelhanos refugiaram-se na côrte de D. Affonso IV; entre esses podemos citar o nome do trovador Mem Rodrigues Tenoyro. As suas canções são das mais bellas do *Cancioneiro da Vaticana*, e escriptas na lingua portugueza exprimem a sua saudade:

Se eu pudess'yr hu mha senhor é
ben vos juro que querria hir. (n.º 9.)

Quando m'eu mui triste de mha senhor
mui fremosa *sem meu grado* parti. (n.º 12.)

Depois que o infante filho de D. Affonso IV subiu ao throno em 1357, tratou de se vingar dos assassinos de Ignez de Castro. O trovador Mem Rodriguez Tenoyro foi entregue a Pedro o Cruel em troca de um dos assassinos, sendo immediatamente executado.[1] Com a morte quasi consecutiva de Affonso XI, do Conde D. Pedro e de D. Affonso IV, a poesia provençal palaciana perdeu os seus cultores; e a aristocracia entrando na luta contra o poder real calava-se por um momento. Na *Bibliotheca lusitana* de Barbosa, D. Pedro I ainda é citado como trovador, attribuindo-se-lhe uma poesia em castelhano tirada do Cancioneiro manuscripto do padre Pedro Ribeiro; mas essa poesia pertence em parte a el-rei D. Pedro, filho do Duque de Coimbra, e a outra parte é evidentemente da escola italiana do seculo XVI. Póde-se dizer que por isso mesmo que não foi trovador é que a poesia não se cultivou na sua côrte. No Cancioneiro encontra-se um fragmento da canção de Alvaro Affonso «*cantor do senhor Infante*, a um eschollar» (n.º 410) chamado Luiz Vasques; o facto de ser escolar, manifesta-nos que já estava creada a universidade, e portanto, que Alvaro Affonso pertencia ao séquito jogralesco de D. Affonso IV, ainda infante. Se o Cancioneiro fosse organisado sob a influencia poetica da côrte de D. Affonso IV, por certo que existiriam d'este jogral mais algumas composições colligidas; mas organisado sob a direcção e gosto do Conde D. Pedro, elle compilou tudo o que pertencia á sua epoca, que acabava. A *Pergunta* de Alvaro Affonso encerra um fragmento de pastorella popular, de que ha reminiscencias nos fragmentos tradicionaes conservados por Gil Vicente:

A terra de Cintra, a par d'esta serra,
vy huã serrana que bradava guerra.

Nos versos de João Ayras, tambem se refere o nome de um outro «*cantor*» chamado Fruitoso, que trocou o nome pelo de Ruy Marques. (n.º 642.) A designação de *cantor* não se confunde com a de jogral, porque significava os que sabiam o cantochão melodico, usado nas canções eruditas e nas capellas regias. D. Pedro I substituiu os cantores por trombeteiros, mais em harmonia com os divertimentos venatorios do monarcha.

O costume legalisado nas *Leis de Partidas*, teve a sua maior influencia na côrte de D. Pedro I, o amante de Ignez de Castro; as *Summas* moraes do seculo XIII haviam condemnado as musicas das canções amorosas como licenciosas, e D. Pedro em vez dos tres jograes do paço, como se estatuia no Regimento da Casa de D. Affonso III, apenas conservou dois corneteiros, que o acompanhavam. O jogral leonez Joham, celebrando a generosidade da tença que lhe dava D. Affonso IV, (canç. 707) louva tambem o principe herdeiro, notavel então pela sua valentia e aventuras perigosas da caça:

et o *infante Dom Pedro*
seu filho, que s'aventura
a hu grand'urso matar,
et desi et sempre cura
d'el rey seu padre guardar.

Este caracter impetuoso de D. Pedro I não proveiu do desgosto pelo assassinato de Ignez de Castro, e foi esse caracter que influiu na decadencia das canções amorosas na sua côrte. Na canção 935, de Joham Fernandes Dardeleyro, parece-nos achar uma allusão á fuga de Pedro Coelho, um dos assassinos de Ignez:

Pero Coelho é deytado
da terra pellos meirinhos,
porque britou os caminhos;
E foy-se elle morar a França
et desemparou sa terra,
cá non quis com el rey guerra...

E foy-se el morar a Coyra,
que é terra muyt'esquiva.

[1] Fernão Lopes, *Chron. de D. Pedro*, cap. 31.

A morte do Conde D. Pedro em 1354 e a elevação ao throno de el-rei D. Pedro em 1357, decidem da completa decadencia da poesia lyrica em Portugal. O gosto da caça prevaleceu sobre o gosto da poesia; no *Libro de Monteria* escripto por el-rei D. João I, se determina claramente esta transformação: «Porém nós vendo em como o joguo de andar a monte era tam boom, e tam proveitoso, que em sua bondade passa todolos os joguos, a que hora dizem manhas, e em seu ser para se os homens por elle poderem aproveitar mais que nenhum dos outros de que os homens agora usam, e assi mesmo em como elle era em si mais alta cousa e mais proveitosa que algumas outras, de que se trabalham de fazer libros assi como de Falcoaria e de *Cantigas* e de outras cousas e artes, que muito menos que esta aproveitam...»[1] D. João I obedecia ao instincto hereditario de seu pae, apreciando mais a caça do que a poesia. No poema de *Bertrand du Guesclin*, descreve-se os usos da côrte de D. Pedro I, e a paixão que havia pelos torneios violentos, em que figuravam os aventureiros bretãos, como um certo *La Barre*.[2] No ultimo quartel do seculo XIV ficâmos sob a dependencia litteraria de Castella. Faltava-nos a inspiração e originalidade lyrica, e por isso antes de imitarmos João de Mena, Padron ou Stuniga, traduzimos as poesias do Arcipreste de Hita e alguns cantos sacros de Hernam Perez de Gusman.[3]

CAPITULO V

O CANCIONEIRO DA VATICANA E SUAS RELAÇÕES COM OUTROS CANCIONEIROS DOS SECULOS XIII E XIV

N'este codice encontram-se as nossas origens litterarias, e as relações intimas que filiam a litteratura portugueza no grupo das litteraturas romanicas da edade media da Europa; aqui se acham representadas as duas correntes da inspiração *popular* e *palaciana* ou erudita, bem como os costumes de uma sociedade que nos é desconhecida, mas d'onde proviemos; os successos historicos ahi têm a sua nota accentuada; os nomes que figuram nas lendas genealogicas e nos feitos de armas no periodo da constituição da nossa nacionalidade ahi se encontram assignando os mais saborosos cantares consagrados ás damas da côrte, que serviam. Finalmente, é este o documento mais vasto em que a lingua portugueza se manifesta no seu esforço para de inconsistente dialecto romanico se tornar uma lingua escripta com uma grammatica fixa. Um livro assim, onde se acha representado o melhor da nossa antiga poesia durante os seculos XIII e XIV, é a joia de uma bibliotheca. Como nos mostraremos gratos ao estrangeiro que vem augmentar os nossos thesouros historicos e restituirnos o fio perdido da nossa tradição nacional? Estudando o livro.

A primeira questão que o Cancioneiro portuguez do Vaticano suggere é determinar as suas relações com os antigos cancioneiros provençaes portuguezes em grande parte perdidos; esta circumstancia complica o problema critico, e por isso importa bem determinar aproximadamente o numero d'esses cancioneiros para se fazer o processo de filiação. Tal é o intuito d'este nosso estudo, bastante restricto, porque determinar o valor historico do Cancioneiro pelas correntes litterarias n'elle representadas, pela allusão aos grandes successos, pelo uso de dadas fórmas poeticas, pelas personalidades dos principaes trovadores e pelo estado da lingua portugueza, é uma exploração de tal fórma vasta, que qualquer d'estas questões excede a competencia de um individuo isolado. Começamos a critica externa do Cancioneiro, enumerando todos os cancioneiros portuguezes dos seculos XIII e XIV que contribuiram para a sua formação, procurando ao mesmo tempo o nexo que existiria entre elles, e pelas divergencias de texto quaes as collecções que se perderam sem chegarem a ser conhecidas.

I. O Livro das Cantigas do Conde de Barcellos.

No testamento do Conde D. Pedro, feito em Lalim em 30 de março de 1350, se lê a clausula: «Item, mando o meu *Livro das Cantigas* a el rei de Castella.» Interpretando esta

[1] *Libro de Montaria*, fl. 3. (Bibliotheca nacional.)
[2] Vid. *Formação do Amadis de Gaula.*
[3] Um fragmento de traducção das poesias do Arcipreste de Hita existe na Bibliotheca do Porto, n.º 785, junto ao *Liber Gestorum Barlaam et Josaphat*, e por nós publicado no nosso estudo sobre a *Formação do Amadiz de Gaula*, p. 271; as estrophes d'esse fragmento correspondem aos numeros 90 a 93, 95 a 100, e 113 a 120 de Hita. Um outro fragmento cortado, corresponde aos numeros 59 a 60 e 61 a 62, e só pela comparação é que fica legivel.

clausula, Varnhagen quiz por ella atribuir o *Cancioneiro da Ajuda* ao Conde de Barcellos, imprimindo-o em 1849 n'esse presupposto, com o titulo de *Trovas e Cantares... ou antes mui provavelmente o Livro das Cantigas do Conde de Barcellos.* Esta hypothese cedo caiu diante da evidencia dos factos; mas além d'este primeiro erro, existe n'esta affirmação um outro, que é o julgar o *Livro das Cantigas* formado de canções unicamente compostas pelo Conde de Barcellos. Era antigamente vulgar terem os principes cancioneiro seu, como objecto sumptuario, isto é, uma collecção contendo as melhores poesias do seu tempo; sabendo-se a tendencia compiladora e erudita do Conde D. Pedro, e a amisade com a aristocracia portugueza e gallega por causa do seu *Nobiliario,* é mais no espirito da historia litteraria a hypothese, que o *Livro das Cantigas* era seu pelo facto material da propriedade ou da colleccionação, e que este titulo designa um cancioneiro contendo composições de diversos trovadores. Vamos fundamentar esta hypothese.

Algumas rubricas do *Cancioneiro da Vaticana* historiam incidentemente a formação d'este grupo de composições; na canção 1138, referindo-se a duas cantigas de um judeu de Elvas, se lê: «*e porque é bem, que o ben que home faz se non perca, mandamol-o screver et non sabemos mais d'ela mais de duas cobras, a primeira de cada huma.*» Conclue-se d'aqui que se fazia uma compilação por ordem superior, e por um amanuense; o unico facto positivo que coincide com este é a formação do *Livro das Cantigas,* do Conde D. Pedro. Portanto podemos ter como certo que o *Cancioneiro da Vaticana,* isto é, apographos, e autographo, á parte a questão das suas interpollações, serão os borradores do *Livro das Cantigas* que se ia copiando em pergaminho. Pela rubrica da canção 1138, vê-se tambem que o Conde, ou quem mandára colligir as cantigas, explorava a tradição oral, longe mesmo da côrte e das classes aristocraticas. Havia o intuito de formar uma vasta compilação; ninguem estava em relações mais especiaes para isto do que o Conde D. Pedro.

A rubrica da canção 1058 encerra factos passados entre o Conde D. Pedro, D. João Affonso de Albuquerque e o Infante D. Affonso que succedeu a D. Diniz; por aqui se vê que estas referencias eram sabidas e escriptas por quem estava na intimidade d'estes personagens.

A epoca d'esta colleccionação póde fixar-se depois de 1329, anno em que morreu D. Affonso Sanches, que se acha ahi representado com canções transcriptas de versões oraes, signal de que já não pôde contribuir com composições de correcção proveniente da fórma escripta; e terminou, como se sabe pela letra do testamento de Lalim, em 1350. Gastou pelo menos vinte annos em colligir de todo o reino esse grande monumento da litteratura da edade media portugueza.

É muito natural que o Conde se servisse de cadernos existentes desde o tempo de D. Affonso III, como nos leva a induzir a canção n.º 1032; eram os reis e os principes que formavam os Cancioneiros, porque só elles podiam pagar a amanuenses e a recitadores (dizedores) ou alcançar dos fidalgos as suas canções. Na canção 1032 o jogral leonez Lourenço vangloria-se de serem os seus cantares colligidos em todas as côrtes:

> Rodrigu'Eannes, *hu meu cantar for*
> *non acha rey nem emperador*
> *que o non colha,* muy ben eu o sey.

Pelo conteúdo do começo do Cancioneiro que pertenceu a Colocci, e porque no codice da Vaticana mais de uma vez se citam as fórmas poeticas bretãs dos *lais,* podemos concluir que esses cincos *lais* pertenceriam ao *Livro das Cantigas,* o qual foi encorporado em uma grande collecção formando talvez a parte que vae até ás canções de el-rei D. Diniz que eram tambem um cancioneiro avulso. Por este mesmo codice de Angelo Colocci, de que resta o indice, achamos que antes da parte que constitue a collecção de el-rei D. Diniz, estavam colligidas varias canções de D. Affonso Sanches, bastardo do rei, as canções de D. Affonso IX rei de Leão, as de D. Affonso XI de Castella, e depois d'estas as do proprio Conde de Barcellos, que são ao todo nove, e tambem as de seu irmão el-rei D. Affonso IV. Não era qualquer compilador ocioso que poderia satisfazer a sua curiosidade obtendo d'estes principes e monarchas as canções mais ou menos pessoaes; o Conde de Barcellos estava em uma posição especial, sabia metrificar, era estimado na côrte de D. Diniz e na de Affonso XI, e tendo passado algum tempo em Hespanha de lá podia trazer canções de varios trovadores que nunca estiveram em Portugal. Portanto o seu *Livro das Cantigas* fôra formado n'estas condições particulares, e o apreço que se lhe ligava é que fez com que o deixasse em testamento ao elegante trovador Affonso XI de Castella. A posse de um livro de cantigas era quasi um titulo nobiliarchico; na canção 76 da Vaticana, feita á maneira de sirvente por Affonso IX con-

tra e Dayão de Calez, diz que elle tinha um *Livro de Sons,* por meio do qual seduzia todas as mulheres. Foi tambem pelo seu gosto pela poesia provençalesca que o Conde de Barcellos manteve a sympathia de D. Affonso IV, e de Affonso XI, e por isso em uma canção de louvor é chamado o *irmão tio d'el rei.* Por tudo isto é mais crivel que o *Livro das Cantigas* do Conde fosse o primeiro nucleo com que se formou por juxtaposição o grande Cancioneiro portuguez, do qual um dos apographos é o codice da Vaticana; dizemos por juxtaposição, porque se lhe segue o de el-rei D. Diniz, e porque muitas canções do codice de Roma se acham ahi mesmo repetidas, indicação inevitavel de terem sido colligidas de fontes diversas independentes. Quando o Conde D. Pedro falleceu já era morto Affonso XI, e isto explica como poderia extraviar-se em Castella esse *Livro das Cantigas,* e como Pero Gonçalves de Mendoza viria a obter a copia que se guardava em um grande volume em casa de D. Mecia de Cisneros, e pela primeira vez citada por seu neto o Marquez de Santillana.

II. Livro das Trovas de El-rei D. Diniz.

O corpo das canções de el-rei D. Diniz occupava uma grande parte do codice de D. Mecia de Cisneros; occupava tambem uma parte importante no apographo de Colocci, bem como no codice da Vaticana. O modo como esta grande quantidade de canções de el-rei D. Diniz entrou em uma vasta compilação explica-se naturalmente, por isso que pelo Catalogo dos livros de uso de el-rei D. Duarte acha-se citado o *Livro das Trovas de el-rei D. Diniz,* do qual se póde inferir terem existido varias copias, porque o numero das canções varia entre as enumeradas no indice de Colocci e as contidas no codice da Vaticana, contando este ultimo cincoenta e uma canções a mais. Alem d'isso, na parte do codice que encerra as canções de D. Diniz, a canção 116 acha-se repetida outra vez sob o n.º 174 com variantes e differente disposição de estrophes, o que denota que essa parte foi compilada de copias secundarias, mas classificadas, como vemos pelo titulo das *Cantigas de Amigo* dado a um certo genero de canções, especialmente de imitação popular. É provavel que os autographos que serviam para os traslados nitidos dos amanuenses fossem por vezes aproveitados por outros compiladores; de el-rei D. Diniz andava tambem um codice poetico em poder dos Freires de Christo de Thomar. Os muitos jograes da Galliza, de Castella e de Leão, que frequentavam a côrte de D. Diniz, tambem colligiriam esses corpos de canções de *Serranilha* e de *Mal-dizer* que os privados dos monarchas trovaram, e que elles decoravam para cantarem de officio. Os jograes formavam collecções dos melhores cantares para recitarem ou acompanharem á citola, pelo que recebiam dinheiro; o costume de ter jograes de *Segrel* ao serviço da casa real desde Affonso III, levava tambem a formar estes pequenos cancioneiros escolhidos.

III. O Cancioneiro da Ajuda (ou do Collegio dos Nobres.)

O facto de se encontrarem cincoenta e seis canções communs ao codice da Ajuda e da Vaticana, torna indispensavel o resumir aqui o que se sabe da historia externa do *Cancioneiro da Ajuda.* As suas folhas são de pergaminho, a duas columnas, com pauta para a musica das canções que se deveria escrever em seguida, com varias vinhetas separando os diversos grupos de canções de cada trovador e com letras historiadas. O cancioneiro está truncado, pois que começa na folha 41, e não existe o final, não só por incuria dos possuidores, que o baralharam encadernando-o tumultuariamente com o Nobiliario, grudando algumas folhas ás capas, mas tambem porque o estado da copia, sem assignatura ou designação dos trovadores, letras historiadas incompletas, e falta de notação musical, nos revelam que o codice não foi dado por acabado. Esta collecção começou-se ainda no reinado de D. Diniz, porque juntando-se as folhas lê-se escripto no córte d'ellas: *Rei Dom Diniz,* e d'isto tambem se póde deduzir, que se não perderam muitas folhas do principio e do fim. D'este codice foram encontradas mais 24 folhas avulsas na Bibliotheca de Evora, e é tradição corrente que na de Coimbra existiram algumas outras tambem.

A inspecção do codice da Ajuda, confrontado com outros codices europeus, mostra-nos que elle pertencia indubitavelmente a diversos trovadores; Varnhagen notou que existiam dezeseis vinhetas imperfeitamente coloridas, que estão desenhadas junto ás canções, 2, 36, 37, 149, 157, 170, 173, 184, 190, 231, 233, 249, 253, 255, 259 e fragmento *h.* (Notas ás *Trovas e Cantares,* p. 348.)

Alem d'este vestigio paleographico, o confronto com o codice da Vaticana levou a achar os seguintes trovadores, communs aos dois Cancioneiros: Pero Barroso, Affonso Lopes Baião, Mem Rodrigues Tenoyro, João de Guilhade, Estevam Froyam, João Vasques, Fernão Velho,

Ayres Vaz, D. João de Aboim, Pero Gomes Charrinho, Ruy Fernandes, Fernam Padrom, Pero da Ponte, Vasco Rodrigo de Calvelo, Pero Solaz, Pero d'Armea e João de Gaia. Todos estes nomes são de fidalgos grandes privados de el-rei D. Diniz, e alguns já figuram em doações de D. Affonso III, como D. João de Aboim e Affonso Lopes Baião; Mem Rodrigues Tenoyro vivia na côrte de D. Affonso IV, e foi entregue a Pedro Cruel em troca dos assassinos de Ignez de Castro.[1] A parte não assignada e que não se encontra no *Cancioneiro da Vaticana* será porventura o corpo das canções escriptas durante o tempo em que a côrte de D. Affonso III esteve em Santarem. Alem d'isso a parte commum tem a particularidade de conservar a mesma ordem nas canções, e ao mesmo tempo as variantes mais fundamentaes n'essas lições. D'aqui se conclue que já existia um Cancioneiro organisado, d'onde este da Ajuda estava sendo trasladado, mas que d'esse cancioneiro existiam differentes copias formadas, não directamente sobre elle, mas por meio dos cancioneiros particulares que o constituiram. A parte não commum ao codice de Roma, prova-nos tambem que alguns d'esses cancioneiros parciaes se perderam, ou eram já tão raros que não chegaram a ser encorporados na collecção. Admittida a hypothese de que o *Cancioneiro da Ajuda,* pelo facto de ter pertencido a el-rei D. Diniz e de andar encadernado junto do Nobiliario do Conde D. Pedro, fosse o proprio *Livro das Cantigas,* como primeiro quiz Varnhagen, o facto de apparecerem ahi outros trovadores prova nos a nossa hypothese, que o Conde D. Pedro compilára sob esse titulo as canções dos trovadores seus contemporaneos. O numero de vinhetas imperfeitamente coloridas do *Cancioneiro da Ajuda* são dezeseis; isto leva a inferir que esse codice era formado de dezeseis corpos de canções que pertenciam a dezesete trovadores. De facto a coincidencia aqui é pasmosa; o numero dos trovadores communs ao *Cancioneiro da Ajuda* e da *Vaticana* é de dezesete! Note-se que este numero é o que se perfaz com os nomes de Fernam Padrom, João de Gaya e Pero d'Armea, que achamos alem d'aquelles que primeiro descobriu Varnhagen. D'este numero se tira a conclusão que o *Cancioneiro da Ajuda* pertence exclusivamente a esses dezesete trovadores, e que as cincoenta e seis canções communs ao Codice da Ajuda eram as que andavam por cancioneiros parciaes, como as mais conhecidas, e pelas variantes que apresentam, as mais repetidas. Alem d'isso, póde suppor-se que o *Cancioneiro da Ajuda* não foi acabado, porque o estylo *limosino* em que está escripto passou de moda, preferindo-se os *Cantares de amigo*, as *serranilhas,* as *pastorellas,* os *lais* e as *sirventes,* mudança de gosto proveniente da grande affluencia de jograes gallegos, leonezes e castelhanos á côrte de D. Diniz; e sob o gosto da côrte de D. Affonso IV prevaleceram tambem as canções e musicas bretãs, cuja corrente parece ainda reflectida no *Cancioneiro da Ajuda,* em um remotissimo vestigio, no fragmento de canção em que se lê a palavra *guarvaya,* com que o trovador allude aos seus infelizes amores. Nas *Leges Wallice*, XXIII, I, encontra-se o dom das nupcias, *kyvarus,* que se pagava ao cantor da côrte: «Penkered (musicus primarius) debet habere mercedes de filiabus poetarum sibi subditorum; habebit quoque munera nuptiarum, id est *kyvarus neythans,* a feminibus nuper datis, scilicet XXIV^or^ denarios».[2] A connexão historica e a interpretação litteral mostram que a *guarvaya* do trovador portuguez é o mesmo facto ou costume bretão *kyvarus;* a verificação pelos processos da alteração phonetica pertence para outro logar. Em todo o caso este vestigio é um dos nexos mais intimos que se póde achar com o codice perdido de Colocci, em que estavam já colligidos alguns *lais* bretãos.

A musica do *Cancioneiro da Ajuda* tambem foi abandonada, porque foram substituidos nos costumes outros instrumentos e outras tonadilhas; no poema francez de Bertrand Du Guesclin, falla-se de cantores bretãos na côrte de D. Pedro I de Portugal. Foi já n'esta nova corrente poetica e com o fervor que ella despertára que se começou a formar o vasto cancioneiro, de cuja existencia se sabe por quatro apographos. Cremos que o compilador que trasladou ou organisou o texto authentico d'onde saiu o apographo do Vaticano, não soube da existencia do *Cancioneiro da Ajuda,* apesar das cincoenta e seis canções communs a ambos. Este facto será mais amplamente explicado.

IV. O Cancioneiro de D. Mecia de Cisneros.

Na *Carta ao Condestavel de Portugal,* escripta antes de 1449, o Marquez de Santillana, no § XV, diz que se recordava de ter visto, quando era bastante menino, em poder de sua avó D. Mecia de Cisneros, entre outros livros, «um grande volume de cantigas...» O Marquez de Santillana nasceu em 1398, e sua avó D. Mecia, na companhia da qual passou a sua

[1] Fernão Lopes, *Chron. de D. Pedro* I, cap. 31.
[2] *Leges Wallice,* p. 779, 861.

infancia, morreu em dezembro de 1418, em Palencia. Em primeiro logar, o *grande volume de Cantigas* e outros livros, citados na carta, existiam em casa de D. Mecia de Cisneros porque provinham de Garcilasso de la Vega e de Pero Gonzales de Mendoza, como claramente o affirma Amador de los Rios: «passó su infancia en casa Doña Mencia de Cisneros, su abuela, dondo hubo de aficionar-se à la lectura de los poetas en los codices que poseyeron Garcilasso de la Vega y Pero Gonzales de Mendoza»[1]... Garcilasso de la Vega, bisavô do Marquez, morrera em 1351, e esta data, e as suas relações de parentesco com a aristocracia portugueza[2] explicam como a elle ou a Pedro Gonzales de Mendoza chegou o volume das cantigas. Portanto esse grande cancioneiro não existia em Hespanha poucos annos antes de 1351 e foi pouco antes de 1418 que o joven Marquez de Santillana o consultou. Pedro Gonzales de Mendoza era tambem poeta da côrte de D. Pedro e de D. Henrique, (Amador de los Rios, *op. cit.*, p. 623) e isto mostra o interesse que o levaria pelo seu lado a conservar o grande Cancioneiro portuguez.

A descripção que faz o Marquez de Santillana d'esse codice, coincide com o que existe na Bibliotheca do Vaticano em copia do seculo XVI: «*un grande volume de Cantigas serranas e dizeres portuguezes e gallegos.*» São ao todo mil duzentas e cinco cantigas compostas no genero descripto por Santillana, e os poetas são em grande numero gallegos. Em seguida acrescenta: «*dos quaes a maior parte era do rei D. Diniz de Portugal.*» Effectivamente o trovador que mais canções apresenta no codice da Vaticana é el-rei D. Diniz, cujas composições estão compiladas entre o numero 80 e 208, sendo ao todo cento vinte e nove. Accrescenta mais o Marquez de Santillana: «*cujas obras aquelles que as liam, louvavam de invenções subtis, e de graciosas e doces palavras.*» Esta affirmação, sabendo-se que o Marquez escreve sobre uma recordação da sua infancia, não podia resultar se não dos gabos ouvidos a Pero Gonzales de Mendoza, poeta do Cancioneiro de Baena, gabos que fizeram com que o livro se conservasse em casa de D. Mecia de Cisneros, e d'onde se tirara por ventura essa outra copia que hoje existe em poder de um grande de Hespanha, segundo uma affirmação de Varnhagen. N'esta mesma Carta ao Condestavel de Portugal, allude o Marquez aos talentos poeticos de seu avô e cita varias das suas composições: «*E Pero Gonzales de Mendoza, meu avô, fez boas canções.*» Cremos que por esta via é que o cancioneiro foi copiado para Castella, copiado dizemos nós, porque se conforma com um grande cancioneiro já organisado, de que o de Roma é um apographo terciario. O Marquez de Santillana cita de memoria os principaes trovadores que vira transcriptos n'essa vasta collecção: «Havia outras (sc. canções) de Joham Soares de Paiva, o qual se diz que morrera em Galliza por amores de uma infanta de Portugal; e de outro Ferrant Gonçalves de Senabria.» Pela referencia a estes dois trovadores se vê qual o estado do cancioneiro manuscripto ou volume de Cantigas de D. Mecia de Cisneros. No apographo da Vaticana se acha uma canção de João Soares de Paiva, quasi no fim da collecção, (n.º 937) ao passo que no cancioneiro que pertenceu a Colocci e de que apenas resta o Indice dos trovadores (cod. vat. n.º 3217) se acha logo sob o numero 23 o nome de João Soares de Paiva com sete canções successivas. Em seguida a este trovador cita Ferrant Gonçalves de Senabria, porém no Codice de Colocci acha-se sob o numero 384 citado Gonçalves de Seaura com dez canções a seguir. Isto concorda com a phrase do Marquez, referindo-se a essas canções: «Havia outras...» O motivo d'esta referencia especial seria por ter este trovador o appellido de *Gonçalves,* de seu avô, e por isso ainda pertencente á sua linhagem. No Codice da Vaticana agora publicado, acha-se um fragmento de canções de *Fernão Gonçalvis,* e só sob o numero 338 outra canção de *Fernão Gonçalves de Seabra,* a qual corresponde segundo Monaci ao numero 737 do Codice perdido de Colocci.

Portanto, o Cancioneiro de D. Mecia de Cisneros era completo pelo que se deduz da citação d'estes dois trovadores, cujas obras se achavam antes da folha 42 do actual Codice Vaticano, na qual começa. No cancioneiro de Colocci, em vez de *cento e vinte nove* canções el-rei D. Diniz é representado com *setenta e oito;* mas ainda assim era uma grande collecção para o Marquez poder dizer d'ella em relação ao volume das cantigas «*uma maior parte.*» Em seguida a estas preciosas referencias cita tambem na sua Carta Vasco Peres de Camões, poeta do Cancioneiro de Baena e contemporaneo de Pedro Gonçalves de Mendoza, por cuja via seria conhecido em casa de D. Mecia de Cisneros, e pelos eruditos que tinham o cuidado da educação do Marquez. Por ultimo infere-se que o Codice de D. Mecia era uma copia castelhana, porque transcreve o nome de *Fernão* em *Ferrant,* e o de *Seavra* em *Senabria,* o que se não póde attribuir a vicio de orthographia do Marquez de Santillana. Estes topicos

[1] *Obras del Marquez de Santillana,* p. XX.
[2] *Mon. hist.*, (Scriptores), p. 387; Sá de Miranda, *Elegia á morte de Garcilasso.*

bastam para considerar a copia de D. Mecia mais proxima do texto autographo do que a da Vaticana.

v. Cancioneiro de Angelo Colocci.

(*Catalogo di Autori portoghesi compilato da Angelo Colocci sopra un antico Canzoniere oggi ignoto.* Ms. 3217 da Bibl. Vat.)

O illustre editor Ernesto Monaci ao estudar o manuscripto do *Cancioneiro da Bibliotheca do Vaticano*, n.º 4803, pelas referencias do texto e paginação de um outro codice ali intercalladas, reconheceu que deveriam ter existido duas fontes para este apographo. Nas suas investigações na opulenta Bibliotheca do Vaticano teve a felicidade de descobrir o Catalogo dos Trovadores portuguezes no manuscripto 3217, o qual combina na maior parte com o dos Trovadores do Cancioneiro n.º 4803, sendo as emendas d'este ultimo codice da mesma letra do indice escripto pelo philologo Angelo Colocci, erudito italiano do seculo XVI. É certo que o *Cancioneiro da Vaticana* pertenceu primeiramente a Colocci antes de vir a ser propriedade da Bibliotheca vaticana; Colocci era um d'esses distinctos eruditos italianos do fim do seculo XV, que colligiram manuscriptos de todos os paizes e cuja opulencia se distinguia pela formação de ricas livrarias, taes como Leão X, Bembo, Orsini, e outros tantos. Colocci morreu em 1549, tendo a sua livrària soffrido bastante no saque de Roma pelo Condestavel de Bourbon em 1527. Portanto, entre estas duas datas é que se teria perdido esse grande cancioneiro, do qual apenas resta o *Catalgo dos Auctores portuguezes*, e que a Bibliotheca do Vaticano adquirira o Cancioneiro n.º 4803, apographo de um outro perdido, mas emendado pela mão de Colocci sobre o exemplar hoje representando unicamente pelo indice.

Antes de examinar qual a riqueza da livraria de Colocci em manuscriptos portuguezes, surge a questão mais difficil de resolver: Como vieram estes varios cancioneiros portuguezes para as livrarias italianas?

Sabe-se que os pontifices mais instruidos mandavam procurar em todos os paizes os mais preciosos manuscriptos; de Leão X escreve Guinguené: «Não poupava despezas nem rodeios junto das potencias estrangeiras para fazer procurar nos paizes mais remotos e até nos estados do norte *livros antigos ainda ineditos*.»[1] O modo como estes rodeios eram efficazes, explica-se pela prohibição de certos livros e pela instituição da censura, que já no seculo XV se exercia em Hespanha e em Portugal, como vemos pelo *Leal Conselheiro* de el-rei D. Duarte. Os livros eram entregues á auctoridade ecclesiastica para serem examinados, e sob qualquer pretexto de escrupulo não eram mais restituidos. Basta ver a quantidade de canções obscenas e irreligiosas que o Cancioneiro portuguez da Vaticana encerra, para se conhecer como veiu a caír na mão da auctoridade ecclesiastica e como sob ordem superior esse *livro antigo ainda inedito* foi remettido para Roma. Alem d'isto, a paixão pela renascença da antiguidade, que começou no seculo XV, fez com que nos diversos paizes decaísse repentinamente o amor pelos seus monumentos nacionaes. D'esta falta de amor pelo proprio passado proveiu para Portugal a perda de muitos manuscriptos, como o da novella *Amadis de Gaula*, de muitos cancioneiros manuaes, como relata Faria e Sousa, pelo que dizia o dr. João de Barros no principio do seculo XVI, que estas cousas se seccavam nas nossas mãos. D'esta falta de estima pelos monumentos nacionaes, veiu o dispersarem-se pelas bibliothecas da Europa muitos thesouros da nossa litteratura, como se prova pela existencia da *Demanda do santo Greal*, na bibliotheca de Vienna, dos livros de Valentim Fernandes na bibliotheca de Munich, do *Leal Conselheiro* de D. Duarte, *Chronica de Guiné* de Azurara, e *Historia geral de Hespanha*, na bibliotheca de París, do *Roteiro* de D. João de Castro no Museu britannico, e do *Cancioneiro do Conde de Marialva*, da *Satyra de infelice vida* do Condestavel de Portugal, em Madrid. A saída do grande Cancioneiro de Portugal pertence a esta forte corrente de dispersão. No fim do seculo XV alguns portuguezes eruditos se distinguiam na Europa pelas suas riquezas litterarias; em uma *Memoria sobre as relações que existiam antigamente entre os Flamengos de Flandres, especialmente os de Bruges, e os Portuguezes*, cita-se: «João Vasques, natural de Portugal, mordomo de D. Izabel de Portugal, Duqueza de Borgonha: —Vasques possuia uma bibliotheca, ou pelo menos diversos manuscriptos de valor.»[2] Entre esses livros figuravam *Histoire de Troie la grant*, e alguns tinham as armas de Portugal na encadernação, como o velino *Horæ beatæ Mariæ Virginis*. Tambem no seculo XV figuravam no estrangeiro os eruditos Diogo Affonso de Mangaancha, Vasco Fernan-

[1] *Hist. litter. de l'Italie*, t. IV, p. 17.
[2] *Op. cit.*, p. 8.

des de Lucena, Achilles Estaço, e outros muitos amadores bibliophilos. Cuidava-se em comprar livros impressos, por meio das Feitorias portuguezas, mas os manuscriptos, sobretudo os da litteratura medieval, perdiam-se com a mais censuravel incuria. Sabe-se por uma carta de João Rodrigues de Sá dirigida a Damião de Goes, que el-rei D. Affonso v mandou vir de Italia Frei Justo, a quem fez bispo de Ceuta, com o fim de escrever em latim a historia dos antigos reis de Portugal, e que todos os documentos que lhe foram entregues se perderam na sua mão, por ter repentinamente fallecido da peste. É natural que estes subsidios historicos constassem tambem de varios cancioneiros, porque a poesia fôra um facto importante nas côrtes de D. Affonso III, D. Diniz e D. Affonso IV; alem d'isso o espolio d'este bispo italiano seria arrecadado pela auctoridade ecclesiastica e remettido para Roma. Por todos estes factos parece justificar-se a hypothese de existir na bibliotheca do Vaticano, antes do saque de Roma em 1527, um d'esses cancioneiros portuguezes, e que d'ahi se dispersaram por essa causa: «A bibliotheca do Vaticano, tão liberalmente enriquecida por Leão X, foi saqueada; os livros mais preciosos foram presa de um furor ignorante e barbaro, como os da bibliotheca dos Medicis em Florença.»[1] Pelo codice 4803, publicado por Monacci, se vê que este Cancioneiro foi copiado de um outro cancioneiro já bastante truncado, como observou o critico editor pelas siglas antigas: «*Manca da fol.* 11 *infino a fol.* 43»; e na pagina 10: «*Fol.* 97 *desunt multa*»; e pela ultima pagina, na qual se vê que ficou interrompida a copia.

Alem d'esta deducção, tira-se uma outra, isto é, que o codice 4803 foi comparado por Colocci com um outro mais rico e completo do qual só resta agora o *Catalogo dos trovadores*. Os biographos de Colocci tambem consignam o facto de parte da sua opulenta bibliotheca ter sido destruida no saque de Roma, em 1527. Esse philologo italiano possuia um decidido gosto pela poesia vulgar italiana, e conhecia a importancia do estudo das litteraturas novo-latinas, como se vê pelo interesse com que procurava as canções de Foulques de Marseille, e pela posse de varios codices com os titulos *Libro spagnolo di Romanze*, e *De varie Romanze volgare*, por ventura alguns d'elles provenientes da acquisição de manuscriptos das collecções de Bembo e de Orsini; seria algum d'estes livros o *Cancioneiro da Vaticana*, ou esse outro cancioneiro de que apenas resta o catalogo dos auctores. N'este catalogo precioso descoberto por Monaci, sob o numero 44: *Bonifaz de Genoa*, segue-se esta referencia a manuscriptos de Bembo: «*vide bembo Ms. bonifazio Calvo de Genoa.*» E sob o numero 456: *il Réy don Affonso de Leon*, segue-se esta nota: «*bembo, dice di Ragona, figlio di Berenghieri.*» A variante do codice de Bembo *di Ragona* seria *d'Aragone* em vez de *Leon*, isto é, um dos codices parciaes d'onde se formou o grande cancioneiro parece fixar-se por esta circumstancia. Sob este mesmo numero segue-se: «*Alia lectio ĩ Portugal, rey Don Sancho deponit.*» Quer esta observação de Colocci significar, que este rei D. Affonso em outro codice é citado como rei de Portugal, o que depoz D. Sancho, facto que caracterisa el-rei D. Affonso III, que depoz seu irmão D. Sancho II. N'este caso este monarcha tambem fôra trovador, e Colocci possuia algum cancioneiro parcial. No mesmo Indice dos Trovadores, sob o numero 467 onde se continha as canções de el-rei D. Affonso de Castella e de Leão, accrescenta-se: «*vide nel mio lemosino*», no qual se attribuem as mesmas cantigas de preferencia ao rei de Leão, isto é, em harmonia com o titulo *di Ragona*, do numero 456. Em uma outra nota que o illustre Monaci achou no Codice n.º 4817, de letra d'este erudito, se acha a seguinte referencia a um codice portuguez: «*Messer Octaviano di messer barbarino, ha* il libro di portoghesi, *quel da* Ribera *l'ha lassato.*» Sabendo-se pela bibliographia, que o manuscripto da *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro, foi na primeira metade do seculo XVI levado para a Italia, imprimindo-se em Ferrara em 1544, cinco annos antes da morte de Colocci, parece que a phrase *quel* (libro) *da Ribera* se refere a esta novella portugueza. Seria por este tempo que o cancioneiro portuguez se tornou conhecido em Roma, como dá noticia Duarte Nunes de Leão, nas palavras «*que em Roma se achou*» mas sem dizer que já pertencia á bibliotheca do Vaticano. A epoca em que este codice entrou n'esta rica bibliotheca póde fixar-se depois do anno de 1600, porque os livros e manuscriptos de Colocci foram adquiridos pelo erudito Fulvio Orsini, que os deixou em testamento á Vaticana.[2] Esta é a opinião de Monaci; não concordamos porém com a sua interpretação do trecho de Duarte Nunes de Leão quando este escriptor portuguez diz: «segundo vimos por um cancioneiro seu, que em Roma se achou, em tempo de el-rei D. João III. . .» deduzindo que Nunes de Leão chegára *a ver* esse cancioneiro; em primeiro logar, Nunes de Leão refere-se a um *Cancioneiro seu*, isto é, unicamente de el-rei D. Diniz, e não geral, como o de que resta noticia

[1] Ginguené, *Hist. litt.*, t. IV, p. 41.
[2] Tiraboschi, *Storia della Letteratura italiana*, t. VII, 246.

pelo Indice de Colocci e pelo apographo da Vaticana; isto já é uma prova da informação vaga do chronista, e alem d'isso a phrase *segundo vimos,* significa: como se prova, como se deduz. Nunes de Leão conhecia o codice das canções de D. Diniz que no principio do seculo XVII se guardava na Torre do Tombo, como elle diz: «*é per outro que está na Torre do Tombo...*» ou talvez pelo que pertencia aos Freires de Christo, de Thomar. Vivendo no meado do seculo XVII, já o cancioneiro grande havia sido recebido na Bibliotheca do Vaticano e poderia ter noticia da existencia do codice; porém o chronista refere-se principalmente a um Cancioneiro de D. Diniz, e as referencias de Sá de Miranda, de Ferreira e de Camões são unicamente aos talentos poeticos de D. Diniz. Como chegou a Portugal noticia do apparecimento em Roma? Sá de Miranda demorou-se na sua viagem á Italia, entre 1521 e 1526, e conviveu com os principaes eruditos italianos, Lactancio Tolomei e João Ruscula, e dava-se tambem por parente da casa dos Colonas; é possivel que, regressando a Portugal em 1526, quando havia já cinco annos que D. João III reinava, désse a noticia da descoberta de um cancioneiro em Roma, quando visitára as principaes livrarias; o facto dos poetas da escola italiana alludirem ao talento poetico de D. Diniz, leva a induzir esta noticia como communicada pelo que trouxe a Portugal esse novo gosto litterario.

Em 1527 foi o saque de Roma, e a livraria de Colocci tambem soffreu com essa devastação; por ventura algum dos cancioneiros acima citados se perdeu, ou foi talvez adquirido algum d'entre os livros roubados por esta occasião da Vaticana. É de presumir que o livro *di Portoghesi* fosse o Cancioneiro de que só resta o Indice, e sendo assim, perder-se-ía em poder de Messer Octaviano de messer Barbarino; se o livro *da Ribera* é o manuscripto de Bernardim Ribeiro, impresso mais tarde em Ferrara, então póde fixar-se a perda do Cancioneiro n'esse mesmo anno em que morreu Colocci. O inventario dos seus livros, feito a 27 de outubro de 1558, nove annos depois da sua morte, explica-nos como os livros que estavam emprestados ficaram perdidos. Pelo Indice d'este Cancioneiro, achado por Monaci, vê-se que elle constava de mil seiscentas e setenta e cinco canções, mais quatrocentas e setenta omissas no apographo da Vaticana, hoje publicado.

VI. Il Canzoniere portoghese della Bibliotheca Vaticana, n.º 4803. Messo a stampa da Ernesto Monaci. Halle, 1875.

Desde 1847, que o brazileiro Lopes de Moura publicou em París um excerpto do grande Cancioneiro portuguez da Vaticana, contendo as canções de el-rei D. Diniz. Como se veiu a conhecer a existencia d'este precioso codice em Roma? Desde o principio do seculo XVII que elle entrára na Bibliotheca do Vaticano pela doação dos livros de Fulvio Orsini; no seculo XVIII, segundo Varnhagen, era citado por um bibliophilo hespanhol junto com outros codices de poesias catalãs e valencianas; o facto de existir com encadernação moderna e com a insignia papal de Pio VII (1800–1823) explica-se pela reparação e ao mesmo tempo interesse que houve em conservar o cancioneiro formado de cadernos differentes e incompletos e escriptos com tinta corrosiva que o pulverisa. Wolf, por intervenção do slavista Kopitar, mandou fazer as primeiras investigações no Vaticano para descobrir este codice de que tinha vago conhecimento pela vaga allusão de Nunes de Leão; foram infructuosas as tentativas; o visconde da Carreira, embaixador em Roma, avisado por um franciscano (por ventura o P. Roquete, como se sabe pelo prologo da edição de Moura) conseguiu a copia da parte publicada em París pelo livreiro Aillaud. Desde 1847 até hoje, nunca o governo portuguez, nem a Academia real das Sciencias comprehenderam o valor d'este monumento. A reproducção das nossas riquezas litterarias tem sido sempre feita por estrangeiros, e a publicação d'este importantissimo cancioneiro foi agora realisada por um rapaz desajudado de subsidios academicos, mas animado pelo amor da sciencia. A edição feita em Halle, apresenta todo o rigor diplomatico, de modo que os erros do copista italiano do seculo XVI podem restituir-se á leitura do portuguez do codice primitivo; apesar d'este subsidio, Monaci tentou com um seguro tino critico uma tabella dos principaes erros systematicos, e um indice das necessarias restituições que se podem fazer em cada canção; emfim tudo quanto é preciso para a intelligencia do texto, existe ali. Monaci conservou a disposição do manuscripto na reproducção typographica, já a uma ou a duas columnas, com todos os vestigios das differentes numerações e siglas referentes a outros codices analogos e mais antigos. Pelo seu prologo, de uma precisão rigorosa, se vê toda a historia externa do Cancioneiro. O Codice da Vaticana está em papel de linho, com tres marcas de agua differentes, tal como se empregava nas edições do Varisco; a letra é italiana, tal como a dos documentos do fim do seculo XV e principio do seculo XVI, proveniente de dois copistas, um que escreveu as poe-

sias, algumas rubricas e notas, outro a maior parte dos nomes, as numerações e algumas postillas, contando ao todo 210 folhas. Da descripção d'este cancioneiro conclue-se, pelo estado em que se acha, que outro ou outros cancioneiros foram n'elle copiados ou confrontados. A primeira nota que se depara ao abril-o é: «*Manca da fol. IJ a fol.* 43;» isto quer dizer, que o cancioneiro foi copiado de um outro codice que já se achava assim fragmentado, mas que mais tarde foi confrontado com outro que estava completo, como veremos na relação com o Indice de Colocci.

Ao começar o texto acha-se outra referencia: «*A fogli* 90» e segue-se a canção de Fernão Gonçalves, o que parece significar, que n'este cancioneiro existia outra disposição das poesias á qual se refere este numero, que continúa a cotar successivamente outras canções, entremeiando-se com numeros romanos, que parecem estabelecer referencia a outro cancioneiro. Separemos estas duas ordens de numeros, por onde deduzimos o confronto com dois cancioneiros; para se localisar melhor a referencia que era de folhas e verso, indicaremos a numeração actual das canções: Fol. 91 (canç. 8), 92 (canç. 11); *Fol.* 97 *desunt multa* (canç. 43 fine); junto da canção 61, vem a sigla *Desunt;* junto da 63 vem *car.* 106; junto da canção 299: Fol. 141 *Al vo* (del volumen?); junto da canção 507 vem: «173 *a tergo*» e algumas canções com dois nomes de auctores, como *Martim Campina* ou *Pero Meogo*», conforme a attribuição de um ou outro texto (canç. 796.). Por fim termina com esta outra rubrica: «*A fol.* 290 *é cominciata una Rubrica e non è finita di copiare.*» Tudo isto prova, que se fez o confronto d'este apographo existente com um codice mais completo, seguindo-se o confronto até á folha 300 d'esse codice perdido.

O confronto do Codice por meio da numeração romana não prosegue até ao fim; apenas se acha LXXXVI junto da canção 4; LXXXVIIJ junto da canção 14; LXXXVIIIJ junto da canção 26 *fine;* XCVJ junto da canção 39 a 45; XCVIIJ coincide com a referencia anterior junto da canção 49; XCVIIIJ á canção 55; CXII á 62; CXIIIJ á canção 70; CXVIJ á canção 77. Esta numeração romana adianta-se aqui mais do que a arabe, signal de que havia divergencia entre os dois codices que serviam para confrontação com o apographo publicado. É certo porém, que a numeração romana termina antes do corpo das canções de D. Diniz, d'onde se poderá inferir, que até esta parte contribuiu um cancioneiro parcial, e que o D. Diniz só entrava no que era numerado em algarismos. Que existiam diversos cancioneiros, pelas mesmas canções d'este codice se póde conhecer, como pela canção de D. Affonso IX de Castella (canç. 76) em que allude ao *Livro dos Sons,* que era um cancioneiro com que o Dayão de Cales seduzia as mulheres. Na sua edição Monaci deixou apontadas em um indice fundamental todas as canções repetidas no cancioneiro, ou aquellas que mutuamente se plagiavam. Da sua comparação se podem tirar poderosas inducções, para se estabelecer quantos pequenos cancioneiros haviam servido para formarem o cancioneiro grande, do qual o apographo publicado é uma copia. É o que vamos tentar.

Pequenos Cancioneiros que entraram na formação do Cancioneiro da Vaticana.— A canção 4, de *Sancho Sanches,* apparece repetida com mais duas estrophes e assignada por *Pero da Ponte,* sob o numero 569; a segunda e terceira estrophes da versão de Pero da Ponte, faltam na canção de Sancho Sanches. As estrophes communs têm as seguintes variantes:

Sazom foi já, que me teve em desdem (n.º 4.)
Tal sazom foi, que me teve em desdem (n.º 569.)

Que com'é mais j'agora seu amor (n.º 4.)
Quando me mays forçava seu amor (n.º 569.)

E ora *já* que pes'a mha senhor (n.º 4.)
E ora *mal* que pes'a mha senhor (n.º 569).

Evidentemente estas duas canções foram colligidas de dois cancioneiros parciaes, e elles mesmos escriptos em grande parte de memoria.

A canção 13, de Mem Rodrigues Tenoyro, tem apenas uma estrophe, mas repete-se sob o numero 319 com o nome do mesmo trovador e com mais duas estrophes que a completam. Deve attribuir-se essa divergencia ao ter sido colligida de dois cancioneiros, formados por diversos collectores.

A canção 29, assignada por João de Guilhade, repete-se sob o numero 38 com o nome do trovador Stevam Froyam; existem entre ellas leves variantes, mas como estão immensamente deturpadas, só pelos dois textos se reconstruem. Por este facto se vê, que houve compilação de dois cancioneiros, e que o copista mal percebia a letra e fazia selecção das canções.

As canções 116 e 174, do cancioneiro de D. Diniz, são uma e mesma, havendo entre estes dois numeros variantes, e sobretudo a 2.ª e 3.ª estrophe alternadas. Não proviria isto dos originaes, escriptos por esmerados copistas, que se guardaram na Bibliotheca de el-rei D. Duarte; este facto prova-nos que o corpo das canções de D. Diniz, que na collecção Vaticana occupa dos n.os 80 até 208 proveiu de copias avulsas de differentes palacianos, e talvez do proprio Conde D. Pedro.

A canção 241, do trovador Payo Soares, apparece com o numero 413 repetida sob o nome de Affonso Eannes de Cotou (Cordu); tem apenas uma rapida variante orthographica, mas tanto o facto da repetição, como o da attribuição a dois trovadores differentes accusam duas collecções parciaes.

As canções 457 e 469 pertencem a Ayres Nunes Clerigo e são uma unica, com a differença que as tres estrophes de que constam, tem os versos baralhados sem systema; o que se explica pelo caracter jogralesco, isto é, que foram duas vezes colligidas no tempo em que eram cantadas a capricho de Ayres Nunes ou de qualquer outro jogral, que as sabia de cór; ou então, que provieram de dois cancioneiros onde as duas canções se differenciavam pela rasão acima indicada.

A sirvente 472 de Martim Moxa apparece sob o numero 1036, em nome de Lourenço, jograr de Sarria, com variantes fundamentaes, que provam compilação de dois cancioneiros diversos. O caracter sirventesco fez talvez que varios jograes rejeitassem a paternidade d'essa canção que verbera os privados da côrte de D. Affonso III.

Os numeros 613 e 639 são uma mesma canção de João Ayres, burguez de Santiago; abundam as variantes entre estas duas composições, signal de que provieram de duas copias resultantes da monomania dos cancioneiros particulares. E sob o nome d'este mesmo trovador andam as duas canções repetidas 634 e 138, tendo esta ultima alem das variantes mais uma estrophe e um Cabo.

Em nome do jogral João Servando apparecem repetidas as canções 738 e 749 com variantes fundamentaes entre si:

> Ora vou a Sam Servando,
> donas, fazer romaria,
> e nom me leixam com elas
> hir, cá logo alá hiria
>   por que vem hy meu amigo. (n.º 738.)
>
> Donas vam a Sam Servando
> muytas hoje em romaria,
> mais nom quiz oje mha madre
> que foss'eu hi este dia
>   porque vem hy meu amigo. (n.º 749.)

As outras variantes nas demais estrophes são menos reparaveis, mas no numero 738 ha uma estrophe a mais. A pequena distancia a que ficam uma da outra estas canções, provam-nos que o copista italiano transcreveu materialmente uma compilação já formada; e portanto tudo quanto se póde concluir sobre estas canções identicas liga-se á formação d'esse cancioneiro perdido d'onde se trasladou o codice da Vaticana.

Dois casos especiaes se davam n'essa formação do antigo cancioneiro: 1.º, ou as canções se attribuiam na repetição a dois trovadores differentes, taes como Sancho Sanches e Pero da Ponte, João de Guilhade e Stevam Froyam, Pay Soares e Affonso Eanes do Cotom, Martim Moxa e Lourenço Jograr; 2.º, ou se repetiam em nome do mesmo trovador, como Mem Rodrigues Tenoyro, el-rei D. Diniz, Ayres Nunes Clerigo, João Ayres e João Servando. Para o primeiro caso conclue-se que contribuiram para a formação do grande cancioneiro pequenos cancioneiros trasladados de cantares dispersos, por curiosidade, ou tambem apanhados na corrente oral, porque um só collector notaria os plagiatos. Para o segundo caso poderiam os jograes terem contribuido com os seus cadernos de cantos e assim com lições differentes de um mesmo texto que se alterava pelas continuadas repetições.

De todo este confronto se conhece a necessidade de estabelecer por todos os meios possiveis as relações entre este apographo da Vaticana e os dois cancioneiros de Colocci, perdido, e da Ajuda.

Relações do Cancioneiro da Vaticana com o Cancioneiro de Angelo Colocci.—Antes de Monaci haver descoberto no Ms. n.º 3217 o Indice do Cancioneiro perdido do erudito quinhentista italiano Angelo Colocci, já elle determinára pela fórma por que está escripto o Cancioneiro da Vaticana, que deveria ter existido um original mais antigo e mais completo. A descoberta do Indice veiu authenticar a existencia d'esse Cancioneiro perdido e explicar

pela letra do proprio Colocci, quem é que tinha feito o confronto. O illustre Monaci comprehendeu logo quanto util seria para a critica o comparar a lista dos trovadores do Cancioneiro perdido com a dos trovadores do Cancioneiro existente (Appendice I, p. XIX a XXIV, da edição de Halle); por uma simples inspecção fica o leitor habilitado a conhecer as profundas relações entre os dois cancioneiros; o de Colócci continha mil seiscentas e setenta e cinco canções, e o da Vaticana contém mil duzentas e cinco, isto é, quatrocentas e setenta canções a menos, por ventura as que occupavam até a fol. 90. O numero das canções de cada trovador póde tambem ser confrontado, porque no codice de Colocci as canções eram numeradas por algarismos e cada nome de trovador é precedido pelo numero que limita as canções do antecedente. Assim, como já acima vimos, as canções de D. Diniz são no Codice da Vaticana cincoenta e uma a mais do que no de Colocci. Apesar d'isso as notas *desunt multa* provam-nos que o cancioneiro de Colocci era muito mais rico, como se vê pelos nomes dos seguintes trovadores que faltam no da Vaticana:

Diego Moniz, que tinha ali uma canção; Pero Paes Bazoco, com sete canções; João Velaz, D. Juano; Pero Rodrigues de Palmeyra; D. Rodrigo Dias dos Conveyros; Ayres Soares; Osorio Annes; Nuno Fernandes de Mira-Peixe; Fernam Figueiredo de Lemos; D. Gil Sanches; Ruy Gomes o Freyre; João Soares Fomesso; Nuno Eanes Cerzeo; Pero Velho de Taveirós; Pay Soares de Taveirós; Fernam Garcia Esgaravunha, do qual existiam dezesete canções; João Coelho; Pero Mastaldo; duas canções do trovador genovez Bonifacio Calvo; o Conde D. Gonçalo Garcia; D. Garcia Mendes de Eixo; el-rei D. Affonso IV, filho de el-rei D. Diniz, com quatro canções. No codice de Colocci, as canções de D. Diniz não estavam em um corpo isolado, apresentando mais quatro composições destacadas no fim do cancioneiro. Esta parte tambem é omissa no Cancioneiro da Vaticana, porque ali se encontram outra vez trovadores dos supracitados, como João Garcia, D. Fernam Garcia Esgaravunha, Pero Mastaldo, Gil Peres Conde, D. Ruy Gomes de Briteiros, Fernam Soares de Quinones, etc. Pelo confronto do Indice de Colocci se conhece, que embora se sigam ao texto do *Cancioneiro da Vaticana* quatorze folhas em branco, nem por isso ficou muito distante do fim, porque só deixaram de ser copiadas algumas sirventes de Julião Bolseyro. D'este confronto se conclue: 1.º, que o codice d'onde se extrahiu a copia da Vaticana differia no numero das canções e na sua disposição do de Colocci; 2.º, que as relações mutuas accusam fontes communs, mas collecionação arbitraria no agrupamento dos differentes cancioneiros parciaes.

Relações do Cancioneiro da Vaticana com o Cancioneiro da Ajuda.—Lopes de Moura foi o primeiro que encontrou na collecção da Vaticana a canção de João Vasques, *Muyt'ando triste no meu coraçom,* que existe anonyma no *Cancioneiro da Ajuda.* Logo depois, Varnhagen achou mais quarenta e nove canções communs aos dois codices, e nós mesmo ainda viemos a encontrar mais seis canções repetidas. São ao todo cincoenta e seis canções communs, facto importante para estabelecer as relações que existiram entre os dois cancioneiros. Em primeiro logar, o *Cancioneiro da Vaticana* foi já copiado de um codice truncado, como por exemplo: a canção 43 tem a rubrica final: «*Fol.* 97 *desunt multa*» e a canção seguinte está truncada no principio; porém estas canções de João Vasques completam-se pelo *Cancioneiro da Ajuda*, (canção n.º 272 e 273, ed. *Trovas* e *Cantares).* Isto prova que embora o *Cancioneiro da Ajuda* esteja truncado e por seu turno se complete com algumas canções do codice de Roma *(y,* das *Trovas* = n.º 38, *Canc. da Vat.)* ambos provieram de fontes differentes, porque tambem nas cincoenta e seis canções communs existem notaveis variantes:

Nostro Senhor, que lhe bom prez foi dar. (Vatic.)
Deus que lhe *mui* bom *parecer* foi dar. (Ajuda.)

N'esta variante o original do codice vaticano mostra-se mais archaico na linguagem. Na canção 46, de Fernão Velho (no codice da Ajuda, n.º 92) no primeiro verso da segunda estrophe vem uma variante que denota erro do copista portuguez conservado inconscientemente pelo antigo copista italiano:

E *mha* senhor fremosa de bom *parecer* (Vatic.)
E *mia* senhor fremosa de bom *prez* (Ajuda.)

Prez é uma contracção de *preço,* e d'aqui resultou que o copista portuguez traduziu inconscientemente; como organisado no paço, o *Cancioneiro da Ajuda* seria formado directamente da contribuição dos muitos trovadores que o frequentavam; o cancioneiro de Roma era já derivado de um apographo secundario, truncado no principio, meio e fim, e em certos pontos mais archaico.

Na canção 47 da Vaticana, (93, da Ajuda) pertencente a Fernão Velho, vem:

Quant'eu, *mha senhor, de vós* receei... (Vatic.)
Quant'eu *de vós, mia senhor,* receei. (Ajud.)

E vos dix'o *mui* grand'amor que ei (Vatic.)
E vos dix'o grande amor que *vós* ei. (Ajud.)

A canção 48 da Vaticana, apesar das imperfeições da copia italiana, póde ser reconstruida pelo typo strophico, porém a n.º 94 da Ajuda ficou incompleta:

Lição da Ajuda:	*Lição da Vaticana:*
E mal dia naci, senhor,	E mal dia naci, senhor,
Pois que m'eu d'u vós sodes, vou;	pois que m'eu d'u vos sodes, vou;
Ca mui bem sou sabedor	ca mui bem som sabedor
Que morrerei u non jaz al;	que morrerey hu nom ey al;
Pois que m'eu d'u vós sodes, vou.	poys que m'eu d'u vos sodes, vou,
....	pois que de vos ei a partir *por mal.*
....	E logo hu m'eu de vós partir
....	morrerey se me deus non val.

A canção 53 da Vaticana, (Ajuda, n.º 99) tem uma estrophe mais imperfeita do que no codice da Ajuda; mas em compensação tem o *Cabo,* que falta no codice portuguez:

Ajuda:	*Vaticana:*
Meus amigos, muito me praz...	Meus amigos muyto mi praz *d'amor.*
Cá bem pode partir da mayor	Ca bem me pode partir da mayor
Coita de quantas eu oy falar,	coyta de quantas eu oy falar,
De que eu fuy muyt'*y* a soffredor;	do que eu fuy muyt'ha soffredor
Esto sabe deus, que me foy mostrar	*e sabe deus hu a vi bem falar*
Uma dona que eu vi bem falar	e parecer, por meu mal, eu o sey.
E parecer por meu mal, e o sei.	
....	Ca poys m'elles nom querem emparar
....	e me no seu poder querem leixar,
....	nunca por outro emparado serey.

A canção 395, de Payo Gomes Charrinho, repetida no Cancioneiro da Ajuda, n.º 276, tambem revela duas fontes diversas:

e nom lh'ousey mays *d'a tanto* dizer (Vatic.)
e nom lh'ousey mais *d'aquesto* dizer (Ajud.)

nem *er cuidey* que tam bem parecia (Vatic.)
nem *cuidava* que tambem parecia. (Ajud.)

mays *quand'*eu vi o seu bom parecer (Vatic.)
mais *u* eu vi o seu bom parecer. (Ajud.)

No codice da Vaticana tem esta canção apenas tres estrophes; porém no da Ajuda termina com uma quarta:

E por esto bem consellaria
quantos oyrem-no seu bem falar
nom a vejam, e podem-se guardar
melhor ca m'end'eu guardei, que morria,
e dixe mal, mais fez-me deus aver
tal ventura, quando a fui veer
que nunca dix'o que dizer queria. (Ajuda.)

Evidentemente as alterações de linguagem não foram do copista italiano, porque, comparativamente, a expletiva *er* é mais archaica; e por isso a omissão da quarta estrophe não foi casual, mas resultante do estado de outra fonte.

A canção 400, da Vaticana, tambem de Payo Gomes Charrinho, tem leves variantes na canção 278 da Ajuda, mas importantissimas omissões; assim no codice de Roma, falta na primeira strophe o verso:

me quer matar e guaria melhor (Vat.)

e tambem faltam duas estrophes completas com o seu Cabo.

A canção 428, ainda de Charrinho, tambem no codice da Ajuda, n.º 285, offerece leves variantes; porém no codice da Vaticana alternam-se a segunda com a terceira estrophe, e falta este Cabo na lição da Ajuda:

E entend'eu cá me quer a tal bem
em que nom perde, nem gaano em rem.

As canções 485, 486 e 487 da Vaticana, do trovador Ruy Fernandes, acham-se nos pequenos fragmentos legiveis das folhas do Cancioneiro da Ajuda, que serviram de guardas á encadernação do Nobiliario; esses fragmentos, seguindo a edição de Varnhagen são *m, n, o;* ainda assim se conhece por elles que existiam divergencias entre os dois codices:

Ajuda (m):	*Vaticana n.º* 486:
A *guisa* de vos elevar Por mia morte nom *aver.*	a *forza* de vos elevar por mha morte nom *aduzer.*
Idid. (n):	*Ibid. n.º* 486:
Amigos, começa o meu mal.	*Ora* começa o meu mal.

As canções de Fernão Padrom, n.os 563, 564, 565, a que achamos as analogas nos numeros 126, 127 e 128, do codice da Ajuda, tambem apresentam variantes.

As canções n.os 566, 567, 568, 569 e 570, que andam em nome de Pero da Ponte no codice da Vaticana e apparecem anonymas no *Cancioneiro da Ajuda,* n.os 112, 113, 114, 115 e 116, não apresentam mais variantes que a simples modificação orthographica em *mha* e *mia,* que poderia provir das differentes epocas das copias. Esta conformidade entre o texto da Vaticana e o da Ajuda, leva-nos a concluir que pequenos cancioneiros entraram na coordenação de um grande cancioneiro, e que as canções mais conformes são aquellas que andaram em menor numero de copias antes de se agruparem na collecção geral.

Já com relação ás canções de Vasco Rodrigues de Calvelo, apparecem variantes e deturpações que não provêm do copista do seculo XVI, mas de codices diversos já corruptos; a canção 580 comparada com a 265 da Ajuda tem uma lição menos pura, incompleta, mas differente:

Lição da Ajuda:	*Lição da Vaticana:*
Per una dona que quero gram bem	.... que quero gram bem.
Com'a mim *fez;* ca des *que eu* naci nunca vi ome *en* tal coita *viver* como eu *vivo* por melhor bem querer	Como a mim *faz,* que des *quando naci* nunca vi ome tal coita *sofrer* como eu *sofro* por melhor bem querer
Com'*a mim fez muy* coitado d'amor	Com'el *faz mim muy* coitado d'amor

A lição da Ajuda termina com este Cabo, que falta no codice da Vaticana:

Com'a mim fez, e nunca me quiz dar
Bem d'essa dona, que me fez amar.

A canção 581, tambem de Vasco Rodrigues de Calvelo, sob a designação *c* da lição da Ajuda, (ed. *Trov. e Cant.)* alem das mutuas variantes, tem a segunda e terceira estrophes alternadas:

E se *soubess'*em qual coyta d'amor (Vatic.)
Se *lh'eu dissess'*em qual coita d'amor (Ajud.)

per nulha guisa, *pero m'*ey *sabor* (Vatic.)
Per nulha guisa, *ca* ey *gram pavor* (Ajud.)

De mais, no codice de Roma falta este Cabo:

Mais de tod'esto nom lhi dig'eu rem,
Nem lh'o direy, cá lhe pesará bem.

Na canção 582, do mesmo trovador, ha esta divergencia:

E rogo *sempre* por mha morte a deus (Vatic.)
Et rogo *muito* por mia morte a deus (Ajud.)

Na canção 584, tambem de Calvelo, falta esta terceira estrophe, que vem no codice da Ajuda:

Como vós quiserdes será
De me fazerdes mal e bem
E pois é tod'em vosso sen
Fazed'o que quizerdes já...

A canção 677, de Pero de Armêa, acha-se imitada no codice da Ajuda, n.º 56, por fórma que a da Vaticana apresenta um caracter de maior vulgarisação, e por isso de proveniencia jograleşca:

Lição da Ajuda:
Muitos me veem preguntar,
mia senhor, a quem quero bem;
e non lhes quero end'eu falar
com medo de vos pesar en,
nem quer'a verdade dizer,
mas jur'e faço lhes creer
mentira, por vos lhe negar.

Lição da Vaticana:
Muytos me veem preguntar,
senhor, que lhis diga eu quem
est a dona que eu quero bem;
e com pavor de vos pesar
nom lhis ouso dizer per rem,
senhor, que vos quero bem.

Duas canções de Pedro Solás, confrontadas com as do codice da Ajuda, acabam de separar definitivamente estes dois cancioneiros:

Lição da Ajuda (n. 123):
Nom est a de Nogueira
A freira, que *mi poder tem,*
Mays *est* outra *a* fremosa
A que me *quer'eu mayor bem,*
E moyro-m'eu pola freira
Mais nom pola de Nogueira.
....
Se eu *a freira visse o dia*
O dia que eu quizesse
Nom ha coita no mundo
Nem *mingua* que houvesse
E moiro-me...

Se m'ela mi amasse
Muy gram dereito faria,
Cá lhe quer'eu mui gram bem
E punh'y mais cada dia,
E moiro-me...

Lição da Vaticana (n.º 824):
E nom est a de Nogueira
a freira que *eu quero bem,*
mays outra mais fremosa
e a que *mim em poder tem,*
e moiro-m'eu pola freira
mais nom pola de Nogueira.
....
E se eu *aquella freyra*
hum dia veer podesse
nom ha coita no mundo
nem *pesar* que *eu* ouvesse;
e moyro-me...

E se eu aquella freyra
veer podess'um dia
nenhuã coita do mundo
nem pesar nom averia;
e moyro-me...

Estas duas variantes são elaborações differentes do mesmo trovador em epocas diversas, e portanto os dois cancioneiros provém effectivamente de duas fontes. A canção 825 da Vaticana, que se acha sob o numero 124 do codice da Ajuda, apenas tem a terceira e quarta estrophes alternadas. O ultimo paradigma entre estes dois cancioneiros, apresenta uma composição (1061 da Vaticana, 253 da Ajuda) que pertence a João de Gaya, escudeiro da côrte de D. Affonso IV, por onde se fixa não só a epoca da colleccionação do codice de Lisboa, mas em que a fonte do codice de Roma nos apparece mais completa:

Lição da Ajuda:
Conselho, e quer-*se* matar

E bem o *podedes fazer*

Lição da Vaticana:
Conselho e quer-me matar.
E assi me tormenta amor
de tal coyta, que nunca par
ouv'outr'ome, a meu cuydar,
assy morrerey pecador,
e, senhor, muyto me praz en
que prazer tomades por en
non no dev'eu arrecear.
E bem o *devedes saber,* etc.

Por todos estes factos se vê, que umas vezes o codice de Roma é omisso com relação ao de Lisboa, o que se poderia impensadamente attribuir a incuria do copista; esta hypothese não póde ter logar, porque o Cancioneiro da Ajuda por muitissimas vezes apresenta eguaes omissões. Portanto essas cincoenta e seis canções communs aos dois codices, entraram n'essas respectivas collecções provindo de codices parciaes e de differente epoca.

Relações do Cancioneiro da Vaticana com o apographo actualmente possuido por um Grande de Hespanha.—No *Cancioneirinho de trovas antigas,* Varnhagen dá noticia no prologo, de ter encontrado em 1857 na livraria de um fidalgo hespanhol um antigo cancioneiro portuguez, que, pelas canções de el-rei D. Diniz que elle continha, lhe suscitou o procurar as analogias que teria com o Cancioneiro da Vaticana n.º 4803; tirou copia do citado cancioneiro, e em 1858 procedeu em Roma ao confronto do codice madrileno com o da Vaticana. Começavam ambas as copias com a trova de *Fernão Gonçalves,* seguindo-se-lhes as duas canções de *Pero Barroso;* ambos os codices combinam nos mesmos nomes de trovadores, na ordem das canções, e em geral nos erros dos copistas. Poder-se-ha concluir que estes dois apographos se derivam ambos do mesmo original? Não; apesar de Varnhagen não ser mais explicito na descripção do codice madrileno e guardar no mysterio o nome do possuidor, comtudo pelas cincoenta composições do *Cancioneirinho* se descobrem profundas *variantes,* que se não podem attribuir a erro de leitura, ainda assim tão frequente em Varnhagen.

Copiamos aqui essas variantes, para que se conclua pela existencia de um outro codice mais antigo, tambem perdido. Na canção II, a estrophe terceira *(Cancioneirinho)*, acha-se assim:

Os cavalleiros e cidadãos
d'aqueste rey aviam dizer
e se deviam com sas mãos poer
outrosi donas e escudeiros
que perderam a tam bom senhor
de quem poss'eu dizer, sem pavor,
que não ficou dal nos christãos.

Pelo codice de Roma vê-se a estrophe construida de outro modo:

Os cavalleiros e cidadãos
que d'este rey aviam dinheiros
e outrosi donas e escudeiros,
matar se deviam por sas mãos. (n.º 708.)

Na canção VI, a estrophe segunda e terceira *(Cancioneirinho)* estão incompletas e inter pollados d'esta fórma:

Cancioneirinho:
E as aves que voavam
Quando sayam canções
Todas d'amor cantavam
Pelos ramos d'arredor;
Mais eu sei tal que escrevesse
Que em al cuidar podesse
Se nom todo em amor.

Em pero dix'a gram medo:

—Mha senhor, falar-vos-ey
Hum pouco, se m'ascuitardes
Mais aqui nom estarey.

Codice da Vaticana:
E as aves que voavam
quando saya *l'alvor*
todas de amor cantavam
pelos ramos d'arredor;
mais nom sei tal que *i estevesse*
que em al cuidar podesse
se nom todo em amor.

Aly stive eu muy quedo
quis falar e non ousey,
em pero dix'a gram medo:
—Mha senhor, falar-vos-ey
um pouco, se m'ascuitardes;
e ir-m'ey quando mandardes
mais aqui nom estarei. (n.º 554.)

Pela lição da Vaticana, onde se vêm as duas estrophes completas se infere que o defeito no *Cancioneirinho* provêm de um texto imperfeito e differente, por ventura tirado do apographo hespanhol.

Na canção XV, *(Cancioneirinho)* vem uma estrophe imperfeita, porque é formada com duas, que lhe alteram o typo:

Cancioneirinho:
E foi-las aguardar
E nom a pude ver;
e moiro-me d'amor.

Codice da Vaticana:
E fui-las aguardar,
e nom o pudo achar;
e moiro-me d'amor!
E fui-las atender,
e nom no pude veer;
e moiro-me d'amor.

A canção XVII, do *Cancioneirinho*, tem só tres estrophes; na lição do Codice da Vaticana ha mais esta:

Estas doas mui bellas
el m'as deu, ay donzellas,
nom vol-as negarey;
mas cintas de fivelas
eu nom as cingirei.

Com certeza esta deficiencia proveiu do apographo madrileno. Na canção XXI, a estrophe quarta está interpollada, e segundo a lição da Vaticana é que se conhece a proveniencia de outro codice:

Cancioneirinho:
Cá novas me disserom
Que vem o meu *amigo*
C'and'eu mui leda.

E cuido sempre no meu coraçom
Pois nom cuid'al, des que vos vi,
Se nom en meu amigo,
E d'amor sei que nulh'ome tem,
Pois migo é, tal *mandades,*
Que vem o meu amado.

Codice da Vaticana:
Ca novas me disserom
ca vem o meu amado
e and'eu mui leda,
poys migu'é tal mandado;
poys migu'é tal mandado
que vem o meu amado.

Os versos sublinhados do *Cancioneirinho*, são visivelmente de outra canção, porque tem outro typo estrophico, e essa interpollação não se póde attribuir a erro de leitura de Varnhagen.

Na canção xxv, ha uma quarta estrophe, que é repetição da primeira; na lição da Vaticana não existe esta fórma; evidentemente o editor do *Cancioneirinho* seguiu aqui o codice madrileno.

Na canção xlv falta esta estrophe, que pela lição do texto da Vaticana se vê que é a segunda:

Nom ja em al d'esto som sabedor
de m'algum tempo quizera leixar
e leix'e juro nom a ir matar
mays poys la matam, serey sofredor
sempre de coyt'em quant'eu viver,
cá sol y cuido no seu parecer,
ey muyto mais d'outra rem desejar.

Na canção xlvi, falta esta quarta estrophe da lição da Vaticana:

Por en na sazom em que m'eu queixey
a deus, hu perdi quanto desejei,
oy mais poss'en coraçom deus loar;
e por que me poz em tal cobro que ey
por senhor a melhor de quantas sey
eu, que poz tanto bem que nom ha par.

A canção xlviii encerra a prova definitiva de que o codice madrileno serviu de base da edição do *Cancioneirinho*, e que esse codice proveiu de uma fonte diversa do da Vaticana.

No codice madrileno faltam cinco estrophes, porque são omissas no *Cancioneirinho:*

O que da guerra se foi com emigo
pero nom veo quand'a preyto sigo,
nom vem al Maio.

O que tragia o pendon a *aquilom*
e vendid'é sempr'a traiçom,
nom vem al Maio.

O que tragia o pendon sen oyto,
e a sa gente nom dava pam coyto,
nom vem al Maio.

E no final da canção:

O que tragia pendom de cadarço
macar nom veo no mez de Março,
nom vem al Maio.

O que da guerra foy por recaúdo
macar em Burgos fez pintar escudo,
nom vem al Maio.

Indubitavelmente o codice madrileno provém de uma outra fonte, porque tem omissões que o differenciam do codice da Vaticana; mas a ordem das canções e os nomes dos trovadores, communs aos dois, provam-nos que ambos foram copiados de cancioneiros já organisados dos quaes um era já apographo. A circumstancia de começarem ambos pela trova de *Fernão Gonçalves*, e de se ler no codice de Roma a nota: «*Manca da fol. ij in fino a fol.* 43» provam-nos que o original primitivo já andava truncado, e é isto o que dá a mais alta importancia ao Indice de Colocci do Cancioneiro perdido que era a copia mais antiga, porque o monumento diplomatico estava ainda completo. Monaci não desconheceu o valor das variantes do *Cancioneirinho*.

Depois de toda esta discussão sobre os diminutos vestigios que restam de alguns cancioneiros portuguezes dos seculos xiii e xiv, a approximação de numerosos factos secundarios, e as inducções que se formam sobre elles, exigem uma recapitulação clara para que se possam tirar a limpo algumas conclusões geraes. Representamos os cancioneiros que são conhecidos por letras maiusculas, e aquelles cuja existencia se póde inferir pelas variantes são notados por letras minusculas; com estes signaes formaremos uma tentativa de filiação de todos esses cancioneiros em um schema, que poderá ser modificado á medida que se descobrirem novos subsidios:

A.) *O Livro das Cantigas do Conde de Barcellos.*—Citado no seu testamento, e deixado a Affonso XI, tambem trovador. Tendo em vista o genio compilador do Conde, e o andar ligado ao seu Nobiliario o Codice da Ajuda, cancioneiro de varios auctores, póde-se inferir que o *Livro das Cantigas* não era exclusivamente do Conde, mas sim uma compilação sua. No *Cancioneiro da Vaticana* encontram-se canções do Conde, de Affonso XI e grupos de canções do Codice da Ajuda em numero de cincoenta e seis assignadas por fidalgos da côrte de D. Diniz.

B.) *O Cancioneiro de D. Diniz (Livro das Trovas de Elrei Dom Diniz.)* —Existiu separado em volume, pelo que se sabe pelo Catalogo dos Livros de uso de el rei Dom Duarte. Foi encorporado no codice da Vaticana depois da canção 79.

B'.) Outro, dos Freires de Christo de Thomar.

C.) *O Cancioneiro da Ajuda.*—Começa em folhas 41; a parte anterior está perdida e o final não chegou a ser terminado. Isto explica as pequenas relações com o Codice de Roma. As 24 canções achadas na Bibliotheca de Evora e as guardas da encadernação do Nobiliario provam o muito que se perdeu d'este cancioneiro. Não se chegou a escrever a musica das canções, nem a inscrever-lhes os nomes dos auctores que as assignavam, e por isso conclue-se que não chegou a servir para a collecção de Roma, que é assignada. Não chegaram a entrar n'elle as canções de el-rei D. Diniz, e portanto entre este e o Cancioneiro de Roma póde fixar-se a existencia de outro cancioneiro hoje desconhecido.

D.) *O Cancioneiro de D. Mecia de Cisneros.*—Grande volume de cantigas, visto pelo Marquez de Santillana, que o descreve; já continha o cancioneiro de D. Diniz, e os trovadores do Codice de Roma citados pelo Marquez. Seria a primeira compilação geral, feita mesmo em Hespanha?

E.) *O apographo de Colocci.*—Perdido talvez pela occasião do saque de Roma em 1527, e do qual só se conserva o Indice dos auctores. Tinha intimas relações com o codice de D. Mecia. No principio apresentava varios *lais* no gosto bretão, e pelos Nobiliarios, vemos que o Conde Dom Pedro se refere ás tradições bretãs, e tambem el-rei D. Diniz. Seria esta parte assimilada do *Livro das Cantigas* do Conde de Barcellos?

F.) *Cancioneiro da Vaticana n.º* 4803.—Este é menos completo do que o antecedente, o que prova que foi copiado de outra fonte. Colocci por sua letra o emendou pelo codice hoje perdido. Tem este cancioneiro 56 canções similhantes no *Cancioneiro da Ajuda,* com variantes notaveis, signal que ambos os Codices se derivam de duas fontes diversas. Tem uma parte relativa a successos da côrte de D. Affonso IV, que provém de cancioneiros extranhos e posteriores ao *Cancioneiro da Ajuda.* A ordem dos trovadores não é a mesma do Indice de Colocci.

G.) *Copia ms. de um Grande de Hespanha.*—Em cincoenta canções reproduzidas por Varnhagen, acham-se variantes fundamentaes com relação á lição do codice de Roma, signal de que a copia alludida provém de uma fonte extranha e de epoca differente.

De outros cancioneiros temos vestigios positivos:

1.º *O Livro dos Sons,* do Dayam de Cales. (Comprova-se pela canção n.º 76, de Affonso IX de Castella e Leão.)

2.º *Os Cadernos de Affonso Eanes de Cotom.* (Comprova-se pela canção 68, de Affonso IX, increpando o trovador Pero da Ponte de servir-se d'elles.)

3.º *Cantares de Lourenço jograr.* (Comprova-se pela canção n.º 1032, na qual diz que os seus versos eram colligidos nas côrtes por onde andava.)

4.º *Codice de Bembo.* (Comprova-se pelo n.º 456 do Indice de Angelo Colocci.)

5.º *Codice lemosino.* (Comprova-se pelo n.º 467 do Indice de Colocci, e por este erudito confrontado com o que possuia o cardeal Bembo.)

6.º *Il Libro de Portoghesi.* (Comprovado por uma nota de Colocci, que vem no ms. n.º 4817, da Bibliotheca do Vaticano, segundo Monaci.)

7.º *Libro spagnolo di Romanze.* (Pertencia á livraria de Colocci, como se sabe pelo seu inventario de 27 de outubro de 1558.)

8.º *De varie Romanze volgare.* (Comprovado pelos meios supracitados.)

9.º *Cancioneiro de D. Affonso* IV. (Barbosa Machado diz que Frei Bernardo de Brito colligira poesias d'este monarcha no fim do seculo XVI; é certo que pelo Indice de Colocci, n.º 1323–1326, se vê o fundamento d'este facto sob a rubrica *el-rei D. Affonso filho del rei Dom Deniz,* e em sigla marginal: *Affonso iiii, successit Dyonisio.*

10.º *Cancioneiro do Conde de Marialva.* (Citado por Frei Bernardo de Brito a proposito da canção do *Figueiral* e authenticada a sua existencia em Barcelona por Soriano Fuertes, na *Hist. da Mus. esp.)*

Os cancioneiros desconhecidos, mas intermediarios aos supracitados, são hypotheticamente:

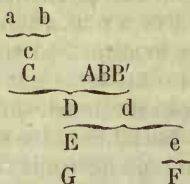
a, b.) Cancioneiros anteriores ás collecções da côrte de D. Diniz, com que se formou c, d'onde se trasladou o *Cancioneiro da Ajuda,* como se justifica pelas variantes das 56 canções reproduzidas no de Roma.

c.) Cancioneiro perdido, d'onde se não chegou a copiar nem a musica das canções nem o nome dos trovadores para o *Cancioneiro da Ajuda.*

d.) Cancioneiro onde se encorporaram o *Livro das Cantigas* e *Cancioneiro de D. Diniz,* o que justifica as differenças entre o codice de D. Mecia e o de Colocci.

e.) Cancioneiro perdido, cuja existencia se induz das variantes entre o *Cancioneiro da Vaticana*, o de Colocci e o do grande de Hespanha.

Eis portanto a nossa tentativa de schema de filiação dos cancioneiros portuguezes dos seculos XIII e XIV:

```
 a b
 ‿‿
  c
  C    ABB'
  ‿‿‿‿‿‿‿
     D    d
     ‿‿‿‿‿‿
     E      e
            ‿
     G      F
```

É provavel que esta connexão ache contradictores, porém ahi ficam todos os elementos que pudemos agrupar, para que outros estabeleçam uma filiação mais verosimil. Só depois de estudada a historia externa do *Cancioneiro da Vaticana* é que se poderá entrar com desassombro no desenho da grande epoca litteraria que elle representa.

CAPITULO VI

DO ELEMENTO TRADICIONAL NO CANCIONEIRO DA VATICANA

O *Cancioneiro da Vaticana* vem revelar-nos as origens tradicionaes da poesia lyrica portugueza, desconhecidas pelos principaes criticos europeus, que consideravam a falta de nacionalidade ou de originalidade a caracteristica distinctiva dos nossos trovadores, julgando Gil Vicente e Camões desligados de toda a corrente popular e por isso phenomenos isolados quasi inexplicaveis. Resumimos o estado da questão, antes da nossa descuberta da persistencia das *Serranilhas* e *Cantos de ledino,* n'estas palavras de Wolf: «D'estas vistas, que se provam com documentos e testemunhos e portanto são as unicas exactas, ácerca da origem e formação da poesia lyrica portugueza, conclue-se que em verdade de um lado a lyrica erudita apparecera mais cedo na Galliza e Portugal do que em Castella; mas que de outro lado a poesia erudita portugueza se apresenta desde o começo como palaciana, formada por moldes estrangeiros (provençaes) e que a não precedera, como á castelhana, uma poesia indigena, ainda meio popular, meio erudita, nascida de elementos populares, e, em consequencia d'isso, puramente nacional. D'esse modo fica ao mesmo tempo resolvida a questão da prioridade da poesia portugueza ou hespanhola; d'esse modo torna-se clara e evidentemente reconhecivel a differença do seu principio e dos caracteres fundamentaes e periodos de desenvolvimento d'elle dependentes; pois emquanto a poesia hespanhola tem um principio popular e uma base popular, e, em consequencia d'isso não só nos seus periodos de esplendor apparece original e nacional, mas tambem não chega a reduzir-se a pura imitação sob a influencia estrangeira, e até mesmo nos seus tempos de decadencia mostra tanta força vital propria, que se póde regenerar por si mesma; tem-se a poesia portugueza desenvolvido de um principio inteiramente artificial cujas raizes são estrangeiras, antes que a poesia popular indigena podesse offerecer uma assás larga base para que sobre ella se produzissem obras artificiaes com typo nacional; por isso são as suas feições fundamentaes (pois não póde aqui ser questão de caracter fundamental, se não se quer deixar valer como tal a propria falta de caracter): dependencia da influencia exterior estrangeira, mania imitativa, flexibilidade e uma delicadeza proxima da frouxidão; em summa ella é mais receptiva do que productiva; — por isso escaceâ-lhe mesmo nos tempos de maior elevação a individualidade bem determinada, e os poetas ainda assim mais populares, Gil Vicente e Camões, eram phenomenos sem influencia

duradoura; por isso quando a poesia portugueza decaíu ficou em agonia de que só a podia erguer um novo impulso e auxilio estrangeiro.»[1]

Esta opinião está derrogada; quando Wolf a emittiu ainda o *Cancioneiro da Vaticana* era mal conhecido, mas já por alguns *Cantares de amigo* do *Cancioneiro de D. Diniz* se podia inferir da existencia de um veio popular. Wolf desconhecendo a connexão tradicional de Gil Vicente, não sabe como explicar a sua superioridade lyrica; Friederich Diez, pelo estudo comparativo de algumas cançonetas de Gil Vicente intercalladas nos seus Autos, foi levado para a determinação de um elemento popular na poesia provençal portugueza.[2] Á medida que foram sendo conhecidas fórmas mais variadas de canções da collecção da Vaticana, a importancia do elemento popular não pôde escapar aos criticos romanistas. Com a publicação do *Cancioneirinho de trovas antigas*, (Vienna, MDCCCLXX) conheceram-se novos typos poeticos, e Paul Mayer fallando d'este pequeno excerpto da collecção da Vaticana, reconhece n'essas canções as caracteristicas populares, mas explica-as como resultantes das profundas modificações de uma vulgarisação de obras litterarias entre o povo: «Não se póde vêr n'elles, propriamente fallando, cantos populares. Supposto mesmo que existissem na Galliza e em Portugal, é pouco provavel que se dessem ao trabalho de os pôr em escripta. Demais, as peças no ms. da Vaticana, e por consequencia no seu original perdido, são acompanhadas do nome de seus auctores, o que não teria logar, se ellas fossem colligidas da bôca do povo. Que elles com o andar do tempo se tornassem populares, é o que se póde olhar como mais provavel: a mesma cousa aconteceu a certas obras dos trovadores e dos troveiros; não sabemos nós que Giraut de Borneil gostava de ouvir as suas canções cantadas á compita pelas raparigas quando iam á fonte? Não parece porém duvidoso (e isto é certo com relação ao rei D. Diniz) que ellas devam a sua existencia a auctores tão letrados como o poderiam ser os leigos d'este tempo, a homens, dos quaes muitos possuiram um amplo conhecimento da poesia dos trovadores e dos troveiros.»[3] A explicação de Paul Meyer é habil mas não verdadeira; este illustre philologo não estabelece a minima distincção entre *popular* e *tradicional*, duas caracteristicas que importa ter sempre em vista na questão das origens poeticas. O que se tornou popular póde provir de uma vulgarisação de obra individual, ou tambem da persistencia immemorial da tradição; no primeiro caso, a opinião de Paulo Mayer é inadmissivel, porque obrigava a suppôr uma communhão litteraria muito intima entre os eruditos dos seculos XIII e XIV e o povo portuguez, facto que nunca se deu, como se vê por todo o decurso da historica politica e principalmente da historia litteraria de Portugal. No segundo caso, é preciso determinar o problema: As canções do *Cancioneiro da Vaticana* que apresentam caracteristicas populares, embora sejam composições individuaes, revelam nas suas fórmas a persistencia de um typo primitivo tradicional? A questão da determinação d'esse typo é já um outro trabalho. Paul Meyer, ao dar conta dos *Canti antichi portoghesi*, publicados por Monaci, antes da sua monumental edição (Imola, 1873) abandonou o seu primeiro modo de ver, deixando a vulgarisação popular pela persistencia de *fórmas tradicionaes:* «Noto que muitas das peças dadas á luz por Monaci (n.º IV, IX) são muito analogas na essencia como na fórma, ás nossas antigas *Ballettes,* ou ás *balladas* provençaes. Não concluo por isto, que as poesias portuguezas que têm esta fórma sejam imitadas do francez ou do provençal, mas que são concebidas conforme um typo tradicional, que deve ter sido commum a diversas populações romanicas, sem que se possa determinar em qual d'ellas foi creado.»[4]

Foi pelo estudo comparativo com algumas balladas francezas colligidas nos seus relatorios, (fl. 236-9) que Paul Meyer se viu forçado a reconhecer nas canções portuguezas um *typo tradicional*, da mesma fórma que Diez pela comparação das canções de Gil Vicente determinou no Cancioneiro de D. Diniz os caracteres da poesia portugueza primitiva. D'esta fórma progrediu a sciencia até collocar o problema litterario no seu verdadeiro campo; a demonstração dos typos tradicionaes d'onde se derivara a melhor parte e a mais bella das canções portuguezas, não só virá derramar uma nova luz sobre as origens da poesia romanica, mas explicar a unidade do lyrismo europeu. É este o nosso trabalho, esboçado já na dissertação *Da Poesia moderna portugueza, suas transformações e destino*;[5] pelo desenvolvimento gradual do problema se vê que não somos levados por um aventuroso hyper-

[1] Wolf, *Studien zur Geschichte der spanischen und portugiesischen Nationalliteratur,* S. 697. Ap. Bibl. critica, p. 136.
[2] Diez, *Über die erste portugiesische Kunst und Hofpoesie,* S. 100. Bonn, 1863.
[3] Paul Meyer, *Romania,* vol. I, p. 119-123.
[4] *Romania,* t. IV, p. 265.
[5] *Parnaso portuguez moderno,* p. XXV. Lisboa, 1877.— O sr. J. A. de Freitas applicou a nossa theoria ás *Origens do Lyrismo brazileiro.*

criticismo. Se os jograes e trovadores conheceram um typo tradicional do lyrismo é porque esse typo se conservava inconscientemente entre o povo; isto se prova ainda abundantemente por vestigios do *Cancioneiro da Vaticana.*

Da existencia de uma poesia lyrica popular temos em Hespanha no seculo XIII a prova na *Cantiga de Serrana* attribuida a Domingo Abad de los Romances, e que se acha intercallada entre as poesias do Arcipreste de Hita (p. 481, da ed. de Ochôa, str. 987 a 1001). Ortiz de Zuniga nos *Anales de Sevilla,* referindo-se ao anno de 1253, e apoiando-se na auctoridade de Argote de Molina, diz que Nicolau dos Romances e Domingos abade de los Romances eram poetas de Fernando o Santo; o desenvolvimento litterario que o Arcipreste de Hita e depois o Marquez de Santillana deram ás *Cantigas de Serrana,* mostra-nos como pelo conhecimento das suas origens tradicionaes a Hespanha veiu a prevalecer sobre Portugal no desenvolvimento do seu genio lyrico.

A epoca em que as imitações populares reanimaram o lyrismo provençal portuguez, deve collocar-se depois do casamento de el-rei D. Diniz, quando muitos jograes aragonezes e leonezes se fixaram em Portugal. O jogral João de Gaya, escudeiro da côrte de D. Diniz, deixa nas rubricas que precedem as suas canções bem accentuadas as provas da imitação popular. Na canção 1061, apodando o Eleyto de Viseu, que era natural de Aragão, pelo vicio da glutoneria, allude aos velhos cantares de Martim Moxa, que se haviam repetido na côrte de D. Affonso III:

> Comede migu'e diram-vos
> cantares de Martim Moxa;
> diz el en estes meus narizes,
> color de escarlata roxa:
> vos avedel-os olhos verdes
> et matar-m'iades com eles.

A sirvente remata com a preciosa rubrica: «*Esta cantiga foi seguida por huã baylata, que diz:*

> Vós avedel-os olhos verdes,
> matar-m'edes com elles.»

Evidentemente João de Gaya fazia refrem de uma antiga balada popular, porque no seculo XVI nas redondilhas de Camões, ou de Cancioneiro, acha-se ainda este mesmo mote: *Menina dos olhos verdes* e *Se não que tendes os olhos verdes.*

Este facto, ao mesmo tempo que nos prova a genuinidade popular da balada, demonstra-nos tambem a persistencia da tradição lyrica nacional, que revive na inspiração dos maiores poetas quinhentistas.

Na canção 1041, do mesmo João de Gaya, vê-se uma imitação directa da structura dos cantos populares do seculo XIV; começa com a rubrica: «*Diz huã cantiga de vilão:*

> ó pee d'huã torre
> baila corp'e giolo;
> vedes o cós, ay cavalleyro.»

João de Gaya compoz trez estrophes sobre este molde, satyrisando o alfayate do bispo Dom Domingos Jardo, personagem celebre por ter concorrido para a fundação da Universidade de Coimbra. Na rubrica que a segue, se lê a declaração terminante: «*Esta cantiga seguiu Joham de Gaia por aquela de cima, de vilãaos, que diz a refrem*: vedel-o-cós, ay cavaleyro; *e feze-a a hũ vilãao, que foy alfayate do bispo don Domingos Jardo, de Lixboa.*» D'esta imitação dos retornellos populares conserva-se na côrte do seculo XV o estylo de rifar como uma prenda para parecer bem no paço. Da proveniencia d'estes cantos, ainda no seculo XVII lhes chamava Miguel Leitão *villanelas*, e Gil Vicente conserva muitas designações do lyrismo popular, como *villancico, villancete, chacota, ensalada,* e da *serra* e *guaiados.*

Na canção 883, de Martim de Giezo, allude-se aos instrumentos arabes que acompanhavam as cantigas populares: «*Mandou lo aduffe tanger.*» Por isso não nos admira que a designação de *Serrana* e *Serranilha*, conservada pelo marquez de Santillana, se derive do arabe *serra;* ainda hoje persiste a designação de *Fado* dada aos cantos lyrico-narrativos acompanhados em viola de arame ou guitarra (a *quitara* arabe); Caussin de Perceval [1] descreve um canto plangente usado pelos guias de camellos, simples e monotonos, que é conhecido pela designação de *Huda,* [2] que se identifica com os nossos *Fados* actuaes. A cha-

[1] Ap. *Journal asiatique,* série VII, t. II, p. 420.
[2] Nas poesias do Arcipreste de Hita, acha o verso:

> La *adedura* albardana entre elles se entremete (v.° 1206.)

cara da *Linda Pastora*, o typo do lyrismo antigo portuguez, em muitas versões provinciaes é conhecida pelo nome de *Serrana*. Nas povoações de Gafete, Arez e Tolosa, (Alemtejo) ainda existe um canto denominado a *Chacoula*, que suppomos ser uma corrupção de *Chacone*, desusada desde o seculo XVII.

Differentes raças occuparam na successão dos seculos a Peninsula hispanica, e cada qual se define pelos raros vestigios da sua passagem deixados nos monumentos megalithicos, no onomastico local ou nos monumentos epigraphicos, numismaticos ou nas relações dos geographos antigos; a constituição das modernas sciencias da Anthropologia e da Linguistica veiu dar mais um elemento para estabelecer um conhecimento mais preciso por meio da caracteristica da *dolichocephalia* e *brachycephalia* nos craneos antiquissimos, e da *agglutinação* da linguagem n'esse idioma fallado ainda nos Pyrenéos (o basco) que se filia no grupo das linguas turanianas.

Uma vez estabelecida a serie de occupação das raças no territorio hispanico, falta aproveitar o novo criterio da *Ethnologia*, cuja luz ha de saír da comparação dos costumes, das noções religiosas, das superstições, das tradições em todas as suas fórmas. Este trabalho virá um dia a basear-se sobre os resultados das anteriores investigações scientificas; no emtanto aproveitando a direcção do que se sabe já como definitivo, vamos determinar a origem de algumas fórmas tradicionaes da poesia da peninsula hispanica, fórmas que só vieram a perder-se depois que as litteraturas nacionaes se constituiram fixando na fórma escripta os dialectos romanicos. Através das manifestações da poesia individual, mais ou menos inspirada de fontes tradicionaes ou populares, ainda apparecem designações que accusam generos primitivos que se transformaram ou foram esquecidos; taes são os contos de *Alalála*, os *Areytos*, as *Aravias*, os cantares *Guaiados*, os cantos de *Ledino*, as *Chacones*, as *Serranilhas*, etc. Escolhemos principalmente as designações dos generos poeticos que correspondem a cada uma d'essas raças; assim os cantos de *Alalála*, os *Areytos* e *Aravias*, como vamos provar pelo criterio comparativo, pertencem ainda ao genio lyrico da grande raça turaniana, que occupou a Peninsula n'uma epoca ante-historica, e a que se dá o nome de *Iberos*.[1] Os cantares *Guaiados*, pertencem já á occupação celtica, que se fusionou com o elemento turaniano, formando assim os celtiberos. Os cantos de *Ledino* pertencem ao elemento romano, modificado pelo culto christão recebido da Africa. As *Ciecones* pertencem ao genio germanico, e resultam da persistencia da tradição gothica. Finalmente as *Serranilhas*, são uma revivescencia do lyrismo pastoral do genio turaniano pela acção da poesia arabe. No desenvolvimento d'estas affirmações esperamos determinar um principio ethnologico, pelo qual a poesia tradicional da Peninsula receberá uma nova luz.

Pelos recursos da archeologia prehistorica e pela craniometria chegou-se á conclusão de que as raças ante-historicas da Europa se renovaram muitas vezes, podendo comtudo distinguir-se dois typos: o de craneo oblongo *(dolichocephalo)* e o de craneo redondo *(brachycephalo)*.[2] Com os craneos oblongos coincidem nas mesmas camadas geologicas os instrumentos de pedra, ao passo que com os craneos redondos já coexistem os instrumentos de bronze, que revelam uma civilisação baseada sobre a industria metalurgica, e uma superioridade que demonstra a realidade do dominio d'este typo mongoloide sobre o typo negroide. Sobre este estadio da civilisação ante-historica appareceu uma nova raça conhecedora do ferro e com a fórma craneana oval, e que é considerada um ramo árico ou indo-europeu; o problema das origens da civilisação européa reside na determinação dos elementos aproveitados pelos ramos indo-europeus da civilisação rudimentar mongoloide, a que modernamente se tem dado o nome de turaniana. Considerando o typo dolichocephalo, como autochtone da Europa e da Africa, quando estes continentes ainda estavam unidos, o typo brachycephalo é imigrante e proveniente da Asia. As migrações do typo mongoloide ou brachycephalo fazem-se pelo norte da Europa, como se observa pelo elemento finnico e esthoniano, pelo mixto com as raças germanicas e pelo dominio do gaulez; e fazem-se tambem pelo norte da Africa, onde receberam modificações physiologicas do typo negroide, penetrando na peninsula hispanica, como o elemento basco, e nas tres grandes ilhas do Mediterraneo. A existencia da côr branca, cabello ruivo e olhos azues entre os berberes da Africa é uma resultante do typo mongoloide através da Africa, da mesma fórma que estas caracteristicas nos povos da Europa, provêm segundo Topinard do primitivo fundo turaniano. A distincção entre estas

Refere-se a um instrumento musico, que no codice de Gayoso se chama *Hadura;* por ventura a elle se cantavam os *Huda* ou Fados, ainda hoje populares.

No Cancioneiro de Rezende acha-se uma imitação dos cantos de troteiro, com accentuada imitação popular.

[1] Da existencia da sua poesia falla Strabão.

[2] Vogt, Pruner-Bey, Wilson e Schaaffhausen.

duas correntes convergentes de immigrações mongoloides ainda não estava estabelecida; porém pelas modernas descobertas sobre o gaulez, e pelas revelações da historia do Egypto sobre as invasões dos Matsuas, as duas correntes definem-se com uma certa authenticidade.

Esta população da Europa, turaniana ou mongoloide, que precedeu os Arias, possuia um profundo genio poetico, como se vê pelos cantos accadicos da Chaldea, pela acção que exerceu sobre o desenvolvimento da poesia semita, pelas fórmas lyricas do *Chi-King,* da China, e pelas creações epicas do Mexico e da Finlandia. A cohabitação com os Arias, que a dominaram na India, e com os novos ramos que a absorveram na Europa, fez com que persistissem os elementos ethnicos turanianos, e por isso que se conservassem certas fórmas lyricas nas camadas populares ou servis, que certos accidentes historicos fizeram receber fórma litteraria.

Antes de determinarmos os paradigmas d'esta unidade do lyrismo europeu, importa definir essas duas correntes convergentes da migração turaniana. A distincção do gaulez do celta, tão claramente exposta por Diodoro de Sicilia, confirma-se indirectamente por Dion Cassius, Pausanias e Appiano. Fallando dos celtas de uma e outra parte do Rheno, Cassius declara depois: «que tem á sua esquerda a Gallia e seus habitantes; á sua direita os celtas. Tal é o limite d'estes dois povos, depois que tomaram fronteiras differentes.»[1] Em Pausanias allude-se já a uma assimilação entre as duas raças: «O nome de gaulezes não prevaleceu senão muito tarde; elles tomaram antigamente o de celtas, nome que os outros povos lhe davam tambem.»[2] Appiano exprime já uma identificação: «Os celtas actualmente chamados *Gallatas* e *Gaels.*»[3] Ha aqui uma fusão em que o gaulez prevalece pelo numero, e em que o celta conserva o seu nome pelo espirito de resistencia. Qual era porém a raça gauleza? Diodoro Siculo descreve o seu habitat: «Occupavam já os paizes inclinados para o Meio Dia ou para o Oceano, já sobre os montes Hercynios (montanha do Herez e do Erzgebirge), emfim, occupavam em seguida uns aos outros todo este vasto espaço até á Scythia (hoje Russia).»[4] Gustave Lagneau demonstrando que o gaulez é um ramo *scythico,* apresenta a conformidade dos nomes entre *Oestyi* (antigos habitantes da Esthonia, provincia maritima da Russia), que Tacito diz fallarem uma lingua vizinha do bretão, e os *Ostiey,* antigos habitantes da Armorica, ou Bretanha actual; entre os *Lemovii,* que habitavam antigamente a provincia de Dantzig, e os *Lemovices,* povoação da Armorica, e a capital dos Pictones denominada *Lemovices,* hoje *Limoges.*[5] Cumpre aqui observar que a escola trobadoresca *limosina,* uma das mais celebres, foi a que mais influiu no desenvolvimento da moderna poesia na peninsula hispanica, onde o nome de *Astu*ria revela-nos a profunda analogia com os *Oestyi* scythas. É ao occidente dos Asturos, que estavam situados os *Gallaicos,* ou a Galliza actual, o que tambem revela a sua origem gauleza; o mesmo com relação ao nome de Portu*gallaecia.* É grandissima a diffusão da raça gauleza, na Germania septentrional, nas ilhas Britannicas, na Galliza, na Hespanha, na Italia, na Germania meridional, na Ilyria, na Grecia e na Asia Menor. Assim como Diodoro Siculo soube distinguir o gaulez do celta «que os Romanos haviam confundido sob o mesmo nome» elle mesmo nos dá os elementos para distinguir *dois ramos* differentes d'esta raça scythica: «Segundo a opinião de alguns escriptores, este povo tornado famoso pela sua ferocidade, é o mesmo que aquelle que nos tempos antigos devastou toda a Asia sob o nome de *Cimmerianos,* designação que tendo-se alterado pelo lapso dos annos, se mudou facilmente na dos *Cimbros.*»[6]

A identificação dos gaulezes com os *Cimerianos,* leva-nos a approximar os differentes nomes de *Cymri, Kimri, Kimmerii* do nome de Sumir, um ramo turaniano da Asia anterior. (O nome de *Ruthene,* com que os Assyrios eram conhecidos pelos egypcios, acha-se nos *Ruteni* que occuparam uma parte da Galicia.) Castren mostra-nos a importancia ethnica da designação de *Sumir*, cujo valor corresponde á situação dos gaulezes das planicies proximas do oceano.[7]

D'este modo os nomes de *Gades, Gaidheal,* (Gaels, Galls) correspondem á outra designação turaniana *Accad,* o que habitava as montanhas, tal como o gaulez nos montes Hercynios. Como scythas, os gaulezes podiam conservar estas caracteristicas ethnicas. O nome de *Aquitania,* é como uma fórma de *accadiano*, conservada inconscientemente.

[1] *Hist. rom.,* Lib. XXXIX, cap. 49.
[2] *Descripç. da Grecia; Attica,* cap. III.
[3] *De rebus hispaniensibus,* § 1.
[4] *Hist. univers.,* lib. V, cap. 33.
[5] *Dict. encycl. des Sciences médicales,* t. XIII, p. 705.
[6] Op. cit., lib. V, cap. 33.
[7] Eram gaulezes os antigos habitantes do Condado de *Sommer*set. *(Dict. encycl. des Sc. méd.,* t. XIII, p. 716.

A confusão de Tacito dos Kimerianos com os germanos, e os *Gothins* considerados como gaulezes, explicam-nos os phenomenos de recorrencia tradicional entre os povos da Peninsula. A proveniencia do ramo iberico ou euskariano da peninsula atravessando a Africa, conhece-se não só pela lingua, como por uma certa dolichecephalia resultante da fusão com grupos africanos de raça branca.[1] Os nomes de divindades egypcias nas inscripções lapidares da peninsula misturados com os nomes de divindades turanianas, revelam-nos que o ramo lybico, que esteve em contacto com a civilisação dos pharaós, foi o que entrou em Hespanha, occupando as ilhas do Mediterraneo, e o archipelago das Canarias. Strabão falla das poesias heroicas dos Turdetanos com mais de seis mil annos de antiguidade; e este facto torna-se crivel hoje que o genio épico dos turanianos se manifesta no poema *Isdubar*, de Babylonia, no *Popol-Vuh* do Mexico, e no *Kalevala* da Finlandia. É por esta via que somos levados á determinação do genio lyrico tradicional nas litteraturas meridionaes. Provada por Paul Meyer a unidade de fórmas no lyrismo dos povos romanicos, resta descobrir a causal d'esse phenomeno. Os dados ethnicos que temos determinado reduzem esse phenomeno a uma revivescencia.

A mesma revivescencia se dá entre todos os povos em que existe o elemento turaniano; os cantos accadicos, tão parecidos com as nossas Serranilhas, tem paradigmas no *Chi-King* da China. O mesmo se dá com os hymnos triumphaes do Egypto e com os cantos populares arabes. Reunimos aqui alguns paradigmas; eis um canto accadico, traduzido por Oppert:

Trigo do nosso sustento
Cresce direito, mas lento;
Agua do céo nós pedimos!

Trigo da nossa abundancia,
Levanta-se, e com fragrancia!
Agua do céo nós pedimos!

Lenormant apresenta um outro canto accadico, que com o precedente póde ser comparado com os n.os 806, 842, 744, e 1046 do *Cancioneiro da Vaticana;* eis o canto traduzido pelo assyriologo Lenormant:

O trigo que direito crece
No fim dará boa messe;
O segredo, nós sabemol-o!

O trigo que dá fartura
Dará a boa cultura;
O segredo nós sabemol-o!

No *Chi-King,* formado com os cantos tradicionaes do povo chinez, vê-se pela bella traducção de Legge a fórma estrophica e a distribuição da rima de um modo em geral similhante ás nossas canções provençaes:

Guizos levam os cães; os cães levam os guizos;
De amavel, tem seu dono, e bom, todos os visos.

Os cães vão presos, vão a retininte ajoujo;
Dizer do dono a graça a tanto não me arrojo.

Colleiras ao pescoço elles lançam-se á caça;
Seu dono é excellente em poder e em graça.[2]

Na campina d'alem, que mede umas dez geiras,
Andam homens colhendo a folha ás amoreiras;
Busquemos essa paz! dizia um palaciano.

No campo que atrás fica e mede umas dez geiras,
Homens andam colhendo a folha ás amoreiras;
Fiquemos n'esta paz, dizia um palaciano.[3]

Vão cinco javalis, n'uma veloz carreira;
Disparam-lhes de prompto a seta mais certeira!
Ah como assim parece um tigre mosqueado.

[1] *Bulletin de la Société de géographie,* (Avril, 1876) p. 428.
[2] Legge, op. cit., p. 143; Pauthier, trad., p. 294.
[3] *Chi-King,* ed. Legge, p. 136; ap. Pauthier, 292.

Cinco bácoros abrem na artemisa brecha;
Dispara-lhes de prompto uma certeira frecha!
Ah como assim parece um tigre mosqueado.[1]

Tal como o pé do Lin não calca nos seus trilhos,
Para os que encontram são assim do rei os filhos!
Elles são como o Lin!

Como a frente do Lin nunca em furia se atira,
Tal os netos do rei dão amor em vez de ira;
Elles são como o Lin!

Como o corno do Lin nunca a ninguem avança,
Os parentes do rei a todos dão esperança;
Elles são como o Lin![2]

Seguimos na traducção d'estes quatro vetustissimos modelos do lyrismo chinez o pensamento de Legge, conservando a estructura da estrophe e a ordem da rima e dos refrens; merecem comparar-se com estes as canções n.os 247, 265 e 304 *do Cancioneiro da Vaticana.*

No lyrismo egypcio tambem deve existir algum vestigio tradicional «d'esse typo primitivo de parallelismo das idéas e das opposições que formam a essencia do estylo poetico dos hebreus»,[3] parallelismo que hoje se conhece como de origem turaniana. Na constituição ethnica do Egypto o elemento turaniano revela-se nas castas incommunicaveis, na sua aptidão industrial, n'um persistente fetichismo e nos cultos magicos; na poesia, postoque ainda pouco estudada, já se acha o typo lyrico de Accad. Eis um fragmento da canção intercalada no *Canto triumphal de Totmes* III:

—Eu appareci! eu te concedi bater os principes de Tahi;
Eu os arremessei debaixo dos teus pés, através dos seus paizes.
—Eu lhes fiz ver a tua magestade tal como o senhor da luz
Allumiando as suas faces, como a minha imagem.

Eu appareci! eu te concedi bater os habitantes da Asia,
Tu reduziste á escravidão os principes dos Amu, dos Rotennu;
Eu lhes fiz ver a tua magestade revestida dos seus ornamentos,
Empunhando as tuas armas, e de pé sobre o teu carro.

Eu appareci! eu te concedi bater os povos do Oriente,
Tu marchaste sobre as provincias da terra sagrada;
Eu lhes mostrei a tua magestade semelhante ao astro
Que semeia o ardor dos seus raios, e espalho o orválho...

São ao todo dez estrophes com os mesmos córtes symetricos e o mesmo parallelismo de phrase; embora ainda hoje se não conheça a poetica dos egypcios e dos hebreus, e se na realidade tinham versos medidos, é certo que o lyrismo accadico, ainda no mesmo caso, apresenta esse parallelismo, e as fórmas do refrem em um estado d'onde parece ter saído a construcção da estrophe metrica tal como se encontra no antiquissimo livro de versos da China o *Chi-King.* A evolução que transformou o parallelismo accadico nas estrophes *medidas* e *rimadas* do *Chi-King,* tambem derivou das tradições poeticas dos turanianos da Europa essas fórmas communs aos povos meridionaes, taes como as balladas, as serranilhas, as villanellas. É assim que se explica a unidade do lyrismo europeu.

Uma das canções mais preciosas do *Cancioneiro da Vaticana,* é a que pertence a Pedro Anes Solaz (n.º 415) notavel pelo seu refrem «*Lelia* d'outra—*E doy Lelia* d'outra.» É este o estribilho nacional da Galliza, a neuma caracteristica da sua poesia popular, já notada desde o seculo I por Silio Italico: «Barbara nunc patriis *ululantem* carmina linguis.» O proverbio basco «Bethico *leloa*» allude á antiguidade d'esta neuma que apparece repetida na fórma *Lelo, il Lelo* e *Etoy lelori* bay *lelo,* dos cantos populares das provincias vascongadas. O mesmo estribilho se encontra nos cantos funebres da Irlanda ou *ululaith* na fórma *ullaloo;* a existencia d'esta neuma entre varias tribus mongoloides, levam-nos a considerar os cantos de *alalala* como pertencendo á primitiva poesia da raça que propagou na Europa as fórmas lyricas das pastorellas e serranilhas, cuja unidade foi reconhecida pelos modernos romanistas.[4] No *Cancioneiro da Vaticana* encontram-se referencias a diversas localidades bascas; taes são as canções n.os 1045, 1000, 720 e 723, e canções do jogral vasconço Pero do

[1] Legge, op. cit., p. 66; Pauthier, 264.
[2] Legge, op. cit., p. 75; Pauthier, 271.
[3] Vicomte de Rougé, *Chant triumphal de Toutmès* III, trad. *Bib. orient.,* t. II, p. 155.
[4] Vid. sobre esta questão o *Parnaso portuguez moderno,* p. XL a XLVII.

Veer (Bear.) É possivel que as communicações dos jograes de segrel fizessem revivescer este fundo tradicional asturiano que distingue a escola da Galliza.

Schack, no seu livro *Poesia e Arte dos Arabes em Hespanha e Sicilia,* esforça-se por explicar as fórmas lyricas communs á Italia, França, Hespanha e Sicilia, da elaboração trobadoresca, como resultantes de uma propagação da poesia arabe na sua fórma tradicional e popular. Para isto estabelece todos os pontos de connexão historica, e compara os estylos e typos estrophicos dos *Muvaschaja* com as baladas e com as serranilhas.[1] Sabendo-se que a poesia semitica se desenvolveu sob a influencia do lyrismo accadico, como o prova Lenormant, e sabendo-se que o meio dia da Europa foi occupado por varios ramos turanianos, como o provam os documentos archeologicos e o moderno resultado da ethnologia ácerca da origem scythica dos Gaulezes, a theoria e os factos produzidos por Von Schack devem collocar-se em uma luz mais verdadeira, attribuindo á influencia do lyrismo popular dos arabes a revivescencia das tradições poeticas do elemento primitivo das povoações meridionaes, e ao caracter ethnico d'estas a facilidade de se fusionarem com o arabe e de lhe acceitarem muitos dos seus usos. É esta uma questão nova na historia, e por onde se modifica a incommunicabilidade do semita, que era contradictada pelos factos.[2] O que se dá com a fórma estrophica dos cantos lyricos, repete-se com relação aos cantos epicos apenas na sua designação de *Aravia,* com que são conhecidos ainda hoje os romances populares nas ilhas dos Açores. Os narradores dos successos historicos entre os arabes ante-islamicos eram chamados *Ravah;* o *Rawi* era o recitador dos feitos heroicos, em que a prosa vulgar e os versos se entremeavam. (Schack, *op. cit.*, II, 136.) Não hesitamos em admittir que o nome de *Aravia* dado aos cantos populares heroicos, fosse derivado da designação d'aquelle que os cantava, o *Rawi;* porém este nome de uso ante-islamico liga-se á mesma proveniencia turaniana pelas suas analogias com os *Yaravi,* ou os cantores das tradições heroicas entre os peruanos. A confusão de *Aravia* com *Algaravia* e a attribuição errada da origem dos romances peninsulares aos arabes, prejudicaram a intelligencia d'este problema, hoje tão claro pela nova comprehensão das origens da poesia semita, como pelas descobertas da ethnologia sobre as raças mongoloides da Europa meridional. A influencia arabe sobre os cantos heroicos peninsulares resume-se em um estimulo de revivescencia. Estudemos aqui as causas do reapparecimento dos cantos epicos, cuja fórma se acha representada em um vestigio tradicional do *Cancioneiro da Vaticana.*

Na *Chronica geral de Hespanha,* Affonso o Sabio serviu-se dos cantos tradicionaes, aproveitados das versões oraes do povo, para fundamentar com elles a sua narrativa historica. Esses cantos estão totalmente perdidos, salvo um ou outro verso, que ainda se póde descobrir através da prosa da Chronica. Pode-se dizer que no meado do seculo XIII, os cantos heroicos, por causa d'este uso historico, receberam importancia entre os eruditos que os haviam desprezado; essa importancia chegou a fazer-se sentir nas leis civis e nos regimentos da cavalleria. Nas *Leis de Partidas* (L. 20, t. 21, part. 2.) se estabelece peremptoriamente: «que los jograles que no dixessen ante ellos (los caballeros antiguos) otros cantares sinon de *Gesta,* ó que fablassem en fechos de armas.» Nas *Ordenanzas de caballeria,* de Mosen de Sent Jordi, redige-se este mesmo costume. As *Leis de Partidas* tiveram vigor em Portugal, e no *Cancioneiro da Vaticana* está bem accentuada a influencia que esta disposição cavalheiresca póde exercer na nossa aristocracia; vê-se ali, de um lado a obediencia de um jogral á determinação da lei, do outro a indisciplina de um fidalgo parodiando de um modo ridiculo o estylo e a metrificação dos cantares de *Gesta.*

O jogral Pero da Ponte, que floresceu ainda na côrte de Fernando III, celebra na canção 578 a tomada de Valença, perpetuada tambem nos cantos populares;[3] na canção 573 celebra a morte da rainha D. Beatriz, mulher de Fernando III, em 1236; na canção 572, allude á tomada de Sevilha em 1246, e na canção 574, celebra a morte de Fernando III e a exaltação ao throno de Affonso o Sabio, em 1252. Como um dos jograes mais antigos do Cancioneiro, Pero da Ponte, é o que deixa ver mais claramente a influencia do costume, que veiu a ser redigido nas *Leis de Partidas;* mas a influencia da determinação de Affonso o Sabio conhece-se no unico vestigio directamente popular que se conserva da tradição anterior ao seculo XV, e que no Cancioneiro vem em nome de Ayras Nunes, clerigo. É o romance de Dom Fernando I, que se lê sob o numero 466; por elle investigaremos abaixo o typo primitivo do romance popular da Peninsula.

[1] Op. cit., t. II, p. 232. Trad. españ.

[2] Na moderna poesia arabe popular, ainda se encontra este parallelismo, mas predominando o uso dos refrens, e a rima. Vid. *Haiks et Bournoufs,* passim.

[3] Vid. *Romanceiro geral portuguez,* t. III, n.º 35.

A disposição das Partidas provocou alguma reacção dos trovadores fidalgos, que estavam acostumados á galanteria das canções de amor. No *Cancioneiro da Vaticana,* essa reacção transparece na *Gesta de Mal-Dizer,* de D. Affonso. Lopes Baiam, (vid. n.º 1080) onde este fidalgo da côrte de D. Affonso III parodia grotescamente e com archaismos a estructura das Gestas francezas, em alexandrinos, em monorrimos, e com a celebre *neuma* da *Chanson de Roland,* Aoi. Na corrente popular, conservada por Gil Vicente, ainda se allude tambem ao costume de não querer ouvir cantos que não fallem de guerras e cutiladas.[1] Nas canções da côrte de D. Diniz citam-se os poemas de aventuras do cyclo arthuriano, *Tristão* e *Brancaflor,* o que denota a alteração do gosto poetico, no sentido da disposição da *Lei de Partidas.*

No romance 466, de Ayres Nunes, acha-se o typo mais perfeito da fórma dos cantos heroicos anterior á que se fixou nas collecções do fim dos seculos XV e XVI, da peninsula. A sua conservação é um phenomeno litterario, a sua intelligencia uma descoberta.

As fontes tradicionaes da epopêa hespanhola são os *Romances,* como as *Cantilenas* são o elemento organico das Gestas françezas; os romances peninsulares não receberam desenvolvimento cyclico na constituição da nacionalidade castelhana, porque essa manifestação poetica foi combatida por tres influencias; 1.ª, o espirito da erudição mantido pelos latinistas ecclesiasticos; 2.ª, a imitação das fórmas das Gestas francezas; 3.ª, o gosto exclusivo da aristocracia pelas complicadas construcções do lyrismo provençal.

Da influencia latinista basta apontar os factos bem conhecidos da substituição das estrophes saphicas e adonicas dos cantos latinos pelas estrophes populares; no seculo XII e XIII essa luta entre a tradição e a erudição é evidente. No poema latino da tomada de Almeria, em 1147, se lê:

> Ipse Rodericus *Mio Cid* semper vocatus
> *De quo cantatur* quod ab hostibus haud superatus

vê-se por isto que existiam cantos populares, a que o poemeto se referia; na Chronica latina de Affonso VII, allude-se com frequencia a designações populares, e ao uso da lingua vulgar *nostra lingua.* Um dos documentos mais preciosos que accusam esta influencia latinista é o poemeto sobre o Cid, copiado por Du Meril do ms. 5132 da Bibliotheque Nacionale, fl. 79, e publicado nas *Poésies populaires latines du Moyen-âge.*[2] Na litteratura portugueza existe tambem o poemeto latino da tomada de Lisboa, *Carmen Gosuinum,* que accentua esta influencia erudita dos latinistas, que fizeram desprezar a linguagem vulgar e por tanto os cantos tradicionaes. Era a lingua vulgar, e não a tradição que se desprezava; a tradição era aproveitada para essa outra manifestação erudita das Chronicas, que no seculo XIII se baseavam sobre cantos populares e os convertiam em prosa, como aconteceu tambem em França com as Gestas. A *Chronica general de España,* de Affonso el Sabio, basêa muitas narrativas sobre os cantos jogralescos e sobre as *Canções de Gesta.* As tradições populares do Cid, transformaram-se sob a mesma influencia erudita na *Chronica rimada,* imitação da fórma das Gestas, com intuito historico. O Marquez de Pidal presentiu esta transformação, extrahindo episodios em verso octosyllabico, que deveriam ter pertencido aos romances populares primitivos. No seculo XII o *romance* significava a linguagem vulgar, e a fórma poetica era conhecida pela designação conservada por Ayala *Cantar de antiguo rimar.* O Marquez de Pidal diz: «Desgraçadamente estes primeiros cantares não chegaram até nós; ou se chegaram tem sido summamente alterados ou despojados d'aquelle primitivo caracter e d'aquella rudeza, que tão importantes os faria hoje para o estudo actual da historia. Commummente não se escreviam. . .»[3] O objecto d'este estudo tem por fim apresentar um typo d'esses cantares de *antiguo rimar,* achado no Cancioneiro portuguez da Bibliotheca do Vaticano, composto pelo clerigo Ayras Nunes, jogral gallego. Porém antes de proseguirmos, importa accentuar as outras influencias que destruiram a manifestação dos cantos populares heroicos na sua lingua rustica, e que tornam raras as suas reliquias.

A imitação das gestas francezas tão evidente no *Poema do Cid,* e nas obras de Berceo, introduziu a pretensão de uma metrificação regular e calculada, ao modo alexandrino, *por syllabas contadas,* e *por la quaderna via;* esta metrificação resultava da influencia dos exametros latinos. O conhecimento directo das Gestas francezas prova-se não só pelas referencias da *Cronica general,* como pelos proprios titulos d'ellas referidos por varios metrificadores. N'uma canção de Guerau de Cabrera, acham-se enumeradas, *la gran Gesta de Carlon, Ronsesvals, Rotlon, Aiolz, Anfeliz, Anseis, Florisen, Milon, Loerenc, Erec, Amic e Amelic,*

[1] *Triumpho do Inverno.*
[2] Op. cit. p. 308.
[3] *De la Poesia castellana,* p. VII, *Canc. de Baena,* t. I.

Robert, Gribert, Augier, Olivier, Salomon, Loer, Rainier, Girart de Rossillon, Gararin, Bovon, Aimar, Troja, Alixandre, Apolonie, Floris, Tristan e Icent, Gualvaing, Lionas.[1]
A influencia franceza das gestas provinha tambem do espirito erudito, porque se vê n'esta serie de gestas já classificadas as *carlingianas*, as *arthurianas* e as *greco-romanas*. Em Portugal, no Nobiliario do Conde D. Pedro já vem citados os pares de França e no seculo XV a gesta do Duque *Jean de Lanson*, a que allude Azurara, como se fosse um documento historico.

A influencia lyrica da poesia da Provença e da Bretanha não destruiu completamente o lyrismo popular, antes se accommodou a elle, acceitando nos cancioneiros aristocraticos as *Serranilhas*, os *Dizeres*, os Cantos de *Ledino* e os *Guaiados*. Póde-se dizer, que o gosto palaciano pelo lyrismo provençal desviou a imaginação popular dos cantares heroicos, exercendo-a nas fórmas lyricas a que allude o Marquez de Santillana. É esta a causa porque os Cantares heroicos não apparecem nos Cancioneiros, ao passo que junto das fórmas lemosinas se encontram as pastorellas ou serranilhas communs á Italia, Galliza e França meridional. O apparecimento do romance de Ayras Nunes no *Cancioneiro portuguez da Vaticana*, por isso que é excepcional, é tanto mais precioso como documento de um typo poetico que se julgava perdido; por elle se vê qual a fórma estrophica, como predominava a redondilha menor, de cinco ou seis syllabas, e como o romance tinha uma origem jogralesca antes de se popularisar e se perder na impersonalidade da tradição.

O romance de Ayras Nunes versa sobre o facto do desmembramento do reino de Castella e Leão pelos tres filhos de Fernando I. Este monarcha havia casado com D. Sancha, successora de seu pae no reino de Leão; Fernando precipitou os factos, atacando o sogro e matando-o na batalha de Tamaron. A unidade do reino de Castella e de Leão assim operada, foi pouco tempo depois dissolvida; Fernando deixou em testamento a seus tres filhos os seus estados, desmanchando-os outra vez: a Sancho, seu primogenito, deixou o reino de Castella, a Affonso o de Leão com a terra de Campos, e a Garcia o novo reino de Galliza. Esta epoca historica foi fecunda em catastrophes dynasticas, que alimentaram a tradição e serviram de thema á poesia popular. Entre os romances populares conhecidos no seculo XVI em Portugal, que Gil Vicente cita como proverbio nos seus Autos, vem este, desde muito tempo perdido: *Los hijos de Dona Sancha*. Os jograes gallegos não deviam desconhecer a tradição local, de quando a Galliza fôra momentaneamente elevada á categoria de reino. Sancho prendeu seu irmão Affonso no castello de Burgos e tirou-lhe o reino de Leão, occupou depois a Galliza e despojou suas irmãs das cidades de Toro e de Zamora. No cêrco de Zamora foi elle assassinado por Bellido Dolfos, e Affonso achou-se assim reintegrado no seu reino de Leão, acceitando tambem o reino de Castella sob condição de jurar que não fôra cumplice na morte de Sancho. O fragmento da *Chronica rimada*, que extractamos para submettel-a ao typo do romance de Ayras Nunes, versa sobre esta clausula do juramento; parece que se continuam entre si, o que justifica a facilidade com que os alexandrinos da Chronica se adaptam ás quintilhas de *antiguo rimar*.

Este romance de *antiguo rimar* de Ayras Nunes, confirma a opinião de Pidal emquanto ás composições trobadorescas destinadas para o povo: «Os mesmos trovadores e poetas, que frequentemente compunham versos para o povo e seus cantores, faziam tão pouco caso d'estas composições suas, que nunca as incluiam nos Cancioneiros ou collecções que faziam das suas obras. Villassandino, por exemplo, do qual se conservam composições que nunca deveriam ter-se escripto, confessa que compoz versos para os jograes, porém nenhuma unica d'estas canções se encontra nas suas obras; e o Arcipreste de Hita, não incluiu entre as suas, tão variadas, tão livres, e tantas, nenhum dos muitos cantares ou romances que affirma ter composto para os cegos e outros cantores populares.»[2] «Isto explica em parte porque não se acha sequer um só romance em alguma das muitissimas collecções de poesias manuscriptas anteriores ao seculo XVI, que se conservam nas nossas bibliothecas e archivos e que com todo o esmero e cuidado se hão revistado com este intuito.»[3] Portanto o apparecimento do romance de Ayras Nunes tem o valor decisivo de nos mostrar que effectivamente existiam romances populares na epoca em que só os cantos lyricos tinham importancia litteraria, e ao mesmo tempo vem confirmar um ponto de vista que já apontámos no *Manual da Historia da Litteratura portugueza*: «Nos romances portuguezes notam-se duas fórmas particulares de verso, o de *redondilha menor*, ou de cinco ou seis syllabas, e o de *redondilha maior* ou de sete syllabas. Até ao seculo XV prevaleceu a redondilha menor nos cantos po-

[1] Ap. *Libro de los Poetas*, p. 43. Barcelona, 1868.
[2] Pidal, *De la Poesia castellana*, p. XXII, Ed. Leypsic.
[3] Ibid.

pulares, talvez por influencia do alexandrino dos cantos jogralescos... Dá-se no seculo XV a substituição da redondilha menor pelo verso de sete syllabas, que hoje se tornou exclusivo da cantiga e do romance. Qual a causa d'este phenomeno?»[1] O romance de Ayras Nunes prova-nos effectivamente o uso do verso de cinco syllabas anteriormente ao seculo XV nos cantos heroicos; isto dá-nos o sentido da designação usada por Ayala de *antiguo rimar;* os estribilhos repetidos, são tambem um indicio de que esses romances eram cantados. A mudança para o metro de sete syllabas fez-se por uma nova elaboração da tradição com restos de phrases e situações mais profundas conservadas dos cantares heroicos esquecidos durante a paixão pelo lyrismo provençalesco. Na tentativa de Pidal para extrahir da *Chronica rimada* os primitivos romances populares que a constituiram, a fórma que melhor se destaca é a de redondilha menor. O juramento de Affonso VI nas mãos do Cid, tira-se da *Chronica rimada* n'esta fórma do rimar antiguo (e não em verso de oito syllabas, como quer Pidal):

Vos venides jurar
Del rey por la muerte;
Como murió el rey
Don Sancho, hermano vuestro:
Que nin lo matastes,
Nun consejarlo fuestes.

El rey e ellos dijeron:
—Si juramos! lo ayades.
E dijo el Cid:
«Si vos ende sepades
«Parte ó mandado
«Tal muerte murades.

«Como murio el-rey
«Don Sancho, vuestro hermano!»
—Amen! respondio
El rei e los fijos d'algo,
Los doce caballeros
Que con el juraron.

«Vos venides jurar
«Por la muerte de mi senor,
«Que nin lo matastes
«Ni fuestes en sabedor?
Respondió el: — Amen!
E mudogele la color.

«Si ende sopistes
«Vos parte ó mandado,
«Tal muerte morades
«Como murió don Sancho
«El rei mi señor,
«E vuestro hermano.

Villano vos mate
Ca fijo d'algo non;
De otras tierras venga
Que non de Leon.
Respondió el rey:
—Ruy Diez, varon:

Porque hoy tanto
Ca me afincaredes?
Juramentastesme, cras
Mi mano besaredes.
Respondió el Cid:
«Como el algo mi ficierdes

Ca en otra tierra
Sueldo dan al fijodalgo,
E assi faran a mi
Como mi ficierdes el algo,
Quien mi quisiere
A mi por vassallo.»

Esta fórma de metrificação era a legitimamente popular; a ella cabe bem a caracteristica de desprezo dos eruditos que, como se ufana Berceo, trovaram *por rima é cuenta,* e que o Marquez de Santillana por isso chama a estes cantos heroicos *sin regla ni cuento.* A fórma erudita da estrophe por *quaderna via* contrapõe-se á fórma popular da quintilha ou sextilha narrativa, completada quasi sempre com um refrem. Pelo estudo do jogral Ayras Nunes se descobre o verdadeiro typo estrophico dos romances populares primitivos, que serviram para a construcção das epopêas e das chronicas hespanholas; vê-se egualmente o problema como a creação individual entrava na corrente da tradição popular, pela communicação com os jograes, e ao mesmo tempo como o gosto popular penetrou nas collecções aristocraticas.[2]

[1] *Man. da Hist. da Litt. portugueza,* p. 139.
[2] Interrompemos aqui o nosso estudo, deixando para uma futura edição do *Cancioneiro da Ajuda* os capitulos sobre a *Persistencia da tradição provençal na Litteratura portugueza,* e sobre a *Grammatica historica dos Cancioneiros portuguezes;* esta ultima parte será por ventura brevemente preenchida pelo eminente philologo Francisco Adolpho Coelho.

INDICE ONOMASTICO

Os nomes em redondo são dos Trovadores que assignam as Canções; os nomes em italico são dos personagens e logares citados. Os numeros indicam as canções, e entre ( ) esses numeros designam as canções em que collaboraram dois trovadores

CANCIONEIRO PORTUGUEZ DA VATICANA

FERNAM GONÇALVES

1

Muytos vej'eu que con mengua de sen
am gran sabor de me dizer pesar;
et todolos que me veem preguntar
qual est a dona que eu quero ben;
vedes que sandeç' e qu'é gran loucura,
non catam deus, nem ar catam mesura,
nem catam mi a quem pesa muyt'en.

PERO BARROSO

2

Quand'eu, mha senhor, convosco faley
e vus dixi ca vus queria ben,
senhor, se deus me valha, fix mal sen;
e per como m'end'eu depoys achey
bem entendi, fremosa mha senhor,
ca vus nunca poderia mayor
Pesar dizer; mays non pud'eu al,
mha senhor, se deus me valha, fazer,
e fuy-vol-o com gram coyta dizer;
mays per com'eu despois m'eu achei mal,
bem entendi, fremosa mha senhor,
ca vus nunca poderia mayor
Pesar dizer; em mal dia naçi
por que vos fui dizer tam gram pezar,
e por que m'end'eu non pudi guardar;
ca per quant'eu depois per en perdi
ben entendi, fremosa mha senhor
ca vus nunca poderia mayor
Pesar dizer, do que vos dix'entom,
mays se menti, deus non mi perdon'.

3

Par deus, senhor, tam gram sazon
non cuydey eu a desejar
vosso bem, a vosso pesar;
e vedes, senhor, por que non:
ca non cuydey sem vosso ben
tanto viver per nulla ren.
Nem ar cuydedes, des que vos vi
o que vos agora direi
mui gram coita que por vos ei
sofrel-a quanto a sofri;
ca non cuydei sem vosso ben
tanto viver per nulla ren.
Nem ar cuydei depoys d'amor
a sofrer seu bem nem seu mal,
nem de vós, nem de deus, nem d'al,
e direy-vos, porque, senhor:
ca non cuydei sem vosso ben
tanto viver per nulla ren.

SANCHO SANCHEZ

4

A mha senhor, que eu mays d'outra ren
desejey, sempre amey e servi,
que non soya dar nada por mi,
preyto mi trage de mi fazer ben;
ca meu ben é d'eu per ella moirer,
ante ca sempr'en tal coyta viver.
Sazon foy já, que me teve en desdem
quando me mays forçava seu amor;
e ora, já que pes'a mha senhor,
ben mi fará, e mal grado aja en;
ca meu ben é d'eu per ela moirer,
ante ca sempr'en tal coyta viver.

AFFONSO LOPES DE BAYAM

5

Senhor, que grav'oj'a mi é
de m'aver de vós a partir,
ca sey de pram poys m'eu partir

que m'haverrá, per boa fé;
averey, se deus mi perdon'
gram coyta no meu corazon.
E poys partir os olhos meus
de vós que eu quero ben,
e vos non virem, sey ben
que m'haverrá, senhor, per deus:
averey, se deus mi perdon'
gram coyta no meu corazon.
E sse deus mi algum ben non der
de vós, que eu por meu mal vi,
tam grave dia vos eu vi
se de vós grado non ouver,
averrey, se deus mi perdon'
gram coyta no meu corazon.

6

O meu senhor mi guysou
de sempr'eu já coyta sofrer
emquanto no mundo viver,
hu m'el a tal dona mostrou,
que me fez filhar por senhor;
e non lh'ouso dizer: senhor.
E sse deus ouve gram prazer
de mi fazer coita levar,
que ben s'end'el soube guysar
hu m'el fez tal dona veer,
que me fez filhar por senhor,
e non lh'ouso dizer: senhor.
Se m'eu a deus mal mereci
non vos quiz el muyto tardar
que sse non quizesse vingar
de mi hu eu tal dona vi,
que me fez filhar por senhor;
e non lh'ouso dizer: senhor.

MEEM RODRIGUIZ TENOYRO

7

Quant'ha, senhor, que m'eu quitey
de vós, tant'ha que d'al prazer
non vi mays; poys de vos veer
guisou, ja agora verei
prazer por quanto pesar vi,
des quando m'eu de vós parti.
Mui triste sempr'eu andei
com'omem que com gram pezar
vyv'o mays, pois m'el foy guysar
de vos veer, ja veerey
prazer per quanto pesar vi,
des quando m'eu de vós parti.
A meu pesar quanto morey
sem vós foy, e d'aquestes meus
olhos, mays pois que m'ora deus
guysou, ja'gora terey
prazer per quanto pesar vi,
des quando m'eu de vós parti.

8

Senhor fremosa, poys m'aqui
hu vos vejo tanto mal vem,
dizede-m' unha ren
por deus: — e que será de mi
quando m'eu ora, mha senhor
fremosa, d'u vós sodes for?
E poys m'ora tal coyta dá
o voss'amor hu vos veer
posso, queria já saber
eu de vós: — de mi que será
quando m'eu ora, mha senhor
fremosa, d'u vós sodes for?

9

Se eu podess' yr hu mha senhor é,
ben vos juro que querria hir,
mays nom posso nem xi me guysa assy
e por aquest'ora per boa fé
tal coyta ey que non poderia viver
se nom foss'o sabor que ey de a veer.
Esto me fez viver del a sazon
que m'eu quitei d'u era mha senhor,
mais ora ey d'ir hi mui gram sabor,
e non poss' en o meu corazon;
tal coyta ey, que non poderia viver
se nom foss' o sabor que ey de a veer.
E se esto nom fosse, nom sey ren
que pudesse de morte guarir
hu a nom vejo; mais cuyd' eu a hir
hu ela est e non poss' eu, per en
tal coyta ey que nom poderia viver
se nom foss' o sabor que ey de a veer.

10

Quer' eu agora já meu corazon
esforçar bem e nom moirer assy,
e quer' hir ora, assy deus mi perdon',
hu é mha senhor; e poys eu for hy
querrey-me de mui gram medo quitar
que ey d'ela en mentr' ela catar
alhur catarey eu ela logu' entom.
Ca per bona fé a mui gram sazon
que ei eu medo de mha senhor
mui fremosa, mais agora já non
averrey medo, pois ant'ela for
ante me querrey mui bem esforçar
e perder medo mentre la catar
alhur catarey eu ela logu'entom.
A mui mays fremosa de quantas som
oje no mund' aquesto sey eu bem
quer'ir veer, e acho já razom
como a veja, sem medo e con sen,
hirey vel-a e querrey falar
com ousad'y, e mentre la catar
alhur catarey eu ela logu'entom.

11

Senhor fremosa, creede per mi
que vos amo já mui de coraçom,
e gram dereyto faç'e gram razom,
senhor, ca nunca outra dona vi
tam mansa, nem tam aposto catar,
nem tam fremosa, nem tam bem falar,
Como vós, senhor; e poys assy é,
mui gram dereyto faç'en vos querer
mui gram bem, ca nunca pudi veer
outra dona fremosa, per bona fé,
tam mansa, nem tam aposto catar,
nem tam fremosa, nem tam bem falar,
Como vós; porque cedo morrerey
pero direy-vos ant'unha rem:
dereyto faç'en vos querer gram bem,
ca nunca dona vi, nem veerey
tam mansa, nem tam aposto catar,
nem tam fremosa, nem tam bem falar.

12

Quando m'eu mui triste de mha senhor
mui fremosa sem meu grado quytei
e ss'ela foy, e eu mesquinho fiquey,
nuncha mi valha a mi nostro senhor,
se eu cuydasse que tanto vivera
sem na veer, se ante nom moirera.
Aly hu d'ela quitey os meus
olhos, e me d'ela triste parti,
se cuydasse viver quanto vivi
sem na veer, nunca mi valha deus
se eu cuydasse que tanto vivera
sen a veer, se ante nom moirera.
Aly hu m'eu d'ela quitey, mays nom
cuydei que tanto podesse viver
como vivi sem a poder veer,
ca nostro senhor nunca mi perdon'
se eu cuydasse que tanto vivera
sen a veer, se ante nom moirera.

13

(Aqui apenas a primeira estrophe da Canção n.º 319.)

14

—Juyão, quero comtigo fazer,
se tu quizeres, uma entençom,
et querey-te na primeyra razom
huma punhada mui grande poer,
e no rostro chamar-te trapaz,
muy mais, et qu'e o que assy faz
boa entençom quem na quer fazer.
«Meem Roiz, muy sem meu prazer
a farey vosc', assy deus me perdon',
ca vos eu ey de chamar cochon
poys que eu a punhada receber;
desy trobar vos ey muy mal assaz,
et a tal entençom se a vós praz
a farey vosco muy sem meu prazer.
—Juyão, poys tigo começar
fui, dyreyt'ora o que te farey,
huma punhada grande te darey,
desy querey-te muytos çocos dar
en a garganta, por te ferir peor,
que nunca vylão aja sabor
d'outra tençom comego começar.
«Meem Roiz, quero y m'emparar,
se deus me valha, como vos dyrey;
coteyfe nojoso vos chamarey
poys qu'eu a punhada recadar;
desy direy, poys s'ós couces for
lexade-m'ora, per nostro senhor,
ca assy se sol meu padr'a emparar.
—Juyão poys quer'eu filhar
pelos cabellos, e quer'arrastrar
a quem dos couces te pez'que entençey.
«Meem Roiz, se m'eu repostar
ou se me salvo ou se me quero estar,
ay tunador, já ves, nunca mays a direi[1].

AFFONSO FERNANDEZ

15

Senhor fremosa, des quando vos vi
sempr'eu punhei de me guardar que nom
soubessem qual coyta no coraçom
por vós sempr'ouve, poys deus quer assy;
que sabham todos o mui grand'amor,
a gram coyta que levo senhor
por vós des quando vos primeiro vi.
E poys souberem qual coyta sofri
por vós, senhor, muyto mi pesará,
porque ei medo que alguem dirá
que sem mesura sodes contra mi;
que vos amei sempre mays d'outra ren,
e nunca mi quizestes fazer ben
nem oyr ren do que por vós sofri.
E poys eu vir, senhor, o gram pezar
de que sey ben que ei morte a prender,
com muy gram coyta averey a dizer,
ay deus, porque me vã assy matar?
e veer-m'ã mui triste sem sabor,
e por aquest'entenderám, mha senhor,
que por vós ei tod'aquesto pezar.
E poys assy é, venho-vos rogar
que vos nom pez'senhor em vos servír,
e me queirades per deus consentir
que diga eu a tanto em meu cantar,
que a dona que m'em sseu poder tem,
que sodes vós, mha senhor e meu ben,
e mais d'esto nom vos ouso roguar.

[1] Aqui terminam os dois tercetos do *cabo* da tenção. Seguiam-se tres versos pertencentes á terceira strophe da Canção 15.

16

Muy gram sabor avedes, mha senhor,
que nunca perca coyta nem pesar
eu, que vos sey mais d'outra rem amar;
pois nom queredes que fale no bem
que vos deus fez, ca non posso perder
muy gram coyta, poys nom ous'a dizer
o muyto ben que vos deus fez, senhor.
Ca poys nom queredes vós, mha senhor,
que falle no ben que vos deus quiz dar,
sempre verey muyt'estranho d'andar
dos que am de falar em algum bem;
cá se nom nom avia poder
quand'eu d'algum bem oisse dizer
de nom se falar no vosso bem, senhor.
Ca tam muyt'é o vosso bem, senhor,
que eu nom cuydo nem posso cuydar
que se podesse nulh'omem guardar
que vos viss'e soubesse vosso bem
que se oyss'em em alguma sazom
alguem falar em algum bem, que nom
ouse a falar no vosso bem, senhor.

DOM AFFONSO SANCHES,

FILHO DEL REY DOM DENYS DE PORTUGAL

17

Muytos me dizem que serv'y doado
huna donzela que ey por senhor;
dizel-o podem; mais, a deus loado,
poss'eu fazer quem quizer sabedor
que nom é assi, cá se me venha bem:
non é doado, poys me deu por en
muy grand'affam e desej' e cuidado
Que ouv'i d'ela, poil-a vi; levado
per que, vivend' amigos, na mayor
coita do mundo, e a máo pecado,
sempre eu ouve por amar desamor;
de mha senhor tod'este mal me vem
al me vem peyor, ca me hé com quem
quero servir e nom seer amado
Por en; mais eu que mal dia fui nado
punh'a levar aquesto da melhor
das que deus fezo, ca non outro grado
al quer'aver, de que me vem peyor,
senhor, u deus nunca dê mal per rem,
foy dar a mi per que perdi o sen
e por que moyr'assy desenparado
Do bem, que par deus que m'em poder tem,
quem na donzella vir, ficará en
com'eu fiquey de gram coyta coytado.

18

De vos servir, mha senhor, nom me val
poys nom atendo de vós ren, e al
sey eu de vós que vos ar fez deus tal,
que nunca mal faredes, e por en,
quér me queyrades se nom bem quer mal
poys me de vós nom veer mal nem bem.
Poys de vos servir ey muy gram sabor,
e nom atendo bem do grand'amor
que vos ey, ar sendo sabedor
que nunca mal averedes d'affam
quér me queyrades bem, quér mal, senhor,
poys que mal nem bem de vos nom ey gram.
Poys de vos servir é meu coraçom,
e nom atendo por en galardon
de vós, ar sey, assy deus me perdon',
que nom faredes mal, por en se quer
me queyrades bem, quér mal, quer non
poys eu de vós mal nem bem non ouver.

19

Pero eu dix'a mha senhor
que nom atendia per rem,
de vós sempr'ouve *peyor*
de vos quanto m'end'i ven;
u vej'est' ar cuido no al
per que sempr'ouv'i por vós mal,
per esso me fezestes bem.
Sempre lev'eu assás d'afam
per vós, mha senhor, e por en,
pois outro bem de vós de pram
nom ouve, senhor, a meu sen,
sequer per quanto vos servi
d'aqueste bem cuid'eu de mi
que me nom tolhades rem.
Nad'a, senhor, mentr'eu viver;
e sse vos conhecer d'alguem
dissesse como eu: já perder
tal bem nom posso, que me vem
de vós, tem' a deus, bem sey
que nom devia, poyl-o ey
per vós a teel-o em desdem.

20

Sempre vos eu d'outra rem mays amey
per quanto bem deus em vós poz senhor,
desejarey gram mal e desamor,
e por en, mha senhor, nom sey
se me praza porque vos quero bem,
se m'ar pez em por quanto mal me vem.
Per quanto bem, por vos eu nom mentir,
desejo, per vos am'eu mays que al,
desejarey meu grand'afam e mal
de vós; e porem nom sey bem partir
se me praza porque vos quero bem,
se m'ar pez em por quanto mal me vem.
Per quanto bem deus em vós foy poer,
vos am'eu mais de quantas cousas som
oje no mundo, nom ey se mal nom
de vós, e per en nom sey escolher
se me praza porque vos quero bem,
se m'ar pez em per quanto mal me vem.

21

Vedes, amigos, que de perdas ey
des que perdi por meu mal mha senhor;
perdi ela, que foy a ren milhor
das que deus fez, e quanto servid'ey
perdi porem; et perdi o riir
perdi o ssen e perdi o dormir,
perdi seu bem que nom atenderey.

22

Estes que m'ora tolhem mha senhor
que a nom poss'aqui per rem veer,
mal que lhes pez, nom m'ha podem tolher
que a nom veja sem nenhum pavor,
ca morrerey, e tal tempo verrá
que mha senhor fremosa morrerá,
entom averey desi sabedor.
Scond'a tanto par nostro senhor,
que se lá vir o seu bem parecer
coyta nem mal outro nom poss'aver
en o inferno se com ela for;
desy sey que os que jazem a lá
nenhum d'elles já mal nom sentirá,
tant' averam de a catar sabor.

23

Tam grave dia que vus conhoci
por quanto mal me vem por vós senhor,
ca me vem coyta, nunca vi mayor
se n'outro bem por vos, senhor, desi
por este mal que m'a mim por vos vem
como se fosse bem, querer me por en
gram mal a quem nunca mereci.
Catém, senhor, porque vos eu servi,
sempre digo que se de la milhor
do mundo trobo pelo voss'amor
que me fazedes grande bem; e assi
veed'ora, mha senhor de bom sem,
este bem se compre mim e rem
se non se valedes vos mays per y.
Mais eu senhor en mal dia naci
del que nom tem nem é conhecedor
do vosso bem a que nom fez valor
deus de lhe dar que lhe fez o bem y,
pero senhor assy me venha bem
d'este gram bem, que el per bem non tem
muy pouco d'el seria grand'a mi.
Poys, mha senhor, razom é quand'alguem
serve nom pede já que lhi dem;
servi sempr'e nunca vos pedi.

24

Mha senhor, quem me vos guarda
guarda myn et faz pecado
d'aver bem, e nem dá guarda
como faz desaguisado;
mays o que vos dá por guarda
en tam bom dia foy nado,
se dos seus olhos bem guarda
e vos sodes bem talhado.
Se foss'eu o que vos leva
levar m'ia já en o bom dia,
ca nom faria má leva
d'outra, et mais vos diria,
pois quem vos leva desleva
das outras em melhoria
por este som eu o que leva
por vós coytas noyte e dia.
Mha senhor, quem m'aqui manda
a vos mand'e, fiz sem falha
por que vós per mha demanda
nunca destes huma palha;
mais aquel que vos manda
sei tanto, se deus me valha
que pois com vosco manda
por vós pouc'ou nem migalha.

25

Poys que vós per hy mays de valer cuydades
mal vos quer'eu conselhar mha senhor:
para sempre fezer del o peyor
quero-vos eu dizer como façades:
amade aquel que vos tem em desdem,
et leixade, que vos quero bem,
nunca vós melhor fius'achades.
Al vos er quero dizer que faredes,
poys que vos já mal eyde conselhar;
poys per hy mays cuydades acabar
assi fazede como vós fazedes:
fazede bem sempre a quem vos mal fez
e matade-me, senhor, poys vos prez
et nunca vos melhor mouro matedes.
Ca nom sey homem que se mal nom queyxe
do que m'eu queyxo d'aver sempre mal,
por en digo eu com gram coyta mortal:
aquel que vos filhou nunca vos leixe
e moyra eu por vós com'é a razom,
et poys ficardes com el des entom
coçar-vos-edes com a mãao do peixe.
Do que diram, poys se deus vos perdon'
por vós, senhor, quantos no mundo som
dade todo et fazed'end'hi um feyxe.

26

Conhocedes a donzela
por que trobei que dizia
nome dona Biringela?
Vedes camanha perfia
e cousa tam desguisada,
des que ora foy casada
chamo-lhe dona Maria.
D'al and'ora mais nojado
se deus me de mal defenda,
estand'ora namorado

huum que má morte prenda
e o demo cedo tome,
quije-la chamar por seu nome
e chamou-lhe dona Ousenda.
Pero se tem por fremosa
mays que se ela pode,
pede pola virgem gloriosa
hum homem a que acode
de certo se ja na forca
estando cerrou-lhe a boca
e chamou-lhe dona Gondiode.
E par deus o poderoso,
o que fez esta senhorsinha
d'al and'ora mais nojoso
do demo d'huma meninha,
d'acolá bem de Çamora,
hu lhe quiz chamar senhora
chamei-lhe dona Gontinha.

27

— Vhasco Martins, poys vos trabalhades
e trabalhastes de trobar d'amor,
do que agora, par nostro senhor,
quero saber de vós que m'ho digades;
dizede-m'ho, cá bem vos estará
pois vos esta por que trobastes já,
morreu, por deus, porque trobades?
«Afonso Sanchez, vos perguntades
e quero-vos eu fazer sabedor,
eu trobo e trobey pola melhor
das que deus fez, esto lo *ajades;*
esta do coraçom nom me sahirá,
e atenderey seu bem se m'ho fará,
e vós al de mi saber nom queirades.
—Vaasco Martins, vós nom respondedes
nem er entendo, assi veja prazer,
porque trobades; que ouvi dizer
que aquella per que trobad'avedes
e que amastes vós mais d'outra ren,
que vos morreu de gram temp' e poren
pola morta trobar non devedes.
«Afonso Sanchez, pois nom entendedes
em qual guysa vos eu fuy rresponder,
a mi en culpa nom devem poer
mais a vós, se o saber nom podedes;
eu trobo pol-a que m'em poder tem,
e vence todas de parecer bem
pois hu i nom he, amor ey como o vedes.
—Vaasco Martins, pois vos morreu por quem
sempre trobastes, maravilho-m' en,
pois vos morreu, como nom morredes.
«Afonso Sanchez, vós sabede bem
quem ama he com perda de ssen,
apoz que trobe sabeloedes.

JOHAM DE GUYLHADE

28

Quex'eu-m'a-vós d'estes olhos meus,
mays ora se deus mi perdon'
quero-lhis bem de coraçom,
e des oy mays quer'amar deus,
ca mi mostrou quem oj'eu vi,
ay que parecer oj'eu vi.
Sempre-m'eu d'amor queixarey,
cá sempre mi d'ele mal vem,
mays c'os meus olhos quer'eu bem,
e já sempre deus amarey;
ca mi mostrou quem oj'eu vi
ay que parecer oj'eu vi.
E mui gram queixum'ey d'amor
ca sempre mi coyta sol dar,
mais c'os meus olhos quer'amar
e quer'amar nostro senhor;
ca me mostrou quem oj'eu vi,
ay que parecer oj'eu vi.
E sse cedo nom vir quem vi,
cedo morrerey por que vi.

29

Que muytos me perguntarám
quando m'ora vyrem moirer,
por que moyr'e quer'eu dizer
quanta ren depoys saberam:
moyr'eu por quen eu nom vejo aqui,
a dona que nom vej'aqui.
E perguntar-m'am, eu o sei,
da dona, que diga qual é,
e juro-vos per boa fé,
que nunca lhis eu mays direy:
moyr'eu, per quen nom vej'aqui,
a dona que nom vej'aqui.
E diram-mi que parecer
virom a donas mui bem,
e direy-vo-lhes eu por en
que com'ora oystes dizer:
moyr'eu per quen nom vej'aqui,
a dona que nom vej'aqui.
E nom digu'eu das outras mal
nem bem, nem sol nom fal'y,
mays pois vejo que moyr'assy,
digu'est'e, nunca direy al,
moyr'eu por quem nom vej'aqui,
a dona que nom vej'aqui.

30

Amigo, nom poss'eu negar
a gram coyta que d'amor ey,
ca me vejo sandeu andar
e com sandice o direy;
os olhos verdes que eu vi
me fazem ora andar assy.
Pero, quem quer x'entenderá
aquestes olhos quaes son,
e d'est'alguem se queixará,
mays eu já quer moyra quer nom
os olhos verdes que eu vi
me fazem ora andar assy.

Pero nom deviam a perder
homem que já o sen nom ha,
de com sandice ren dizer,
e com sandice digu'eu já:
os olhos verdes que eu vi
me fazem ora andar assy.

31 E 32

«Senhor, veedes-me moirer
desejando o vosso bem,
e vós nom dades ren por en,
nem vus queredes en doer?
— Meu amigu' en quant'eu viver
nunca vos eu farey amor
per que faça o meu peyor.
«Mha senhor, per deus que vos fez,
que me nom leixedes assy
morrer, e vós faredes y
gram mesura com muy bon prez.
— Direy-vol-o amig'outra vez:
meu amigu' em quant'eu viver
nunca vos eu farey amor
per que faça o meu peyor.
«Mha senhor, que deus vos perdon',
nembre-vos quant'afam levey
por vós, ca por vós morrerey,
e forçad'esse coraçon.
— Meu amig'ar direy que nom
meu amigo, em quant'eu viver
nunca vos eu farey amor
per que faça o meu peyor[1].

33

Quand'eu parti d'u m'eu parti,
logu'eu parti aquestes meus
olhos de veer, e par deus
quanto bem avya perdi,
cá meu bem tod'era en veer,
e mays vos ar quero dizer
pero vejo nunca ar vi.
Ca nom vej'eu, e pero vej'eu
quant'vej'eu non mi val ren,
ca perdi o lume per en
por que ceg'a que mi deu
esta coita que oj'eu ey
que jamays nunca veerey
se non vir o parecer seu.
Ca ja ceguey quando ceguey
de pram ceguey eu logu'entom,
e já deus nunca me perdon'
se bem vejo, nem se bem ey,
pero se me deus guidar
e me cedo quizer tornar
hu eu bem vi bem veerey.

[1] Os n.os 31 e 32 formam uma só canção nas *Trovas e Cantares*, n.º 238.

34

A boa dona por que eu trobava
e que non dava nulha ren por mi,
pero s'ela de mi ren non pagava,
sofrendo coyta sempre a servi;
e ora já por el' ensandeci,
e dá per mi bem quant'ante dava.
E pero x'ela con prez estava
e con bon parecer que lh'eu vi,
e lhi sempre com meu trobar pesava
trobei eu tant'e tanto a servi,
que já por ela lum'e sen perdi,
e anda x'ela per qual ant'andava
Por de bon prez, e muyto se pagava,
e dereyt'é de sempr'andar assy,
ca se lh'alguem na mha coita falava
sol nom oya nem tornava hi;
pero que coita grande que sofri,
oy mais ey d'ela quant'aver cuydava.
Sandice e morte que busquey, sempr'y
o seu amor mi deu quant'eu buscava.

35

Amigus, quero-vos dizer
mui gram coyt'em que me tem
hunha dona que quero bem,
e que me faz ensandecer;
e catando pola veer
assy and'eu, assy and'eu,
assy and'eu, assy and'eu *(bis)*.
E já eu conselho nom sei
cá já o meu adubad'é,
e sey mui bem per boa fé,
que já sempr'assy andarey
catando se a veerey,
assi and'eu, assi and'eu....
E já eu nom posso chorar,
ca já chorand' ensandeci;
e faz-m'amor andar assy
como me veedes andar,
catando per cada logar
assi and'eu, assi and'eu...
E já o nom posso negar,
alguem me fez assy andar.

36

Quantos am gram coyta d'amor
em o mundo, qual oj'eu ey,
querriam moirer, eu o sey,
e averiam en sabor;
mais mentr'eu vos vir, mha senhor,
sempre m'eu querria viver
e atender, e atender.
Pero já nom posso guarir,
cá já cegam os olhos meus
per vós, e nom mi val hi deus,
nem vos mays, per vos nom mentir

em quant'eu vos, mha senhor, vyr,
sempre m'eu querria viver
e atender, e atender.
E tenho que fazem mal sen
quantos d'amor coytados som,
de querer sa mort', e se nom
ouverom nunca d'amor bem
com'eu faço, senhor, por en
sempre eu querria viver
e atender, e atender.

37

Deus, como se forom perder e matar
mui boas donzelas quaes vos direy,
foy Dordia Gil e foy Guyomar
que prenderom ordim; mays se foss'eü rey
eu as mandaria por en queymar,
por que forom mund'e prez desenparar.
Nom metedes mentes em qual perdiçom
fazen no mund' e se forom perder,
com'outras muytas vivem na rasom
por muyto de bem que podem fazer;
mays eu per alguem já mort'ey de prender
que nom vej', e moyro por alguem veer.
Outra dona que pelo *reyno* á
de bom prez e rica de bom parecer,
se m'a deus amostra gram bem mi fará,
cá nunca prazer veerey sen a veer;
que farey, coytado, moyro per alguem
que nom vej', e moyro por veer alguem.

38

(Esta Canção é igual á n.º 28, servindo ambas para a restituição do texto.)

STEVAM FROYAM

39

A mha senhor já lh'eu muyto neguey
o muy gram mal que me por ela vem,
e o pesar, e nom baratey bem,
e des oy mays já lh'o nom negarey;
ante lhi quero a mha senhor dizer
o por que posso guarir ou morrer.
Neguei-lh'o muyto, e nunca lhi falar
ousei na coyta que sofr'e no mal
per ella, e sse me cedo nom val
eu ja oy mais lh'o posso negar,
ante lhe quero a mha senhor dizer
o por que posso guarir ou morrer.
Eu lhe neguey sempre per boa fé
a gram coyta que por ela soffri,
e eu morrerey por em des aqui
se lh'o negar, mays poys que assi he,
ante lhe quero a mha senhor dizer
o por que posso guarir ou morrer.

40

—Vedes, senhor, quero-vos eu tal ben
qual mayor posso no meu coraçom,
e non diredes vós por ende nom.
«Nom amigo, mays direy-m'outra ren,
nom me queredes vós a mi melhor
do que vos eu quer'amigu'e senhor.
—Hu vos nom vejo nom vejo prazer,
se deus mi valha, de ren nem de mi,
e nom diredes que nom est assy.
«Nom amigo, mays quero mal dizer
nom me queredes vós a my melhor
do que vos eu quer' amigu'e senhor.
—Amo-vos tanto, que eu muy bem sey
que nom poderia mays per boa fé,
e non diredes que assy nom é.
«Nom, amigo, mays al me vos direy,
nom me queredes vós a mi melhor
do que vos eu quer'amigu'e senhor.

41

Senhor fremosa, des que vos amey
sabe ora deus que sempre vos servy
quant'eu mais pud', e servi-vos assy
per bona fé polo que vos direy,
se poderia de vos aver bem
e que fezess' eu y pezar a quem
Vós sabedes no vosso coraçom
que vos fez el muytas vezes pesar
e am'eu-vos quanto vos poss'amar
e servir-vos por aquesta razom:
se poderia de vós aver bem
e que fezess'eu y pezar a quem
Vós sabedes que bem vos estará
de vos servir quem vos mereceu,
ca mim bem perdud'e sandeu
per vós, senhora, dized'ora já
se poderia de vós aver bem,
e que fezess'eu y pezar a quem.

JOHAM VAASQUES

42

Muyt'ando triste no meu coraçom
porque sey que m'ey muy ced' a quytar
de vós, senhor, e hir alhur morar,
e pesar-m'ha en, se deus mi perdon'
de me partir de vós per nulha ren
e hir morar alhur sem vosso bem.
Por que sei que ey tal coyta sofrer
qual sofri já outra vez, mha senhor,
e nom averá hi al, poys eu for
que nom aja gram pesar a prender
de me partir de vós per nulha ren,
e ir morar alhur sem vosso bem.
Ca m'haveo assi outra vez já,
mha senhor fremosa, que me quitey

de vós, e sem meu grad'alhur morey;
mays este mui gram pesar mi será
de me partir de vós per nulha ren
e ir morar alhur sem vosso bem.
E quando m'eu de vós partir por en
eu morrerey ou perderey o sen.

43

Parti-m'eu de vós, mha senhor,
sem meu grado hunha vez aqui,
e na terra hu eu vivi
andei sempre tam sem sabor,
que nunca eu pude veer
de rem, hu vos nom vi, prazer[1].
Na terra hu me fez morar
muito sem vós, mha senhor, deus
fez-me chorar dos olhos meus,
e fez-me tam coytad'andar,
que nunca eu pude veer
de ren, u vos nom vi prazer.
E des que m'eu de vós quitei
fezo me sempr'aver de pram
nostro senhor mui grand afam,
e sempre tam coytad'andei,
que nunca eu pude veer
de ren, hu vos nom vi, prazer.
E nom poderia prazer
hu eu vos nom visse, veer.

44

Meus amigos, muit' estava eu bem
quand'a mha senhor podia falar
na muy gram coyta, que me fazia levar
nostro senhor, que mi a mostrou por en,
me fez a mim sem meu grado viver,
longe d'ela, e sen seu bem fazer[2].
Nostro senhor que lhi bom prez foy dar
por mal de mi e d'estes olhos meus
me guisou ora que nom viss' os seus
por m'a fazer sempre mais desejar,
me faz a mi sen meu grado viver
longe d'ela e sen seu bem fazer.
Nostro senhor, que lhi deu mui bom prez
melhor de quantas outras donas vi
viver no mund', e de pram est assy
porque a ela tod' este bem fez,
me faz a mim sem meu grado viver
longe d'ela e sem seu bem fazer.
E faz-m' á força de mi bem querer
senhor a quem nom ouso rem dizer.

45

Estes que ora dizem, mha senhor,
que sabem cá vos quer'eu mui gram bem,
poys eu, nunca por mi souberom rem,
queria agora seer sabedor
per quem o poderom eles saber
poys m'o vós nunca quizestes creer.
Ca, mha senhor, sempr'o eu neguey
quant'eu mays pud', assy deus me perdon';
e dizem ora quantas aqui son
que o sabem, mays como saberey
per quem o poderom eles saber,
pois m'o vós nunca quizestes creer.

FERNÃO VELHO

46

Poys deus nom quer que eu rem nom possa aver
de vós, senhor, se non mal e afam,
e os meus olhos gram coyta que am
por vós, senhor, se eu veja prazer,
ir-me-ey d'aqui; pero hũa ren sey
de mi, senhor, cá ensandecerey.
E, mha senhor fremosa de bom *prez*,
pero vos amo mays c'a mi nem al,
pois deus nom quer que aja se nom mal
de vós, por deus, que vos muyto bem fez,
ir-me-ey d'aqui; pero hũa rem sey
de mim, senhor, cá ensandecerey.
E pero vos amo mays d'outra ren,
senhor de min e do meu coraçom,
pois deus nom quer que aja se mal nom
de vós, senhor, assy deus me dê bem,
ir-me-ey d'aqui; pero hũa ren sey
de mim, senhor, cá ensandecerey
Por vós, que eu muyt'amo e amarey
mais de quant' al vejo, nem veerey.

47

Quant'eu, mha senhor, de vós receey
aver, del-o dia em que vos vi
dizen-m'hora que m'o aguisa assy
nostro senhor, como m'eu receey
de vos casarem; mays sey unha ren
se assy for, que morrerey por en.
E sempr'eu mha senhor esto temi
que m'ora dizem de vos aveer,
des que vos soub'i mui gram bem querer
per bona fé, sempr'esto temi
de vos casarem; mais sei hunha ren,
se assi for que morrerei por en.
E sempre eu, senhor, ouv'i pavor
des que vos vi, e comvosco falei
e vos dix'o mui grand' amor que ei,
e, mha senhor, d'aquest' ey eu pavor
de vos casarem; mais sei hunha rem,
se assi for, que morrerei por en.

48

Senhor, que eu por meu mal vi,
poys m'eu de vós a partir ey,

[1] Na edição diplomatica lê-se: *fol.* 97: *Desunt multa.* Completâmos esta canção pela do *Cancioneiro da Ajuda,* n.º 273.

[2] Esta primeira estrophe faltava no ms., mas acha-se nas *Trovas e Cantares,* n.º 274, com leves variantes.

creede que nom a en mi
se nom mort' ou ensandecer;
poys m'eu de vós a partir ey
e ir alhur sen vós viver.
Poys vos eu quero mui gram bem
e me de vos ey a quitar,
dizer vos quero eu hũa ren
e que sey no meu coraçon,
poys me de vós ey a quitar
e ir alhur sen vós enton.
E mal dia naçi, senhor,
pois que m'eu d'u vós sodes vou;
cá mui bem som sabedor
que morrerey hu nom jaz al,
pois que m'eu d'u vós sodes vou,
senhor que eu vi por meu mal.
E logo hu m'eu de vós partir
morrerey se me deus nom val.

49

A mayor coyta que eu vi sofrer
d'amor a null'ome des que naçi
eu m'a sofro, e ja que est assy,
meus amigos, assy veja prazer;
gradesc'a deus, que mi faz a mayor
coyta do mundo aver por mha senhor.
E bem tenh'eu que faço razom
da maior coyta muit'a deus gracir,
que m'el dá por mha senhor, que servir
ey mentr'eu viver; mui de coraçom
gradesc'a deus que mi fez a mayor
coyta do mundo aver por mha senhor.
E por mayor ey eu per boa fé
aquesta coyta de quantas fará
nostro senhor, e por mayor m'a dá
de quantas fez; e poys *que* assi é
gradesc'a deus, que mi faz a mayor
coyta do mundo aver por mha senhor,
Poys que m'a faz aver pola melhor
dona de quantas fez nostro senhor.

50

Nostro senhor, que eu sempre roguey
pola coyta que m'amor faz sofrer,
que m'a tolhesse, nom m'a quiz tolher
e me leixou em seu poder d'amor,
des'oje mays sempre lh'eu rogarey
poys ey gram coyta que mi dê mayor
Con que moyra, ca mui gram sabor
ey per boa fé de nom mays guarecer,
poys s'el nunca de mi quis doer
e me faz viver sempre a gram pavor,
de perder o sen, mays ja gracir-lhe-ey
poys ey gram coyta que me dê mayor
Se lh'aprouguer mui cedo, ca nom sey
oj'eu outra rem, com qu'eu visse prazer
pois m'el nom quis nem quer *del* defender,
e de meu mal ouve tam gram sabor,
mentr'eu viver, sempr'o eu servirey
poys ey gram coyta que mi dê mayor,
Com que moyra, cá de pram al nom se
que mi possa tolher coyta d'amor.

51

Muytos vej'eu per mi maravilhar
porque eu pedi a nostro senhor
das coytas do mundo sempr'a mayor;
mays se soubessem o meu coraçon
nom me cuyd'eu que o fossem provar,
ante terriam que faço razom.
Mays porque nom saben meu coraçom
se *van* eles maravilhar por mi,
porque das coitas a mayor pedi
a deus, que ade m'ha dar a gram poder,
mais eu pedir-lh'a-ey toda sazom
atá que m'ha dê enquant'eu viver.
El que ade mi dar a gram poder
m'ha dê; pero se maravilham en
os que nom sabem meu coraçom bem,
porque a peço, cá m'é mui mestér
de m'a dar el que o pode fazer
per bona fé se o fazer quizer.
E ss'el sabe que m'he muy mester
de m'ha dar, el m'ha dê se lhi prouguer.

52

Senhor, o mal que m'ha mi faz amor
e a gram coyta que mi faz sofrer
a vol-o devo muyt'agradecer
e a deus que mi vos deu por senhor;
ca bem vos faço d'esto sabedor
que por al nom m'o podia fazer;
Se nom por vós, que avedes sabor
do mui gram mal que m'a mi faz aver,
e pois vos praz e lhi dades poder
de mi fazer, fremosa mha senhor,
o que quizer em quant'eu vyvo for
e vos de mim nom quiserdes doer.
E da gram coyta de que sofredor
foy, e do mal muyt'a sem meu prazer,
a vos devem muy grand'apoer
cá nom mi dê deus de vós bem, senhor,
que me pod'emparar de sseu amor
se oj'eu sey al porque o temer.
Mays por deus que vos foy dar o mayor
bem que d'outra dona oy dizer,
que me nom leixedes escaecer
e nom me lhi defenderedes senhor,
cá bem cuydo de como é traedor
que me mate cedo e pois nom quer.
Gracir-vol-o poys que eu morto for,
e por quanto bem vos fez deus, senhor,
guardade-vos de tal erro prender.

53

Meus amigos, muyto mi praz d'amor
que entend' ora que mi quer matar,
poys m'a mi deus nom quis nem mha senhor
a quem roguey de me d'el emparar;
e poren quando m'el quyser matar
mays cedo, tanto lh'o mays gracirey.
Ca bem me pode partir da mayor
coyta de quantas eu oy falar,
de que eu fuy muyt'ha sofredor
e sabe deus, *que me foy mostrar*
ũa dona, hu a vi bem falar
e parecer por meu mal, eu o sey.
Ca muyt'ha que vyvo a pavor,
de perder o sen com mui gram pesar,
que vi depois, e poren gram sabor
ey da mha morte se m'ha quizer dar
amor, a que me fez gram pesar
veer d'aquella ren que mais amey.
Mays esse pouco que eu vyvo for
poys assy é, nom me quero queixar
d'eles, mays el seja seu traedor
se me nom mata poys nom poss'achar
quem me d'el empare, e se me d'el queixar
deus nom *me* valha, que eu mester ey
Ca poys m'eles nom querem emparar
e me no seu poder querem leixar
nunca per outrem emparado serey [1].

54

Por mal de mi me fez deus tant'amar
hunha dona, que já per nenhum sen
sey que nunca posso prender prazer
d'ela, nem d'al; e poys m'aquesto aven,
rogu'eu a deus que m'a faça veer
ced', e me lhi leixe tanto dizer
moyr'eu, senhor, a que deus nom fez par.
E poys lh'esto disser hu m'ha mostrar
rogar-lh'ei que me dê mort'e gram bem
mi fará hi se m'ho quizer fazer,
ca mui melhor mi será d'outra ren
de me leixar logu'i morte prender
cá melhor m'é, c'a tal vida viver
et ca meu tempo tod'assy passar.
E gram mesura deus de me matar
fará, pois m'a mort'em seu poder tem,
cal el sabe que nom ey d'atender
se nom gram mal se viver, e por en
se me der mort'ey que lh'i gradecer
ca per meu mal m'a fez el conhocer,
esto sei bem e tanto desejar.

AIRAS VEAZ

55

A dona, que eu vy por meu
mal, e que me gram coyta deu,
e dá, poyl-a vy, por seu
nom me tem, nem me quer valer,
nem na vejo, nem vejo eu
no mund'ond'eu aja prazer.
A que me faz viver em tal
afam, e ssofrer tanto mal,
e morrerey se me nom val
poys nom quer mha coyta *crêr,*
nem na vejo, nem vejo al
no mund'ond'eu aja prazer.
A que eu quero muy gram bem,
e que m'assy forçado tem,
que nom posso per nenhum sen
parar-me de lhe bem querer
nem na vejo, nem vejo ren
no mundo ond'eu aja prazer.

56

Senhor fremosa, por meu mal
vos viron estes olhos meus,
ca des entom assy quiz deus
e mha ventura, que he tal
que nunca vos ousey dizer
ho que vos queria dizer.
E al ouv'eu vosc' a falar,
senhor, sempr'u vosco faley,
vedes porque, ca me guardey
tam muyt'em vos dizer pezar,
que nunca vos ousey dizer
o que vos queria dizer.
Seede muy bem sabedor
des que vos eu por mal vi,
sempre muy gram coita sofry,
c'assy quiz nostro senhor,
que nunca vos ousey dizer
o que vos queria dizer.

57

Par deus, senhor, gram dereyto per' é
de mi quererdes mal de coraçon,
cá vos fui eu dizer per boa fé
que vos queria bem, senhor; e nom
soub'eu catar qual pezar vos dizia
nem quanto mal me poys per en veiria.
Nom me guard'eu de vos dizer pesar
quando vos diss', assy deus mi perdon',
que vos queria gram bem, mays osmar
podedes vós, se quiserdes, que nom
soub'eu catar qual pezar vos dizia
nem quanto mal me poys per en viria.
Ca me fezestes vós perder o sen,
porque me nom soub'eu guardar entom
de vos dizer que vos queria bem,
mays valha-mi contra vós, porque nom
soub'eu catar qual pezar vos dizia
nem quanto mal me poys per en viria.

[1] Este *cabo* falta no *Cancioneiro da Ajuda.*

VAASCO PEREZ

58

Sempr'eu punhey de servir mha senhor
quant'eu mays pud', assy me venha bem,
pero direy-vol-o que m'end'aven
do poder en que me tem amor;
nom me quer ela nenhum bem fazer,
e amor me faz por ela moirer.
Ca nom catey por al des que a vi
senom por ela, e sempre punhei
de a servir, pero ca d'al nom ei
se nom aquesto avem m'end'assy;
et já nom mi quer ela nenhum bem fazer,
e amor me faz por ela moirer.
E sempr'eu cuydei no meu coraçom
de lhi fazer serviç'e me guardar
de já mays nunca lhi fazer pezar
pero ven m'en mal, por esta razom
nom me quer ela nenhum bem fazer,
e amor me faz por ela moirer.

59

Senhor, des quand'em vós cuydey
e no vosso bom parecer
perdi o sen que eu haver
soya, e ja perdud'ey
de quant'al avya sabor,
assi me forçou voss'amor.
Cuydando des que vos vi
em vós, senhor, perdud'ei já
o sen, mays quando mi valrrá
o vosso bem, porque perdi
de quant'al avya sabor,
assi me forçou vosso amor.
E sabe este meu coraçom
que por vós muyto mal levou,
des que vos vi, et el cuydou
em vós, cá perdi des entom
de quant'al avya sabor,
assi me forçou voss'amor.

60

Muyto bem me podia amor fazer
se el quizesse nom perder hi ren,
mays nom quer ele, perc'eu já o sen,
e direy-vol-o que mi vay fazer;
ven logu' e faz-m'em mha senhor cuydar
e poys cuyd'i muyt'ar quero me matar,
e mha senhor nom me quer hi valer.
Faz-m'i mal e nom ous'a dizer
de muyto mal que mi faz senom bem,
e sse al digo, faz-m'esto por en
ou ssé cuydo sol de lh'end'al dizer
vem logu' e faz-m'em mha senhor cuydar,
e poys cuyd'i muyt'ar quero-me matar,
e mha senhor nom me quer hi valer.
E tod'aquesto nom poss'eu sofrer
que já nom moyra, ca nom sey eu quem
nom moiresse com quanto mal mi vem
d'amor que mi faz tam muyto mal sofrer;
vem logu' e faz-m'em mha senhor cuydar,
e poys cuyd'i muyt'ar quero-me matar
e mha senhor nom me quer hi valer.
Mays amor que m'ora assy quer matar,
dê-lhi deus que lhi faça desejar
algum bem em que nom aja poder.

EL REY DOM AFFONSO DE CASTELLA E DE LEOM

Desunt 61

....

E com' omem que quer mal *doestar*
seus naturaes, sol non no provedes,
cá nom som mais de dous, et averedes
los a perder pol-os muyt'affrontar
e sobr'esto vos digu'eu ora al:
d'aquestes dous o que em menos val
vos affará gram mengua se o perdedes.
E sse queredes meu conselho filhar,
crede-m'ora, bem vos acharedes,
nunca muito de vós los alonguedes
cá nom podedes outros taes achar
que vos nom conhoscam quem sodes, nem qual,
e se vos d'estes dous end'un ffal,
que por minguado que vos enterredes.

62

Vi hum coteyffe de muy gram granhom,
com sseu porponto, mais nom d'algodom,
e com sas calças velhas de branqueta;
e dix'eu logo: poil-as guerras som,
ay que coteyffe pera a corneta.
Vy hum coteyffe mào valdi
com seu porponto nunca peior vi,
cá nom quer deus se el em *outro* meta,
e dix'eu: poil-as guerras som y,
ay que coteyffe pera a corneta.
Vi um coteyffe mal guisad'e vil
com seu perponto todo de panil
e o cordom d'ouro tal por joeta;
e dix'eu: pois se vay o aguazil
ay que coteyffe pera a corneta.

63

Non me posso pagar tanto
do canto das aves, nem de sseu ssom,
nem d'amor, nem d'ambiçom,
nem d'armas, ca ey espanto
por quanto muy perigosas som:
com'é d'um bom galeon
que m'alongu'e muyt'azynha
d'este demo da campaynha

hu é mala traessom,
ca dentro no coraçom
senty d'ella a espinha.
E juro par deus lo santo
que manto nom tragerey, nem granhom,
nem terrey d'amor razom
nem d'armas porque quebranto e chanto,
nem d'elas ced'á sazom;
mays tragerey hum d'ormão,
e hirey pela marinha
vendend'a ceb'e farinha
e fugirey do passo do alazão,
ca eu nom hy sey outra meezinha.
Nem de lançar a tavolado
pagado nom som, se deus m'amparo ha,
e nem de bafordar e andar de noite armado
sem grad'o faço, et a rolda ca;
mais me pago do mar que de ser cavalleyro
ca eu fuy já marinheiro,
e quero-me oy guardar do alacrá
e coronar quem me foi primeiro.
E direy-vos um recado
pecad' ora já me i pode enganar,
que me faça já falar
em armas, cá nom m'é dado
doando-me de as eu brazonar,
pois las nom ey a provar
ante quer'andar sinlheyro
e hir com' mercadeyro
alguma terra buscar
hu me nom possam culpar
alacrá negro nem veeiro.

64

Joham Rodriguiz foy desinar a Balteyra
ssa midida, perque colha a madeyra,
e disse: se bem queredes fazer,
de tal midida a devedes acolher
e nom meor per nulha maneyra.
E disse: esta é a madeyra inteyra
e de mais nom na dey eu a vós sinlheyra,
e pois que sem compasso ade meter
a tan longa deve toda seer
pera as traspernas da scaleyra.
A Mayor Cotum dey já outra tamanha
e foy-a ela colher logo sem sanha,
e charryar-as feze-o logo outro tal
e Alvel'a que andou em Portugal,
e lá x'as colheram na montanha.
E diss': esta é a medida de Espanha
cá nom de Lombardia nem d'Alamanha,
e porque é grossa nom vos seja mal,
cá delgada pera tanta rem nom val
e d'esto muy mays sey eu c'abond'Anha.

65

Ansur Moniz, muyto m'é gram pesar
quando vos vy deytar aos porteyros
vilanamente d'antr' os sendeyros,
e dixe-lhis logo, se deus me ampar',
per boa fé fazedel-o muy mal,
ca dom Ansur ome el menos val
vem dos de Vilanansur de Ferreyros.
E da outra parte vem dos d'Escobar
e de Campos, mais nom dos de Cizneiros,
mais de Lampadões e de Carvoeiros
e d'outra vem, foy dos d'estopar,
e dam'em vêder é muy natural
hu jaz seu padre sa madre outro tal
e ar a el e tod'os seus herdeyros.
E sem esto er foy el gaanhar
mais ca os seus avôos primeiros,
comprou Fouç'a Estevam *Cabreyros*
e Vilar de Paes ar foy comprar
pera seu corp'e diz ca nom lhe vem al
de viver pobre, e a quẽ x'assi ffal,
falecer-lh'ã todos seus companheyros.

66

Senhor, justiça vimos pedir
que nos façades, e faredes bem,
da gris furtaram tanto, que por en
nom lh'y leyxaram que possa cobrir;
pero a tant'aprendi d'um judeu,
que este furto fez hũu romeu
que foy já outros escarnir.
E tenho que vos nom veo mentir
pelos sinaes que nos el disse, cá en
o rostro trage nom tem
por dereyto de s'end'el encobrir;
e se aquesto sofredes, bem lh'eu
querria a outro assy furtal o seu,
de que pode muy gram dano viir.
E romeu que deus assy quer servir
por levar tal furt'a Jerusalem,
e sol nom cata como gris nom tem
nunca cousa de que se cobrir;
cá todo quanto el despendeu
et deu d'ali foy tod'aquesto, sey eu
e quant'el foy levar e vistir.

67

Fui eu poer a mano n'estrad'i
a hũa soldideyra no covon,
e disse-m'ela: tolhed'al a don'
. . . .
cá nom é esta de nostro senhor
payxom, mays é xe de mi pecador
por muyto mal que me lh'eu merecy.
Hu a vós começastes entendi
bem que nom era deus aquel som,
cá os pontos d'el no meu coraçom
se ficaram de guisa que logu'y
cuidey morrer, et dix'assy: deus senhor
beneito sejas tu que sofredor
me fazes d'este marteyro par ti.

Quisera-m'eu fogir logo d'ali
e nom vos fora muy sem razom
com medo de morrer, et com al nom,
mais nom pudi tam gram coyta sofrer, e
dixe loguo: com deus meu senhor
esta paixom sofro por teu amor
pola tua que sofrest'i por mi.
Nunca del-o dia en que eu nacy
fuy tan coitado se deus me perdon'
e com pavor aquesta oraçom
comecey logo, e dixe a deus assy:
fel et azedo bivisti, senhor,
por mi, mays muyt'est a questo peior
que por ti bevo, nem que comi.
E por en, ay Jesu Christo senhor,
em juizo quando ante ti for
nembre-ch'esto que por ty padeci.

68

Pero da Ponte ha, senhor, gram peccado
de seus cantares que el foy furtar
a Cotom, que quanto el lazerado
ouve gram tempo, el x'os quer lograr
e d'outros muytos que nom sey contàr,
porque oj'anda vistido e honrado.
E porem foy Cotom mal dia nado,
pois Pero da Ponte erda seu trobar,
e mui mais lhi valera que trobado
nunca ouvess'el, assy deus m'ampar'
pois que se de quant'el foy la erdar
serve Dom Pedro, e nom lhi dá em grado.
E com dereyto seer enforcado
deve Dom Pedro porque foy filhar
a Cotom, pois lo ouve soterrado,
seus cantares, e nom quiz en dar
hũu soldo pera sa alma quitar
sequer do que lhy avia emprestado.
E por end'é gram traedor provado
de que se já nunca poder salvar
com que a seu amigo jurado
bevendo com elle o foy matar,
tudo polos cantares d'el levar
com'é o que oj'anda arrufado.
E pois nom ha quem n'o por en rétar
queyra, seerá oy mais por mi rétado.

69

Dom João, quand'ogano aqui chegou
primeiramente e vyu vôlta a guerra,
tam gram sabor ouve d'ir a sa terra
que logu'então por adail filhou
seu coraçom; e el fex-lh'y leyxar
polo mais toste da guerr'alongar
prez e esforço, e passou a serra.
En esto fez com'é de bom sen
en filhar adail que conhecia,
que estes passos máos bem sabia,
e el guard'o logu'entom mui bem
d'eles, e fez-lhi de destro leixar
lealdad'é de seestro leixar lidar [1]
. . . .
O adail é muy sabedor
que o guiou por aquela carreyra,
porque fez desguiar da fronteira
e em tal guerra leixar seu senhor;
e direi-vos al que lhi fez leixar
bem que ped'a fazer por ficar,
et feze-o poer aalem a calaveyra.
Muyto foy ledo se deus me perdon'
quando se viu d'aqueles passos fóra
que vos já dix'e diss'em essa ora:
par deus, adail, muyt'ey gram razom
de sempre vos mha fazenda leixar
cá nom me mova d'este logar
se jámais nunca cuidey passar fóra.
E ao demo vou a encomendar
prez d'este mundo e em armas lidar
ca nom é jogo de que homem chora.

70

Pero da Ponte, par'o vosso mal
per'ante o demo do fogo infernal,
porque com deus o padre espiritual
minguar quisestes, mal aprendestes,
e bem vej'agora que trobar vos fal,
poys vós tam louca razom cometestes.
E poys razom tam descomunal
fostes fyihar, e que tam pouco val,
pesar-mi-a en se vos pois a bem sal
ante o diabo, a quem obedecestes,
e bem vej'ora que trobar vos fal
pois vós tam louca razom cometestes.
Vós nom trobades como proençal,
mais como Bernaldo de Bonaval,
e pero ende nom é trobador natural
pois que d'el e do dem'aprendestes;
e bem vej'agora que trobar vos sal
poys vós tam louca razom cometestes.
E por end'ora Pedro Vila-real
em maao ponto vós tanto bevestes.

71

Citola vi andar-se queyxando
de que lhi nom dam sas quitações,
mays des que oy bem sas razões
en a conta fuy mentres parando,
logo tene y que nom dissera ren
ca era já quite de todo bem, por en
faz mal d'andar-s'assi queyxando.
E queixa-se-m'ele muitas de vegadas
dos escrivãos e dos despenseiros,
. . . .
mais poys veem a contas afficadas
logo lhi mostram bem do que quite é;

[1] Falta o septimo verso da strophe com a rima em *ia*.

e pero digo-lh'eu que mal he
de que no el quitou muytas de vagadas.
E por leval-a quitaçom dobrada
se queyxou, e catey hu já sia
en o padrom, e achey que avia
de todo bem sa quitaçom levada;
poren faz mal que nom pode peor,
mays tant'a el de quita com sabor
que a nega, pero x'a leva dobrada.

72

Quero-vos ora muy bem conselhar,
meestre Joham, segundo meu sen,
que matar preyt'ajades com alguem,
nem queyrades com el em vós entrar;
mais dad'a outrem que tenga por vós,
e a vossa honra e todos nós
a quantos nos avemos por amar.
E pero se a quizerdes teer,
non a tenhades per rem ant'elrey,
e direi embora, porque o ey,
porque nunca vol-o vem fazer
que vol-o non veja teer assy
que pero vos el-rey queira de si
bem vingar nóm a end'o poder.
E aynda vos conselharey al,
porque vos amo de coraçom,
e nunca vos em dia d'acenssom
tenhades, nem em dia de natal
nem d'outras festas de nostro señor,
nem de seus santos, ca ey gram pavor
de vos viir muy toste d'eles mal.
Nem entrar na egreja nom vos conselho eu
deteer-vos cá vós nom ha mester,
ca se peleja sobr'ela ouver
o arcebispo vosso amigo e meu
a quem o feito do sagrado jaz,
e a quem se pesa do mal se s'y faz
e querra que seja quanto avedes seu.
E pol'amor de deus estad'em paz,
e leyxade maa vox carrajaz
sol nom na deva teer, nem judeu.

73

Com'eu em dia de pascoa,
queria bem comer,
assy queria bom som
legeyro de dizer
pera meestre Joham.
Assy como queria
comer de bom salmom,
assy queria a n'avangelho
muy pequena payxom,
pera meestre Joham.
E assy como queria
comer que me soubesse bem,
assy queria bom som
et seculorum amem,
pera meestre Joham.
Assy com'eu beveria
bom vino d'Ourens,
assy queria bom som
de que *cum te potens*
pera maestre Joham.

74

O genete, poys remete
seu alfaraz corredor:
estremente se esmorece
o coteyffe com pavor.
Vi coteyffes orpelados
estar muy mal espantados,
e genetes trosquiados
cobriam-nos a redor,
e granhãos mal afficados
perdiam-n'a calor.
Vi coteyffes de granhom
en o meio do estio,
estar tremendo sem frio
ant'os mouros d'Azamor;
enchia-se d'eles o rio
que augua d'Alquivir maior.
Vi eu de coteyffes azes
cães siquazes,
aves piores ca rapazes,
e ouveram tal pavor,
que os seus panos de razes
tornaram d'outra color.
Vi coteyffes com arminhos
conhecedores de vinhos
que rapozos dos martinhos
que nom traziam se nom
sairem aos mesquinhos,
e fezerom todo o peor.
Vi coteyffes e cochens
com muy longos granhões
que as barvas dos cabrões,
ao som do atambor
os deitavam dos arções
ant'os pees de seu senhor.

75

De grado queria ora saber
d'estes que traem sayas encordadas,
em que s'apertam muy prontas vegadas
se o fazem pol os ventres mostrar;
porque se devam d'eles a pagar
sas senhores que nom tem pagadas.
Ay deus, se me quizess'alguem dizer
porque tragem estas cintas sirgadas
muyt'anchas, como mulheres prenhadas,
s'e em eles per hi gaanhar
bem das com que nunca sabem falar
ergo nas terras se som bem lauradas.
Encobrir nom o lhes vejo fazer
com as pontas dos mantos trastornadas
em que semelha as aboys das aferradas

quando as moscas les veem coitar
d'en se as cuidan per hi d'enganar
que sejam d'eles por en namoradas.
Outrosy lhis ar vejo trager
mangas mui curtas et enfunadas,
bem como se adubassem quartadas
ou se quizessem tortas amassar,
ou quiçá o fazem por deliurar
sas bestas se fossem acevadadas.

76

Ao dayão de Calez eu achey
liuros que lhi levavam da leger,
e ó que os tragia preguntey
por elles, e respondeu-m'el: senhor
como estes liuros que vós veedes, dons
e com os outros que ele tem dos sons
ffod'er por eles quanto foder quer.
Ca inda vos end'eu mais direy
cá tam mal ey muyt'a fee leer
por quant'en sa fazenda sey
com os liuros que tem, nom a mulher
a que nom faça que semelhe grous
os corvos et as aguias babous
per força de foder se x'el quiser.
Cá nom ha mais na arte do foder,
do que nos liuros que el tem, jaz,
e el ha tal sabor de os leer
que nunca noite nem dia al faz,
e sabe d'arte de foder tam bem
que c'os seus liuros d'artes que el tem
fod'el as mouras cada que lhi praz.
E mays vos contarey de seu saber
que com os liuros que ele tem faz,
manda-os ante sy todos trager
et pois que fode por eles assaz,
se mulher acha que o demo tem
assy a fode por arte et por sem
que saca d'ela a dinheiro, maivaz.
E com tod'esto aynda faz al
com os liuros que tem, per boa fé,
se acha molher que aja mal
d'este fogo que de Sam Marçal é,
assy vae per foder encantar
que fodendo lhi faz bem semelhar
que é geada, ou neve, nom al.

77

O que foy passar a serra
e nom quis servir a terra,
e ora en trauta guerra
que favoneia,
pois el agor'a tam muyt'erra
maldito seia.
O que levou os dinheiros
e nom troux'os cavaleyros,
ó por nom ir nos primeiros,
que favoneia;
poys que veo com os postumeyros
maldito seia.
O que filhou gram soldada,
e nunca fez cavalgada,
e por nom ir a Graada,
que favoneia,
se é ric'omem ou ha mesnada,
maldito seia.
O que meteu na taleyga
pouc'aver, e muyto meiga,
e por nom entrar na Veiga,
que favoneia
poys chus mol'é que manteyga
maldito seia.

78

Domingas Eanes ouve sa baralha
con hum genet'e foy mal ferida,
en pero foy ela y tan ardida
que ouve depois a vencer sen falha;
e de pran venceu bom cavalleyro,
mais en pero é x'el tan braceiro,
que ouve end'ela de ficar colpada.
O golpe colheu por huna malha
da loriga que era desmentida,
e pesa-m'ende, porque essa ida
de prez que ouve, mais se deus me valha,
venceu ela, mais o cavalleyro
per sas armas ó per com'er'arteyro
já sempr'end'ela será esmalada.
E aquel membro trouxe coroneite
de os companhões em toda esta guerra,
e de mais apreço que nunca erra
de dar gram golpe com sen en *gazeite*
e foy achar com costa juso,
e deu-lh'i por en tal golpe desuso,
que já a chaga nunca vay çarrada.
E dizem muytos que husam tal preyt'e
am que tal chaga já mais nunca cerra,
se com quanta lã a en esta terra
a escaentassem nem com o azeite,
pero a chaga não vae contra juso
mais vay en redor como perafuso
e por en muyt'ha que é fistulada.

79

Quem da guerra levou cavaleyros
e a sa terra foy guardar dineyros,
nom vem al mayo!
Quem da guerra se foy com maldade
a sa terra, foy comprar erdade,
nom vem al mayo.
O que da guerra se foy com'emigo,
pero nom veo quand'a preito sigo
nom vem al mayo.
O que tragia o pano de linho,
pero nom veio polo Sam Martinho,
nom vem al mayo.
O que tragia o pendom *a aquilon*,

e vended'é sempr'a traiçom,
nom vem al mayo.
O que tragia o pendom sen oyto,
e a sa gente nom dava pam coyto,
nom vem al mayo.
O que tragia o pendon ssem sete,
e cinta ancha e muy gram topete,
nom vem al mayo.
O que tragia o pendon, s'entenda
por quant'agora sey d'essa fazenda,
nom vem al mayo.
O que sse foy comendo dos murtinhos,
e a ssa terra foy bever los vynhos,
nom vem al mayo.
O que com medo fugiu da fronteyra,
pero tragia pendon sem caldeyra,
nom vem al mayo.
O que roubou os mouros malditos,
e a sa terra foy roubar cabritos,
nom vem al mayo.
O que da guerra sse foy con espanto
e a ssa terra foy armar manto,
nom vem al mayo.
O que da guerra se foy com gram medo,
contra sa terra espargendo tredo,
nom vem al mayo.
O que tragia pendom de cadarço,
macar nom veo no mez de março,
nom vem al mayo.
O que da guerra foy por recaúdo,
macar en Burgus fez pintar escudo,
nom vem al mayo.

EL REY DOM DENIS

80

Praz m'ha mi, senhor, de moirer,
e praz-m'ende por vosso mal,
ca sey que sentiredes qual
mingua vos poys ey de fazer;
ca nõ perde pouco senhor
quando perde tal servidor,
qual perdedes en me perder.
E com mha mort'ey eu prazer,
por que sey que vos farey tal
mingua, qual fez omẽ leal
o mays que podia seer
a quen ama poys morto for,
e fostes vos mui sabedor
d'eu por vós a tal mort' aver.
E pero que ey de sofrer
a morte mui descomunal,
cõ mha mort' oy mays nõ mech'al,
por quanto vos quero dizer
ca meu serviç', e meu amor
será vos d'escusar peyor
que a mĩ d'escusar viver.
E certo podedes saber
que pero ss'o meu tempo sal,
per mort' e nõ a ja hi al
que me non quer'end'eu doer;
por que a vós farey mayor
mingua que fez nostro senhor
de vassal' a senhor prender.

81

Oy mays quer' eu ja leixal o trobar,
e quero me desenparar̃ d'amor,
e quer' ir algunha terra buscar
hu nũca possa seer sabedor
ela de mĩ, nẽ eu de mha senhor,
poys que lh'é, d'eu viver aqui, pesar.
Mays deus! que grave cousa d'endurar,
qu' a mĩ será hir me d'u ela for,
ca sey mui bẽ que ñunca poss' achar
nẽhua cousa ond'aja sabor,
senõ da morte, mays ar ey pavor
de m'ha non querer deus tã cedo dar.
Mays se fez deus a tã gran coita par,
com'é a de que serey sofredor,
quando m'agora ouver d'alongar
d'aquesta terra hu est a melhor
de quantas son, e de cujo teor
nõ se pode per dizer acabar.

82

Se oj'en vós a nenhum mal, senhor,
mal mi venha d'aquel che pod'e val,
se nõ que matades mi pecador
que vos servi sempr' e vos fui leal,
e serey ja sempr' en quant' eu viver,
e senhor, non vos venh' esto dizer
polo meu, mays por qu' a vós está mal.
Ca par deus mal vos per' está, senhor,
desy é cousa mui descomunal
de matardes mi, qu'eu merecedor
nũca vos foy de mort' e poys que al
de mal nũca deus en vós quis poer,
por deus, senhor, nõ queirades fazer
en mĩ agora que vos estê mal.

83

Que razon cuydades vós, mha senhor
dar a deus, quand' ant' el fordes, por mi
que matades, que vos non mereci
outro mal, senõ se vos ey amor,
aquel mayor que vol' eu poss' aver,
ou que salva lhi cuydades fazer
da mha morte, poys per vós morto for?
Ca na mha morte non a razon
boa que ant' el possades mostrar;
desy non o er podedes enganar,
ca el sabe ben que de coraçon
vos eu am'e nunca vos errey,
e poren quen tal feyto faz bẽ sey,
qu'en deus nunca pod'achar perdon.

Ca de pran deus nõ vos perdoará
a mha morte, ca el sabe mui ben
ca sempre foy meu saber e meu sen
en vos servir, er sabe mui ben,
que nunca vos mereci por que tal
morte por vós ouvesse, poren mal
vos será, quand' ant' el formos a lá.

84

Quant' eu, fremosa mha senhor,
de vós receey aveer,
muyt'er sey que non ey poder
de m'agora guardar que non
veja mays, tal confort'ey
que aquel dia morrerey
e perderey coytas d'amor.
E como quer que eu mayor
pesar nõ podesse veer,
de que entõ verey, prazer
ey ende, se deus mi perdon',
porque per morte perderey
aquel dia coyta que ey,
qual nũca fez nostro senhor.
E pero ey tã gram pavor
d'aquel dia grave veer,
qual vos sol nõ posso dizer;
confort'ey no meu corazon,
perque por morte sayrey
aquel dia do mal que ey
peyor da que deus fez peyor.

85

Vós mi defendestes, senhor,
que nunca vos dissesse ren,
de quanto mal mi por vós ven;
mays fazede me sabedor
por deus, senhor, a quen direy
quam muyto mal levey
por vós, senon a vós, senhor?
Ou a quen direy o meu mal,
se o eu a vós non disser,
poys calar me non m'é mester,
e dizer vol'o nõ m'er val?
e poys tanto mal soffr'assy
se cõvosco nõ falar hi,
per quen saberedes meu mal?
Ou a quen direi o pesar
que mi vós fazedes sofrer,
se o a vós non for dizer
que podedes conselho dar?
e por en se deus vos perdon',
coyta d'este meu coraçon,
a quen direy o meu pesar?

86

Como me deus aguysou que vivesse
en gram coyta, senhor, des que vos vi!
ca logo m'el guisou que vos oy
falar, desy quis que er conhecesse
o vosso ben, a que el non fez par,
e tod'aquesto m'el foy aguysar
en tal qu'eu nunca coyta perdesse.
E tod' est'el quis que eu padecesse
por muyto mal que me lh'eu mereci,
e de tal guisa se vingou de mi,
e cõ tod' esto non quis que morresse,
porque era meu ben de non durar
en tã gram coyta, nẽ en tã gram pesar,
mays quis que tod' este mal eu sofresse.
Assy nõ er quis que m'eu percebesse
de tan gram meu mal, nen o entendi,
ante quis el que por viver assy,
e que gram coyta non mi falecesse,
que vos viss'eu, hu m'el fez desejar
des entõ morte, que mi non quer dar,
mays que vivendo peyor atendesse.

87

Nunca deus fez tal coyta qual eu ey
con a rem do mundo que mays amey,
e desque a vi e am' e amarey;
n'outro dia quando a fui veer,
o demo lev'a rem que lh'eu faley,
de quanto lh'ante cuydara dizer.
Mays tanto que me d'ant'ela quitey,
do que ante cuydava me nembrey,
que nulha cousa ende non minguey;
mays quand' er quix tornar pola veer
a lh'o dizer, e me ben esforcey,
de lh'o contar sol non ouv'y poder.

88

Da mha senhor que eu servi
sempr'e que mays c'a mi amey,
veed' amigos que tort' ey;
que nunca tam gram torto vi,
ca pero a sempre servi,
grand'é o mal que mha senhor
mi quer, mays quero lh'eu mayor
Mal que posso; sei per gram bem
lhi querer mays c'a mĩ nem al,
e sse aquest'é querer mal
est'é o que a mĩ aven
ca pero lhi quero tal ben,
grande é o mal que mha senhor
mi quer, mays quero lh'eu mayor
Mal que posso; se per servir,
e pela mays c'a mi amar,
se est' é mal, a meu cuydar,
este mal non poss'eu parar;
ca pero que a fui servir,
grand' é o mal que mha senhor
mi quer, mays quero lh'eu mayor
Mal que poss'; e pero nozir
non mi devia desamor
c'al que no ben nõ a melhor.

89

En gran coyta, senhor,
que peyor que mort'é,
vivo per boa fé
e polo voss'amor;
esta coyta sofr' eu
por vós, senhor, que eu
Vy polo meu gram mal,
e melhor mi será
de moirer por vós já;
pero se me deus non val,
esta coyta sofr' eu
por vós, senhor, que eu
Polo meu gram mal vi,
e mays mi val morrer
ca tal coyta soffrer,
poys por meu mal assy
esta coyta sofr' eu
por vos senhor, que eu
Vy por gram mal de mi,
poys tam coytad' and' eu.

90

Senhor, poys que m'agora deus guysou
que vos vejo, e vos posso falar,
quero vol' a mha fazenda mostrar,
que vejades como de vós estou;
ven mi gram mal de vós, ay mha senhor!
en quen nunca pos mal nostro senhor.
E senhor, gradesc' a deus este ben,
que mi fez en mi vos fazer veer;
e mha fazenda vos quero dizer
que vejades que mi de vós aven;
ven mi gram mal de vós, ay mha senhor!
en quen nunca pos mal nostro senhor.
E non sey quando vos ar veerey
e por en vos quero dizer aqui
mha fazenda que vos sempre encobri,
que vejades o qu'eu de vós ey;
ven mi gram mal de vós, ay mha senhor!
en quen nunca pos mal nostro senhor,
Ca non pos en vós mal nostro senhor
senon quant' a mi fazedes, senhor.

91

Poys mha ventura tal é ja,
que sodes tam poderosa
de mĩ, mha senhor fremosa,
por mesura que en vós a,
e por ben que vos estará,
poys de vós non ey nenhun ben,
de vos amar non vos pes en,
Senhor, e poys por ben non teedes,
que eu aja de vós grado
por quant' affan ey levado
por vós, c' assy queredes
mha senhor fé que devedes
poys de vós non ey nenhun ben
de vos amar non vos pes en,
Senhor, e lume d'estes olhos meos,
poys m'assy desenparades,
e que me grado non dades
como dam outros aos seos;
mha senhor, pelo amor de deos
poys de vós non ey nenhun ben,
de vos amar non vos pes en,
E, senhor, eu non perderey o sen,
e vós non perdedes hi ren.

92

Senhor, dizen vos por meu mal,
que non trobo con voss' amor,
mays c' amey de trobar sabor;
e non mi valha deus, nen al,
se eu trobo por m'en pagar,
mays faz me voss' amor trobar.
E essa que vos vay dizer,
que trobo, porque me pagu'en,
e non por vós que quero ben,
mente, ca non veja prazer,
se eu trobo por m'en pagar,
mays faz me voss' amor trobar.
E pero quem vos diz que nom
trobo por vós que sempre amey
mays o gram sabor que m'end'ey,
mente, ca deus nom mi perdon'
se eu trobo por m'en pagar,
mays faz-me voss'amor trobar.

93

Tan muyto mal mi fazedes, senhor,
e tanta coyta e afan levar
e tanto me vejó coytad' andar,
que nunca mi valha nostro senhor,
se ant' eu já non queria morrer,
e se mi non fosse mayor prazer.
En tã gram coyta vyv'a gram sazon
por vós, senhor, e levo tanto mal,
que vós non posso, nen sey dizer qual,
e por aquesto, deus non mi perdon',
se ant' eu já non queria morrer,
e se mi non fosse mayor prazer.
Tam muyt' é o mal que mi por vós ven,
e tanta coyta lev' e tant' affan,
que morrerei con tanto mal de pran;
mays pero, senhor, de vós non mi dê ben
se ant' eu já non queria morrer,
e se mi non fosse mayor prazer.
Ca mays meu ben é de morte sofrer
ante, c'a sempr' en tal coyta viver.

94

Grave vos é de que vos ey amor,
e par deos aquesto vej' eu muy ben,
mays em pero direy vos hũa ren
per boa fé, fremosa mha senhor,

se vos grav' é de vos eu ben querer,
grave est a mĩ; mays non poss' al fazer.
Grave vos é, ben vej' eu qu' é assy,
de que vos amo mays c' a mĩ, nen al,
e qu'est' é mha morte e meu mal,
mays por deus, senhor, que por meu mal vi,
se vos grav' é de vos eu ben querer,
grave est a mi, mays non poss' al fazer.
Grave vos est assy, deus mi perdon',
que non poderia mays per boa fé
de que vos am' e sey qu' assy é;
mays por deus, coyta do meu coraçon,
se vos grav' é de vos eu ben querer;
grave est a mi, mays non poss' al fazer.
Pero mays grave dev'i a mi de seer,
quant' é morte mays grave c'a viver.

95

Poys que vos deus fez, mha senhor,
fazer do ben sempr' o melhor,
e vos en fez tam sabedor,
hunha verdade vos direy,
se mi valha nostro senhor,
erades boa pera rey.
E poys sabedes entender
sempr'o melhor e escolher,
verdade vos quero dizer,
senhor, que servo e servirey,
poys vos deus a tal foy fazer,
erades boa pera rey.
E poys vos deus nunca fez par
de bon sen, nen de ben falar,
nem fará já, a meu cuydar,
mha senhor, e quanto ben ey,
se o deus quisesse guysar,
erades boa pera rey.

96

Senhor, des quando vos vi,
e que fui vosco falar,
sabed' agora per mi,
que tanto fui desejar
vosso ben, e poys é assy
que pouco posso durar,
e moyro m'assy de chão,
por que mi fazedes mal,
e de vós non ar ey al,
mha morte tenho na mão.
Ca tã muyto desejey
aver ben de vós, senhor,
que verdade vos direy,
se deus mi dê voss' amor,
por quant'oj'eu creer sey
con cuydad' e con pavor
meu coraçon non é são,
porque mi fazedes mal,
e de vós non ar ey al,
mha morte tenho na mão.
E venho vol' o dizer,
senhor do meu corason,
que possades entender
como prendi o cajon,
quando vos fui veer;
e por aquesta razon
moyr' assy servind' en vão,
porque a mĩ fazedes mal,
e de vós non ar ey al,
mha morte tenho na mão.

97

Hun tal home sey eu, ay ben talhada,
que por vós ten a sa morte chegada:
vedes quen é, e seed'en nenbrada;
eu, mha dona.
Hun tal home sey que per consente
de ssy morte certamente;
vedes quen é, venha vos en mente;
eu, mha dona.
Hun homẽ sey, aquest' oyde,
que por vós morr', e vol o partide:
vedes quen é, non xe vos obride;
eu, mha dona.

98

Pero que eu muy long' estou
da mha senhor e do seu ben,
nunca me dê deus o sseu ben,
pero m'eu ca long' estou,
se non é o coraçon meu
mays perto d'ela, que o seu.
E pero long' estou d'ali
d'u agora é mha senhor,
non aja ben da mha senhor,
pero m'eu long' estou d'ali,
se non é o coraçon
mays perto d'ela, que o seu.
E pero longe do logar
estou, que non poss' al fazer,
deus nõ mi dê o seu bẽ fazer,
pero long' estou do logar,
se non é o coraçon meu
mays perto d'ela que o seu;
C'a vezes ten en al o seu,
e sempre sigo ten o meu.

99

Sempr' eu, mha senhor, desejey
mays que al, e desejarey
vosso ben, que mui servid' ey
mays non cõ asperança
d'aver de vós ben, ca ben sey
que nunca de vós averey
senon mal e viltança.
Desej'eu mui mays d'outra ren
o que mi pequena prol ten,

ca desej' aver vosso ben,
mays non con asperança
que aja do mal, que mi ven
por vós nẽ galardon por en
senon mal e viltança.
Desej' eu con muy gram razon
vosso ben, se deus mi perdon',
muy mays de quantas cousas son,
mays non con asperança
que sol coyde no coraçon
aver de vós por galardon
senon mal e viltança.

100

Se eu podess' ora meu coraçon,
senhor, forçar e poder vos dizer
quanta coyta mi fazedes sofrer
por vós, cuyd' eu, assy deus me perdon',
que averiades doo de mi.
Ca, senhor, pero me fazedes mal,
e mi nunca quisestes fazer ben,
se soubessedes quanto mal mi ven
por vós, cuyd' eu, par deus que pod' e val,
que averiades doo de mi.
E pero m'havedes gram desamor,
se soubessedes quanto mal levey,
e quanta coyta des que vos amey,
por vós cuyd' eu per boa fé, senhor,
que averiades doo de mi,
E mal seria se nõ foss' assy.

101

Quant'a senhor, que m'eu de vos parti,
a tam muyt'a que nunca vi prazer,
nen pesar, e quero voș eu dizer
como prazer nen pesar sent'y:
perdi o sen, e non poss' estremar
o ben do mal, nen prazer do pesar.
E des que m'eu, senhor, per boa fé
de vós parti, creed' agora ben,
que non vi prazer, nen pesar de ren,
e aquesto direy vos, por que:
perdi o sen, e non poss' estremar
o ben do mal, nen prazer do pesar.
Ca, mha senhor, ben des aquela vez
que m'eu de vós parti, no coraçon
nunca ar ouv' eu pesar des enton,
nen prazer, e direy vos quen m'o fez:
perdi o sen, e non poss' estremar
o ben do mal, nen prazer do pesar.

102

Hunha pastor se queixava
muyt' estando n'outro dia
e sigo medes falava,
e chorava e dizia
com amor que a forçava:
Par deus, vi t'en grave dia,
ay, amor!
Ela s'estava queixando,
como molher con gran coyta,
e que a pesar des quando
nacera non fora doyta;
por en dizia chorando:
Tu, non és senon mha coyta,
ay, amor!
Coytas lhi davan amores,
que non lh'eran senon morte,
e deytou se antre ũas flores,
e disse con coyta forte:
Mal ti venga per hu fores,
ca non és senon mha morte,
ay, amor!

103

Ora vejo ben, mha senhor,
que mi non ten nen hunha prol
de no coraçon cuydar sol
de vós, senon que o peyor
que mi vós poderdes fazer
faredes a vosso poder.
Ca non atend'eu de vós al,
nen er passa per coraçon,
se nostro senhor mi perdon',
senon que aquel mayor mal
que mi vós poderdes fazer,
faredes a vosso poder.
E sol nõ met' eu en cuydar
de nunca de vós aver ben,
ca sõo certo d'ũa ren,
que o mays mal, e mays pesar
que mi vós poderdes fazer,
faredes a vosso poder;
Ca deus vos deu end'o poder,
e o coraçom de m'o fazer.

104

Quen vos mui ben vysse, senhor,
con quaes olhos vos eu vi,
mui pequena sazon a hy;
guysar lh'ia nostro senhor
que vyvess' en mui gram pesar,
guysando-lh'o nostro senhor,
como m'a mi foy guysar.
E quen vos ben con estes meos
olhos visse, creede ben,
que se non perdess' ant' o sen,
que ben lhi guysaria deos
que vivess' em muy gram pesar,
se lh'o assy guysasse deos,
como m'a mi foy guysar.
E senhor, quen algũa vez
com quaes olhos vos catey
vos catasse, per quant' eu sey,
guysar lh'ia quen vos tal fez
que vivess' em muy gram pesar,

guysando-lh'o quen vos tal fez,
como m'a mi foy guysar.

105

Nostro senhor, ajades bon grado
por quanto m'oje mha senhora falou;
e tod' esto foy por que sse cuydou
que andava d'outra namorado;
ca sey eu ben que mi non falara,
se de qual ben lh'eu quero cuydara.
Por que mi falou oj' esta dia,
ajades bon gradó nostro senhor,
e tod' esto foy por que mha senhor
cuydou qu'eu por outra morria;
ca sey eu ben, que me non falara,
se de qual ben lh'eu quero cuydara.
Porque m'oje falou, aja deos
bon grado, mays d'esto non fora ren,
senon porquė mha senhor cuydou ben,
que d'outra eran os desejos meos;
ca sey eu ben, que me non falara,
se de qual ben lh'eu quero cuydara.
Ca tal é, que ante se matara
c'a mi falar, se o sol cuydara.

106

A mha senhor qu'eu por mal de mi
vi, e por mal d'aquestes olhos meos,
e por quem muytas vezes maldezi
mi, e o mund' e muytas vezes deos;
desque a non vi, non er vi pesar
d'al, ca nunca me d'al pude nembrar.
A que mi faz querer mal mi medês
e quanto amigos soya aver,
e desperar de deos, que mi pes,
pero mi tod' este mal faz sofrer,
des que a non vi, non ar vi pesar
d'al, ca nunca me d'al pude nembrar.
A por que mi quer este coraçon
sayr de seu logar, e porque já
moyr' e perdi o sen, e a razon,
pero m'este mal fez, e mays fará,
des que a non vi non ar vi pesar
d'al, ca nunca me d'al pude nembrar.

107

Poys que vos deos, amigo, quer guysar,
d'irdes a terra d'u é mha senhor,
rogo vos ora, que por qual amor
vos ey, lhi queirades tanto rogar,
que se doya já do meu mal.
E d'irdes hi tenh'eu que mi fará
deos gran ben, poyl a podedes veer,
e amigo punhad' en lhi dizer
poys tanto mal sofro grã sazon a,
que sse doya já do meu mal.
E poys que vos deos aguysa d'ir hi,
tenh'eu que mi fez el hi mui gran ben,
e poys sabend'o mal que mi ven,
pedide lhi mercee por mi,
que se doya já do meu mal.

108

A tal estado m'hadusse, senhor,
o vosso ben, e vosso parecer,
que non vejo de mi, nen d'al prazer,
nen veerey já en quant'eu vivo for
hu non vyr vós, qu'eu por meu mal vi.
E queria mha mort', e non mi ven,
senhor, porque tamanho é o meu mal,
que non vejo prazer de mi, nen d'al,
nen veerey já, esto creede ben,
hu nón vir vós, qu'eu por meu mal vi.
E queria mha morte, e non mi ven,
senhor, porque tamanho é o meu mal,
que non vejo prazer de mi, nen d'al,
nen veerey já, esto creede ben,
hu non vir vós, qu'eu por meu mal vi.
E poys meu feyto, senhor, assy é,
queria já mha morte, poys que non
vejo de mi, nen d'al nulha sazon
prazer, nen veerey já per bona fé,
hu non vir vós, qu'eu por meu mal vi,
Poys non avedes mercee de mi.

109

O que vos nunca cuydey a dizer
con gran coyta, senhor, vol o direy,
porque me vejo já por vós morrer;
ca sabedes que nunca vos faley
de como me matava voss' amor;
ca sabe deos ben que d'outra senhor
qu'eu non avya mi vos chamey.
E tod'aquesto mi fez fazer
o mui gram medo qu'eu de vós ei,
e desy por vos dar a entender
que por outra morria, de que ey,
ben sabe deos, mui pequeno pavor,
e des oy mays, fremosa mha senhor,
se me matardes, ben vol o busquey.
E creedes que averey prazer
de me matardes, poys eu certo sey,
que esse pouco que ey de viver
que nenhũ prazer nunca veerey;
e porque sõo d'esto sabedor,
se mi quizerdes dar morte, senhor,
por gran mercee vol'o terrey.

110

Que muy gran prazer, que eu ey, senhor,
quand'en vós cuyd' e non cuydo no mal
que mi fazedes; mays direy vos qual
tenh'eu por gran maravilha, senhor,
de mi vir de vós mal, hu deos non
pos mal, de quantas en no mundo son.

E, senhor fremosa, quando cuyd'eu
en vós, e non en o mal que mi ven
por vós, tod'aquel temp' eu ey de ben;
mays por gran maravilha pero tenh' eu
de mi vir de vós mal, hu deos non
pos mal de quantas en no mundo son.
Ca senhor, mui gram prazer mi per é
quand'en vós cuyd' e non ey de cuydar
en quanto mal mi fazedes levar;
mays gram maravilha tenho eu que é,
de mi vir de vós mal, hu deos non
pos mal de quantas en no mundo son,
Ca par deus, semelha mui semrazon,
d'aver eu mal d'hu deus non pos, non.

111

Senhor fremosa, non poss' eu osmar
que est aquel en que vos mereci
tam muyto mal, quam muyto vós a mi
fazedes, e venho vos perguntar
o porque é, ca non poss' entender,
se deus mi leixe de vos ben achar
en que vol' eu podesse merecer,
Se he senon porque vos sey amar
muy mays que os meus olhos, nen c'a mi,
e assy foy sempre des que vos vi;
pero sabe deus qu' ey gram pesar
de vos amar, mays non poss' al fazer,
e poren vós a quen deus non fez par
non mi devedes y culpa poer.
Ca sabe deus que se m'end'eu quitar
podéra, des quant' a que vos servi,
muy de grado o fezera logu'y,
mays nunca pudi o coraçon forçar,
que vos gran ben non ouvess' a querer,
e poren non dev' eu alezerar,
senor, nen devo poren de morrer.

112

Non sey como me salv' a mha senhor,
se me deus ant'os seus olhos levar;
ca par deus non ey como m'a ssalvar,
que me non julgue por seu traedor;
poys camanho temp' a que guareci,
seu mandado hir e a non vy.
E ssey eu mui ben no meu coraçon
o que mha senhor fremosa fará;
depoys que ant'ela for julgar-m'a
por seu traedor com mui gram razon,
poys tamanho temp' a que guareci,
seu mandado ir e a non vy.
E poys tamanho foy o erro meu
que lhi fiz torto tã descomunal,
se m'a sa gram mesura non val,
julgar m'a poren por traedor seu,
poys tamanho temp' a que guareci
seu mandado ir, e a non vy.
Se o juizo passar assy,
ay eu cativ'e que será de my!

113

Quix ben, amigus, e quer' e querrey
hunha molher que me quis, e quer mal,
e querrá; mays non vos direy eu qual
a molher; mays tanto vos direy,
quix ben, e quer', e querrey tal mulher
que me quis mal sempre, querrá, e quer.
Quix e querrey e quero muy gran ben
a quen mi quis mal e quer, e querrá;
mays nunca homẽ per mĩ saberá
quen é; pero direy vos huã ren,
quix ben e quer', e querrey tal mulher,
que me quis mal sempre, querrá, e quer.
Quix e querrey, e quero ben querer
a quen me quis, e quer, per boa fé,
mal, e querrá; mays non direy quen é;
mays pero tanto vos quero dizer
quix ben e quer', e querrey tal mulher,
que me quis mal sempre, querrá, e quer.

114

Senhor, non vos pes, se me guysar deus
algunha vez se vos poder veer;
ca ben creede que outro prazer
nunca veram estes olhos meos,
se non se mi vós fezessedes ben,
o que nunca será per nulha rem.
E non vos pes de vos veer, ca tan
cuytad' ando que querria morrer,
se aos meos olhos podedes creer,
que outro prazer nunca d'al veran,
se non se mi vós fezessedes ben,
o que nunca será per nulla rem.
E se vos vir, poys que já morr' assy
non devedes ende pesar aver;
mays meos olhos, vos poss' eu dizer,
que nom veeran prazer dal, nen de mi,
se non se mi vos fezessedes ben,
o que nunca será per nulla rem;
Ca d'eu falar en mi fazerdes ben,
como falo, faç'i mingua de sen.

115

Senhor fremosa, e do mui loução
coraçon, e querede vos doer
de mi peccador que vos sey querer
melhor c'a mi; pero soo certão,
que mi queredes peyor d'outra ren,
pero, senhor, quero vos eu tal ben;
Qual mayor poss' e o mays encobérto
que eu poss' e ssey de Brancha frol,
que lhi non ouve Flores tal amor,
qual vos eu ey; e pero sõo certão
que mi queredes peyor d'outra ren,
pero, senhor, quero vos eu tal ben.
Qual mayor poss' e o mui namorado
Tristã, sey ben que non amou Iseu,
quant' eu vos amo, esto certo sey eu,

e cõ tod' esto sey, mao pecado,
que mi queredes peyor d'outra ren;
pero, senhor, quero vos eu tal ben
Qual mayor poss', e tod' aquesto ven
a mi coytad'e que perdi o sen.

116

O voss' amigo tan de coraçon
pom el en vós seus olhos, e tã ben,
par deos, amiga, que non sey eu quen
veja, que non entenda que non
pod' el poder aver d'aver prazer
de nulha rem, senon de voś veer.
E quando el ven hu vós sodes, razon
quer el catar que se encobra, e ten
que s'encobre, pero nõ lhe val ren;
ca nos seos olhos entende que non
pod'el poder aver d'aver prazer
de nulla ren, se non de vos veer.
E quen ben vir como el seos olhos pon
en vós, amiga, quando ante vós ven,
se non for con muy gram mengua de sen
entender pode muy ben d'el que-non,
pod' el poder aver d'aver prazer
de nulla ren, se non de vos veer.

117

Ora, senhor, non poss' eu já
per nenhua guysa sofrer,
que me non ajam d'entender
o qu'eu muyto receey,
ca m'entenderam que vos sey,
senhor, melhor c'a mi querer.
Esto receey eu muyt'a,
mays esse vosso parecer
me faz assy o sen perder,
que des oy mays pero m'é greu
entenderam que vos sey eu,
senhor, melhor c'a mi querer.
Vos veed' en como será
ca par deus non ei ja poder
que en mi non possa veer,
quen quer que me vyr des aqui,
que vos sey eu por mal de mi
senhor melhor c'a mi querer.

118

Senhor, oj' ouvess' eu vagar
e deus me dess' end' o poder,
que vos eu podesse contar
o gram mal que mi faz sofrer
esse vosso bom parecer,
senhor a quẽ el non fez par.
Ca se vos podess'y falar
cuydaria muyt'a perder
da gram coyta, e do pesar
com que m'oje eu vejo morrer;
ca me non pode scaecer
esta coyta que non a par.
Ca me vos fez deus tant'amar,
er fez vos tam muyto valer,
que non poss'oje en mi osmar,
senhor, como possa viver;
poys me non queredes tolher
esta coyta que non a par.

119

Que soydade de mha senhor ey!
quando ne nembra d'ela qual vi,
e que me nembra que ben a oy
falar, e por quanto ben d'ela sey,
rog'eu a deus que end'a o poder
que m'a leixe, se lhi prouguer, veer
Cedo; ca pero mi nunca faz ben,
se a non vir non me posso guardar
de ssandecer ou morrer con pesar;
e porque el a tod' en poder ten,
rog'eu a deus que end'a o poder
que m'a leixe, se lhi prouguer, veer
Cedo; ca tal a fez nostro senhor
de quantas outras no mundo son
non lhi fez par, a la minha fé non,
e poyl a fez das melhores melhor,
rog'eu a deus que end'a o poder,
que m'a leixe, se lhi prouguer, veer
Cedo, ca tal a quis deus fazer,
que se a non vyr, non posso viver.

120

Pero eu dizer quyzesse,
creo que non saberia
dizer, nen er poderia,
per poder que eu ouvesse,
a coyta que o coytado
sofre que é namorado,
nen er sey quen m'o creysse,
Senon aquel a quen desse
a mór coita todavia
qual a mi dá noyt' e dia:
este cuydo que tevesse
que dig'eu muyt' aguysado,
ca outr'omem non é nado
que esto creer podesse.
E poren quen ben soubesse
esta coyta ben diria,
e sol non duvydaria
que coyta que deus fezesse,
nen outro mal afficado
non fez tal, nen é pensado
d'omem que lhi par posesse.

121

Ay, senhor fremosa, por deus,
e por quam boa vos el fez,

doede vos algunha vez
de mi, e d'estes olhos meus,
que vos viron por mal de ssy,
quando vos viron, e por mi.
E porque vos fez deus melhor
de quantas fez, e mays valer,
querede vos de mi doer,
e d'estes meus olhos, senhor,
que vus viron por mal de ssy,
quando vos viron, e por my.
E porque o al non é ren,
senon o ben que vos deus deu,
querede vos doer do meu
mal e dos meus olhos, meu ben,
que vos viron por mal de ssy,
quando vos viron, e por my.

122

Senhor fremosa, por qual vos deus fez,
e por quanto bén en vós quis poer,
se m'agora quizessedes dizer
o que vos já preguntey outra vez,
tenho que mi fariades gram ben
de mi dizerdes quanto mal mi ven
per vós, se vos est'é loor ou prez.
Ca se vos fosse ou prez ou loor
de me matardes, seria razon,
e non diria eu por ende non;
mays d'a tanto seede sabedor
que nenhũ prez, nen loor non vos é,
ant'errades muyto, per boa fé,
de me matardes, fremosa mha senhor.
E saben quantos saben vós e mi
que nunca cousa, como vós, amey,
desi saben que nunca vos errey,
er saben que sempre vos servi
o melhor que pude, e soub'y cuydar,
e poren fazedes de me matar
mal, poys vol'eu, senhor, non mereci.

123

Quer'eu en maneyra de proençal
fazer agora um cantar d'amor,
e querrey muyt'i loar mha senhor,
a quen prez, nen fremusura non fal,
nen bondade, e mays vos direy en
tanto a fez deus conprida de ben
que mays que todas las do mundo val.
Ca mha senhor quiso deus fazer tal,
quando a fez, que a fez sabedor
de todo ben, e de mui gram valor,
e con tod'est' é muy comunal
aly hu deve; er deu lhi bon sen,
e desy non lhi fez pouco de ben,
quando non quis que lh'outra foss'igual.
Ca en mha senhor nunca deus pos mal,
mays pos hi prez e beldad'e loor,
e falar mui ben, e riir melhor
que outra molher, desy é leal
muyt', e por esto non sey oj'eu quen
possa conpridamente no seu ben
falar, ca non a, tral o seu ben, al.

124

Mesura seria, senhor,
de vos amercear de mi,
que vos en grave dia vi,
e en muy grave voss'amor;
tan grav'é, que non ey poder
d'aquesta coyta mays sofrer,
de que muyt'a fui sofredor.
Pero sabe nostro senhor
que nunca vol'eu mereci,
mays sabe ben, que vos servi
des que vos vi sempr'o melhor
que nunca pudi fazer,
poren querede vos doer
de mi coytado pecador.
Mays deus, que de tod'é senhor,
me queira poer conselh'hi,
ca se meu feyto vay assy,
e m'el non for avĩdador
contra vós, qu'el fez valer
mays de quantas fezo nacer,
moyr'eu, mays non merecedor,
Pero se eu ey de morrer,
sen vol'o nunca merecer,
non vos vej'i prez, nen loor.

125

Que estranho que m'he, senhor,
e que gram coyta d'endurar,
quando cuyd'en mi, de nembrar
de quanto mal fui sofredor,
des aquel dia que vos vi
e tod'este mal eu sofri
por vós, e polo voss'amor.
Ca des aquel tenpo, senhor,
que vos vi, e oy falar,
non perdi coytas e pesar,
nen mal non podia mayor,
e aquesto passou assy,
e tod'este mal eu sofri
por vós, e polo voss'amor.
E poren seria, senhor,
gram ben de vos amercear
de mĩ que ey coyta sen par,
de qual vós sodes sabedor,
que passou, e passa per mi;
e tod'este mal eu sofri
por vós, e polo voss'amor.

126

Senhor, cuytad'é o meu coraçon
por vós, e moyro se deus mi pardon'

porque, sabede que des que enton
vos vi, desy
nunca coyta perdi.
Tanto m'é coyta e trax'i mal amor
que me mata; seed en sabedor,
e tod'aquesto é des que, senhor,
vos vi; desy
nunca coyta perdi.
Ca de mĩ matar amor non m'é greu,
e tanto mal sofro já en poder seu
e tod'aquesto, senhor, des quand'eu
vos vi; desy
nunca coyta perdi.

127

Proençaes soen muy ben trobar,
e dizen eles, que é con amor;
mays os que trobam no tempo da frol,
e non en outro, sey eu ben que non
am tam grã coyta no seu coraçon,
qual m'eu por mha senhor vejo levar.
Pero que troban e saben loar
sas senhores o mays e o melhor
que eles poden, soõ sabedor,
que os que troban quand'a frol sazon
a, e non ante, se deus mi perdon,
non am tal coyta qual eu ey sen par.
Ca os que troban, e que s'alegrar
van en o tempo que ten' a color
a frol consigu'e tanto que se for
aquel tempo, logo en trobar razon
non an, nen viven en qual perdiçõ
oj'eu vyvo que poys m'a de matar.

128

Preguntar vos quero por deus,
senhor fremosa, que vos fez
mesurada e de bon prez,
que pecados foron os meus,
que nunca tevestes por ben
de nunca mi fazerdes ben.
Pero senpre vos soub'amar,
des aquel dia que vos vi,
mays que os meus olhos en mi;
e assy o quis deus guysar,
que nunca tevestes por ben
de nunca mi fazerdes ben.
Des que vos vi, senpr'o mayor
ben, que vos podia querer,
vos quigi, a todo meu poder;
e pero quis nostro senhor
que nunca tevestes por ben
de nunca mi fazerdes ben;
Mays, senhor, a vida cõ ben
se cobraria ben por ben.

129

De muytas coytas, senhor, que levey
des que vos soub'i muy gran ben querer,
par deus non poss'oj'eu mi escolher
end'a mayor; mays per quant'eu passey
de mal en mal, e peyor de peyor,
non sey qual é mayor coyta, senhor.
Tantas coytas levey e padeci
des que vos vi, que non poss'i osmar
end'a mayor, tantas foron sen par;
mays de tod'esto que passou por mi
de mal en mal, e peyor de peyor
non sey qual é mayor coyta, senhor.
Tantas coytas passey del a sazon
que vos eu vi, per bona fé,
que non poss'osmar a mayor qual é;
mays das que passey, se deus me perdon',
de mal en mal, e peyor de peyor
non sey qual é mayor coyta, senhor.

130

Nostro senhor, se averey guysado
de mha senhor mui fremosa veer
que mi nunca fez nenhun prazer
e de que nunca cuyd'aver nen bon grado;
pero filhar lh'ia por galardon
de a veer, se soubesse que non
lh'era tan grave, deus foss'en loado.
Ca mui grã tenp'a que ando coitado
se eu podésse pola hir veer,
ca depois non me pod'escaecer
qual eu vi hu ouv'i deus irado,
ca verdadeyramente des enton
non trago mig'aqueste coraçon,
nen er sey de mĩ parte, nen mandado.
Ca me ten seu amor tan aficado,
des que sse non guysou de a veer,
que non ey en mi força, nen poder,
non dormho ren, nen ey en mi recado;
e porque viv'en tã grã perdiçon
que mi dê morte, peç'a deus perdon,
e perderey meu mal e meu cuydado.

131

Senhor, poys me non queredes
fazer ben, nen o teedes
per guysado,
deus seja por en loado;
mays poys vós mui ben sabedes
o torto que mi fazedes,
gram pecado
avedes de mi coytado.
E poys que vos non doedes
de mĩ, e sol non avedes
en coydado,

en grave dia fui nado;
mays por deus, senhor, seeredes
de mĩ pecador, ca vedes
mui doado
moyr' e de vós non ey grado.
E poys mentes non metedes
no meu mal, nen corregedes
o estado
a que m'avedes chegado,
de me matardes faredes
meu ben, poys m'assy tragedes
estranhado
do ben que ei desejado.
E senhor, sol non pensedes
que pero mi morte dedes,
agravado
ond'eu seya mays pagado.

132

Que grave coyta, senhor, é
a quen sempr'a desejar
o vosso ben que non a par,
com'eu faç', e per boa fé!
se eu a deus mal mereci,
ben sse vinga per vós en mi.
Tal coyta mi dá voss'amor,
e faz me levar tanto mal,
que esto m'é coyta mortal
de sofrer, e poren, senhor,
se eu a deus mal mereci,
ben se vinga por vós en mi.
Tal coyta sofr'a gram sazon
e tanto mal, e tant'afam,
que par de morte m'é de pram;
e, senhor, por esta razon
se eu a deus mal mereci,
ben se vinga per vós en mi.
E quer se deus vingar assy,
como lhi praz, per vós en mi.

133

De mi fazerdes vós, senhor,
ben ou mal, tod' est' en vós é,
e sofrer me per boa fé
o mal; ca o ben, sabedor
sõo que o non ey d'aver;
mays que gram coyt'ade sofrer
quem é coytad'e pecador.
Ca no mal, senhor, vyv'oj'eu
que de vós ey; mays nulha ren
non atendo de vosso ben,
e cuydo senpre no mal meu
que pass', e que ei de passar,
com'aver senpr'a desejar
o muy gran ben que vos deus deu.
E poys que eu, senhor, sofri,
e sofro por vós tanto mal,
e que de vós non atend'al,
en que grave dia naci!
que eu de vós por galardon
non ey d'aver se coyta non
que senpr'ouv'i des que vos vi.

134

Assy me trax coytado
e aficad'amor,
e tan atormentado,
que se nostro senhor
a mha senhor non met' en cor,
que se de mi doa d'amor,
ca averey prazer e sabor.
Ca vyv' en tal cuydado
com' é quen sofre dor,
e de mal afficado
que non pode mayor;
se mi non val a que en forte
ponto vi, ca ja da morte
ey prazer, e nenhun pavor.
E faço mui guysado,
poys sõo servidor
da que mi non dá grado,
querendo lh'eu melhor
c'a mi, nen al, por en
confort' eu non ey ja, se nen
da mort' ende sõo desejador.

135

O gram uic'e o gram sabor,
e o gram conforto que ey,
é porque ben entender sey
que o gram ben de mha senhor
non querrá deus que err' en mi
que a senpr' amey e servi,
e lhi quero c'a min melhor.
Esto me faz alegr'andar
e mi dá confort'e prazer,
cuydand'en como poss'aver
ben d'aquela que non a par;
e deus que lhi fez tanto ben
non querrá que o seu bon sen
err'en mi, quant'é meu cuydar.
E por end'ey no coraçon
mui grã prazer; tal a fez
deus que lhi deo sen e o bon prez
sobre quantas no mundo son,
que non querrá que o bon sen
err'en mi, mays dar.m'ha, cuyd'en
d'ela ben, e bon galardon.

136

Senhor, que de grad'oj'eu querria,
se a deus e a vós prouguesse,
que hu vós estades estevesse
con vosqu'e por esto me terria
por tan ben andante,

que por rey, nen iffante
des ali adeante
non me canbharia.
E sapendo que vos prazeria,
que hu vós morassedes morasse,
e que vos eu viss'e vos falasse,
terria me, senhor, todavya
por tan ben andante
que por rey nen iffante
des ali adiante
non me canbharia.
Ca, senhor, en gran ben vyveria,
se hu vós vivessedes vivesse,
e ssol que de vós est'entendesse
terrya m'en razon, faria
por tan ben andante
que por rey, nen iffante
des ali adiante
non me canbharia.

137

Hunha pastor ben talhada
cuydava en seu amigo,
estava, ben vos digo
per quant'eu vi, mui coytada;
e diss': Oy mays nõ é nada
de fiar per namorado
nunca molher namorada,
poys que m'ho meu a errado.
Ela tragia na mão
hũ papagay mui fremoso
cantando mui saboroso
ca entrava o verão,
e diss': Amigo loução
que faria por amores
poys m'errastes tã en vão,
e ca eu antr'unhas flores.
Huna grã peça do dia
jouv'ali, que non falava,
e a vezes acordava,
e a vezes esmorecia,
e diss': Ay! santa Maria,
que será de mi agora!
e o papagay dizia:
ben, per quant'eu sey, senhora.
Se me queredes dar guarida,
diss'a pastor, di verdade,
papagay, por caridade,
ca morte me est a vida;
diss'el: Senhor conprida
de ben, e non vos queixedes;
ca o que vos a servida,
ergued'olho, e veeloedes.

138

Senhor fremosa, poys no coraçon
nunca posestes de mi fazer ben,
nen mi dar grado do mal que mi ven
por vós, se quer teede por razon,
senhor fremosa, de vos non pesar
de vos veer, se m'ho deus guysar.
Poys vos nunca no coraçon entrou
de mi fazerdes, senhor, senon mal,
nen ar atendo ja mays de vós al,
teede por ben, poys assy passou,
senhor fremosa, de vos non pesar
de vos veer, se m'ho deus guysar.
Poys que vos nunca doeste de mi,
er sabedes quanta coyta passey
por vós, e quanto mal lev' e levey,
teẽde por ben, poys que est' assy,
senhor fremosa, de vos non pesar
de vos veer, se m'ho deus guysar.
E assy me poderedes guardar,
senhor, sen vos mal estar.

139

Nunca vos ousey a dizer
o gram ben que vos sey querer,
senhor d'este meu coraçon;
mays a que m'en vossa prison
de que vos praz de mi fazer.
Nunca vos dixi nulha ren
de quanto mal mi por vós ven,
senhor d'este meu coraçon,
mays a q̃ m'ẽ vossa prison
de mi fazerdes mal ou ben.
Nunca vos ousei a contar,
mal que mi fazedes levar,
senhor d'este meu coraçon,
mays a que m'é vossa prison
de me guarir ou me matar.
E senhor, coyta e al non
me forçou de vos hir falar.

140

Non me podedes vós, senhor,
partir d'este meu coraçon
graves coytas, mays sey que non
mi poderiades tolher
per bona fé nenhun prazer,
ca nunca o eu pud'aver,
desque vos eu non vi, senhor.
Podedes mi partir gran mal,
e graves coytas que eu ey
por vós, mha senhor, mays ben sei,
que me non podedes por ren
tolher prazer, nen hũ ben,
poys end'eu nada nõ ouv'en
desque vos vi, non vi senon mal.
Graves coitas, e grand'afan
mi podedes se vos prouguer
parar mui ben, senhor, mays er
sei que non podedes tolher
e que em mĩ non a prazer
desque vos non pud'y veer,
mays que gran coit' e grand' afan.

141

Poys ante vós estou aqui
senhor d'este meu coraçon
por deus teede por razon,
por quanto mal por vos sofri,
de vos querer de mi doer,
ou de me leixardes morrer.
E poys do mal qu'eu levei
muyt'a vós sodes sabedor,
teede ja por ben, senhor,
por deus, poys tanto mal passey,
de vos querer de mi doer,
ou de me leixardes morrer.
E poys que viv'en coyta tal,
per que o dormir e o sen
perdi, teẽde ja por ben,
senhor, poys tant'é o meu mal,
de vos querer de mi doer
ou de me quererdes valer.

142

Senhor, que mal vos nembrades
de quanto mal por vós levey
e levo, ben o creades,
que par deus ja poder non ey
de tan grave coyta sofrer;
mays deus vos leixe part'aver
da mui gran coyta que mi dades.
E sse deus quizer que ajades
parte de minha coyta, ben sey
pero m'ora desamades,
logu'enton amado serei
de vós, e podedes saber
qual coyta é de padecer
aquesta, de que me matades.
E, senhor, certa sejades,
que des entõ non temerey
coyta que mi dar possades,
e tod'o meu sen cobrarey
que mi vós fazedes perder,
e vós cobrades conhocer
tanto que m'algun ben façades.

143

Amor, en que grave dia vos vi,
poys que tan muyt'a que eu servi
jamays nunca sse quis doer de mi
e poys me tod'este mal per vós ven,
mha senhor, aja ben, poys est' assy,
e vós ajades mal e nunca ben.
En grave dia que vos vi, amor,
poys a de quen senpre foy servidor,
me fez et faz cada dia peyor;
e poys ey por vós tal coyta mortal,
faça deus sempre ben a mha senhor,
e vós, amor, ajades todo o mal.
Pois da mays fremosa de quantas son
non pud'aver se coita non,
e por vós vyv'eu en tal perdiçon,
que nunca dormen estes olhos meus,
mha senhor, aja ben per tal razon,
e vós, amor, ajade mal de deus.

144

Que prazer avedes, senhor,
de mi fazerdes mal por ben,
que vos quig' e quer', e poren
peç'eu tant'a nostro senhor,
que vos mud'esse coraçon,
que m'havedes tan sen razon.
Prazer avedes do meu mal,
pero vos amo mais c'a mi,
e poren peç'a deus assy
que sabe quant'é o meu mal,
que vos mud'esse coraçon,
que m'havedes tan sen razon.
Muyto vos praz do mal que ey,
lume d'aquestes olhos meus,
e por esto peç'eu a deus,
que sab'a coyta que eu ey,
que vos mud'esse coraçon,
que m'havedes tan sen razon;
E sse vol o mudar, enton
poss'eu viver, senon, non.

145

Senhor, que ben parecedes,
se mi contra vós valesse
deus, que vos fez, e quisesse
do mal, que mi fazedes
mi fazessedes enmenda,
e vedes, senhor quejanda,
que vos viss'e vos prouguesse.
Ben parecedes sen falha,
que nunca vyu homem tanto
por meu mal e meu quebranto:
mays, senhor, que deus vos valha,
por quanto mal ey levado
por vós, ajá eu por grado
veer vos si quer ja quanto.
Da vossa gram fremusura
ond'eu, senhor, atendia
grã ben, e grand'alegria,
mi ven gram mal sen mesura:
e poys ei coyta sobeja,
praza vos ja que vos veja
no ano hũa vez d'ũ dia.

146

Senhor fremosa, vejo vos queixar
porque vos am', e no meu coraçon

ey muy gram pesar, se deus mi perdon',
porque vej' end'a vós aver pesar,
e queria m'en de grado quytar,
mays non posso forçar o coraçon
Que mi forçou meu saber e meu sen
desi meteu me no vosso poder,
e do pesar que vos eu vej' aver
par deus, senhor, a mi pesa muyt'en;
e partir m'ia de vos querer ben
mays tolhe m'end' o coraçon poder.
Que me forçou de tal guisa, senhor,
que sen, nen força non ey ja de mi,
e do pesar que vos tomades hy
tom'eu pesar, que non posso mayor,
e queria non vos aver amor,
mays o coraçon pode mays ca mi.

147

Amor fez a mĩ amar
gran temp' a hunha molher
que meu mal quis sempr'e quer,
e me quis e quer matar;
e ben o pode acabar,
poys end'o poder ouver;
mays deus, que sab'a sobeja
coyta que m'ela dá, veja
como vyvo tan coytado,
el mi ponha hy recado.
Tal molher mi fez amor
amar, que ben des enton
non mi deu se coyta non,
e do mal sempr'o peyor;
por end'a nostro senhor
rogu'eu mui de coraçon,
qu'el majud'en a tan forte
coyta, que par m'é de morte,
e ao grã mal sobejo,
com que m'oj eu morrer uejo.
A mi fez gram ben querer
amor hũa molher tal,
que senpre quis o meu mal,
e a quen praz d'eu morrer;
e poys que o quer fazer,
non poss' eu fazer hi al;
mays deus que sab' o gram torto
que mi ten, mi dê cõhorto
a este mal sen mesura,
que tanto comigo dura.
Amor fez a mi gran ben
querer tal molher, ond' ei
senpre mal, e averey;
ca en tal coyta me ten,
que non ey eu força, nen sen:
poren rogu' e rogarey
a deus, que sabe que vivo
en tal mal, e tan esquivo,
que me queira dar guarida
de mort', ou de melhor vida.

148

Punh'eu, senhor, quanto poss'eu quyt[ar]
d'en vós cuydar este meu coraçon,
que cuyda sempr'en qual vos vi, mays non
poss'eu per ren, nen mi, nen el forçar,
que non cuyde senpr'en qual vos eu vi;
e por esto non sey oj'eu de mi
que faça, nen me sey conselh'i dar.
Non pudi nunca partir de chorar
estes mèus olhos ben del a sazon
que vos virõ, senhor, ca des enton,
quis deus assy que vol hi foy mostrar,
que non podess' o coraçon desy
partir d'en vós cuydar, e vyv' assy
sofrendo coyta tal, que non a par.
E mha senhor, hu senpr'ey de cuyda[r]
no mayor ben dos que no mundo son
qual est' o vosso, ey muy gram razon;
poys non poss' end' o coraçon tirar
de viver en camanho mal vivi,
desque vos eu por meu mal conhoci,
e d'aver sempr'a mort' a desejar.

149

De mi valerdes seria, senhor,
mesura, por quant a que vos servi,
mays poys vos praz de non seer assy,
e do mal ey de vós sempr' o peyor,
veed'ora se seria melhor,
como vos praz de me leixar morrer,
de vos prazer de mi querer valer.
De mi valerdes, senhor, nulha ren
non errades, poys vos sei tant'amar
como vos am', e poys vos é pesar
e sofr'eu mal de que moyr' e poren
veed' agora se seria ben,
como vos praz de mi leixar morrer,
de vos prazer de mi querer valer.
De mi valerdes era mui mester,
porque perco quanto vos direy
o corpo e deus, e nunca vos errey,
e pero praz vos do meu mal mays, er
veedes se é ben, e se vos prouguer,
como vos praz de mi leixar morrer,
de vos prazer de mi querer valer.
De mi valerdes, deus non mi perdon',
se vós perdedes do vosso bon prez,
poys vos tant' am' e por deus què vos fez
valer mays de quantas no mundo son,
ved' agora se é razon
como vos praz de mi leixar morrer,
de vos prazer de mi querer valer.
E poys, senhor, en vós é o poder,
par deus quered' o melhor escolher.

150

Vy oj' eu cantar d'amor
en hũ fremoso virgeu,

hunha fremosa pastor
que ao parecer seu
ja mays nunca lhi par vi;
e poren dixi lh' assy:
Senhor por vosso vou eu.
Tornou sanhuda enton,
quando m'est' oyu dizer,
e diss': Ide vos varon;
quen vos foy aqui trager,
para m'irdes d'estorvar
d'u dig'aqueste cantar
que fez quen sey ben querer?
Poys que me mandades hir,
dixi lh'eu, senhor, hir m'ey;
mays ja vos ei de servir,
sempre por voss' andarey;
ca voss' amor me forçou
assy, que por vosso vou,
cujo senpr' eu já serey.
Diz ela: Non vos ten prol
esso que dizedes, nen
mi praz de o oyr, sol
ant' ey noj' e pesar en,
ca meu coraçon non é,
nen será per boa fé,
senon nõ quero ben.
Nen o meu, dixi lh'eu já,
senhor, non se partirá
de vós, por cujo s'el ten.
O meu, diss' ela, será,
hu foy sempre, hú está,
e de vós non curo ren.

151

Quand'eu ben meto femença
en qual vos vej' e vos vi
des que vos eu conhoci,
deus que non mente mi mença,
senhor, se oj' eu sey ben
que semelh' o voss'en ren.
Quand'eu a beldade vossa
vejo, que vi por meu mal,
deus qu'a coytados val
a mi nunca ualer possa,
senhor, se oj' eu sey ben
que semelh'o voss'en ren;
E quen o assy non ten,
non vos vyu, on non a sen.

152

Senhor, aquel que sempre sofre mal,
mentre mal a, non sabe que é ben,
e o que sofre ben sempre' outro tal,
do mal non pode saber nulha ren;
pero en querede poys que eu, senhor,
por vós fui sempre de mal sofredor,
que algun tempo sabha que é ben.
Ca o ben, senhor, non poss'eu saber
senon per vós, per quen eu o mal sei,
desy o mal non o posso perder
se per vós non, e poyl o ben non ey
quered'ora, senhor, qual por deus já
que en vós pos quanto ben no mund'a,
que o ben sabha, poys que non sey.
Ca se non souber algũa sazon
o ben per vós, per quen eu mal sofri,
non tenh'eu ja hy se morte non,
e vos perdedes mesura en mi;
poren querede por deus que vos deu
tã muyto ben, que per vós sabha eu
o ben, senhor, por quanto mal sofri.

153

Senhor, en tan graue dia
vos vi, que non poderia
mays, e por santa Maria
que vos fes tan mesurada,
doede vos algũ dia
de mi, senhor ben talhada.
Poys sempre a en uós mesura,
e todo ben e cordura,
que deus fez en vós feytura
qual non fez en mulher nada,
doede-vos por mesura
de mi, senhor ben talhada.
E por deus, senhor, tomade
mesura por gram bondade
que vos el deu, e catade
qual vida vyvo coytada,
e algũ doo tomade
de mi, senhor ben talhada.

154

Por deus, senhor, poys per vós non ficou
de mi fazer ben, e ficou per mi,
tẽede por ben, poys assy passou,
en galardon de quanto vos servi
de mi teer puridade, senhor,
e eu a vós, ca est' é o melhor.
Non ficou per vós de mi fazerdes ben,
e de deus ajades bon galardon,
mays a minha mingua foi grand', e poren
por mercee tẽede por razon
de me teer puridade, senhor,
e eu a vós, ca est' é o melhor.
Sempre vos d'esto bon grado darey,
mays eu mingu'ey en loor e en prez
como deus quis, mays assy passou
praza vós, senhor, por qual vos el fez
de me teer puridade, senhor,
e eu a vós, ca est' é o melhor.
Ca non tiro eu, nen vós prez, nen loor
d'aqueste preyto se sabudo for.

155

Senhor, eu vyvo coytada
vida, des quando vos non vi;
mays poys vós queredes assy,
por deus, senhor ben talhada,
querede vos de mĩ doer,
ou ar leixade m'ir morrer.
Por deus, mha senhor fremosa,
vos sodés tan poderosa
de mĩ, que meu mal e meu ben
en vós é tod'e poren
querede vos de mi doer
ou ar leixade m'ir morrer.
Eu vyvo por vós tal vida,
que nunca estes olhos meus
dormẽ, mha senhor, e por deus
que vos fez de ben conprida,
querede vos de mi doer
ou ar leixade m'ir morrer;
Ca, senhor, todo m'é prazer
quant'i vos quiserdes fazer.

Em esta ffolha adeante sse começã as CANTIGAS D'AMIGO que o muy respeitable Dom Denis de Portugal fex.

156

Ben entendi, meu amigo,
que mui gram pesar ouvestes
quando falar non podestes
vós n'outro dia comigo;
mays certo seed', amigo,
que non foy o vosso pesar,
que s'ao meu podess'iguar.
Mui ben soub'eu por verdade
que erades tan cuytado
que non avya recado;
mays, amigo, a cá tornade,
sabede ben por verdade,
que non foy o vosso pesar,
que s'ao meu podess'iguar.
Ben soub', amigo, por certo
que o pesar d'aquel dia
vosso que par non avya,
mays pero foy encuberto;
e poren seede certo
que non foy o vosso pesar,
que s'ao meu podess'iguar;
Ca o meu non se pod' osmar,
nen eu non o pudi negar.

157

Amiga, muyt'a gram sazon
que se foy d'aqui cõ el rey
meu amigo; mays ja cuydey
mil vezes no meu coraçon
que algur morreu com pesar,
poys non tornou migo falar.
Porque tarda tan muyto lá,
e nunca me tornou veer,
amiga, si veja prazer,
mays de mil vezes cuydei já
que algur morreu con pesar,
poys non tornou migo falar.
Amiga, o coraçon seu
era de tornar ced' aqui
hu visse os meus olhos; en mi
e por en mil vezes cuyd'eu,
que algur morreo com pesar,
poys non tornou migo falar.

158

Que trist'oj' é meu amigo,
amiga, no seu coraçon,
ca non pode falar migo,
nen veer-m'; e faz gram razon
meu amigo de trist' andar,
poys m'el non vyr, e lh'eu nenbrar.
Trist'anda, se deus mi valha,
ca me non vyu e dereyt'é
e por esto faz sen falha
mui gram razon per boa fé
meu amigo de trist' andar,
poys m'el non vyr, e lh'eu nenbrar.
D'andar triste faz guisado,
ca o non vi, nen vio el mi,
nen er oyu meu mandado;
e poren faz grand dereyt' i
meu amigo de trist' andar,
poys m'el non vyr, e lh'eu nenbrar,
Mays, deus, como pode durar
que ja non moireo com pesar?

159

Dos que ora son na oste,
amiga, queria saber
se se verran tard' ou toste;
por quanto vos quero dizer
porque é lá meu amigo.
Queria saber mandado
dos que a lá son, ca o non sey,
amiga, par deus de grado
por quanto vos ora direy
por que é lá meu amigo.
E queredes que vos diga,
se deus bon mandado mi dê,
queria saber, amiga,
d'eles novas, vedes por que;
por que é lá meu amigo,
Ca por al non vol o digo.

160

Que muyt' a ja que non vejo
mandado do meu amigo,

pero, amiga, pos migo
ben aqui hu m'ora sejo,
que logo m'envyaria
mandado, ou s'ar tornaria.
Muyto mi tarda sen falha
que non vejo seu mandado,
pero ouve m'el jurado
ben aqui, se deus mi valha,
que logo m'envyaria
mandado ou s'ar tornaria.
E que vos verdade diga
el s'eve muyto chorando
er s'eve por mi jurando
hu m'agora sej' amiga,
que logo m'envyaria
mandado, ou s'ar tornaria.
Mays poys non ven, nen envya
mandad', é mort', ou mentia.

161

Chegou m'ora aqui recado,
amiga, do voss' amigo,
e aquel que falou migo
diz mi que é tan cuytado,
que por quanta press'avedes,
já o guarir non podedes.
Diz que oje tercer dia
ben lhi pert'irades morte,
mays ouv' el coyta tan forte,
e tan coytad' er jazia,
que por quanta press'avedes
já o guarir non podedes.
Con mal que lhy vós fezestes
jurou, mh'amiga fremosa,
que pero vós poderosa
fostes d'el quanto quisestes,
que por quanta press'avedes
já o guarir non podedes;
E gran perda per fazedes
hu tal amigo perdedes.

162

O meu amig', amiga, non quer' eu
que aja grã pesar, nem grã plazer,
e quer' eu este preyt' assy trager
com'a erro notando no feyto seu
ca o nõ quero guarir, nem o matar,
nen o quero de mi desasperar.
Ca se lh'eu amor mostrasse, ben sei
que lhi seria end'a tan grã ben,
que lh'aviam d'entender por en
qual ben mi quer, e poren esto farey,
ca o non quero guarir, nen o matar,
nen o quero de mi desasperar.
E se lhi mostrass' algun desamor,
non sse podia guardar de morte
tant' averia en coyta forte:
mays por eu non errar end' o melhor,
ca o non quero guarir, nen o matar,
nen o quero de mi desasperar,
E assi sse pode seu tempo passar,
quando con prazer, quando con pesar.

163

Amiga, bon grad' aja deus
do meu amigo que a mi ven,
mays podedes creer mui ben,
quando o viir dos olhos meus,
que possa aquel dia veer,
que nunca vi mayor prazer.
Ajades ende bon grado
porque o faz viir aqui,
mays podedes creer per mi,
quand' eu vir o namorado,
que possa aquel dia veer
que nunca vi mayor prazer.

164

Vós, que vos en vossos cantares, meu
amigo chamades, creede ben,
que non dou eu por tal enfinta ren;
e por aquesto, senhor, vos mand'eu
que ben quanto quiserdes des aqui,
fazer façades enfinta de mi.
Ca demo lev'essa ren que eu der por
enfinta fazer, e mentir al
de mi, ca me non monta ben, nen mal;
e por aquesto vos mand'eu, senhor,
que ben quanto quiserdes des aqui,
fazer façades enfinta de mi.
Ca mi non tolh'a mi ren, nen mi dá
de s'enfinger de mi mui sen razon
ao que eu nunca fiz se mal non;
e poren, senhor, vos mand'ora ja
que ben quanto quiserdes desaqui
fazer façades enfinta de mi:
Estade com'estades de mi
e enfingede vos ben desaqui.

165

Roga m'oje, filha, o vosso'amigo
muyt' aficado, que vos rogasse,
que de vos amar non vos pesasse;
e poren vos rogu' e vos castigo
que vos non pes de vos el ben querer,
mays non vos mand'i, filha, mays fazer.
Eu m'estava en vós falando,
e m'esto que vos digo rogava,
doy me d'el, tã muyto chorava;
e poren, filha rogu' e mando,
que vos non pes de vos el ben querer;
mays non vos mand' y, filha, mays fazer.
Ca de vos el amar de coraçon
non vej' eu ren de que vos hi percades,
sen hi mays aver, mais guaanhades:

e por esto pol a mha beençon,
que vos non pes de vos el ben querer,
mays non vos mand'y, filha, mays fazer.

166

Pesar mi fez meu amigo,
amiga, mays sey eu que non
cuydou el no seu coraçon
de mi pesar; ca vos digo,
que ant'el queria morrer,
c'a mi sol hũ pesar fazer.
Non cuydou que mi pesasse
do que fez, ca sei eu muy ben,
que do que foy, non fora ren,
poren sey, se en cuydasse,
que ant'el queria morrer,
c'a mi sol hũ pesar fazer.
Feze-o por encuberta,
ca sey que se fora matar,
ante que a mi fazer pesar;
e por esto sõo certa
que ant'el queria morrer,
c'a mi sol hũ pesar fazer.
Ca de morrer, ou de viver
sab' el ca x'é no meu poder.

167

Amigas, sey eu ben d'unha molher
que se trabalha de vosco buscar
mal a voss'amigo pol o matar;
mays tod' aquest', amiga, ela quer,
porque nunca con el pode poer
que o podesse por amig' aver.
E busca lhi convosco quanto mal
ela mays pode, aquesto sei eu,
e tod' aquest' ela faz pelo seu
é por este preyt', e non por al;
porque nunca con el pode poer
que o podesse por amig' aver.
Ela trabalha se a gran sazon
de lhi fazer o vosso desamor
aver, e a ende muy grã sabor;
e tod' est', amiga, non é senon,
porque nunca con el pode poer
que o podesse por amig' aver.
Por esto faz ela seu poder
para fazelo convosco perder.

168

Bon dia vi, amigo,
poys seu mandad' ey migo,
louçana.
Bon dia vi, amado,
poys migu' ey seu mandado,
louçana.
Poys seu mandad' ey migo,
rogu'eu a deus e digo
louçana.
Poys migo ey seu mandado,
rogu'eu a deus de grado
louçana.
Rogu'eu a deus e digo
por aquel meu amigo,
louçana.
Por aquel meu amigo,
que o veja comigo,
louçana.
Por aquel namorado,
que fosse já chegado,
louçana.

169

Non chegou, madr', o meu amigo,
e oj' est o prazo saydo;
ay! madre, moyro d'amor.
Non chegou, madr', o meu amado,
e oj'est o prazo passado;
ay! madre, moyro d'amor.
E oj' est o prazo saydo,
por que mentiu o desmentido,
ay! madre, moyro d'amor.
E oj' est o prazo passado,
por que mentiu o perjurado,
ay! madre, moyro d'amor.
E porque mentiu o desmentido
pesa mi, poys per si é falido,
ay! madre, moyro d'amor.
Porque mentiu o perjurado
pesa mi, poys mentiu por seu grado,
ay! madre, moyro d'amor.

170

De que morredes, filha, a do corpo velido?
madre, moyro d'amores, que mi deu meu amigo
alva e vay liero.
De que morredes, filha, a do corpo louçano?
madre, moyro d'amores que mi deu meu amado;
alva e vay liero.
Madre, moyro d'amores que mi deu meu amigo
quando vej'esta cinta que por seu amor cinjo;
alva e vay liero.
Madre, moyro d'amores que mi deu meu amado
quando vej'esta cinta que por seu amor trago
alva e vay liero.
Quando vej'esta cinta que por seu amor cinjo
e me nembra, fremosa, como falou cõmigo;
alva e vay liero.
Quando vej'esta cinta que por seu amor trago,
e me nembra, fremosa, como falamos ambos;
alva e vay liero.

171

— Ay flores! ay flores do verde pyno,
se sabedes novas do meu amigo!
ay deus! e hu é?
Ay flores! ay flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado!
ay deus! e hu é?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquel que mentiu do que pos comigo!
ay deus! e hu é?
Se sabedes novas do meu amado,
aquel que mentiu do que mha jurado!
ay deus! e hu é?
«Vós me perguntades polo voss'amado?
e eu ben vos digo que é viv' e sano;
ay deus! e hu é?
E eu ben vos digo que é san'e vyvo,
e será vosco ant'o prazo saydo;
ay deus! e hu é?
E eu ben vos digo que é vyv'e sano,
e será vosco ant'o prazo passado;
ay deus! e hu é?

172

Levantou s'a velida,
levantou s'alva,
e vay lavar camysas
en o alto;
vay las lavar, alva.
Levantou s'a louçana,
levantou s'alva,
e vay lavar delgadas
en o alto;
vay las lavar, alva.
Vay lavar camisas,
levantou s'alva,
o vento lh'as desvya
en o alto;
vay las lavar, alva.
E vay lavar delgadas,
levantou s'alva,
o vento lh'as levava
en o alto;
vay las lavar, alva.
O vento lh'as desvya
levantou s'alva,
meteu s'alva en hira
en o alto;
vay las lavar, alva.
O vento lh'as levava,
levantou s'alva,
meteu s'alva en sanha
en o alto;
vay las lavar, alva.

173

Amigu'e, meu amigo, valha deus,
vede la frol do pinho,
e guisade d'andar.
Amigu'e meu amado, valha deus,
vede la frol do ramo,
e guisade d'andar.
Vede la frol do pinho, valha deus,
selad' o bayoninho,
e guisade d'andar.
Vede la frol do ramo, valha deus,
selad' o bel cavalo,
e guisade d'andar.
Selad'o bayoninho, valha deus,
treyde vos, ay amigo,
e guisade d'andar.

174 (VID. 116)

O voss'amigo tan de coraçon
pon ele en vós seus olhos, e tã ben,
par deus amiga que non sey eu quen
o verá, que non entenda que non
pod'el poder aver d'aver prazer
de nulha ren, senon de vos veer.
E quen ben vir com'el seus olhos pon
en vós, amiga, quand'ante vós ven,
se xi non for muy minguado de sen,
entender pod'er d'el muy ben que non
pod'el poder aver d'aver prazer
de nulha ren, senon de vos veer.
E quand'el ven hu vós sodes, razon
quer el catar que s'encobra, e ten
que s'encobre, pero non lhi val ren;
ca nos seus olhos entende que non
pod'el poder aver d'aver prazer
de nulha ren, senon de vos veer.

175

Com'ousará parecer ante mi
o meu amigo, ay amiga, por deus!
e com'ousará catar estes meus
olhos, se o deus trouxer per aqui,
poys tam muyt'a que non veo veer
mi, e meus olhos, e meu parecer?
Amiga, ou como s'atreverá
de m'ousar sol dos seus olhos catar,
se os meus olhos vir hũ pouc'alçar,
ou no coraçon como o porrá,
poys tan muyt'a que non veo veer
mi, e meus olhos, e meu parecer?
Ca sey que non terrá el por razon,
como quer que m'aja mui grand'amor,
de m'ousar veer, nen chamar senhor,
nen sol non o porrá no coraçon,
poys tan muyt'a que non veo veer
mi, e meus olhos, e meu parecer.

176

—En grave dia, senhor, que vos oy
falar, e vos viron estes olhos meus.
«Dized'amigo, que poss'eu fazer hi
en aqueste feyto, se vos valha deus.
—Faredes mesura contra mi senhor?
«Farey, amigo, fazend'eu o melhor.
—Hu vos en tal ponto eu oy falar,
senhor, que non pudi depoys ben aver;

«Amigo, quero vos ora perguntar
que mi digades o que poss'y fazer?
— Faredes mesura contra mi senhor?
«Farey, amigo, fazend'eu o melhor.
—Des que vos vi e vos oy falar non
vi prazer, nen dormi, nen folguei.
«Amigo, dizede, se deus vos perdon',
o qu'eu hi faça, ca eu non o sey.
— Faredes mesura contra mi senhor?
«Farey, amigo, fazend'eu o melhor.

177

Amiga, faço me maravilhada
como póde meu amigo viver
hu os meus olhos non poden veer,
ou como pod'a lá fazer tardada;
ca nunca tan gram maravilha vi,
poder meu amigo viver sen mi,
e par deus é cousa mui desguisada.
Amiga, estad'ora calada
hun pouco, e leixad'a mi dizer:
per quant' eu sey cert'e poss'entender
nunca no mundo foy molher amada,
cómo vós de voss'amig', e assy
se el tarda sol non é culpad'i,
se non eu quer'en ficar por culpada.
Ay amiga, eu ando tan coytada,
que sol non poss'en mi tomar prazer,
cuydand'eu como sse pode fazer,
que non é já comigo de tornada;
e par deus porque o non vej'aqui,
que é morto gram sospeyta tom', e
ss'é mort'en mal dia eu fuy nada.
Amiga fremosa e mesurada,
non vos digu'eu que non pode seer
voss'amigo, poys hom'é, de morrer;
mays par deus, non seiades sospeytada
d'outro mal d'el, ca desquand'eu naci
nunca d'outr'ome tan leal oy
falar, e quen end'al diz, non diz nada.

178

O voss'amigo, amiga, vi andar
tam coytado que nunca lhi vi par,
que adur me podia ja falar;
pero quando me vyu, disse m'assy:
ay senhor! hyd'a mha senhor roguar
por deus que aja já mercee de mi.
El andava triste mui sen sabor
como quen é tã coytado d'amor
e perdudo o sen e a color,
pero quando me vyu, disse m'assy:
ay! senhor, ide roguar mha senhor,
por deus que aja mercee de mi.
El, amiga, achei eu andar tal
como morto, ca é descomunal
o mal que sofr'e a coyta mortal;
pero quando me vyu disse m'assy:
senhor, rogad'a senhor do meu mal
por deus que mercee aja de mi.

179

«Amigo, queredes vos hir?
— Si, mha senhor, ca non poss'al
fazer, ca seria meu mal,
e vosso; por end'a partir
mi conven d'aqueste loguar,
mays que gran coyta d'endurar
me será poys me sen vós vir.
«Amigu', e de mi que será?
— Ben: senhor bõa e de prez,
e poys m'eu for d'aquesta vez,
o vosso mui ben sse passará;
mays morte m'é de m'alongar
de vós, e hir m'alhur morar,
mays poys é vos uma vez cá.
«Amigu'eu sen vós morrerey.
— Non o querra deus esso senhor;
mays poys hu vós fordes non for
o que morrerá eu serey;
mays quer'eu ant'o meu passar,
ca assy do voss'aventurar,
ca eu sen vós de morrer ey.
«Queredes m'amigo matar?
— Non mha senhor; mays por guardar
vós, mato mi que m'ho busquey.

180

«Dizede por deus, amigo,
tamanho bem me queredes
como vós a mi dizedes?
— Sy, senhor, e mays vos digo,
non cuydo que oj'ome quer,
tam gram ben no mund'a molher.
«Non creo que tamanho ben
mi vós podessedes querer
camanh'a mi ides dizer.
— Sy, senhor, e mays direy en:
non cuydo que oj'ome quer
tam gram ben no mund'a molher.
«Amigu'eu non vos creerey
s'é que dev'a nostro senhor,
que m'avedes tan gram amor.
— Sy, senhor, e mays vos direy:
non cuydo que oj'ome quer
tam gram ben no mundo'a molher.

181

Non poss'eu, meu amigo,
con vossa soydade
viver, ben volo digo,
e por esto morade,
amigo, hu mi possades
falar, e me vejades.

Non poss'hu vos non vejo
viver, ben o creede,
tan muyto vos desejo,
e por esto vivede,
amigo, hu mi possades,
falar, e me vejades.
Naci en forte ponto,
e, amigo, partide
o meu gran mal sen conto,
e por esto guaride,
amigo, hu mi possades,
falar, e me vejades.
Guarrey, ben o creades,
senhor, hu me mandades.

182

Por deus, amigo, quen cuydaria
que vós nunca ouvessedes poder
de tam longo tempo sen mi viver?
e des oy mays, par santa Maria,
nunca molher deve, ben vos digo,
muyt'a creer per juras d'amigo.
Dissestes m'hu vos de mi quitastes:
log'aqui serey con vosco, senhor,
e jurastes mi polo meu amor;
e des oy mays, poys vos perjurastes,
nunca molher deve, ben vos digo,
muyt'a creer per juras d'amigo.
Jurastes m'enton muyt'aficado
que logo, logo sen outro tardar
vos queriades para mi tornar:
e des oy mays, ay meu perjurado!
nunca molher deve, ben vos digo,
muyt'a creer per juras d'amigo.
E assy farey eu, ben vos digo,
por quanto vós passastes comigo.

183

O meu amigo a de mal assaz
tant',amiga, que muyto mal per é
que no mal non a mays, per boa fé;
e tod'aquesto vedes que lh'o faz
porque non cuyda de mĩ ben aver,
viv'en coyta coytado por morrer.
Tanto mal sofro, si deus mi perdon',
que já eu, amiga, d'el doo ey,
e per quanto de ssa fazenda sey,
tod'este mal é por esta razon:
porque non cuyda de mĩ ben aver,
viv'en coyta coytado por morrer.
Morrerá d'esta hu non pod'aver al,
que toma en sy tamanho pesar
que sse non pode de morte guardar;
e, amiga, ven lhi tod'este mal
porque non cuyda de mĩ ben aver,
viv'en coyta coytado por morrer.
Ca se cuydasse de mĩ ben aver,
ant'el queria vyver, c'a morrer.

184

Meu amigo, non poss'eu guarecer
sen vós, nen vós sen mi, e que será
de vós! mais al deus que end'o poder a
lhi rogu'eu que el querra escolher
por vós, amigo, e des y por mi,
que non moyrades vós, nen eu assy
Como morremos; ca non a mester,
de tal vida avermos de passar,
ca mays nos valeria de nos matar;
mays deus escolha, se a el prouguer,
por vós, amigo, e desy por mi
que non moyrades vós, nen eu assy
Como morremos; ca en a mayor
coyta do mundo, e en a mays mortal
vivemos, amigo, e no mayor mal;
mays deus escolha como bon senhor
por vós, amigo, e desy por mi
que non moyrades vós, nen eu assy
Como morremos; ca per boa fé
mui gram temp'a que este mal passou
por nós e passa, e muyto durou;
mays deus escolha como quen ele é
por vós, amigo, e desi por mi
que non moyrades vós, nen eu assy
Como morremos; e deus ponha hi
conselh', amigo, a vós e a mi.

185

Que coyta ouvestes, madr'e senhor,
de me guardar que non possa veer
meu amigu'e meu ben, e meu prazer;
mays se eu posso, par nostro senhor,
que o veja, e lhi possa falar,
guisar lh'ey, e pes a quen pesar.
Vós fezestes tod'o vosso poder,
madr'e senhor, de mi guardar que non
visse meu amigu', e meu coraçon;
mays se eu posso a tod'o meu poder
que o veja, e lhi possa falar,
guisar lh'ey, e pes a quen pesar.
Mha morte quisestes, madr', e non al,
quant'aguisastes que per nulha ren
eu non viss'o meu amigu'e meu ben;
mays se eu posso hu non pod'aver al
que o veja, e lhi possa falar,
guisar lh'ey, e pes a quen pesar.
E sse eu, madr',esto poss'acabar,
o al passe, como poder passar.

186

Amigu', e fals'e desleal,
que prol a de vos trabalhar
de na mha mercee cobrar,
ca tanto o trouxeste mal,
que non ey de vos ben fazer
pero m'eu quisesse poder.

Vós trouxestes o preyt'assy
como quen non é sabedor
de ben, nen de prez, nen d'amor,
e porẽ creede por mi
que non ey de vos ben fazer
pero m'eu quisesse poder.
Caestes en tal cajon
que sol conselho non vos sey,
ca já vos eu desemparey
en guisa, se deus mi perdon',
que non ey de vos ben fazer
pero m'eu quisesse poder.

187

Meu amigo ven oj'aqui,
e diz que quer migo falar,
é sab'el que mi faz pesar,
madre, poys que lh'eu defendi,
que non fosse per nulha ren
per hu eu foss', e ora ven
Aqui; e foy pecado seu
de sol poner no coraçon,
madr',e passar mha defenson;
ca sab'el que lhi mandey eu
que non fosse per nulha ren
por hu eu foss', e ora ven
Aqui; hu eu con el faley
perante vós, madr'e senhor,
e oy mays perd'o meu amor
poys lh'eu defendi, e mandey
que non fosse per nulha ren
por hu eu fosse, e ora ven
Aqui, madre; e poys fez mal sen
dereyt'é que perca meu ben.

188

Quisera vosco falar de grado,
ay meu amigu'e meu namorado,
mays non ous'oj'eu con vosc'a falar
ca ey muy grã medo do hirado,
hirad'aja deus quen me lhi foy dar.
En cuydados de mil guysas travo
por vos dizer o con que m'agravo,
mays non ous'oj'eu convosc'a falar,
ca ey mui gram medo do mal bravo;
mal brav'aja deus quen me lhi foi dar.
Gran pesar ey, amigo, sofrudo
por vos dizer meu mal ascondudo,
mays non ous'oj'eu comvosc'a falar;
ca ey mui gram medo do sanhudo;
sanhud'aja deus quen me lhi foy dar.
Senhor de meu coraçon, cativo
sodes em eu viver con quen vivo,
mays non ous'oj'eu convosc'a falar;
ca ey mui gram medo do esquivo,
esquiv'aja deus quen me lhi foy dar.

189

Vy vos, madre, con meu amig'aqui
oje falar, e ouv'en gran prazer
porque o vi de cabo vós erguer
led'e tenho que mi faz deus ben hi,
ca poys que s'el ledo partiu d'aquen
non pode seer senon por meu ben.
Ergueu-se ledo e rio já, o que
mui gram temp'a qu'el non fez,
mays poys já esto passou esta vez,
fiqu'end'eu leda, se deus ben me dê,
ca poys que s'el ledo partiu d'aquen
non pode seer senon por meu ben.
El pos os seus olhos nos meus enton,
quando vistes que xi vos espediu,
e tornou contra vós led'e riio;
e por end'ey prazer no coraçon,
ca poys que s'el ledo partiu d'aquen
non pode seer senon por meu ben.
E pero m'eu da fala non sey ren,
de quant'eu vi, madr', ey gram prazer en.

190

Gran temp'a, meu amigo, que non quis deus
que vos veer podesse dos olhos meus,
e non pon con tod'esto en mi os seus
olhos, mha madr'amigu'; e poys est assy,
guysade de nos hirmos, por deus, d'aqui,
e faça mha madr'o que poder deshy.
Non vos vi a gram tempo, nen sse guysou,
ca o partiu mha madr'a quen pesou
d'aqueste preyt'e pesa, e mi guardou,
que vos non vyss'amigu'; e poys est assy
guysade de nos hirmos, por deus, d'aqui,
e faça mha madr'o que poder deshy.
Que vos non vi a muyto, e nulha ren
non vi des aquel tempo de nenhũ ben,
ca o partiu mha madr', e fez poren
que vos non vyss'amigu'; e poys est assy
guysade de nos hirmos, por deus d'aqui,
e faça mha madr'o que poder deshy:
E se non guisardes mui ced'assy,
matades vos, amigu'e matades mi.

191

Valer vos hya, amigo, se oj'en
ousasse, mais vedes quen
m'o tolhe, d'aquest'e non al,
mha madr'é, que vos a mortal
desamor, e con este mal
de morrer non me pezaria.
Valer-vos-hya, deus, meu ben,
se eu ousasse, mays vedes quen
me tolhe de vos non valer:
mha madr'é que end'a poder
e vos sabe gram mal querer,
e por en mha morte queria.

192

Para veêr meu amigo
que talhou preyto comigo,
alá vou, madre.
Pera veer meu amado
que mig'a preyto talhado,
alá vou, madre.
Que talhou preyto comigo
e por esto que vos digo:
alá vou, madre.
Que mig'a preyto talhado
e por esto que vos falo,
alá vou, madre.

193

Chegou mh'amigá recado
d'aquel que quero gram ben,
que poys que viu meu mandado
quanto pode viir, ven;
e and'eu leda poren,
e fazo muyt'aguysado.
El ven por chegar coytado
ca sofre grã mal d'amor,
et anda muyt'alongado
d'aver prazer, nẽ sabor,
senon ali hu eu for
hu é todo seu cuydado.
Por quanto mal a levado,
amiga, razon farey
de lhi dar eu d'algun grado,
poys ven como lh'eu mandey,
e logu'el será, ben sey,
do mal guarid'e cobrado,
E das coytas que lh'eu dey
des que foy meu namorado.

194

De morrerdes por mi gram dereyt'é,
amigo, ca tanto paresqu'eu ben,
que d'esto mal grad'ayades vos en
e deus bon grado, ca per boa fé
non é sen guisa de por mi morrer
quem mui ben vyr este meu parecer.
De morrerdes por mi non vos dev'eu
boǹ grado poer, ca esto fará quen quer,
que b́en cousir parecer de molher,
e pois mi deus este parecer deu,
non é sen guisa de por mi morrer
quen muy ben vyr este meu parecer.
De vos por mi amor assy matar
nunca vos d'esto bon grado darey,
e, meu amigo, mays vos eu direy:
poys me deus quis este parecer dar,
non é sen guisa de por mi morrer
quen muy ben vyr este meu parecer,
Que mi deos deu, e podedes creer
que non ey ren que vos hi gradecer.

195

Mha madr'é velyda,
vou m'a la baylia
do amor.
Mha madr'é loada,
vou m'a la baylada
do amor.
Vou m'a la baylia
que fazen en vila,
do amor.
Que fazen en vila
do que eu ben queria
do amor.
Que fazen en casa
do qu'eu muyt'amava
do amor.
Do qu'eu ben queria,
chamar m'ã garrida
do amor.
Do qu'eu muyt'amava,
chamar m'ã perjurada
do amor.

196

Coytada vyv', amigo, porque vos non vejo,
e vós vyvedes coytad'e cõ grã desejo
de me veer, e mi falar, e poren sejo
senpr'en coyta tan forte,
que non m'é senon morte,
com'é que viv'amigo en tam gram desejo?
Por vos veer, amigo, vyv'en tã coytada,
e vós por me veer, que oy mays non é nada
a vida que fazemos; e maravilhada
sõo de como vivo
sofrendo tan esquivo
mal, ca mays valeria de non seer nada.
Por vos veer, amigo, non sey quẽ sofresse
tal coyta, qual eu sofr'e vós que non morresse;
e con aquestas coitas eu quen non nacesse,
non sey de mĩ que seja,
e da mort'ey enveja
a tod'ome ou molher, que ja moresse.

197

O voss' amig', ay amiga,
de que vós muyto fiades,
tanto quer'eu que sabhades
que hũa que deus maldiga
volo ten louco e tolheyto,
e moyr' end'eu con despeyto.
Non ey ren que vos asconda,
nen vos será encoberto,
mays sabede ben por certo,
que hũa que deus confonda
volo ten louco e tolheyto,
e moyr'end'eu con despeyto.
Non sey molher que sse pague
de lh'outras o seu amigo

filhar, e poren vos digo
que hũa que deus estrague,
volo ten louco e tolheyto
e moyr' end' eu con despeyto.
E fazo muy grã dereyto,
poys quero vosso proveyto.

198

Ay! fals'amigu'e sen lealdade,
ora vej'eu a gram falsidade
con que mi vós a grã temp'andastes;
ca d'outra sey eu já por verdade
a quen vós a tal pedra lançastes.
Amigo fals' e muyt'encuberto,
ora vej'eu o grã mal perto
con que mi vós a gram temp'andastes;
ca d'outra sey eu já ben por certo
a quen vós a tal pedra lançastes.
Ay, fals'amigu'eu non me temia,
do gram mal, e da sabedoria
com que mi vós a gran temp'andastes;
ca d'outra sey eu que o ben sabia,
a quen vós a tal pedra lançastes;
E de colherdes, razon seria,
da falsidade que semeastes.

199

Meu amigu'u eu sejo
nunca perco desejo
se non quando vos vejo:
e poren vivo coytada
con este mal sobejo
que sofr'eu, ben talhada.
Viver que sen vós seja,
senpr'o meu cor deseja
vos, atá que vos veja
e por en vivo coytada
con gran coyta sobeja
que soffr'eu, ben talhada.
Non é se non espanto
hu vos non vejo, quanto
ey desej'e quebranto;
e poren vivo coytada
con aqueste mal tanto
que soffr'eu, ben talhada.

200

Por deus punhade de veerdes meu
amig', amiga, que aqui chegou,
e dizede-lhi, pero me foy greu,
o que m'el já muytas vezes rogou:
que lhi faria end'eu o prazer,
mays tolhe m'ende mha madr'o poder
De o veerdes; gradecer vol-o ey,
ca sabedes quant'a que me servyu,
e dizede lhi pero lh'estranhey
o que m'el rogou, cada que me viu:
que lhi faria end'eu o prazer,
mays tolhe m'ende mha madr'o poder
De o veerdes; gram prazer ey hi
poys do meu bem desasperad' está,
por end'amiga, dizede-lh' assy
que o que m'el por vezes rogou já,
que lhi faria end'eu o prazer,
mays tolhe m'ende mha madr'o poder.
E por aquesto non ey eu o poder
de fazer a mi nen a el prazer.

201

Amiga, quen vos *ama*
vos é coytado,
e sse por vosso chama;
desque foy namorado
non viu prazer, sey o eu,
poren ja morrerá
e por aquesto m'é greu.
Aquel que coita forte
ouve des aquel dia
que vos el vyo, que morte
lh'é, par santa Maria,
nunca vyu prazer, nen ben
poren ja morrerá,
a mi pesa muyt'en.

202

Amigo, poys vos non vi,
nunca folguey, nen dormi,
mays ora já desaqui
que vos vejo, folgarey,
e veerey prazer de mi
poys vejo quanto ben ey.
Poys vos non pudi veer
ja mays non ouv'i lezer
e hu vos deus non quis trager
que vos vejo, folgarey,
e veerey de mi prazer,
poys vejo quanto ben ey.
Des que vos non vi, de ren
non vi prazer e o sen
perdi, mays poys mh'aven
que vos vejo, folgarey,
e veerey todo meu ben,
poys vejo quanto ben ey.
De vos veer a mĩ praz
tanto que muyto é assaz,
mays hu m'este ben deus faz
que vos vejo, folgarey,
e veerey gran solaz,
poys vejo quanto ben ey.

203

Poys que diz meu amigo
que se quer hir comigo,
poys que d'el praz,

praz a mi, ben vos digo,
e este é o meu solaz.
Poys que diz que todavya
non hymos nossa vya,
poys que a el praz,
praz m'e veg'i bon dia,
e este é o meu solaz.
Poys me de levar vejo
que est'é o seu desejo,
poys que a el praz,
praz mi muyto sobejo
e este é o meu solaz.

204

Por deus, amiga, pes vos do grã mal
que dizend'anda aquel meu desleal,
ca diz, de mi, e de vós outro tal
andand'a muytus que lhi fiz eu ben,
e que vós soubestes tod'este mal,
de que eu nen vós non soubemos ren.
De vos en pesar é mui grã razon,
ca dizend'anda mui gram trayzon
de mi, e de vós, se deus mi perdon',
hu sse louva de mi, que lhi fiz ben,
e que vós soubestes end'a razon,
de que eu, nen vós non soubemos ren.
De vos en pesar dereyto per'é
ca diz de mi gram mal, per boa fé,
e de vós, amiga, cada hu s'é
falando; ca diz que lhi fiz eu ben,
e ca vós soubestes todo com'é,
de que eu, nen vós non soubemos ren.

205

Falou m'oj' o meu amigo,
mui ben, e muyt'omildoso
no meu parecer fremoso,
amiga, que ey migo;
mays pero tanto vos digo
que lhi non torney recado
ond'el ficasse pagado.
Disse m'el, amiga, quanto
m'eu melhor ca el sabia,
que de quã ben parecia
que no dera seu quebranto;
mays pero sabede tanto
que lhe non torney recado
ond'el ficasse pagado.
Disse m'el: Senhor creede
que a vossa fremosura
mi faz gram mal sen mesura,
por en de mi vos doede;
pero, amiga, sabede
que lhi non tornei recado,
que el ficasse pagado.
E foi ss'end'el tã coytado
que tom'end'eu ja cuydado.

206

Vay ss'o meu amig'alhur sen mi morar,
e par deus, amiga, ey end'eu pesar
porque ss'ora vay, e no meu coraçon
tamanho que esto non é de falar
ca lho defendi, e fazo gram razon.
Defendi lh'eu que se non fosse d'aqui
cá todo meu ben perderia por hy
e ora vay ss'e faz mi grã traiçon,
e des oy mays que será de mi
non vej'y, amiga, se morte non.

207

Não sey oj'amigo quen padecesse
coyta qual padesco que non morresse
senon eu coytada, que non nacesse;
porque vos non vejo com'eu queria,
e quisesse deus que me scaecesse,
vós, que vi, amigu'en grave dia.
Non sey, amigo, molher que passasse
coyta qual eu passo que ja durasse
que non morress', ou desasperasse;
porque vos non vej'eu com'eu queria,
e quisesse deus que me non nenbrasse
vós, que vi, amigu'en grave dia.
Non sey, amigo, quem ho mal sentisse
que eu senço, que o sol encobrisse
se non eu coitada, que deus maldisse;
porque vos non vejo com'eu queria,
e quisesse deus que nunca eu visse
vós, que vy, amigu'en grave dia.

208

Pero muito amo, muito nom desejo
aver da que amo, e quero gram bem;
porque eu conheço muy entom et vejo
os que de aver muit'a my nom m'avem
a tam grande folgança que mayor non seja
o seu dano d'ela que me tal bem deseja,
o bem d'essa dama em muy pouco tem.
Mas o que nom he et seer podria
sse fosse assy que a ella deesse
bem do meu bem, eu desejaria
aver o mayor que aver podesse;
ca pois a nos ambos hi guisava proveito,
tal bem desejado farya defeyto,
et sandeu seria quem o nom fezesse.
E quem d'outra guisa tal bem, nom
he namorado, mas he affrom,
que sempre trabalh'i por cedo cobrar
do que non soe y o amor regallar;
d'alhi et de tal amor amo mays de cento
et nom amo huã de que me atento
de seer servidor de boom coraçom.
Que pois me eu chamo et soo servidor,
gram treitor ssia se in sus'a senhor
por meu ben ouvesse mal ou sem razom, e
quantos bem amam o diram assy.

EL REY DOM AFFONSO DE CASTELLA E DE LEOM

QUE VENCEU EL REY DE BELAMARIM COM O PODER D'AALEM-MAR A PAR DE TARIFA

209

Em hum tiempo cogi flores
del mui nobre paraiso,
cuitado de mis amores
e d'el su fremoso riso!
e sempre vivo en dolor
e ya lo non puedo sofrir,
mais me valera la muerte
que en el mundo vivir.
Yo cum cuidado d'amores
vol-o vengo ora dizer,
que he d'aquesta mi senhora,
que muicho desejo aver.
En el tiempo en que solia
yo coger d'aquestas flores,
d'al cuidado nom avia
des que vi los sus amores;
e nom se' per qual ventura
me vino a defalir,
si lo fiz'el mi peccado,
si lo fizo el mal dizir.
Yo cum cuidado d'amores
vol-o vengo ora dizer,
que é d'aquesta mi senhora
que muicho desejo aver.
No creades, mi senhora,
el mal dizer de las gentes,
ca la muerte m'es llegada
sy en elho parardes mentes;
ay senhora, nobre rosa,
mercede vos vengo pidir,
avede de mi dolor
e no me dexedes morir.
Yo cum cuidado d'amores
vol-o veng'ora a dizer,
que he d'aquesta mi senhora
que muicho desejo aver.
Yo cogi la flor das frores
de que tu coger solias,
cuitado de mis amores
bien se'lo que tu querias;
dios lo pues te por tal guisa
que te lo pueda fazer,
ant'yo queria mi muerte
que te asy veja a morrer.
Yo cum cuidado d'amores
vol-o vengo ora a dizer,
que he d'aquesta mi senhora
que muicho desejo aver.

O CONDE DOM PEDRO DE PORTUGAL

210

Que muyto bem me fez nostro senhor
aquel dia em que m'el foy mostrar
hũa dona que fez melhor falar
de quantas fez e parecer melhor;
e o dia em que m'a fez veer
el que quiz alli que foss'en seu poder
hu me podia nunca mais bem dar.
Nom já en al d'esto som sabedor
se m'algum tempo quisera leyxar,
e leyx', e juro nom a ir matar
mays pois la maten serei sofredor,
sempre de coyta em quant'eu viver
ca sol y cuydo no seu parecer
ey muyto mays d'outra rem desejar.
E poys eu nunca d'outra rem sabor
poss'atender para me confortar,
muy bem posso com verdade jurar
pol-os que dizem que am mal d'amor;
que com verdade nom podem dizer
porque cuydan d'i tomar gram prazer
o que a mi nunca pode chegar.
Nem esperança nunca poss'aver
com'outros am d'algum bem atender,
poys eu meu bem nunca posso cobrar.

211

Nom quer'a deus por mha morte rogar,
nem por mha vida já nom m'ha mester,
oy àquel que o rogar quyzer
por sy o rogu' e leyx'a mi passar
asy meu tempo, cá mentre eu durar
nunca me pode bem nem mal fazer
nem ond'eu aja pezar ou prazer.
E já m'el tanto mal fez que nom sey
rem hu me possa cobrar, d'isso nom
sey nem sab'outrem, nem sab'el razom
porque me faça mays mal de quant'ey;
e poys eu já por tod'esto passey,
nunca me pode bem nem mal fazer
nem ond'eu aja pesar, nem prazer.
E bem nem mal nunca m'el já fará
poys m'el pesar com gram coyta deu,
que nunca prazer no coraçom meu
me pode dar coyta nem poderá;
e poys por mi tod'esto passou já,
nunca me pode bem nem mal fazer
nem ond'eu aja pesar nem prazer.
Nom poss'en mim per rem . . . .
. . . .
. . . .

212

Tal sazon fuy em que eu já perdi
quanto bem ouve, nem cuydei aver,
que par podesse a outro bem sseer;
mays ora já mi guisou deus assy
que hu perdi tam gram bem de senhor
cobrey d'atender outro muy melhor
em todo bem de quantos outros vi.
E quand'en outra sazom perdi eu

aquel gram bem, log'i cuidey que nom
perdesse coita do meu coraçom;
mays agora deus tal senhor mi deu,
que de bom prez e sen e parecer
he muy melhor de quantas quiz fazer
e quiz log'i que foss'em poder seu.
Hu a d'eu perder aquela que amar
sabia mais que mi nem outra rem
nom cuydava, dante deus outro bem
mays prouge a deus de m'o asi guisar;
que hu perdi aquela que amei
e outro sen muy melhor cobrey
que me faz deus servir e desejar.
Por en na sazon em que m'eu queyxey
a deus hu perdi quanto desejey
oy mays poss'en coraçom deus loar;
e porque me poz em tal cobro que sey
por senhor a melhor de quantas ey
en que poz tanto bem que nom ha par.

213

Nom me poss'eu de morte defender
poys vejo d'amor que me quer matar,
por hũa dona; mays poys m'eu guardar
nom posso já de por dona moirer
catarey já das donas a melhor
....

PERO LAROUCO

214

De vós, senhor, quer'eu dizer verdade
e nom já sobr'amor que vos ey,
senhor, é bem en a tropidade
des quantas outras en o mundo sey,
assy direy como de puridade
nom vos vence oje senom filha d'um rey,
nem vos amo, nem me perderey
hu vos nom vir por vós de soydade.
E s'eu vosco na casa estevesse
e visse-vos cá vossa color
s'eu o mundo em poder tevesse
nom vos faria de todos senhor
nem d'outra cousa onde sabor ouvesse
e d'uma rem d'emperador,
que de beldade peor estevesse
....
Todos vos dizem, senhor, com enveja
que d'esso medes el es, e mi nom,
por deus vos rogo que esto nom seja,
nom faredes cousa tan sem razom;
amade vós quem vos mais deseja
e bem querede, que elles todos som,
et se vos eu quero bem de coraçom
leve-me deus a terra hu vos nom veja.

215

Nom ha meu padre a quem peça
hũa peça d'um canelho,
com que huntasse sa peça
tod'a coelho e coelho;
cá a peça nom se espeça
huse estremado vermelho
ca muyt'aja gram peça
que foy sem manto a conselho.

O que de me Vilar corrudo
á, e de mays na ameaça
aynda eu fi-de-cornudo
seja por feyto que faça
e el padre do meu drudo
....
....
....

ESTEVAM FERNANDES D'ELVAS

216

Estes que agora, madre, aqui som
dizem qu'he sandeu meu amigo;
nom tenhades que o por al digo,
mays bem creo se me vyssem, que nom
terriã meu amigo por sandeu,
madre, é que por mi ensandeceu.
E os que dizem que perdeu o sen
por mi, madre, nom me diriam mal
se soubessem com'é, et sey-me eu al
poys que me vissem, que nunca por en
terriã meu amigo por sandeu,
madre, é que por mi ensandeceu.
E aquelles que já dizem qu'el he
por my sandeu, asy deus mi perdon',
cada hũu d'eles no seu coraçom
se me vyssem, nunca per boa fé
terriã meu amigo per sandeu,
madre, é que por mi ensandeceu.

217

Ay boa dona, se deus vos perdon'
que vos nom pez do que vos eu direy:
eu viv'en coita ca tal senhor ey
mui fremosa, e pux no coraçom
que fale vosco, cá nom vy senhor
que semelhe como vós, mha senhor.
E nom vos péz, senhor, pois vos deus deu
fremusura e bondade e bom prez,
e por todo este bem que vos el fez
ouv'a poer en o coraçom meu
que fale vosco, cá nom vi senhor
que semelhe como vós, mha senhor.
Poys sobre todas em bem parecer
vos deus fez mais fremosa e en sen,
e em mesura e em todo o outro bem,
ouve eu no meu coraçom arder,
que fale vosco, cá nom vy senhor
que semelhe como vós, mha senhor.

218

A mha senhor fezo deus por meu mal
tam fremosa, tam de bom sem, a tal
que semelha que nunca em al cuidou;
por dar a mi esta coita em que vou
sei eu que a fez el e nom por al,
se m'ela com todo este bem, nom val.
Muy bem na fez falar et entender
sobre quantas donas el fez nacer,
que semelha, que nunca em al cuidou;
por dar a mi esta coita em que vou
sei eu que a fez tam bem parecer
se m'ela com todo esto nom valer.
Esta senhor que mi em poder tem
fez deus fremosa e de muy bom sem,
que semelha que nunca em al cuidou;
por dar a mi esta coita em que vou
sei eu que a fez nom por outra rem
se m'ela com todo este bem nom vem.

219

Ouç'eu dizer hũu verv' aguysado
que—bem e mal sempre na face vem,
e verdad'é, per com'end'a mi avem,
d'huma dona hu tod'esto ey osmado;
cá de quanto bem na sa face vy
vem end'amigos tanto mal a mi,
perque o verv' em meu dan'é provado.
A sa bondade e seu prez mui loado
e sa mesura, nem do seu bom ssem
nom mi vem mal mays d'outro muy gram bem
que eu amigos polo meu pecado
na sa fremosa face conheci,
por quanto mal end'a mi vem d'ali
está o verv' em meu dano tornado.
Mas el é grand'afam e cuidado
e gram coyta que m'aficado tem,
de todo esto a mi nom salgua rem
por qual doairo quam bem apostado
na sa face fremosa conheci;
com gram beldade, amigos, é assi
em meu dan'o verv' asacayado.
E des enton, amigos, entendi
que este vervo que eu sempre ouvi,
he com verdad'en dan' acabado.

ESTEVAM DA GUARDA

PRIVADO D'EL REY DOM DENIS

220

Ora senhor, tenho muyt'aguysado
de sofrer coita grand'e gram desejo
pois d'u vós fordes eu for alongado
e vos nom vir como vos ora vejo;
e mha senhor, est'é gram mal sobejo
meu, et meu gram quebranto
seer eu de vós por vos servir quanto
posso mui desamado.
De long'en coita e gram soidade
convem, senhor, de sofrer todavia
poys d'u vos fordes de gram beldade
vos eu nom vir, que vi em grave dia;
e mha senhor, em gram bem vos teria
de me dardel-a morte,
cá de viver eu em coita tam forte
et em tal estraidade.
Nom fez deus par a desejo tam grande,
nem a qual coita sofrer des u-me
partir de vós, cá poys quer que ande
no que darei, ar meu bem e meu lume;
de chorar sempre e com mui gram queixume,
maldirei mha ventura,
cá de viver eu em tam gram tristura
deus, senhor, non o mande.
E queira el, senhor, que a mha vida
poys por vós he cedo, sei, acabada,
cá pela morte me será partida
gram soidade e vida mui coitada;
de razom he d'aver eu desejada
a morte, poys entendo
de chorar sempre, e andar sofrendo
coyta desmesurada.

221

Por partir pesar que sempre vy
a mha senhor aver do muy gram bem
que lh'eu quero, desejava por en
mha morte, amigos; mays, pois entendi
que lhe prazia de me mal fazer
logu'eu des y desejey a viver.
Veend'eu bem, que do muy grand'amor
que lh'eu sempre ouv'y tomava pesar,
hya por end'a morte desejar;
mays poys, amigos, end'eu fuy sabedor
que lhe prazia de me mal fazer
logu'eu des y desejey a viver.
Se me deus entom a morte nom deu
nom ficou já por mi de lh'a pedir
cuydand'a d'a tal pesar partir;
mays poys amigos bem certo fuy eu
que lhe prazia de me mal fazer
logu'eu des y desejey a viver,
Non por mha prol, mays para nom perder
da *que* por mi rem *dá* que lhe prazer.

222

Sempre eu, senhor, mha morte receey
mais d'outra rem, et já por boa fé
nom a receedes porque he
por aquesto que vos ora dyrey,
a gram coyta que por vós ey senhor
me faz perder de mha morte pavor.
Cuydava-m'eu que sempre de temer
ouvess'a morte que sempre temi,

mais ora já, senhor, nom est asy
por aquesto que vos quero dizer,
a gram coyta que por vós ey, senhor,
me faz perder de mha morte pavor.
Nom me passava sol por coraçom
que eu podesse da morte per rem
perder pavor, mais ora vejo bem
que o nom ey, et vedes porque nom:
a gram coyta que por vós ey, senhor,
me faz perder de mha morte pavor,
Que eu senpr'ouve par deus, mha senhor,
muyto me foy de o perder peor.

223

Ouç'eu muytos d'amor quexar
et dizem que por ele lhes vem
qûanto mal ham, et que os ten
en tal coyta que nom ha par;
mays a mi vem da mha senhor
quanto mal ey per desamor,
Que m'ela tem; pero que al
ouço eu a muytos dizer
que lhes faz gram coyta sofrer
amor onde lhes vem gram mal;
mays a mim vem da mha senhor
quanto mal ey per desamor
Que m'ela tem muy sem razom;
pero vej'eu muytos de pram
que dizem, que quanto mal ham
que d'amor lhes vem et d'al nom;
mays a mi vem de mha senhor
quanto mal ey per desamor
Que m'ela tem; et que peor
poss'aver cá seu desamor?

224

Estranha vida viv'oj'eu, senhor,
da que vivem quantos no mundo som,
como viver pesand'a vós, et nom
aver eu já d'outra cousa sabor
se nom da morte por partyr per hy
pesar a vós et muy gram mal a mi,
e fazer-me deus morrendo viver.
En tal vida, qual m'oides dizer
viv'eu, senhor, fazend'a vós pezar,
e mal a mi, et nom me quer deus dar
de o partir nenhum sen, nem poder;
et pero, senhor, grand'é meu mal
vedes o que m'he mays grave que al
o pesar he que vós tomades en
Querer a mi, senhor, quanto mal me vem
podendo deus tod'este mal partir
por mha morte que nom quer consentir,
porque sabe que mais morte me tem
per viver eu, pois a vós pesar he;
quanto mal, senhor, per boa fé
ha em tal vida, dizer nom no sei.

225

Do que bem serve sempr'oi dizer
que bem pede, mais digo-vos de mi
pero que eu, gram temp'ha, bem servi
hũa dona que me tem em poder;
que nom tenho que por meu bem servir
eu razon ei de lhi por en pidir
o maior bem dos que deus quiz fazer.
Bem entend'eu que logar deve aver
o que bem serve de pidir por en
com razom, mais est em tam gram bem
que lhi nom pod'outro bem par seer;
pois d'eu bem servir hũa dona tal
por lhi pedir bem que tam muito val
sol non no deu en coraçom poer.
E, meus amigos, quen bem cousecer
o mui gram bem que nostro senhor deu
a esta dona, bem certo sei eu
se ouver sen que bem pode entender,
que por servir quantos no mundo som
nom devem sol poer em coraçom
que pedir possa en tal bem caber.
Por end'a mi convem querend'ou nom
de servir bem, sem avendo razom
que por servir aja bem d'atender.

PERO D'ORNELAS

226

Nostro senhor, e ora que será
d'aquel que sempre coitado viveu
e viv'e cuida porem ser sandeu,
cá sabe bem que nunca perderá
esta coita, cá nom quer sa senhor.
E que será do que quis mui gram bem
e quer a quem lh'o nom quer gradecer,
nem lhi quer por ende outro bem fazer
e sabe que nom perderá per rem
esta coita, cá nom quer sa senhor.
E que será do que sempre servir
foi, que lhi quis e quer por en mal,
e nunca lhi por en quis fazer al
e que nunca de si pode partir
esta coyta, cá nom quer sa seuhor.

Em esta folha adeante se começam as CANTIGAS D'AMIGO, que fezerom dous cavalleyros, et o primeiro he

FERNAM RODRIGUIZ DE CALHEYROS

227

Perdud'ey, madre, cuyd'eu, meu amigo;
macar m'el viu sol nom quis falar migo,
e mha soberva m'ho tolheu,
que fiz o que m'el defendeu.
Macar m'el viu sol nom quis falar migo,
e eu m'o fiz que nom prix seu castigo;

e mha soberva m'ho tolheu,
que fiz o que m'el defendeu.
Eu m'o fiz que nom prix seu castigo;
que mi val ora quando o digo,
e mha soberva m'ho tolheu
que fiz o que m'el defendeu.
E sei-m'eu tant'em qual bem m'el queria,
que nom meti mentes no que fazia;
e mha soberva m'ho tolheu
que fiz o que m'el defendeu.
Que nom meti mentes no que fazia,
e fiz pezar a quem m'o nom faria;
e mha soberva m'ho tolheu
que fiz o que m'el defendeu.
E fiz pezar a quem m'ho nom faria,
e tornou-s'en sobre mi a folia;
e mha soberva m'ho tolheu
que fiz o que m'el defendeu.

228

Que farey agora, amigo,
poys que nom veredes migo
viver,
cá nom poss'eu al bem querer.
Cá gram coita me leixades
se vós alhur hir cuydades
viver,
cá nom poss'eu al bem querer.
Se aquesta hida vossa
for, nom sey eu como possa
viver,
cá nom poss'eu al bem querer.
Matar-m'-hei, se m'ho dizedes,
que vós rem sem mi podedes
viver;
cá nom poss'eu al bem querer.

229

Agora vem o meu amigo
e quer-se logu'ir, e nom quer migo
estar;
avel'-ey já sempr'a desejar.
Nunca lh'o posso tanto dizer,
que o comigo possa fazer
estar;
avel'-ey já sempr'a desejar.
Macar lh'o rogo, nem m'ha mester,
mais que farey poys migo nom quer
estar;
avel' ey já sempr'a desejar.

230

Direy-vos agora, amigo,
camanho temp'a passado
que nom pudi veer cousa
onde ouvesse gasalhado,
des que vós de mi partistes
tá est'ora que me vistes.
Des oy mais andarey leda,
meu amigo, poys vos vejo
ca muyt'a que nom vi cousa
que mi tolhesse desejo,
des que vos de mi partistes
tá est'ora que me vistes.
Des oy mays nom vos vaades
se amor queredes migo
cá já mays, nom ar foy ledo
meu coraçom, meu amigo,
des que vos de mi partistes
tá est'ora que me vistes.

231

Assanhey-m'eu muyt'a, meu amigo,
porque mi faz el quanto lhi digo
porque entendo cá mi quer bem;
assanho-me-lhi por en.
E se m'outrem faz ond'ey despeyto
a el m'assanho e faço dereyto,
porque entendo cá mi quer bem
assanho-me-lhi por en.
E já m'el sabe mui bem mha manha,
cá sobr'el deyt'eu toda mha sanha;
porque entendo cá mi quer bem,
assanho-me-lhi por en.

232

Estava meu amigo atendend'e chegou
mha madr'e fez m'end'ir tal que mal me pesou,
a lá me tornarey,
e hi lo atenderey.
Nunca madr'a filha bom conselho deu,
nem a mi fez a minha mays; que farey eu?
a la me tornarey,
e hi lo atenderey.
Pesar lh'ia a mha madre quẽ quer que lh'assy
fezesse; mays direy-vos que farey eu hi:
a la me tornarey,
e hi lo atenderey.

233

Madre, passou per aqui hum cavaleyro
e leixou-me namorad'e ca marteyro;
ay madre, os seus amores ey
se me los ey
cá m'hos busquey
outros me lhe dey;
ay madre, seus amores ey.
Madre, passou per aqui hũ filho d'algo,
e leixou-m'assy penada como eu ando;
ay madre, seus amores ey
se me los ey,
ca m'hos busquey,
outros me lhe dey;
ay madre, seus amores ey.
Madre, passou per aqui, que nom passasse,

e leixou-m'assy penada, mays leixasse;
ay madre, os seus amores ey,
se me los ey
ca m'hos busquey,
outros me lhe dey,
ay madre, seus amores ey.

234

Disse-m'a mi meu amigo,
quando s'ora foy sa via,
que nom lh'estevess'eu triste
e cedo se tornaria;
e soo maravilhada
porque foy esta tardada.
Disse-m'a mi meu amigo,
quando s'ora foy d'áquem,
que nom lh'estevess'eu triste,
e tarda e nom mi vem;
e soo maravilhada
por que foy esta tardada.
Que nom lh'estevess'eu triste
cedo se tornaria;
e pesa-mi do que tarda,
sabe-o santa Maria;
e soo maravilhada
por que foy esta tardada.
Que nom lh'estevess'eu triste,
tarda e nom mi vem,
e pero nom é por cousa
que m'el nom queira gram bem;
e soo maravilhada
por que fuy esta tardada.

VAASCO PRAGA DE SANDIM

235

Sabedes quant'ha, amigo,
que m'eu vosco veer
nom pud'a tant'; e oje
que nunca vi prazer
ca migo, gradesc'a deus
que vos veem os olhos meus.
Ouv'eu por vós tal coita
en o meu coraçom,
que nunca vos cuydava
veer nulha sazon;
ca migo, gradesc'a deus
que vos veem os olhos meus.
E rogu'eu, meu amigo,
aquel deus que me fez
que nunca eu já vyva
sen vosco outra vez;
ca migo, gradesc'a deus
que vos veem os olhos meus.
E ben assi m'ho quiso
mha ventura guisar,
que nunca sem vós ouvi
sabor er qu'em chorar;
ca, migo, gradesc'a deus
que vos veem os olhos meus.

236

Cuydades vós, meu amigo,
ca vos nom quer'eu mui gram bem,
e a mi nunca bem venha
se eu vejo no mundo rem
que a mi tolha desejo
de vós hu vos eu nom vejo.
E macal-os vós cuydades
en o meu coraçom no ey
tam grand'amor, meu amigo,
que cousa no mundo nom sey
que a mi tolha desejo
de vós hu vos eu nom vejo.
E nunca mi bem queirades
que mi será de morte par
se souberdes, meu amigo,
ca poss'eu rem no mund'achar
que a mi tolha desejo
de vós hu vos eu nom vejo.

237

Meu amigo, poys vós tam gram pesar
avedes de mi vos eu assanhar,
por deus, a quem m'assanharey?
amigo como vyverey.
Se m'eu a vós, meu amig'e meu bem,
nom assanhar dized'em uma ren,
por deus, a quem m'assanharey,
amigo, como viverey.
Se m'eu a vós, que amo mays c'a mi
nom assanhar, se sabor ouver hi,
por deus, a quem m'assanharey,
amigo, como viverey?
Se m'eu a vós d'assanhar nom ouver
si quer doando quando m'eu quiser,
por deus, a quem m'assanharey,
amigo, como viverey?

238

Quando-vos eu, meu amig'e meu bem,
nom posso veer, vedes que m'avem;
tenho-lhe que nom posso veer,
meu amigo, que mi poss'aprazer.
Quando-vos eu, com estes olhos meus
nom posso veer, se mi valha deus,
tenho-lhe que nom posso veer,
meu amigo, que me poss'aprazer.
E nom dorm'eu, nem em preito nom é
hu vos eu nom vejo, e per boa fé
tenho-lhe que nom posso veer,
meu amigo, que me poss'aprazer.
E os meus olhos sem vós que prol m'ham,
poys nom dorm'eu com elles e de pram,
tenho-lhe que nom posso veer,
meu amigo, que me poss'aprazer.

PAYO SOARES

239

O meu amigo, que mi dizia
que nunca mays migo viveria,
par deus, donas, aqui é já.
Que muyto m'el avia jurado
que me nom visse mays, a deus grado,
par deus, donas, aqui é já.
O que jurava que me nom visse,
por nom seer todo quant'el disse,
par deus, donas, aqui é já.
Melhor o fezo, cá o nom disse
par deus, donas, aqui é já.

240

Donas, veeredes a prol que lhi tem
de lhy saberem ca mi quer gram bem;
Par deus, donas, bem podedes jurar
do meu amigo que mi fez pesar;
mays deus e quem cuyd'a mi aguardar,
de lhi saberem que mi quer gram bem.
Sofrer-lhe-ey eu de me chamar senhor,
nos cantares que fazia d'amor,
mays em mentar-me todo com sabor
de lhi saberem que mi quer gram bem.
Foy-m'el en seus cantares en mentar,
veedes ora se me deva queixar,
cá sse nom quis meu amigo guardar
de lhi saberem que mi quer gram bem.

241

Quando sse foy meu amigo
jurou que cedo verria,
mays pois nom vem falar migo,
por en por santa Maria
nunca me por el rroguedes,
ay, donas, ss'é que devedes.
Quando sse foy fez-me preyto
que sse verria muy cedo,
e mentiu-me, tort'ha feito,
e poys de mi nom ha medo,
nunca me por el roguedes
ay, donas, s'é que devedes.
O que vistes que dizia
ca andava namorado,
poys que nom veiu o dia
que lh'eu avia mandado;
nunca me por el roguedes
ay, donas, s'é que devedes [1].

NUNO FERNANDES TORNEOL

242

Levad'amigo, que dormides as manhanas frias;
todal-as aves do mundo d'amor diziam
leda m'and'eu.
Levad'amigo, que dormidel-as frias manhanas;
todal-as aves do mundo d'amor cantavam
leda m'and'eu.
Todal-as aves do mundo d'amor diziam
do meu amor e do voss'en mentaryam,
leda m'and'eu.
Todal-as aves do mundo d'amor cantavam
do meu amor e de voss'y en mentavam
leda m'and'eu.
Do meu amor e do voss'en mentaryam
vós lhi tolhestes os ramos em que siiam,
leda m'and'eu.
Do meu amor e do voss'y en mentavam,
vós lhi tolhestes os ramos em que pousavam;
leda m'and'eu.
Vós lhi tolhestes os ramos em que siiam,
e lhis secastes as fontes em que beviam;
leda m'and'eu.
Vós lhi tolhestes os ramos em que pousavam,
e lhis secastes as fontes hu sse banhavam
leda m'and'eu.

243

Aqui vej'eu, filha, o voss'amigo,
o por que vos baralhades migo,
delgada.
Aqui vejo, filha, o que amades,
o por que vós migo baralhades,
delgada.
Porque vos baralhades migo,
que tolheu bem poys a voss'amigo
delgada.
O por que vós migo baralhades
quero-lh'eu bem, poyl-o vós amades,
delgada.

244

Ay, madr'o meu amigo, que nom vi
a gram sazom, dizem-me que é'qui;
madre, per boa fé, led'and'eu.
E sempr'eu punhey de lhi mal fazer
mays poys ora veiu por me veer,
madre, per boa fé, led'and'eu.
Por quanta coyta el por mi levou
nom lhi poss'al fazer mays, poys chegou
madre, per boa fé, led'and'eu.

245

Que coyta tamanha ey a sofrer
por amar amigu'e nom o veer,
e pousarey sol o avelanal.
Que coyta tamanha ey endurar
per amar amigu'e nom lhi falar,
e pousarey sol o avelanal.
Por amar amigu'e nom lhi falar
nom lh'ousar a coita que ei mostrar,
e pousarey sol o avelanal.

[1] Vide n.º 413: canção assignada por Affonso Eannes de Coton, identica.

Por amar amigu'e o nom veer
nom lh'ousar a coita que ei dizer;
e pousarey sol o avelanal.
Nom lh'ousar a coita que ei dizer,
e nom mi dam seus amores lezer;
e pousarey sol o avelanal.
Nom lh'ousar a coita que ei mostrar,
e nom mi dam seus amores vagar,
e pousarey sol o avelanal.

246

Vy eu, mha madr', andar
as barcas en o mar,
e moyro-me d'amor.
Fuy eu, madre, veer
as barcas en o lez,
e moyro-me d'amor,
As barcas no mar
e foi-las guardar,
e moyro-me d'amor.
As barcas en o lex
e foi-las atender,
e moyro-me d'amor.
E foi-las aguardar
e nom o pud'achar,
e moyro-me d'amor.
E foil-as atender,
e nom o pude veer,
e moyro-me d'amor.
E nom o ach'eu hy,
que per meu mal vi,
e moyro-me d'amor.

247

Trist'anda, mha madr', o meu amigo,
e eu triste por el, ben vol-o digo;
e se m'el morrer, morrer-vos ey eu.
E morrerá por mi, tant'é coitado,
e vós perderedes meu gasalhado;
e se m'el morrer, morrer-vos ey eu.

248

Foi-ss'um dia meu amigo d'aqui
e nom me vyu, e porque o nom vi,
madre, ora morrerey.
Quando m'el vyu nom foy polo seu bem,
ca morre agora por mi e por en,
madre, ora morrerey.
Foy-ss'el d'aqui e nom m'ousou falar,
nem eu a el e por en com pezar,
madre, ora morrerey.

249

Dizede-m'ora, filha, por santa Maria,
e qual he o voss'amigo que mi vos pedia?
Madr'eu amostrar volo-ey.

Qual é voss'amigo que mi vos pedia
se m'ho vós mostrassedes gracir vol-o-ya.
Madr'eu amostrar volo-ey.
E m'ho vós amostrardes gracir vol-o-ya
direy vol-eu logo en que ss'atrevya;
Madr'eu amostrar vol-ey.

PERO GARCIA, BURGALEZ

250

Ay, madre, ben vos digo,
mentiu-m'o meu amigo;
sanhuda lh'and'eu.
Do que m'ouve jurado,
poys mentiu por seu grado,
sanhuda lh'and'eu.
Non foy oyr a vya
mays bem de aquel dia,
sanhuda lh'and'eu.
Non é de mi partido,
mays porque m'ha mentido,
sanhuda lh'and'eu.

251

Non vos nembra, meu amigo,
o torto que mi fezestes
posestes de falar migo
sin eu, e vós nom veestes;
e queredes falar migo
e nom querrey eu migo.
Jurastes que todavya
verriades de bon grado
ante que sayss'o dia,
mentiste-mi, ay perjurado
e queredes falar migo
e nom querrey eu migo.
E ainda me rogaredes
que fal'eu algur com vosco,
e per quanto mi fazedes
direy que vos nom conhosco,
e queredes falar migo
e nom querrey eu migo.

JOHAM NUNEZ CAMANES

252

Se eu, mha filha, for
voss'amigo veer,
porque morre d'amor
e nom póde viver;
d'iredes comigu' i
par deus, mha madre, irey.
Poys vos quero tam gram ben
que nom póde guarir,
dizede-m'unha ren
poys eu alá quero hir;

d'iredes comigu' i,
par deus, mha madre, irey.
Sempre lh'eu coita vi
per vós e mort'ay,
filha poys en vou, e
mig'outrem nom vay;
d'iredes comigu' i
par deus, mha madre, irey.

253

Vistes, filha, n'outro dia
hu vos dix'eu que gram prazer
eu avya d'irdes veer
voss'amigo que moiria;
nom vol-o dix'eu por seu ben
mays por que mi dissera quem
nom viu que já nom guarria.
Por al vos nom mandaria
vel-o, mays oy dizer
a quen o vyu assi jazer
que tam coitado jazia,
que já nom guarirá per ren;
mando-vol-o veer por en
por mal que vos d'ele seria.
E porque nom poderia
falar-vos, nem vos conhocer,
nem de vós gasalhad'aver
mand'oy vol-o veer entom
por aquesto, que por al nom,
filha, par santa Maria.

254

Par deus, amigo, muyt'a gram sazon
que vos nom vi, e vedes porque non;
porque vos nom quis mha madre veer.
Defendeu-mi, que per nenhuma ren
nunca vos visse, nem vos vi por en,
porque vos nom quis mha madre veer.
Vyra-vos eu, nom fezera end'al
poyl-o roguei, mays estar-m'ia mal,
porque vos nom quis mha madre veer.
Roguey-lh'eu que vos viss'e nom quis deus
que me vissem aquestos olhos meus;
porque vos nom quis mha madre veer.
Nom mi devedes vós culpa poer,
amigo, cá vos nom ousey veer,
porque vos nom quis mha madre veer.

255

Hyd'ay, madre, veel-o meu amigo,
que é coytado porque nom fala migo;
e irey eu comvosco se vós quyserdes.
Tan coitado que morrerá se me nom vir,
id'ay, mha madre, veel-o poyl-o guarir;
e irey eu comvosco se vós quiserdes.
Porque de morte me quer gran bẽ de coraçõ
ide veel-o, mha madr',e guarrá entom,
e irey eu comvosco se vós quiserdes.

256

Par deus, donas, quando veér
meu amigu'e migo falar,
nunca no mund'a meu cuidar
foy outra tan leda molher
como eu serey, des que o vir,
mays pero triste serey.

AYRAS CARPANCHO

257

Chegades vós, ay amiga, d'u é meu amigo
e cum el falastes, mays eu bem vos digo,
que falarey vosco tod'aqueste dia
poys falastes com quem eu falar querya.
D'u é meu amigo ben sey que chegades
e com el falastes, mays por mi creades
que falarey vosco tod'aqueste dia,
poys falastes com quem eu falar queria.
Grã bem é con vós, muit'en que vos diga
poys com el falastes, creades, amiga,
que falarey vosco tod'aqueste dia
poys falastes com quem eu falar queria.

258

Tanto sey eu de mi parte
quant'é de meu coraçon,
cá me ten mha madre presa,
e mentr'eu en sa prisom
for, nom veerey meu amigo.
E por aquesta longada
querria per bona fé
seer d'u está, mha madre,
cá mentr' hu ela é
for, nom veerey meu amigo.
Por quanto m'outra vegada
sen seu grado com el vi
guarda-me d'el a perfia,
e oy mays em quant'assy
for, nom veerey meu amigo.
De mi nem de mha fazenda
nom poss'eu parte saber,
ca sey bem de mha madre
que mentr'oy em seu poder
for, nom veerey meu amigo.

259

Madre velida, meu amigo vi,
nom lhi faley, e con el me perdi;
e moyr'agora querendo-lhe bem,
non lhi faley ca o tiv'em desdem;
moyro eu madre querendo-lhi bem.
Se lh'eu fiz torto, lazerar-m'-ho-ey
com gram dereito cá lhi nom faley,
e moyr'agora querendo-lhi bem,
nom lh'y faley cá o tiv'em desdem,
moyro eu madre querendo-lhe bem.

Madre velida, ide-lhi dizer
que faça bem e me venha veer;
e moyr'agora querendo-lhi bem,
nom lhi faley, cá o tiv'em desdem,
moyro eu, madre, querendo-lhi bem.

260

A mayor coyta que eu no mund'ey,
meu amigo, nom lh'ouso falar,
cá migo que nunca desejar
soube outra ren senon mi, eu o sey,
e sse o eu por mi leixar morrer,
será gram tort'e nom ey de fazer,
Que lh'eu quisesse bem de coraçom
qual a mi quer o meu des que me vyu,
e nulh'amor nunca de mi sentiu,
e foy coytado per mi des entom;
e sse o eu per mi leixar morrer,
será gram tort'e nom ey de fazer
Que lhi quisesse bem qual a mi quer
o meu, que tam muyt'a que desejou
meu bem fazer, e nunca lhi prestou
e será morto se lh'eu nom valer;
e sse o eu por mi leixar morrer,
será gram tort'e nom ey de fazer
O mayor torto que pode seer,
leyxar dona seu amigo morrer.

261

Que me mandades, ay madre, fazer
ao que, sey, que nunca bem querer
soube outra rem?
Par deus, filha, *digades o sabor de viver,*
e será bem,
Que lhi farey se veher hu eu for,
e mi quizer dizer, como é o senhor,
alguma rem?
Digades, filha, de quanto viver sabor
e será bem.
E el que vyv'em gram coita d'amor
garrá por en.

262

Madre, poys vós desamor avedes
a meu amigo, porque sabedes
cá mi quer ben, veel-o-ey,
e se vós, madre, algum bem queredes
loar-m'ho-edes, eu o sey.
Por desamor que lhi sempr'ouvestes,
madre velida, des que soubestes
cá mi quer bem, veel-o-ey,
e sse vós, madr', algum ben queredes
loar-m'o-edes, eu o sey.
Por mui gram coyta que ha con sigo,
madre velida, bem vol-o digo
cá se poder veel-o-ey;
e sse mi vós, madr', algum bem queredes
loar-m'ho-edes, eu o sey.

263 E 264

Molher com'eu nom vive *tal vida,*
trage-me mal, mha madre, velida,
por vosso amigo.
A mha coyta nom lhi sei guarida,
trage-me mal, mha madre velida,
por vosso amigo.
Trage-me mal, mha madre velida,
pouco ha que fui mal ferida
por vosso amigo.

265

Por fazer romaria pug'en meu coraçon
a Santiago um dia por fazer oraçom,
e por veer meu amigo logu'i.
E sse fezer tempo, e mha madre nom for,
querrey andar mui leda e parecer melhor,
e por veer meu amigo logu'i.
Quer'eu ora mui cedo provar se poderey
hir queymar mhas candeas con grã coita qu'ey;
e por veer meu amigo logu'i.

VAASCO GIL

266

Irmãa, o meu amigo
que mi quer ben de coraçom,
e que é coytado por mi,
se nostro senhor vos perdon',
terey-de-lo veer comigo,
irmãa, o meu amigo.
Irmãa, o meu amigo
que sey que me quer mayor bem,
cá sy nunc'a seu coraçom
fazede per mi hũa rem,
terey-de-lo veer comigo,
irmãa, o meu amigo.
Irmãa, o meu amigo
que mi quer melhor c'a os seus
olhos, e que morre por mi,
que vos amostr'o vosso deus,
terey-de-lo veer comigo,
irmãa, o meu amigo.

DOM JOHAM D'AVOYM

267

Quando se foy n'outro dia d'aqui
o meu amigo, roguey-lh'eu por deus,
chorando muito d'estes olhos meus,
que nom tardass'e disse-m'el assy:
que nunca deus lhi desse de mi bem
se nom vehesse mui ced', e nom vem.
Quando se foy n'outro dia que nom
pud'al fazer, dixi-lh'eu: se tardar
quizesse muito, que nunca falar
podia migu'e disse-m'el entom:

que nunca deus lhe desse de mi bem
se nom vehesse mui ced', e nom vem.
Non sey, que x'estou que pode seer
porque nom vem, poys que lh'o eu roguey,
cá el mi disse, como vos direy:
e sol nom meteu hi de nom poder,
que nunca deus lhi desse de mi bem
se nom vehesse mui ced', e nom vem.
Nom sey que dig'a tanto m'é gram mal
do meu amigo de como morreu,
cá mi diss'el hu sse de mi quitou
e nom sacou en de morte, nem al;
que nunca deus lhi desse de mi bem
se nom vehesse mui ced', e nom vem.

268

Cuydades vós meu amigo hunha ren,
que me nom poss'assanhar sem razom
eu contra vós como vós, porque nom
escontra mi cuydades hy mal sen,
cá poder ey de m'assanhar assy
eu contra vós, como vós contra mi.
E sse cuydades cá nom ey poder,
meu amigo, de mi vos assanhar,
bem como vós a mi, hides cuydar
mal sen, eu logo vos farey veer
cá poder ey de m'assanhar assy
eu contra vós, como vós contra mi.
Cuydades que poder nom ey
de me vos assanhar se m'eu quiser,
ben como vós a mi se vos prouguer,
ben outro si me vos assanharey;
cá poder ey de m'assanhar assy
eu contra vós, como vós contra mi.
Mays pois me vos deus por amigo deu
e mi a vós por amiga muyt'ha,
quitade-vos vós de cuydardes já
o que cuydades, cá bem vos digu'eu;
cá poder ey de m'assanhar assy
eu contra vós, como vós contra mi.

269

Vistes, madre, quand'o meu amigo
pos que verria falar comigo,
oj'em dia cuydades que venha?
Vistes hu jurou que nom ouvesse
nunca de mi bem se nom vehesse;
oj'em dia cuydades que venha?
Viste-las juras que me jurou entom,
que verria sem mort'ou sem prisom;
oj'em dia cuydades que venha?
Viste-las juras que jurou aly
que verria, e jurou-as per mi;
oj'em dia cuydades que venha?

270

Que boas novas que oj'oyrá
o meu amigo, quando-lh'eu disser
cá lhi quer'eu mayor ben cá m'el quer
e el enton com ben que lhi será,
nom saberá como m'hagradecer
nem que mi diga con tam gram prazer.
Cá lhi direy cá mui melhor c'a mi
lhi quer'eu já, nem c'a meu coraçom
nem c'a meus olhos, se deus mi perdon'
e poys que lh'eu tod'esto meter hi,
nom saberá como m'agradecer,
nem que mi diga com tam gram prazer.
E outro prazer vos direy mayor
que vos eu dixi que lh'oj'eu direy,
que vyva migu'assy nom morrerey
e poys que lh'eu disser tam grand'amor,
nom saberá como m'agradecer,
nem que mi diga com tam gram prazer.
O que el deseja mays d'outra rem
lhi direy oje tanto que o vyr,
cá lhi direy cá nom posso guarir,
tal ben lhi quer'e el entom com bem,
nom saberá como m'agradecer
nem que mi diga com tam gram prazer.

271

Par deus, amigo, nunca eu cuydey
que vos perdesse como vos perdi,
porque nom parece melhor de mi
nem ar val mays e tal queixum'end'ey,
que direy, amigo, per bona fé
como parece seu nome quem é.
Se vos foss'eu por tal dona perder
que me vencess'oj'en parecer bem,
ou em al, que quer prazer-m'ia bem
mays tam sen guysa o fostes fazer
que direy, amigo, per bona fé
como parece seu nome quem é.
Em toda rem que vos possa buscar
mal, buscar-vol-o-ey, mentr'eu vyva for,
cá me leixastes per a tal senhor,
que bem vos digo com este pesar,
que direy, amigo, per bona fé
como parece seu nome quem é.
E poyl-o eu disse per bona fé
pesar-vos-ha poys souberem quem é.

272

Dized'amigo, em que vos mereci
por nom quererdes comigo viver
e saberedes que nom ey eu poder
de viver, poys vos partides de mi,
e poys sen vós viver nom poderey
vivede migu'amig'e vyverey.
Vivede migu'e bem vos estará,
e averey sempre que vos gracir,
cá se vos fordes, e vos eu nom vyr,
nom viverey amig'u al nom ha,
e poys sem vós viver nom poderey
vivede migu'amig'e vyverey.

Se queredes que vos eu faça bem
ay, meu amigo, em alguma sazon,
vivedes migo, se deus vos perdon'
cá nom poss'eu viver per outra ren;
e poys sem vós viver nom poderey
vivede migu'amig'e vyverey.
Poys entendedes, amigo com'é
a mha fazenda, por nostro senhor,
vivede migo cá poys sen vós for
nom poderey viver per boa fé;
e poys sem vós viver nom poderey
vivede migu'amig'e vyverey.

273

Disserom-m'ora de vós hũa ren,
meu amigo, de que ey gram pesar,
mays eu m'o cuydo mui ben melhorar
se eu podér, e poderey mui bem,
cá o poder que sempre ouvi m'ey
e eu vos fiz e vos desfarey.
Dizem-mi que filhastes senhor tal
porque vos cuydastes de mi partir,
e bem vos é se vos a bem sayr,
mays d'este bem farey vos end'eu mal;
cá o poder que sempre ouvi m'ey
e eu vos fiz e vos desfarey.
Senhor filhastes, como oy dizer,
a meu pesar, e perderedes hi
s'eu poder, e poderey assy
como fiz sempr'e posso me poder;
cá o poder que sempre ouvi m'ey
e eu vos fiz e vos desfarey.
E poys vos eu tornar qual vos achei
pesar-m'ha en mays, pero vingar-m'ei.

274

Pero vos hides, amigo,
sen o meu grad'alhur viver,
nom vos hides ond'ei prazer
por nom falardes comigo,
cá d'aqui o poss'eu guysar
mays por mi fazerdes pesar.
E pero vos hides d'áquem
nom vos hides do que mi praz,
por nom fazer en quanto faz
molher por hom'a que quer ben;
cá d'aqui o poss'eu guysar
mais por mi fazerdes pesar.
Hir-vos podedes, mays ben sei
cá nom diredes com razon
que nom faz'eu de coraçom
por vós quanto de fazer ei;
cá d'aqui o poss'eu guysar
mays por mi fazerdes pesar.
E pero vos hir queredes
nom diredes per boa fé
com dereito que por mi é
ca faç'eu quanto dizedes;
ca d'aqui o poss'eu guysar
mays por mi fazerdes pesar.

275

Amigo, poys-me leyxades
e vos hides alhur morar,
rogu'eu a deus se tornades
aqui por comigo falar,
que nom ajades, amigo,
poder de falar comigo.
E poys vós vos hir queredes
e me nom queredes creer,
rogu'a deus se o fazedes
e tornardes por me veer,
que nom ajades, amigo,
poder de falar comigo.
Poys nom catades mesura
nem quanto vos eu fiz de ben,
rogu'a deus, se por ventura
tornades, per mi dizer ren,
que nom ajades, amigo,
poder de falar comigo.
Poys vos hides sem meu grado
e nom dades nada por mi,
rogu'eu a deus, se coytado
fordes e tornardes aqui,
que nom ajades, amigo,
poder de falar comigo.

276

Amig'ouv'eu a que queria ben
tal sazom foy, mays já migo nom ey
a que bem queira nem no averey
em quanto vyva já per hunha ren,
ca mi mentiu o que mi soya
dizer verdad'e nunca mentia.
E pouc'ha, que lh'eu oy jurar
que nom queria bem outra molher
se nom mi, e sey eu que lh'o quer;
e por esto nom poss'eu ren fiar,
ca mi mentiu o que mi soya
dizer verdad'e nunca mentia.
Mays me fiava por el c'a por mi,
nem ca per rem, que no mundo viss'al
e mentiu-m'ora tam sem guysa mal,
que nom ficarey ca rem des aqui,
ca mi mentiu o que mi soya
dizer verdad'e nunca mentia.
E sse outr'ouvesse mentyr-m'ya,
poys mi mentiu o que nom mentia.

277

O por que sempre mha madre roguey
que vos visse, meu amigo, nom quer,
mays pesar-lh'a muyto quando souber
que vos eu digu'esto que vos direy:
cada que migo quiserdes falar

falade migu'e pes' a quem pesar.
Pese a quem quer, e mate-se por en,
ca post'é já o que já d*eve* seer,
veer-vos ey se vos poder veer
e poderey; ca meu lum'e meu ben,
cada que migo quiserdes falar
falade migu'e pes' a quem pesar.
Poys entendo que mha mort'e meu mal
quer, poys nom quer rem de quant'a mi praz,
e poyl-o ela por aquesto faz
fazed'aquest'e depoys fará-s'al,
cada que migo quiserdes falar
falade migu'e pes' a quem pesar.
Sempr'eu punhei de mha madre servir
mais por esto ca por outra razom,
por vos veer amigu'e por al nom,
mays poys m'ho ela nom quer consentir,
cada que migo quiserdes falar
falade migu'e pes' a quem pesar.

278

Cavalgava n'outro dia
per hun caminho francez,
e hunha pastor siia
cantando com outras trez
pastores, e nom vos pez',
e direy-vos todavya
o que a pastor dizia
aas outras em castigo:
«Nunca molher crêa per amigo,
«poys s'o meu foy e nom falou migo.»
Pastor, nom dizedes nada,
diz hũa d'elas enton,
se se foy esta vegada
ar verrá s'outra sazon,
e dig'a vós per que nom
falou vosc', ay bem talhada,
e é cousa mays guisada
de dizerdes com'eu digo:
«Deus! ora vehesse o meu amigo,
«e averia gram prazer migo.»

279

Muytos vej'eu que se fazen de mi
sabedores que o non son de pram
nem o forom nunca, nen o seram,
e poys que eu d'eles estou assy,
non sabem tanto que possam saber
qual est a dona que me faz morrer.
Ca sempre m'eu de tal guisa guardarey,
que nom soubessem meu mal nem meu ben,
e fazem-s'ora sabedores en,
mas pero cuydam saber quant'eu sey;
non sabem tanto que possam saber
qual est a dona que me faz morrer.
Digam x'andando quis'o que quiser,
ca mi sei eu como d'eles estou,
bem grad'a deus que m'end'assi guardou,
que se s'aquesto por mi nom souber,
nom sabem tanto que possam saber
qual est a dona que me faz morrer.
E muyto sabem, se nunca saber
o por mi podem e per lh'eu dizer.

DOM JOHAM SOARES COELHO

280

Per boa fe, mui fremosa, sanhuda
sej'eu e triste, coytada por en
por meu amigu'e meu lum'e meu ben,
que ey perdud'e el mi perduda,
porque se foy sen meu grado d'aqui.
Cuydou-s'el que mi fazia mui forte
pesar de s'ir porque lhi nom faley;
pero ben sabe deus ca nom ousey,
mays seria-lh'oje melhor a morte
porque se foy sen meu grado d'aqui.
Tan cruamente lh'o cuyd'a vedar,
que bem mil vezes no seu coraçom
rogu'el a deus que lhi dê meu perdon
ou sa morte se lh'eu nom perdoar,
porque se foy sen meu grado d'aqui.

281

Foy-ss'o meu amigo d'aqui n'outro dia
coytad'e sanhud'e nom soub'eu ca s'ya,
mays já que o sey, e por sancta Maria
o que farey eu louçãa?
Que el falar migo e nom ouve guisado
e foy-s'el d'aqui sanhud'e mui coytado,
nunca depoys vi el nem seu mandado;
o que farey eu louçãa?
Quẽ lh'ora dissesse quan triste oj'eu sejo
e quant'oj'eu mui fremosa desejo
falar-lh'e veel'e poys que o nom vejo
o que farey eu louçãa?

282

Amigo, queixum'avedes
de mi que nom falo vosco,
e quant'eu de vós conhosco
nulha parte nom sabedes
de quam muyto mal, amigo,
sofro se falardes migo.
Nen de com'ameaçada
fui hũ dia pola hida
que a vós fui e ferida
nom sabedes vós en nada,
de quam muyto mal, amigo,
sofro se falardes migo.
Des que souberdes mandado
do mal muyt'e mui sobejo,
que mi fazen se vos vejo
entom m'haveredes grado
de quam muyto mal, amigo,

sofro se falardes migo.
E pero se vós quiserdes
que vos fal'e que vos veja,
sol nom cuydedes que seja
se vós ante mim souberdes
de quam muyto mal, amigo,
sofro se falardes migo.

283

Ay, madr', o que eu quero bem
nom lh'ous'eu ante vós falar,
e a end'el tan gram pesar,
que dizem que morre por en;
e se assy morrer por mi
ay, madre, perderey eu hy.
Gran sazon a que me serviu
e nom mho leixastes veer,
e veherom-m'ora dizer
ca morre porque me nom vyu,
e se assi morrer por mi
ay, madre, perderey eu hy.
Se por mi morrer, perda m'he,
e pesar-m'ha se o nom vyr,
poys por al nom pode guarir,
bem vos juro per boa fé;
e se assi morrer por mi
ay, madre, perderey eu hy.

284

Oje quer'eu meu amigo veer,
porque mi diz que o nom ousarey
veer, mha madre; de pram vel-o-hey,
e quero tod'em ventura meter,
e desy saya per hu deus quiser.
Por em qual coita mi mha madre ten,
que o nom veja no meu coraçom;
ey oj'eu posto, se deus mi perdon,
que o veja e que lhi faça ben;
e desy saya per hu deus quiser.
Pero m'ho ela nom quer outorgar
hyl-o-ei veer aly hu m'el mandou,
e per quanta coyta por mi levou
farey-lh'eu est'e quanto m'al roguar
e desy saya per hu deus quiser.
Ca diz o vervo — ca non semeou
milho quem passarinhos reçeou.

285

Faley hun dia por me baralhar
con meu amigo con outro m'el vysse,
e direy-vos que lhi dix'u m'el disse
porque lhe fezera tam gram pesar;
se vos hy, meu amigo, pesar fiz
nom foy por al, se non porque me quix.
Por baralhar com el e por al non
faley com outr'en tal que o provasse,
e pesou-lhi mays ca se o matasse
e perguntou-m'e dixi-lh'eu entom:
se vos hy, meu amigo, pesar fiz
nom foy por al, se nom porque me quix.
Aly hu eu com outr'ant'el faley
perguntou-m'ele porque lhi fazia
tam gram pesar ou se o entendia
e direy-vos como me lhi salvey:
se vos hy, meu amigo, pesar fiz
nom foy por al, se nom porque mè quix.

286

Amigo, poys me vos aqui
ora mostrou nostro senhor,
direy-vos quant'ha que sabor
nom ar ouve d'al nem de mi,
per boa fé viv'eu, meu amigo,
des que nom falastes migo.
E ar direy-vos outra ren,
nunca eu ar pudi saber
que x'era pesar nem praser,
nem que x'era mal, nem que bem;
per boa fé viv'eu, meu amigo
des que nom faIaste migo.
Nem nunca o meu coraçom,
nem os meus olhos ar quitey
de chorar, e tanto chorey
que perdi o sen des enton;
per boa fé viv'eu meu amigo
des que nom falastes migo.

287

Amigas, por nostro senhor,
andade ledas migo
cá puj'antre mha madr'amor
e antr' o meu amigo;
e por aquest'ando leda
gram dereyt'ei andar leda
e andade migo ledas.
Pero mha madre nom foss'y
mandou-mi que o visse,
nunca tam bom mand'oy
como quando m'ho disse;
e por aquesto ando leda,
gram dereyt'ey andar leda,
e andade migo ledas.
E mandô-o migo falar,
vedes que bem m'ha feyto,
e venho-mi vos en loar
ca pugi ja assy o preyto;
e por aquesto ando leda,
gram dereyt'ey andar leda
e andade migo ledas.

288

Vedes, amigas, meu amigo ven
e envyou-mi dizer e roguar,
que lh'aguis'eu de migo falar,

e do tal preyto nom sey end'eu rem,
e pesa-mi que m'envyou dizer
que lhi faça o que nom sey fazer.
Ca pero m'end'eu gram sabor ouver
e mui gram coita no meu coraçom
de lh'o guisar, se deus mi perdon'
nom lh'o guisarey poys nom souber,
e pesa-mi que m'envyou dizer
que lhi faça o que nom sey fazer.
Ca eu nunca com null'ome faley
tanto me nom valha nostro senhor
des que naçi nem ar fuy sabedor
de tal fala, nem na fiz, nen a sey
e pesa-me que m'envyou dizer
que lhi faça o que nom sey fazer.

289

Filha, direy-vos hunha ren
que de voss'amigu' entendi
e filhad'algun conselh'y,
digo-vos que vos nom quer ben
madre, creer vos-ey eu d'al,
E nom d'esto, per boa fé,
ca sey que mui melhor ca sy
me quer, nem que m'eu quero mi;
mal mi venha se assi é,
madre, creer-vos-ey eu d'al
Mays nom d'esto, ca si lhe praz
de me veer, que poys naçi
nunca tal prazer d'ome vi;
filha, sey eu que o nom faz;
madre creer-vos-ey eu d'al.
Mays nom vos creerey per ren
que no mundo a quē queira tam gram bem.

290

Ay, meu amigo, se vejades
prazer de quanto no mund'amades
levade-me vosc'amigo.
Por nom leixardes mi, bem talhada,
viver com'oj' eu vyvo coitada,
levade-me vosc'amigo.
Por deus, filhe-x'i-vos de mi doo,
melhor vivedes migo, ca soo,
levade-me vosc'amigo.

291

Fui eu, madre, lavar meus cabellos
a la fonte, e paguey-m'eu d'elos
e de mi,
louçana, e
Fui eu, madre, lavar mhas garceras
a la fonte, e paguey-m'eu d'elas,
e de mi,
louçana, e
A la fonte paguey-m'eu d'eles;
a lá achey, madr', o senhor d'eles
e de mi,
louçana e
Ante que m'eu d'ali partisse
fui pagada do que m'el disse
e de mi,
louçana, e...

292

Ay, deus, a vol o digo,
foy-s'ora o meu amigo;
e se o verey, velyda!
Quem m'end'ora soubesse
verdad'e mi dissesse,
e se o verey, velida!
Foy-s'el mui sen meu grado,
e nom sey eu mandado
e se o verey, velida!
Que fremosa que sejo
morrendo com desejo;
e se o verey, velida.

DOM JOHAM SOARES COELHO

293

Fremosa, a deus louvado
con tan muyto ben, como oj'ey,
e soo mays leda, *a deus grado,*
ca todo quant'eu desejey
vi, quando vi meu amigo.

*

Agora me foy mha madre melhor
ca me nunca foy melhor des quando naçi,
nostro senhor lh'o gradesca por mi
e ora é mha madre e mha senhor;
cá me mandou que falasse migo
quant'el quisesse, o meu amigo.
Sempre lh'eu, madr'e senhor chamarey,
e puynharey de lhe fazer prazer
por quant'a me non quiz leixar morrer
e morrera, mais já non morrerey,
ca me mandou que falasse migo
quant'el quisesse, o meu amigo.

ESTEVAM REYMONDO

294

Amigo, se ben ajades,
rogo-vos que mi digades
por que non vyvedes migo,
meu conselh'e meu amigo,
porque nom vivedes migo?
Se mi vós tal ben queredes,
amigo, qual me dizedes,
porque nom vivedes migo,
meu conselh'e meu amigo,
porque nom vivedes migo?
Poys eu nada nom desejo
se nom vós, hu vos nom vejo,

porque nom vivedes migo,
meu conselh'e meu amigo,
porque nom vivedes migo?
Poys que nom desejey al nada
se nom vós d'esta vegada,
porque nom vivedes migo,
meu conselh'e meu amigo,
porque nom vivedes migo?

295

Anda triste meu amigo,
mha madre, ha de mi gram despeyto
porque nom pode falar comigo
e non por al; e faz gram dereyto
d'andar triste o meu amigo
porque nom pode falar migo.
Anda trist'o meu amigo,
mha madre, tenho que seja morto
porque nom pode falar comigo,
e nem por al; e nom faz gram torto
d'andar trist'o meu amigo
porque nom pode falar migo.
Anda trist' o meu amigo,
mha madre, anda por en coitado
porque nom pode falar comigo
e nom per al; e faz mui guisado
d'andar triste o meu amigo
porque nom pode falar migo.

JOHAM LOPES DE ULHOA

296

Oy ora dizer que ven
meu amigo, de que eu ey
muy gram queixum'e averey
se m'el mentir por nulha ren,
como pod'aquesto fazer;
poder sen mi tanto morar
hu mi nom podesse falar.
Non cuydei que tám gram sazon
el podesse per ren guarir
sen mi, e poys que o eu vyr
se mi nom disser logu'entom
como pod'aquesto fazer:
poder sem mi tanto morar
hu mi nom podesse falar.
Poder m'a, se o nom souber
que terra foy a que achou
hu el sen mi tanto morou,
se mi verdade non disser
como pod'aquesto fazer:
poder sen mi tanto morar
hu mi nom podesse falar.

297

Ay deus, hu é meu amigo
que nom m'envya mandado,

cá preyt'avya comigo
ergo se fosse coitado
de morte, que se vehesse
o mays cedo que podesse.
Quando s'el de mi partia
chorando fez-mi tal preyto
e disse quand'e qual dia
ergo se fosse mal treyto
de morte, que se vehesse
o mays cedo que podesse.
E já o praz' é passado,
que m'el disse que verria,
e que m'havia jurado
s'en gram coyta todavya
de morte, que se vehesse
o mays cedo que podesse.
E se eu end'al soubesse
que nunca lhi bem quizesse.

298

Que trist'oj'eu ando, fazo gram razom,
foy-s' o meu amigu'; e o meu coraçom,
donas, per boa fé,
alá est hu el é.
Con tan gran coyta perderey o sen,
fuy-s'o meu amigu', e todo o meu bem
donas, per boa fé,
alá est hu el é.
E perdirey o sen, donas, ou morrerey;
fuy-s'o meu amigu'e quanto ben ey,
donas, per boa fé,
alá est hu el é.
Que adur quitou de me os olhos seus,
fuy-s'o meu amigu' e o lume dos olhos meus
donas, per boa fé,
alá est hu el é.

299

Eu fiz mal sen qual nunca fez molher,
pero cuydey que fazia bon sen
do meu amigo que mi quer gram bem,
e mal sen foy, poys m'el tan gran bem quer,
que o tive sempr'em desdem e nom
pode el saber rem do meu coraçom.
Ca nunca de mi pud'entender al
e com essa coita se foy d'aqui,
e fez mal, se nunca tam mal sen vi
porque o fez, e acho-m'ende mal,
que o tive sempr'en desden e nom
pod'el saber rem do meu coraçom.
Por lhi dar eu coyta por sabe'lo seu
coraçom, ben qu'eu sabia ja,
m'encobri de mays, sempre já será
mal para mi ca mal o perfiz eu,
que o tive sempre em desdem e nom
pod'el saber rem do meu coraçom.

300

Ja eu sempre mentre viva for
viverey mui coytada,
porque se foy meu amigo
e fui eu hy mui cerrada;
por quanto lhi foy sanhuda
quando se de mi partia
par deus, se ora, se ora chegasse
com el mui leda seria.
E tenho que lhi fez torto
de me lh'assanhar doado,
pois que m'o nom merecera
e foy-se por en coitado,
por quanto lhi fui sanhuda
quando se de mi partia
par deus, se ora, se ora chegasse
com el mui leda seria.
El de pram quen esto cuyda
que est migo perdudo,
ca se nom logo verria
mays por esto m'é sanhudo,
por quanto lhe fuy sanhuda
quando se de mi partia
par deus, se ora, se ora chegasse
com el mui leda seria.

301

Eu nunca dormo nada
cuydand'em meu amigo,
el que tam muyto tarda
se outr'amor ha sigo,
ergo lo m'eu querria
morrer oj'este dia.
E cuyd'eu esto sempre,
nom sei que de mi seja,
el que tam muyto tarda
se outro bem deseja,
ergo lo m'eu querria
morrer oj'este dia.
Se o faz faz-mi torto,
e, par deus, mal me mata,
el que tam muyto tarda
se rostro outro lh'o cata
ergo lo m'eu querria
morrer oj'este dia.
Ca meu dano seria
de viver mays hum dia.

302

Que mi queredes, ay madr'e senhor,
ca nom ey eu no mund'outro sabor
se nom catar aly per ú a viir,
meu amigo porque moiro d'amor,
e nom poss'end'eu os olhos partir.
Já me feristes cem vezes por en,
eu, mha madre, nom ey outro ben,
se nom catar aly per u a viir
meu amigo, por quen perco o sen,
e nom poss'end'eu os olhos partir.
Por aquel deus que vos fez nacer
leixade-me que nom poss'al fazer
se nom catar aly per u a viir
meu amigo, por quen quero morrer
e nom poss'end'eu os olhos partir.

DOM FERNÃO FERNANDEZ COGOMINHO

303

Amigu'e nom vos nembrades
de mi, e torto fazedes
mays nunca per mi creades
se mui cedo nom veedes;
ca sodes mal conselhado
de mi sayr de mandado.
Nom dades agora nada
por mi, e poys vos partirdes
d'aqui, mays mui bem vingada
serey de vós, quando virdes
ca sodes mal conselhado
de mi sayr de mandado.
Nom queredes viver migo
e moiro com soydade,
mays veredes, amigo,
poys que vos digu'eu verdade,
ca sodes mal conselhado
de mi sayr de mandado.

304

Hyr quer'oj'eu, madre, se vos proguer
hu é meu amigu', e se o poder veer,
veerey muy gram prazer.
Gram sazon ha, madre, que o nom vi;
mays poys mi deus guisa de o hir veer
veerey hi muy gram prazer.

305

Amiga, muyt'ha que nom sey
nen m'ar vehestes vós dizer
novas que querria saber
dos que ora son com el-rey,
se se veem, ou se x'estam,
ou a que tempos se verram.
Enquanto falastes migo
dizede, se vos venha ben,
se vos disse novas alguem
dos que el-rey levou comsigo,
se se veem, ou se x'estam,
ou a que tempos se verram.
Daria mui de coração
quem quer que aver podesse
a quem mi novas dissesse
del-rey e dos que con el son,
se se veem ou se x'estam,
ou a que tempos se verram.

Mays ben sey o que faram,
porque mi pesa tardaram.

306

Meu amigo, se vejades
de quant'amades prazer
quant'alhur muyto morades
que nom podedes saber,
amigo, de mi mandado
se sodes enton coytado;
Dizede-m'o, meu amigo,
e par deus nom m'o neguedes,
quando nom sodes commigo
e muyt'ha que nom sabedes
amigo, de mi mandado
se sodes entom coytado.
Ca sse faz que vós andades
quando vos de mi partides,
gram tempo que nom tornades,
e entom quando nom oydes
amigo, de mi mandado
se sodes entom coytado.

GONÇALO EANES DO VINHAL

307

Que leda que oj'eu sejo,
porque m'envyou dizer
ca nom vem com gram desejo
coytado d'u foy viver,
ay dona, lo meu amigo
se nom por falar comigo,
nen ven por al, meu amigo,
se nom por falar comigo.
Envyou-mi seu mandado
dizer, qual eu creio bem
cá nom vem por al coytado
de tam longe com'el vem,
ay dona, lo meu amigo
se nom por falar comigo,
nem vem por al, meu amigo,
se nom por falar comigo.
Nulla coyta nom avya
tanto creede per mi,
outro, nem el nom envia
mays quer que verria aqui,
ay dona, lo meu amigo
se nom por falar comigo,
nem vem por al meu amigo,
se nom por falar comigo.

308

Par deus, amiga, quanto receey
do meu amiguo todo m'oj'avem,
ca receey de mi querer gram bem
como m'el quer, pol o que vos direy,
eu poys fui nada nunca ouv'amor
nem quiz amigu'en tal sazom aver
e el filhou-m'á força por senhor
a meu pezar e morrerá por en.
E nom se pod'alongar eu o sey
dos que migo falam, nem encobrir,
que lhis eu nom falhe en al para oyr
em mi falar, e já me lhi eu sanhey
porque o fez, e nunca el mayor
pezar oyo, mays nom podo fazer,
mays esse pouco que el vivo for,
farey-vo-lh'eu o que m'el faz sentir.
E sabe deus o pesar que end'ey,
mays nom se pode de um gram pezar
guardar se nom quen x'en d'el quer guardar,
mays sempre m'eu de tal preyto guardey,
o mays que pud'e nom ouvi sabor,
mays el me mata porque quer morrer
por mi de pram, e do que m'é peyor
nem poder já o coraçom quitar.

309

Quand'eu soby nas torres sobre lo mar
e vi onde soy a abafordar
o meu amig', amigas, tam gram pesar
ouv'eu entom por el en o coraçom
quand'eu vi estes outros per hy andar
que a morrer ouvera por el entom.
Quand'eu catey das torres derredor
e nom vi meu amigu'e meu senhor,
que oj'el por mi vyve tam sen sabor
ouv'eu enton tal coyta no coraçom
quando me nembrey d'el e do seu amor
que a morrer ouvera por el entom.
Quand'eu vi esta cinta que m'el leixou,
chorando com gram coyta e me nembrou
a corda da camisa que m'el filhou
ouvi por el tal coyta no corazon
poys me nembra, fremosa, hu m'en mentou
que a morrer ouvera por el entom.
Nunca molher tal coyta ouv'a sofrer
com'eu, quando me nembra o gram prazer
que lh'eu fiz huma cinta veu a cinger;
creceu-mi tal coyta no corazom
quand'eu soby nas torres polo veer,
que a morrer ouvera por el entom.

310

O meu amigo, que me quer gram bem,
nunca de mi pode aver se nom mal,
e morrerá hu nom pode aver al
ca my praz, amiga, de morrer
por aquesto que vos quero dizer:
leix'a coydar en o mal que lhy en vem
e coyda sempre meu boom parecer.
E a tal hom', amigas, que farey
que assy morre e assy quer morrer,
porque aquele bem que nunca pode aver
nem averá, cá ja se lh'o partyo,

porque mi asy demanda d'u saiu
leix'a cuydar no mal que lhy eu dey
e coyda em mi fremosa que m'el vyo.
C'amores tantas coytas lhy dam
por mi, que já á morte muy prompto está
e sey eu d'el que cedo morrerá,
e se morrer nom me faz hy pesar,
ca se nom soube da morte guardar;
leix'a coydar en o seu grande afam
e coyda sempre em meu bom semelhar.

311

Amigo, por deus, vos venh'ora a rogar
que mi nom querades fazer perdoar
ao meu amigo que mi fez pesar,
e nom m'o roguedes ca o nom farey
atá que el venha ante mi chorar,
porque s'assanhou nom lhy perdoarey.
Por quanto sabedes que mi quer servir
mais que outra rem, quero-lh'o gracir,
mais eu nom lh'o ey por en consentir,
e nom m'o roguedes ca o nom farey
atá que el venha mercee pedir,
porque s'assanhou nom lhi perdoarey.
Gram pesar lh'y farey, nom vistes mayor
porque nom guardou min, nen o meu amor,
sem filhar sanha ouve gran d'ir sabor,
e nom me roguedes ca o nom farey
atá que el senta hira de senhor,
porque s'assanhou nom lhy perdoarey.
E porque sey bem que nom pode viver
hu el nom podér os meus olhos veer
fare-lh'eu que veja qual é meu poder,
e nom me roguedes que o nom farey
atá que eu veja que já quer morrer,
porque s'assanhou nom lhy perdoarey.
Mais pois que el tod'aquesto fazer, farey
eu por vós quanto fazer desejo,
mays ante por rem nom lhy perdoarey.

312

O meu amigo queixa-se de my,
amiga, porque lhi non faço bem,
et diz que perdeu já por mi o sem
e que o poss'eu desensandecer;
et nom sey eu se el diz verdad'y,
mais nom quer'eu por el meu mal fazer.
Queyxa-se el muyto, porque lhy nom fiz,
amiga, bem; et diz que ha pavor
de mostrar mal se por mi morto for,
poyl-o poss'eu de morte couorecer,
et nom sey eu se el verdade diz,
mais nom quer'eu por el meu mal fazer.

313

Meu amigu'é d'áquem hido,
amiga, muy meu amigo,
dizem-mi, bem vol-o digo
que é já de mi parado;
mais que preito tam desavisado.
Pero vistes que chorava
quando se de mi partia,
disserom-mi que morria
por outra e que trovava;
mays que preyto tam desavisado.
O que sey de pram que morre
por mi, que nom faz torto,
dizem·m'ora que é morto
s'y se lh'outra nom acorre;
mays que preyto tam desavisado.

ROY QUEYMADO

314

O meu amig', ay amiga,
que muyt'a prol buscastes
quando me por el rogastes,
pero vos outra vez diga
que me vós por el roguedes,
nunca me por el roguedes.
El verrá ,bem o sabedes,
dizer-vos que é coytado,
mays sol nom seja pensado
pero o morrer vejades,
que me vós por el roguedes
nunca me por el roguedes.
Quanto quiser tanto more
meu amigo e nós outra terra,
e ande comig'a guerra,
mays pero ante vós chore
que me vós por el roguedes,
nunca me por el roguedes.

315

Quando meu amigo souber
que m'assanhey por el tardar
tam muyto quand'aquy chegar
e que lh'eu falar nom quizer,
muyto terrá que baratou
mal, porque tam muyto tardou.
Nen tem agora el en rem
mui gram sanha que eu d'el ey,
quando el veer com'eu serey
sanhuda, parecendo bem
muyto terrá que baratou
mal, porque tam muyto tardou.
E quand'el vir os olhos meus
e vir o meu bom semelhar,
e o eu nom quiser catar
nem m'ousar el catar dos seus,
muyto terrá que baratou
mal, porque tam muyto tardou.
Quando m'al vir bom parecer
com'oj'eu sey que m'el verá,
e da coyta que por myn ha

nom m'ousar nulha rem dizer,
muyto terrá que baratou
mal, porque tam muyto tardou.

316

Dizem-m'ora que nom verrá
o meu amigo, porque quer
muy gram bem d'outra mollier;
mays esto quem no creêrá,
que nunca el de coraçom
molher muyt'ame, se mi nom.
Pode meu amigo dizer
que ama outrem mays c'a sy
nem que outra rem, nem c'a mi;
mays esto nom é de creer
que nunca el de coraçom
molher muyt'ame se mi nom.
Enfinta fazer el, eu o sey,
que morre por outra d'amor
e que nom ha mi por senhor;
mays en esto nom creerey
que nunca el de coraçom
molher muyt'ame, se mi nom.

MEM RODRIGUES TENOYRO

317

Poys que vos eu quero mui gram bem,
amigu', e quero por vós fazer
quanto me rogades dizer,
vos quer'eu y rogar uma rem:
que nunca vós amig'ajades
amig'a que o digades;
nem eu nom quer'aver amiga,
meu amig'a que o diga.
Quanto me vós quiserdes mandar
que por vós faça, bem sabede
que o farey, e vós fazede
por mi o que vos quero rogar:
que nunca vós amig'ajades
amig'a que o digades;
nem eu nom quer'aver amiga,
meu amig'a que o diga.
Poys vos eu faço tam grand'amor
que nom quero ao meu catar,
quero-vos ante muyto roguar,
meu amigo, por nostro senhor,
que nunca vós amig'ajades
amig'a que o digades;
nem eu nom quer'aver amiga,
meu amig'a que o diga.

318

Amigo, pois mi dizedes
cá mi queredes mui gram bem,
quand'ora vos fordes d'aquem
dizede-me que faredes?
Senhor fremosa, eu vol-o direy,
tornar-m'ey ced'ou morrerey.
Se nostro senhor vos perdon'
poys aqui sodes coytado,
quando fordes alongado
por deus, que farey entom?
Senhor fremosa, eu vol-o direy,
tornar-m'ey ced'ou morrerey.

319

Hir-vos queredes, amigo, d'aquem
e dizedes-mi vós que vos guys'en
que faledes ante comigu'; e meu
amigo, dizede ora unha rem:
como farey eu tam gram prazer
a quem mi tam gram pesar quer fazer?
Rogades-me vós mui de coraçom
que fale vosco, que al nom aja hi,
e queredes-vos, amigo, yr d'aqui;
mays dized'ora, se deus vos perdon':
como farey eu tam gram prazer
a quem mi tam gram pesar quer fazer?
Queredes que vos fale se poder
e dizedes que vos queredes hir,
mas se deus vos leixe cedo viir
dizede, amigo, se o eu fizer:
como farey eu tam gram prazer
a quem mi tam gram pesar quer fazer?

320

Quyso-me hum cavalleyro dizer,
amigas, cá me queria gram ben,
e defendi-lh'o eu, e hunha rem
sey, per quant'eu hi d'el pud'aprender:
tornou mui trist'e eu bem lh'entendi
que lhi pezou, porque lh'o defendi.
Quiz-m'el dizer, assy deus mi perdon'
o bem que mi quer, a mui gram pavor,
e quiso-me logo chamar senhor,
e defendi-lh'o eu, et el entom
tornou mui triste, eu bem lh'entendi
que lhi pezou, porque lh'o defendi.
Falava migu'e quiso-me falar
no mui gram bem que m'el diz ca mi quer;
e dixi-lh'eu que nom lh'era mester
de falar hi, e el com gram pesar
tornou mui trist'e eu bem entendi
que lhi pezou, porque lh'o defendi.

ESTEVAM COELHO

321

Sédia la fremosa, seu fuzo torcendo,
sa voz manselinha, fremoso dizendo
cantigas d'amigo.
Sedia la fremosa seu fuso lavrando,
sa voz manselinha, fremoso cantando

cantigas d'amigo.
—Par deus de cruz, dona, sey eu que avedes
amor mui coitado, que tam bem dizedes
cantigas d'amigo.
Par deus de cruz, dona, sey que andades
d'amor mui coytada, que tam bem cantades
cantigas d'amigo.
«Abuytre comestes, que adevinhades.»

322

Se oj' o meu amigo
soubesse, hyria migo
eu al rio me vou banhar,
al mare.
Se oj'el este dia
soubesse, migo iria
eu al rio me vou banhar,
al mare.
Que lhi dessess' a tanto
ca ja filhey o manto,
eu al rio me vou banhar,
al mare.

ESTEVAM TRAVANCA

323

Por deus, amiga, que me preguntedes
por meu amigo que aqui nom ven,
e sempre vos eu poren querrey bem
par deus, amiga, se o fazedes;
cá nom ous'oj'eu por el preguntar
com medo de mi dizerem pezar.
Log' oj' amiga, polo meu amor
preguntad'os que aqui chegaron,
como ou de qual guisa o leixaron
e dizede-m'o, por nostro senhor;
cá non ous'oj'eu por el preguntar
com medo de mi dizerem pezar.
Preguntade vol-o vosso amigo,
ca sei eu mui ben cá vol-o dirá
se era morto ou viv'o que fará,
e falade-o commigo;
ca non ous'y'eu por el preguntar
com medo de mi dizerem pezar.

324

Amigas, quando-se quytou
meu amigo un dia d'aqui
pero m'ho eu coytado vi,
e m'el ante muyto rogou
que lhe perdoasse, nom quix;
e fiz mal porque o nom fiz.
E pavor ey de s'alongar
d'aqui, assy deus mi perdon,
e fará-o com gram razom,
ca me veo ante rogar
que lhi perdoass'e num quix;
e fiz mal porque o nom fiz.
Chamava-m'el lume dos seus
olhos, e seu bem e seu mal,
poyl'o nom fazia por al
que o fezesse, por deus,
que lhi perdoass'e nom quix;
e fiz mal porque o nom fiz.
E se o poren perdud'ey
nunca mayor dereyto vi,
ca veo chorar ante mi
e disse-m' o que vos direy:
que lhi perdoass'e nom quix;
e fiz mal porque o nom fiz.
E sempre m'eu mal acharey
porque lh'entom nom perdoey,
cá se lh'eu perdoass'aly
nunca s'el partira d'aqui;
que lhi perdoass'e nom quix,
e fiz mal porque o nom fiz.

325

Se eu a meu amigo dissesse
quant'eu já por el quisera fazer
hunha vez, quando m'el veo veer,
des que end'el verdade soubesse,
nom averia queixume de mi
como oj'el ha, nem s'yria d'aqui.
E se soubesse quam sen meu grado
nom fiz por el quanto eu quizera enton
fazer, amiga, se deus mi perdon'
per com'eu cuid' e cuyd'aguisado,
nom averia queixume de mi
como oj'el ha, nem s'yria d'aqui.

326

Dizem, mha'miga, se nom fezer bem
a meu amigo, qu'el prenderá
morte por my, et pero que el a
por mim gran coyta e me quer gram ben
mais lhe valrria para nom morrer
nom lhe fazer bem ca de lh'o fazer.
Mais, amiga, hũa cousa sey
de meu amigo que el averá
morte muy cedo se meu bem nom a,
e per quant'oj' eu de mha fazenda sey,
mais lhe valrria pera nom morrer
nom lhe fazer bem, ca de lh'o fazer.

RODRIGO EANES DE VASCONCELLOS

327

O voss' amig', amiga, foy sazom
que desejava no seu coraçon
outra molher, mays em vossa prisom
está quite por vós d'outra rem
e poys el nom deseja se vós nom
ben seria de lhi fazerdes ben.
El a outra dona soya querer

gram bem, amiga, e foy-vos veer
e ora ja nom pod'aver prazer
de si nem d'al se lhi por vós nom vem,
e poys assi é no vosso poder
ben seria de lhi fazerdes ben.

328

Se eu, amiga, quero fazer ben
a meu amigo que ben nom quer al
se nom a mi, dizem que é mal
mhas amigas, e faço mal sen;
mays non as creo, ca sey hunha rem
poys meu amigo morre por morrer
por mi meu bem e de lhi bem fazer.
Elas nom sabem qual sabor eu ey
de lhi fazer eu bem no meu coraçom,
e posso-lh'o fazer mui com razom,
mays dizem logo que mal sen farey
mhas amigas, mays hũa cousa sey
poys meu amigo morre por morrer
por mi meu bem e de lhi bem fazer.
Eu lhi farey bem, e elas verram
preguntar-m'ante vós porque o fiz,
e direy eu qual est a que o diz;
e poys moyr'e outorgar-m'ho am,
ca lhis direi, mhas amigas, de pram
poys meu amigo morre por morrer
por mi meu bem, e de lhi bem fazer.
E ante lhi quero algum ben fazer
ca o leixar como morre, morrer,
por lhi falar bem ou polo veer
nom lhi quer'eu leixar morte prender.

329

O meu amigo nom ha de mi al·
se nom gram coyta que lhi nunca fal,
e, amigos, o coraçom lhi sal
por me veer; e dized'unha ren
poys m'el bem quer, e que lh'eu faça mal
que faria se lh'eu fezesse bem.
Des que eu naçi nunca lhi fiz prazer
e o mays mal que lh'eu pudi fazer
lhi fiz amiga, e quero saber
de vós, poys este mal por mal non ten
e lh'eu mal faç'e por mi quer morrer,
que faria se lh'eu fezesse bem.
El é quite por mi d'outro senhor
e faço-lh'eu cada dia peyor,
pero amiga, a mi quer melhor
c'a ssy nem al, e pois lh'assy aven
que lh'eu mal faç e m'el ha tal amor,
que faria se lh'eu fezesse bem.

AFFONSO MEENDES DE BEESTEIROS

330

Fals'amigo, per boa fé
m'eu sey que queredes gram ben
outra molher, e por mi ren
nom dades; mays poys assy é
oy mays fazede des aqui
compra d'outra ca nom de mi.
Ca n'outro dia vos achei
falar no voss'e nom en al
com outra, e foy m'ende mal,
mays poys que a verdade sey
oy mays fazede des aqui
compra d'outra ca nom de mi.
E quando vos eu vi falar
com outra logu'i bem vi eu
que seu erades cá nom meu;
mays quero-vos eu desenganar
oy mays fazede des aqui
compra d'outra, ca nom de mi.

331

Mha madre, venho-vos rogar
como roga filh'a senhor;
o que morre por mi d'amor
leixade-m'ir com el falar;
quanta coyta el sigo ten
sey que toda lhi por mi ven.
E sodes desmesurada
que vos nom queredes doer
do meu amigo, que morrer
vejo, e and'eu coitada;
quanta coita el sigo tem
sey que toda lhi por mi vem.
Veelo-ey eu, per boa fé
e darei-lh'i tam gram prazer
porqu'el dev' agradecer
poyl-o seu mal ced'o meu he;
quanta coyta el sigo tem
sey que todo lhi por mi vem.

332

Amigas, nunca mereceu
omem como eu mercy mal
em meu cuydar, ca nom en al,
mais ando-me por en sandeu
por quanto mi faz cuydador
d'aver eu bem de mha senhor.
Mais leixad'a m'andar assy
pero vos ajades poder,
meus amigos, de me valer
sol nom vos doades de mi;
por quanto mi fez coidador
d'aver eu bem de mha senhor.
Ca sey que per nenhum logar
amigos, que nom averey
d'ela bem, por quanto cuydey;
mais leixade-m'assy andar
por quanto mi faz cuidador
d'aver eu bem de mha senhor.
Ca o sandeu quanto mais for
d'amor sandeu merece milhor.

PERO GOMES BARROSO

333

Amiga, quero-vos eu já dizer
o que mi diss'o meu amigo,
que morre quando non é comigo
cuydando sempre no meu parecer;
mays eu nom cuydo se el cuydasse
em mi que tanto sen mi morasse.
Nunca lhi já creerey nulha rem
poys tanto tarda, se deus mi perdon',
e diz ca morre d'esto ca d'al nom
cuydand'en quanto mi deus fez de ben
mays eu nom cuydo se el cuydasse
em mi que tanto sem mi morasse.
Porque tam muyto tarda d'esta vez
sen pouqu'e pouco se vay perdendo
comigu'e diz el que jaz morrendo
cuydand'en quam fremosa me deus fez;
mays eu nom cuydo se el cuydasse
em mi que tanto sem mi morasse.
E nom sey rem porque el ficasse
que nom vehesse se lh'eu nembrasse.

334

O meu amigo que é com el rey,
faça lhi quanto bem quiser, bem sey
ca nunca bem no mundo pod'aver,
poys eu fremosa tam muyto bem ey
se nom viver migu'em quant'eu viver.
Punh'el-rey ora de lhi fazer bem,
e quanto x'el quizer tanto lhi dem,
ca nunca bem no mundo pode aver
se deus mi valha que lhi valha rem
se nom viver migu'em quant'eu viver.
Faça-lh'ora quanto el quiser, e nom
more comigo, se deus mi perdon',
ca nunca bem no mundo pod'aver
nem gram prazer em o seu coraçom
se nom viver migu'emquant'eu viver.
Nem gram pesar quantos no mundo som
nom lh'o faram se lh'eu fezér prazer.

335

Direy verdade, se deus mi perdon'
o meu amigo se mi quer gram bem
nom lh'o gradesco, e mays d'outra rem
gradesco a deus en o meu coraçom,
que m'el fremosa fez tanto mi deu
tanto de bem quanto lhi perdi eu.
Se m'el quer ben como diz ca mi quer,
el faz guisa d'en polo fazer,
nem lh'o gradesco, e ey que gradecer
a deus ja sempr' o mays que podér,
que m'el fremosa fez tanto mi deu
tanto de bem quanto lhi perdi eu.
Se m'el quer bem nom lh'o quer eu nen mal
nem farey que lhi gradesca hi,
mas quant' oj' eu no meu espelho vi
gradesc' a deus muyt', e gradesco-lh'al
que m'el fremosa fez, tanto mi deu
tanto de bem quanto lhe perdi eu.

PERO VYVYAENS

336

Poys vossas madres vam a San Simon
de Val de Prados candeas queymar
nós as meninhas punhemos d'andar
com nossas madres, s'elas entom
queymem candeas por nós e por sy
e nos meninhas baylaremos hy.
Nossos amigos todos la hiram
por nos veer, e andaremos nós
bayland'ant'eles fremosas sós,
e nossas madres poys que alá vam
queymem candeas por nós e per sy
e nós meninhas baylaremos hy.
Nossos amigos hiram por cousir
como baylamos, e podem veer
baylar moças de bom parecer,
e nossas madres poys lá querem hir
queymem candeas por nós e por sy
e nós meninhas baylaremos hy.

337

Por deus, amiga, punhad'em partir
o meu amigo de mi querer bem,
non m'ho digades cá vós nom val ren
nen mi mandês a ess'alá hir
ca tanta prol mi ten de lhi falar
per boa fé, como de me calar.
Dizede-lh'ora que se parta já
do meu amor onde sempre ouve mal,
leixemos ess'e falemos en al
muyto confonda deus quem lh'o dirá,
ca tanta prol mi ten de lhi falar
per boa fé, como de me calar.
Dizede-lh'ora que nom pod'aver
nunca meu bem, e que nom cuid'i sol
nom m'ho digades, ca vos nom tem prol,
confonda deus a quem lh'o vay dizer,
ca tanta prol mi ten de lhi falar
per boa fé, como de me calar.

FERNAM GONÇALVES DE SEAVRA

338

Pero que eu meu amigo roguey
que sse nom fosse sol nom sse leixou
por mi de s'yr, e quand'aqui chegou
por quant'el vyu que me lh'eu assanhey
chorou tam muyt'e tan de coraçon
que chorey eu con doo d'el enton.

Eu lhi roguey que mays nom chorasse,
ca lhi partia que nunca poren
lhi mal quisesse, nem por outra rem;
e ante que lh'eu esto rogasse,
chorou tam muyt'e tam de coraçom
que chorey eu com doo d'el entom.
El mi jurou que se nom cuydava
que end'ouvess'a tam gram pesar
cá se nom fora bem quen fosse matar,
e quand'el vyu que mi lh'assanhava
chorou tam muyt'e tam de coraçom,
que chorey eu com doo d'el entom.

DOM AFFONSO LOPES DE BAYAM

339

Fui eu, fremosa, fazer oraçon
nom por mha alma, mays que viss'eu hi
o meu amigo, e poyl o nom vi,
vedes, amigas, se des mi perdon',
gram dereyt'é de lazerar poren
poys el nom veo nem a ver meu bem.
Ca fuy eu chorar dos olhos meus,
mays, amigas, e candeas queymar
nom por mha alma, mays polo achar;
e poys nom veo, nen o dusse deus,
gram dereyt'é de lazerar poren
poys el nom veo nem a ver meu bem.
Fui eu rogar muyt'a nostro senhor,
non por mha alma candeas queymey
mays por veer o que eu muyt'amey
sempr'e nom veo o meu traedor,
gram dereyt'é de lazerar poren
poys el nom veo nem a ver meu bem.

340

Madre, des que se foy d'aqui
meu amigo, non vi prazer
nem m'ho queredes creer;
e moyr'e se nom é assy
nom vejades de mi prazer
que desejades aver.
Des que s'ele foy per boa fé
chorey, madre, dos olhos meus
com gram coyta sab'oje deus
e moyr'e se assy nom é
non vejades de mi prazer
que desejades aver.
De mha mort'ey mui gram pavor,
mha madre, se cedo nom vem,
e al nom dovidedes en,
cá se assy nom é, senhor,
non vejades de mi prazer
que desejades aver.

341

Hyr quer'oj'eu, fremosa de coraçom,
por fazer romaria e oraçom
a sancta Maria das Leiras,
poys meu amigo hy vem.
Des que s'o meu amigo foy nunca vi prazer
e quer'oj' ir, fremosa polo veer,
a sancta Maria das Leiras,
poys meu amigo hy vem.
Nunca serey leda se o nom vir,
e por esto fremosa and'or'a hir
a sancta Maria das Leiras,
poys meu amigo hy vem.

342

Disseron-m'unhas novas de que m'é mui grã ben
ca chegou meu amigu'e se el ali ven
a sancta Maria das Leiras
hirey velida, se hy vem meu amigo.
Disserom-m'unhas novas de que ei gram sabor
ca chegou meu amigo, e se el aly for
a sancta Maria das Leiras
hirey velida, se hy vem meu amigo.
Disserom-m'unhas novas de que ei gram prazer
ca chegou meu amigo, mays eu pol-o veer
a sancta Maria das Leiras
hirey velida se hy vem meu amigo.
Nunca com taes novas tam leda foy molher
com'eu solo com estas, e se hy veer
a sancta Maria das Leiras
hirey velida, se hy vem meu amigo.

JOHAM DE GUILHADE

343

Treydes todas, ay amigas, comigo
veer hum home muyto namorado
que aqui jaze cabo nós mal chagado,
e pero oy ha muytas coytas comsigo,
non quer morrer por nom pesar d'el alguen
que lh'amor ha, mays el muyt'ama alguen.
Já x'ora el das chagas morreria
se nom foss'o grand'amor verdadeyro,
preciade sempre amor de cavaleyro
cá el de pram sobr'aquesto perfia;
non quer morrer por nom pesar d'el alguem
que lh'amor ha, mays el muyt'ama alguem.
Lealmente ama Joham de Guylhade
e de vós todas lhi seja loado,
e deus lhi dê da porque faz grado,
ca el de pram com mui gram lealdade
nom quer morrer por nom pesar d'el alguem
que lh'amor ha, mays el muyt'ama alguem.

344

Por deus, amiga, que serrá
poys o mundo non é ren,
nen quer amiga senhor ben,
e este mundo que é já
poys hi amor nom ha poder

que prest'a seu bom parecer,
nem seu bom talh'a quen o ha.
Vedes porque o dig'assy
porque nom ha no mundo rey
que viss'o talho que eu ey
que xe nom morresse por mi,
si quer meus olhos verdes son
e meu amig'agora nom
me vyu e passou por aqui.
Mays dona que amig'ouver
des oje mays crea por deus
nom s'esforcem os olhos meus,
cá des oje mays nom lh'é mester,
cá já meus olhos vyu alguem
e meu bom talh'e ora vem
e vay-se tanto que s'yr quer.
E poys que nom ade valer
bom talho, nem bon parecer
parescamos já como quer.

345

Quer'eu, amigas, o mundo loar
por quanto ben mi nostro senhor fez:
fez-me fremosa e de mui bom prez,
ar fez-mi meu amigo muyt'amar,
aqueste mundo x'est a melhor ren
das que deus fez a quem el i faz ben.
O parayso boo x'é de pram
cá o fez deus, e nom digu'eu de non
mayl-os amigos que no mundo son
amiga, muit'ambos lezer am;
aqueste mundo x'est a melhor ren
das que deus fez a quem el i faz ben.
Querria-m'eu o parays'aver,
des que moiresse bem com'é quem quer
mays poyl a dona seu amigo er
e com el pode no mundo viver,
aqueste mundo x'est a melhor ren
das que deus fez a quem el i faz ben.
Quem aquesto nom tever por ben
nunca lhi deus dê en ele ren.

346

Sanhud'andades, amigo,
porque non faço meu dano
vosqu'e per fé sen engano
ora vos par e vos digo,
ca nunca já esse preyto
migo, amigo, sera feyto.
De pram nom son tam louca
que ja esse preyto faça,
mays dou-vos esta baraça
guardad'a cint'e a touca,
ca nunca já esse préyto
migo, amigo, será feyto.
Ay don Johan de Guylhade
sempre vos eu fui amigo,
e queredes que vos digo
en outro preyto falade,
ca nunca já esse preyto
migo, amigo, será feyto.

347

Amigas, o meu amigo
dizedes que faz enfinta
em cas del-rey da mha cinta,
e vede-lo que vos digo
mando-me-lh'eu que s'enfinta
da mha cinta e x'a cinta.
De pram todas vós sabedes
que lhi dei eu de mhas doas
e que m'has dá el mui boas,
mays d'esso que mi dizedes
mando-me-lh'eu que s'enfinta
da mha cinta e x'a cinta.
Se s'el enfinge ca x'ousa
e direy-vos que façades,
já mays nunca m'o digades,
e direy-vos hua cousa
mando-me-lh'eu que s'enfinta
da mha cinta e x'a cinta.

348

Vistes, mhas donas, quando n'outro dia
o meu amigo comigo falou,
foy mui queixos'e pero se queixou
dei-lh'eu entom a cinta que tragia
mays el demanda-m'outra solya.
E vistes que nunca, quem nunca tal visse,
por s'ir queixar, mhas donas, tan sen guisa,
fez-mi tirar a corda da camisa
e dei-lh'eu d'ela bem quanta m'el disse,
mays el demanda-m'al que no ferisse.
Sempre averá dom Joham de Guilhade
mentr'el quiser, amigas, das mhas doas,
ca já m'end'el muytas deu e mui boas
desy terrey-lhe sempre lealdade,
mays el demanda-m'outra torpidade.

349

Amigas, tamanha coita
nunca sofri, poys fuy nada,
e direy-vol-a gram coyta
com que eu sejo coytada;
amigas, ten meu amigo
amiga na terra, amigo.
Nunca vós vejades coita,
amiga, qual m'oj'eu vejo,
e direy-vos a mha coita
com que eu coitada sejo;
amigas, tem meu amigo
amiga na terra, amigo.
Sej'eu moirendo com coita
tamanha coita me filha
e de mha coita e coita

que tragu'e que maravilha;
amigas, tem meu amigo
amiga na terra, amigo.

350

Par deus, amigas, já me nom quer ben
o meu amigo, poys ora ficou
onde m'eu vyn, e outra o mandou;
e direy-vos, amigas, hunha ren:
se m'el quizesse como soya,
j'agora, amigas, migo seria.
E já cobrad'é seu coraçom,
poys el ficou hu lh'a mha cinta dei
e, mhas amigas, se deus me perdon',
se m'el quizesse como soya,
j'agora, amigas, migo seria.
Fez-m'el chorar muyto dos olhos meus
com gram pesar que m'oje fez prender
quand'eu dixi outro m'ouvyra dizer,
ay, mhas amigas, se mi valha deus,
se m'el quizesse como soya
j'agora, amigas, migo seria.

351

Vy oj'eu donas mui ben parecer
e de muy bon prez e de muy bom sen,
e muyt'amigas som de todo ben;
mays d'unha moça vos quero dizer
de parecer venceu quantas achou
or'a moça que x'agora chegou.
Cuydava m'eu que nom avyam par
de parecer as donas que eu vi,
a tam bem me pareciam ali,
mays poila moça filhou seu loguar,
de parçcer venceu quantas achou
or'a moça que x'agora chegou;
Que feramente a todas venceu,
e a mocelinha em pouca sazom,
de parecer todas vençudas som,
mays poil-a moça hi pareceu,
de parecer venceu quantas achou
or'a moça que x'agora chegou.

352

Amigas, que deus vos valha,
quando veher meu amigo,
falade sempr'unhas outras
emquant'el falar comigo,
ca muytas cousas diremos
que ante vós nom diremos.
Sey eu que por falar migo
chegará el muy coytado,
e vós hide-vos chegando
lá todas par'ess'estrado,
ca muytas cousas diremos
que ante vós nom diremos.

353

Morro, meu amigo, d'amor
e eu nom vol-ho creo ben,
e el mi diz logo por en
cá verrá morrer hu eu for,
cá mi praz de coraçom
por veer se moir'e se nom.
Envyou-m'el assy dizer
que el per mesura de mi
que o leixasse morrer aqui
e o vej'a quando morrer;
cá mi praz de coraçom
por veer se moir'e se nom.
Mays nunca já crêa molher
que por ela morre assy,
cá nunca eu esse tal vi;
e el moyra se lhi prouguer,
cá mi praz de coraçom
por veer se moir'e se nom.

354

Diss'ay, amigas, don Joham Garcia
que por mi com pesar nom morria,
mal baratou porque o dizia,
cá por est'o faço morrer por mi;
e vistes vós o que s'en fengia
demo lev'o conselho que ha de sy.
El disse já que por mi trobava,
ar en mentou-me quando lidava,
seu dano fez que se nom calava,
ca por esto o faço morrer por mi;
sabedes vós o que se gabava
demo lev'o conselho que ha de sy.
El andou por mi muito trobando,
e quant'avya por mi o dando,
e nas lides me ia en mentando,
e por esto o faço morrer por mi,
pero se muyto andava gabando
demo lev'o conselho que ha de sy.

355

Fostes amig'oje vencer
na voda em bafordar bem
todo-los outros, e praz-m'en;
ar direy-vos outro prazer,
alevad'o parecer da voda,
per boa fé eu m'a levo toda.
E poyl-os vencedes assy,
nunca deviam a lanzar
vosc'amigo, nem bafordar,
ar falemos loguo de mi;
alevad'o parecer da voda,
per boa fé eu m'a levo toda.
E muyto mi praz do que sey
que vosso bom prez verdad'é,
meu amigo, e per boa fé
outro gram prazer vos direy:

alevad'o parecer da voda,
per boa fé eu m'a levo toda.
A toda las donas pesou
quando me vi comsigo estar,
e punharam de s'afeytar,
mays praza-vos de como eu vou;
alevad'o parecer da voda,
per boa fé eu m'a levo toda.

356

Chus mi tarda, mhas donas, meu amigo,
ó que el migo pozera,
e crece-m'end'unha coyta tam fera
que nom ey o cor migo;
cuidey já que atá que o visse
que nunca ben dormisse.
Quand'el ouv'a fazer a romaria
poz-m'um dia talhado
que vyess'e nom vem, mal pecado,
oje sse compre o dia.
cuydey já que atá que o visse
que nunca bem dormisse.
Aquel dia que foy de mi partido
el mi jurou chorando,
que verria, e poys mi pez'e quando
já o praz'é saydo;
cuidey já que atá que o visse
que nunca bem dormisse.

357

Cada que ven o meu amig'aqui
diz-m', ay amigas, que perd'o sen por mi,
e diz que morre por meu ben;
mays eu bem cuydo que nom est assy,
ca nunca lh'eu vejo morte prender
nem no ar vejo nunca ensandecer.
El chora muyto e filha-s'a jurar
que é sandeu, e quer-me fazer fis
que por mi morr'e poys morrer nom quis
mui bem sey eu que ha ele vagar,
ca nunca lh'eu vejo morte prender
nem no ar vejo nunca ensandecer.
Ora vejamus o que vos dirá
poys veher viv'e poys sandeu nom for
ar direy-lh'eu: nom morrestes d'amor,
mays bem se quite de meu preito já,
ca nunca lhi vejo morte prender,
nem no ar vejo nunca ensandecer.
E já mays nunca mi fará creer
que por mi morre ergo se morrer.

358

Per boa fé, meu amigo,
mui bem sey eu que m'ouvestes
grand'amor, e estevestes
mui gram sazon bem comigo;
mays vede-lo que vos digo
já çafou.
Os grandes vossos amores
que mi e vós sempr'ouvemos
nunca lhi cima fezemos
com'a Brancafrol e Flores;
mays tempo de rogadores
já çafou.
Já eu faley em folya
com vosqu'em gram cordura,
e en sen e em loucura
quanto durava o dia;
mays está hi don Jam Garcia
ja çafou.
E d'essa folya toda
ja çafou,
ja çafou do pam da voda
já çafou.

359

Estas donzelas que aqui demandam
os seus amigos que lhis façam ben,
querrey, amigas, saber hunha ren
qu'é aquello que lhes demandam?
ca hum amigo que eu sempr'amey
pediu-mi cinta e ja lh'a er dey,
mays eles, cuydo, que al lhis demandam.
O meu seria perdudo comigo
per sempr', amigas, se mi pediss'al;
mays pedir cinta non é nulh'a mal
e por aquesto nem se perdeu migo;
mais se m'el outra demanda fezesse
deus me confunda se lh'eu cinta desse,
e perder-s'ia já sempre comigo.
Mayl-a doncela que muyt'ha servida,
o seu amigo esto lh'é mester
dê lhi sa cinta se lhi dar quiser,
se entender que a muyto ha servida;
mays se x'el quer outro preyto mayor
maldita seja quem lh'amiga for,
e quem se d'el tever por servida.
E se tal preyto nom sey end'eu ren
mays se o ela por amigo ten,
nom lhi trag'el lealdade cumprida.

360

Fez meu amigo gram pesar a mi,
e pero m'el faz tamanho pesar
fezestes-me-lh', amigas, perdoar
e chegou oj'e dixi-lh'eu assy:
viinde já cá, ja vos perdoey,
mays pero nunca vos já bem querrey.
Perdoey-lh'eu, mays nom já com sabor
que lh'ouvesse de lhi ben fazer,
e el quiz oj'os seus olhos m'erguer,
e dixi-lh'eu — olhos de traedor,
viinde já cá, ja vos perdoey,
mays pero nunca vos já bem querrey.
Este perdon foy de guysa de pram
que já mays nunc'amig'ouvess'amor,

e nom ousava viir com pavor;
e dixi-lh'eu — ay cabeça de cam,
viinde já cá, já vos perdoey,
mays pero nunca vos já bem querrey.

361

Fez meu amigo, amigas, seu cantar
per boa fé, em mui boa razon,
e sem enfinta, e fez-lhi bon son,
e unha dona lh'o quyso filhar;
mays sey eu ben por quen s'o cantar fez,
e o cantar já valrria hunha vez.
Tanto que lh'eu este cantar oy
logo lh'en foy na suma da razom
porque foy feyt'e bem sey porque nom
e hũa dona o quer para si
mays sey eu bem por quem s'o cantar fez
e o cantar já valrria unha vez.
E no cantar muy bem entendi eu
como foy feyt', e bem como por bem,
e o cantar é guardado muy bem
e hũa dona o querria por seu;
mays sey eu bem porque s'o cantar fez,
e o cantar já valrria hunha vez.

ESTEVAM DA GUARDA

362

A voss'amigo, amiga, que prol tem
servir-vos sempre muy de coraçom
sem bem que aja de vós se mal nom,
et com'amiga nom tem el por bem
entender de mi que lhy consent'eu
de me servyr et se chamar por meu.
Que prol tem ou que fala lhe dá
de vos servir et amar mais que al
sem bem que aja de vós se nom mal,
et nom tem el, amiga, que bem ha
entender de mi que lhy consent'eu
de me servyr et se chamar por meu.
A deus, amiga, que nos céos s'é
pero sey bem que me tem em poder,
non o servirey se non por ben fazer,
et com'amiga et tem el que pouqu'é
entender de mi que lhy consent'eu
de me servyr et se chamar por meu.

PERO D'ORNELLAS

363 E 364

Avedes vós, amiga, guisado
de falar vosc'oj'ó meu amigo
que vem aqui, e bem vol-o *digo,*
por falar vosqu'e diz recado
de rogo, amiga, do voss'amigo
que façades o meu falar migo.
E hu eu moro já el nom mora,
cá lhe defendi que nom morasse hi
e pero sey que vos traz'ora *aqui*
bem vol o digo o recado agora
de rogo, amiga, do vosso amigo,
que façades o meu falar migo.

*

Gram sazom ha que meu bem demanda
e nunca pode comigo falar,
e vem agora voss'amigo rogar
e ora recado sey que vos manda
de rogo, amiga, do vosso amigo
que façades o meu falar migo.

365

Huũ ric'ome, a quem huũ trobador
trobou ogan'aqui em cas del rey,
assentando em traz mi achey
vyu seer em hũu logar peyor;
er si me dixi: vynd'a ca pousar;
e disse-m'el — seed'em vosso logar
bem sej'acá, nom quero ser melhor.
Quando m'assentey, assi veja prazer,
nom me guardava eu de tal acajon,
e quando o vy, ergui-me logo entom:
passad' acá, lhe fui logo dizer
que s'erguesse d'antre os criados seus,
e disse-m'el — gradesca-vol-o deus
nom me compre de melhor seer.

DOM AFFONSO SANCHES

366

Affonso Affonses batiçar queredes
vosso criado, e cura nom avedes
que chame e diga, er esto fazedes
a quanto eu cuydo muy maao recado;
cá esto digo como o averedes
Affonso Sanses nunca batiçado.

367

Quando, amiga, meu amigo veer
em quanto lh'eu preguntar hu tardou
faláde vós nas donçelas entom;
e no sembrant', amiga, que fezer
veeremos bem se tem no coraçom
a donzela por que sempre trobou.

368

Dizia la fremosinha:
ay deus, val!
como estou d'amor ferida,
ay deus, val!
Dizia la bem talhada:
ay deus, val!

como estou d'amor coytada,
ay deus, val!
E como estou d'amor ferida
ay deus, val!
nom vejo o bem que queria,
ay deus, val!
E como estou d'amor coytada
ay deus, val!
nom vejo o que muito amava
ay deus, val!

JOHAM DE GUYLHADE

369

Foy-s'ora d'aqui sanhudo,
amiga, o vosso amigo;
amiga, perdudo é migo,
e pero mig'oj'é perdudo
o traedor conheçudo
a cá verrá,
a cá verrá,
a cá verrá.
Amiga, desemparado
é já de vós, e morreria;
sodes, amiga, sandia,
nom fogeu muy coytado,
mays ele mao seu grado
a cá verrá,
a cá verrá,
a cá verrá.
Amiga, com lealdade
dizem que anda morrendo,
vol-o andades dizendo,
amiga, est'é verdade
mayl'os que chufam Guylhade
a cá verrá,
a cá verrá,
a cá verrá.

370

Ay, amigas, perdud'an conhocer
quantus trobadores no reyno som
de Portugal, já nom am coraçom
de dizer bem que soyam dizer,
e sol nom falam em amor
e al fazem do que amar, e peor
nom querem já loar bom parecer.
Eles, amigas, perderon sabor
de vos veerem, ar direy-vos al:
os trobadores já vam para mal
nom ha hi tal que já sirva senhor;
nem sol troba per hua molher,
maldita sej'a quem nunca disser
a quem nom troba, que é trobador.
Mays, amigas, conselho ad'aver
dona que prez'e parecer amar,
atender temp'e nom se queixar,
e leixar já a vol-o tempo perder;
cá bem cuyd'eu que cedo verrá alguem
que se paga do que parece ben
ou veredes cedo amor valer.
E os que já desemparados som
de vos servir, sabud'é que entom,
leixe-os deus ma amor prender.

371

Vehestes, amiga, rogar
que fale com meu amigo
e que o avenha migo,
mays quero m'eu d'ele quytar,
cá se com el algunha ren falar
quant'eu falar com cabeça de cam
logo-o todas saberam.
Cabeça de cam perdudo,
e poys nom ha lealdade
com outra fala em Guylhade
é traedor conheçudo;
e por esto, amigo, estudo
quant'eu falar com cabeça de cam
logo-o todas saberam.
E se lh'eu mhas doas desse,
amigas, como soya,
a todol-o el diria,
e al quant'eu el dissesse
e falass'e com el fezesse;
quanto eu falar com cabeça de cam
logo-o todos saberam.

JOHAM VAASQUES DE TALAVEYRA

372

Disseron-mi que avya de mi
o meu amigo queixum'e pesar,
e é tal que me nom sey conselhar,
e, amiga, se lh'eu mal mereci
rog'eu a deus, que o bem que m'el quer
a que o queyra ced'a outra molher.
E se el queixume quiser perder
quede mi com coyta gracir-vo-lho-ey,
e, amiga, verdade vos direy
se lh'oj'eu queria mal merecer;
rogu'eu a deus que o bem que m'el quer
a que o queyra ced'a outra molher.
E fará meu amigo muy melhor
em perder queixume que de mi ha,
e par deus, amiga, bem lhe estará,
cá se lh'eu fuy de mal merecedor
rogu'eu a deus que o bem que m'el quer
a que o queyra ced'a outra molher.
E se lhe o el por ventura quiser
mal dia eu naçi se o souber.

373

O meu amigo, que sempr'amey
do primeyro dia que o vi,
ouv'el hum dia queixume de mi,

nom sey porque mays logo lh'eu guysey
que lhi fiz de mi queixume perder,
sey-m'eu com'e non o quero dizer.
Por que ouv'el queixum'e os meus
olhos chorarom muyto com pesar
que eu ouv'e poil-o vi assanhar
escontra mi, mays guysey eu par deus
que lhi fiz de mi queixume perder,
sey-m'eu com', e non o quero dizer.
Ouv'el de mi queixum'e huã rem
vos direy que m'aveo des entom,
ouv'eu tal coyta no meu coraçom
que nunca dormi, e guisey por en
que lhi fiz de mi queixume perder,
sey m'eu com', e non o quero dizer.
E quem esto nom souber entender
nunca en mays per mi pode saber.

374

Quando se foy meu amigo d'aqui
direy-vos quant'eu d'el pud'aprender
pesou-lh'y muyt'em se partir de mi
e ora, amiga, moyro por saber
se é mort'ou se guariu de pesar
grande que ouv'em se de mi quitar.
Sey eu ca lhi pesou de coraçon
de s'ir, pero nom pudi outra rem
fazer, se nostro senhor mi perdon',
e moyr'amiga, por saber d'alguem
se é mort', ou se guariu de pesar
grande que ouv'em se de mi quitar.
Mui ben vej'eu quam muyto lhi pesou
a meu amigu'em se d'aqui partir,
e todo foy per quanto se quitou
de mi, e moyr'amiga por oyr
se é mort', ou se guariu de pesar
grande que ouv'em se de mi quitar.
E, amiga, quem alguem sab'amar,
mal peccado, sempr'end'a o pesar.

375

Conselhou-mi unha mha amiga
que quizess'eu a meu amigo mal,
e ar dix'eu — poys m'eu parti a tal
rogu'eu a deus que el me maldiga
se eu nunca por amiga tever
a que m'a mi a tal con-elho der
Qual m'a mi deu aquela que os meus
olhos logo os entom fez chorar
por aquel conselho que mi foy dar,
vos jur'eu que nunc'a mi valha deus
se eu nunca por amiga tever
a que m'a mi a tal conselho der
Qual m'a mi deu aquela que poder
non ha des y, nem d'outro conselhar,
e deul a leixe d'est'o mal achar
e a mi nunca mi mostre prazer,
se eu nunca por amiga tever
a que m'a mi a tal conselho der.
A que m'a mi tal conselho der
filhe-y-o para si, se o quizer.

376

Do meu amigo que eu defendi
que non fosse d'aqui per nulha rem
alhur morar, ca mi pesava en,
vedes, amiga, o que aprendi:
que est aqui e quer migo falar,
mas ante pod'aqui muyto morar.
Do que vistes que me perguntou
quando s'el ouve d'aqui a partir
se mi seria bem, se mal de s'ir
ay amiga, mandado mi chegou
que est aqui e quer migo falar,
mas ante pod'aqui muyto morar.
Do que vós vistes mui sem meu prazer
partir d'aqui quando s'end'el partiu
e nom me falou entom, nem me viu,
ay amiga, veherom-mi dizer
que est aqui, e quer migo falar
mas ante pod'aqui muyto morar.
Que migo fale averá do pesar
que m'el fez, que mi poss'eu bem negar.

377

Vistes vós, amiga, meu amigo
que jurava que sempre fezesse
todo por mi quanto lh'eu dissesse,
foy-se d'aqui e nom falou migo;
e pero lh'eu dixi quando s'ya,
que sol nom se foss'e foy sa vya.
E per'u foy irá perjurado,
amiga, de quant'el a mi disse
ca mi jurou que se nom partisse
d'aqui, e foy-se sem meu mandado;
e pero lh'eu dixi quando s'ya
que sol nom se foss'e foy sa vya.
E nom poss'eu estar que nom diga
o gram torto que m'el ha feyto,
ca pero mi fezera gram preyto
foy-se d'aqui sem meu grad', amiga;
e pero lh'eu dixi quando s'ya
que sol nom se foss'e foy sa vya.
E se m'el muy gram torto fazia
julgue-me com el sancta Maria.

378

O meu amigo, que mi gram ben quer,
punha sempr', amiga, de me veer,
e punh'eu logo de lhi ben fazer;
mays vedes que ventura de molher:
quando-lh'eu poderia fazer bem
el nom vem hy; e se nom poss'eu, vem.
E nom fica per mi per boa fé
d'aver meu bem e de lh'o guisar eu,
nom sey se x'é meu pecado, se seu,

mays mha ventura tal foy e tal é:
quando-lh'eu poderia fazer bem
el nom vem hy; e se nom poss'eu, vem.
E per boa fé nom fica per mi
quant'eu posso, amiga, de lh'o guisar,
nem por el sempre de mh'o demandar,
mays a ventura no lo part'assy,
quando lh'eu poderia fazer bem
el nom vem hy; e se nom poss'eu, vem.
E tal ventura era para quem
nom quer amigu'e nom dá por el rem.

379

Quero-vos ora muy bem conselhar,
ay meu amig', assi me venha bem,
se virdes que me vós quer'assanhar
mha sanha nom tenhades em desdem;
ca se non for, muy bem sey que será:
se m'assanhar, alguem se queixará.
Se m'assanhar, nom façades hy al
et vos dê a sanha no coraçom,
poys vos eu posso fazer bem e mal
de a sofrerdes faredes razom,
ca se nom for, muy bem sey que será,
se m'assanhar, alguem se queixará.
E poys eu ey em vós tam gram poder
et averey emquant'eu vyva for,
já nom podedes per rem bem aver,
se nom fordes de sanha sofredor;
cá se nom for, muy bem sey que será,
se m'assanhar, alguem se queixará.

NUNO PEREZ SANDEU

380

Madre, disserom-m'ora, que ven
o meu amigu'e seja·vos bem,
e non façades vós end'outra rem,
ca moir'agora já por m'o veer
e a vós, madre, bem dev'aprazer
de s'a tal home por mi nom perder.
Bem m'é com este mandado que ey
de meu amigu'e non o negarey
de que se vem, e ora por que sey
que morr'agora ja por m'o veer,
e a vós, madre, bem dev'aprazer
de s'a tal home por mi nom perder.
Muyt'and'eu leda no meu coraçom
com meu amigu'e faço gram razom,
de que se vem, assi deus me perdon',
cá moir', amiga, ja por m'o veer
e a vós, madre, bem dev'aprazer
de s'a tal home por mi nom perder.

381

Ay, mha madre, sempre vos eu roguey
por meu amigu'e pero nom mi val
rem contra vós, e queredes lhi mal
e direy-vos que vos por en farey:
poys mal queredes meu lume e meu ben
mal vos querrey eu mha madre por en.
Vós catade per qual guisa será
cá nom ei eu já mays vosc'a viver
poys i vós a meu amigu' ydes querer
mal direy-vos que vos end'averrá,
poys mal queredes meu lume e meu bem,
mal vos querrey eu mha madre por en.

382

Porque vos quer'eu mui gram ben,
amiga, andad'a mi sanhuda;
mha madre, soo perduda
agora com ela poren,
mays guisarey, meu amigo
como faledes comigo.
Pela coyta que mi destes
foy ferida e mal treyta,
e ben o sab'a mha madre
que aquesta será feyta,
mays guisarey, meu amigo
como faledes comigo.

383

Deus, porque faz meu amig'outra rem
se nom quanto sabe que praz a mi,
per boa fé, mal conselhad'é hy,
ca em mi ten quanto i el a de bem,
e em mi tem a coyta e o lezer,
e o pesar e quant'ha de prazer.
E pois lhi deus a tal ventura dá
escontra mi barata mui mal
se nunca já de meu mandado sal,
ca en mi tem quanto bem no mund'ha;
e em mi tem a coyta e o lezer,
e o pesar e quant'ha de prazer.

384

«Ay filha, o que vos bem queria
aqui o jurou n'outro dia,
e pero nom xe vos veo veer!
—Ay madre, de vós se temia
que me soedes por el mal trager.
«O que por vós coytad'andava
bem aqui na vila estava,
e pero nom xe vos veo veer!
—Ay madre, de vós se catava
que me soedes por el mal trager.
«O que por vós era coitado,
aqui foy oj'o perjurado,
e pero nom xe vos veo veer!
—Madre, por vós nom foy ousado,
que me soedes por el mal trager.

385

Madre, poys nom posso veer
meu amigo ha tanto, sey bem
que morrerey cedo por en,
e queria de vós saber
se vos eu morrer que será
do meu amig'ou que fará?
E poys aquestes olhos meus
por el perderan o dormir
e nom poss'end'eu partir
o coraçom, madre, por deus,
se vos eu morrer que será
do meu amigo, ou que fará?
E a mi era mui mester
huã morte que cid'aver
ante que tal coyta sofrer,
e pesar-m'ha se nom souber
se vos eu morrer que será
de meu amig'ou que fará?

MEEM VAASQUES DE FOLHETE

386

Ay amiga, per boa fé
nunca cuydey, des que naci,
viver tanto como vivi
aqui hu meu amigo é,
non o veer, nem lhi falar
ca vel-o eu muyt'a desejar.
E se nom, deus nom mi perdon',
se m'end'eu podesse partir
tanto punha de me servir
o senhor do meu coraçom,
meu amigo que est aqui
a quem quix bem des que o vi.
E querrey já, mentr'eu viver
esso que eu de viver ey,
de meu amigo bem sey
que nom sab'al bem querer
se nom mi, e mays vos direy
sempre lh'eu por ende melhor querrey.
Ca lhi queredes poder
mi d'ende com el viver.

(Esta troba fez FERNAND'EANES, porque queria bem a hũa molher e nom lhe falou em i partindo d'onde ella estava Maria Martins).

387

Do pertendo nom mudar
por partyda mal direy,
a quem amo nom faley
do que tomo gram pesar.
Desejoso muy sobejo,
e nom leixo de cudar,
desejando eu nom vejo
quem me faz apressurar,
e mais penas suportar;
nom me ensandece a d'açam
d'onde ouve afriçam
outra morte sofrerey.
Em fym, d'esto nom direy
por quem passo afriçam
se nom sempre mentarey
a su nobre descriçam
em que tenho devoçam,
que me aja de valer,
pois me tem a seu poder,
a bem tenho de louvar.
Nunca foy partida
tam triste de rogar.

FERNAM FROYAS

388

Juravades-mi, vós, amigo,
que mi queriades mui gram ben,
mays eu non no creo per rem,
porque m'errastes o digo
mui longi de mi e mui sem meu grado.
Muytas vezes mi jurastes
e sey cá vós perjurades;
mays poil-o tanto jurades
dizede porque morastes
mui longi de mi e mui sem meu grado.
Muyto podedes jurar
que já em quanto vivades,
que nunca de mi ajades
amor, porque fostes morar
mui longi de mi e mui sem meu grado.
Esto podedes ben creer
que já em quanto eu viva for
nom ajades de mi amor,
poys morada fostes fazer
mui longi de mi e mui sem meu grado.

389

Que trist'anda meu amigo
porque me quer'eu levar
d'aqui, e se el falar
nom podér ante comigo,
nunca já ledo será
e se m'el nom vyr morrerá.
Que trist'oj'é quem eu sejo,
e par deus que pod'e val
morrerá hu nom jaz al
se m'eu for, e o nom vejo
nunca já ledo será,
e se m'el non vyr morrerá.
E pero non soo guardada
se soubess'y a morrer
hil-o-hey ante veer,
cá bem sey d'esta vegada
nunca já ledo será,
e se m'el non vir morrerá.

E se m'el visse, guarido
seria logo por en,
mays quite será de ben,
poys el for de mi partido
nunca já ledo será,
e se m'el non vyr morrerá.

390

— Amigo, preguntar-vos-ey
em que andades cuydando,
poys que andades chorando?
«Mha senhor, eu vol-o direy:
ey amor, e quem amor ha
mal que lhi pez de cuydar ha.

391

Porque se foy d'aqui meu amigo
sem meu mandado, e non mho fez saber;
quando el veer para falar comigo
assanhar-m'ei, e farey-lh'entender
que outra vez non se vaya d'aqui
per nulha rem, sem mandado de mi.
Quand'el veer, e me sanhuda vir
sey que será muy coytado por en,
e jurar-m'ha, e querrá-me mentir,
e eu logu'y falar-lh'ey em desdem:
que outra vez non se vaya d'aqui,
per nulha rem, sem mandado de mi.
.... er
já meu amigo nunca salrrá,
e se se el for em mentre jurará
quanto eu quiser, e todo a meu prazer;
que outra vez non se vaya d'aqui
per nulha rem, sem mandado de mi.

PAYO GOMES CHARINHO

392

Tanto falam do vosso parecer
e da vossa bondade, mha senhor,
e da vossa mesura, que sabor
am muytos por esto de vos veer;
mays non vos digam que de coraçom
vos outro quer bem se non eu, ca nom
sabem quant'em vós de bon conhecer.
Cá poucos son que sabham entender
quantos beens em vós a, nem amor
sab'haver, em quam muyto nom for
entendudo nõ no pode saber;
mais logram bem a hi mui gram sazom
eu vol-o quer', e outro com razom
nom vol-o pode tam grande querer.
Ca tanto bem ouvi de vós dizer
e tanto vos sodes vós a melhor
dona do mundo, que o que for
veer-vos logo non cuyd'a viver
mays o gram bem, e peço-vos perdon
eu vol-o quer', e por vós quantos som
nom saberam com'eu moyr'e moirer.

393

Muytos dizem con gram coyta d'amor
que querriam morrer, e que assy
perderiam coytas, mays eu de mi
quero dizer verdad'a mha senhor:
queria-me-lh'eu mui gram bem querer
mays non queria por ela morrer,
Com' outros morrerom, e que prol tem,
ca deus que morrer non a veerey,
nem boõ serviço nunca lhi farey
por end'a senhor que eu quero bem;
queria-me-lh'eu mui gram ben querer
mays non queria por ela morrer
Com' outros morrerom no mundo já,
que depoys nunca poderom servir
as porque morrerom, nem lhis pedir
rem; por end'esta que m'estas coitas dá
queria-me-lh'eu mui gram bem querer
mays non queria por ela morrer;
Ca nunca lhi tam bem posso fazer
serviço morto, como sse viver.

394

Hunha don' a que quero gram bem
por mal de mi, par deus, que nom por al,
pero que sempre mi fez e faz mal,
e fará, direy-vol-o o que m'avem:
mar, nen terra, nen prazer, nen pesar
nen bem, nen mal non mha podem quytar
Do coraçom; e que será de mi
morto son, sse cedo nom morrer
ela já nunca bem m'hade fazer
mays sempre mal, e por en est assy,
mar, nen terra, nen prazer, nen pezar
nen bem, nen mal, nen m'a podem quytar
Do coraçom; ora mi vay peyor
ca mi, nem d'ela por vos nom mentir
mal se a vejo, e mal sse a nom vir,
que de coytas mays cuyd'a mayor;
mar, nen terra, nen prazer, nen pezar
nen bem, nen mal, non m'a podem quytar.

395

A dona, que ome senhor devia
con dereyt'a chamar per boa fé,
meus amigos, direy-vos eu quen é,
hunha dona que eu vi n'outro dia
e nom lh'ousey mais d'a tanto dizer;
mays quen a visse, podess'entender
todo seu bem, senhor a chamaria.
Ca senhor é de muyto bem, e vya
polo meu mal, sey-o per boa fé,
e de morrer por ela dereit'é,
cá bem soub'eu quanto m'end'averria;

morrer assy com'eu moyr'e perder
meus amigos o corp'e nom poder
veer ela que eu veer querria.
E tod'aquesto m'ante eu entendia
que a visse; mays tanto oy falar
de sseu bem, que me nom soubi guardar
nem er cuydey que tam bem parecia,
que logu'eu fosse por ela morrer;
mays quand'eu vi o seu bom parecer,
vi, amigos, que mha morte seria [1].

396

Senhor fremosa, tam de coraçom
vos faria, se podesse, prazer
que Jhesu Christo nunca mi perdon'
nem de vós bem nunca me leix'aver
se eu soubesse que vos prazia
de mha morte sse logu'eu nom querria
Morrer, senhor; ca todo praz a mi
quant'a vós praz, cá ess'é o meu bem,
e que seja verdade, que é assy
mays mal mi venha de vós que mi nom vem;
se eu soubesse que vos prazia
de mha morte se logu'eu nom querria
Morrer, senhor; cá se vos eu prazer
fezess'ay lume d'estes olhos meus,
nunca mui mal poderia morrer,
e por esto nunca mi valha deus,
se eu soubesse que vos prazia
de mha morte se logu'eu nom querria.

397

Ora me venho, senhor, expedir
de vós, a que muyt'ha que aguardei,
e ora me quero de vós partir
sen galardon de camanho temp'ey
que vos servi, e quero-m'ir vyver
en a tal terra hu nunca prazer
veja, nem cante, nem possa riir.
Ca soõ certo, des que vos non vir
que outro prazer nunca veerey,
e mal que aja nom ei de sentir
se nom o voss'assy cuidarey
triste cuidando no vosso parecer
e chorando muytas vezes dizer:
senhor, já nunca vos posso servir.
E do meu corpo quem será senhor
quand'el d'alá o vosso desejar;
e que fará quem vos ha tal amor
e vos nom vir, nem vos poder falar?
ca vejo-vos, e por vós mor'aqui
poys que farey, ou que será de mi
quand'en terra hu vos fordes nom for?
Ora com graça de vós a melhor
dona do mundo, ca muyt'ei d'andar,
e vós ficades de mi pecador
ca vos servi muyt', e galardoar
nom m'o quizestes, e vou-m'eu d'aqui
d'u eu tanto lazerey e servi
buscar hu vyva pouqu'e ssem sabor.
E, mha senhor, tod'est'eu mereci
a deus, mais vós, de como vos servi
mui sem vergonha hirey per hu for
ora com graça de vós, mha senhor.

398

Par deus, senhor, e meu lum'e meu bem
e mhas coytas e meu mui grand'affam,
e meus cuydados que mi coytas dam
por mesura dizey-m'unha ren:
se mi queredes algum bem fazer,
se nom já mays nom vos poss'atender.
Mui fremosa, qu'eu per meu mal vi
sempre mhas coitas, por des, cá nom al
meu coraçom e meu bem e meu mal,
dizede-mi per quanto vos servi:
se mi queredes algum bem fazer
se nom já mays nom vos poss'atender.
Muy fremosa, muyt'aposta senhor,
sempre mui mansa e de boa razom
melhor falar de quantas outras son,
dizede-mi, das donas a melhor:
se mi queredes algum bem fazer,
se nom já mays nom vos poss'atender.

399

Senhor, sempr'os olhos meus
am sabor de vos catar,
e que os vossos pezar
nunca vejam; e por deus
nom vos pêz, e catarám
vós, que a desejar am
Sempr'emquanto vivo for;
ca nunca podem dormir,
nem aver bem se nom hir
hu vos vejam; e senhor
nom vos pêz e catarám
vós, que a desejar am
Sempre, mha senhor; ca prez
nom é fazerde-lhes mal,
mays por deus e nom por al
que os vossos taes fez;
nom vos pêz, e cataram
vós, que a desejar am.

400

Oy eu sempre mha senhor dizer
que peyor é de sofrer o gram bem
que o gram mal; e maravilho-m'en
e non o pudi, nem posso creer,
ca sofr'eu mal por vós qual mal senhor

[1] Nas *Trovas e Cantares,* canção n.º 276, ha uma quarta strophe.

me quer matar, e guaria melhor [1]
se mi vós bem queizerdes fazer.
E sse eu bem de vós podess'aver
ficass'o mal, que por vós ey, a quem
aquesto diz e ó que assi tem
o mal em pouco, faça-o viver
deus com mal sempr'e com coita d'amor
e podesse veer qual é peyor
do mui gram bem ou do gram mal sofrer.

401

As froles do meu amigo
briosas vam no navyo;
e vam-ss'as frores
d'aqui bem com meus amores!
As frores do meu amado
briosas vam no barco:
e vam-ss'as frores
d'aqui bem com meus amores!
Briosas vam en o navio
pera chegar ao ferido;
e vam-se as frores
d'aqui bem com meus amores!
Briosas vam en o barco
pera chegar ao fossado;
e vam-se as frores
d'aqui bem com meus amores!
Pera chegar ao ferido
e servir-mi corpo velido;
e vam-se as frores
d'aqui bem com meus amores!
Pera chegar ao fossado
e servir-mi corpo loado;
e vam-se as frores
d'aqui bem com meus amores!

402

Par deus, senhor, de grado queria
se deus quizesse, de vós hũa rem,
que nom desejass'eu o vosso bem
como desej'a noyt'e o dia,
por muyt'afam que eu sofr'e sofri
por vós, senhor, et oy mais desaqui
poss'entender que faç'y folia.
E poys nom quer a ventura mia
que vos doades do mal que mhi vem
por vós, senhor, e maravilho-m'en
como nom moir'e morrer devya;
porem rog'a deus que me valha hy
que sab'a coyta que por vós sofry
se nom mha morte mays me valrria.

FERNAM VELHO

403

Vedes, amig', o que oj'oy
dizer de vós, assy deus mi perdon',
que amades já outra e mi nom,
mays se verdad'é, vingar-m'ey assy,
punharey já de vos nom querer ben
e pesar-m'ha en mays que outra rem.
Oy dizer, por me fazer pesar,
amades vós outro, meu traedor,
e ss'é verdade, par nostro senhor,
direy-vos como me cuyd'a vingar:
punharey já de vos nom querer bem,
e pesar-m'ha en mays que outra rem.
E sse eu esto per verdade sey
que mi dizem, meu amigo, par deus,
chorarey muyto d'estes olhos meus,
e direy-vos como me vingarey:
punharey já de vos nom querer bem,
e pesar-m'ha en mays que outra rem.

404

Nojo, como quer, prazer
já nom posso m'aver prazer!
Cobrar nom posso amiga
se nom vós lo que me siga,
ainda que al nom diga,
logo-m'ade esquecer
nojo, como quer, prazer
já nom posso-m'aver prazer.
E poren fazer tal partida
nom me será esquecida;
ainda que al nom diga
logo-m'ad'esquecer
nojo, como quer, prazer
já nom posso-m'aver prazer.

VAASCO PERES PARDAL

405

— Amigo, que cuydades a fazer
quando-vos ora partirdes d'aqui,
e vos nembrar algunha vez de mi?
«Par deus, senhor, quero-vol-o dizer:
chorar muyt', e nunca fazer al,
se nom cuydar como mi faz deus mal
En me partir de nunca já saber
vosso mandado nenhũa sazom,
nem vos falar, se per ventura nom
mays este conforto cuyd'a prender:
chorar muyt', e nunca fazer al,
se nom cuydar como mi faz mal
Em me partir do vosso parecer
e d'u soya comvosc'a falar,
ca mi valerá mays de me matar,
mays este conselho cuyd'i aver:
chorar muyto, e nunca fazer al,
se nom cuydar como mi faz deus mal.

406

Coytada sejo no meu coraçóm
por meu amigo, diz ca se quer

[1] Falta este verso no Codice da Vaticana; acha-se, porém, na canção 278 do Cod. da Ajuda, onde traz mais duas estrophes e um cabo.

hir d'aqui, e sse ora fezer
pesar-mha muyto, se deus mi perdon';
porque sey bem que as gentes diram
que se morrer por mi, morre de pram.
E que me nom pesass'a mi por al,
pesar-mha muyto per hũa rem,
porque mi diz ca mi quer mui gram bem;
mays vedes ora de que m'é gram mal,
porque ssey bem que as gentes diram
que se morrer por mi, morre de pram.
Ca pola gram coyta que soffri
nom dou eu rem, cá sse eu coyta sofrer
des que ss'el for, nom poderey viver,
mays temo já qual pesar averey;
porque ssey bem que as gentes diram
que se morrer por mi, morre de pram.

407

Por deus, amiga, provad'un dia
o voss'amigo de vo'lh'assanhar,
e veredes home coytad'andar.
Ay amiga, que mal conselh'ess'é;
ca sey eu aquesto per boa fé
muy bem, que logu'el morto seria.
Amiga, bem vos conselharia
dizerdes que nom dades por el rem,
e veredes coita por en.
Nom mho digades, se deus vos perdon',
cá sei eu já pelo seu coraçom
muy bem que logu'el morto seria.
Amiga, nunca lhi mal verria
de lhi dizerdes a tanto por mi
que nom dades por el rem desaqui.
Par deus amiga, nom vos creerey,
nem vós nunca m'o digades, ca ssey
muy bem que logu'el morto seria.

408

Amigo, vós hides dizer
que vos nom quero eu fazer bem;
pero sey m'eu d'est'unha rem
que dizedes vosso prazer;
cá bem é de vos sofrer eu
de dizerdes cá sodes meu.
Mays nom se sabe conhocer
algum home a quem bem deus dá,
nem tem per bem esto que ha,
mays eu vos farey entender
cá bem é de vos sofrer eu,
de dizerdes cá sodes meu.
Mays des que vos eu entender
que nom venhades hu eu for
nom me tenhades por senhor,
desy poderedes saber
cá bem é de vos sofrer eu
de dizerdes cá sodes meu.

409

Amiga, bem cuyd'eu do meu amigo
que é morto, cá muit'ha gram sazom
que anda triste o meu coraçom,
e direy-vol-o mays porque o digo:
porque ha gram sazom que nom oy
nem hum cantar que fezesse por mi,
nem que nom houvi seu mandad', amigo.
E ssey eu d'el mui bem que é coitado
se oj'el vive em poder d'amor,
mays por meu mal me filhou por senhor
e por aquest'ey eu mayor cuydado;
porque ha gram sazom que nom oy
nem hum cantar que fezesse por mi,
nem que nom houvi, amigo, seu mandado.
E cuyd'eu bem d'el que se nom partisse
de trobar por mi sem mort' ou sem al,
mays por este sey eu que nom es tal
pero que mho nenhum nom disse;
porque ha gram sazom que nom oy
nenhum cantar que fezesse por mi
nem que, amigo, seu mandado ouvisse.

ALVARO AFONSO

(Pergunta que fez Alvaro Affonso, cantor do senhor infante, a hũu eschollar)

410

Luis Vaasques, depois que parti
d'essa cidade tam boa, Lisboa,
achey tal encontro, que digo per mi
que som já descreto e faço a crôa:
a terra de Cintr', a par d'esta serra
vy huã serrana que braadava guerra
vós tenentes comigo deçe-vos a terra
pois lá tang'asi, et qua ora sôa.
Pero d'esta vista eu fora espantado,
qual m'ella parçeo tal s'ela hi anda
. . . .
. . . .

AFFONSO EANES DE COTON

411

Ay meu amigu' e meu lum' e meu bem
vejo-vos ora mui triste poren,
queria saber de vós ou d'alguem
que est aquest'ou porque o fazedes;
par deus, senhor, direy-vos hunha rem,
mal estou eu se o vós nom sabedes.
Muy trist'andades a mui gram sazom
e nom sey eu porque nem porque nom,
dizede-m'ora, se deus vos perdon',
que est aquesto, ou porque o fazedes
par deus, ay coyta do meu coraçom,
mal estou eu se o vós nom sabedes.

Vós trist'andades, eu sem saber ando,
por que nom soõ sabedor
se vol-o faz fazer coyta d'amor
ou que estou porque o fazedes,
par deus, ay mui fremosa mha senhor,
mal estou eu se o vós nom sabedes.

412

Se grado edes, amigo,
de mi, que gram bem queredés,
falad'agora comigo,
por deus, e nom mho neguedes:
amigo, porque andades
tan trist' ou porque chorades?
Poys eu nom sey como entenda
porque andades coitado,
sse deus me de mal defenda
queria saber de grado,
amigo, porque andades
tam triste, ou porque chorades?
Todos andam trebelhando
estes com quem vós soedes
trebelhar, e vós chorando
por deus, o que de mi avedes,
amigo, por que andades
tam triste, ou porque chorades?

413

Quando sse foy meu amigo
jurou que cedo verria,
mays poys nom vem falar migo,
por en por Santa Maria
nunca mi por el roguedes,
ay donas, fé que devedes.
Quando sse foy fez-mi preyto
que se verria mui cedo,
e mentiu-m', tort'i ha feyto
e poys de mi nom ha medo,
nunca mi por el reguedes
ay donas, fé que devedes.
E que vistes que dizia
que andava namorado
poys que nom veio o dia
que lh'eu avya mandado,
nunca mi por el reguedes,
ay donas, fé que devedes.

PEDR'ANES SOLAZ

414

Dizia la bem talhada:
agora viss'eu penada
ond'eu amor ey!
A bem talhada dizia:
penada, visse n'hum dia
ond'eu amor ey!
Ca sse a visse penada
nom seria tam coitada
ond'eu amor ey!
Penada se a eu visse
nom ha mal que eu sentisse
ond'eu amor ey!
Quem lh'oje por mi dissesse
que nom tardass'e vehesse
ond'eu amor ey!
Quem lh'oje por mi rogasse
que nom tardass'e chegasse
ond'eu amor ey!

415

Eu velida nom dormia
lelia d'outra!
E meu amigo venia
e doy, lelia d'outra!
Nom dormia e cuydava
lelia d'outra!
E meu amigo chegava
e doy, lelia d'outra!
O meu amigo venia
lelia d'outra!
E d'amor tam bem dizia
e doy, lelia d'outra!
O meu amigo chegava
lelia d'outra!
E d'amor tam bem cantava
e doy, lelia d'outra!
Muyto desej'ey, amigo,
lelia d'outra!
Que vos tevesse comigo,
e doy, lelia d'outra.
Le-li, le-li, par deus le-ly,
lelia d'outra!
Bem sey eu quem nom diz leli
e doy, lelia d'outra!
Bem sey eu quem nom diz lelya
lelia d'outra!
Demo xe quem nom diz lelia
e doy, lelia d'outra!

416

Jurava-m'oje o meu amigo
por tal, madre, que lhi perdoasse,
que nunca jamais se m'assanhasse,
mays preyt'ei a que nom porá migo;
vedes porque, ca já s'el perjurou
per muytas vezes que m'esto jurou.
El me cuydava tal preyto a trager
per sas juras que lh'o foss'eu parcir
e pois que vi, que m'havia mentir
nom lh'o parci, nem quis sol saber,
vedes porque, cá já s'el perjurou,
per muytas vezes que m'esto jurou.
E mays de cem vezes lhi perdoey
per sas juras e achey m'end'eu mal,
e por aquesto já lhi rem nom val

de me jurar, pois que me lh'assanhey;
vedes porque, ca já s'el perjurou
per muytas vezes que m'esto jurou.

PERO DA PONTE

417

«Vistes, madr', o escudeiro
que m'ouvera levar sigo,
menti-lh' e vay-mi sanhudo,
mha madre, bem vol-o digo;
madre, namorada me leixou,
madre, namorada m'ha leixada,
madre, namorada me leixou.
Madre, vós que me mandastes
que mentiss'a meu amigo,
que conselho mi daredes
ora poyl' o nom ey migo?
madre, namorada me leixou,
madre, namorada m'ha leixada,
madre, namorada me leixou.
—Filha, dou-vos por conselho
que tanto que vos el veja
que toda rem lhi façades,
que vosso pagado seja;
madre, namorada me leixou,
madre, namorada m'ha leixada,
madre, namorada me leixou.
Pois escusar nom podedes,
mha filha, seu gasalhado,
des oy mays eu vos castigo
que lh'andedes a mandado;
madre, namorada me leixou,
madre, namorada m'ha leixada,
madre, namorada me leixou.

418

Vistes, madr', o que dizia:
que por mi era coytado?
poys mandado nom m'envya,
entend'eu do perjurado
que já nom teme mha ira;
ca se nom, noyte nem dia
a menos de meu mandado
nunca s'el d'aqui partira.
E vistes hu ss'el partia
de mi mui sen o meu grado
e jurando que avya
per mi penas e cuydado
tod'andava com mentira;
cá se nom, noyte nem dia
a menos de meu mandado
nunca s'el d'aqui partira.
E já qual molher devia
creer per nulh'ome nado;
poys o que assy morria
polo meu bom gasalhado
já x'i per outra suspira;
cá se nom, noyte nem dia
a menos de meu mandado
nunca s'el d'aqui partira.
Mays, deus, quem no cuydaria,
d'el viver tam alongado
d'u el os meus olhos vira.

419

Mha madre, poys se foy d'aqui
o meu amigo, e o nom vi,
nunca fui leda, nem dormi,
bem vol-o juro des entom;
madre, el por mi outro ssy
tam coytad'é seu coraçom.
Mha madre, como viverey
ca nom dormo, nem dormirey,
poys meu amigo é em cas d'el rey,
me tarda tam longa sazom,
madre, el por mi outro ssy
tam coytad'é seu coraçom.
Poys sab'el ca lhi quer' eu bem
melhor ca mi, nem outra rem,
porque mi tarda e nom vem,
faz sobre mi mui gram trayzom,
madre, el por mi outro ssy
tam coytad'é seu coraçom.
E direy-vos que vos avem,
eu perco por el o sen,
e el por mi o coraçom.

420

Foy-s'o meu amigo d'aqui
na oste por el-rey servir,
e nunca eu depoys dormir
pudi; mays bem tenh' eu assy
que poys m'el tarda e nom vem,
el rey o faz que m'o detem.
E gram coyta nom perderey
pero tem meos de o veer
ca nom ha o meu corlezer,
pero tanto de confort'ey
que poys m'el tarda e nom vem
el-rey o fez que m'o detem.
E bem se devia nembrar
das juras que m'entom jurou
hu m'el mui fremosa leixou;
mays, donas, podedes jurar
que poys m'el tarda e nom vem,
el-rey o faz que m'o detem.

421

Poys vos hides d'aqui, ay meu amigo,
conselhar-vos-ey bem se mi creerdes;
tornade-vos mays cedo que poderdes
e guysarey como faledes migo;
e poys, amigo, comigo falardes
a tal mi venha qual mi vós jurardes.

Non mi tardedes com' outra vegada
mi tardastes; muyt'ey en gram medo;
mays punhade de vos viirdes cedo
cá nossa fala muyt'é bem parada;
e poys, amigo, comigo falardes
a tal mi venha qual mi vós jurardes.
E sse vós queredes meu gasalhado
venha-vos em mente o que vos rogo,
poys vos hides, de vos viirdes logo
e falarey com vosco muy de grado;
e poys, amigo, comigo falardes
a tal mi venha qual mi vós jurardes.

422

Por deus, amigu', e que será de mi
poys me vos hides com el-rey morar,
a como me vos soedes tardar
outro conselh' amigo, nom sey hi
se nom morrer; e poys nom averey
a gram coyta que ora por vós ey.
Hide-vos vós ora, e tam grand'affam
leixades-mi com meu coraçom,
que mi nom já ei hi al se morte nom,
ca bom conselho nom sey hi de pram,
se nom morrer; e poys nom averey
a gram coyta que ora por vós ey.
Poys me vos hides, vedes que será,
meu amigo, des que vos eu nom vir
os meus olhos nom podram dormir,
nem bem d'este mundo nom mi valrrá
se nom morrer; e poys nom averey
a gram coyta que ora por vós ey.
Aquesta hida tam sem meu prazer,
por deus, amigo, será quando for,
mays poys vós hides, amigu' e senhor
nom poss'eu outra guerra fazer
senom morrer; e poys nom averey
a gram coyta que ora por vós ey.

423

Ay madr', o que me namorou
foy-sse n'outro dia d'aqui,
e por deus que faremos hi
ca namorada me leixou?
Filha, fazed'end'o melhor;
poys vos seu amor enganou,
que o engane voss'amor.
Ca me nom sey conselhar,
mha madre, se deus me perdon'.
Dized', ay filha, porque nom?
quero-me vol-o eu mostrar:
filha, fazed'end'o melhor,
poys vos seu amor enganou,
que o engane voss'amor.
Que o recebades mui bem,
filha, quand'ante vós veher;
e todo quanto vos disser
outorgade-lh'o, e por en,
filha, fazed'end'o melhor;
poys vos seu amor enganou,
que o engane voss'amor.

PAY GOMES CHARINHO

424

Disseron-m'oj', ay amiga, que nom
é meu amig'almirante do mar,
e meu coraçom já póde folgar
e dormir já, e por esta razom
o que do mar meu amigo sacou
saque-o deus de coytas qu'afogou
Muy bem; e a mi, cá já nom andarey
triste por vento que veja fazer,
nem per tormentas nom ei de perder
o sono, amiga; mays sse foy el-rey
o que do mar meu amigo sacou,
saque-o deus de coytas que afogou
Muy bem; e a mi, cá já cada que vir
algum home de fronteyra chegar
nom ey medo que me diga pezar;
mays porque m'el fez bem sem lh'o pedir,
o que do mar meu amigo sacou,
saque-o deus de coytas qu'afogou.

425

Que muytas vezes eu cuydo no bem
que meu amigo mi quer, e no mal,
que lhy por mi de muytas guisas vem,
mays quand'aquesto cuydar cuyd'eu al,
se mi quer bem, que lh'o quer'eu mayor
e se lhy vem mal que he por senhor.
E poys assi que razom diria
porque nom sofra mal nom ha razom,
e hu eu cuydo que nom poderia
tam gram bem mi quer, cuydo logu'entom,
se mi quer bem, que lh'o quer'eu mayor
e se lhi vem mal que he por senhor.
E por tod'esto deve lá sofrer
tod'aquel mal que lh'oj'é non por mi,
pero cuydo que nom pode viver,
tam gram bem mi quer, mays logo hi
se mi quer bem, que lh'o quero eu mayor
e se lhi vem mal que he por senhor.

426

Mha filha, non ey eu prazer
de que parecedes tam ben,
cá voss'amigo falar ven
comvosqu', e vem vos dizer
que nulha rem nom creades
que vos diga que sabhades.
Filha, cá perderedes hi,
e pesar-m'ha de coraçom,
e já deus nunca mi perdon'
se ment', e digo-vos assy

que nulha rem nom creades
que vos diga que sabhades.
Filha, ca perderedes hi,
e vedes que vos averrá
des quand'eu quiser nom será
ora vos defend'aqui
que nulha rem nem creades
que vos diga que sabhades.
Filha, cá perderedes hi
no voss', ende mais pesa a mi.

427

Voss'amigo, que vos sempre servyu
dized', amiga, que vos mereceu,
poys que s'agora comvosco perdeu,
se per vossa culpa foy nom foy bem?
Nom sey, amiga; dizem que oyu
dizer nom sey quê, e morre por en.
Nom sey, amiga, que foy ou que é,
ou que será, ca sabemus que nom
vos errou nunca voss'amig', e son
maravilhados todos end'aqui.
Nom sey, amiga, el cada hu é
aprende novas com que morr'assy.
Vós, amiga, nom podedes partir
que nom tenha por cousa d'el igual
servir-vos sempr'e fazerdes lhi mal
e que diredes d'el ali perder?
Nom sei, amiga; el quer sempr'oir
novas de pouca prol para morrer.

428

A mha senhor, que por mal d'estes meus
olhos a vy, fuy-lhe gram bem querer,
et o melhor que d'ela pud'aver
des que a vy dyr-vol-o par deus:
disse-m'oje que me queria bem,
pero que nunca me faria bem.
E por aquesto, cuyda que seu prez
todo ha perdud'e vedes qual senhor
me faz amar deus et amor,
mays o melhor que m'ela nunca fez
disse-m'oje que me queria bem,
pero que nunca me faria bem.
E por esto que me disse cuydou
mi a guarir que já moyro, mais nom
perdy poren coyta do coraçom,
pero bem foy mays do que me matou:
disse-m'oje que me queria bem,
pero que nunca me faria bem.

429

Ay, Santiago, padron sabido,
vós m'adugades o meu amigo;
sobre mar vem quem frores d'amor tem,
myrarey, madre, as torres de Jeen.
Ay, Santiago, padron provado,
vós m'adugades o meu amado;
sobre mar vem quem frores d'amor tem,
mirarey, madre, as torres de Jeen.

430

Vou-m'eu senhor, et quero-vos leixar
encomendad'este meu coraçom,
que fique vosqu'e faredes razom
senhor, se vos algũa vez nembrar;
cá de vós nunca se parará
et de mi, senhor, por deus que já
poyl-o coraçom migo nom levar.
Poyl-o meu coraçom vosco ficar,
ay mha senhor, poys que m'eu vou d'aqui,
nembre-vos sempr'e faredes hy
gram mesura, cá nom sab'el amar
tam muyt'outra rem como vós, senhor,
poys vosco fica a tam gram sabor
nom o devedes a desemparar.
E prez'a vós vosco quer andar
meu coraçom, et nunca se partir
de vós, senhor, nem já mays alhur hyr,
mays quer senhor sempre vosco morár;
ca nunca soub'amar outra rem,
et nembre-vos d'el, sey per gram bem
et gram mesura que vos deus quis dar.

JOHAM GARCIA SOBRINHO

431

Donas, fezeron hir d'aqui
o meu amig'a meu pesar,
e quem m'este mal foi buscar
guyse-lhi deus por end'assy,
que lhi venha com'a mi vem
pesar onde desejar bem.
E veja-s'em poder d'amor
que rem nom lhi possa valer,
e quem este mal foy fazer
guyse-lh'assy nostro senhor,
que lhi venha com'a mi vem
pesar onde desejar bem.
Cá o fezerom hir por mal
de mi e d'estes olhos meus,
e quem m'este pezar fez, deus
lhi mostre cedo pezar tal
que lhi venha como a mi vem
pezar onde desejar bem.
Venha-lhi pezar por en,
de deus, ou de mi ou de alguem.

432

A meu amigo, que eu sempr' amey
des que o vy, muy mais ca mi nen al,
foi outra dona veer por meu mal;
mais eu sandia, quando m'acordei

nom soub'eu al em que me d'el vingar,
se nom chorey quanto m'eu quiz chorar.
Mayl-o amey ca my, nem outra rem,
des que o vy, et foy-m'ora fazer
tam gram pezar que m'ouvera morrer;
mays eu sandia, que lhe fiz por en,
nom soub'eu al em que me d'el vingar,
se nom chorey quanto m'eu quiz chorar.
Sab'ora deus que no meu coraçom
nunca rem tiv'em o sseu logar,
et foy-m'ora fazer tam gram pezar;
mays eu sandia, que lhe fiz entom
nem soub'eu al em que me d'el vingar,
se nom chorey quanto m'eu quiz chorar.

REYMON GONÇALVES

433

Foste-vos vós, meu amigo, d'aqui
n'outro dia sem vol-o eu mandar,
e ey-vol' ora já de perdoar
porque veestes chorar ante mi
e quant'é esto, pass'agora assy,
mays outra vez nom roguedes en.
Meu talant' era de vos nom partir
porque vos fostes sem meu grad'entom,
et ora sodes cobrad'em perdom
porque me vehestes mercee pedir,
e nom quer'ora mays de pos est'yr,
mays outra vez nom roguedes en.
Cá se vos ora fuy perdoador
mesura foy que mh'o fezo fazer,
cá me veiestes chorand'e dizer
por deus mercêe, mercêe, senhor;
et quant'é ora serey sofredor,
mays outra vez nom roguedes en.

GARCIA SOARES

434

«Filha, do voss'amigo m'é gram bem
que vos nom vyu quando se foy d'áquem.
—Eu o fiz, madre, que lh'o defendi
se m'el non vyu quando se foy d'aqui
«Nunca lhi bem devedes a querer,
porque se foy e vos nom quis veer.
—Eu mho fiz, madre, que lh'o defendi
se m'el non vyu quando se foy d'aqui.
«Gram pezar ey no meu coraçom
porque se foy e vos nom viu entom
—Eu m'o fiz, madre, que lh'o defendi.
se m'el non vyu quando se foy d'aqui.

IRMAO de MARTIM SOARES

435

Madre, se meu amigo vehesse,
demandar-lh'ia, se vos prouguesse,
que sse vehesse veer comigo;
se veer, madre, o meu amigo
demandar-lh'ey que se veja migo.
Se vos prouguer, mha madre velida,
quando veer o que m'ha servida,
demandar-lh'ey que se veja comigo;
se veer, madre, o meu amigo
demandar-lh'ey que se veja migo.
Sol que el venha, se deus m'ajude,
assy deus m'o mostre com saude,
demandar-lh'ey que sse veja comigo,
se veer, madre, o meu amigo
demandar-lhe-ey que se veja migo.
Porque m'o referistes ogaño
que me nom vyu per fé sem engano,
demandar-lh'ey que se veja comigo;
se veer, madre, o meu amigo,
demandar-lh'ey que se veja migo.
Nom sejades d'est'enfadada
se veer o que me tem namorada,
demandar-lh'ey que se veja comigo;
se veer, madre, o meu amigo
demandar-lh'ey que se veja migo.

VAASCO RODRIGUIS DE CALVELO

436

Quanto durou este dia,
mha madre, mal me trouxestes
e muyto mal mi fezestes;
mays sobr'aquesta perfia
será oj'aqui conmigo
mandado do meu amigo.
Mal me trouxestes sen falha
e nom ha rem que detenha
meu amigo que nom venha,
mha madre, se deus mi valha,
será oj'aqui conmigo
mandado do meu amigo.
Será migo seu mandado,
e praz-mi que veeredes
per quanto mal mi fazedes,
mha madre, sem vosso grado
será oj'aqui conmigo
mandado do meu amigo.

437

Roguey-vos eu madre, ay, gram sazom
por meu amigo, que quero gram bem
que o viss'eu, e a vós nom prougu'en;
mays poyl'o eu já vi de corazom
gradesc'a deus que m'ho fezo veer,
e que nom ey a vós que gradecer.
Gram sazom ha, madre, que vos roguey
que o leixassedes migo falar
e nom quisestes vós esto outorgar,
mays poyl-o eu já vi *e faley,*

gradesco a deus que m'o fez veer
e que nom ey a vós que gradecer.
Vós nom quizestes que el vehess' aqui
o meu amig'ond'avya sabor
de o veer, e quis nostro senhor
que o eu vysse; mays poyl'o eu já vi
gradesco a deus que m'o fez veer
e que nom ey a vós que gradecer.
Mostrou-m'o deus, e fez-mi gram prazer
sem aver eu a vós que gradecer.

MEENDINHO

438

Seria-m'eu na ermida de Sam Simhon,
e cercarom-m'as ondas, que grandes som,
en atendend'o meu amigo!
Estando na ermida, ant'o altar,
cercarom-m'as ondas grandes do mar,
en atendend'o meu amigo!
E cercarom-m'as ondas que grandes som,
nem ey barqueyro, nem remador,
en atendendo o meu amigo!
E cercarom-m'as ondas do alto mar,
nom ey barqueyro, nem sey remar,
en atendendo o meu amigo.
Nom ey barqueyro, nem remador
morrerey fremosa no mar mayor,
en atendendo o meu amigo!
Nom ey barqueyro, nem sey remar
e morrerey eu fremosa no alto mar,
en atendendo o meu amigo!

AFFONSO PAES DE BRAGA

439

Poys mha senhor de mi nom quer pensar,
nem gradecer-mi quanto a servi,
nom me quer'eu por en desemparar,
ca m'acharey eu quem mi faça assy;
ca sey eu bem que nunca m'ha falir
a quem eu serva sse poder servir,
mays nom que eu tam muyto possa amar,
Com'ela; pero nom poss'estar
que nom serva já outra des aqui,
que veja ela ca poss'eu achar
quem serva e que lhi nom menti,
sse eu nom moyro, farey-lh'o eu oyr
ca servo eu outrem, nom por m'o gracir
e quem am'ela muyt'a seu pesar.
E com'o sen dona quer assanhar
nom vos dirá que tolher ad'a mi
nen hũ bem que ela possa osmar
que d'ela ouvesse des a que naci,
e quando m'eu d'ela ouver a partir
todo filhe quanto x'ela vir
que d'ela ey, se o quizer filhar.
E filhará logu'i a meu cuydar
affam e coyta que mayor nom vi,
pero ela que nunca soub'amar
nom saberia conselh'aver hi;
e quando se d'ela cousir
ou-lh'o alguem ousar dizer, guarir
poderia per sol nom s'en queixar.

440

Ay, mha senhor, quer'eu provar
se poderey sem vós viver,
e veerey se ey poder
d'algunha vez sem vós morar;
pero sey o que m'haverrá,
cá mil vezes o provey já
e nunca o pud'acabar.
Pero quero-o começar,
e forçar hi meu conhocer,
e ssey de mi como ha seer,
e cá vos ey poys a rogar;
e quam pouco mi durará,
mha senhor, e quam bem mi será
se vos posso desensanhar
Escontra mi, que vos pesar
nunca fiz, nem cuyd'a fazer,
mays sey-vos tam gram bem querer
que vos faz contra mi queixar;
e poys me deus poder nom dá
que vos desame, assy m'ei ja
vosc'a perder por vos amar.

441

A que eu quero gram bem des que a vi,
e que amo, deul o sabe mays ca mi,
me faz en coyta viver,
e d'esto xi matou morte
sem poder
que eu aja d'end'al fazer.
A provar averey eu se poderey
guarir sen a hir veer, pero bem sey
que o nom ey de fazer,
e d'esto xi matou morte
sen poder
que eu aja d'end'al fazer.
Pero nunca lh'eu cousa mereci
perque me mat', e ventura me faz hi
sem seu grado bem querer;
e d'esto xi matou morte
sen poder
que eu aja d'end'al fazer.
Nunca tal ventura vistes qual eu ey
contr'ela, que servi sempre e amey
pol-o nom ousar dizer;
e d'esto xi matou morte
sen poder
que eu aja d'end'al fazer.
Por sandice mi pod'omem esto contar,
mays per coita nom, quem vir seu semelhar

e d'esto xi matou morte
sen poder
que eu aja d'end'al fazer.

442

Ay, mha senhor, sempr'eu a deus roguey
que vos visse, e nunca al pedi;
e poys vos vi logu'y tanto cuydey
que nom era cuydado pera mi,
mais nom poss'eu o meu coraçom forçar
que nom cuyde com'el quiser cuydar.
E mha senhor, por deus rogar-vos-ey
como senhor que amey e que servi,
que vós nom pes d'em vós cuydar c'amey,
atend'o bem, a mais nom atendo y;
mais nom poss'eu o meu coraçom forçar
que nom cuyde com'el quiser cuydar.
E sse eu fosse emperador ou rey
era muyto de m'aviir assy
de vós, senhor, como eu depoys cuidey,
e vejo bem que lazerarey hy;
mays nom poss'eu o meu coraçom forçar
que nom cuyde com'el quiser cuydar.
Pero que m'eu y ey a lezerar,
sabor m'ey eu no que m'el faz cuydar.

443

Ora entend'eu quanto me dizia
a mha senhor, cá era guisado
ca inda lh'eu muyto grazeria
o de que lhy nunca ouvera grado,
pola amar e servir doado,
como fez ora Sancha Garcia,
que me fezo tornar ond'eu ya.

DOM JOHAM MENDES DE BESTEYROS

444

Veherõ-me meus amigos dizer
d'ũa dona, porque lhi quero bem
que lhi pesava muy de coraçom
desi que lh'er pesa de a servir;
dig'eu, amigos, bem pode seer,
mays quer lhi pes, quer lhi praza, ca nom
me poss'end'eu per nulha rem partir.
E dizem-me, porque me chamo seu
que lhi pesa, e que me quer gram mal,
e muy doado lh'ende pesará,
e, amygus, verdade vos direy;
e pero que sey que lh'est muy greu,
quer lhi pes, quer lhi praz'a ca já,
se morto nom nunca me partyrey.
E da gram coyta que me faz levar
pesar-lh'ha ende, de que ando sandeu
por ella, mays nom cuyda de mi
nem do meu mal, nem de meu grand'affam,
e bem vej'eu que lh'y faz' y pesar;
quer lhi pez, quer lhi praz'ora assy
sy avya sem meu grado de pram.

445

Tal ventura quis deus a mi, senhor,
dar contra vós, que nom posso partir
meu coraçom de vos gram bem querer;
assy me ten forçado voss'amor
de tal força que nom posso fugir
a estes olhos que forom veer
aquestes meus, mha senhor, por meu mal.
Pero, bem sabedes que pod'e val,
que sempre eu pugi no meu coraçom
em vos servir, porque vos sey amar
mays d'outra rem; mais mha ventura tal
he contra vós, que nenhum galardom
nom ey de vós, senhor, quando catar
com esses olhos que por meu mal vi.
Que eu vi sempre por gram mal de mi,
e por gram mal d'aquestes olhos meus
que vos virom, mha senhor, e por en
a mha ventura me tray'ora assy
a tam coytado, assy me valha deus,
por esses olhos, que per nulha rem
perder nom posso a gram coita que ey.

446

Senhor, comigo nom posso soffrer
nem com este cativo coraçom,
que vos nom dig'a milhor a querer
de quantas cousas en o mundo som;
e, senhor, é desvàyrada razom,
hu eu por bem que vos quero por en
nom haver de vós per nulha rem.
Já meus dias assy ey a passar,
en amando mays que outro amador
vós, mha senhor, que sempr'eu soub'amar
e servir mais que outro servidor;
e razom é desvayrada, senor,
hu eu por bem que vos quero por en
nom aver de vós per nulha rem.
E razom era, senhor, d'algum bem
aver de vós, d'hu me tanto mal vem.

447

E já, senhor, a que vós mi aqui
que coyta ouvestes ora de enviar
por mi, nom foy, senhor, por me matar,
poys todo meu mal tem deus por bem;
poren, senhor, mais val d'eu ir d'aqui,
ca d'eu ficar sem vosso bem fazer;
De mais aver, esses olhos veer
e desejar o vosso bem, senhor,
de que eu sempre fui desejador;
e meus desejos e meu coraçom
nunca de vós ouveram se mal nom
e por est'é milhor de m'ir, par deus

Hu eu nom possa poer esses meus
olhos nos vossos, de que tanto mal
me vem, senhor, e gram coyta mortal
me vós destes no coraçom meu,
e mha senhor, pero que m'é muy greu,
nulh'ome nunca mho estranyará.
E poys m'eu for, mha senhor, que será
poys m'assy faz o voss'amor ir
já como vai cervo lançad'a fugir.

448

Que pert'esteve de me fazer bem
nostro senhor, e nom m'o quis fazer
quand'entendeu que podia morrer
por vós, senhor, que logo nom morry;
matando-m'el, fezera-me bem y
tal que tevera, que m'era gram bem.
Ante me quis leixar perder o sen
por vós, senhor; desy soub'alongar
meu bem que era em mha morte dar
e quis que já sempr'eu vivess' assy
em gram coyta, como sempre vivi
e que m'ouvesse perdud'o meu sen.
E vej'eu que mal coraçom me tem
nostro senhor, assy el me perdon',
nom me deu morte que de coraçom
lhe roguey sempr'e muyto lh'a pedi,
mais deu-me vida a pesar de mi
desejando a que m'em pouco tem.
A tal ventura quis el dar a mi
fez-me veer-vos, e ar fezo logu'y
a vós que nom déssedes por mi rem.

449

Estranho mal e estranho pesar
é oje o meu de quantos outros som
no mundo já, ca poys mha senhor nom
praz que eu moyra, mais quer que assy
aj'a viver a gram pesar de mi;
e por aquesto, assi deus me perdon',
muyto m'é grave de viver, e nom
posso viver s'est'ey a passar.
E poren, sempre todo m'estranhar
devi' aquesto com muy gram razom,
poys as mhas coytas, o meu coraçom
soffrer nom pod', o mays sey que des hy
tanto soffre com'eu soffri aqui
ey a viver sem grado, e des entom
vivo em pesar, poren meu coraçom
nom pode já tanto mal endurar.

450

Amiga, bem sey que nom ha
voss'amigo nenhum poder
de vos falar, nem de vos veer,
e vedes per que o sey já:
porque vos vejo ambos andar
muy tristes et sempre chorar.
Encobride-vos sobejo
de mi, e já o feito eu sey
e guardado vos terrey;
mais vedes porque o vejo,
porque vos vejo ambos andar
mui tristes et sempre chorar.
Como se foss'o feyto meu
vos guardarey quant'eu podér,
e negar-m'he, com' ha mester,
cá vedes porque o sey eu:
porque vos vejo ambos andar
mui tristes et sempre chorar.
Nom choredes cá o pesar
sol des tost'em prazer tornar.

451

Deus, que leda que m'esta noyte vy,
amiga, em hum sonho! que sonho que sonhey,
cá sonhava eu, como vos direy
que me dizia meu amig' assy:
falad'amig' ay meu lum' e meu bem.
Nom foy no mundo tam leda molher
em sonho, nem no podia seer,
cá sonhey que me veerades dizer
aquel que me melhor que a sy quer:
falad'amig' ay meu lum' e meu bem.
Des que m'espertey ouvi gram pesar
cá em tal sonho avia gram sabor,
como rogar-me, por nostro senhor
o que me sabe mais que sy amar:
falad'amig' ay meu lum' e meu bem.
E poys m'espertey, foy a deus rogar
que me sacass' aqueste sonh'a bem.

452

Ora vej'eu, que nom ha verdade
em sonh', amiga, se deus me perdon',
e quero-vos logo mostrar razom
e vedes como, par caridade:
sonhey, muyt'ha, que veera meu bem,
e meu amiguo nom veo, nem vem.
Ca nom ha verdade nemigalha
em sonho, nem sol nom é bem nem mal,
bem nunca ende verey al,
porque, amiga, só deus me valha,
sonhey, muyt'ha, que veera meu bem
e meu amigo nom veo nem vem.
Per mim, amiga, entend'eu assy que
sonho nom pode verdade seer,
nem que m'er pode bem nem mal fazer,
porque, amiga, se deus bem mi dê,
sonhey, muyt'ha, que veera meu bem
e meu amigo nom veo, nem vem.
E poys se foy meu amigu'e nom vem,
meu sonh', amiga, nom é mal nem bem.

453

Vistes tal cousa, senhor, que m'avem
cada que venho com vosco falar,
sol que vos vejo logu' ey a cegar
que sol nom vej'e que nos venha rem;
poys m'assy cega vosso parecer,
se cegass'assy quantos vos vem veer.
Cegu'eu de pram d'estes olhos meus
que rem nom vejo, par deus, mha senhor,
a tant'ey já de vos veer sabor
que sol nom vejo, que vos valha deus;
poys m'assy cega vosso parecer
se cegass'assy quantos vos vem veer.
Vosso parecer faz a mim entom,
senhor, cegar tanto que venh'aqui,
por vos veer, e logu'er cegu'assy
que sol veja que deus vos perdon';
poys m'assy cega vosso parécer
se cegass'assy quantos vos vem veer.
E poys eu cego, deus, que ha poder
cegass'assy quantos vos vem veer.

AYRAS NUNES, clerigo

454

Oy oj'eu huã pastor cantar
d'u cavalgava per hũa ribeyra;
e a pastor estava senlheyra, alone
e ascondi-me pola ascuytar;
e dizia muy bem este cantar:
«Sol-o ramo verde, frolido
vodas fazem ao meu amigo;
e choram olhos d'amor!»
E a pastor parecia muy bem,
e chorava e estava cantando,
e eu muy passo fuy-m'achegando
pola oyr, e sol nom faley rem;
e dizia este cantar muy bem:
«Ay estorninho do avelanedo,
cantades vós, e moyr'eu e peno;
d'amores ey mal!»
E eu oya sospirar entom
e queixava-se estando com amores,
e fazia guirlanda de flores;
desy chorava muy de coraçom,
e dizia este cantar entom:
«Que coyta ey tam grande de sofrer,
amar amigu'e nom o ousar veer;
e pousarey sol-o avelanal!»
Poys que a guirlanda fez a pastor
foy-se cantando indo-s'en manselinho;
et torney-m'eu logo a meu caminho
ca de a nojar nom ouve sabor;
e dizia este cantar bem a pastor:
«Pela ribeyra do rio
cantando ya la virgo
d'amor:
— quem amores ha,
como dorm'or'ay
bela frol?»

455

Porque no mundo mengou a verdade
punhey hum dia de a hyr buscar,
et hu per ela fui preguntar
disserom todos: — Alhur la buscade;
ca de tal guisa se foy a perder
que nom podemus en novas aver
nem já nom anda na yrmaydade.
Nos moesteyros dos frades regrados
a demandey, et disserom-m'assy:
Nom busquedes vós a verdade aqui,
ca muytos anos avemos passados
que nom mor'en nosco, per boa fé,
. . . .
el d'al avemos mayores cuydados.
E em Cistel, hu verdade soya
sempre morar, disserom-me que nom
morava hy, havia gram sazom,
nem frade d'y ja a nom conhocia;
nem o abbade us'outrosy nom estar,
sol nom queria que foss'y pousar
et anda já fora da abbadia.
Em Santyago seend'albergado
em mha pousada chegarom romeus,
preguntey-os et disserom: Par deus,
muyto levadel-o caminho errado;
cá se verdade quiserdes achar
outro caminho convem a buscar,
ca nom sabem aqui d'ela mandado.

456

Que muyto m'eu pago d'este verão
por estes ramos et por estas flores,
et polas aves que cantam d'amores
porque ando hy led'e sem cuydado;
et assy faz tod'omem namorado
sempr'y and led'e muy loução.
Cand'eu passo per algumas ribeyras
so boas arvores, per boos prados
se cantam hy passaros namorados
logu'eu com amores hy vou cantando,
et log'aly d'amores vou trobando
et faço cantares em mil maneyras.
Ey eu gram viço e grand'alegria
quando m'as aves cantam no estyo.

457 (VID.) 469

Amor faz a mim amar tal senhor,
que he mays fremosa de quantas sey,
e faz-m'alegr', e faz-me trobador
cuydand'em bem; sempre mais vos direy:
faz-me viver em alegrança,
e faz-me todavia em bem cuidar
poys mim amor nom quer leixar,
e dá-me esforç' e asperança
mal venh'a quem d'el desasperar.

Ca per amor cuyd'eu mais a valer,
e os que d'el desasperades som
nunca poderam nenhum bem aver
mais aver mal; et por esta razom
trob'eu, et nom per antolhança
mais porque sey lealmente amar;
poys min amor nom quer leyxar
e dá-me esforço e asperança
mal venh'a quem d'el desasperar.

Couseç'em mim os que amor nom ham,
et nom couseçem s'y vedes que mal
ca trob'e canto per senhor de pram
que sobre quantas oj'eu sey, mais val
de beldad'e de bem falar
et he cousido sem duldança,
a tal am'eu, et por seu quer'andar;
poys mi amor nom quer leyxar
e dá-me esforço e esperança,
mal venh'a quem d'el desasperar.

458

A Santiago em romaria vem
el rey, madre, praz-me de coraçom
por duas cousas, sse deus me perdon',
em que tenho que me faz deus gram bem
cá verey el-rey que nunca vi,
et meu amigo que vem com el hy.

459

Vy eu, senhor, vosso bon parecer
por mal de mim e d'estes olhos meus,
e nom quis poys mha ventura, nem deus,
nem vós, que podess'eu coyta perder;
e poys me vós nom queredes valer
breve, creo, que será mha vida,
gentil dona, poys nom sent*ida*
em vós vay camanhá coyta *seer*.

460

Bella dolçor vos deus deu, que nos praya,
supr'end'as mercês de mi qu'oje vaya.

....

Assy me tem em poder voss'amor
que sempre cuid'eu como poderey
vosso bem aver, que nom averey,
mal pecado, em quanto vivo for
mays entom ey eu cõhort'e sabor.

....

461

Gentil dona, t'amistára
que oj'ay, tan muy vej'ir
quen viss'ay la vostra cara.

462

Baylemos nós já todas, todas, ay amigas,
sô aquestas avelanéyras floridas;
e quem for velida como nós velidas,
se amigo amar
sô aquestas avelaneyras frolidas
verrá baylar.

Bailemos nós já todas, todas, ay irmañas
sô aqueste ramo d'estas avelanas;
e quem for louçana como nós louçanas
se amigo amar,
sô aqueste ramo d'estas avelanas
verrá baylar.

Por deus, ay amigas, mentr'al nom fazemos
sô aqueste ramo florido baylemos;
e quem bem parecer como nós parecemos,
se amigo amar,
sô aqueste ramo sol que nós bailemos
verrá baylar.

463

Por deus, coraçom, mal me matades
e pela vossa nem minha nom fazedes,
e pouco, se assi for, viveredes,
ca, senhor, porque m'assi matades
al cuid'acá, nom no vosso cuydar,
mal dia forom meus olhos catar
a fremosura porque me matades.

Agora que eu moiro com quem ficades?
vós com ela, par deus, nom ficaredes,
e sse eu moiro migo morredes,
cá vós noit'e dia migo ficades
mays vosso cuidado pode chegar
hu est a dona que rem nom quer dar
por mi, cá sempre comigo ficades.

464

—Baylade oje, ay filha, que prazer vejades,
ant'o voss'amigo, que vós muyt'amades.
«Baylarey eu, madre, poys me vós mandades,
mays pero entendo de vós huã rem:
de viver el pouco muyto vos pagades,
poys me vós mandades que bayle ant'el bem.
—Rogo-vos, ay filha, por deus que bayledes
ant'o voss'amigo, que bem parecedes.
«Baylarey eu, madre, poys m'o vós dizedes
mays pero entendo de vós huã rem:
de viver el pouco gram sabor avedes
poys que me mandades que bayle ant'el bem.
—Por deus, ay mha filha, fazed'a baylada
ant'o voss'amigo de sô a frol granada.
«Baylarey eu y madre, d'aquesta vegada,
mays entendo de vós uma rem:
de viver el pouco sodes muy pagada
poys que me mandades que bayle ant'el bem.
—Baylade oj'ay filha, por sancta Maria
ant'o voss'amigo, que vos bem queria.
«Baylarey eu, madre, por vós todavia

mays pero entendo de vós huã rem:
em viver el pouco tomades perfia
poys que me mandades que bayle ant'el bem.

465

Nostro senhor, e porque foy veer
hũa dona que eu quero gram bem
e querrey sempre já mentr'eu viver,
e que me faz por sy perder o sen;
pero ela faça quanto quiser
contra mi, cá pero me bem nom quer
nom leyxarey de a servir por en.

466

Desfiar enviarom
ora de Tudela
filhos de Dom Fernando
d'el-rey de Castela;
e disse el-rey logo:
«Ide a lá Dom Vela.
«Desfiade e mostrade
«por mi esta razom,
«se quiserem per talho
«do reino de Leom,
«filhem por en Navarra
«ou o reino d'Aragom.
«Ainda lhes fazede
«outra preitesia,
«dar-lhes-ey per talho
«quanto ei en Galicia,
«e aquesto lhe faço
«por partir perfia.
«E faço grave dito
«cá meus sobrinhos som,
«se quiserem per talho
«do reino de Leom
«filhem por en Navarra
«ou o reino d'Aragom.
«E veed'ora, amigos,
«se prend'eu engano;
«e fazede de guisa
«que já, sem meu dano,
«se quiserem tregoa
«dade-lh'a por um anno.
«Outorgo-a por mi
«e por eles dom,
«c'as tem se quizerem
«per talho de Leom
«filhem por en Navarra
«ou o reino d'Aragom.»

467

Faley n'outro dia com mha senhor
et dixe-lh'o muy grand'amor que lh'ey,
et quantas coytas por ela levey
et quant'afam sofro por seu amor;
foy sanhuda et nunca tanto vi,
et foy-se, et sol nom quis catar por mi
et nunca mays poys com ela faley.
Mentr'eu com ela falava em al
eu nunca m'olhos tam bem vi falar;
et poys lh'eu dixe a coyta e o pesar
que por ela soffro et o muy gram mal,
foy sanhuda et catou-me em desdem,
et des ali nom lh'ousey dizer rem
nem ar quis nunca poys por mi catar.
E muytas vezes oy eu dizer
que quem ascuita a costas lhe dá,
e eu receey esto grand'acá;
mays porque me vejo em coytas viver
dixe-lh'o bem que lhe quer' et entom
estranhou-m'o de guisa que sol nom
me quiz falar, et de mi que será.

468

O meu senhor obispo na Redondela hũu dia
de noyte com gram medo de desonrra fogia;
eu hyndo-m'aguysando por hyr com el mha via
achey hũa campanha assás brava e crua,
que me decerom logo de cima da mha ruiva
azemela, et cá m'alevaram-na por sua.
E des que eu naçi'a nunca entrara em lide,
pero que já fora cabo Valedolide
escoltar doas muytas que fezerom em Molide;
e ali me lançarom a mi á falcatrua
a mais escudeyros, gage o churruchão,
et taaes sergentos, cá nom gente de rua.
Ali me desbulharom do tabardo e dos panos,
et nõ houverõ vergonha dos mis cabelos canos,
nem me derom por ende grãs nem abanos;
leixarom-me qual fuy nado no meyo de la ria,
et huũ donato tinhoso que a de par estava
chamava minha nana velha fududadia.

469

Poys min amor nom quer leyxar
e dá-me esforço e asperança
mal venha a quem se d'el desasperar,
cá per amor cuyd'eu mays a valer;
e os que d'el desasperados som
nom podem nunca nenhum bem aver,
nem fazer bem, e por esta razom
com amor quero-me alegrar
e quer'o trist'em mal andança
que nom lhe dê deus al poys sem pagar.
Poys mim amor nom quer leyxar
e dá-me esforço e asperança
mal venha a quem se d'el desasperar;
amor faz a mi amar tal senhor
mays fremosa de quantas oj'eu sey;
e faz-me alegre, e faz-me trobador,
cuydand'em bem sempre mays vos direy
hu s'era rasom de trobar
trob'eu e nom per antolhança
mays poys sey muy lealmente amar.

Poys mi amor nom quer leixar
e dá-me esforço e asperança
mal venh'a quem se d'el desasperar;
couseçem mi os que amor nom ham,
nom couseçem si veedes que mal
ca trobey tanto por senhor de pram
que de beldade quantas eu sey val;
de mesur'e de bem falar
e de todo bem sem duldança
a tal am'eu, e por seu quer'andar.

ALVARO GOMES, jograr de Sarria, fez esta cantiga a MARTIM MOXA

470

Martin Moxa, a mha alma se perca
polo foder se vós pecado avedes
nem por boos filhus que fazedes,
mays avedes pecado por la herva
que comestes, que vos faz viver
tam gram tempo que podedes saber
muy bem quando nace' Adam et Eva.
Nem outro si dos filhos barvados
nom vos acho hy por pecador,
se nom dos tempos grandes transpassados
que acordades et sodes pastor;
dizede-m'ora, se vejades prazer,
de que tempo podiades ser,
quand'estragou ali o Almançor.
De profaçar as gentes sandias
nom avedes por que vos embargar,
nem porque filhardes em vós pesar
cá o nom dizer se nom com perfias;
disede-m'ora, se deus vos perdon',
quanto nascestes vós ant'a sazom
que encarnou deus em sancta Maria.

471

Per como achamos na santa escriptura
o anti-christo ora seerá na terra
cá se nom guarda tregua nem postura,
et cada parte vejo a volver guerra,
et fazer mal com mengua de justiça
et na gent'é tam grande a cobiça
que nom ha bon conselho nem mesura.
Ca nom leyxam espital nem egleja
romeu nem dona, nem ome fidalgo
nem homeẽ d'onra, por bom que seja
que nom desonrem por levar d'el algo;
forçam mulheres. . . . .
. . . .
. . . .

MARTIM MOXA

472

Vós que soedes em côrte morar,
d'estes privados queria saber
se lhes ha a privança muyto durar
cá os nom vejo dar nem despender;
ante os vejo tomar et pedir,
et o que lhes nom quer dar ou servir
nom pode rem com el-rey adubar.
D'estes privados nom sey novelar
se nom que lhes vejo muy gram poder
et grandes rendas, casas gaanhar
et vejo os grandes muyto empobrecer;
com proveza da guerra sayr,
et ha el-rey sabor de os ouvir,
mays eu nom sey que lhe vam conselhar.
Sodes de côrt' e nom sabedes rem,
cá mester faz a tod'ome que dê
poys á corte per livrar algo vem,
ca se dar nom quer por end'ech'a se;
pero se de dar nom se trabalhe d'al
et se nom der nada nom pod'adubar al
cá os privados querem que lhes dêm.

473

Amigos, cuyd'eu que nostro senhor
nom quer no mundo ja mentes parar,
cá o vejo cada dia tornar
de bem em mal, e de mal em peior;
ca vejo boos cada dia decer
e vejo maaos sobr'eles poder,
por en nom ey da mha morte pavor.
O mundo tod'a vessas vej'ir
em promptas armas no mundo som
a avessas andam, sy deus mi perdon';
poren nom dev'ant'a morte fugir,
quem sabe o bem que soia teer
e ve d' oy o mundo outra guysa correr
e nom se pode de morte partir.
Os que morreram, mentr'era melhor
am muyt'a deus que gradecer,
ca sabem já que nom am de morrer
nem er atendem que vejam peyor,
como oj' atendem os que vyvos som,
e por en tenh'eu que faz sem razom
quem d'este mundo ha muy gram sabor.
E por en tenho eu que he muy melhor
de morrer homem que lhi bem for.

474

Por vós, senhor fremosa, poys vos vy
me faz viver coytado sempr'amor
mays pero quand'ar cuyd'en qual senhor
me fez e faz amar, cuido logu'y
que nom queria nom vos querer bem,
mays quand'er cuydo no mal que m'en vem
Por vós, a quem pesa de vos amar,
aly mi pesa de vos bem querer;
mays poys no prez cuyde-vos parecer
que vos deus deu logu'i ey de cuydar
que nom queria nom vos querer bem
mays quand'er cuydo no mal que m'en vem,

Por vós, senhor, a quem deus por meu mal
me vos tam muyto bem conhecer fez,
pero sabede se rem ey de prez
ou d'outro bem por vos he e nom por al,
que nom queria vos nom querer bem
mays quand'er cuydo no mal que m'en vem.

475

O gram prazer e gram vig'em cuydar
que sempr'ouv' y no bem de mha senhor
m'a fazem ja tam muyto desejar
que moyr'e nom perco coytas d'amor,
pero avem que algunha sazom
assi m'afog'e muyto porque nom
tenço-me d'el, nem sey em que trobar.
E por esto nom leyxey pois amar
e servir bem e fazel-o milhor,
cá sempre amor per bem se quer levar,
e o pequeno co'grande é o mayor;
quaes el quer en o seu poder som
poys assy é, semelha-mi razom,
de a servir e seu bem aguardar
A deus tal bem que nom podess'aver
de tal senhor qual mi em poder tem,
pero quero-m'eu cuydar hy prazer,
cuydar me tolh'o dormir e o sen,
cá non poss'end'o coraçom partir
ca m'a faz sem prantos meus olhos ir
cada hu vou et d'u a vi veer.
Mays tanto sey, se podesse seer
se viss'ela o meu coraçom tam bem
com'el ela, dever-s'ya doer
d'el e de mi, poil-o visse por en
am'eu e trob'e punh'em a servir,
que entenda poys meu cantar oyr
o que nom posso, nem lh'ouso a dizer.
E nom dev'omem seu cor encobrir
a quem sabe que o pode guarir,
de mais hu lh'outro nom pode valer.

476

Amor, de vós bem me posso loar
de qual senhor me fazedes amar;
mays d'unha cousa me devo queixar
quant'é meu sen,
hu mesura, nem outro bem
nem mercê nom val, nem outra rem.
Gradesco-vos, que mi destes senhor
fremosa, e de todo bem sabedor,
mays poys m'a destes, peço-vos, amor,
do que m'avem,
hu mesura nem outro bem
nem mercê nom val, nem outra rem.
Am'eu e trobo e serv'a mays poder
aquesta dona por seu bem aver,
mays quando-lh'a coyta venho dizer
em que me tem,
hu mesura, nem outro bem
nem mercê nom val, nem outra rem.

477

Pero mi fez e faz amor
mal, e nom ey nem cuyd'aver
já per el bem de mha senhor,
ey muyto que lhi gradecer
porque mi faz a melhor rem
d'aqueste mundo querer bem.
E pero m'el nom quis nem quer
dar bem per quanto mal mi deu
ja em quant'eu viver podér
ledo serey de seer seu;
porque mi faz a melhor rem
d'aqueste mundo querer bem.

478

Venho-vos, mha senhor, roguar
com grand'amor que vos eu ey
que mi valhades, cá bem sey
se m'esta coyta mays durar,
já minha vida pouco será.
E que mi queirades valer
ay coyta do meu coraçom,
bem sey eu se deus mi perdon',
se emparardes este lezer,
já minha vyda pouca será.

479

A tanto queria saber
d'estes que morrem com amor
qual coyta teen por mayor:
d'ir hom'em tal loguar viver
hu nunca veja sa senhor,
ou de guarir hu a veer
possa e nom lh'ouse falar?
E muytus vej'a dês rogar
que lh'ela mostre ou que lhis dê
morte certa per boa fé,
que esta coyta nom ha par;
nom a veer cá já quite é
hu a nom vyr d'aval cuydar
nem de pagar-se d'outra rem.
E direy-vus como lh'avem,
a quem dona mui gram bem quer,
se a vir e lhi nom poder
falar tal e como quen tem
ante sy quanto lh'é mester
e nom lh'ousa falar em bem,
e desejando moyr'assy.
E tod'aquest'eu padecy
ca muy gram coyta perlevey
poys-me de mha senhor quitey
porque lhe falar nom ous'y
....
a tam coytado foy logu'i
que cuydara morrer entom.
E d'estas coytas que sofri
a mayor escolher nom sey
pero sey cá muy grandes som.

480

Amor nom qued'eu amando
nem quedo d'andar punhando
se poderia fazer
per que vossa graç'ouvesse,
ou a mha senhor prouguesse;
mays pero faç'y meu poder
contra mha desventura
nom val amar, nem servir,
nem val razom, nem mesura,
nem val calar, nem pedir.
Am'e servo quant'eu posso
e praz-mi de seer vosso,
sol que end'a mha senhor
nom pesasse meu serviço,
des nom mi dess'outro viço
mays faça end'o melhor
contra mha desventura
nom val amar, nem servir,
nem val razom, nem mesura,
nem val calar, nem pedir.
Que quer que mha mi gracido
fosse de quant'ey servido
que m'a mi nada nom val;
mha coyta viço seria
ca servido atenderia
. . . .
contra mha desventura
nom val amar, nem servir,
nem val razom, nem mesura,
nem val calar, nem pedir.
Porque sol dizer a gente
do que serve lealmente
e se nom quer enfadar,
nem depoys galardom tem
am'eu e servo poren;
mays vedes ond'ey pesar,
contra mha desventura
nom val amar, nem servir,
nem val razom, nem mesura,
nem val calar, nem pedir.
E poys-mi deus deu ventura
de tam bom logar servir,
atender quero mesura
ca mi nom deve falyr.

481

Per quant'eu vejo
per só me desejo,
ey coyta e pesar,
se and'ou sejo
o cor m'est antejo
que me faz cuydar;
cá poys franqueza
proeza,
venceu escaceza;
non sey que pensar;
vej'avareza
maleza
per sa soteleza
o mundo tornar.
Já de verdade,
nem de lealdade
nom ouso falar,
cá falsidade
mentira e maldade
nom lhis dam logar;
estas som nadas
e criadas
enventuradas,
e querem reynar;
as nossas fadas
iradas,
forom chegadas
por esto fadar.
Louvam'yantes
e prezenteantes
am prez e poder;
e nos logares
hu nobres falares
soyam dizer
vej'alongados
deytados
do mund'exerdados
e vam-se a perder;
vej'achegados
loados,
de muytos amados
os de mal-dizer.
Pela crerizia
per que se soya
todo bem reger,
paz, cortezia
solaz que avia
fremoso poder,
quand'alegria
que vivia
no mund'e fazia
muyt'algu'e prazer;
foy-se sa vya
e dizia
cada dia
eyde falecer.
D'ar que valya
compria,
seu tempo fogia
por s'ir asconder.

482

Bem poss'amor e seu mal endurar,
tant'é o bem que de mha senhor ey,
sol em cuydar no bem que d'ela sey;
cá sa mesur'e seu muy bon falar
e seu bom sen e seu bom parecer
tod'é meu bem, mays que mal poss'aver,
mentre a vyr e no seu bem cuydar.
Gradesc'a deus, que mi deu tal senhor
tam de boo prez e que tam muyto val,

e rogo-lhi que nunca d'este mal
me guaresca, nem m'empare d'amor,
ante mi dê sempre perder o sen
de a servir, cá este é o meu bem
e aquest'é meu juizo e meu sabor.
Ca seu fremoso catar e riir
e falar ben sempr'em boa razom
assy m'alegra no meu coraçom
que nom cuyd'al se nom en a servir
e no seu bem se m'o deus dar quiser,
como farey depoys se o ouver
que o possa manteer e gracir.
Aly, des, senhor, quando se nembrará
esta dona, que tant'amo, de mi,
que diga: em tam bom dia servi
senhor que tam bom galardom mi dá;
poys em cuydar tam gram sabor ach'eu,
rem nom daria se ouvess'o seu
bem, per quant'outro bem en o mund'ha.
E por end'am'e serv'e soõ seu
d'esta senhora, e servil-a quer'eu,
cá bom serviç'em bem s'encimará.

483

Que grave coyta qu'é-me dizer
as graves coitas que sofr'em cantar,
vejo mha morte que m'hade matar
em vós, e nom vos ous'em rem dizer;
pero ei dizer-lo cantando e em som
que me semelha cousa sem razom
de m'eu com coita de morte dizer.
E pois mha coita per tal guisa he
que a nom posso per rem encobrir,
em a tal terra cuido eu de guarir,
que bem entendam meu mal a la fé;
et a tal gente cuid'eu de cantar
et dizer son hu com ela falar
que bem entenda a meu mal onde he.

ROY FERNANDES

484

Quantas coytas senhor sofri
por vos veer e me quitey
de vós hu vosco nom morey,
e poys me deus aduss'aqui
dizer-vos quero que m'avem:
tanto me nembr'agora já
como se nunca fosse rem.
Pero que vivo na mayor
coyta que podia viver
desejando-vos a veer,
e poys vos vejo mha senhor
dizer-vos quero que m'avem:
tanto me nembr'agora já
como se nunca fosse rem.
Pero quem tanto mal levou
com'eu levey e tant'afam,
a nembrar-lh'avia de pram,
e poys me vos deus amostrou,
dizer-vos quero que m'avem:
tanto me nembr'agora já
como se nunca fosse rem.

485

Se hom'ouvesse de morrer,
senhor, veendo gram pezar
da rem que mays soubess'amar
de quantas quyso fazer,
eu nom podera mays viver
hu vos forom d'aqui filhar
á força de vós, e levar
e vos nom pud'y eu valer.
Nom me soub'i conselh'aver
per como podess'endurar
a coit'em que me vi andar
pola força que vos prender
vi, e quisera ante sofrer
mort'u a veria cá ficar
vyvo per aver a estar
a tam grave pesar a veer.
E nunca no mundo prazer
des aqui jamais aguardar,
e sempre m'aver a queixar
a deus por el esto querer;
mays hũa rem posso creer
que des que m'esto foy mostrar,
poren me leixe de matar
que aja sempre que doer.
E que nunca possa tolher
estes meus olhos de chorar
e que sempr'aja a desejar
vós e o vosso parecer;
que nunça m'hade escaecer
en o meu mal sempre cuydar,
bem me posso maravilhar
por mha morte nom aduzer.
E nunca deus queyra prazer
que nunca el queyra mostrar
a nulh'ome tanto pesar
quant'el poderia sofrer.

486

Ora começa o meu mal
de que já nom temia rem,
e cuydava que m'ia bem
e cedo se tornou em mal,
cá o dém'agora d'amor
me fez filhar outra senhor.
E já dormia tod'o meu
sono, e nom era fol,
e podia fazer mha prol;
mayl-o poder já nom é meu,
cá o dém'agora d'amor
me fez filhar outra senhor.
Que ledo me fez a cá

quando-s'amor de mi quitou
hum pouco que m'a mi leixou
mays d'outra guysa mi vay já;
cá o dém'agora d'amor
me fez filhar outra senhor.
E nom se dev'ome alegrar
muyto de rem que possa aver
cá eu que o quigi fazer
nom ey já de que m'alegrar;
cá o dém'agora d'amor
me fez filhar outra senhor.
Ao dém'acomend'eu amor,
e teenga deus a senhor
de que nom será sabedor
nulh'om'em quant'eu vyvo for.

487

Que muy gram prazer oj'eu vi
hu me vos deus mostrou, senhor,
e bem vos faço sabedor
que poys que m'eu de vós parti
nom cuydara tant'a vyver
como vevi sem vos veer.
Que muyto que eu desejey
de vos veer e vos falar,
e foy-m'o deus agora guysar,
senhor, e mays vos en direy;
nom cuidara tant'a viver
como vevi sem vos veer.
E dês que mi fez este bem
ainda m'outro bem fará,
poys el quiz que vos visse já,
mha senhor, cá per nenhum sen
nom cuydara tant'a viver
como vevi sem vos veer.

488

Quand'eu vejo las ondas
e las muyt' altas ribas,
logo mi veem ondas
al cor por la velyda;
maldito sei'al mare
que mi faz tanto male.
Nunca veo las ondas
nen as altas rocas,
que mi nom venham ondas
al cor pela fremosa;
maldito sei'al mare
que mi faz tanto male.
Se eu vejo las ondas
e veo-las costeyras,
logo-mi vem ondas
al cor pola bem feyta;
maldito sei'al mare
que mi faz tanto male.

489

Já eu nom am'a quem soya,
nem ey a coyta que ant'avya,
e pesa-mi, par sancta Maria,
cá m'ey outra coyta d'amor mayor.
Nostro senhor, quem m'oj'a mi desse
que a que bem quigi bem quisesse,
cá tenh'eu que mayor coyta ouvesse;
cá m'ey outra coyta d'amor mayor.
E mentr'eu d'ela fuy namorado
nunca me virom desacordado,
mays ora já nom ha hi recado,
cá m'ey outra coyta d'amor mayor.

490

Hy logo, senhor, que vos vi,
vi eu que fazia mal sen
d'ir osmar de vos querer bem,
e partira-m'end'eu logu'i;
mayl-o vosso bom parecer
nom m'o leixou, senhor fazer
nom m'o leixou, senhor, fazer.
Assás entendend'eu, que d'ir
começar com a tal molher
como vós, nom m'era mester
e qual será m'end'eu partir,
mayl-o vosso bom parecer
nom m'o leixou, senhor, fazer,
nom m'o leixou, senhor, fazer.
Senhor, e nom foy pelo meu
grad'u a vós fuy amar, nem ey
hi culpa porque vos amey,
ca me vos partira end'eu,
mayl-o vosso bom parecer
nom m'ho leixou, senhor, fazer,
nom m'o leixou, senhor fazer.
E nom xe vos filhe pesar
por vos eu muy de coraçom
amar, cá deus nom mi perdon'
se me nom quisera quitar;
mayl-o vosso bom parecer
nom m'ho leixou, senhor, fazer,
nom m'o leixou, senhor, fazer.

491

Des que eu vi
o que eu vi,
nunca dormi,
e cuydand'i
moyr'eu.
Fez-me veer
desprevееr
quem me morrer
faz, e dizer
moyr'eu.
Gram mal mi vem,
em mi vem,
nem verrá bem
end'e por en
moyr'eu.
E nom mi val,

deus nom me val,
e d'este mal
moyr'eu
moyr'eu
moyr'eu.

492

Pero mha senhor nulha rem
nom m'ha'de fazer se nom mal,
nem eu d'ela nom atend'al,
tam muyto parec'ela bem,
que o seu muy bom parecer
m'a faz á força bem querer.
De punhar de lhi nunca já
querer alguã vez mi praz,
e de tod'esto al xi mi faz
poys tam bom parecerá,
que o seu muy bom parecer
m'a faz á força bem querer.
De já sempr'esta dona amar
porque nom se pode partir,
cá deus quem quis destroir
tam bom parecer lhe foy dar;
que o seu muy bom parecer
m'a faz á força bem querer.
E faz-mi que nom ey poder
que lh'o nom aja de querer.

493

De gram coyta faz gram lezer
deus, per quant'eu entend'e sey,
e de gram pesar gram prazer,
e direy-vos porque o ey,
cá vi mha senhor d'aquem d'ir
e ora vejo-a viir.
Ja per coita, nem per pesar
que aja no meu coraçom
nom me quer'eu muyto queyxar,
e direy-vos eu porque nom;
cá vi mha senhor d'aquem d'ir
e ora vejo-a viir.
E sempr'eu esforçarey
contra pesar se o ouver,
de o perder nom o quererey
aver oy mays, se deus quiser;
cá vi mha senhor d'aquem d'ir
e ora vejo-a viir.

494

Quand'eu nom podia veer
a senhor do meu coraçom,
e de mi bem cuydar entom
que podesse coyta perder
sol que a visse; poyl-a vi
ouv'eu mayor coyta des hi.
Pero que perdia o sen
pola fremosa mha senhor,
quanta coyta avia d'amor
nom cuydava teer em rem
sol que a visse; poyl-a vi
ouv'eu mayor coyta desy.
De quant'eu cuydey acabar
nulha cousa nom acabey,
cá vedel-o que eu cuydey,
cuydei-me de coyta quitar
sol que a visse; poyl-a vi
ouv'eu mayor coyta desy.

495

Que doo que agora ey
dos meus olhos polo chorar,
que faram poyl-os eu levar,
senhor, hu vos nom veerey,
ca nunca os ey a partir
de chorar hu vos eu nom vyr.
Quiçá m'en que vissem al
e nom vissem-vos estes meus
olhos, e nom quis assy deus,
mays sey que mi verram em mal,
ca nunca os ey a partir
de chorar hu vos eu nom vyr.
O vosso mui bom parecer
virom en mal dia por sy,
e mal dia lhe-lo sofri,
senhor, que fossem veer,
ca nunca os ey a partir
de chorar hu vos eu nom vyr.
Pero, que ora, senhor, am
em vos veer mui gram sabor,
já o pesar será mayor
poys quando vos nom verram,
ca nunca os ey a partir
de chorar hu vos eu nom vyr.
Nem vos poderey eu partir
de chorar hu vos eu nom vyr.

496

Ora m'o tenham a mal sen
ca nom leixarey a trobar,
nem a dizer em o cantar
que eu fezer, o muy gram bem
que vos eu quero, mha senhor,
e querrey mentr'eu vyvo for.
Vós, quanto eu poder, negarey
que nom sodel-a que eu vi,
que nom visse, ca des aly
foy sandeu, mayl-o bem *direy*,
que vos eu quero, mha senhor,
e querrey mentr'eu vivo for.
Bem tenho eu quem m'estranh' acá
esto de vós poyl-o disser,
mays será o que deus quiser,
cá o bem a dizer é já
que vos eu quero, mha senhor,
e querrey mentr'eu vivo for.
E bem pod'unha rem creer
quem me d'esto quiser cousir,

que m'ei, ca m'ende pode partir
que o bem nom aja a dizer
que vos eu quero, mha senhor,
e querrey mentr'eu vivo for.
Cá nom querrá deus, nem amor
que vol e'y queyra, senhor.

497

A dona que eu quero bem,
tal sabor ey de a veer
que nom saberia dizer
camanh'é, pero nom sen
poyl-a end'eu mays desejo,
sempre cada que a vejo.
Pero que oje no mund'al
a tanto desej'e nom ha,
como d'ir hu a possa ja
veer, nom na veer mays val,
poyl-a end'eu mays desejo
sempre cada que a vejo.
Se nom vyr nom averrey
que de mim nem d'al sabor,
se a vyr averey mayor
coyta, mays porque o farey,
poyl-a end'eu mays desejo
sempre cada que a vejo.
Esto sóo nom é do yr,
que eu ja sempr'esta molher
nom veja cada que poder,
pero devia-lhe a fugir,
poyl-a end'eu mays desejo
sempre cada que a vejo.

498

Esta senhor que ora filhey
grave dia, vedes que faz,
porque lh'agravon, lhi nom praz
do que com ela comecey;
assanhou-ss' ora contra mi
e pero faz seu prazer hy.
E bem pode saber que nom
meresco eu d'esta sanha rem,
ergo se lhi quero gram bem,
e pero nom ha hy razom
assanha-ss' ora contra mi,
e pero faz seu prazer hy.
Bem vos digo que ante m'eu
queria ir siquer matar,
ca lhe fazer nenhum pesar,
mays ela bem assy de seu
assanhass'ora coutra mi
e pero faz seu prazer hy.
E poyl-o quer fazer assy
nom sey, ou que seja de mi.

499

Pero tant'é o meu mal d'amor
e a muy gram coyta que ey
por vós, que dizer non o sey
bom dia nacerá senhor,
se, apost'a d'aqueste mal
eu atendesse de vós al.
Tod'este mal quant'a mim vem
nen a gram coyta que sofri
por vós, des que vos conheci
non o teria já em rem,
se, apost'a d'aqueste mal
eu atendesse de vós al.
Pero tod'este mal me tolherá
o sen, nem lhi cuyd'a guarir,
se de mim nom se quer partir
sabor averya d'el já,
se, apost'a d'aqueste mal
eu atendesse de vós al.
Muyto é o mal que mi sofrer
fazedes, porque mi falar
nom queredes, nem ascoytar,
pero mays eu querria aver
se, apost'a d'aqueste mal
eu atendesse de vós al.
Cá de vós nom atend'eu al
que mi façades, se nom mal.

500

Aqueste muy gram mal d'amor
que eu por vós mha senhor ey,
poys outro conselho nom sey
se prouguer a nostro senhor,
alongar me querrey d'aqui,
e alongar-s'ha el de mi.
Nenhum conselho me sal
contra vós, nem deus nom m'o dá,
porque perca este mal já,
e poys m'aqui vem este mal
alongar me querrey d'aqui
e alongar-s'ha el de mi.
E mentr'eu a guarir ouver
hu vos eu soya veer
nom averrey nunca a perder
este mal, mays se eu podér
alongar-me querrey d'aqui
e alongar-s'ha el de mi.
Nem tenho hi al que seja sen
que faça, poys vos eu falar
nom ous'yr, senhor, nem catar,
e poys m'este mal aqui vem
alongar-me querrey d'aqui
e alongar-s'ha el de mi.
Ca nom vyverey mays desy,
e alongar-s'ha end'assy.

501

Os meus olhos que virom mha senhor
c'o seu muy fremoso parecer
máos seram agora d'afazer
longi, de lá nas terras hu eu for

e catarám contra hu jaz
a terra d'esta dona, que os faz
sempre chorar e o sono perder.
E muyto fezeram assi melhor,
e a mi, se a nom foss'eu veer.

MARTIM MOXA

502

En muyto andando cheguey a logar
hu lealdade, nem manha, nem sen,
nem crerezia nom vejo preçar,
nem pod'om' i de senhor gram rem
senom loar quanto lh'y vir fazer
e l'encimar, e rem nom lhi dizer
pero lhi veja o sal semear.
E quem ally com'eu cheguey chegar
se mentir, e nem tever mal por bem,
quitar-s'ha em com'eu vi mim quitar
mais nom com'end'eu vi quitar alguem,
nem quem, nem como, nom quero dizer;
e vi alhur quem mentir'al seer
nom quer, nem pode, nem bom prez leixar.
Mentr'aly foy tal somno ouve à sonhar
muytas vezes, e no sonho vi quem
vi a Bubela a Çerzeta filhar
e a Bubela está que tem
ca Çerzeta, e que quero dizer
ou como a pode Bubela prender
em este sonho que nom pode soltar.

503

Maestr' Açenso dereyto faria
el-rey de vos dar muy boa soldada,
porque feçestes hua cavalgada
sem seu mandad'a Rõda n'outro dia,
sem sa ajuda et sem seu dinheiro,
fostes alá matar um cavalleyro
porque soubestes que o deservia.
E se ell-rey fosse bem conselhado
maestr' Açenço d'aqueles dinheiros
que lh'o demo leva nos cavalleyros
partil-los hya vosco per meu grado,
ca nom foy tal que a Ronda encontrasse
que cavalleiro da villa matasse
se nom vós que hyades desarmado.
E do serviço que lh'avedes feito
maestr'Açenço, nom vos enfadedes,
tornad'a lá, bem baratarēdes
et matad'outro quand'ouverdes geyto,
ca se ell-rey sabe vossa demanda
et ouver paz d'este enxeco em que anda
arcediagoo sodes logo feyto.
E diss'ell-rey, n'outro dia estando
hu lh'y falarom em vossa fazenda,
que vos quer dar ar dom em encommenda,
porque dizem que sodes de seu bando:
mays se hy jouv'algum homem fraco
dos vossos poons levad'um gram saco
e hyr-si-lh'ha o castello livrando.

504

De Martim Moxa porfaçam as gentes
e dizem-lhe por mal que he casado,
nom lh'o dizem senom os maldizentes
ca o vej'eu assas hom'ordynhado,
e muy gram capa de côro trager,
e os que lhe mal buscam por foder
nom lhe vaam jejuar o seu pecado.
E porfaça d'el a gente sandia
e non o fazem senom com mayça,
ca o vej'eu no côro cada dia
vestir capa et sobre peliça,
et a eyto fala el y muy melhor
diz, se poys foder el peccador
nom m'a n'eles y a fazer justiça.

PERO GONÇALVES DE PORTOCARREYRO

505

Par deus, coytado vivo,
poys nom vem meu amigo
poys nom vem, que farey?
meus cabelos com sirgo
eu nom vos liarey.
Poys nom vem de Castela
nom é viv'ay mesela,
ou m'o detem el-rey;
mhas toucas da Estella
eu nom vos tragerey.
Pero m'eu leda semelho,
nom me sey dar conselho,
amigas, que farey?
em vós, ay meu espelho,
eu nom veerey.
Estas doas muy belas
el m'as deu, ay donzelas,
nom vol-as negarey,
mhas cintas das fivelas
eu nom vos cingirey.

506

Meu amigo quando s'ya
pregunteу-o se verria?
disse-m'el: querrey muy cedo!
de tardar mais ca soya
madr'ey m'eu muy gram medo.

507

O anel do meu amigo
perdi-o ssol o verde pino,
e chor'eu, bela!
O anel do meu amado
perdi-o ssol o verde ramo,
e chor'eu, bela!

Perdi-o sol o verde ramo
por en chor'eu dona d'algo,
e chor'eu, bela!
Perdi-o sol o verde pino
por en chor'eu dona virgo,
e chor'eu, bela!

508

Ay, meu amigu'e meu senhor
e lume d'estes olhos meus,
porque nom quer agora deus
que vós ajades tal sabor
de viver migo, qual eu ouv'y
de viver vosco, amigo, des que vos vy.
E terria com gram razom,
poys que vos eu tal amor ey,
d'averdes oje qual eu ey
coyta no vosso coraçom
de viver migo, qual eu ouv'y
de viver vosco, amigo, des que vos vy.
A que me aquesta coytà deu
por vós a fuy dar quem me fez
e se m'a guise alguma vez
que tal coyta vos veja eu
de viver migo, qual eu ouv'y
de viver vosco, amigo, des que vos vy.

PERO GOTERRES, cavalleiro

509

Muytus a quem deus quiz dar muy bom sen
e muit'outro linhag'e gram poder,
e muit'outro bem polo seu placer
de tod'esto me podem vencer bem;
sei-m'eu aquesto, e al sei de mi,
ca todol-os d'este mundo eu venci
d'amar amando a quem m'em poder tem.
A melhor dona e de melhor sen
e mais fremosa que deus fez nacer
essa sei de coraçom bem querer
mais de quantas donas quiserom bem
nem querram já, pero esto é assi
aver-m'ende o que nom mereci
gram desamor que m'ela per en tem.
Pero de a tant'amar a meu sen
mais de quantos outros deus quis fazer,
nem quantos me cuydam d'est'á vencer
venç'-os eu querendo-lh'y gram bem,
pero que nunca d'el'al entendy
se nom gram sanha des quand'a oy,
o mal talante que contra mi tem.
E senhor rey de Portugal aqui
julgad'ora se eu amand'assy
dev'a soer desamado por en.

510

Todos dizem que deus nunca pecou,
mays mortalmente o vej'eu pecar,
cá lhe vej'eu muytos desemparar
seus vassallos que muy caro comprou;
cá os leixa morrer com grand'amor
desemparados de bem de senhor
e já com'estes mim desemparou.
E mayor pecado mortal nom sey
cá o que eu vejo fazer a deus,
cá desempara os vassallos seus
em muy gram coyta d'amor qual eu ey;
e o senhor, que acorrer nom quer
a seus vassallos quando lh'é mester
peca mortal poys é tam alto rey.
Todo senhor, de mays rey natural,
dev'os vassallos de mort'a partir,
e acorre-lhes cada que os vir
estar em coyta, mays deus nom é tal
cá os leixa com grand'amor morrer,
e pero pod'e nom lhes quer valer
e assi faz gram pecado mortal.

DOM STEVAM PEREZ FROYAM

511

Senhor, se o outro mundo passar
assy com'aqueste pass'e passey
e com tal coyta com'aqui levey
e levo, em o inferno ey de morar
por vós, senhora, já nom per outra rem,
ca por vós perco deus, e fiz esse sen
cando vos vejo dos olhos catar.
A tam muyt'aposto que nom *ousar*
ora me trabalhey de os cousir,
e amarei log'enton a rir,
e er filhey-me log'y a chorar,
como homem desemparado d'amor
e de vós, ay fremosa, mha senhor,
nom sey como esto pode s'endurar.
E ja que vos no inferno faley,
senhor fremosa, e na coyta d'aqui,
que por vós ey, vedes quanto entendi
e quanto d'aquesto muy bem sey,
que alá nom poderia aver tal
coyta qual sofro tam descommunal,
e que nunca por vós o coydey.
Ca vedes, mha senhor, porque vol-o-ey
porque soedes o vosso corpo a tal
em que nunca pode home sobir mal
nem poder em mays, eu gram pavor ey;
quem vol-o domandare por my
pois eu morrer, lume d'estes meus olhos, e
que sempre mays que my amey.

DOM GOMEZ GARCIA, abbade de Veladolido

512

A vossa mesura, senhor,
aguardey, mal dia, por mi;
já desmesura, deus, ali

me faz cada dia peior;
cá me busca comvosco mal
e a mesura nom me val,
e leixa-me morrer d'amor.
E, senhor, mal dia naceu
quem mesura muyto aguardou
como eu guardey e sempre achou
desmesura que me tolheu;
cá onde eu cuidei aver bem
por servir, nunca ouve eu rem,
cá desmura me tolheu.
A vossa mesura guardei,
senhor, sempre mais d'outra rem,
et a desmesura por en
me faz tal mal, que me nom sei
com ela já conselh'aver,
e leixa-me de amor morrer
et da mesura bem nom hei.

513

Diz meu amigo que me serve bem
e que rem nom lhe nembra senom mi,
pero foy-s'el n'outro dia d'aqui
sem meu grado; mays farey-lh'eu por en
por quant'andou a lá sem meu prazer
que ande hum tempo sem meu bemfazer.
El tem ora que logo s'averrá
comigo sol que veér et me vir,
e el querrá como me sol servir
se m'eu quiser; mays farei-lh'esto já,
por quant'andõu a lá sem meu prazer
que ande hum tempo sem meu bemfazer.
Por que se foy e o ante nom vy
sem mh'o dizer a cas d'el-rey morar,
quando veér e me quiser falar
pois que o fez eu lh'y farey assy:
por quant'andou a lá sem meu prazer
que ande hum tempo sem meu bemfazer.

RUY FERNANDIZ, clerigo

514

Conhosco-me, meu amigo,
que sempre vos fiz pesar,
mays se agor'amigar
quisessede-vos commigo,
a vós eu nunca faria
pesar, nem vol-o diria.
Que quero quem vos d'end'al diga,
nom lh'o queirades creer,
ca se podess'eu sseer
amigo com vosco, amiga,
a vós eu nunca faria
pesar, nem vol-o diria.
Se eu por amig'ouvesse
vós, a quem eu por meu mal
fiz pezar hu nom jaz al
pero-me de vós vehesse,
a vós eu nunca faria
pesar, nem vol-o diria.

515

Se vos nom pesar ende,
madr', irey hu m'atende
meu amigo no monte!
Irey, se deus vos valha,
por nom meter em falha
meu amigo no monte.
E filhe-xi-vos doo,
como m'atende soo
meu amigo no monte.

516

Id'é, meu amigo d'aqui,
e nom me quis ante veer,
e deus mi tolha parecer
e quanto de bem ha em mi,
se el vem e m'eu nom vingar
quand'el quiser migo falar.
E cuyda s'el que lhi querrey
por esto que m'el fez, melhor;
mays logo veja o senhor
eu ssua que nom seerey,
se el vem e m'eu nom vingar
quand'el quiser migo falar.
Que viss'eu que nom dava rem
el por mi, nom se m'espediu
quando se da terra partiu,
mays logo me lh'eu queira bem
se m'end'eu nom vingar
quand'el quiser migo falar.
E veerá muy bem o meu
amigo, quant'el ora fez
a que lhi salirá esta vez,
ca em seu poder seja eu
se el vem e m'eu nom vingar
quand'el quiser migo falar.
Ca lhi nom querrey ascuytar
nulha rem do que m'el rogar

517

Ay madre, que muyt'ey
que nom vy o meu amigo
el falasse comigo,
e pero lhi fale, bem sey
ca nom ey nenhum poder
de o por amigo aver
hu el falasse comigo.
Nom vos leixedes en por mi,
filha, que lhi nom faledes
s'é vos en sabor que edes.
Ay madre, nom tenho prol hi
cá nom ey nenhum poder
de o por amigo aver
hu el falasse comigo.

Filha, pol-o desassanhar
falaredes por meu grado
pois lhi say demandado
que prol ha, madr'em lhi falar
cá nom ey nenhum poder
de o por amigo aver
hu el falasse comigo.

518

Madre, poys amor ey migo
tal, que nom posso sofrer
que nom veja meu amigo,
mandade-m'ho hir veer
se nom hirey seu mandado
vêel-o sem vosso grado.
Gram coyta me faz ousada
de vol-o assy dizer,
e pois eu vivo coitada,
mandade-m'ho hir veer,
se nom hirey seu mandado
vêel-o sem vosso grado.
E já que por mi sabedes
o bem que lh'eu sey querer,
por quanto bem me queredes,
mandade-m'ho hir veer,
se nom hirey seu mandado
vêel-o sem vosso grado.

519

Ora nom dev'empregar parecer
nem palavra que eu aja, nem sen,
nem cousa que em mi seja de bem,
poys vos eu tanto nom posso dizer
que vos queirades, amigo, partir.
. . . .
Outra senhor vos convem a buscar
cá nunca vos eu ja mays por meu terrey,
poys hides mays ca por mi por el-rey
fazer, nem vos posso tanto rogar
et vos queredes, amigo, partir.
Nunca vos mays paredes ante mi
se vós em alguma sazom d'alá
com meus desejos veherdes a cá,
poys m'eu tanto nom poss'assy
ficar, que vos queyrades, amigo, partir.

520

«Madre, quer'oj'eu yr veer
meu amigo, que se quer hir
a Sevilha el-rey sservir;
ay madre, yr-lo-ey veer.
— Filha, yde, eu vosqu'irey.
«E faredes-me prazer
cá nom sey quando mho verey.
«Bem no sabe nostro senhor
que me pesa, poys que s'ir quer,
e veer-lo-ey se vos prouguer
por dês, mha madre, mha senhor.
— Filha, yde, eu vosqu'irey.
«Madre, faredes-mi amor,
cá nom sey quando mho verey.
«A Sevilha se vay d'aqui
meu amigo, por fazer bem
ir-lo-ey veer por en,
madre se vos prouguer d'ir y.
— Filha, ide, eu vosqu'irey.
«Madre faredes-me bem y,
cá nom sey quando mho verey.

PAYO DE CANA, clerigo

521

Vedes que gram desmesura
amig'a do meu amigo,
nom veo falar comigo
nem quis deus, nem mha ventura
que foss'el aqui o dia
que poz migo quando s'ya.
Como eu tevera aguysado
de fazer quant'el quizesse,
amiga, sol que vehesse
nom quis deus, nem meu pecado
que foss'el aqui o dia
que poz migo quando s'ya.
E and'end'eu muy coytada
como quer que vos al diga,
por que nom quis dês, amiga,
nem mha ventura minguada
que foss'el aqui o dia
que poz migo quando s'ya.

522

Amiga, o voss'amigo
soub'eu que nom mentiria
poys que o jurad'avya
que vehesse; mais vos digo
que ha de vós muy gram medo
porque nom veo mays cedo.
E rogou-m'el que vos visse
e vos dissesse mandado
que nom era perjurado,
e vedes al que mi disse:
que ha de vós mui gram medo
porque nom veo mays cedo.
E rogou-vos, ay amiga,
que boa ventura ajades
que muyto lh'o gradescades,
poys m'er roga que vos diga:
que ha de vós muy gram medo
por que nom veo mays cedo.

PERO ANES MARINHO,
filho de Joham Anes de Valadares

523

Boa senhor, o que me faz mister
vosco, por certo, soube-vos mentir

que outra dona punhei de servir
de tal razom me vos venho ssalvar,
cá se eu a molher oje quero bem
se nom a vós, quero morrer por en.
E, nobre amiga, poys vos sey amar
de coraçom, devedes receber
aquesta salva que venho fazer,
e nom creades que quero profaçar;
cá se eu a mulher oje quero bem
se nom a vós, quero morrer por en.
E, meu amigo, eu vos venho rogar
que nom creades nenhum dizedor
e sempr'a mi, meu lume e meu amor,
dos que me querem mal buscar,
cá se eu a molher oje quero bem
se nom a vós, quero morrer por en.
Nem quer'eu dona por senhor tomar
se nom vós, que amo e quero amar.

Esta cantiga fez Pero Anes Marinho, filho de Joham Anes de Valadares, por salvar outra que fez Joham Ayras de Sanctiago, que diz assim o começo:

«*Dizen, amigo, que outra senhor
queredes vós sem meu grado filhar....*»

(Vide n.º 594.)

SANCHO SANCHES, clerigo

524

Amiga, bem sey do meu amigo
que é mort', ou quer outra dona bem
cá nom m'envya mandado, nem vem;
e quando se foy, posera migo
que se vehesse logo a seu grado,
se nom que m'envyasse mandado.
A min pesou muyto quando s'ya,
e comecey-lhi entom a preguntar:
cuydades muyt'amig'a lá morar?
e jurou-mi per sancta Maria
que se vehesse logo a seú grado,
se nom que m'envyasse mandado.
Hu estava comigo falando
dixi-lh'o: en que farey eu se nom vir
ou se vosso mandado nom oyr
ced'entom? jurou-m'el chorando:
que se vehesse logo a seu grado,
se nom que m'envyasse mandado.

525

Amiga, do meu amigo
oy eu oje recado
que é viv'e namorado
d'outra dona, bem vos digo;
mays jur'a deus que quisera
oyr ante que mort'era.
Eu era maravilhada
porque tam muyto tardava,
pero sempr'esto cuydava
se eu d'el seja vingada,
mays jur'a deus que quisera
oyr ante que mort'era.
Mui coitada per vyvya
mais ora nom sei que sseja
de mi, pois outra deseja,
e leixou mi que servia;
mays jur'a deus que quisera
oyr ante que mort'era.
E a el mui melhor era
ca mim, mays me prouguera.

526

Hir-vos queredes, ay meu amigo, *d'aqui*
e pesa-m'end'assi me valha deus,
e pesa-mi por estes olhos meus,
e porque sey que viverey assy
como vive quem ha coyta d'amor,
e nom ha de sy nem de rem sabor.
Des vós vos fordes ora hi al nom ha,
por dês, amigo; mays eu que farey,
ca outro conselh'eu de mi nom sey
se nom viver, em quanto vyver ja,
como vive quem ha coyta d'amor,
e nom ha de sy nem de rem sabor.
Estad'amigo, tam grave m'é
que vol-o nom saberia dizer,
mays poys end'al já nom pode sseer,
se viver, viverey per boa fé
como vive quem ha coyta d'amor,
e nom ha de sy nem de rem sabor.

527

Que muy gram torto mi fez, amiga,
meu amigo quando se foy d'aqui
a meu pezar, poys que lh'o deffendi;
mays pero queredes que vos diga
se vehess'en já lh'eu perdoaria.
Tanto mi faz gram pezar sobejo
em s'ir d'aqui, que ouve de jurar
mentre vivesse de lhi nom falar,
mays porque tam muyto desejo
se vehess'en já lh'eu perdoaria.
Bem vos dig'amiga em verdade
que jurey de nunca lhi fazer bem
ant'el, e nom se leixou de s'yr por en;
mays porque ey d'el gram soydade
se vehess'en já lh'eu perdoaria.

528

Em outro dia em Sam Salvador
vi meu amigo que mi gram bem quer,
e nunca mays coytada foy molher
do que eu lhy fui segundo meu sen

cuydand'amiga, qual era melhor,
de o matar ou de lhi fazer bem.
El'é por mi tam coitado d'amor
que morrerá se meu bem nom ouver,
e viv'en aly e como quer
que vos diga, ouv'a morrer por en
cuydand'amiga, qual era melhor
de o matar ou de lhi fazer bem.
Mim é o poder que soõ senhor
de fazer d'el o que m'a mi prouguer;
mays foy hy tam coytado, que mester
nom me fora, poys que ouvi per ren
cuydand'amiga, qual era o melhor
de o matar ou de lhi fazer bem.

529

Muyt'atendi eu bem da mha senhor
e ela nunca me quis fazer,
e eu nom tenho y al se nom morrer
poys que m'ela nom val nem seu amor;
mays deus que sabe que est assy
poys eu morrer demande-lh'o por mi.
Servi-a sempre mui de coraçom
emquanto pudi, segundo meu sen,
e ela nunca me quiz fazer bem
e eu nom tenho y al se morrer nom;
mays deus que sabe bem que est assy,
poys eu morrer demande-lh'o por mi.
Servi-a sempr'e nom catey por al
des que a vi e sempr'aver cuidey
algum bem d'ela, mays bem vej'e sey
que morte tem hy pois me nom val;
mays deus que sabe bem que est assy
poys eu morrer demande-lh'o por mi.

JOHAM AYRAS DE SANTIAGO

530

De me preguntar am sabor
muytos, e dizem-mi por en:
com'estou eu com mha senhor?
e direy-vos eu que m'avem:
se disser bem, mentir-lhis-ey,
tam mal é que o nom direy.
Os que me veem preguntar
como mi vae, querem saber
com'está quem sey muyt'amar?
e eu nom sey que lhis dizer;
se disser bem mentir-lhis-ey,
tam mal é que o nom direy.
Os meus amigos com quem vou
falar, me preguntam assy
com mha senhor com'eu estou?
e nom sey que lhis diga hi:
se disser bem mentir-lhis-ey,
tam mal é que o nom direy.
Mays poys d'ela bem nom ey
preguntar-m'hã e calar-m'ey.

531

Tam grave m'é, senhor, que morrerey,
a mui gram coyta que per boa fé
se nom por vós, cá vos muy grav'é;
pero, senhor, verdade vos direy:
se vos grav'é de vos eu bem querer
tam grav'é a mi, mays nom poss'al fazer.
Tam grave m'é esta coyta em que me tem
o voss'amor que nom lh'ey de guarir
e a vós grav'é sol de o oyr;
pero, senhor, direy-vos que m'avem:
se vos grav'é de vos eu bem querer
tam grav'é a mi, mays nom poss'al fazer.
Mui grave m'é que nom atendo já
de vós, senhor, mort'ou muy gram pesar
e grav'é a vós de vos coitar;
pero, senhor, direy-vos quant'i ha,
se vos grav'é de vos eu bem querer
tam grav'é a mi, mays nom poss'al fazer.

532

Dizem, senhor, que nom ey eu poder
de veer bem, e por vos nom mentir
gram verdad'é quand'eu alhur guarir
eu sem vós, que nom posso bem aver;
mays, mha senhor, direy-vos unha rem
poys eu vos vejo, muyto vejo bem.
Travam em mi e em meu conhocer
e dizem que nom vejo bem, senhor,
e verdad'é seend'eu sabedor,
ou eu alhur sem vós ey de viver;
mays, mha senhor, direy-vos unha rem
poys eu vos vejo, muito vejo bem.
D'aver bem nom me quero eu creer,
e mha senhor, quero-vos dizer al,
vejo muy pouco, e sey que vejo mal
hu nom vejo vosso bom parecer;
mays, mha senhor, direy-vos unha rem
poys eu vos vejo, muito vejo bem.

533

Com coytas d'amor, se deus mi perdon'
trobo, e dizem que meus cantares nom
valem rem porque tam muytos som,
mays muytas coytas m'hos fazem fazer;
e tantas coytas quantas de sofrer
ey, non as posso em hum cantar dizer.
Muytas ey, et cuydade se mi sal
e faço muyto cantares, e mal
que pero coitasse, dizem-mi val;
mays muytas coitas mh'os fazem fazer;
e tantas coytas quantas de sofrer
ey, non as posso em hum cantar dizer.
E muytos cantares tenho que bem
posso dizer mhas coitas e por en
e dizem-m'ora que faço hy mal sen;
mays muytas coitas mh'os fazem fazer

e tantas coitas quantas de sofrer
ey, nom as posso em um cantar dizer.
Cá se cuydar hi já mentre vyver
bem cuido que as nom possa dizer.

534

Vy eu donas, senhor, em cas d'el-rey
fremosas e que pareciam bem,
e vi donzelas muytas hu andey,
e, mha senhor, direy-vos unha rem:
a mays fremosa de quantas eu vi
long'estava de parecer assy,
Como vós; eu muytas vezes provey
se amaria de tal parecer
algũa dona, senhor, hu andey
e, mha senhor, quix-vol-al dizer:
a mays fremosa de quantas eu vi
long'estava de parecer assy
Como vós; e mha senhor perguntey
por donas muytas que oy loar,
de parecer nas terras hu andey,
e, mha senhor, poys m'as foy mostrar,
a mays fremosa de quantas eu vi
long'estava de parecer assy.

535

Nom vi molher des que naci
tam muyto guardada com'é
a mha senhor, per boa fé,
mays pero a guardam assy,
quantos dias no mundo som
alá vay o meu coraçom.
E de sa madre sey hũa rem
que a manda muyto guardar
de mi e d'outrem a lá entrar,
mays pero a guarda muy bem,
quantos dias no mundo som
alá vay o meu coraçom.
Do que a guard'ar sey eu já,
que lhis nom pod'ome alá hir,
mays direy-vos, per nom mentir,
pero muy guardada está,
quantos dias no mundo som
a lá vay o meu coraçom.
E pesa mi a mim porque nom
posso hir hu vay meu coraçom.

536

Andey, senhor, Leom e Castella
depoys que m'eu d'esta terra quitey,
e nom foy hi dona nem donzella
que eu nom vysse, mays vos eu direy:
quantas mays donas, senhor, alá vi
tanto vos eu muy mais precey desy.
Quantas donas eu vi des quando
me foy d'aqui, punhei de as cousyr,
e poyl-as vi, estive cuydando
em vós, senhor, e por vos nom mentir
quantas mays donas, senhor, a la vi
tanto vos eu muy mays precey desi.
E as que a lá mayor prez aviam
em todo bem todalas fuy veer
e cousi-as, e bem pareciam,
pero, senhor, quero-vos al dizer:
quantas mays donas, senhor, a lá vi,
tanto vos eu muy mais precey desi.

537

Pero tal coyta ey d'amor
que mayor nom pod'om'aver,
nom moyro, nem ey eu sabor,
nem morrerey a meu poder,
porque sempre atend'aver bem
da dona que quero gram bem.
E os que muy coytados som
d'amor, desejam a morrer,
mays eu assy, deus mi perdon',
queria gram sazom viver,
porque sempre atendo d'aver bem
da dona que quero gram bem.
Mal sen é por desasperar
home de mui gram bem aver
de sa senhor que lhi deus dar
pode; nom o quer'eu fazer
porque sempre atendo aver bem
da dona que quero gram bem.
E quem deseja morte aver
per coyta d'amor nom faz sen
nen o tenh'eu por de bom sen.

538

Ouço dizer dos que nom am amor
que tambem podem jurar que o am
ant'as donas, como mim ou melhor,
mays pero jurem nom lh'o creerám,
ca nunca pode mentir al tam bem
jurar como o que verdade tem.
Bem jurã que a sabem amar
senom que nom ajam d'elas prazer,
mays que lhis val de assy jurar,
pero o jurem nom lh'o querram creer,
ca nunca pode mentir al tam bem
jurar como o que verdade tem.

539

Maravylho-m'eu sy deus mi dê bem
senhor, por quanto vos vejo rogar
nostro senhor, e vym-vos perguntar
que mi digades por deus hunha rem:
em que vos podia nostro senhor
fazer mays bem do que vos fez, senhor?
Fez-vos bem falar e bem parecer
e cumprida de bem, per boa fé,
e rogades deus, nom sey por que é;

e, mha senhor, quer de vós saber
em que vos podia nostro senhor
fazer mays bem do que vós fez, senhor?
Ca vos fez mansa e de mui bom prez
e já em vós mays bem nom poderá
aver; poys porque o rogades já
ca poys que vos el tam muyto bem fez,
em que vos podia nostro senhor
fazer mays bem do que vos fez, senhor?
Eu cativo, muy coytado d'amor,
avya que rogar nostro senhor
quem fez sempre viver sem sabor
e sem vosso bem fazer, mha senhor.

540

Senhor fremosa, ey-vos grand'amor,
e os que sabem que vos quero bem
teem que vos pesa mays d'outra rem,
e eu tenho, fremosa mha senhor,
muy guisado de vos fazer pesar
se vos pesa de vos eu muyt'amar.
Cá já vos sempr'averey de querer
bem, e estas gentes que aqui som
teem que vos pesa de coraçom,
et eu tenho já em quanto viver
muy guisado de vos fazer pesar
se vos pesa de vos eu muyt'amar.
Ca, mha senhor, sempre vos bem querey
e aquestas gentes que som aqui
teem que faço gram pesar hi,
e tenh'ora e sempre teerey
mui guisado de vos fazer pesar
se vos pesa de vos eu muyt'amar.
Ca vos nom posso, senhor, desamar
nem posso amor que me fórça, forçar.

541

Desej'eu bem aver de mha senhor,
mays nom desejo aver bem d'ela tal
por seer meu bem que seja seu mal;
e por aquesto, par nostro senhor,
nom queria que mi fezesse bem
em que perdesse do seu nulha rem,
ca nom é meu bem o que seu mal for.
Ante cuyd'eu, que o que seu mal he
que meu mal est, e cuydo gram razom,
por en desejo no meu coraçom
aver tal bem d'ela per boa fé
em que nom perca rem de seu bom prez,
nem lh'ar diga nulh'ome que mal fez,
e outro bem deus d'ela nom mi dê.
E já eu muytos namorados vi
que nom davam nulha rem por aver
sas senhores, mal pois assy prazer
faziam, e por esto digo assy:
se eu mha senhor amo polo meu
bem, e nom cato a nulha rem do seu
nom amo eu mha senhor, mays amo mi.

E mal mi venha, se a tal fuy eu
ca des que eu no mund'andey por seu
amey sa prol muyto mais ca de mi.

542

Que grave m'est ora de vos fazer,
senhor fremosa, hum muy gram prazer
ca me quer'ir longe de vós vyver
e venho-vos por esto perguntar:
que prol ha mi fazer-vos eu prazer
e fazer a mi, senhor, gram pesar?
Sey que vos praz muyto, hir-m'ey d'áquem,
ca dizedes que nom he vosso bem
de morar perto de vós, e poren
quero de vós que mi digades al:
que prol ha min fazer eu vosso bem
et fazer a mi, senhor, muy gram mal?
Dizedes que m'havedes desamor
porque moro perto de vós, senhor,
e que morredes se m'eu nom for,
mays dizede já que m'eu quero hir:
que prol ha min guarir eu vós, senhor,
e matar-mi, que moyro por guarir?
E vós guarredes sem mi, mha senhor,
et eu morrerey des que vos nom vyr.

543

Senhor fremosa de bom parecer,
pero que moyro querendo-vos bem,
se vos digo que muyto mal mi vem
por vós, nom mi queredes rem dizer,
pero no mundo nom sey eu molher
que tam bem diga o que dizer quer.
E, mha senhor fremosa, morrerey
com tanto mal como mi faz amor
por vós, esse vol-o digo, senhor,
nom mi dizedes o que lhi sofrerey,
pero no mundo nom sey eu molher
que tam bem diga o que dizer quer.
Estas coytas grandes que sofri
por vos ter, a vós venho queixar,
como se nom soubessedes falar
nom mi dizedes o que faça hi,
pero no mundo nom sey eu molher
que tam bem diga o que dizer quer.
E poys nom falha quem bem diz que quer,
como falará bem quem nom souber.

544

Que de bem m'hora podia fazer
deus, se quizesse, nom lhi custa rem,
contar-m'os dias que nom passey bem
e dar-m'outros tantos a meu prazer
com mha senhor, ca se deus mi perdon'
os dias que vyv'om'a seu prazer
dev'a contar que vyv' e outros nom.
E mha vyda nom na devo chamar

vyda, mays morte a que eu hi passey
sem mha senhor, ca nunca led'andey
e nom foy vyda, mays foy gram pezar;
porem sabem quantos no mundo som
os dias que viv'omem sen pesar
dev'a contar que vyv' e outros nom.
E os dias que me sem mha senhor
dês fez viver, passê-os eu tam mal
que nunca vi prazer dé mi nem d'al,
e esta vyda foy tam sem sabor,
e quem-n'a julgar quiser com razom,
os dias que vyv'om' a seu sabor
dev'a contar que viv'e outros nom.

545

Nom quera deus em conto receber
os dias que vyvo sem mha senhor,
porque os vyvo muy sem meu sabor;
mayl os que m'el fez viver
hu a veja, e lhi possa falar
esses lhy quer'eu em conto filhar,
cá nom é vida viver sem prazer.
E se m'el fez algũa sazom
viver com ela quanto-m'aprouguer,
esses dias mi cont'el se quiser
que eu com ela viv' e mays nom
de mha vyda, mays nem vos contarey
dos dias que a meu pesar passey
cá nom foy vida, mays foy perdiçom.
Cá nom he vyda vyver hom'assy
com'oj'eu vyvo hu mha senhor nom he,
c'a par de morte m'é per boa fé,
e se mi descontar quanto vevi
nom cont'os dias que nom passey bem,
mays el que os dias em poder tem
dê-m'outros tantos por quanto perdi.
C'a el dias nunca minguarám
e eu serey bem andant'e seram
cobrado-los meus dias que perdi.

546

A mha senhor, que me tem em poder
e que eu sey mays d'outra rem amar
sempr'eu farey quanto-m'ela mandar
a meu grado que eu possa fazer;
mays nom lhi posso fazer unha rem
quando mi diz que lhi nom quera bem,
cá o nom posso comigo poer.
Ca se eu migo podesse poer
se dês mi valha, de a nom amar
ela nom avya que mi rogar
ca eu rogad'era de o fazer;
mays nom posso querer mal a quem
nostro senhor quiz dar tam muyto bem
como lh'el deu e tam bom parecer.
Sa bondad'e seu bom parecer
mi faz a mi mha senhor tant'amar
e seu bom prez e seu muy bom falar,
que nom poss'eu per ren hy al fazer;
mays ponha ela comsigo huã rem
de nunca já mays mi parecer bem
porey migu'eu de lhi bem nom querer.

547

A por quem perco o dormir
e que do muy namorado
vejo-a d'aqui partir
e fiqu'eu desemparado
a muy gram pezar se vay,
a que x'en tem sua mua baya
vestida d'um pres de Cambray,
deus, que bem lh'está manto e saya!
A morrer ouv'y por en
tanto'-a vy bem talhada
que parecia muy bem
em sua sela dourada
as sueyras som d'en say
e os arções de faya
vestida de um pres de Cambray,
deus, que bem lh'está manto e saya!
Se a podess'eu filhar
tevera m'ende por bem andante,
en os braços a levar
na coma do rocim deante
por caminho de Sampay
passar Minh' e Doir' e Gaya;
vestida de um pres de Cambray,
deus, que bem lh'está manto e saya!
Se a podess' alongar
quatro leguas de Crecente
e nos braços la filhar
apertal-a fortemente;
nom lhi valrria dizer ay,
nem chamar deus, nem sancta Ovaya;
vestida de um pres de Cambray,
deus, que ben lh'está manto e saya!

548

Ouv'agora de mha prol gram sabor,
mha senhor, e conselhou-me por en,
que me partisse de lhi querer bem;
e dixi-lh'eu: Fremosa mha senhor,
muy bem me conselhades vós, mays nom
poss'eu migo, nem com meu coraçom,
que somos ambos em poder d'amor.
E disse-m'ela: Por nostro senhor
quitade-vos, amigo, de mal sen
e nom amedes quem vos nom quer bem;
e dixi-lh'eu: Per boa fé, senhor,
se eu podesse comigo poer
bem vos podia tod'esso fazer,
mays nom posso migo nem com maior
que somos ambos em poder d'amor.
E disse-m'ela: Tenh'eu por melhor
de vos h'irdes, ca prol nom vos tem

d'amardes mim, poys mi nom é em bem;
e dixi-lh'eu: Per boa fé senhor,
se eu podess'o que nom poderey
poder comigu' e com amor bem sey
que vos faria de gram desamor.

549

Algum bem mi deve ced'a fazer
deus, e fará-m'o quando lh'aprouguer,
sempr'ando led', e quem mi falar quer
em pesar nom lh'o posso padecer,
mays fuj'ant'el e nom lh'o quer oyr;
desyar-ey gram sabor de guarir
com quem sey que quer falar em prazer.
Ca todus andam cuydando em aver,
e outra rem nom queren cuydar já
e morrem ced'e fica tod'a cá;
mays esto migo nom pode poer
que trob'e canto e cuydo sempr'en bem,
e tenho amig'a que faz muy bom sen
quem pod'o tempo passar em prazer.
Nostro senhor, que a muy gram poder
é sempre ledo no seu coraçom
e som muy ledos quantos com el som,
poren faz mal, quant'é meu conhocer
o que trist'é, que sempre cuyda mal
ca hum pobre ledo mal tanto val
ca rico triste em que nom ha prazer.

550

Todal-as cousas eu vejo partir
do mund'em como soyam seer,
e vej'as gentes partir de fazer
bem que soyam, tal tempo vos vem;
mays nom se pod' o coraçom partir
do meu amigo de mi querer bem.
Pero que home perc'o coraçom
das cousas que ama per boa fé,
e parte-s'home da terra ond'é
e parte-s'home d'u gram prol tem,
nom se pode partil-o coraçom
do meu amigo de mi querer bem.
Todal-as cousas eu vejo mudar,
mudam-s' os tempos e muda-s'o al,
muda-se a gente em fazer bem ou mal,
mudam-se os ventos et tod'outra rem;
mays nom se pod'o coraçom mudar
do meu amigo de mi querer bem.

551

Dizem-m'a mi quantos amigos ey
que nunca perderey coyta d'amor
se m'eu nom alongar da mha senhor;
e digo-lhis eu como vos direy,
par deus sempr'eu alongado vevi
d'ela e do seu bem, e non o perdi
Coyta d'amor; pero dizem que bem
farey em mha fazenda de vyver
longi d'ela que mi nom quer valer;
mays de tal guisa lhis digu'eu por en:
par deus sempr'eu alongado vevi,
d'ela e do seu bem, e non o perdi
Coyta d'amor; pero dizem que nom
poss'eu vyver se me nom alongar
de tal senhor que se nom quer nembrar
de mi, mays digo-lhis eu logu'entom:
par deus sempr'eu alongado vevi
d'ela e do seu bem, e nom o perdi
Coyta d'amor; nem alhur, nem aly
nom lhi guarrey, ca muyto lhy guarry.

552

A mha senhor que eu sey muyt'amar
punhey sempre do seu amor ganhar,
e nom o ouvi mays a meu cuydar
nom fuy eu hy de sen nem sabedor
porquanto lh'eu fui amor demandar,
cá nunca vi molher mays sem amor.
E des que a vi sempr'a muyt'amey
e sempre lhy seu amor demandey,
e nom no ouvi nem no averey;
mays se cent'anos for seu servidor
nunca lh'eu já amor demandarey;
ca nunca vi molher tam sem amor.

553

Meu senhor rey de Castela
venho-me-vos querelar:
eu amey unha donzela
por quem m'ouvistes trobar;
e com quem se foy casar,
porquant'eu d'ela bem dixi,
quer-m'ora por en matar.
Fidor pera direito,
hi quix perante vós dar,
el ouve de mi despeyto
e mandou-me desafiar;
nom m'ouseu a lá morar,
venh'a vós que m'emparedes
cá nom ei quem m'emparar,
Senhor, por sancta Maria
mandad'ante vós chamar
ela e mi algum dia,
mandade-nos razoar;
se s'ela de mi queixar
de nulha rem que dissesse
em sa prison quer'entrar.
Se mi justiça nom vàl
ante rey tam justiceiro
hir-m'ey ao de Portugal.

554

Pelo souto de Crexente
hua pastor vi andar

muyt'alongada de gente
alçando a voz a cantar,
apertando-se na ssaya
quando saya la raia
do sol nas ribas do mar.
E as aves que voavam
quando saía l'alvor
todas d'amores cantavam
pelos ramos d'arredor,
mays nom sey tal qu' estevesse
que em al cuydar podesse
se nem todo em amor.
Aly estivi eu muy quedo,
quis falar e nom ousey,
eu pero dixi a gram medo:
—Mha senhor, falar-vos-ey
hũ pouco se m'ascuytardes
e ir-m'ey quando mandardes
mais aqui nom estarey.
«Senhor, por sancta Maria
nom estedes mais aqui,
mais ide-vos vossa via
faredes mesura ay;
ca os que aqui chegarem
poys que vos aqui acharem
bem diram que mays ouv'hy.

AFFONSO EANES DO COTOM

555

As mhas jornadas vedes quaes som,
meus amigos, meted'i femença
de Castr'a Burgos, e end'a Palença
e de Palença sayr-m'ha Carryon
e end'a Castro, e deus mi dê conselho,
ca vedes, pero vos ledo semelho,
muyt'anda triste o meu coraçom.
E a dona que m'assy faz andar
casad'é, ou vyov'ou solteyra
ou coneg'ou monja ou freyra,
e ar se guarde quem ss'ha por guardar;
cá mha fazenda vos digo eu sem falha
e rogades quem m'ajud'e mi valha,
e nunca valha quem mi mal buscar.
E nom vos ous'eu d'ela mays dizer....
....

PERO DA PONTE et AFFONSS'EANES, fezerom esta tenzom

556

Pero da Ponte, hum vosso cantar
que vos ogano fezestes d'amor,
foste-vos hy escudeyro chamar,
et dized'ora tant'ay trobador,
poys vos escudeyro chamastes hy
porque vos queixades ora de mi
por meus panos que vos nom quero dar?
Afons'eanes, se vos eu pesar
tornade-vos a vosso fiador
et de m'eu hy escudeyro chamar,
et porque nom pois escudeyro for
et se peç'algo, vedes quant'ha hy,
nom podemos todos guarir assy
como vós que guarides por lidar.
Pero da Ponte, quem a mi veher
d'esta razom ou d'outra cometer,
querrey-vo-lh'eu responder se souber
como trobador deve responder:
em nossa terra, se deus me perdon'
a todo o escudeyro que pede dom
as mais das gentes lhe chamam segler.
Afons'eanes, este é meu mester,
et per esto devo eu a guarecer
et per servir donas quanto poder;
mays huã rem vos quero dizer,
em pedir algo nom digu'eu de nom
a quem entendo que faço rraçom
e a lá lide quem lidar souber.
Pero da Ponte, se dês vos perdon'
nom faledes mays em armas, ca nom
nom está bem, esto sabe quem quer.
Afons'eanes, filharey eu dom
verdade vos ay cor de leom,
e faça poys cada quem seu mester.

557

A quantos sabem trobar,
quero eu que vejam o enfadamento,
dar trobas feitas, e por deus sento
quem cantou s'a nom pod'emprestar.

AYRAS ENGEYTADO

558

O gram dereyto laçerey
que nunca home vyu mayor
hu me de mha senhor quitey;
e que queria eu melhor
de seer seu vassalo e ela mha senhor?
E sempre per fol terrey
o que deseja bem mayor
d'aquele que eu recebey
a guisa fize de pastor;
e que queria eu melhor
de seer seu vassalo e ela mha senhor?
E quantas outras donas sey
a sa beldad'est'a mayor
d'aquela que desejar ey
nos dias que vyvo for;
e que queria eu melhor
de seer seu vassalo e ela mha senhor?

559

A rem que m'ha mi mays valer
devya contra mha senhor

e ss'a mi faz a mi peyor
serviç'é muy gram bem querer
e muy grand'omildade
nom me vos pod'al apoer
que seja com verdade
nem ar, e d'al despagada.
Nunca lh'outro pesar busquey
se nom que lhi quero gram bem,
e por esto em coita me tem
tal que conselho me nom sey;
se lh'eu mal merezesse
o que lhi nom merezerey
hu eu pouco valesse
nom mi daria nada.
Quando-m'agora rem nom dá
que lhi nom sey merezer mal
o meu serviç'e nom mi val
cuyd'eu, nunca mi bem fará;
mays diga a seu marido
que a nom guarde de mi já
ca será hi falido
se m'ha tever guardada.
Torto fará se m'ha guardar
ca nom vou eu hu ela é,
e juro-vos per bona fé
des que m'ela fez tornar,
nunca foy aquel dia
que a eu vysse, ca pesar
grande lh'y crezeria,
nem vi a ssa malada
Que com ela sol bem estar,
e meu mal lhi diria
cá esta é ssa privada
e sse me quisess'ajudar
el vyra bem faria,
de deus foss'ajudada.

560

Tam grave dia vos eu vi,
senhor, tam grave foy por mi
e por vós, que tam gram pesar
avedes de que vos am'eu
e poys a vós aqueste greu
vos seria meu cuydar
d'amardes mi muyto, senhor,
eu vos nom mays nunca assy
será já mentr'eu vivo for.
E nom foy home ateer-s'aqui,
cousa que eu bem entendi
que me quisessedes desamar,
nem voss'amor nunca foy meu,
e poil-o deus a mi nom deu,
nem vós, nom me pod'outrem dar
nem ouve nunca, senhor, bem
nem sey que rest'assy m'avem
mays sey que o desejey mal.
E pero meus dias assy
porque vos eu sempre servi
e servho muyt'e nom mi val,
mentr'eu poder servirey,
mays nunca vos rem pedirey.

561

Nunca tam gram coyta sofri
com'ora quando-me quytey
de mha senhor e m'espedi
d'ela, nunca led'ar andey
mays a tanto cohort'end'ey
sey bem ca lhi pesou de mi.
Quando m'eu vim e m'espedi
d'ela porque a lá nom fiquey
coita-m'ora por end'assy
que sol conselho nom me sey
se nom quanto vos eu direy,
morrer ou tornar hu a vi.
Bem parecer, que nunca assy
outra dona vi nem verey
nem cobrarey o que perdi,
se a nom vyr nom viverey,
mais agora eu me matey
porque d'u ela he sey.
Outra vez quando-me d'aqui
fui, e os seus olhos catei
sol nenhum mal nom me senti
e fui logo led'e cantey;
e se a vir logo guarrey,
ca já por aquesto guary.

RODRIGU'EANES D'ALVARES

562

Ay amiga, tenh'eu par de bom sen
tod'omem que sa senhor gram bem
quer, que lh'o nom entendem per nulha rem
senom a quem no el dizer quizer;
Rodrigu'Eanes d'Alvares e tal
quer-me milhor ca quis hom'a molher,
mays nom sabem se me quer bem se mal.
Maravilho-me como nom perdeu
o corpo per quantas terras andou,
por mim, ou como nom ensandeçeu
por qual vos digo que a mi chegou;
Rodrigu'Eanes d'Alvares e tal
des que me vyu nunca rem tant'amou,
mays nom sabem se me quer bem se mal
Nem vistes homem tam gram coit'av
com'el por mi ha, assy deus me perdon',
si em por senhor tam gram coyta sofrer
com'el sofre ha muy longa sazom;
Rodrigu'Eanes d'Alvares e tal
se nunca de mi parte o seu coraçom,
mais nom sabem se me quer bem se mal.

FERNAM PADROM

563

Se vos prouguess' amor, bem mi devya
cousimento contra vos a valer

que mig'avedes filhada perfia
tal que nom sey como possa vyver
sem vós, que me teedes em poder
e nom me leixades noyte nem dya.
Por esto faz mal sen quem s'en vós fia
com'eu, ond'ouvera a morrer
por voss'amor en que m'eu atrevia
muyt'e cuydava com vosco a veer
a que mi vós fezestes bem querer
e filhastes-m'u vos mester avya.
E por aquesto gram bem seria
se eu per vós podesse bem aver
da mha senhor ond'eu bem averia
sol que vos end'ouvessedes prazer;
mays, vós amor, nom queredes fazer
nulha rem de quant'eu por bem terria.
E de bom grado já m'en parteria
de voss'amor se ouvess'eu lezer,
mays acho-vos comigo toda vya
cada hu vou por me vos asconder;
e poys sem vós nom posso guarecer
se me matassedes já prazer via.

564

Nulh'ome nom pode saber
mha fazenda per nenhum sem
ca nom ous'eu per rem dizer
a quem m'em grave coyta tem;
e nom me sey conselho dar,
ca a mha coyta nom ha par
que mi faz seu amor sofrer.
Con tal senhor fuy eu prender
o que nom ouso dizer rem,
de quanto mal mi faz aver
que mi sempre por ela vem,
e mal, per foy de mi pensar
amor que me seu fez tornar
e por ela cuyd'a morrer.
E nunca meus olhos verã
com que folgue meu coraçom,
mentr'esteverem como estam
alongados d'ela, e nom
forem hu a vejam, bem sey
que nunca lhi rem mostrarey
que lhis poss'aprazer de pram.
E bem sey ca nom dormiram
mentr'assy for, m'é razom
nem eu nom perderey affam
mal peccado nulha sazom,
mays se eu nom morrer hirey
çed'u lh'y mha coita direy
e per ela me matarám.

565

Os meus olhos que mha senhor
forom veer a seu pesar,
mal per forom dessy pensar
que nom poderiam peor,
poys ora em logar estam
que a veer nom poderám.
Sey ca nom poderám dormir
que virom o bom semelhar
dos que os faz por ssy chorar
e avel-o an a sentir;
poys ora em logar estam
que a veer nom poderám.
Quanto prazer viron entom
semelha que foy por seu mal,
ca se lhis deus agora nom val
nom jaz hi se morte nom,
poys ora em logar estam
que a veer nom poderám.
Quando a virom gram prazer
ouv'end'o meu coraçom,
mays derey-vos huã rrazom:
nom lhe devya gradecer,
poys ora em logar estam
que a veer nom poderám.

PERO DA PONTE

566

Tam muyto vos am' eu, senhor,
que nunca tant'amou senhor
home que fosse nado;
pero des que fui nado
nom pud'aver de vós, senhor,
porque dissess' — ay mha senhor,
em bom pont'eu fui nado;
mays quem de vós fosse senhor
bom dia fora nado.
E o dia que vos vi,
senhor, em tal ora vos vi
que nunca dormi nada,
nem desejei al nada
senom vosso bem, poys vos vi
e diga-mi porque vos vi
pois que mi nom val nada;
mal dia nad'eu, que vos vi,
e vós bom dia nada.
Que se vos eu nom viss'entom
quando vos vi, podera entom
seer d'affam guardado,
mais al nunca foy guardado,
ca mui gram coyta des entom,
e atende-m'el entom
que aquel é guardado
que desguarda, que des entom
é tod'ome guardado.

567

Se eu podesse desamar
a quem me sempre desamou,
e podess'algum mal buscar
a quem mi sempre mal buscou,
assy me vingaria eu

se eu podesse coyta dar
a quem a mi sempre coyta deu.
Mays sol nom posso eu enganar
meu coraçom quem m'enganou
por quanto mi faz desejar
a quem me nunca desejou,
e por esto nem dorm'eu
porque nom poss'eu coita dar
a quem a mi sempre coyta deu.
Mays rog'a deus que desempar'
a quem m'assy desenparou,
ou que podess'eu estorvar
a quem me sempre destorvou,
e logo dormiria eu
se eu podesse coyta dar
á que a mi sempre coyta deu.
A el que ousass'eu preguntar
a quem me nunca perguntou
porque me fez em sy cuydar
poys ela nunca em mi cuydou,
e por esto lazero eu
porque nom poss'eu coyta dar
á que mi sempre coyta deu.

568

Agora me part'eu mui sem meu grado
de quanto bem oj'eu no mund'avya,
c'assy quer deus e mau meu pecado;
ay eu, de mays, se mi nom val sancta Maria,
d'aver coyta muyto tenh'eu guysado;
mays rog' a deus que mays d'oj'este dia
nom vyva eu se m'el nom dá conselho.
Nom vyva eu se m'el hi nom dá conselho
nem vyverey, nem é cousa guisada
ca poys nom vyr meu lume e meu espelho,
ay eu ja por mha vida nom daria nada;
mha senhor, e digo-vos em concelho
que ss'eu moir'assy d'esta vegada
que a vol-o demande meu linhage.
Que a vol-o demande meu linhage,
senhor fremosa, ca vós me matades
poys voss'amor em tal coita me trage
ay eu, e sol nom quer deus que mho vós creades;
e nom mi val hi preyto nem menage,
e hydes-vos e mim desemparades
desempare-vos deus a que o eu digo.
Desempare-vos deus a que o eu digo
ca mal per fic'oj eu desemparado,
de mays nom ei parente nem amigo;
ay eu que m'aconselh'e desaconselhado
fiqu'eu sem vós e nom ar fica migo,
senhor, senom gram coyta e cuydado
ay deus valed'a home que d'amor morre.

569

A mha senhor que eu mays d'outra rem
desejey sempr'e amey e servi
que nom soya dar nada por mi,
preyto me trage de mi fazer bem,
ca meu bem é d'eu por ela morrer
antes que sempr'em tal coyta vyver.
En qual coyta me seus desejos dam
toda sazom, mays des agora já
por quanto mal mi faz bem mi fará
ca morrerey e perderey affam,
ca meu bem é d'eu por ela morrer,
antes que sempr'em tal coyta viver.
Tal sazom foy que me teve em desdem
quando me mays forçava seu amor
e ora, mal que pes a mha senhor,
bem mi fará e mal grad'aja eu,
ca meu bem é d'eu por ela morrer
antes que sempr'em tal coyta viver.

570

Senhor do corpo delgado
en forte pont'eu fuy nado,
que nunca perdi coydado
nem afam des que vos vi;
em forte pont'eu fui nado
senhor, por vós e por mi.
Con est'affam tam longado
em forte pont'eu fuy nado,
que vos amo sem meu grado
e faç'a vós pesar hy;
em forte pont'eu fui nado,
senhor, por vós e por mi.
Ay eu, cativ'e coytado
em forte pont'eu fuy nado,
que servi sempr'endoado
ond'um bem nunca prendi;
em forte pont'eu fui nado,
senhor, por vós e por mi.

571

Poys de mha morte gram sabor avedes,
senhor fremosa, mays que d'outra rem
nunca vos deus mostr'o que vós queredes
poys vós queredes mha morte por en,
rogu'eu a deus que nunca vós vejades,
senhor fremosa, o que desejades.
Nom vos and'eu per outras galhardias
mays sempr'aquesto rogarey a deus
em tal que tolha el dos vossos dias
senhor fremosa e em nada nos meus,
rogu'eu a deus que nunca vos vejades,
senhor fremosa, o que desejades.
E deus sabe que vos am'eu muyto
e amarey em quant'eu vyvo for,
el me leix'ante por vós trazer luyto
ca vós por mi, por en mha senhor,
rogu'eu a deus, que nunca vós vejades,
senhor fremosa, o que desejades.

572

O muy bom rey que conquis a fronteyra
se acabou quanto quiz acabar,

e que se fez com razom verdadeira
todo o mundo temer e amar,
este bom rey de prez valente fis
rey dom Fernando, bom rey que conquis
terra de mouros bem de mar a mar.
A quem deus mostrou tam gram maravilha
que já no mundo sempr'am que dizer
de quam bem soube conquerer Sevilha
per prez, per esforç' e per vaier;
e da conquista mays vos contarey
nom foi no mund'emperador nem rey
que tal conquista podesse fazer.
Nom ssey oj'ome tam bem razoado
que podesse contar todo o bem
de Sevilha, e por end'a deus grado,
já o bom rey em seu podel-a tem;
e mays vos digu' en todas tres las leys
quantas conquistas forom d'outros reys
apos Sevilha todo nom foy rem.
Mayl-o bom rey que deus mantem e guya
e quer que sempre faça o melhor,
este conquis bem a Andaluzia
e nom catou hi custa nem pavor;
e dyrey-vos hu a per conquereu
hu Sevilha a Mafomede tolheu,
e erdou hi deus e sancta Maria.
E des aquel dia que deus naceu
nunca tam bel presente recebeu
como del recebeu aquel dia
de Sam Clement'em que se conquereu,
e em outro tal dia se perdeu
quatro centus e nov' annos avya.

573

Nostro senhor deus, que prol vos tem ora
por destroyrdes este mund'assy,
que a melhor dona que era hy
nem ouve nunca, vossa madre fóra,
levastes ende? pensastes mui mal
d'aqueste mundo fals'e desleal,
que quanto bem aqueste mundo avya
todo lh'o vos tolhestes en hun dia.
Que pouc'ome pôr em prazer devia
este mundo, poys vos bondad'y nom val
contra morrer, e poys el assy fal
seu prazer faz quem por tal mundo fia;
cá o dia que eu tal pesar vy
já per quant'eu d'este mund'entendi
per fol tenh'eu quem por tal mundo chora
e por mais fol quem mais em el mora.
Em forte ponto et em fort'ora
fez deus o mundo, poys nom leixou hy
nenhũ cõhort'e levou d'aqui
a boa Rainha que ende fora
dona Beatrix, direy-vos eu qual
nom fez deus outra melhor, nem tal,
nem de bondade par nom lh'acharia
home no mundo, par sancta Maria.

574

Que bem se soub'acompanhar
nostro senhor esta sazom
que filhou tam bom companhom
do qual vos eu quero contar,
rey dom Fernando tam de prez
que tanto bem no mundo fez
e que conquis de mar a mar.
Tal companhom foy deus filhar
no bom rey, a quem deus perdon',
que ja mais nom disse de nom
a nulh'ome per lh'algo dar,
e que sempre fez o melhor
por en x'o quis nostro senhor
poer comsigo par a par.
E quant'ome en el mays falar
tant'achará melhor razom
ca dos reys que forom nem som,
no mundo per bom prez guaanhar,
este rey foy o melhor rey
que soub'eyxalçar a nossa ley
e a dos mouros abaixar.
Mays hu deus per a si levar
quis o bom rey hi logu'entom
se nembrou de nós, poyl-o bom
rey dom Affonso nos foy dar
por senhor e bem vos cobrou,
ca se nos bom senhor levou
muy bom senhor nos foy leixar.
E dès bom senhor nos levou
mays poys vos tam bom rey leixou
nom nos devemos aqueixar.
Mays façamus tal oraçom
que deus que pres mort'e paixom
o mande muyto bem reynar
amen, alleluya.

575

Ora já nom poss'eu creer
que deus ao mundo mal nom quer
e querrá mentre lhi fezer
qual escarnho lhi sol fazer,
e qual escarnho lh'ora fez;
leixou-lh'i tant'ome sem prez
e foy-lh'y dom Lopo tolher.
E oy mays bem pode dizer
tod'ome que esto souber
que o mundo nom a mester,
poys que o quer deus confonder,
ca per deus mal o confondeu
quando lhi dom Lopo tolheu
que o soya manteer.
E oy mays que nom manterrá
por dar hi tanto rico dom
caval'e armas a baldon
onde foy mays que nom dará,
poys que dom Lopo Dias mort'é
o melhor dom Lopo, a la ffé
que foy nem ja mays nom será.

E pero poys assy é já
façamus a tal oraçom
que deus que pres mort'e paixom
o salve, que o em poder a;
e deus que o pode salvar
e se o leva a bom logar
pelo gram poder que end'a.
Amen, amen, aquest'amen
ja mais non ssi m'obridará.

576

Que mal s'este mundo guysou
de nulh'ome per el fiar,
nem deus nom no quys guysar
pero o fez e o firmou,
ante o que se destroyr
poys que dom Telo fez end'ir,
que sempre bem fez e cuydou.
Des quando nançeu e punhou
sempr'em bondade guaanhar
e em seu bom prez avançar
e nunca se d'al trabalhou,
e quem sas manhas bem cousir
pode jurar por nom mentir
que todalas deus acabou.
Mays a mim ja esto leixou
com que me posso conortar,
que ei gram sabor de contar
do bem que fez mentre durou;
e tod'ome que mi oyr
sempr'averá que deparar
em quanto bom prez d'el ficou.
E a dom Telo deus x'o amou
para si, e x'o quis levar,
e nom se quis de nós nembrar
que nos assy desemparou,
e maylo fez por se riir
d'este mal mund'e escarnyr
que sempre com aleyv'andou.
E quem na bem quiser oyr
que forte palavra d'oyr
dom Tel'Affons'ora finou.

577

Poys me tanto mal fazedes,
senhor, se mi nom valedes,
sey ca mha mort'oyredes
a muy pouca sazom,
senhor se me nom valedes,
nom mi valrra se deus nom.
Gram pecado per fazedes,
senhor, se mi nom valedes,
ca vós sodes e seredes
coita de meu coraçom,
senhor, se me nom valedes,
nom mi valrra se deus nom.
Poys m'en tal poder teedes,
senhor, se mi nom valedes,
prasmada vos en veredes
se moyro em vossa prijom,
senhor se mi nom valedes,
nom mi valrra se deus nom.

578

O que Valença conquereu
por sempre mays Valença aver,
Valença se quer manteer
e sempr'em Valença entendeu,
e de Valença é senhor
poys el mantem prez'el cor
e pres Valença por valer.
E por Valença sempre obrou
por aver Valença de pram,
e por Valença lhi diram
que bem Valença gaanhou;
e ō bom rey Valença tem,
que poys prez e valor mantem
rey de Valença lhi diram.
Cá deus lhi deu esforç'e ssen
por sobre Valença reinar,
e lhi fez Valença acabar
com quant'a Valença convem;
el-rey que Valença conquis
que de Valença em bem fiz,
e per Valença quer obrar.
Rey d'Aragom, rey de bom sen,
rey de prez, rey de todo bem
est o rey d'Aragom de pram.

VAASCO RODRIGUIZ DE CALVELO

579

Pouco vos nembra, mha senhor,
quant'afam eu por vós levey
e quanta coyta por vós ey,
e quanto mal mi faz amor
por vós, e nom mi creedes
mha coyta, nem mi valedes.
E senhor, já perdi o ssen,
cuydand'en vós, e dormir,
com gram coita de vos servir,
e outro mal muyto mi vem
por vós, e nom mi creedes
mha coita, nem mi valedes.
Por vós mi veo muyto mal
des aquel dia que vos vi,
e vos amei e vos servi
vyvend'en gram coyta mortal.
E desmesura fazedes
que vos de min nom doedes.

580

Nom perc'eu coyta do meu coraçom
cuydando sempr'em quanto mal mi vem
por molher a que quero gram bem,

e sey la esto, se deus mi perdon',
que nunca deus muy gram coyta quis dar
se nom a quem el fez molher amar,
Como a mim faz; que des quando naci
nunca vi home tal coita sofrer
com'eu sofro por molher bem querer;
e sey já esto que passa por mim,
que nunca deus gram coita quiso dar
se nom a quem el fez molher amar
Com'el faz a min, muy coitado d'amor,
e d'outras coitas muytas que eu ey,
e poys eu já todalas coytas sey
d'unha cousa soõ bem sabedor;
que nunca deus gram coita quiso dar
se nom a quem el fez molher amar.

581

Se eu ousass'a Mayor Gil dizer
como lh'eu quero bem des que a vi,
meu bem seria dizer-lh'o assy,
mays nom lh'o digo, cá nom ey poder
de lhi falar emquanto mal mi vem
e quanta coyta querendo-lhi bem.
E sse soubess'em qual coita d'amor
por ela vivo, e quanto afam eu ey
meu bem seeria, mays nom lh'o direy
per nulha guisa, pero m'ei sabor
de lhi falar emquanto mal mi vem
e quanta coyta querendo-lhi bem.
Como lhi eu quero bem de coraçom
se lh'o disser, meu bem seria já
mays porque sey que m'ho estranhará
sol nom lh'o digo, ca nom ey sazom
de lhi falar emquanto mal mi vem
e quanta coyta querendo-lhi bem.

582

Vivo coytado em tal coyta d'amor
que sol nom dormem estes olhos meus,
e rogo sempre por mha morte a deus;
mays hũa rem sey eu de mha senhor,
nom sab'o mal que m'ela faz aver
nem a gram coyt'em que me faz viver.
Vivo coytad'e sol nom dormo rem,
e cuido muyt'e choro com pesar.
porque me vejo mui coytad'andar,
mays mha senhor que sabe todo bem,
nom sab'o mal que m'ela faz aver
nem a gram coyt'em que me faz viver.
E meus amigos, mal dia naçi
com tanta coita que sempre levei
e porque mays no mundo viverey
poys mha senhor que eu por meu mal vi,
nom sab'o mal que m'ela faz aver
nem a gram coyt'em que me faz viver.

583

Des quand'eu a mha senhor entendi
que lhi pesava de lhi querer bem
ou de morar hu lhi dissesse rem,
veed'amigus, como m'em parti:
leixey-la terra por lhi nom fazer
pesar, e vivo hu nom posso viver,
Senom coytad'; e mays vos eu direy
per'omem viv'em gram coita d'amor,
de nom fazer pesar a mha senhor
veed'amigos, que bem m'en guardey,
leixei-la terra por lhi nom fazer
pesar, e vivo hu nom posso viver
Se nom coitado no meu coraçom;
ca me guardei de lhi fazer pesar
e, amigos, nom me soub'en guardar
por outra rem se por aquesta nom,
leixei-la terra por lhi nom fazer
pesar, e vivo hu nom posso viver.

584

Por vos veer, vim eu, senhor
e lume d'estes olhos meus,
e valha-mi contra vós deus
cá o fiz com coyta d'amor
ca, senhor, nom ey em poder
de viver mays sen vos veer.
Aventurey-m'e vim aqui
por vos veer e vos falar
e, mha senhor, se vos pesar
fazed'o que quizerdes hi,
ca, senhor, nom ey em poder
de viver mays se vos veer.

585

Meus amigus, pese-vos de meu mal
e da gram coyta que mi faz aver
hunha dona que me tem em poder
e porque moir'; e poys m'ela nom val
morrerey eu, amigus, por en
ca já perdi o dormir e o sen
Polo seu bem; e deus nom m'ho quer dar
senom gram coita que sempre vivi
des que vi ela que por meu mal vi;
e poys eu tanto vyv'a meu pesar
morrerey eu, amigos, por en,
ca já perdi o dormir e o sen
Polo seu bem que desej'e nom sey
senom gram coita que m'ela deu já;
e sse mays vyvo mays mal mi fará,
e poys eu tanto mha fazenda sey
morrerey eu, amigos, por en,
ca já perdi o dormir e o sen.
E, cuyd'eu, muyto mal mi vem
porque quer'a mui boa senhor bem.

586

Porque nom ous'a mha senhor dizer
a mui gram coyta do meu coraçom
que ei por ela, se deus mi perdon'
ved'a coyt'em que ey a viver:

ond'eu atendo bem mi vem gram mal,
e quem me dev'a valer nom mi val.
Nom mi val ela que eu sempre amey
nem seu amor que m'em forçado tem,
que mi tolheu o dormir e o sen;
ora veed'a coyta que eu ey,
ond'eu atendo bem mi vem gram mal,
e quem me dev'a valer nom mi val.
Nom mi val deus nem mi val mha senhor,
nem qual bem lh'eu quero des que a vi,
nem meus amigos nom mi valem hi,
ay eu cativo em coita d'amor,
ond'eu atendo bem mi vem gram mal,
e quem me dev'a valer nom mi val.

587

Coytado vyvo d'amor
e da mort'ey gram pavor,
desejando mha senhor
a que eu muyto servi,
a mha senhor que eu vi
mui mui fremosa em sy.
Amor me tem em poder,
e pavor ey de morrer,
porque nom posso veer
a que eu muyto servi,
a mha senhor que eu vi
mui mui fremosa em sy.
Amor em poder me tem
e faz-mi perder o sen,
porque nom poss'aver bem
da que eu muyto servi,
a mha senhor que eu vi
mui mui fremosa em sy.

RUY MARTINS

588

Disserom-vos, fremosa mha senhor,
que me nom mata mi o voss'amor,
e nom o negu'eu, poys eu sabedor
faço quem quer que o queyra saber,
cá me nom mata min o voss'amor
mays mata-me que o nom poss'aver.
Ca bem sey que vos disserom por mi
que me nom mata voss'amor assy
com'alguem cuyda, e digu'eu tant'i
a vós que o nom posso mays, mays negar,
ca me nom mata voss'amor assy,
mays mata-me que mho nom quer deus dar.
E os que cuidam que mi buscarám
por i mal vosqu'e dizen-o de pram
e nom mho negu'eu, poilo saber am,
desi entendo que nom poderey
que me nom mata voss'amor de pram
mays mata me, senhor, que o nom ey.

589

Oy mays, amiga, quer'eu já falar
com meu amigo quanto x'el quiser,
vedes porque, ca tam gram bem mi quer
que bem vos digu'eu quant'é semelhar,
quant'eu sey que nom ey de cuydar:
nom querria meu dano por saber
que podia per hi meu bem aver.
Falarey com el que nom m'estará
mal nulha rem, e mesura farey
de lhi falar por quant'eu d'el sey,
que mi quer bem e ssempre mh'o querrá,
que vejades o grand'amor que mh'a:
nom querria meu dano por saber
que podia per hi meu bem aver.
Falarey com el poys est assy
par deus, amiga, ca sempre punhou
de me servir, desi nunca m'osmou
des que m'eu fui, por quant'eu aprendi
e mays vos direi que d'el entendi:
nom querria meu dano por saber
que podia per hi meu bem aver.
E poys m'el quer como oydes dizer
d'essa fala nom ey rem que temer.

590

D'unha que diz que morrerá d'amor
o voss'amigo se vol-o veer
nom faço, filha, mays quer'eu saber
que perc'eu hi se por vós morto for?
Dir'y-vos, madr', as perdas que ha hi,
perder-ss'a el e poss'eu perder
o corp', e vós madre, o vosso por mi.
Ay, mha filha, entenderá quem quer
que vós teedes por el ssa razom,
mays dized'ora se deus vos perdon';
que perc'eu hi se x'el morrer quiser.
Direy-vos, madre, quant'eu entendi,
perder-ss'a el e perderey entom
o corp', e vós madre o vosso por mi.

591

Ay, madr', o meu amigo morr'assy
com'é quem morre de coytas que ha
grandes d'amor, e nom queredes já
que vos veja e el morre e sey
por mi d'amor, mais eu morta serey,
pois el morrer por mi, por el logo hy.
E amores tantas coitas lhi dam
por mi, madre, que nom pode guarir,
pero sey eu que guarrá se me vir,
e jaz morrend'assy por mi d'amor;
mays eu morrerey, madre, mha senhor
pois el morrer por mi, por el de pram.

592 E 593

Esta cobra, a prestumeyra d'esta cantiga de D. Pero Gomes, que diz:

«Do que sabia nulha rem nom sey.»

DOM PERO GOMES BARROSO

Do que sabia nulha rem nom sey
polo mundo que vej'assy andar,
et quand'y cuydo, ey log'a cuydar
per boa fé o que nunca cuydey,
ca vej'agora o que nunca vi
et ouço cousas que nunca oy.
Aqueste mundo par deus nom he tal
qual eu vy outro non ha gram sazom,
et por aquesto no meu coraçom
aquel desej'e este quero mal;
ca vejo agora o que nunca vi
et ouço cousas que nunca oy.
E nom recêo mha morte poren
et deus lo sab'e queria morrer
ca nom vejo que aja prazer
nem sey, amigo, de que diga bem,
ca vejo agora o que nunca vi,
et ouço cousas que nunca oy.
E se me a mi deus quizesse atender,
per boa fé hũa pouca razom,
eu post'avya no meu coraçom
de nunca jamais nenhum bem fazer
ca vejo agora o que nunca vy,
et ouço cousas que nunca oy.
E nom daria rem per vyver hy
em este mundo mays do que vyvy.

JOHAM AYRAS, burguez de Santiago

594

Dizen, amigo, que outra senhor
queredes vós sem meu grado filhar
por mi fazerdes com ela pesar,
mays a la fé nom ey end'eu pavor,
ca já todas sabem que sodes meu
e nenhuma nom vos querrá por seu.
E fariades-mi vós de coraçom
este pesar, mays nom sey oj'eu quem
me vos filhasse, e já vos nom val rem,
ay meu amigo, vedes porque nom,
ca já todas sabem que sodes meu
e nenhuma nom vos querrá por seu.
E quem vos a vós esto conselhou
mui bem sey, ca vos conselhou mal,
e com tod'esso já vos rem nom val
ay, meu amigo, tard'i vos nembrou,
ca já todas sabem que sodes meu
e nenhuma nom vos querrá por seu.
Confonda deus a que filhar o meu
amigu'e mim se eu filhar o seu.

595

O que soya, mha filha, morrer
por vós, dizem que já nom morr'assy,
e moyr'eu, filha, porque o oy;
mays se o queredes veer morrer
dizede que morre por vós alguem
e veredes home morrer por en.
O que morria, mha filha, por vós
como nunca vi morrer por molher
home no mundo, já morrer nom quer;
mays se queredes que moyra por vós,
dizede que morre por vós alguem
e veredes home morrer por en.
O que morria, mha filha, d'amor
por vós, nom morre, nem quer hi cuydar,
e moyr'end'eu, mha filha, com pesar;
mays se queredes que moyra d'amor
dizede que morre por vós alguem
e veredes home morrer por en.
Ca se souber que por vós morr'alguem,
morrerá, filha, querendo-vos bem.

596

Par deus, mha madr'o que mi gram bẽ quer
diz que deseja comig'a falar
mays d'outra rem que homem pod'osmar
e hunha vez se a vós aprouguer,
fale migo, poys end'a tal prazer,
e saberemol-o que quer dizer.
De falar migo nom perc'eu bom prez,
ca d'essa prol hi rem nom falarey
e el dirá, e eu ascuytarey
e ante que moyra já hũa vez
fale migo, poys end'a tal prazer,
e saberemol-o que quer dizer.
Se vos prouguer venha falar aqui
comig', ay madre, poys en sabor a,
e direy-vos poys quanto m'el dirá;
e hũa vez, ante que moyr'assy,
fale migo, poys end'a tal prazer,
e saberemol-o que quer dizer.
Quiçá quer-m'ora tal cousa dizer
que lh'a poss'eu sem meu dano fazer.

597

O meu amigo novas sabe já
d'aquestas côrtes que s'ora faram,
ricas e nobres dizem que seram;
e meu amigo bem sey que fará
hum cantar em que dirá de mi bem
ou fará, ou já o feyto tem.
Loar-m'ha muyto e chamar-m'ha senhor
ca muyt'a gram sabor de me loar,
a muytas donas fará gram pesar,
mays el fará com'é muy trobador
hum cantar em que dirá de mi bem
ou fará, ou já o feyto tem.
En aquestas côrtes que faz el-rey
loará mi e meu parecer,
e dirá quanto bem podér dizer
de mim, amigas, e fará, bem sey

hum cantar em que dirá de mi bem
ou fará, ou já o feyto tem.
Cá o virom cuydar, e sey eu bem
que nom cuydava já em outra rem.

598

Amigo, quando me levou
mha madr'a meu pesar d'aqui
nom soubestes novas de mi,
e por maravilha tenho
por nom saberdes quando vou
nem saberdes quando venho.
Pero quem vós amades, meu
amigo, nom soubestes rem
quando me levarom d'áquêm,
e maravilho-me ende
por nom saberdes quando m'eu
venho, ou quando vou d'aquêmde.
Catey por vós quand'a partir
m'ouve d'aquy e pero nom
vos vi, nem veestes entom,
e mui queixosa vos ando
por nom saberdes quando-m'ir
quer'ou se verrey já quando.
E por amigo nom tenho
o que nom sabe quando vou
nem sabe quando me venho.

599

Ay, mha filha, por deus, guysade-vós
que vos veja, se fustam trager
voss'amig'e tod'a vosso poder
veja vos bem con el estar em cós;
cá se vos vir sey eu cá morrerá
por vós, filha, ca mui bem vos está.
Se vol-o fustam estevesse mal
nom vos mandaria hir ant'os seus
olhos, mays guisade cedo por deus
que vos veja, nom façades end'al
cá se vos vir sey cá morrerá
por vós, filha, ca mui bem vos está.
E como quer que vos el seja
sanhudo, poys que vol-o fustam vir
averá gram sabor de vos cousir,
e guisade vós como vos veja.

600

O meu amigo nom pod'aver bem
de mi, amigas, vedes porque nom;
el nom m'ho diz, assy deus mi perdon',
nem lh'o digu'eu, e assy nos avem,
el com pavor non mh'o ous'a mentar,
eu, amiga, nom o posso roguar.
E gram sazom a já, per boa fé,
que el meu bem podéra aver,
e já mays nunca m'ho ousou dizer
e o preyto direy-vos eu com'é;
el com pavor nom mh'o ous'a mentar,
eu, amiga, nom o posso roguar.
E gram temp'a que lh'eu entendi,
que mh'o disserom, mays ouv'i pavor
de mi pesar, e par nostro senhor
prouguera-m'en d'est'amor assy;
el com pavor nom mh'o ous'a mentar,
eu, amiga, nom o posso roguar.
E o preyto guisad'en sse chegar
ora mays nom o quero começar.

601

Os que dizem que vêem bem e mal
nas aves e d'agoirar preit'am,
quer en corvo seestro quando vam
alhur entrar, e digo-lhis eu al,
que jhesu christo nom me perdon',
se ant'eu nom queria hũ capom
que hũ gram corvo carnhaçal.
E o que diz que he muy sabedor
d'agoyr'e d'aves quand'alhur quer hir,
quer corvo seestro sempr'ao partir
e por en digu'eu a nostro senhor,
que el me dê cada hu chegar
capom cevado para meu jantar,
e dê o corvo ao agoirador.
Ca eu bem sei as aves conhocer,
e com patela gorda mais me praz
que com bulhafre contr'e nem viaraz
que me nom pode bem, nem mal fazer;
e o agoirador torpe que diz
que mais val o corvo que a perdiz
nunca o deus leixe melhor escolher.

602

Meu amigo, vós morredes
porque vos nom leixam migo
falar, e moyr'eu amigo
por vós e fé que devedes;
algum conselh'y ajamos
ante que assy moyramos.
Ambus morreremos sem falha
por quanto nós nom podemos
falar, e poys que morreremos,
amigo, se deus vos valha,
algum conselh'y ajamos
ante que assy moyramos.
De mha madr'ei gram queixume
porque nos anda guardando,
e morreremos hi cuydando;
ay meu amigu'e meu lume,
algum conselh'y ajamos
ante que assy moyramos.
E porque o nom guysamos,
poys nós tanto desejamos?

603

Entend'eu amiga, per boa fé,
que avedes queixum'hu al nom a

de voss'amigo que aqui está,
e d'el e de vós nom sey porque é;
mays quero-vos ora bem conselhar,
fazed'i ambos o que eu mandar.
E, amiga, de pram hu nom jaz al
este preito deve-se de fazer,
ca vos vejo d'el gram queixum'aver
e el de vós, e tenho que é mal;
mays quero-vos ora bem conselhar,
fazed'i ambos o que eu mandar.
Sanha d'amigos, e nom será bem
e ssey que faredes ende melhor,
pero vejo-vos aver desamor
d'el, amiga, e esto vos convem;
mays quero-vos ora bem conselhar,
fazed'i ambos o que eu mandar.
E mal lh'en venha a quem nom outorgar
ante vós ambos o que eu mandar.

604

O meu amigo, que x'i m'assanhou
e que nom queria comigo falar,
se cuydou el que o foss'eu rogar
se lh'eu souber que o assy cuydou,
farey que em tal coyta o tenha
por mi amor, que rogar me venha.
E poys que o meu amigo souber
que lh'esto farey, nom atenderá
que o rogue, mays logo verrá
el rogar a mi, e ss'end'al fezer,
farey que em tal coyta o tenha
por mi amor, que rogar me venha.
Nem averá meu amigo poder
de nulha sanha filhar contra mi,
mais que eu nom quiser que seja assy;
cá se d'outra guisa quiser fazer,
farey que em tal coyta o tenha
por mi amor, que rogar me venha.

605

O voss'amig'a de vós gram pavor,
ca sab'el que vos fazem entender
que foy, amiga, de vós mal dizer;
mays voss'amigo dizend'o melhor
que de quanto disse de vós e diz,
vól-o julgad'assy com'é senhor,
ca diz que nom quer y outro juiz.
Queixades-vos d'el, mays se deus quiser
saberedes, e pouc'a de sazom,
que nunca disse de vós se bem nom
nem dirá mays, diz quant'i a mester;
que de quanto disse de vós e diz
vól-o julgade como vos prouguer,
ca diz que nom quer hi outro juiz.
Rogou-m'el muyto que vos jurass'eu,
que nunca disse de vós se nom bem,
non o dirá e ar diz outra rem
e nom a mays que diga; cuydo-m'eu
que de quanto disse de vós e diz
vós julgad'o voss'e o seu,
ca diz que nom quer hi outro juiz.
Filhad'o seu preyto como diz
sobre vós, e conselho-vol-o-eu,
e nom ponhades hi outro juiz.

606

«Meu amigo, quero-vos preguntar.
— Preguntade, senhor, e a meu bem.
«Nom vos a mester de mi rem negar.
— Nunca vos eu, senhor, negarey rem.
«Tantos cantares porque fazedes?
— Senhor, ca nunca mi escaecedes.
«Preguntar-vos quero, per boa fé.
— Preguntade, cá ei em gram sabor.
«Nom mi neguedes rem, poys assy é.
— Nunca nos rem negarey, mha senhor.
«Tantos cantares porque fazedes?
— Senhor, ca nunca mi escaecedes.
«Non vos pez de qual pregunta fezer.
— Nom, senhor, ante vol-o graçirey.
«Nom m'ar neguedes o que vos disser.
— Nunca vos eu, senhor, rem negarei.
«Tantos cantares porque fazedes?
— Senhor, ca nunca mi escaecedes.
«Este bem por mi o fazedes?
— Por vós, mha senhor, que o valedes.

607

Par deus, amigo, nom sey eu que é,
mays muyt'a já que vos vejo partir
de trobar por mi e de me servir,
mays hũa d'estas é per boa fé:
ou é per mi que vos nom faço bem,
ou é sinal de morte que vos vem.
Mui gram temp'a, e tenho que é mal,
que vos nom oy já cantar fazer,
nem loar-mi, nem meu bom parecer,
mays hũa d'estas ou nom já al
ou é per mi que vos nom faço bem,
ou é sinal de morte que vos vem.
Já m'eu do tempo acordar nom sey
que vos oysse fazer um cantar
como soiades por me loar,
mays hũa d'estas he que vos direy:
ou é per mi que vos nom faço bem,
ou é sinal de morte que vos vem.
Se é per mi que vos nom faço bem
dizede-m'o, e já, que farey en.

608

Par deus, mha madr'ouvestes grã prazer
quando se foy meu amigo d'aqui;
e ora vem e praz em muit'a mi,
mays hunhas novas vos quero dizer:

se vos pesar, sofrede-o mui bem
c'assy fig'eu quando se foy d'áquem.
Cá fostes vós mui leda do meu mal
quando ss'el foy, e querrey-vos eu já
mal por end', e dizem-mi que verrá
mui ced'e quero-vos eu dizer al:
se vos pesar, sofrede-o mui bem
c'assy fig'eu quando se foy d'áquem.

609

Que mui leda que eu mha madre vi
quando sse foy meu amigo d'aqui,
e eu nunca fui leda nem dormi,
amiga, depoys que s'el foy d'áquem;
e ora já dizem-mi d'el que vem
e mal grad'aja mha madre por en.
Ela foy leda poilo vyu hir
e eu mui triste poilo vi partir
de mi, ca nunca mais pudi dormir,
amiga, depoys que s'el foy d'áquem;
e ora já dizem-mi d'el que vem
e mal grad'aja mha madre por en.
De quando s'el foy d'aqui a el-rey
foy mha madre mui led'e o sey,
eu fuy triste sempre e chorey,
amiga, depoys que s'el foy d'áquem;
e ora já dizem-mi d'el que vem
e mal grad'aja mha madre por en.

610

Vay-ss'amiga, meu amigo d'aqui
triste, ca diz que nunca lhi fiz bem;
mays se o virdes ou ante vós vem,
dizede-lhe, ca lhi digu'eu assi:
que se venha mui cedo, e se veer
cedo, que será como deus quizer.
Per boa fé nom lhi poss'eu fazer
bem, e vay triste no seu coraçom;
mays se o virdes, se deus vos perdon'
dizede-lhe que lhi mand'eu dizer:
que se venha mui cedo, e se veer
cedo, que será como deus quizer.
Queixa-s'el e diz que sempre foy meu,
e diz que é gram dereyto per boa fé,
e nom lhi fiz bem e tem que mal é;
mays dizede-lhi vós, que lhi digu'eu:
que se venha cedo, e se veer
cedo, que será como deus quizer.
E nom sse queixe, ca nom lh'a mester
e filhe o bem quando-lh'o deus der.

611

Queixos'andades, amigo, d'amor
e de mi que vos nom posso fazer
bem, ca nom ey sem meu dan'en poder;
e porem, guyse-m'ho nostro senhor
que vos faça eu bem em guysa tal
que seja vosso bem e nom meu mal.
Queixades-vos que sempre fostes meu
amigu'e vos leixo per mi morrer,
mays dizede-mi como vos valer
possa sem meu dan'e guysal-o eu
que vos faça eu bem em guisa tal
que seja vosso bem e nom meu mal.
Soõ guardada como outra molher
nom foy, amigo, nem ade seer,
ca vos nom ous'a falar e veer
e por em guyse-m'ho deus se quizer,
que vos faça eu bem em guysa tal
que seja vosso bem e nom meu mal.

612

A meu amigo mandad'envyey
a Toled', amiga, per boa fé
e muy bem creo que já com el é;
preguntad'e gradcer-vol-ey,
em quantos dias poderá chegar
aqui de Toledo quem bem andar?
Ca do mandadeyro sei eu mui bem
que depois que lh'o mandado disser
que se verrá mays cedo que poder;
e, amiga, sabede vós d'alguem
em quantos dias poderá chegar
aqui de Toledo quem bem andar?
E sempre catam estes olhos meus
per hu eu cuydo que ade viir,
o mandadeiro, e moyro per oyr
novas d'el; e perguntade por deus
em quantos dias poderá chegar
aqui de Toledo quem bem andar?

613

Queredes hir, meu amigo, eu o sey
buscar outro conselho'e nom o méu,
porque sabedes que vos desej'eu,
queredes-vos hir morar com el-rey;
mays hid'ora quanto quiserdes hir
ca pois a mi avedes a viir.
Hides-vos vós, o fic'or'eu aqui
que vos ey sempre muyt'a desejar,
e vós queredes com el rey morar
porque cuydades mays valer per hi;
mays hid'ora quanto quiserdes hir
ca pois a mi avedes a viir.
Sabor avedes, ao vosso dizer,
de me servir e, amigo, pero nom
leixades d'ir al rey por tal razom,
nom podedes el rey e mim aver;
mays hid'ora quanto quiserdes hir
ca pois a mi avedes a viir.
E, amigo, querede-lo oyr,
nom podedes dous senhores servir
que ambos ajam rem que vos gracir.

614

Diz meu amigo tanto bem de mi
quant'el mays pode de meu parecer,
e os que sabem que o diz assy
teem que ey eu que lhi gradecer;
em quant'el diz nom lhi gradesc'eu rem
ca mi sey eu que mi paresco bem.
Diz-mi fremosa, e diz-mi senhor,
e fremosa mi dirá quem me vyr,
e tem que mi faz muy grand'amor
e que ey muyto que lhi gracir;
em quant'el diz nom lhi gradesc'eu rem
ca mi sey eu que mi paresco bem.
Diz muito bem de mim em seu trobar
com gram direyt'e al vos eu direy,
teem bem quantos me lh'oyem loar
que ei muito que gradecerey;
em quant'el diz nom lhi gradesc'eu rem
ca mi sey eu que mi paresco bem.
Ca se eu nom parecesse muy bem
de quant'el diz nom diria rem.

615

Ay, mha filha, de vós saber quer'eu
porque fizestes quanto vos mandou
voss'amigo que vos non ar falou?
Par deus, mha madre, direy-vol-o eu:
cuyd'en melhór aver per hy
e semelha-mi que nom est assy.
Porque o fezestes, se deus vos dê bem,
filha, quanto vos el veom rogar,
ca des entom nom vos ar quis falar?
Direy-vol-eu se deus mi dê bem:
cuyd'en melhor aver per hi
e semelha-mi que nom est assy.
Porque o fizestes, se deus vos perdon',
filha, quanto vos el veo dizer,
ca des entom nom vos ar quis veer?
Direy-vol-o eu, se deus mi perdon'
cuyd'en melhor aver per hi
'e semelha-mi que nom est assy.
Bom dia naçeu, com'eu oy,
quem se d'outro castiga e nom de sy.

616

Quand'eu fui hum dia vosco falar,
meu amigo, figi-o eu por bem
e enfengeste-vos de mi por en,
mays se vos eu outra vez ar falar
logo vós dizede ca fezestes
comigo quanto fazer quysestes.
Ca, meu amigo, falei eu huã vez
com vosco por vos de morte guarir,
e foste-vos vós de mim enfingir,
mays se vos eu falar outra vez
logo vós dizede ca fezestes
comigo quanto fazer quysestes.
Ca mui bem sei eu que nom fezestes
o meyo de quanto vós dissestes.

617

Amigo, vehestes-me um dia aqui
rogar d'um preyt'e nom vos fig'eu rem
porque cuydava que nom era bem;
mays poys vos já tant'aficades hi
fazel-o quer'e nom farey end'al
mays vós guardade-mi e vós de mal.
Vós dizedes que o que meu mal for
nom queredes, e bem pode seer,
pero nom quix vosso rogo fazer
mays poys end'avedes tam gram sabor,
fazel-o quer'e nom farey end'al
mays vós guardade-mi e vós de mal.
Bem sabedes como falamos nós
e me vós rogastes o que m'eu sei
e nom o fiz; mays com pavor que ey
de perder eu amigo como vós
fazel-o quer'e nom farey end'al
mays vós guardade-mi e vós de mal.
E se vós fordes amigo leal
guardaredes vossa senhor de mal.

618

Nom vos sabedes amigo guardar
de vos saberem por vosso mal sen
como me vós sabedes muyt'amar,
nem a gram coyta que vos por mi vem;
e quero-vos end'eu desenganar,
se souberem que mi queredes bem
quyte sodes de nunca mi falar.
Per nulha rem nom me posso quitar
de falar vosqu'e sempre mi temi
de m'ho saberem, cá m'and'alongar
de vós, se o'souberem des aly;
e quero-vos end'eu desenganar,
se souberem que mi queredes bem
quyte sodes de nunca mi falar.
Do que me guarda, tal é seu cuydar
que amades, amig',outra senhor,
ca se a verdade poder osmar
nunca veredes ja mays hu eu for;
e quero-vos end'eu desenganar,
se souberem que mi queredes bem
quyte sodes de nunca mi falar.
E se avedes gram coyta d'amor
avel-a edes por min mayor,
ca de longi mi vos faram catar.

619

Nom ey eu poder do meu amigo
partir, amigas, de mi querer bem;
e pero m'eu queixo prol nom mi tem,
e quando lh'eu rogo muyt'e digo

que se parta de mi tal bem querer,
tanto mi val como nom lh'o dizer.
Se mi quer falar, digo-lh'eu logo
que mi nom fale, ca mi vem gram mal
de sa fala; mays muy pouco mi val,
e quando lh'eu digo muyt'e rogo
que se parta de min tal bem querer,
tanto mi val como nom lh'o dizer.
Sempre mi pesa com sa apanha
porque ei medo de mi crecer prez
com el, com'outra vegada ja fez,
e pero lhi digu'em mui gram sanha:
que se parta de min tal bem querer,
tanto mi val como nom lh'o dizer.

620

Mha madre, poys tal é vosso sen
que eu quera mal a quem mi quer bem,
e me vos roguedes muyto por en,
dized'ora, por deus que pod'e val:
poys eu mal quiser
a quem mi quer bem,
se querrey bem a quem mi quiser mal?
Dizedes-mi, que se eu mal quiser
a meu amigo, que mi gram bem quer,
que faredes sempre quant'eu quiser;
mays venh'ora que mi digades al:
poys ey de querer mal
a quem mi bem quer,
se querrey bem a quem mi quer mal?
Muyto mi será grave de sofrer
d'aver a quem mi quer bem mal a querer,
mays faço-vos huã pregunta a tal:
poys quem mi quer bem
ei mal a fazer
se querrey bem a quem mi quer mal?
Se assy for, por mi podem dizer
que eu fuy a que semeou o sal.

621

Finge meu amigo que hu nom jaz al
morre, ca nom pod'aver bem de mi,
e queixa-se-me muyto e diz assy:
que o mat'eu, e que faço muy mal;
mays onde tem el que o mato eu,
se el morre por lh'eu nom dar o meu.
Tem guisad'em muytas vezes morrer
se el morrer cada que lh'eu nom der
do meu rem, senom quando m'eu quiser;
e diz que o mato a mal fazer,
mays onde tem el que o mato eu,
se el morre por lh'eu nom dar o meu.
Diz que tam muyto é coitado d'amor
que rem de morte nom o tornará
porque nom ouve bem de mi, nem a;
e diz-m'el: matades-me senhor;
mays onde tem el que o mato eu
se el morre por lh'eu nom dar o meu.

E assanha-xi-m'el, mays bem sey eu
que a sanha todo é sobre lo meu.

622

Voss'amigo quer-vos sas donas dar,
amiga, e quero-vos dizer al:
dizem-mi que lh'as queredes filhar;
e dized'ora, por deus, hunha rem:
se lhi filhardes sas doas ou al
que diredes por lhi nom fazer bem?
Vós nom seredes tam sem conhocer
se lhi filhardes nulha rem do seu
que lhi nom ajades bem a fazer;
e venh'ora preguntar-vos por em:
se lhi filhardes nulha rem do seu
que diredes por lhi nom fazer bem?
El punhará muyt'e fará razom
de lh'as filhardes quando vol-as der,
e vós-lh'as filharedes ou nom;
e dized'ora qual é vosso sen:
se lhi filhardes quanto vos el der
que diredes por lhi nom fazer bem?
Ou bem filhade quanto vos el der,
e fazede bem quanto x'el quiser,
ou nom lhi façades nunca nenhum bem.

623

O meu amigo forçado d'amor,
poys agora comigo quer viver
hunha sazom se o poder fazer,
nom dorma já mentre comigo for,
ca d'aquel tempo que migo guarir
a tanto perderá quanto dormir.
E quem bem quer seu tempo passar
hu é com sa senhor, nom dorme rem,
e meu amigo poys para mi vem
nom dorma já mentre migo morar,
ca d'aquel tempo que migo guarir
a tanto perderá quanto dormir.
E se lh'aprouguer de dormir a lá
hu el é, prazer-m'ha per boa fé,
pero dormir tempo perdud'é
mays per meu grad'a que nom dormirá;
ca d'aquel tempo que migo guarir
a tanto perderá quanto dormir.
E depoys que s'el de mim partir,
tanto dorma quanto quiser dormir.

624

Quer meu amigo de mi hũ preyto
que el ja muytas vezes quizera,
que lhi faça bem, e já temp'era;
mas como quer que seja meu feyto
farey-lh'eu bem par sancta Maria,
mays nom tam cedo com'el querria.
E digam-lhi por mi, que nom tenha
que lh'o eu vou por mal demorando,

ca el anda-se de mi queixando,
mais como quer que depoys venha
farey-lh'eu bem por sancta Maria,
mays nom tam cedo com'el queria.
El é por mi a tam namorado
e meu amor o trag'assy louco,
que se nom pod'atender hũ pouco,
mays tanto que eu aja guisado,
farey-lh'eu bem par sancta Maria
mays nom tam cedo com'el querria.
E como quer que fosse, el querria
aver já bem de min todavya.
E bem sei d'el que nom cataria
o que m'end'a mim depoys verria.

625

Diz, amiga, o que mi gram bem quer,
que nunca mays mi rem demandará
sol que l'ouça quanto dizer quiser,
e mentre viver que me servirá;
e vedes ora com'é sabedor
que poys que lh'eu tod'este bem fezer
logu'el querrá que lhi faça melhor.
Muy bem cuyd'eu que com mentira vem,
pero jura que mi nom quer mentir,
mays diz que fale comigu'e por en
mentre viver nom mi quer al pedir;
e vedes ora como é sabedor
que poys que lh'eu tod'este bem fezer
logu'el querrá que lhi faça melhor.
Gram pavor ey nom me queira enganar,
pero diz el que nom quer al de mi
senom falar migu'e mays demandar
mentre viver nom quer des aly;
e vedes ora com'é sabedor,
que poys que lh'eu tod'este bem fezer
logu'el querrá que lhi faça melhor.
E esto será mentr'o mundo for,
quant'ome mais ouver ou acabar
tanto d'aver mays averá sabor.
Mays hid'amiga vós, por meu amor,
comig'aly hu m'el quiser falar,
ca mal mi venha se lh'eu soa for.

626

Que mui de grad'eu faria
prazer ao meu amigo,
amiga, bem vol-o digo,
mais logu'en aquel dia
nom leixará el, amiga,
nulh'ome a quem o nom diga.
Faria-lh'o mui de grado
porque sei que me deseja,
mays se guysar hu me veja
e lhi fezer seu mandado,
nom leixará el, amiga,
nulh'ome a quem o nom diga.
Tam coytado por mi anda
que nom há par nem mesura,
pero se eu per ventura
fezer todo quant'el manda,
nom leixará el, amiga,
nulh'ome a quem o nom diga.
Dized'ora e d'enemiga
e dira-o log'amiga.

627

Vedes, amigo, ond'ey gram pesar:
sey muytas donas que sabem amar
seus amigos e soem-lhis falar,
e nom lh'o sabem, assi lhis avem;
e nós, sol que o queyremus provar
logu'é sabud'e nom sey eu per quem.
Tal dona sey eu quando quer veer
seu amigo, a quem sabe bem querer,
que lh'o nom pode per rem entender
o que cuyda que a guarda mui bem;
e nós sol que o queyramus fazer
logu'é sabud'e nom sey eu per quem.
Com'eu querria nom se guys'assi
falar vosco que morredes per mi,
com'outras donas falam e desy
nunca lhis mays podem entender rem;
e nós ante que cheguemos hy
logu'é sabud'e nom sey eu per quem.
Coyta lhi venha qual ora a nós vem,
porque nos a nós tod'este mal vem.

628

Morredes se vos nom fezer bem
por mim, amigu'e nom sey que vos hi
faça, pero muytas vezes cuyd'i;
e d'este preyto vedes que mh'avem:
é-mi mui grave de vos bem fazer,
e mui grave de vos leixar morrer.
Bem non vos pode de morte guardar
e sei bem que morredes por min,
se nom ouverdes algum bem de mim,
e quant'eu ei em tod'esto a cuydar
é-mi mui grave de vos bem fazer,
e mui grave de vos leixar morrer.
Se vos non fezer bem, por mi amor
vos matará, bem sei que será assy,
mays bem vos jur'e digo-vos assy
se deus mi leix'eu fazer o melhor,
é-mi mui grave de vos bem fazer
e mui grave de vos leixar morrer.
E rog'a deus que a end'o poder
que el me leix'end'o melhor fazer.

629

Amigu', eu vos diss'amigo, e serio eu
por mi miscrar com vosco, que faley
com outr'omem, mays nunca o cuydey
e meu amigo, direy-vol-o eu,

de-mentira non me poss'eu guardar
mays guardar-m'ei de vos fazer pesar.
Alguem sabe que me queredes bem
e pesa-lh'end'e non pod'al fazer
senom que mi quer mentira poer;
meu amigu'e meu lum'e meu bem,
de mentira non me poss'eu guardar
mays guardar-m'ei de vos fazer pesar.
E sey de quanto gram sabor á
de mentir, e non teme deus nem al;
meu amigu', e vedes quant'i a.
De mentira non me poss'eu guardar,
de fazer mentira sey-m'eu guardar
mays non de quem me mal quer assacar.

630

Amigas, o que mi quer bem
dizem-m'ora muytus que vem;
pero nom o posso creer,
ca tal sabor ei de o veer
que o non posso creer.
O que eu amo mays ca mi
dizem que cedo será aqui;
pero non o posso creer,
ca tal sabor ey de o veer
que o non posso creer.
O que se foy d'aqui, muyt'ha,
dizem-mi que cedo verrá;
pero non o posso creer,
ca tal sabor ey de o veer
que o non posso creer.
E nunca m'ho farám creer
se m'o non fezerem veer.

631

«O voss'amigo, que s'a cas d'el-rey
foy, amiga, muy cedo vos verrá,
e partide-m'as doas que vos el dará.
—Amiga, verdade vos direy;
fará-mi deus bem se m'o adusser,
e sas doas dê-as a quem quizer.
«Disserom-m'ora, se deus mi perdon',
que vos trage doas de Portugal,
e, amiga, non as partades mal.
—Direi-vos, amiga, meu coraçom,
fará-mi deus bem se m'o adusser,
e sas doas dê-as a quem quizer.
«Dizem, amiga, que non vem o meu
amigo, mayl-o vosso cedo vem,
e partid'-as doas que trage bem.
—Direy-vos, amiga, o que digu'eu,
fará-mi deus bem se m'o adusser,
e sas doas dê-as a quem quizer.
E bem sey eu des que el veher
averey doas e quant'al quizer.

632

Vay meu amigo com el-rey morar
e non m'ho disse, nem lh'o outorguey,
e faz mal sen de mi fazer pezar,
mays eu perca bom pareçer que ey
se nunca lh'el-rrey tanto bem fezer
quanto lh'eu farei quando mi quyser.
E quer muyto com el-rey viver
e mha senhor non a tem em rem,
e el-rey pode quanto quer poder,
mas mal mi venha onde vem o bem,
se nunca lh'el-rrey tanto bem fezer
quanto lh'eu farey quando mi quizer.
E el punhou muyt'em me servir
e al rey nunca serviço fez,
por end'el rey non a que lhi graçir
mays eu perca bom parecer e bom prez,
se nunca lh'el-rey tanto bem fezer
quanto lh'eu farey quando mi quizer.
Ca mais valrrá se lh'eu quiser
que quanto bem lh'el-rey fazer podér.

633

Amigo, queredes-vos hir,
e bem sey eu que m'haverrá
em mentre morardes a lá;
a quantos end'eu vir viir
a todos eu preguntarey
como vos vay em cas d'el-rey.
Non vos poderia dizer
quant'ey de vos hirdes *pesar*,
mays a quantos eu vir chegar
d'u hides com el-rey viver,
a todos eu perguntarey
como vos vay em cas d'el-rey.
Coytada ficarey d'amor
atá que mi vos deus adusser,
mays a quantos eu já souber
que veherem d'u el rey for,
a todos eu preguntarey
como vos vay em cas d'el-rey.
E se disserem bem, loarey
deus, e gracil-o-ey al rey.

634

Foi-ss' o meu amigo a cas d'el rey
e, amigas, com grand'amor que lh'ey
quand'el veher, ja eu morta serey;
mais non lhe digam que moir'assi,
ca se souber com'eu por el morri
será muy pouca sa vida des i.
Por nulha rem non me posso guardar
que non morra ced'eu com gram pesar;
e, amigas, quand'el aqui chegar
nom sabha per vós qual mort' eu prendi,
ca se souber com'eu por el morri
será muy pouca sa vida des i.

E u morrerey cedo, se deus quizer,
e, amigas, quand'el aqui veer
desmesura dirá quem lhi disser
que mort' eu filhey des que o non vi,
ca se souber com'eu por el morri
será muy pouca sa vida des i.

635

Amey-vos sempr'amigo, e fiz-vos lealdade,
se preguntar quiserdes em vossa puridade
saberedes, amigo, que vos digo verdade,
ou se falar ouverdes com algum maldizente
e vos quiser, amigo, fazer al entendente,
dizede-lhi que mente,
e dizede-lhi que mente.

636

Meu amigu'e meu bem e meu amor,
disserom-vos que me vyrom falar
com outr'ome, por vos fazer pesar;
e por en rogu'eu a nostro senhor
que confonda quem vol-o foy dizer,
e vós se o assi fostes creer,
e mim, se end'eu fui merecedor.
E ja vos disserom por mi que faley
com outr'ome, que vos nom tiv'em rem,
e se o fiz nunca mi venha bem,
mays rog'a deus, sempre rogal-o-ey
que confonda quem vol-o diss'assy,
e vós, se tam gram mentira de mi
creestes, e min se o eu cuydei.
Sey que vos disserom per boa fé
que faley com outr'ome, e non foy al
se non que vol-o disserom por mal;
mays rog' a dês que no ceo ssé,
que confonda quem vos a tal razom
diss', e vós se a creestes entom,
e que confonda min se verdad'é.
E confonda quem a tam gram sabor
d'antre mi e vós meter desamor
ca mayor amor do mund'é.

637

A que m'a mi meu amigo filhou
mui sem meu grad'e non me teve em rem,
que me serv'y e mi queria bem
e non m'ho disse nem m'o preguntou,
mal lhi será quando-lh'o eu filhar
mui sem seu grad'e nom a preguntar.
E se m'ela muy gram torto fez hi
deus me leixe dereito d'ela aver,
ca o levou de mi sem meu prazer
e ora tem que o levará assy,
mal lhi será quando lh'o eu filhar
mui sem seu grad'e non a preguntar.
E bem sey eu d'ela que dirá
que non fiz eu por el quant'ela fez,
mays quiçay m'ho fezera outra vez,
e pero tem bem que o averá;
mal lhi será quando lh'o eu filhar
mui sem seu grad'e non a preguntar.
Entom veredes molher andar
por mi chorand'e non lh'o querrey eu dar.

638 (vid. 634)

Vay meu amigo morar com el-rey
e, amiga, com grand'amor que lh'ey
quand'el veher, ja eu morta serey;
mais non lhi digam que morri assy,
ca se souber com'eu por el morri
será muy pouca sa vida des y.
Nem de morte non o pode guardar
que non moyra ced'e com gram pesar;
e, amiga, quand'el aqui chegar
non sabha por vós qual morte eu prendi,
cá se souber com'eu por el morri
será muy pouca sa vida des i.
E eu morrerey cedo, se deus quizer,
e, amiga, quand'el aqui veer
desmesura fará quem lhi disser
qual mort'eu filhei des que o non vi,
cá se souber com'eu por el morri
será muy pouca sa vida des i.
Já non posso de morte guarecer,
mays quando s'el tornar por me veer
non lhi digam como m'el fez morrer
ante tempo, porque se el foy d'aqui;
Ca se souber com'eu por el morri
será mui pouca já sa vyda des y.

639

Queredes hir, meu amigo, eu o sey,
buscar outro conselho e non o meu,
porque cuydades que vos desej'eu,
queredes-vos hir morar com el-rey;
mays hid'ora quando quiserdes hir,
ca poys a mi avedes a viir.
Hides-vos vós e fiqu'eu aqui
que vos ei sempre muit'a desejar,
e vós queredes com el-rey morar
porque cuydades mays valer per hi;
mays hid'ora quando quiserdes hir
ca poys a mi avedes a viir.
Sabor avedes a vosso dizer
de me servir, amigu', e pero non
leixades d'ir al rey por tal razom
nem podedes vós mim e el-rey aver;
mays hid'ora quando quiserdes hir
ca poys a mi avedes a viir.
E, amigo, queredel-o oyr
nom podedes dous senhores servir,
que ambus ajam que vos gracir.

640

Ir vos queredes e nom ey poder
par deus, amigo, de vos eu tolher;
e sse ficardes vos quero dizer,
meu amigo, que vos por en farey:
os dias que vós a vosso prazer
nom passastes eu vol-os cobrarey.
Se vos fordes, sofrerey a mayor
coita que sofreu molher por senhor,
e sse ficardes polo meu amor
direy-vol-o que vos por en farey:
os dias que vós a vosso sabor
nom passastes eu vol-os cobrarey.
Hides-vos e teendes-m'em desdem,
e fico eu muy coitada poren,
e ficade por mi ca vos convem,
e diremos que vos porem farey:
os dias que vós nom passastes bem,
ay meu amigo, eu vol-os cobrarey.

641

Hir-vos queredes, amigo,
d'aqui por me fazer pesar,
e pois vos queredes quitar
d'aqui, vedes que vos digo:
quitade bem o coraçom
de mim, e ide-vos entom.
E pois vos hides, sabhades
que nunca mayor pesar vi,
e pois vos queredes d'aqui
partir, vedes que façades:
quitade bem o coraçom
de min, e ide-vos entom.

642

Esta tençon fez Johã Airas, de Santiago, a hum que avia nome Fruitoso, cantor, e se poz nome Rui Marques, e o outro respondeulhi:

Rui Marques, pois que est assi
que vós ja mais quizestes viver
em Leom, e nos veestes veer
dized'agora vós ben pert'a mi
Rui Marques, assi deus vos perdon' i.

MARTIM PEREZ ALVYM

643

Mais desaguysadamente mi vem mal,
de quantos deus no mundo fez nacer
todus am bem per oyr e veer
e per entendimento e per falar;
mays a mim, mha senhor, avem end'al,
ca por tod'esto me vej'eu andar
na mayor coyta que deos quiz fazer.
E ante que vos eu visse, senhor,
tam muyto bem ouvi de vós dizer,
per bona fé, que nom pud'al fazer
que nom ouvess'a viir a loguar
hu vos eu visse, e logu'en vosso amor
fez-m'os por tal guysa desejar
que nom desej'al rem se nom morrer.
Ca se nom viram estes olhos meus
nem viram-vos hu vos eu fuy veer,
e sse eu rem nom soubess'entender
do mui gram bem que deus a vós quiz dar,
nom averia este mal, par deus,
por vós d'amor, que m'ha ced'a matar
a quem me vós metestes em poder.
E mal dia mi deus deu conhocer
hu vos eu vi tam fremoso catar,
ca mi valera muy mais nom nacer.

644

Dizer-vos quer'a gram coyta d'amor
em que vyvo, senhor, des que vos vi
e o gram mal que eu sofri;
e d'unha rem soo sabedor
que mi valera muy mais nom veer
eu vós, nem al quando vos fuy veer.
E a mha coita sey que nom a par
antr'as outras coytas que d'amor sey,
e poys meu temp'assy pass'e passey
com gram verdade vos posso jurar,
que mi valera muy mais nom veer
eu vós, nem al quando vos fuy veer.
Esta coyta que mha morte tem
tam chegada que nom lh'ey de guarir,
ca nom sey eu logar hu lh'a fogir,
e per esto podedes creer bem,
que mi valera muy mais nom veer
eu vós, nem al quando vos fuy veer.
Ca sse nom vyra podera viver
e meor coita ca sofro sofrer.

645

Senhor, nom poss'eu já per nulha rem
meus olhos d'esses vossos partir,
e poys assy é que agora d'ir
am hu vos nom vejam, sey eu muy bem
que nom podem os meus olhos veer
hu vos nom vyrem d'al veer prazer.
E nom poss'eu meus olhos quitar
d'esses vossos que virom por meu mal,
e pero m'end'eu nunc'atend'al
tal ventura mi quis a mi deus dar,
que nom podem os meus olhos veer
hu vos nom vyrem d'al veer prazer.
Nom poss'eu partir os olhos meus
d'esses vossos, nem o meu coraçom
nunca de vós, e poys mha senhor nom
atend'end'al creed'esto por deus,

que nom podem os meus olhos veer
hu vos nom vyrem d'al veer prazer.
Poys que al nom desejam veer,
deus vos lhis mostre ced'a seu prazer.

646

Ja m'eu queria leixar de cuydar
e d'andar triste e perder o dormir,
e d'amor, que sempre servi, servir
de tod'esto m'eu queria leixar,
se me leixasse a que me faz aver
aquestas coytas ond'ey a morrer.
E leixar qual coita mi dá
amor, que em grave dia vi,
e qual pesar sempre sofr'e sofri,
de tod'esto me leixaria ca,
se me leixasse a que me faz aver
aquestas coytas ond'ey a morrer.
Leixar-m'ia de cuydado meu
e da gram coyta do meu coraçom,
e de servir amor com gram razom,
tod'esto me leixaria eu,
se me leixasse a que me faz aver
aquestas coytas ond'ey a morrer.
E leixa-m'ela de mi bem fazer,
mays nom me leixa em sas coytas viver.

647

Senhor fremosa, que de coraçom
vos servi sempre, serv'e servirey
por muyto mal que eu lev'e levey;
por vós tenh'eu que seria razom,
de mi fazerdes aver algum bem
de vós, senhor, por quanto mal mi vem.
Do vosso talh'e do vosso catar
muyt'aposto vem a mi muyto mal,
e poys de vós nunca pud'aver al,
razom seria já a meu cuydar
de mi fazerdes aver algum bem
de vós, senhor, por quanto mal mi vem.
E a mesura que vos quis dar deus
em mui bom talh'e muy bõ parecer
razon seria por mha morte tolher,
bem pera já, lume dos olhos meus,
de mi fazerdes aver algum bem
de vós, senhor, por quanto mal mi vem.

648

— Senhor fremosa, assy veja prazer
poys vos nom vi, ouvi gram pesar
que nunca mi deus d'al prazer quis dar.
« Como podestes tanto mal sofrer?
— Cuydey em vós e por esto guari,
que nom vyvera rem do que vevi.
— Senhor fremosa, direy-vos eu al
e creed'esto, meu lum'e meu bem,
poys vos nom vi, nom vi prazer de rem.
« Como podestes sofrer tanto mal?
— Cuydey em vós e por esto guari,
que nom vyvera rem do que vevi.
— Creede, lume d'estes olhos meus,
que des que vos eu nom pudi veer
pero vi, já nunca vi prazer.
« Como sofrestes tanto mal, por deus?
— Cuydey em vós, e por esto guari
que nom vyvera rem do que vevi.

649

Eu, mha senhor, nom ei poder
de me de vos poder quytar
....

PERO DE VEER

650

Mha senhor fremosa, por deus
e por amor que vos eu ey,
oyd'um pouqu'e direy
o porque eu ante vós vim:
que ajades doo de mim,
mha senhor fremosa, por deus.
Se vos doerdes do meu mal
por deus que vol-o roguey
vós que eu sempre desejey
des aquel dia em que vos vi:
cousimento faredes hy
se vos doerdes do meu mal.
E, mha senhor, per boa fé
por vós me tem forçad'amor
e vós, fremosa mha senhor,
nom vos queredes en doer;
e por est'é meu mal vyver
ay, mha senhor, per boa fé.
Per boa fé nom é meu bem
nem é mha prol viver assy,
e vós que eu por meu mal vi
averey sempr'a desejar;
vós e mha mort'a meu pesar
per boa fé nom é meu bem.

651 E 652

Nom sey eu tempo quand'em nulha rem
d'amor ouvess'ond'ouvesse sabor,
ca nom quis deus nem filhey tal senhor
a que ousasse nulha rem dezer
do que seria meu viç'e meu bem,
nem de qual guisa mi d'amor mal vem
fazer no mund'a meu pesar viver.
E sse outr'ome, segundo meu sen,
tanto soubesse quant'eu sey d'amor
bem saberia com'é forçador
e sem mesura e de gram poder,
quando soubess'em qual coita me tem
bem saberia como vyve quem
faz deus no mundo a seu pesar viver.

Eu que no mundo vyv'a meu pesar
eu vyveria muyt'a meu prazer
se eu d'amor bem podess'aver,
meu bem seria quant'oj'é meu mal;
mayl-a senhor, que m'amor faz filhar,
essa me soube de guisa guysar
que nom ouvess'eu bem d'amor nem d'al.

En esta ffolha adeiante sse começam cantigas d'amor do primeyro trobador Bernal de Bonaval:

BERNAL DE BONAVAL

653

Ay deus, e quem mi tolherá
gram coyta do meu coraçom
no mundo, poys mha senhor nom
quer que eu perca coyta já;
e direy-vus como nom quer,
leixa-me sem seu bem viver
coytad'e sen mi nom valer
ela que mi pode valer.
No mund'outra cousa nom a
que me coita nulha sazom
tolha, se deus ou morte nom,
ou mha senhor que nom querrá
tolher-m'a; e poys eu ouver
por mha senhor mort'a prender,
dês meu senhor se lhi prouguer
m'ha leix'ant'unha vez veer.
E sse mi deus quiser fazer
este bem que m'é mui mester
de a veer, poys eu podér
veer o seu bom parecer,
por en gram bem mi per fará
se m'el mostrar hũa razom
de quantas end'eu cuyd'a cá
a dizer que lhi diga entom.

654

Pero m'eu moyro, mha senhor,
nom vos ous'eu dizer meu mal
ca tant'ei de vós gram pavor
que nunca tam grand'ouvi d'al;
e por en vos leix'a dizer
meu mal, e quer'ante morrer
por vós, ca vus dizer pesar.
E por aquesto, mha senhor,
vyv'em gram coita mortal
que nom poderia mayor;
ay deus, quem soubess'ora qual
e vol-a fezess'entender,
e nom cuydass'i a perder
contra vós por vos hi falar.
E deul-o sabe, mha senhor,
que se m'el contra vós nom val
ca mi seria muy melhor
mha morte, ca mha vida em tal
que fezess'y a vós prazer
que vos eu hi nom posso fazer
nem mh'o quer deus nem vós guysar.
E com dereito, mha senhor,
peç'eu mha morte poys mi fal
todo bem de vós e d'amor,
e pois meu temp'assy me fal
amand'eu vós dev'a querer
ante mha morte, ca viver
coytad'e poys nom grado ar
De vós, que me fez deus veer
por meu mal poys sen bem fazer
vos ey sempr'a desejar.

655

Amor, bem sey o que m'ora faredes,
poys m'em poder d'a tal senhor metedes,
de contra quem me depoys nom valeredes
hu eu pòr ela tal coyta levar,
a qual me nom saberey conselhar.
Poren vos rog'amor que me leixedes
viver, se o bem fazer nom me queredes,
ca eu bem sey que vós poder avedes
de mi fazerdes se quiserdes bem,
amor ou mal quando vos prouguer en.
E poys mi bem e mal fazer podedes,
nom mi façades quanto mal fazedes
fazer, mays dereyt'é que mi mostredes
o mui gram bem que podedes fazer,
amor, poys eu som em vosso poder.

656

Senhor fremosa, poys assy deus quer
que já eu sempre no meu coraçom
deseje de vós bem e d'alhur nom,
rogar-vos-ey, por deus, se vos prouguer
que vos nom pes de vos eu muyt'amar
poys que vos nom ouso por al rogar.
E já que sempr'a desejar ey
o vosso bem e nom cuyd'a perder
coyta se nom por vós ou per morrer,
por deus oyde-m'e rogar-vos-ey:
que vos nom pes de vos muyt'amar
poys que vos nom ouso por al rogar.
E poys m'assy tem em poder amor
que me nom quer leixar per nulha rem,
partir de vós já sempr'e querer bem,
rogar-vos quero, por deus, mha senhor:
que vos nom pes de vos eu muyt'amar,
poys que vos nom ouso por al rogar.

657

A dona que eu am'e tenho por senhor,
amostrade-m'a, deus, se vos en prazer for,
se nom dade-m'a morte!

A que tenh'eu per lume d'estes olhos meus
e por quem choram sempr'amostrade-m'a deus
se nom dade-m'a morte!
Essa que vós fezestes melhor parecer
de quantas sei, ay dês, fazede-mh'a veer,
se nom dade-m'a morte!
Ay dês, que m'a fezestes mais c'a mĩ amar,
mostrade-m'a hu possa com ela falar;
se nom dade m'a morte!

658

Pero me vós dizedes, mha senhor,
que nunca per vós perderey
a mui gram coyta que eu por vós ey
em tanto com'eu vyvo for,
al cuyd'eu de vós d'amor
que m'haveredes mui ced'a tolher
quanta coyta me fazedes aver.
E, mha senhor, hũa rem vos dir*ey*
*d*e nom estar de vós melhor
quant'eu ouver por vós coyta mayor
a tanto me mays aficarey,
que m'haveredes mui ced'a tolher
quanta coyta me fazedes aver.

659

Senhor fremosa, tam gram coyta ey
por vós, que bom conselho nom me sey,
cuydando em vós, mha senhor mui fremosa.
Por vós, que vi melhor d'outras falar
e parecer, nom me sei conselhar,
cuydando em vós, mha senhor mui fremosa.
Nom mi queredes mha coita creer,
creer-m'a-edes poys que eu morrer,
cuydando em vós, mha senhor mui fremosa.

660

A Bonaval quer'eu, mha senhor, hir
e des quand'eu ora de vós partir,
os meus olhos nom dormirám.
Hir-m'ey, pero m'é grave de fazer,
e des quand'eu ora de vos tolher
os meus olhos nom dormirám.
Todavya bem será de provar
de m'ir, mays des quand'eu de vós quitar
os meus olhos nom dormirám.

661

Pero m'eu vejo donas mui bem parecer
e falar bem e fremoso catar,
nom poss'eu por tod'esto desejos perder
da que mi deus nom ouvera mostrar
hu mh'a mostrou por meu mal, ca des y
nunc'ar fui led'e cuydando perdi
desejos de quant'al fui amar.
A que eu vi mays fremoso parecer
de quantas en o mundo pud'achar,
essa foy eu das do mund'escolher
e poys mh'a dês faz desejar assy
nom mh'o fez el se nom por mal de mi
cometer o que nom ey de acabar.
Se eu foss'a tal senhor bem querer
com que podesse na terra morar
ou a quem ousasse mha coyta dizer
logu'eu podera meu mal endurar;
mays tal senhor am'eu, que poyl-a vi
sempre por ela gram coita sofri,
e pero nunca-lh'end'ousey falar.

662

Por quanta coyta mi faz mha senhor
aver, nunca m'eu d'ela queixarey
nem é dereyto ca eu mh'o busquey,
mays dereyt'ei em me queixar d'amor
porque me fez gram bem querer
quem m'ho nom ade gradecer.
E nunca m'eu a mha senhor hirey
queixar de quanta coyta padeci
por ela, nem do dormir que perdi;
mays d'amor sempr'a queixar m'averey
porque me fez gram bem querer
quem m'ho nom ade gradecer.
Por quanta coyta por ela sofri
nom me lhi dev'a queixar com razom,
mays queixar-m'ei no meu coraçom
d'amor a que nunca mal mereci,
porque me fez gram bem querer
quem m'ho nom ade gradecer.

663

—Abril Perez, muyt'ei eu gram pesar
da gram coyta que vos vejo sofrer,
ca vos vejo como mi lazerar
e nom poss'a mi nem a vós valer:
ca vós morredes como eu d'amor,
e pero x'esta mha coyta mayor
dereyto faz em me de vós doer.
«Dom Bernaldo, quero-vos preguntar
com'ousastes tal cousa cometer,
qual cometestes em vosso trobar,
que vossa coita quisestes poner
com a minha, que quant'é mha senhor,
dom Bernaldo, que a vossa melhor
tanto me faz mayor coyta sofrer.
—Abril Perez, fostes-me demandar
de tal demanda que rresposta nom
ha hy mester, e converá de provar
o que disestes das donas entom;
enmentemol-as, et sabel-as am,
e poys las souberem julgar-nos ham
e veram quem tever melhor razom.
«Dom Bernaldo, eu hyria ementar
a mha senhor, assi dês mi perdon',
se nom ouvesse med'em lhe pesar
eu a dyria muy de coraçom,

ca huã rem sey eu d'ela de pram
que poys la souberem conhocer-lh'am
melhor ja quantos no mundo som.
—Abril Perez, os olhos enganar
vam homem das cousas que gram bem quer,
assy fezerom-vos, a meu cuydar,
e por seer assy com'eu disser,
se vós vistes alguã dona tal
tam fremosa et que tam muyto val
mha senhor he, ca nom outra molher.
«Dom Bernaldo, quero-vos conselhar
bem, e creede-m'em se vos prouguer,
que nom digades que hides amar
boa dona, ca vos nom é mester
de dizerdes de bona dona mal,
ca bem sabemos, dom Bernaldo, qual
senhor sol sempr'a servir segrel.

JOHAM SERVANDO

664

Hum dia vi mha senhor
que mi deu a tal amor,
que nom direy per hu for
quem est per nulha rem,
nom ous'eu dizer per quem
mi vem quanto mal mi vem.
Preguntam-me cada dia
polo que nom ousaria
dizer, ca m'ey todavya
medo de mort'e porem
nom ous'eu dizer per quem
mi vem quanto mal mi vem.
Preguntam-m'em puridade
que lhis diga em verdade,
mays eu com gram lealdade
e por nom fazer mal sen,
nom ous'eu dizer per quem
mi vem quanto mal mi vem.
Andam-m'assy preguntando
que lhis diga por quem ando
trist'eu, per Sam Servando,
com pavor que ey d'alguem,
nom ous'eu dizer per quem
mi vem quanto mal mi vem.

665

Amigus, cuydo sempr'em mha senhor
por lhi fazer prazer, pero direy
quem mi vem em cuydar, ey
a cuydar em cuydal-o melhor;
pero cuydando nom posso saber
como podesse d'ela bem aver.
E o cuydar que eu cuydei
des aquel dia em que mha senhor vi
logu'em cuydar sempre cuydei assy
por cuydar end'o melhor, e o cuydey;
pero cuydando nom posso saber
como podesse d'ela bem aver.
Tanto cuydei já que nom ha par
em mha senhor, se mi faria bem
em cuydar, nom me partiria em
se poderia o melhor cuydar;
pero cuydando nom posso saber
como podesse d'ela bem aver.
Par San Servando, mentr'eu ja viver
por mha senhor cuyd'e cuyd'a morrer.

666

Pregunta que foy feita a Fernam Dambrea confortand'Ugo Gonçalves, de Monte-Moór-o-Novo.

E ó homem ferido com ferro e sem paao
mais te valia de seeres ja morto,
pois tua dama ha com outro conforto,
com esto ficas tu por vaganaao
para bem mester d'outras qued'a naao
aquesta rribeira de grandes correntes
que d'esta guisa matará muitas gentes,
ainda que se apeguam ao nad'a váao
d'Ugo e se façam depois d'ay máao.
Perdom vos peço se em esto pequey
ou quanto vos ouve aquy de mal grado,
pero que grande te faça, e muito andado
para mym nom se parte, pero nom irey
mas a de d'amores me tornarey
com grandes querellas muyto braadando
dar-m'had'a my saber que já amando
busc'onde quiz que veja se errey,
porem em mha vida ja lhe nom falerey.

JULYÃO BOLSEYRO

667

Ay, mha senhor, tod'o bem m'a mi fal
mays nom mi fal gram coyta nem cuydar,
des que vos vi, nem mi fal gram pesar;
mays nom mi valha o que pod'e val
se oj'eu sey onde mi venha bem
ay, mha senhor, se mi de vós nom vem.
Nom mi fal coita, nem vejo prazer,
senhor fremosa, des que vos amey;
mays a gram coita que eu por vos ey
ja dês senhor nom mi faça lezer
se oj'eu sey onde mi venha bem,
ay, mha senhor, se mi de vós nom vem.
Nem rem nom podem veer estes meus
olhos, no mund'eu aja sabor
sem veer-vos, e nom mi val amor,
nem mi valhades vós, senhor, nem deus,
se oj'eu sey onde mi venha bem
ay, mha senhor, se mi de vós nom vem.

668

Donna et senhor de grande vallia,
nom sei se cuidastes que tenho cuidado
d'enojos feitos, mais bem juraria
que nom tenho outro tam aficado
nem mayor *enojo* nom tem homem nado;
esto senhora poderrés saber
sse deus quiser, que poss'ante aver
mais compridamente meu certo recado.
Mas eu vos peço, mui gentil senhora,
que nojo e tristeza et enfadamento
de todo ponto vos botees de fóra
e todo cuidado, que agastamento
vos porá trager em esquecemento
vos pode, senhora, e sey que farees
vosso gram proveito a mi o darees
que eu ouça nova de hu seja contento.
Fazei, senhora, que quantus vos virem
conheçam de pram a gram fremusura
que deus a vós deu, sse nom mentirem
que falem de siso, grande cordura
bondade, a graça, juizo et mesura
que em vós assy ha muy compridamente
sobre quantas ora vivem de presente,
esto é certo sem fazer mais jura.
Muy boa senhora, se n'esto atura
vossa vontade em deus esperando,
vós averees sem muito tardando
praízo em vida, seede bem segura.

PERO DARMEA

669

Pelo dia em que m'eu quitey
d'u mha senhor é morador
nunca de min ouve sabor
per boa fé, nem averey,
se nom vir ela, d'outra rem.
Ca me quitey a meu pesar
d'u ela é, poys me quitey
nunca me depoys paguey
de min, nem me cuyd'a pagar,
se non vir ela, d'outra rem.
Pero que bem non ey
verdade vos quero dizer,
nunca eu depoys vi prazer,
nem já mays non o veerey,
se non vir ela, d'outra rem.

670

Ora vos podess'eu dizer
a coyta do meu coraçom,
e nom chorass'y logu'entom
pero nom ey end'o poder
se vos eu a mha coyta contar,
que poys nom aja de chorar.
Ey eu mui gram coyta endurar
pero se vos dizer quiser
mha coyta, e vol-a disser
non ey poder de m'eu guardar,
se vos eu a mha coyta contar
que poys nom aja de chorar.
Mui gram coyta vos contarey
d'amor que sofr'e sofri,
des quand'eu mha senhor non vi,
e pero nom me guardarey
se vos eu mha coyta contar,
que poys non aja de chorar.

671

Mha senhor, por nostro senhor
por que vos eu venho rogar,
quero-vos agora rogar
mha senhor, por nostro senhor
que vos non pes de vos amar,
ca non sey al tam muyt'amar
Senhor; e nom vos rogarey
por al, ca ei de vos pesar
pavor, e se vos nom pesar
oyde-me e rogar-vos-ey,
que vos non pes de vos amar,
ca non sey al tam muyt'amar.
E non vos ous'eu mays dizer
senhor e lume d'estes meus
olhos, ay lume d'estes meus
olhos, e venho-vos dizer
que vos nom pes de vos amar,
ca non sey al tam muyt'amar.

672

Cuydades vós, que mi faz a mi deus
por outra rem tam muyto desejar
aquesta dona que me faz amar
se non por mal de mi e d'estes meus
olhos, e por me fazer entender
qual é a muy gram coyta de sofrer.
E non m'os foi os seus olhos mostrar
deus, nem mh'a fez filhar por senhor
se nom porque ouv'el gram sabor
que soffr'eu com estes meus pesar
olhos, e por me fazer entender
qual é a muy gram coyta de sofrer.
E vy eu os seus olhos por meu mal
e sseu muy fremoso parecer,
e por meu mal m'a fezo deus veer
entom d'aquestes meus, ca nom por al,
olhos, e por mi fazer entender
qual é a muy gram coyta de sofrer.

673

A mayor coyta que deus quis fazer,
senhor fremosa, a min a guysou
aquel dia que me de vós quitou;
mays deus, senhor, nom mi faça lezer

se eu ja mui gram coyta tenh'em rem,
poys que vos vejo meu lum'e meu bem.
Da coyta que ouvi no coraçom
o dia, senhor, que m'eu fui d'aqui
maravilho-m'eu como non moiri
com gram coita, mais deus nom mi perdon',
se eu ja muy gram coita tenh'em rem
poys que vos vejo, meu lume e meu bem.
Ouv'eu tal coyta qual vos eu direy
o dia que m'eu fui de vós partir,
que sse cuydey d'esse dia sayr
deus mi tolha este corp'e quant'ey,
se eu ja mui gram coyta tenh'em rem
poys que vos vejo, meu lum'e meu bem.

674

Com gram coyta sol nom posso dormir
nem vejo rem de que aja sabor,
e das coytas do mundo a mayor
sofro de pram e non posso guarir;
vedes porque, porque non vej'aqui
a mha senhor, que eu por meu mal vi.
Querendo-lhi bem, sofri muyto mal
e muyt'affam des que foy mha senhor,
e muytas coytas polo seu amor
e ora vyv'em gram coyta mortal,
vedes porque, porque non vej'aqui
a mha senhor, que eu por meu mal vi.
Quando-m'eu d'ela parti logu'entom
ouvi tal coyta, que perdi meu sen
bem trez dias, que nom conhoçi rem,
e ora moyro e faço gram razom,
vedes porque, porque non vej'aqui
a mha senhor, que eu por meu mal vi.

675

Senhor fremosa, des aquel dia
que vós eu vi primeyro, des entom
nunca dormí com'ante dormia
nem ar fui led'e vêdes porque non,
cuydand'em vós e non em outra rem
e desejando sempr'o vosso bem.
E sabe deus e sancta Maria
cà non am'eu tant'al e no coraçom
quant'amo vós, nem ar poderia,
e sse morrer porem farey razom
cuydand'em vós e non em outra rem
e desejando sempr'o vosso bem.
E ant'eu ja morte queirya
ca viver com'eu viv'a gram sazom,
e mha morte melhor mi seria
ca vyver mays, assy deus mi perdon'
cuydand'em vós e non em outra rem
e desejando sempr'o vosso bem.
Ca vós sodes mha coyta e meu bem,
e por vós ey quanta coyta mi vem.

676

A vós fez deus fremosa, mha senhor,
o mayor bem que vos pod'el fazer,
fez-vos mansa e melhor parecer
das outras donas e fez-vos melhor
dona do mund'e de melhor sen;
vedes, senhor, se al disser alguem
com verdade nom vos pod'al dizer.
Feze-vos deus e deu-vol o mayor
poder de bem, e fez-vos mays valer
das outras donas e fez-vos vencer
todalas donas, e fez-vos melhor
dona do mund'e de melhor sen;
vedes, senhor, se al disser alguem
com verdade nom vos pod'al dizer.
E porque é deus o mays sabedor
do mundo, fez-me-vos tal bem querer
qual vos eu quer'e fez a vós nacer
mays fremosa e fez-vos melhor
dona do mund'e de melhor sen;
vedes, senhor, se al disser alguem
com verdade nom vos pod'al dizer.
E o que al disser por dizer mal
de vós, senhor, do que disser, nem d'al
confonda deus quem lh'o nunca creer;
E querend'eu todos desenganar
o que m'esto, senhor, nom outorgar
nom sabe nada de bem conhocer.

677

Muytus me veem preguntar,
senhor, que lhis diga eu quem
est a dona que quero bem,
e com pavor de vos pesar
nom lhis ouso dizer per rem,
senhor, que vos eu quero bem.
Pero punham de m'a partir
se poderam de mim saber
por qual dona quer'eu morrer;
e eu por vos nom assanhar
nom lhis ouso dizer per rem,
senhor, que vos eu quero bem.
E porque me vêem chorar
d'amor, queren saber de mim
por qual dona moyr'eu assy;
e eu, senhor, por vos negar
nom lhis ouso dizer per mi,
pero tem que por vós moyr'assy.

678

Senhor, vej'eu que avedes sabor
de mha morte veer e de meu mal,
poys contra vós nulha rem nom mi val
rogar-vos quero, por nostro senhor,
que vos nom pes o que vos rogarey,
e depoys se vos prouguer morrerey.
E bem entend'eu no meu coraçom

que desejades mha morte veer;
poys m'outro bem nom queredes fazer,
rogar-vos quero per hũa razom,
que vos nom pes o que vos rogarey,
e depoys se vos prouguer morrerey.
Muy bem sey eu que avedes pesar
porque sabedes que vos quer'eu bem,
e que vos praz de quanto mal mi vem,
pero vos quero-vos eu rogar
que vos nom pes o que vos rogarey,
e depoys se vos prouguer morrerey.
E sse vos prouguer o que vos direy
e poys morrer, jamays nom morrerey.

679

Senhor fremosa, nom pod'om'osmar
quam muyto bem vos quiso deos fazer
e quam fremosa vos fezo nacer,
quam bem vos fez parecer e falar;
se deus mi valha, nom poss'eu achar
quem vosso bem todo possa dizer.
Pero punho sempre de preguntar,
porem nunca me podem entender
o muy gram bem que vos eu sey querer,
nem o sabor d'oyr em vós falar,
per boa fé, pero nom poss'achar
quem vosso bem todo possa dizer.

680

Meus amigos, quero-vos eu dizer,
se vos quyserdes, qual coyta mi vem
vem mi tal coyta que perco meu sen
por quanto vos ora quero dizer,
por hunha dona que por meu mal vi
mui fremosa de que me parti
muyt'anvydos'e ssem meu prazer.
Perco meu sen que sol nom ey poder
e muy de pram desejando seu bem
e de mays se mi quer falar alguem
de lhi falar nom ey em min poder;
porque me nembra quanto a servi
e quam viçoso mentr'y guary
e que gram viç'a mi fez deus perder.
E moyr'eu, e praz-mi muyto de morrer
ca vyvo coitado mays d'outra rem,
e pero moyro nom vos direy quem
est a dona que m'assy faz morrer,
e a quem eu quero melhor ca mi,
e a quem eu por meu mal conhoci
hu m'ha fez deus primeiro veer.
E, meus amigus, poys eu moyr'assy
pola melhor dona de quantas vi
nom tem'em rem mha morte nem morrer.

681

Em grave dia me fez deus nacer
aquelle dia em que eu naçi,
e grave dia me fezo veer
a mha senhor hu a primeyro vi,
em grave dia vi os olhos seus
e grave dia me fez entom deus
veer quam bem parece parecer.
E grave dia mi fez entender
deus quam muyto bem eu d'ela entendi,
e grave dia mi fez conhocer
aquel dia que a conhoci
e grave dia m'ha fez entom, meus
amigos, grave dia m'a fez deus
tam gram bem como lh'eu quero querer.
E grave dia por mi lhi faley
aquel di'em que lh'eu fuy falar,
e grave dia por mi a catey
dos meus olhos quando a fuy catar;
e grave dia foy pera mi
grave dia entom quando a vy
ca nunca eu dona tam fremosa veerey.
E grave dia por mi comecey
com mha senhor quand'eu fuy começar
com ela, grave dia, desejey
quam muyto bem m'ela fez desejar;
grave dia foy per mi del-a sazom
que eu a vy, grave dia, poys nom
moiri por ela nunca morrerey.
E porque m'eu d'ela quitey
esmoresco mil vezes e nom sey
per bõa fé nulha parte de mi.
E nom mi ponhan culpa des aqui
de seer sandeu, ca ensandeçi
pela mays fremosa dona que sey.

STEVAM FERNANDES D'ELVAS

682

O meu amigo, que por min o sen
perdeu, ay madre, tornad'é sandeu,
e poys deus quis-me ynda nom morreu
e a vós pesa de lh'eu querer bem,
que me queira já mal, mal me farey
parecer, e desensandecel'-ey.
Por deus vos rogo, mha madre, perdon
que mh'o leyxedes hũa vez veer,
ca lhi quer'eu hũa cousa dizer
per que guerrà se me vir, e se nom
que me queira ja mal, mal me farey
parecer, e desensandecel'-ey.
E el a perdudo o sen por mi
que lhi esta coyta dey, madr'e senhor,
e guarria, ca m'ha muy grande amor,
se me visse; sse nom des aqui
que me queira já mal, mal me farey
parecer, e desensandecel'-ey.

683

«Farey eu, filha, que vos nom veja
vosso amigo. —Porque, madr'e senhor?

« Ca me dizem que é entendedor
voss'. — Ay madre, por deus nom seja;
eu o dev'a lazerar que o fiz
sandeu, e el com sandice o diz.
«De vós e d'el filha ey queixume.
— Porque, madre, ca nom é guisado?
« Lazera m'a esse perjurado.
— Porque, madr'e meu bem e meu lume,
eu o dev'a lazerar que o fiz
sandeu, e el com sandice o diz.
« Matar-m'ey, filha, se m'ho disserdes.
— Porque vos avedes madr'a matar?
« Ante que m'eu do falso nom vengar.
— Madre, se vos nom vengar quiserdes,
eu o dev'a lazerar que o fiz
sandeu, e el com sandice o diz.

684

« Madre, chegou meu amig' oj'aqui.
— Novas som, filha, com que me nom praz.
« Por deus, mha madre, gram torto per faz.
— Nom faz, mha filha, ca perdedes hy.
« Mays perderey, madre, se el perder.
— Bem lhe sabedes, mha filha, querer.

PEDR'AMIGO DE SEVILHA

685

Sey ben que quantos en o mund'amarõ
e amam, todolos provou amor
e fez a mi amar hunha senhor
de quantas donas no mundo loarom
em todo bem, e desy muy coytado
me tev'amor, poys que desenganado
fuy dos que amam e dos que amárom.
E des entom per quantos se quitarom
d'amar, por en travou em mi amor
ca provou-mi per leal amador
e polos outrus que o leixarom;
quer matar mim por est'o mal peccado,
ca sabe já ca nom será vingado
nunca d'aquelos que se del quitarom.
E sabor de min que per seu ando
pero ca me tev'em poder
d'esta dona que mi fez bem querer
e matar-m'ha por esto e nom sey quando
e prazer-m'ha sse amor achasse
d'u pus mha morte que com el ficasse
com'eu fiquey muyt'ha que por seu ando.
E matar-m'a por esto, desejando
bem d'esta dona poys nom a poder
sobre los outrus de lhi mal fazer
ca os outros forom xi lh'alongando,
e pero sey amor se lhis mostrasse
aquesta dona poys que mi matasse
matal-os-hya seu bem desejando.
E nom sey al por que s'amor vingasse,
nem por que nunca dereyto filhasse
dos que sse forom assi d'el quitando.

686

Coytado vyvo mays de quantos som
no mund', amigos, e perc'o meu sen
por hunha dona que quero gram bem,
mays pero sey en o meu coraçom
que nom averia coyta d'amor
se esta dona fosse mha senhor.
Mays esta dona nunca quis que seu
fosse, mays dizem aquestes que am
senhores, que logo xi morrerám
por elas, mays de mim já bem sey *eu*
que nom averia coyta d'amor
se esta dona fosse mha senhor.
Mays non o est, e poys quis deus assy
que por seu nunca me quis receber
se meus amigos podessem poder
que fosse seu, sey já muy bem por mi
que nom averia coyta d'amor
se esta dona fosse mha senhor.

687

Meu senhor deos, poys me tam muyt'amar
fezestes quam muyt'amo hunha moler,
rogue-vos outrem quanto xi quiser
ca vos nom quer'eu mays d'esto rogar:
meu senhor, deos, se vos em prazer for
que mh'a façades aver por senhor.
Esta dona que mi faz muyto mal
porque me nom quis nem quer que seja seu
nom me, senhor, mays gram coyta mi deu
e por esto vos rogu'e nom por al:
meu senhor, deos, se vos em prazer for
que mh'a façades aver por senhor.
Tal bem lhi quero no meu coraçom
que vos nom rogarey por outro bem,
que mi façades, nem per outra rem
mays por tanto vos rogu'e por al nom:
meu senhor, deos, se vos em prazer for
que mh'a façades aver por senhor.
Ca sey que nom é tam forços'amor
que me mate se m'achar com senhor.

688

Quand'eu vi a dona que nom cuydava
nunca veer, logo me fez aly
mays ca mi fez hu a primeyro vi
levar d'afam e de mal
tam muyto, que morrerey hu nom jaz al
quand'eu ante mays ca todos levava.
E non moyri pero pos mi andava
mha morte, quant'ha que eu conhoçi
aquesta dona que agora vi
que nom visse, ca de guisa me tem
o seu amor já fóra de meu sen,
que lhi quito quanto lh'eu demandava.
Ca hinda-m'eu ant'aver cuydava,
mays sei que nom vyverei des aqui

e nom por al se nom porque a vi
aquesta vez que com ela falei
que nom falasse, poys por ela perderei
tod'aquelo que ant'eu receava.
Ca sey mha morte que comig'andava
se nom ora poys esta dona vi,
e poys m'eu d'aqueste mundo *assy*
.... vou
pes'ai a quem diram porque leixou
morrer quem nom tam muyt'amava.
E pesa-mi, porque perderá prez
quanto deus em aqueste mundo fez
que nom era, erga, a el a mandava

689

Quand'eu hum dia fuy em Compostela
em romaria vi hunha pastor,
que poys fuy nado nunca vi tam bela,
nem vy a outra que falasse milhor,
e demandi-lhe log'o seu amor,
e fiz por ela esta pastorela.
Dix'eu logo: Fremosa poncela,
queredes vós mim por entendedor,
que vos darey boas toucas d'Estela
e boas cintas de Rrocamador,
e d'outras doas a vosso sabor,
e fremoso pano pera gonella.
E ela disse: «Eu nom vos queria
por entendedor ca nunca vos vi
se nom agora, nen vos filharia
doas que sey que nom som pera mi;
pero cuid'eu sse as filhass'assy
que tal ha no mundo a quem pesaria.
E se veess'outra que lhi diria
sse me dissesse: Ca per vós perdi
meu amigu'e doas que me tragia;
eu nom sey rem que lhi dissess'aly,
se nom foss'esto de que me temi
nom vos dig'ora que o nom faria.»
Dix'eu: Pastor, sêdes bem razoada,
e pero creede se vos nom pesar,
que nom est oj'outra no mundo nada
se vós non sedes, que eu sabbia amar,
e por aquesto vos venho rogar
que eu seja voss'ome esta vegada.
E diss'ela, como bem ensinada:
«Por entendedor vos quero filhar,
e pois for a romaria acabada
aqui d'u som natural do mar
cuido se me queredes levar
ir-m'ey vosqu'e fico vossa pagada.»

690

Dom João en gran cordura
moveu a min preytesia
de partiçom n'outro dia,
mais fuy de mala ventura
porque com el nom party
que penas veyras prendi.
Podéra seer cobrado
por hũu muy gram tempo fero
se dissesse: partir quero;
mais enganou-m'o pecado,
porque com el nom party
que penas veyras prendi.
Que panos perdi de peso
e outros bem bastoados
que m'aviam já mandados,
mays foy homem mal a preso,
porque com el nom party
que penas veyras prendi.

AYRAS PAEZ, jograr

691

Dix'eu pela terra, senhor, cá vos amey,
e de todalas coytas a vossa mayor ey;
e sempr'eu namorado
ey a viver coytado.
Dix'eu pela terra, que vus amey, *senhor*
e de todalas coytas a voss'ey mayor;
e sempr'eu namorado
ey a viver coytado.
E de todalas coitas a vossa mayor ey,
e nom dorm'a noyte, o dia peyor ey;
e sempr'eu namorado
ey a viver coytado.
E de todalas coitas a vossa ey mayor,
e nom dorm'a noyt'e o dia ey peyor;
e sempr'eu namorado
ey a viver coytado.

692

Mayor guarda vos derom ca soyam, senhor,
e vyv'eu mays penado por vós e ey mayor
coyta, que nom cuyd'a guarir;
senhor, se vos guardarem e vos eu nom vir
nom cuyd'um dia mays a guarir.
Se vós soubessedes a coita que ei mayor
mui gram doo averiades de mi senhor,
ca nom poss'eu sem vós guarir;
senhor, se vos guardarem e vos eu nom vir
nom cuyd'um dia mays a guarir.

LOURENÇO, jograr

693

Senhor fremosa, oy eu dizer
que vos levarom d'u vos eu leixei
e d'u os meus olhos de vós quytei,
aquel dia fora bem de morrer
eu, e nom jur'a tam gram pesar
qual mi deos quis de vós mostrar.
Porque vos forom, mha senhor, casar
e nom ousastes vós dizer ca nom,

por en senhor, assy deus mi perdon',
mays mi valera já de me matar
eu, e nom jur'a tam gram pesar
qual mi deos quis de vós mostrar.

JOHAM BAVECA

694

Meus amigus, nom poss'eu mais negar
o mui gram bem que quer'a mha senhor,
que lh'o nom diga poys ant'ela for,
e des oy mays me quer'aventurar
a lh'o dizer, e poys que lh'o disser
mate-m'ela se me matar quiser.
Ca per boa fé sempre m'eu guardey
quant'eu pudi de lhi pesar fazer;
mays como quer, hũa mort'ey d'aver
e com gram pavor aventurar provey
a lh'o dizer, e poys que lh'o disser
mate-m'ela se me matar quiser.
Ca nunca eu tamanha coita vi
levar a outr'ome per boa fé
com'eu levo, mays poys que assy é
aventurar-me quero des aqui
a dizer-lh'e, poys que lh'o disser
mate-m'ela se me matar quizer.

695

Cuydara eu a mha senhor dizer
e mui gram bem que lhi quer', e pavor
ouvi d'estar com ela mui peor
ca estava, e nom lh'ousey dizer
de quanta coita por ela sofri,
nem do gram bem que lhe quis poyl-a vi.
E nom cuydei aver de nulha rem
med'e por esto m'esforcei entom
e fui ant'ela, se deus mi perdon',
por lh'o dizer, mays nom lh'y dixi rem;
de quanta coita por ela sofri,
nem do gram bem que lhe quis poyl-a vi.
Bem esforçado fui por lhi falar
na mui gram coita que por ela ei
e fui ant'ela, estiv'e cuydei
e catey-a, mays nom lh'ousey falar
de quanta coita por ela sofri,
nem do gram bem que lhi quis poyl-a vi
E quer'e querrey sempre des aqui.

696

Hu vos nom vejo, senhor, sol poder
nom ei de mi, nem rem sey conselhar,
nem ey sabor de mi er qu' em cuydar
em como vos poderia veer;
e poys vos vejo, mayor coyta ey
que ant'avya, senhor, porque m'ei
End'a partir; e quem vyu nunca tal
coita sofrer qual eu sofro, ca sen
perc'e dormir, e tod'esto m'avem
por vos veer, senhor, e nom por al;
e poys vos vejo, mayor coyta ey
que ant'avya, senhor por que m'ei
End'a partir; e por en sei que nom
perderey coyta mentr'eu vyvo for,
ca hu vos eu nom vejo, mha senhor,
por vos veer perc'este coraçom;
e poys vos vejo, mayor coyta ey
qual ant'avya, senhor, porque m'ei
End'a partir, mha senhor, e bem sei
que d'uma d'estas coytas morrerey.

697

Mui desguisado tenho d'aver bem,
em quant'eu ja en o mundo viver
ey tal coyta, qual sofro, a sofrer
ca vos direy, amigus, que m'avem:
cada que cuyd'estar de mha senhor
bem, estou mal, e quando mal peor.
E por aquesto, se deus mi perdon',
entendo já que nunca perderey
a mayor coyta do mundo que ey,
e quero logo dizer por que nom:
cada que cuyd'estar de mha senhor
bem, estou mal, e quando mal peor.
E por aquesto ja bem fis entom
d'aver gram coyta no mund'e nom al,
e d'aver sempr'em logar de bem mal,
ca vos direy como xi me guysou,
cada que cuyd'estar de mha senhor
bem, estou mal, e quando mal peor.
E per aquesto sofr'eu a maor
coita de quantas fez sofrer amor.

698

Muytus dizem que gram coyta d'amor
os faz em mays de mil guysas cuydar,
e devo m'eu d'esta maravilhar
que por vós moyr'e non cuydo, senhor,
se nom em como parecedes bem,
desy em como averey de vós bem.
E se oj'ome ha cuydados, bem sey
se per coita d'amor am de seer,
que eu devia cuydados aver
pero, senhor, nunca em al cuydei
se nom em como parecedes bem,
desy em como averey de vós bem.
Ca m'é coyta voss'amor assy
que nunca dormi, se deus mi perdon',
e cuydo sempre no meu coraçom
pero nom cuyd'al des que vós vi,
senom em como parecedes bem,
des y en como averey de vós bem.
E d'amor sey que nulh'omem nom tem
em mayor coyta ca mim por vos vem.

699

Os que nom amam, nem sabem d'amor
fazen perder aos que amor am,
vedes porque, quand'ant'as donas vam
juram que morrem por elas d'amor;
e elas sabem poys que nom é'ssy
e por esto perc'eu e os que bem
lealmente amam, segundo meu sen.
Ca se elas soubessem os que am
bem verdadeyramente grand'amor
d'alguem, sse doeria ssa senhor;
mays por aqueles que o jurad'am
cuydam-ss'elas que todas taes som,
e por esto perc'eu e os que bem
lealmente amam, segundo meu sen.
E aqueles que ja medo nom am
que lhis faça coyta sofrer amor,
veem ant'elas e juram melhor
ou tambem como os que amor am
e elas nom sabem quaes creer;
e por esto perc'eu e os que bem
lealmente amam, segundo meu sen.
E os bem desemparados d'amor
juram que morrem com amor que am
seend'ant'elas, e mentem de pram,
mays quand'ar veem os que am amor
ja elas cuydam que veem mentir;
e por esto perc'eu e os que bem
lealmente amam, segundo meu sen.

700

Senhor, por vós ey as coytas que ey,
e per amor que mi vos fez amar,
ca el sem vós nom m'as poderá dar
nem vós sem el, e por esto nom sey
se me devo de vós queyxar, senhor,
mays d'estas coytas que ei, se d'amor.
Ca muytus vej'a que ouço dizer
que d'amor vivem coytados, nom d'al
ca mi d'el e de vós me vem mal,
e por aquesto nom poss'entender
se me devo de vós queixar, senhor,
mays d'estas coytas que ei, se d'amor.
Pero amor nunca me coyta deu
nem mi fez mal, senom des que vos vi
nem vós de rem, se ant'el nom foy hi,
e por estas razões nom sey
se me devo de vós queixar, senhor,
mays d'estas coytas que ey, se d'amor.
E por deus, fazede-me sabedor
se m'ey de vós queixar, se d'amor.

GALISTEO FERNANDES

701

Dizem-m'ora que nulha rem nom sey
d'ome coytado de coyta d'amor,
e d'esta coyta soo sabedor
por aquesto que vos ora direy,
pela mha coita entend'eu mui bem
a quem ha coyta d'amor e que lh'avem.
E desejos e mui pouco prazer,
ca assy fiz eu mui gram sazom a já
por huã dona que mi coita dá,
e por aquesto vos venho dizer
pela mha coita entend'eu mui bem
a quem ha coyta d'amor, e que lh'avem
....
....
....

702

Teem-m'em tal coita, que nunca vi
hom'em tal coyta, pero que o preyt estê
que lhis diga por quem trob'e quem é;
e, meus amigos, digo-lhis assy:
é mha senhor e parece mui bem.
Preguntam-me, e nom sey eu qual razom
que lhis diga quem est a que loey
em meu trobar sempre quando trobey;
e digo-lhis eu, se deus mi perdon';
é mha senhor e parece mui bem.
Porque nom quer, ca se lhi prouguess'en
nom mi verria quanto mal mi vem.

LOPO jograr

703

Eu muy coytado nom acho razom
per que possa hir hu é mha senhor,
e pero que m'ey d'hir hi gram sabor
sol nom vou hy, e a mui gram sazom
que nom fuy hy, e por esto m'avem
por nom saberem a quem quero bem.
E nom acho eu razom e por est' é
porque m'ey de guardar e de temer
de m'o saberem, mays pola veer
moyr'e gram temp'ha ja per boa fé
que nom fuy hi, e por esto m'avem
por nom saberem a quem quero bem.
Por esto nom poss'eu razom achar
como a veja, nem sey que fazer,
e valer-m'ia mui mays en morrer
poys que tam muyt'a já, si deus m'empar',
que nom fuy hi, e por esto m'avem
por nom saberem a quem quero bem.
Nem saberám, mentr'eu aqueste sen
ouver, que ey, por mim que quero bem.

704

Par deus, senhor, muyt'aguisad'ey
des quando m'ora eu de vós quitar
de vos veer muy tard'a meu cuydar
por hunha rem que vos ora direy,

ca nom será tam pequena sazom
que sem vós more, se deus mi perdon',
que mi nom seja muy grand'e o sey.
E, mha senhor, nunca cedo verrey
hu vos veja des que m'ora partir
de vós, mha senhor, e vos eu non vir,
mays com tal coyta como vyverey
ca se hũ dia tardar hu eu for
e hu vos nom vir bem terrey, mha senhor,
que a hum, e nom mays que a lá tardey.
E, mha senhor, porque me coitarey,
de viir cedo, poys-mi prol non a,
ca se veer logo tard'i será
e por esto nunca ced'acharey
ca se hum dia em menos meter
que vos nom veja, logu'ey de teer
que ha mill dias que sen vós morey.

705

Bem vej'eu que dizia mha senhor
gram verdade no que mi foy dizer,
ca já eu d'ela querria aver
esto terria-lh'o por grand'amor,
que sol quysesse comigo falar
e quytar-lh'ia de lh'al demandar.
E bem entendo que baratey mal
do que lhe foy dizer, ca des entom
non falou migo, se deus mi perdon',
e tanto mi fezess'oje e nom al
que sol quysesse comigo falar
e quytar-lh'ia de lh'al demandar.
E bem entendo que fiz folia,
e dizem verdade per huã rem:
do que muyto quer a pouco devém;
a tal foy eu, ca ja filharia
que sol quisesse comigo falar
e quitar-lh'ia de lh'al demandar.

LOURENÇO jograr

706

Estes, com que eu venho, preguntei
quant'ha que vehemos, per boa fé,
d'essa terra hu mha senhor é,
mays dizem m'o que lhis nom creerey,
dizem que mays d'oyto dias nom ha,
e a mi é que mays d'un an'y ha.
Mays de pram nom lhe-lo poss'eu creer
aos que dizem que tam pouc'ha hy
que m'eu d'u est a mha senhor parti;
mays que mi querem creente fazer,
dizem que mays d'oyto dias nom ha
e a mi é que mays d'um an'y ha.
Mentr'eu morar hu nom vir a mha senhor
se m'oyto dias tant'am a durar
mays me valrria logu'em me matar
se m'oyto dias tam gram sazom for;
dizem que mays d'oyto dias nom ha
e a mi é que mays d'un an'y ha.
E se mays d'oyto dias nom som
que de mha senhor foy alongado,
forte preyto tenho começado
poys m'oyto dias foy tam gram sazom.

JOHAM jograr, morador em Leom

707

A sa vida seja muyta
d'este rey de Portugal,
que cada ano m'ha por fruyt'a
per o que eu canto mal;
e al vou muy confortado
da mercê que m'el faz,
el he rey acabado
et eu soõ muy maao rapaz.
Os rex mouros, christãos
mentre viver lh'ajam medo,
que el ha muy bem as mãaos,
et o infante dom Pedro,
seu filho, que s'aventura
a hũ grand'usso matar,
et desi et sempre cura
d'el rey seu padre guardar.
E al do Conde falemos
que he irmão tio d'el-rey
et muyto bem d'el diremos
segundo como apensey;
se fosse seu o thesouro
que el-rey de França tem
tambem prata como ouro,
daria todo a sseu sen.

708

Os namorados que trobam d'amor
todos deviam gram doo fazer,
et nom tomar em si nenhum prazer,
porque perderom tam boo senhor
com'é el-rey Dom Denis de Portugal,
de que nom pode dizer nenhum mal
homem, pero seja profaçador.
Os trobadores que poys ficárom
en o seu regno et no de Leon,
no de Castela, no d'Aragon
nunca poys de sa morte trobarom;
et dos jograres vos quero dizer
nunca cobrarom panos nem aver,
et o seu bem muyto desejarom.
Os cavaleiros e cidadãos
que d'este rey aviam dinheiros,
et outro si donas et escudeyros
matar-se deviam con sas mãoos,
porque perderom a tam boo senhor,
de que eu posso en bem dizer sem pavor
que nom ficou d'al nos christãos.
E mays vos quero dizer d'este rey
et dos que d'el avyam bem fazer,
deviam-se d'este mundo a perder

quand'ele morreu, per quant'eu vi et sey;
ca el foy rey á fame muy prestador
et saboroso, e d'amor trobador,
tod'o seu bem dizer nom poderey.
Mays tanto me quero confortar
em seu neto, que o vay semelhar
em fazer feitos de muy sabeo rey.

PERO DE DARDIA

709

Sanhudo m'é meu amigu'e nom sey,
deul-o sabe porque xi m'assanhou,
ca toda rem que m'el a mi mandou
fazer, fig'eu, e nunca lh'errey;
e por aquesto nom tenh'eu em rem
sanha, que sey onde mi verrá bem.
Tam sanhudo nom m'é, se m'eu quiser
que muyt'alhur sem mi possa viver,
e en soberva lh'o quer'eu meter
que o faça se o fazer podér;
e por aquesto nom tenh'eu em rem
sanha, que sey onde mi verrá bem.
E des que eu de mandado sayr
nom se pode meu amigo guardar
que me nom aja poys muyt'a rogar,
polo que m'agora nom quer gracir;
e por aquesto nom tenho eu em rem
sanha, que sey onde mi verrá bem.
Quando-m'el vir em Santa Marta estar
muy fremosa, meu amigo, bem olh'eu,
querrá falar migo, e nom querrey eu,
entom me cuydo bem d'el a vingar;
e por aquesto nom tenho eu em rem
sanha, que sey onde mi verrá bem.

710

Jurava-m'o meu amigo
quand'el falava comigo,
que nunc'alhur viveria
sem mi; e nom mi querria
tam gram bem como dizia.
Foy hũ dia polo veer
a Santa Marta, em a er
hu m'el jurou que morria
por mi, mays nom mi querria
tam gram bem como dizia.
Se m'el desejasse tanto
como dizia logo ant'o
tempo que disse, verria,
mays sey que me nom querria
tam gram bem como dizia.
Pode el tardar quanto quiser
mays perjurar quando veher,
ja ho lh'eu nom creeria,
ca sey que mi nom queria
tam gram bem como dizia.
Ay fals'é porque mentia
quando mi bem nom queria.

711

Deul-o sabe, coytada, vivo mays cá soya,
ca se foy meu amigo, e bem vi quando s'ya
cá se perderia migo.
E dissera-lh'eu ante que se de min quitasse
que sse vehesse çedo e sse a lá tardasse
cá se perderia migo.
E dissera-lh'eu ante que se de mi partisse,
que se muyto quisesse viver hu me nom visse
cá se perderia migo.

712

Assanhou-s'o meu amigo
a mi, porque nom guysei
como falasse comigo,
deus lo sabe, nom ousey;
e por en se quiser ande
sanhudo e nom m'o demande;
quant'el quiser a tant'ande
sanhud'e nom me demande.
Envyar quer'eu, velida,
a meu amigo que seja
em Santa Marta na ermida
migo led', e hy me veja
se quiser, e senom ande
sanhud'e nom me demande.
Depoyl o tiv'eu guisado
que s'el foy d'aqui sanhudo,
e atendi seu mandado
e nom o vi, e perdudo
é comigo, e a lá x'ande
sanhud'e nom me demande.
Sey que nom sabe a mha manha
poys que m'enviar nom quer
mandadeyro, xi m'assanha
ca verrá se m'eu quiser;
mays nom quer'eu, e el ande
sanhud'e nom me demande.

713

Foy-s'o meu amigo d'aqui
sanhudo, porque o nom vi
e pesar-m'ha, mays oy
hum verv'antiguo, de mi bem
verdadeyr', e ca diz assy:
quem leve vay, leve x'ar vem.

PERO MENDES DA FONSECA

714

Par deus, senhor, quero-m'eu hir
e venho-mi vos espedir,
e que aja que vos gracir

creede-m'ora hunha rem,
cá me quero de vós partir,
mays nom de vos querer gram bem.
Des aquel dia em que naci
nunca tamanho pesar vi
com'ei de me partir d'aqui
onde vos fuy veer;
e parto-m'end'agora assy
mays nom de vos gram bem querer.
Agora já me partirey
de vós, senhor, que sempr'amey;
e creede m'o que vos direy,
que nunca vy mayor pesar
de me partir, e partir-m'ey
de vós, mays nom de vos amar.

715

Senhor fremosa, vou-m'alhur morar,
per boa fé, muyt'a pesar de mi,
porque vos pesa de viver aqui;
poren faç'eu dereyt'em mi pesar
qu'é grave coyta, senhor, d'endurar
quando vos vej'e nom posso guarir
de mays aver-me de vós a partir.
Vej'eu, senhor, que vos faç'i prazer,
mays faz a mi mui gram pesar por en
viver sem vós, ay meu lum'e meu bem;
pero nom sey como possa seer
qu'é grave coyta, senhor, de sofrer
quando vos vej'e nom posso guarir
de mays aver-me de vós a partir.
Já mi de vós expederey
atá que dês vos meta em coraçom
que me queirades saber a razom;
pero sey ben que pouco vyverey,
que grave cousa que de sofrer ey
onde vos vej'e nom posso guarir
de mays aver-me de vós a partir.

716

Senhor, que forte coraçom
vos deus sempre contra mi deu,
que tanto mal sofr'este meu
por vós de pram, ca por al nom;
poys mhas coytas prazer vos som,
em grave dia vos eu vi,
que vos nom doedes de mi.
Doo deviades aver
de min, senhor, per boa fé,
poys quanto mal ey, per vós é
e veerdes-m'assy morrer;
poys vos mhas coytas som prazer,
em grave dia vos eu vi,
que vos nom doedes de mi.

717

Sazom sey eu que nom ousey dizer
o mui gram bem que quer'a mha senhor,
ca me temia de seu desamor,
e ora já nom ey rem que temer;
ca já m'ela mayor mal nom fará
do que mi fez, per quanto poderá
ca já hy fezo todo seu poder.
Per boa fé n'aquella sazom
dizer temia quanto xi direy
ca nom ousava, mays já ousarey
e des oy mays, quer se queixe, quer nom;
e quer se queixe, nom mi pode dar
mayor afam, nem já mayor pesar
nem mayor coita no meu coraçom
Ca já mi deu, porque perdi o sen
e os meus olhos prazer e dormir,
pero sempr'eu punhey de a servir
como se fosse tod'este mal bem;
e servirey emquant'eu vivo for
ca nom ey d'outra rem tam gram sabor,
pero lhi praz de quanto mal mi vem.

718

Senhor de mi e d'estes olhos meus,
gram coyta sofro por vós, e sofri
e per amor que ajuda muyt'i,
e nom mi val el y nem vós, mays deos
se mi der mort'ey que lhi gradecer,
ca viv'em coyta, poys ey a morrer.
Per esta coyta perdi já o sen,
e vós mesura contra mi, e sey
que per amor e quanto mal eu ey
por vós, senhor, mays deus ora poren
se mi der mort'ey que lhi gradecer,
ca viv'em coyta, poys ey a morrer.
Ca eu bem vejo de vós e d'amor,
qual mays podér que mays mal mi fará,
e bem entendo mha fazenda já
como mi vay, poren nostro senhor
se mi der mort'ey que lhi gradecer,
ca viv'em coyta, poys ey a morrer.

NUNO PORCO

719

Hirey a lo mar veel-o meu amigo,
preguntal-o-ey se querrá viver migo;
e vou-m'eu namorada.
Hirey a lo mar veel-o meu amado,
preguntal-o-ey se fará meu mandado;
e vou-m'eu namorada.
Preguntal-o-ey porque nom vyve migo,
e direy-lh'a coyt'em que por el vyvo;
e vou-m'eu namorada.
Preguntal-o-ey porque m'a despagado
e ssi m'assanhou a tort'endoado;
e vou-m'eu namorada.

PERO DE VEER

720

Ay deus, que doo que eu de mi ey,
porque se foy meu amigu'e fiquey
pequena e d'el namorada.
Quando s'el ouve de Juilham a hir
fiquey, fremosa, por vos nom mentir,
pequena e d'el namorada.
Aly ouv'eu de mha morte pavor
hu eu fiquey mui coitada pastor,
pequena e d'el namorada.

721

Assanhey-me-vos, amigo, n'outro dia
mays bem o sab'ora Santa Maria,
que nom foy por vosso mal
per boa fé, meu amigo, foy por al.

722

A Santa Maria fiz hir meu amigo
e nom lh'atendi o que poz comigo;
con el me perdi
porque lhi menti.
Fiz hir meu amigo a Santa Maria,
e nom foi eu hy com el aquel dia;
con el me perdi
porque lhi menti.

723

Do meu amig', a que eu quero bem,
guardam-me d'el e nom ouso per rem
a santa Maria hir
poys.........
Guardam-me d'el, e que o nom veja,
e nom me leixam, per rem que seja,
a santa Maria hir
poys.........
Que o nom visse macar quisesse,
poren guisarom que nom podesse
a santa Maria hir
poys.........
Nem o viss'eu, nem o tant'amasse,
poys mi deus deu quem me nom leixasse
a santa Maria hir
poys.........
Des que o vi em Juilham hum dia
já me nom leixam como soya
a santa Maria hir
poys.........

724

Assanhey-me-vos, amigo,
per boa fé com sandece,
como se molher assanha
a quem lh'o nunca merece;
mays se mi vos assanhey
desassanhar-mi-vos ey.

725

—Vejo-vos, filha, tam de coraçom
chorar tam muyto que ey eu pesar,
e venho-vos por esto preguntar
que mi digades, se deus vos perdon',
porque m'andades tam triste chorando?
«Nom poss'eu madre sempr'andar cantando.
—Nom vos vej'eu, filha, sempre cantar
mays chorar muyt'e com que por en
algum amigo queredes gram bem;
e venho-vos por esto preguntar:
porque m'andades tam triste chorando?
«Nom poss'eu madre sempr'andar cantando.

BERNAL DE BONAVAL

726

Fremosas, a deus grado tam bom dia comigo
ca novas mi disserom ca vem o meu amigo;
ca vem o meu amigo
e tam bom dia migo.
Tam bom dia migo fremosas a deus grado,
ca novas mi disserom ca vem o meu amado;
e fremosas, a deus grado
ca vem o meu amado.
Ca novas mi disserom que vem o meu amigo,
e and'end'eu mui leda poys tal mandad'ey migo;
poys tal mandad'ey migo
que vem o meu amigo.
Ca novas mi disserom ca vem o meu amado
e and'eu mui leda poys migu'é tal mandado;
poys migu'é tal mandado
ca vem o meu amado.

727

Quero-vos eu, mha irmana, roguar
por meu amigu'e quero-vos dizer
que vos non pés' de m'el viir veer,
e ar quero-vos d'el desenganar:
se vos prouguer con el gracir-vol-o-ey,
e se vos pesar nom o leixarey.
Se veher meu amigu' e vos for bem
com el, fiar-m'ei mays em voss'amor
e sempre m'eu d'averdes melhor,
e ar quero-vos dizer outra rem:
se vos prouguer com el gracir-vol-o-ey,
e se vos pesar nom o leixarey.
Quando veher meu amigo, cousir
vos ei, se me queredes bem se mal,
e, mha irmana, direy-vos logu'al
ca nom vos quero meu cór encobrir,
se vos prouguer com el gracir-vol-o-ey,
e se vos pesar nom o leixarey.

728

— Ay fremosinha, se bem ajades,
longi de vila quem asperades?
«Vim atender meu amigo.
— Ay fremosinha, se grado edes,
longi de vila quem atendedes?
«Vim atender meu amigo.
— Longi de vila que asperades?
«Direy-vol-eu poys me preguntades,
vim atender meu amigo.
—Longi de vila que atendedes?
«Direy-vol-eu poyl-o nom sabedes,
vim atender meu amigo.

729

Poys mi dizedes, amigo
ca mi queredes vós melhor
de quantas em o mundo som,
dizede, por nostro senhor,
se mi vós queredes gram bem,
e como vós podedes d'aquem.
E poys dizedes ca poder
nom avedes d'al tant'amar
como mim, ay meu amigo,
dizede, se deus vos ampar'
se mi vós queredes gram bem,
e como vós podedes d'aquem.
E poys vos eu ouço dizer
ca nom amades tam muyt'a mal
como mi, dized'amigo,
se deus vos lev'a Bonaval,
se mi vós queredes gram bem,
e como vós podedes d'aquem.
Porque oy sempre dizer
d'u home muyt'amou molher
que se non podia end'ir;
pesar-m'ha se eu nom souber
se mi vós queredes gram bem,
e como vós podedes d'aquem.

730

Se vehess'o meu amigo a Bonaval e me visse
vedes como lh'eu diria ante que m'eu partisse:
se vos fordes nom tardedes
tam muyto como soedes;
diria-lh'eu non tardedes
amigo, como soedes.
Diria-lh'eu: m'amigo, se vós a mĩ muyt'amades
fazede por mi a tanto q̃ per boa ventura ajades
se vos fordes nom tardedes
tam muyto como soedes;
diria-lh'eu nom tardedes,
amigo, como soedes.
Que leda que eu seria se vehess'el falar migo,
e ao partir da fala, diria-lh'eu: meu amigo
se vos fordes non tardedes
tam muyto como soedes;
diria-lh'eu, non tardedes
amigo como soedes.

731

Diss'a fremosa em Bonaval assy:
ay deus, hu é meu amigo d'aqui
de Bonaval.
Cuyd'eu coytad'en o seu coraçom,
porque nom foy migo na sagraçom
de Bonaval.
Poys eu migo seu mandado nom ey,
já m'eu led'a partir nom poderey
de Bonaval.
Poys m'aqui seu mandado nom chegou,
muyto vim eu mays leda ca me vou
de Bonaval.

732

Rogar-vos quer'eu, mha madre, mha senhor,
que mi nom digades oje mal
se eu for a Bonaval,
poys meu amigo nom vem.
Se vos nom pesar, mha madre, rogar-vos-ey
por deus, que mi nom digades mal
e hirey a Bonaval,
poys meu amigo nom vem.

733

Filha fremosa, vedes que vos digo,
que non falades do voss'amigo
sem mi, ay filha fremosa.
E se vós, filha, meu amor queredes,
rogo-vos eu que nunca lhi faledes
sem mi, ay filha fremosa.
E al ha hi de que vos non guardades,
perdedes hi de quanto lhi non falades
sem mi, ay filha fremosa.

JOHAM SERVANDO

734

Quand'eu a San Servando fuy um dia d'aqui
fazel-a romaria, e meu amigu'i vi,
direy-vos com verdade quant'eu d'el entendi:
Muyto venho pagada
de quanto lhi faley;
mays a-m'el namorada
que nunca lhi guarrey.
Que bona romaria con meu amigo fiz!
ca lhi dix', a deus grado, quanto lh'eu dizer quix
e dixi-lh'o gram torto que sempre d'el prix.
Muyto venho pagada
per quanto lhi faley;
mays a-m'el namorada
que nunca lhi guarrey.
Hu el falou comigo, disse-m'esta razon

por deus que lhi faria? e dixi-lh'eu entom:
averey de vós doo no meu coraçom.
Muyto venho pagada
de quanto lhi faley;
mays a-m'el namorada
que nunca lhi guarrey.
Nunca m'eu d'esta hida acharey se nõ ben,
ca dix'a meu amigo a coyta'n que me tem
o seu amor e cuydo que vay ledo por en.
Muyto venho pagada
de quanto lhi faley;
mays a-m'el namorada
que nunca lhi guarrey.

735

Hir-se quer o meu amigo,
nom me sey eu d'el vingar,
e pero mal está migo
se me lh'eu ant'assanhar:
quando m'el sanhuda vir
nom s'ousará d'aquem d'ir.
Hir-se quer el d'aqui cedo
por mi non fazer companha,
mays pero que non a medo
de lhi mal fazer mha sanha;
quando m'el sanhuda vir
nom s'ousará d'aquem d'ir.
Foy el fazer n'outro dia
oraçom a Sam Servando
por ss'yr já d'aqui sa vya;
mays se m'eu for assanhando
quanto m'el sanhuda vir
nom s'ousará d'aquem d'ir.

736

A San Servand'en oraçom
foy m'eu amigu'e por que nom
foy eu, chorarom des entom
estes meus olhos com pesar,
e non os poss'end'eu quytar
estes meus olhos de chorar.
Poys que ss'agora foy d'aqui
o meu amigu'e o non vi
filharom-ss'a chorar des y
estes meus olhos com pesar,
e nom os poss'end'eu quytar
estes meus olhos de chorar

737

A San Servando foy meu amigo,
e porque non veo falar migo
direy-o a deus,
e chorarey dos olhos meus.
Se o i vir, madre, serey cobrada
e porque me teendes guardada?
direy-o a deus,
e chorarey dos olhos meus.
E se m'el nom vir será por mi morto,
mays porque m'el fez tam gram torto,
direy-o a deus,
e chorarei d'estes olhos meus.

738 (VID. 749)

Ora van a San Servando
donas fazer romaria,
e nom me leixam com ellas
hir, ca log'a lá hiria
porque vem hy meu amigo.
Se eu foss'en tal companha
de donas, fôra guarida;
mays nom quis oje mha madre
que fezess'end'eu a hida,
porque vem hi meu amigo.
Tal romaria de donas
vay a lá que nom a par!
e fora oj'eu con elas,
mays nom me querem leixar,
porque vem hi meu amigo.
Nunca me mha madre veja,
se d'ela non for vingada,
porque oj'a San Servando
nom vou, e me tem guardada,
porque vem hi meu amigo.

739

A San Servand'u ora vam todas orar,
madre velida, por deus vin-vol-o roguar:
que me leixedes a lá hir
a San Servand', e se o meu amigu'o vir
leda serey por non mentir.
Poys mi dizem do meu amigo ca hi ven,
madre velida e senhor, faredes ben
que me leixedes a lá hir
a San Servand'; e se o meu amigu'o vir
leda serey, por non mentir.
Poys todas hi van de grado oraçom fazer,
madre velida, por deus, venho-vol-o dizer
que me leixedes a lá hir
a San Servand'; e se o meu amigu'o vir,
leda serey por nom mentir.

740

Se meu amig'a San Servando for,
e lh'o deus aguysa polo seu amor,
d'y lo quer'eu, madre, veer!
E sse eu for, como me demandou
a San Servando hu m'outra vez buscou,
d'y lo quer'eu, madre, veer.
O meu amigo, que mi vós tolhedes,
pero m'agora por el mal dizedes,
d'y lo quer'eu, madre, veer.

741

Mha madre velida! e nom me guardedes
d'ir a San Servando; ca se o fazedes
morrerey d'amores!
E nom me guardedes, se bem ajades,
d'ir a San Servando; ca se me guardades
morrerey d'amores!
E sse me non guardades d'a tal perfia
d'ir a San Servando fazer romaria,
morrerey d'amores!
E sse me vós guardades, eu ben vol-o digo,
d'ir a San Servando veer meu amigo,
morrerey d'amores!

742

Trist'and'eu, velida, e ben vol-o digo,
porque mi nom leixam veer meu amigo;
podem-m'agora guardar,
mays nom me partirám de o amar.
Pero me ferirom por el n'outro dia,
fui a San Servando *ver* se o veria;
podem-m'agora guardar,
mays nom me partirám de o amar.
E pero m'aguardam que o nom veja,
esto nom pode seer per rem que seja;
podem-m'agora guardar,
mays nom me partirám de o amar.
E muyto me podem guardar,
e nom me partirám de o amar.

743

Foy-ss'agora meu amigu'e por en
a-mi jurado que polo meu bem
me quis e quer mui melhor d'outra rem;
mays eu ben creo que non est assy,
ante cuyd'eu que moyra el por mi
e eu por el, em tal ora o vi.
Quando sse foy, vyu-me triste cuydar,
e logo disse por me non pesar,
que por meu bem m'a sempre tant'amar;
mays eu bem creo que non est assy,
ante cuyd'eu que moyra el por mi
e eu por el, en tal ora o vi.
Aquel dia que sse foy mi jurou
que por meu bem me sempre tant'amou
e amará, poys migo começou;
mays eu bem creo que non est assy,
ante cuyd'eu que moyra el por mi
e eu por el, en tal ora o vi.
Par San Servando! sey que será assy
de morrer eu por el, e el por mi.

744

Fuy eu a San Servando por veer meu amigo
e non o vi na ermida, nem falou el comigo,
namorada!
Disserom-mi mandado de que muyto desejo
ca verria a San Servando, e poys eu non o vejo,
namorada!

745

Diz meu amigo que lhi faça ben,
mays nom mi diz o bem que quer de min;
eu por bem tenho de que lh'aqui vin
pol-o veer, mays el assy non tem;
mays se soubess'eu qual ben el querria
aver de min, assi lh'o guysaria.
Pede-m'el bem, quant'ha que o vi eu,
e non mi diz o bem quer aver
de min; e tenh'eu que do veer
he muy gram bem, e el non ten'assy;
mays se soubess'eu qual ben el querria
aver de min, assi lh'o guysaria.
Pede-m'el bem, non sey en qual razon;
pero non mi dij'o ben que querrá
de min; e tenh'eu oy que o vi já
que lh'é gram ben, e el ten que non;
mays soubess'eu qual ben el querria
aver de min, assi lh'o guysaria.
Par San Servand'! assanhar-m'ey hun dia,
se m'el non diz qual ben de mi querria.

746

Filha, o que queredes ben
partiu-ss'agora d'aquen
e non vos quiso veer;
e hides vós bem querer
a quem vos nom quer veer?
Filha, que mal baratades,
que o sem meu grad'amades,
poys que vus nom quer veer!
e hides vós bem querer
a quem vus nom quer veer?
Por esto lhe quer'eu mal,
mha filha, e nom por al:
porque vos non quis veer;
e hides vós bem quérer
a quem vos non quer veer?
Andades por el chorando,
e foy ora a San Servando
e nom vus quiso veer;
e hides vós bem querer
a quem vus nom quer veer?

747

Disserom-mi cá se queria hir
o meu amigo, porque me ferir,
quiso mha madre; se m'ante non vyr
achar-s'ha end'el mal, se eu podér,
se ora for sem meu grad'u hir quer,
achar-s'-a end'el mal, se eu poder.
Torto mi fez quem m'agora mentiu;
a veer-m'ouve, pero non me vyu,
e porque m'el de mandado sayu,

achar-s'ha end'el mal, se eu poder,
se ora for sem meu grad'u hir quer,
achar-s'-a end'el mal se eu poder.
El me rogou que lhi quisesse bem,
e rogo a deus que lhi dia por en
coytas d'amor; et pois s'el foi d'aquem
achar-s'-a end'el mal, se eu poder,
se ora for sem meu grad'u hir quer,
achar-s'-a end'el mal se eu poder.
A San Servando foy en oraçon
en que o visse, non foy el enton,
e por a tanto, se deus mi perdon',
achar-s'-a end'el mal se eu poder,
se ora for sem meu grad'u hir quer,
achar-s'-a end'el mal, se eu poder.

748

O meu amigo, que me faz viver
trist'e coytada des que o eu vi,
esto sey ben que morrerá por mi,
e poys eu logo por el ar morrer,
maravilhar-ss'am todos d'atal fim,
quand'eu morrer por el e el por min.
Vyvo coitada, par nostro senhor!
por meu amigo que me nom querrá
valer; e sey eu que morrerá;
mays poys eu logo por el morta for,
maravilhar-ss'am todos d'atal fin
quand'eu morrer por el e el por min.
Sabe mui ben que non ade guarir
o meu amigo, que mi faz pesar;
cá morrerá, non o meto eu en cuydar,
por mi, e poys m'eu por el morrer vir
maravilhar-ss'am todos d'atal fin
quand'eu morrer por el e el por min.
Por San Servando, que eu rogar vin,
nom morrerá meu amigo por min.

749

Donas vam a San Servando,
muytas oj'em romaria,
mays non quis oje mha madre
que foss'eu hy este dia,
porque ven hy meu amigo!
Se eu foss'en tal companha
de donas, fora guarida;
mays non quis oje mha madre
que end'eu fezesse a hida,
porque vem hy meu amigo!
A tal companha de donas
vay a lá, que non ha par,
e fora-m'eu oje com elas,
mays non me querem leixar,
porque vem hi meu amigo.

750

Ir vos queredes, amigo,
e ey end'eu muy gram pesar,
ca me fazedes trist'andar
por vós, eu bem vol-o digo;
ca nom ey sem vós a veer,
amigo, ond'eu aja prazer;
e com'ey sem vós a veer
ond'eu aja nenhum prazer?
E ar direy-vos outra rem,
poys que vos queredes ir,
meu amigu' e de mim partir;
perdud'ey eu todo meu ben,
ca non ey sem vós a veer,
amigo, ond'eu aja prazer;
e com'ey sem vós a veer
ond'eu aja nenhum prazer?
Chorarám estes olhos meus
poys vos hides sem meu grado,
porque m'andades irado;
mays, ficade migo, por deus,
ca non ey sem vós a veer,
amigo, ond'eu aja prazer;
e com'ey sem vós a veer
ond'eu aja nenhum prazer?
A San Servand'irey dizer
que me mostre de vós prazer.

JOHAM ZORRO

751

Quem vise andar a fremosinha
com'eu vi, d'amor coytada,
et tam moyto namorada,
que chorando assi dizia:
«Ay amor, leyxedes m'oje
«de sol o ramo folgar,
«e depoys, treydes vós migo
«meu amigo demandar.
Quem vise andar a fremosa
com'eu vi, d'amor chorando,
et dizendo et rogando
por amore da glosa:
«Ay amor, leyxedes m'oje
«de sol o ramo folgar,
«et depoys, treydes vós migo
«meu amigo demandar.
Quem lh'y visse andar fazendo
queyxumes d'amor d'amigo
que ama, sempre sigo
chorando, assi dizendo:
«Ay amor, leyxedes m'oje
«de sol o ramo folgar,
«e depoys, treydes migo
«meu amigo demandar.

752

«Os meus olhos, o meu coraçom
et o meu lume foy-se com el rey.
—Que est, ay filha, se deus vos perdon',
que m'o digades, gracir-vol o ey?

«Direy-vol-eu, et poys que o disser
nom vos pés, madre, quand'aqui veer.
Que coyt'ouv'ora el rey de me levar
quanto bem avia nem ey d'aver.
—Nom vos tem prol, filha, de m'o negar,
ante vol-o terrá de m'o dizer.
«Direy-vol-eu, et poys que o disser
nom vos pés, madre, quando aqui veer.

753

Per ribeira do rio
vi remar o navio;
et sabor ey da ribeyra!
Per ribeyra do alto
vy remar o barco;
et sabor ey da ribeyra!
Vy remar o navio;
hy vay o meu amigo;
et sabor ey da ribeira!
Vy remar o barco,
hy vay o meu amado;
et sabor ey da ribeira!
Hy vay o meu amigo,
quer-me levar comsigo;
et sabor ey da ribeira!
Hy vay o meu amado,
quer-me levar de grado,
et sabor ey da ribeira!

754

En Lixboa, sobre lo mar
barcas novas mandey lavrar;
ay, mha senhor velida!
En Lixboa, sobre lo lez
barcas novas mandey fazer;
ay mha senhor velida!
Barcas novas mandey lavrar
et no mar as mandey deytar;
ay mha senhor velida!
Barcas novas mandey fazer,
et no mar as mandey meter;
ay mha senhor velida!

755

El-rey de Portugale
barcas mandou lavrar,
e lá iram nas barcas sigo
mha filha e voss'amigo!
El-rey portugueese
barcas mandou fazer;
e lá iram nas barcas sigo
mha filha e voss'amigo!
Barquas mandou lavrare
e no mar as deytarem;
e la iram nas barcas sigo
mha filha e voss'amigo.
Barquas mandou fazere,
e no mar as metere;
e la iram nas barcas sigo,
mha filha e voss'amigo.

756

«Cabelos, los meus cabelos,
el-rey me enviou por elos;
madre, que lh'is farey?
—Filha, dade-os a el-rey.
«Garceras, las mhas garceras
el-rey m'enviou por elas;
madre, que lhys farey?
—Filha, dade-as a el-rey.

757

Pela ribeyra do rio
cantando ia la dona sigo
d'amor:
Venham as barcas
pelo rio a sabor.
Pela ribeyra do alto
cantando ya la dona d'algo
d'amor:
Venham as barcas
pelo rio a sabor.

758

Mete el-rey barcas no rio forte;
quem amigo ha, que deus lh'o amostre;
a la vay madr',
e oj'ey suydade!
Mete el-rey barcas na Estremadura,
quem amigo ha, que deus lh'o aduga;
a la vay madr',
e oj'ey suydade.

759

Jus'a lo mar e ó rryo,
oje namoradá irey
hu el-rey arma navyo;
amores comvusco m'yrey.
Juso a lo mar e ó alto,
eu namoradá yrey
hu el-rey arma o barco;
amores comvusco m'yrey.
Hu el-rey arma navyo
eu namoradá yrey
pera levar a virgo;
amores comvusco m'yrey.
Hu el-rey arma o barco
eu namoradá yrey
pera levar a d'algo;
amores comvusco m'yrey.

760

Pela ribeira do rio salido
trebelhey, madre, com meu amigo;

amor ey migo
que nom ouvesse;
fiz por amigo
que nom fezesse.
Pela ribeira do rio levado
trebelhey, madre, com meu amado;
amor ey migo
que nom ouvesse;
fiz por amigo
que nom fezesse.

761 (VID. 462)

Baylemus agora, por deus, ay velidas,
d'aquestas avelaneyras frolidas;
e quem for velida como vós velidas,
se amigo amar,
sô aquestas avelaneyras granadas
verrá baylar.
Baylemus agora, por deus, ay louvadas,
sô aquestas avelaneyras granadas,
e quem for loada como vós loadas,
se amigo amar,
sô aquestas avelaneyras granadas
verrá baylar.

ROY MARTINS DO CASAL

762

Mui gram temp'ha que serv'huã senhor,
e avya en hy hir gram prazer,
meus amigos, assy deus me perdon',
que ant'eu quisera em poder d'amor
morrer ou viver, segundo meu sen,
ca hu a mays servi, dama, non
quer que a veja, nem lh'y quera bem.

763

Que muyto bem fiz, deus, a mha senhor,
se por bem ten de lh'eu gram bem querer,
ca tam bem está já do meu amor
que nunca já mays a pode perder;
mays se eu d'ella estevess'assy
muy mayor bem faria deus a min.
Muyto bem lh'y fez, aquesto sey eu,
se ca l'apraz de lh'y querer bem,
poys meu coraçom he em poder seu
que nunca o pode perder per rem;
mays se eu d'ela estevess'assy
muy mayor bem faria deus a min.
E muyto bem lh'y deve deus fazer
se co'meu serviço lh'y prazerá,
poyl-o meu coraçom terrá em seu poder
que nunca já per rem nom perderá;
mays se eu d'ela estevess'assy
muy mayor bem faria deus a min.
E se prouguess'a deus que foss'assy
nom me fezesse outro bem des aly.

764

«Dized', amigo, se prazer vejades,
vossa morte se a desejades,
poys nom podedes fallar migo?
— Desejo, senhor, bem no creades.
«Desejades tam bom dia migo
poys que os meus desejos desejades.
Dizede, amigo, se vos prazeria
com a vossa morte todavya
poys vivedes de min alongado?
— Prazer, senhor, por sancta Maria.
«Prazeria, deus aja bom grado,
poys a vós do meu prazer prazeria.
Dizede, amigo: se grado edes,
a vossa morte se a queredes,
poys que vivedes de min tam longe?
— Quero, mha senhor, non duvidedes.
«Queredes poys tam bom dia oje,
poys o que eu quero vós queredes.

765

Rogo-te, ay amor, queyras migo morar
tod'este tempo em quanto vay andar
a Granada, meu amigo!
Rogo-te, ay amor, que queyras migo seer,
tod'este tempo, em quanto vay viver
a Granada, meu amigo!
Tod'este tempo, em quanto vay morar,
lidar com mouros e muytos matar
a Granada, meu amigo!
Todo este tempo em quanto vay viver
lidar com mouros e muytos prender
a Granada, meu amigo!

766

Muyt'ey, amor, que te gradescer,
porque quizeste comigo morar,
e nom me quizeste desemparar
atá que vem meu lum'e meu prazer,
e meu amigo, que se foy andar
a Granada, por meu amor lidar.
Amor gradesco mays d'outra rem,
des que se foy meu amigo d'aqui
que te nom quizeste partir de mi,
atá que veo meu lum'e meu bem
e meu amigo, que se foy andar
a Granada, por meu amor lidar.
Nunca prenderey de ti queyxume
ca non fuste de mi partido,
poys meu amigo foy d'aquem hido
atá que vem meu bem e meu lume,
e meu amigo, que se foy andar
a Granada, por meu amor lidar.
Poys me quisestes tam bem aguardar,
por deus, nom me leixes sem ti oy morar.

767

Ora, senhor, muy leda fycade,
de m'ir; pesar non se vos filhe de mi,
cá me vou eu, e nom levo d'aqui
o meu coraçom, e por deus enviade
o vosso mygo, e faredes bom sen;
se nom, ben certa seede, senhor,
que morrerey, tant'ey de vós amor.

768

Assaz he desasisado
o que cuyda que tem dama
que nenhum outro nom ama,
nem tem já d'ali cuydado,
alça rabo.
Se me deras galardon,
amor, de quanto servi
mais o quisera de ti
do que dizem de Sansom
com rrazon.

769

Quem de myn saber quiser
que de sizo he o meu,
servir quem me tem por seu
o milhor que eu poder.
Este é o meu desejo
et será sem faleçer
se me bem conheço e vejo,
quem me tem em seu poder;
E pero nom tem querer
de me bem fazer vontade,
mais val seu mal em verdade
que o bem que m'outra der.

770

Servind'a outra donzella sey eu
que sempr'estou algemado seu.
Quando s'esta festa se fazia
em que ella foy presente,
e des que se foy auzente
o lume nen ampar'via;
junt' a ella razom dizia:
a huã negra a-mi, pero seu
hoy já m'ey, hoy ja m'ey eu.

JUYÃO BOLSEYRO

771

Sem meu amigo m'and'eu senlheyra,
e sol nom dormem estes olhos meus,
e quant'eu posso peç'a luz a deus,
e nom m'a dá per nulha maneyra;
mays se m'a desse com meu amigo
a luz agora seria migo.
Quand'eu com meu amigo dormia
a noyte nom durava nulha rem,
e ora dur'a noyt'e vay e vem,
nem vem luz, nem pareç'o dia;
mays se m'a desse com meu amigo
a luz agora seria migo.
E segundo com'a mi parece
comigo m'é meu lum'e meu senhor,
vem log'a luz de que nom ey sabor,
e ora vay noit' e vem e creçe;
mays se m'a desse com meu amigo
a luz agora seria migo.
Pater nostrus, rez'eu mays de cento
por aquel que morreu na vera cruz,
que el me mostre mui ced'a luz,
mays mostra-m'as noytes d'avento;
mays se m'a desse com meu amigo
a luz agora seria migo.

772

Da noyte d'ontem poderam fazer
grandes trez noytes, segundo meu sen,
mays na d'oje mi veo muyto bem,
ca veo meu amigo;
e ante que lh'envyasse dizer rem
veo a luz e foy logo comigo.
E poys m'eu ontê senlheyra deytey
a noyte foy e vẽo e durou,
mays a d'oje pouco a semelhou
ca vẽo meu amigo;
a tanto que m'a falar começou
veo a luz e foy logo comigo.
E comecey a noyte de cuydar
começou a noyte de crecer,
mayl-a d'oje nom quis assy fazer
ca vẽo meu amigo;
e faland'eu com el a gram prazer
veo a luz e foy logo comigo.

773

Fuy oj'eu, madre, veer meu amigo
que envyou muyto rogar por en,
porque sey eu como aver muy gram bem,
mays vedes, madre, poys m'el vyo comsigo,
foy el tam ledo, que des que naci
nunca tam led'ome com molher vi.
Quand'eu cheguey estava el chorando
e nom folgava o seu coraçom
cuydand'em mi, se hiria se nom,
mays poys m'el vyo hu m'el estava asperando
foy el tam ledo, que des que naci
nunca tam led'ome com molher vi.
E poys deus quis que eu fosse hu m'el visse
diss'el, mha madre, como vos direy:
«vej'eu m'ir quanto ben no mund'ey,»
e vedes, madre, quand'el esto disse
foy tam ledo, que des que eu naci
nunca tam led'ome com molher vi.

774

Nas barcas novas foy-s'o meu amigo d'aqui
e vej'eu viir barcas, e tenho que vem hy,
mha madre, o meu amigo!
Atendamus, ay madre; sempre vos querrey ben
cá vejo viir barcas, e tenho que hi ven,
mha madre, o meu amigo!
Non faç'eu desaguisado, mha madr'en o cuydar,
ca nom podia muyto sen mi alhur morar,
mha madr'o meu amigo!

775

—Vej'eu, mha filha, quant'é meu cuydar,
as barcas novas viir pelo mar
em que se foy voss'amigo d'aqui.
«Non vos pese, madre, se deos vos empar',
hyrey veer se vem meu amigu'i.
—Cuyd'eu, mha filha, no meu coraçom
das barcas novas que aquellas som
em que se foy voss'amigo d'aqui.
«Non vos pese, madre, se deus vos perdon',
hyrey veer se vem meu amigu'i.
—Filha fremosa, por vos nom mentir,
vej'eu as barcas pelo mar viir
en que se foy voss'amigo d'aqui.
«Nom vos pese, madre, quant'eu poder hir
hyrey veer se vem meu amigu'i.

776

Que olhos som que vergonha nom am
dized', amigo, d'outra, ca meu nom,
e dized'ora, se deos vos perdon'
poys que vos já com outra prezo dam;
com'ousastes viir ant'os meus
olhos, amigo, por amor de deus?
Ca vos ben vos devia nembrar
ende qual coyta vos eu já por mi vi
falss', e nembra-vos qual vos fuy eu hi;
mays poys com outra fostes começar
com'ousastes viir ant'os meus
olhos, amigo, por amor de deus?
Par deus, falsso mal se mi gradeceu
quando vos ouverades de morrer
se eu nom fosse quem vos fui veer,
mays poys vos outra já de mi venceu,
com'ousastes viir ant'os meus
olhos, amigo, por amor de deus?
Nom m'ha mays vosso preyto mester,
e hi-de-vos já, per nostro senhor,
e nom venhades nunca hu eu for,
poys começastes com outra molher;
com'ousastes viir ant'os meus
olhos, amigo, por amor de deus?

777

Mal me tragedes, ay filha,
porque quer'aver amigo,
e poys eu com vosso medo
nom o ey, nem é comigo;
nom ajades a mha graça,
e dê-vos deus, ay mha filha,
filha que vos assy faça,
filha que vos assy faça.
Sabedes, ca sem amigo
nunca foy molher viçosa,
e porque m'o nom leixades
aver, mha filha fremosa,
nom ajadel-a mha graça,
e dê-vos deus, ay mha filha,
filha que vos assy faça,
filha que vos assy faça.
Poys eu nom ey meu amigo
nom ei rem do que desejo,
mays pois que mi por vós vẽo,
mha filha, que o nom vejo,
nom ajadel-a mha graça
e dê-vos deus, ay mha filha,
filha que vos assy faça,
filha que vos assy faça.
Per vós perdi meu amigo
porque gram coita padesco,
e poys que m'o vós tolhestes
é melhor ca vos paresco;
nom ajadel-a mha graça,
e dê-vos deus, ay mha filha,
filha que vos assy faça,
filha que vos assy faça.

778

Buscades-m', ày amigo, muyto mal
aly hu vos enfengistes de mi;
e rog'a deus que mi percades hi
e dized'ora falsso, desleal,
se vos eu fiz no mund'algum prazer
que coyta ouvestes vós de o dizer?
E nom vos presta, falss'em m'o negar,
nem m'o neguedes, ca vos nom tem prol,
nem juredes ca sempr'o falsso sol
jurar muyt', e dizede sem jurar
se vos eu fiz no mund'algum prazer
que coyta ouvestes vós de o dizer?
O que dissestes se vos eu ar vyr
por mi coitado como vos vi já,
vedes falss'a coor, ar x'i vos a;
mays dized'ora, sem todo mentir:
se vos eu fiz no mund'algum prazer
que coyta ouvestes vós de o dizer?

779

Fex hunha cantiga d'amor
ora meu amigo por mi,
que nunca melhor feyta vi;
mays como x'é muy trobador
fez hũas Lirias no som
que mi sacam o coraçom.

Muyto bem se soube buscar
por mi, aly quando a fez
en loar-mi muyt'é meu prez;
mays de pram por xe mi matar
fez hũas Lirias no som
que mi sacam o coraçom.
Per boa fé bem baratou
de a por mi boa fazer
e muyto lh'o sey gradecer;
mays vedes de que me matou,
fez hũas Lirias no som
que mi sacam o coraçom.

780

Ay madre, nunca mal sentiu
nem soubi que x'era pesar
a que seu amigo nom vyu
com'oj'eu vy o meu falar
com outra; mays poyl-o eu vi
com pesar ouv'a morrer hy.
E sse molher ouve d'aver
sabor d'amig'ou lh'o deus deu,
sey eu que lh'o nom fez veer
com'a mi fez veel-o meu
com outra; mays poyl-o eu vi
com pesar ouv'a morrer hy.

781

Ay meu amigo, — meu per boa fé,
e nom d'outra per boa fé mays meu,
rogu'eu a deus que mi vos oje deu
que vos faça tam ledo seer migo
quam leda foy oj'eu quando vos vi
ca nunca foy tam leda poys naci.
Bom dia vejo, — poys vos vej'aqui,
meu amigo, meu a la fé sem al,
faça-vos deus ledo, que pod'e val,
seer migo, meu bem e meu desejo,
quam leda fuy oj'eu quando vos vi
ca nunca foy tam leda poys naci.
Meu gasalhado — se mi valha deus,
alvergo meu, e meu coraçom,
faça-vos deus em algũa sazom
seer migo tam ledo e tam pagado,
quam leda fuy oj'eu quando vos vi,
ca nunca foy tam leda poys naci.

782

Aquestas noytes tam longas
que deus fez em grave dia
por mi, porque as nom dormo,
e porque as nom fazia
no tempo que meu amigo
soya falar comigo.
Porque as fez deus tam grandes
nom poss'eu dormir coitada,
e de como som sobejas
quisera eu outra vegada
no tempo que meu amigo
soya falar comigo.
Porque as deus fez tam grandes
sem mesura desregraaes,
e as eu dormir nom posso
porque as nom fez a taaes
no tempo que meu amigo
soya falar comigo.

783

Ay, meu amigo, avedes vós por mi
afam e coyt'e desej'e nom al
e o meu bem é todo vosso mal;
mays poys vos eu nom posso valer hi
pesa-m'a mi porque paresco bem
poys end'a vós, meu amigo, mal vem.
E ssey, amigo, d'estes olhos meus
e ssey do meu fremoso parecer,
que vos fazem gram coyta viver;
mays, meu amigo, se mi valha deus,
pesa-m'a mi porque paresco bem,
poys end'a vós, meu amigo, mal vem.

784

Partir quer migo mha madr'oj'aqui
quant'a no mundo outra rem nom jaz,
de vós, amig'unha parte mi faz
e faz-m'outra de quant'a, e desy
poys faz esto, manda-m'escolher;
que mi mandades, amigo, fazer?
Partir quer migo, como vos direy,
de vós mi faz hũa parte já,
e faz-m'outra de sy e de quant'a,
e de quantos outros parentes ey;
poys faz esto, manda-m'escolher;
que mi mandades, amigo, fazer?
E de qual guisa migo partir quer
a pram ca põ, ay meu amigo, em tal
hũa me faz senom de vós sem al,
outra desy de quant'al ouver;
poys faz esto, manda-m'escolher;
que mi mandades, amigo, fazer?
De vós me faz hũa parte, ay senhor,
e, meu amigu'e meu lum'e meu bem,
et faz-m'outra de grand'algo que tem
e pom-me de mays y, e seu amor;
poys faz esto, manda-m'escolher;
que mi mandades, amigo, fazer?
E poyl-o ela perc'a meu prazer
em vós quer'eu, meu amigu'ey escolher.

785

Nom perdi eu, meu amigo,
des que me de vós parti,
do meu coraçom gram coyta
nem gram pesar; mays perdi

quanto tempo, meu amigo,
vós nom vivestes comigo.
Nem perderan os olhos meus
chorar nunca, nem em mal
des que vos vós d'aqui fostes,
mays vedes que perdi al
quanto tempo, meu amigo,
vós nom vivestes comigo.

786

—João Soares, de pram as melhores
terras andastes que eu nunca vy,
d'averdes donas per entendedores
muy fremosas, quaes sey que ha hy,
fora razom; mays hu fostes achar
d'yrdes por entendedores filhar
sempre quand'amas, quando tecedores?
«Juyão, outros mays sabedores
quiserom já esto saber de mi,
et em todo trobar mays trobadores,
que tu nom és; mays direy-t'o que vy:
vy boas donas teçer e lavrar
cordas et cintas, et vy-lhes *catar*
per boa fé, fremosas pastores.
—Johão Soares, nunca vy chamada
molher ama, nas terras hu andey,
se per emparament'ou por só laida
nom criou mez, e mays vos eu direy;
e nas terras hu eu soy a viver
nunca muy bõa dona vy tecer,
mays vy tecer algũa lazerada.
«Juyão, por est'outra vegada
com outro tal trobador entramey,
fiz-lhe dizer que nom dizia nada
com'or'a ty d'esta tençom farey;
vy boas donas lavrar et tecer
cordas e cintas et vy-lhes teer
muy fremosas pastores na pousada.
—Joan Soares, hu soy a viver
nom tecem donas, nem ar vy teer
berç'ant'o fog'a dona muyt'onrrada.
«Juyão, tu deves entender
que o mal vylam nom pode saber
de fazenda de boa dona nada.

MARTIN CAMPINA (Pero Meogo)

787

O meu amig', amiga, vej'andar
triste cuydand'e nom poss'entender
porque trist'anda, assy veja prazer;
pero direy-vos quant'é meu cuydar:
anda cuydand'em sse d'aqui partir
e nom ss'atreve sem mi a guarir.
Anda tam triste, que nunca mays vi
andar nulh'omem e em saber punhei
o porque; eu pero nom o sey,
pero direy-vos quant'end'aprendi:
anda cuydand'em sse d'aqui partir
e nom ss'atreve sem mi a guarir.
A tan trist'anda, que nunca vi quem
tan trist'andasse no seu coraçom,
e nom sey porque, nen por qual razom;
pero direy-vos quant'aprendi eu,
anda cuydand'em sse d'aqui partir
e nom ss'atreve sem mi a guarir.

788

Diz meu amigo, que eu lo mandey
hir, amiga, quando ss'el foy d'aqui;
e se lh'o sol dixi, nem se o vi,
nom veja prazer do pezar que ey;
e se m'el tem torto em m'o dizer
veja-ss'el ced'aqui em meu poder.
E vedes, amiga, do que me mal
dizem, os que o jurom com'el diz,
que o mandei hir, e sse o eu fiz,
nunca d'el aja dereito, nem d'al;
e se m'el tem torto em m'o dizer
veja-ss'el ced'aqui em meu poder.
E que gram torto que m'agora tem
em dizer, amiga, per boa fé
que o mandey hir, e sse assy é
como m'el busca mal, busque-lh'eu ben;
e se m'el tem torto em m'o dizer
veja-ss'el ced'aqui em meu poder.
E ss'el vem aqui a meu poder
preguntar-lh'ey quem lh'o mandou dizer?

PERO MEOGO

789

O meu amig', a que preyto talhei
com vosso medo, madre, mentir-lh'ey,
e sse nom for, assanhar-s'-a!
Talhei-lh'eu preyto de o hir veer
en a fonte hu os cervos vam bever;
e sse nom for, assanhar-s'-a!
E nom ey eu de lhi mentir sabor,
mays mentir-lh'ey com vosso pavor;
e sse nom for, assanhar-s'a!
De lhi mentir nenhum sabor nom ey,
com vosso med'a mentir lh'averey;
e se nom for, assanhar-s'a!

790

Por muy fremosa que sanhuda estou
a meu amigo que me demandou
que o foss'eu veer
a la font'u os cervos vam bever.
Nom faç'eu torto de mi lh'assanhar
por s'atrever el de me demandar
que o foss'eu veer
a la font'u os cervos vam bever.

Affeito me tem já per sendia,
que el nom vem, mas envya,
que o foss'eu veer
a la font'u os cervos vam bever.

791

Tal vay o meu amigo
com amor que lh'eu ey
como cervo ferido
de monteyro del rey.
Tal vay o meu amado,
madre, com meu amor,
como cervo ferido
de monteyro mayor.
E sse el vay ferido
hirá morrer al mar,
'ssy fará meu amigo
se eu d'el nom pensar.
E guardade-vos, filha,
ca já m'eu a tal vi
que se fez coitado
por guaanhar de mi.
E guardade-vos, filha,
ca já m'eu vi a tal
que se fez coytado
por de min guaanhar.

792

Ay cervas do monte, vim-vos preguntar,
foy-ss'o meu amigu'e se a lá tardar
que farey, velidas?
Ay, cervas do monte, vin-vol-o dizer:
foy-ss'o meu amigu'e querria saber
que farey, velidas?

793

Levou-ss'a velida
vay lavar cabelos
na fontana fria;
leda dos amores,
dos amores leda.
Levou-ss'a louçana,
vay lavar cabelos
na fria fontana;
leda dos amores
dos amores leda!
Vay lavar cabelos
na fontana fria,
passou seu amigo
que lhi bem queria;
leda dos amores
dos amores leda.
Passa seu amigo
que lhi bem queria,
o cervo do monte
a augua volvya;
leda dos amores,
dos amores leda!
Vay lavar cabelos
na fria fontana,
passa seu amigo
que muyt'a vós ama;
leda dos amores,
dos amores leda.

794

En as verdes ervas
vi andal'-as cervas;
meu amigo!
En os verdes prados
vi os cervos bravos,
meu amigo!
E com sabor d'elhas
lavey mhas graceras,
meu amigo.
E com sabor d'elhos
lavey meus cabelos,
meu amigo!
Des que vos lavey
d'ouro lus liey,
meu amigo!
Des que las lavara
d'ouro las liára,
meu amigo!
D'ouro los liei,
e vos asperey,
meu amigo!
D'ouro las liara
e vos asperava,
meu amigo!

795

Preguntar-vos quer'eu, madre,
que mi digades verdade:
se ousara meu amigo
ante vós falar comigo.
Poys eu migu'ey seu mandado
querria saber de grado,
se ousara meu amigo
ante vós falar comigo.
Hirey, mha madre, a la fonte
hu van os cervos do monte;
se ousara meu amigo
ante vós falar comigo.

796

Fostes, filha, en o baylar,
e rompestes hi o brial,
poys o namorado y vem
esta fonte seguide-a bem,
poys o namorado y vem.
Fostes, filha, en o royr
e rompestes hi o vestir;
poyl-o cervo hi vem
esta fonte seguide-a bem,
poyl-o cervo hi vem.

E rrompestes hi o brial
que fezestes ao meu pesar;
poyl-o cervo hi vem
esta fonte seguide-a bem,
poyl-o cervo hi vem.
E rompestes hi o vestir
que fezestes a pesar de mi;
poyl-o cervo hy ven,
esta fonte seguide-a bem,
poyl-o cervo hi vem.

797

— Digades, filha, mha filha velida,
porque tardastes na fontana fria?
«Os amores ey!
— Digades, filha, mha filha louçana,
porque tardastes na fria fontana?
«Os amores ey!
Tardei, mha madre, na fontana fria,
cervos do monte a augua volviam;
os amores ey!
Tardey, mha madre, na fria fontana,
cervos do monte volviam a agua;
os amores ey!
— Mentis, mha filha, mentis por amigo,
nunca vi cervo que volvesse rio;
«Os amores ey!
— Mentis, mha filha, mentis por amado,
nunca vi cervo que volvess'o alto;
«Os amores ey!

MARTIN DE CALDAS

798

Per quaes novas oj'eu aprendi
cras me verrá meu amigo veer
e oje cuyda quanto m'ha dizer;
mais do que cuyda nom será assy,
ca lhi cuyd'eu aparecer tam bem
que lhe nom nembre de que cuyda rem.

799

Madr'e senhor, leixade-m'ir veer
aquel que eu por meu mal dia vi
e el vyu-mi em mal dia por si
ca morr'el, madr', e eu quero morrer,
se o nom vyr mays; se o vyr guarrey
e el guarrá, poys-me vyr, eu o sey.
O que mi deus nom ouver'a mostrar
veel-o-ey, madre, se vos prouguer en,
e tal nom me lhi mostrou per seu ben,
ca morr'el e moyr'eu se deus m'ampar'
se o nom vyr mays; se o vyr guarrey
e el guarrá, poys-me vyr, eu o sey.
Aquel que deus fez nacer por meu mal,
madre, leixade-m'o veer por deus;
eu naci por mal dos olhos seus,
cá morr'el e moyr'eu hu nom jaz al
se o nom vyr mays; se o vyr guarrey
e el guarrá, poys me vyr, eu o sey.

800

Mandad'ey migo, qual eu desejey,
gram sazom a, madre, per boa fé,
e direy-vol-o mandado qual é,
que nulha rem nom vos eu negarey;
o meu amigo será oj'aqui
e nunca eu tam bom mandado oy.
E poys mi deus fez tal mandad'aver
qual desejava o meu coraçom,
madr'e senhora, se deus mi perdon',
que vos quer'eu mandado dizer;
o meu amigo será oj'aqui
e nunca eu tam bom mandado oy.
E por en sey ca mi quer bem fazer
nostro senhor, a que eu fuy rogar
por bon mandad'e fez-m'o el chegar
qual poderedes, mha madre, saber;
o meu amigo será oj'aqui
e nunca eu tam bom mandad'oy.
Melhor mandado nunca ja per ren
d'aqueste, madre, nom poss'eu oyr,
e por en non me quer'eu encobrir
de vós, ca sey que vos praz de meu bem;
o meu amigo será oj'aqui
e nunca eu tam bom mandado oy.

801

Foy-ss'um dia meu amigo d'aqui
triste, coytad'e muyt'a seu pesar,
porque me quis d'el mha madre guardar,
mays eu, fremosa, des que o non vi
nom vi depoys prazer de nulha rem
nem veerey já mays se m'el nom vem.
Quando-ss'el ouve de mi a partir
chorou muyto dos seus olhos entom,
e foy coitado no seu coraçom,
mays eu fremosa, por vos nom mentir,
nom vi depoys prazer de nulha ren,
nem veerey já mays se m'el nom vem.

802

Ay meu amigu'e lume d'estes meus
olhos, e coyta do meu coraçom,
porque tardastes a muy gram sazom,
nom m'o neguedes, se vos valha deus;
ca eu quer'end'a verdade saber,
pero m'a vós nom ousades dizer.
Dizede-mi quem mi vos fez tardar,
ay meu amigu'e gradecer-vol-o-ey,

cá já m'end'eu o mays de preyto sey
e nom vos é mester de m'o negar;
ca eu quer'end'a verdade saber,
pero m'a vós nom ousades dizer.
Per boa fé, nom vos conselhou ben
quem vos esta tardada fazer fez,
e sse mi vos negardes esta vez
perder-vos-edes comigo por en;
ca eu quer'end'a verdade saber,
pero m'a vós nom ousades dizer.
Nostro senhor! e como, por estes meus
olhos e coyta do meu coraçom,
porque tardastes a muy gram sazom?
nom m'o neguedes, se vos valha deus,
cá eu quer'end'a verdade saber
pero m'a vós nom ousades dizer.

803

Nostro senhor! e como poderey
guardar de morte meu amigu'e mi,
ca me dizem que se quer hir d'aqui?
e sse s'el for, logu'eu morta serey,
e el morto será se me nom vyr,
mays quero-m'eu esta morte partir.
Hir-m'ey com el, que sempre falarám
d'esta morte, que se ventura for
ca se quer hir meu lum'e meu senhor;
e sse se for serey morta de pram,
e el morto será se me nom vyr,
mays quero-m'eu esta morte partir.
Hirey con el mui de grado, ca nom
me sey conselho, se m'o deus nom der,
ca se quer hir o que mi gram bem quer;
e sse s'el for, serey morta entom,
e el morto será se me nom vyr,
mays quero-m'eu esta morte partir.

804

Vedes qual preyt'eu querria trager,
irmãa, se o eu podesse guisar,
que fezess'a meu amigo prazer
e nom fezess'a mha madre pesar;
e sse mi deus esto guisar, bem sey
de mi que logu'eu mui leda serey.
E a tal preyto m'era mui mester
se mi deus aguisar de o aveer,
quanto meu amigo quiser
e que m'ho mande mha madre fazer;
e sse mi deus esto guisar, bem sey
de mi que logu'eu mui leda serey.
E sse m'a mi guisar nostro senhor
aqueste preyto, será muy gram bem
com'eu faç'a meu amigo amor,
e me rogou mha madre ame por en;
e sse mi deus esto guysar, bem sey
de mi que logu'eu mui leda serey.

NUNO TREEZ (PEREZ?)

805

Des quando vos fostes d'aqui,
meu amigo, sem meu prazer
ouv'eu tam gram coyta desy
qual vos ora quero dizer:
que nom fezerom des entom
os olhos meus si chorar nom,
nem ar quis o meu coraçom
que fezessem se chorar nom.
E des que m'eu sem vós achei
sol nom mi soube conselhar,
e mui triste por en fiquey
e com coyta grand'e pesar,
que nom fezerom des entom
os olhos meus si chorar nom,
nem ar quis o meu coraçom
que fezessem se chorar nom.
E fui eu fazer oraçon
a San Clemente e nom vos vi,
e bem des aquela sazom,
meu amigu' aveõ-m'assy
que nom fezerom des entom
os meus olhos si chorar nom,
nem ar quis o meu coraçom
que fezessem, se chorar nom.

806

Sam Cremente, do mal
se mi d'el nom vingar,
non dormirey!
San Clemenço, senhor,
se vingada non for,
non dormirey!
Se vingada non for
do fals' e traedor,
nom dormirey!

807

Nom vou eu a Sam Clemenço
orar e faço gram razom,
ca el non mi tolhe a coyta
que trago no meu coraçom,
nem m'aduz o meu amigo
pero lh'o rogu'e lh'o digo.
Non vou eu a Sam Clemenço,
nem el non se nembra de mi,
nem m'aduz o meu amigo
que sempr'amey des que o vi;
nem m'aduz o meu amigo
pero lh'o rogu'e lh'o digo.
Ca se el m'adussesse
o que me faz penand'andar
nunca tantos estandaes
arderam ant'o seu altar,
nem m'aduz o meu amigo,
pero lh'o rogu'e lh'o digo.

Ca se el m'adussesse
o por que eu moyro d'amor
nunca tantus estandaes
arderam ant'o meu senhor,
nem m'aduz o meu amigo
pero lh'o rogu'e lh'o digo.
Poys eu e nha voontade
de o nom veer sõ bem fis,
que porrey par caridade
ant'el candeas de Paris;
nem m'aduz o meu amigo
pero lh'o rogu'e lh'o digo.
En mi tolher meu amigo
filhou comigo perfia,
por end'arderá, vos digo,
ant'el lume de bogia;
nem m'aduz o meu amigo
pero lh'o rogu'e lh'o digo.

808

Estava-m'em Sam Clemenço
hu fora fazer oraçom
e disse-m'o mandadeyro
que mi prougue de coraçom:
agora verrá 'qui voss'amigo.
Estava em Sam Clemenço
e fôra candeas queimar,
e disse-m'o mandadeiro,
fremosa de bom semelhar:
agora verrá aqui o voss'amigo.
Estava-m'em Sam Clemenço
hu fôra oraçom fazer,
e disse-m'o o mandadeyro
fremosa de bon parecer:
agora verrá aqui o voss'amigo.
E disse-m'o mandadeyro:
fremosa de bon semelhar,
per que viu que mi prazia,
ar começou-m'a falar:
agora verrá aqui voss'amigo.
E disse-m'o mandadeyro
fremosa de bon parecer,
porque viu que mi prazia,
ar começou-m'a dizer:
agora verrá aqui voss'amigo.
E disse-m'o mandadeyro
que mi prougue de coraçom,
per que vyu que mi prazia
ar disse-m'outra vez entom:
agora verrá aqui voss'amigo.

PEDRO D'ARMEA

809

Sej'eu, fremosa, com mui gram pezar
e muy coytada no meu coraçom,
e choro muyt'e faço gram razom,
par deus, mha madre, de muyto chorar,
por meu amigu'e lum' e meu bem
que se foy d'aqui, ay madre, e nom vem.
E bem sey de pram que por meu mal
me fez deus tam fremosa naçer
poys m'ora faz, como moyro, morrer,
cá moyro, madre, se deus mi non val,
por meu amigu'e lum'e meu bem
que se foy d'aqui, ay madr'e non vem.
E fez-mi deus naçer, per boa fé,
polo meu mal, er fez-me logu'i
mays fremosa de quantas donas vi,
e moyro, madr'e vedes porque he,
por meu amigu'e meu lum'e meu bem
que se foy d'aqui, ay madr'e non vem.
E poys deus quer que eu moyra por en
sabham que moyro querendo-lhi bem.

810

Amiga, grand'engan'ouv'a prender
do que mi fez creer mui gram sazom
que mi queria bem de coraçom,
tam grande que nom podia guarir;
e tod'aquest'era por encobrir
outra que queria gram bem entom.
E dizia que perdia o sen
por mi, de mays chamava-me senhor,
e dizia que morria d'amor
por mi, e que non podia guarir;
e tod'aquest'era por encobrir
outra que queria gram bem entom.
E quand'el migo queria falar
chorava muito e jurava logu'i
que nom sabia conselho de ssy
por mi, e que non podia guarir;
e tod'aquesto era por encobrir
outra que queria gram bem entom.

811

Mhas amigas, quero-m'eu des aqui
querer a meu amigo mui gram bem,
ca o dia que ss'el foy d'áquem
ouvyu-me chorar, e con doo de mi
hu chorava começou-m'a catar,
vyu-me chorar e filhou-ss'a chorar.
E per boa fé, sempre lh'eu querrey
o mayor bem de pram que eu podér,
ca fez el por mi o que vos disser
mays, amigu', e que vos non mentirey:
hu chorava começou-m'a catar,
vyu-me chorar e filhou-ss'a chorar.
Ouv'el gram coyta no seu coraçom,
mays, amigas, hu sse de mi partiu
vyu-me chorar, e depoys que me vyu
chorar, direy-vol'o que fez entom:
hu chorava começou-m'a catar,
vyu-me chorar e filhou-ss'a chorar.

812

«Amigo, mando-vos migo falar
cada que vós end'ouverdes sabor.
—Nostro senhor, fremosa mha senhor,
vos dê grado, que vol-o pode dar,
de tod'este bem que mi dizedes,
e de quant'outro bem mi façedes.
«Poys vós sodes por mi tam coytado,
quando quiserdes falade migo.
—Ay, mha senhor, vedes que vos digo,
nostro senhor, vos dê bom grado
de tod'este bem que mi dizedes,
e de quant'outro bem mi façedes.
«Porque sey que mi queredes bem
falade migo, ca bem é e prez.
—Nostro senhor, que vos fez,
vos dê sempre mui bom grado poren,
de tod'este bem que mi dizedes,
e de quant'outro bem mi façedes.

PEDR'AMIGO, de Sevilha

813

Disserom-vos, meu amigo,
por vos fazer pesar,
fuy eu com outrem falar;
mays nom faledes vós migo
se o poderdes saber
por alguem non entender.
E ben vos per vingaredes
de mi, se eu com alguem
faley, per vos pesar en,
mais vos nunca mi faledes
se o poderdes saber
por alguem non entender.
Se vós per verdad'achardes,
meu amigo, que é assy
confonda deus logu'i mi,
muyt'e vós se mi falardes,
se o poderdes saber
por alguem non entender.

814

Amiga, muyt'amigos som
muytos no mundo por filhar
amigas pol-as muyt'amar,
mas já deus nunca mi perdon',
se nunca eu vi tam amigo
d'amiga, com' é meu amigo.
Pode voss'amigo dizer,
amiga, ca vos quer gram bem,
e quer-vol-o; mays eu por en
nunca veja do meu prazer
se nunca eu vi tam amigo
d'amiga, com'é meu amigo.
Vy-m'eu com estes olhos meus
amigo d'amiga que lhe é
muyt'amigo per boa fé;
mays non mi valha nunca deus
se nunca eu vi tam amigo
d'amiga com'é meu amigo.

815

«Amiga, vistes amigo
d'amiga que tant'amasse
que tanta coyta levasse
quanta leva meu amigo?
—Non o vi, des que fui nada,
mays vej'eu vós mays coytada.
«Amiga, vistes amigo
que por amiga morresse,
que tanto pesar sofresse,
quanto leva meu amigo?
—Non o vi, des que fui nada
mays vej'eu vos mays coytada.
«Amiga, vistes amigo
que tam muyto mal ouvesse
d'amiga que bem quezesse
quant'a por mi meu amigo?
—Non o vi, nem que non visse
que muy mayor mal avedes
ca el, que morrer veedes.

816

Moyr' amigo desejando
meu amigu'; e vós no vosso
mi falades, e non posso
estar sempr'em esto falando,
mays queredes falar migo
falemos no meu amigo.
Queredes que todavya
en o voss'amigo fale
vosqu', e senom que me cale
e non poss'eu cada dia;
mays queredes falar migo
falemos no meu amigo.
Amiga, sempre queredes
que fale vosqu'e falades
no voss'amigu'; e cuydades
que poss'eu, non o cuydedes,
mays queredes falar migo,
falemos no meu amigo.
Nom avedes tal coydado
sol que eu vosco bem diga
do voss'amigu'e, amiga,
non poss'eu, nem é guisado;
mays queredes falar migo,
falemos no meu amigo.

817

O meu amigu'e que mi gram bem quér,
punha sempr'amiga de me veer,
e punh'eu logo de lhi bem fazer;
mays vedes que ventura de molher,

quando-lh'eu poderia fazer bem
el non vem hy, eu non poss'en ren.
Pero sab'el que non fica por mi,
amiga, nunca de lh'o eu guisar,
nem per el sempre de m'o demandar;
mays má ventura nol-o part'assy,
quando-lh'eu poderia fazer bem
el non vem hy, eu non poss'en ren.
E non fica por el per bona fé
d'aver meu bem, e polo fazer eu
non sey se x'é meu grado e seu
mays mha ventura tal foy e tal é,
quando-lh'eu poderia fazer bem
el non vem hy, eu non poss'en ren.

818

Por meu amig', amiga, preguntar
vos quer'eu ora, ca se foy d'aqui
muy mui sanhud'e nunca o ar vi
se sabe ja ca mi quer outro bem,
par deus, amiga, sab'o pesar
que oj'el a non é por outra rem.
Amiga, pesa-mi de coraçom
porque o sabe, ca de o perder
ey muy gram med'et de lhi dizer
que lhi non pes, ca nunca lh'ende verrá
mal, e poys el souber esta razom
sey eu que log'aqui migo será.
E dizede-lhi ca poder non ei
de me partir, se me gram bem quiser
que m'o non querria, ca nem sey molher
que sse d'el possa partir per al,
se non per esto que m'end'eu farey
non fazer rem que mi non tenha por mal.
E poys veher meu amigo, bem sey
que nunca pode per mi saber al.

819

Hum cantar novo d'amigo
querrey agora aprender
que fez ora meu amigo,
e cuydo logu'entender
no cantar que diz que fez
por mi, se o por mi fez.
Hum cantar d'amig'a feyto,
e sse m'o disser alguem
deyto como el é feyto
cuydo-o eu entender muy bem
no cantar que diz que fez
por mi, se o por mi fez.
O cantar estê mui dito
pero que o eu nom sey,
mays poys m'o ouverom dito
cuyd'eu que entenderey
no cantar que diz que fez
por mi, se o por mi fez.

820

«Amiga, voss'amigo vi falar
oje com outra, mays non sey em qual
razom falavam, assy deus m'empar',
nem se falavam por bem, se por mal.
—Amiga, fale com quem x'el quiser
en quant'eu d'el com'estou estever.
C'a assy tenh'eu meu amigo em poder,
que quantas donas en o mundo som
punhem ora de lhi fazer prazer,
ca m'o nom tolherám, se morte nom;
amiga, med'ei de per*der o sen*

. . . .

«E vó. faredes poys em voss'amor,
vos esforçades tanto no seu
e vós vos acharedes en peyor
cá vós cuydade, e digo-vol-eu.
—Amiga, non, cá mi quer mui gram bem
e sey quem tenh'em el, e el quem tem
En mi, cá nunca vos partiram já
se non per morte vos podem partir
e poys en este sey hu al non ha
mando-me-lh'eu falar com quantas vir.
«Com voss'esforço, amiga, pavor ey
de perderdes voss'amigo, cá sey
Per boa fé, outras donas que am
falad'em como vol-o tolherám.
—Amiga, nom; cá o poder nom é
seu, nem d'elas, mays meu per boa fé.

821

«Par deus, amiga, podedes saber
como podesse mandad'envyar
a meu amigo que nom a poder
de falar migu'e moyr'eu com pesar;
e bem vos digo se el morr'assy
que non vyverey des aly.
Amiga, sey que nom pod'aver
meu amig'arte de migo falar,
e ouv'eu art'e figi-lhe fazer
por outra dona hu mui bõ cantar,
e poys por aquela dona trobou
cada quis, sempre migo falou.
O meu amigo nom é trobador,
pero tam grand'é o bem que m'el quer
que filhará outra entendedor
e trobará poys que lh'o eu disser;
mays, amiga, per quem o saberá
que lh'o eu mande, ou quem lh'o dirá?
—Eu, amiga, o farey sabedor
que tanto que el hũ cantar fezer
per outra dona, e poys por seu for
que falará vosco quando quiser;
mays a mester de lh'o fazer el bem
creente, vós nom o ciardes en.
«Amiga, per deus e quant'eu ey
de mal, mays nunca já ciarey.
—Mester vos é, ca vol-o entenderám
se o ciardes, guardar-vos am.

822

Sey eu, donas, que non quer tam gram bem
hom'outra dona, como a mi o meu
amigo quer, ca por que lhi diss'eu:
non me veredes ja mais des aqui;
desmayó logo bem ali por en,
e ouve logu'i a morrer por mi.
Porque lhi dixi que nunca veher
me poderia, quis por en morrer,
e fui a lá e achey-o jazer,
sem fala ja; e ouv'en gram pesar;
e falei-lh', ouve-m'a conhoecer
e diss': ouvi huã dona falar.
Dix'eu: oystes ja polo guarir,
e guareceu, mayl-a quem vos disser
que ama tant'om'outra molher
mentir-vos-ha, ca ja x'o el provou
com quantas vyu e achou, *ao* partir
todas d'amor e assy as leixou.
E bem vos poss'eu em salvo jurar
que outr'ome vyvo non sab'amar
dereytamente, ca per me provar
veherom outros em mi entender
se poderiam de min guaanhar
mays non poderam de min rem aver.
Mays aquel que tam de coraçom
quer bem, par deus, mal seria senom
o guarisse, poys por mi quis morrer.

823

«Dizede, madre, porque me metestes
em tal prison, e porque mi tolhestes
que non possa meu amigo veer?
—Porque filhades que o vós conhecestes
nunca punhou ergu'em mi vos tolher.
E ssey, filha, que vos trag'enganada
com seus cantares que non valem nada,
que lhi podia quem quer desfazer.
«Nom dizem, madre, esso ca da pousada
os que trobar sabem bem entender.
Sacade-me, madre, d'estas paredes
e verey meu amigu', e veredes
que logo me mete em vosso poder.
—...................................
nem m'ar venhades tal preito mover.
Ca sey eu bem qual preito vos el trage
e sodes vós, filha, de tal linhage
que devia vosso servo seer.
«Cuydades vós, madre, que é tam sage
que podess'el commigu'esso poer.
Sacade-me, madre, d'estas prisões,
ca non avedes de que vos temer.
—Filha bem sey eu vossos corações,
ca non querem gram pesar atender.

PEDR'EN SOLAZ

824

E nom est a de Nogueyra
a freyr'a que quero bem;
mais outra mays fremosa
é a que min em poder tem;
e moyro-m'eu pola freyra,
mays non pola de Nogueyra.
Non est a de Nogueyra
a freyra ond'eu ey amor,
mays outra mays fremosa
a que mi quer'eu muy melhor;
e moyro-m'eu pola freyra
mays non pola de Nogueyra.
E sse eu aquela freyra
huũ dia veer podesse
nom a coyta no mundo
nem pesar que eu o ouvesse;
e moyro-m'eu pola freyra
mays non pola de Nogueyra.
E sse eu aquella freyra
veer podess'um dia
nem huã coyta do mundo
nem pesar non averia;
e moyro-m'eu pola freyra
mays non pola de Nogueyra.

825

A que vi antr'as amenas,
deus, como parece bem;
eu mirey la das arenas,
des y penado me tem;
eu das arenas la mirey,
des enton sempre peney.
A que vi antr'as amenas
deus, com'ha bom semelhar?
eu mirey-la das arenas,
des entom me fez penar;
eu das arenas la mirey,
des entom sempre peney.
Se a non viss'aquel dia,
muyto me fora melhor,
mays quis dês entonce, e via
mui fremosa, mha senhor;
eu das arenas la mirey
des enton sempre peney.
Se a non viss'aquel dia
que se fezera de min
mays quis deus entonc'e vya
nunca tam fremosa vi;
eu das arenas la mirey,
des enton sempre peney.

826

—Pedr'amigo, quer'ora hũa rem
saber de vós, se o saber podér,
do râffeç'ome que vay bem querer
muy boa dona de que nunca bem
atende já, e o bõo que quer
outro sy bem muy râffeçe molher,
pero que lh'esta queira fazer bem,
qual d'estes ambos é de peyor sen?

« Joham Baveca, tod'ome sse tem
com muy bõ home, e quero-m'eu teer
logo com el mays por sem conhocer
vos tenh'ora que nom sabedes quem
ha peor sen, e poys vol-eu disser
vós vos terredes com qual m'eu tever
et que ssabedes vós que ssey eu quem
o râffeç'ome de peyor sen.

— Pedr'amigo, des aqui entençom
ca me nom quer'eu com vosc'outorgar
o râffeç'ome a que deus quer dar
entendiment'en algũa sazom
de querer bem a muy boa ssenhor,
este nom cuyda fazer o peor
e quem molher râffeç'a gram sazom
quer bem, nom pode fazer se mal nom.

« Joham Bavec', e fora da razom
sodes, que m'ante fostes preguntar
ca muy bom home nunca podess'ar
de fazer bem, assy deus me perdon';
e o râffeç'ome que vay seu amor
empregar hu desasperado for,
este faz mal, assy deus me perdon',
et est'é sandeu et est'outro nom.

— Pedr'amigo, râffeç'ome nom vy
perder per mui boa dõa servir,
mays vi-lh'o sempre loar e graçir
et o muy bõ home pois tem cabo sy;
molher râffeç'esse non paga d'al,
et pois el entende o bem et o mal
et por esto nom a quant'a desy,
tant'ê melhor, tant'erra mays hy.

« Joham Baveca, des quand'eu naçi
esto vy sempr'e oy de partir
do muy bõ home de lh'a bem sayr
sempr'o que faz, mais creede per mi
do râffeç'ome que ssa comunal
nem quer servir et serve senhor tal
porque o tenham por lev'e por vil
quant'ela he melhor, tant'erra mays hy,

— Pedr'amigo, esso nada nom val,
ca o que ouro serv'e nom al
o avarento semelha desy,
e parta-s'esta tençom por aqui.

« Joham Baveca, nom tenho por mal
de se partir; pois ouro serv'a tal
que nunca pode valer mais per hy,
et julguem-nos da tençom por aqui.

JOHAM BAVECA

827

Amiga, dizem que meu amig'ha
por mi tal coyta que nom a poder
per nulha guysa d'un dia viver
se por mi non, e vedes quant'i a;
se por mi morre fiqu'end'eu mui mal,
se lh'ar faço algum bem outro tal.

E tam coytad'é com'aprendi eu
que o nom pode guarir nulha rem
de morte já, se lh'eu nom faço bem,
mays vedes ora com'estou end'eu;
se por mi morre fiqu'end'eu mui mal,
se lh'ar faço algum bem outro tal.

Dizem que é por mi coytad'assy
que quantas cousas en o mundo som
nom lhi poder dar vida se eu nom
e este preyto c'a é-m'ora assy;
se por mi morre fiqu'end'eu mui mal,
se lh'ar faço algum bem outro tal.

E amiga, per deus, conselho tal
mi dade vós que nom fiqu'end'eu mal.

828

— Por deus, amiga, preguntar-vos-ey
do voss'amigo que vos quer gram bem
se ouve nunca de vós algum ben,
que m'ho digades e gracir-vol-ey.
« Par deus, amiga, eu vol-o direy:
servyu-me muyt'e eu por lhi fazer
bem, el foy outra molher bem querer.

— Amiga, vós nom fezestes razom
de que perdestes voss'amig'assy
quando vos el amava mais c'a ssy;
porque lhe nom fezestes bem entom?
« Eu vos direy, amiga, porque nom:
servyu-me muyt'e eu por lhi fazer
bem el foy outra molher bem querer.

—Vedes, amiga, meu sen est a tal
que poys vos amigo dar quiser
que vos muyt'ame e vos gram bem quiser,
bem lhi devedes fazer, e nom mal.
« Amiga, non lhi pud'eu fazer al;
servyu-me muyt'e eu por lhi fazer
bem el foy outra molher bem querer.

829

— Ay amiga, oje falou comiguo
o voss'amigo, e vy-o tam coytado
porque nunca vi tant'ome nado
ca mort'era se lhi vós nom valedes.
« Amiga, quand'eu vir que é guysado
valer-lh'ey, mays nom vos maravilhedes
d'andar por mi coytado meu amigo.

— Per boa fé, amiga, bem vos digo
que hu estava migu'em vós falando
esmoreçeu, e bem assy andando
morrerá se vos d'el doo nom filha.
« Sy, filha-m', ay amiga, já quando
mays nom tenhades vós por maravilha
d'andar por mi coytado meu amigo.

— Amiga, tal coita d'amor ha sigo,
que já nunca dorme noyte nem dia
coydand'em vós, e par Santa Maria
sem vosso bem non o guarirá nada.
« Guarrey-o eu, amiga, todavya,
mays nom vos façades maravilhada
d'andar per mi coytado meu amigo.

830

Amigo, sey eu que ha mui gram sazom
que trobastes sempre d'amor por mi,
e ora vejo que vos travam hy,
mays nunca deus aja parte comigo,
se vos eu des aqui nom dou razom
per que façades cantigas d'amigo.
E poys vos eles teem por melhor
de vós enfengir de que vos nom fez
bem, poys naceu, nunca nenhuma vez;
e porem des aqui vos digo,
que eu vos quero dar razom d'amor
per que façades cantigas d'amigo
E sabe deus, que d'esto nulha rem
vos nom cuydava eu ora fazer,
mays poys vos cuydam o trobar tolher
ora verey o poder que am sigo,
cá de tal guysa vos farey eu ben
per que façades cantigas d'amigo.

831

Pesa-mh'amiga, por vos nom mentir,
d'unhas novas que de mi e do meu
amig'oy, e direy-vol-as eu;
dizem que lh'entendem o grand'amor,
que a comigu', e se verdade for
por maravilha pod'a bem sayr.
E bem vos digo que des que oy
aquestas novas sempre trist'andey,
ca bem entend'e bem vej'e bem sey
o mal que nos d'este preyt'averrá,
poys lh'entenderem ca posto x'é já
de morrer eu por el et el por mi.
Ca poyl-o souberem, el partid'é
de nunca já mays viir a loguar
hu me veja, tanto m'ande guardar
vedel-o morto per esta razom,
poys bem sabedes vos de mi que nom
poss'eu sem el viver per boa fé.
Mays deus que sabe o gram ben que m'el quer
et eu a el quando vos for mester
nos guarde de mal, se vir ca bem é.

832

— Filha, de grado queria saber
de voss'amigu'e de vós hunha rem:
como vos vay ou como vos avem?
« Eu vol-o quero, mha madre, dizer:
quero-lh'eu bem, e quel-o el a mi,
e bem vos digo que nom a mays hy.
— Filha, nom sey se a hi mays senom,
mays vejo-vos sempre com el falar
e vejo-vos chorar et el chorar?
« Nom vos terrey, madre, hi outra razom;
quero-lh'eu bem, e quel-o el a mi,
e bem vos digo que nom a mays hy.
— Se m'o negardes, filha, pesar-m'ha
ca se mays a hy feyt'a como quer
outro conselh'avemos hi mester.
« Já vos eu dixi, madre, quant'i a;
quero-lh'eu bem, e quel-o el a mi,
e bem vos digo que nom a mays hy.

833

Voss'amenaç', amigo, nom é rem
ca de pram ouvestes toda sazom
a fazer emquant'eu quisesse al non
e por rogo, nem por mal, nem por bem;
sol nom vos poss'esta hyda partir.
Nunca vos já de rem ey a creer,
ca sempr'ouvestes a fazer por mi
quant'eu mandass'e mentides-m'assy,
e pero faç'i todo meu poder,
sol nom vos poss'esta hyda partir.
Que nom ouvess'antre nós qual preyto a,
per qual vos foy sempre mester,
deviades per mi a fazer que quer,
e pero vos mil vezes roguei já,
sol nom vos poss'esta hyda partir.

834

Amigu'entendo que nom ouvestes
poder d'alhur viver e vehestes
a mha mesura, e nom vos val rem
ca tamanho pesar mi fezestes
que jurey de vos nunca fazer bem.
Quizera-m'eu nom aver jurado,
tanto-vos vejo viir coitado
a mha mesura, mas que prol vos tem,
ca hu vos fostes sem meu mandado
jurey que nunca vos fezesse bem.
Por sempre sodes de mi partido
e nom vos a prol de seer viido
a mha mesura, e gram mal me ven
ca jurey tanto que fostes bido
que nunca já mays vos fezesse bem.

835

— Como cuydades, amiga, fazer
das grandes juras que vos vi jurar
de nunca a voss'amigo perdoar,
ca vos direy de qual guisa o vi,
que sen vosso bem, creede per mi,
que lhi nom pode rem morte tolher.
« Tod'ess', amiga, bem pode seer,
mays punharei eu já de me vingar
do que m'el fez, e se vos eu pesar
que nom façades ao voss'assy
ca bem vistes quanto lhi defendi
que se nom foss'e nom me quis creer.
— Par deus, amiga, vingança sem sen
nunca vós faredes se deus quiser
a meu poder, nem vos era mester
de a fazer, ca vedes quant'i a;
se voss'amigo morrer, morrerá
por bem que fez, e nom per outra rem.

« Amiga, nom poss'eu teer por bem
o que m'el faça, a quem o tever
per bem tal aja d'aquel que bem quer,
mas sem mort'e nunca lhi mal verrá,
per boa fé que mi nom praza en,
pero d'el morrer nom mi prazerá.

836

Amigo, vós nom queredes catar
a nulha rem, se ao vosso nom,
e nom catades tempo, nem sazom
a que venhades comigo falar;
e nom querades, amigo, fazer
per vossa culpa mi e vós morrer.
Ca n'outro dia chegastes aqui
a tal sazom, que ouv'eu tal pavor,
que por seer d'este mundo senhor
nom quizera que vehessedes hi;
e nom querades, amigo, fazer
per vossa culpa mi e vós morrer.
E quem molher de coraçom quer bem
a meu cuydar punha de s'encobrir
e cata temp'e sazom pera hir
hu ela est, e a vós nom avem;
e nom querades, amigo, fazer
per vossa culpa mi e vós morrer.
Vós nom catades a bem nem a mal,
nem do que vos pois d'aquesta verrá
senom que pas'o vosso hu averrá,
mays en tal feyto muyt'a mester al;
e nom querades, amigo, fazer
per vossa culpa mi e vós morrer.

837

Madr', o que sey que mi quer mui gram bem
e que sempre fez quanto lh'eu mandey,
e nunca lhi d'esto galardon dey,
mha madre, vem e el quer já morrer
por mi d'amor, e se vos prouguer en
vós catad'y o que devo fazer.
Ca nom pode guarir se per mi nom,
ca o am'eu e el des que me vyu
quanto pod'e soube me servyu
mays poys lh'eu poss'a tal coyta valer
com'é de morte, se deus vos perdon'
vós catad'y o que devo fazer.
Ca d'el morrer, madre, per boa fé
mi pesaria quanto mi pesar
mays podesse, ca em todo logar
me serviu sempr'a todo seu *ser*;
e pois veedes com'este preyt'é
vós catad'y o que devo fazer.

838

Ora veerey, amiga, que fará
o meu amigo, que non quis creer
o que lh'eu dix'e soube-me perder,
ca de tal guysa me guardam d'el já,
que non ey poder de fazer ren
por el, mays esto buscou el mui bem.
El quis cumprir sempre seu coraçom
e soub'assy ssa fazenda trager,
que tod'ome nos podi'antender,
e pois aquestas guardas tantas son,
que non ey poder de fazer ren
por el, mais esto buscou el mui bem.
E pero lh'eu já querro des aqui
o mayor ben que lhi possa querer,
poys non podér non lhi farey prazer,
e digo que me guardam assy,
que non ey poder de fazer ren
por el, mais esto buscou el muy bem.
E vedes vós, assy conteç'a quen
non sab'andar en tal preyto con sen.

839

Amigo, mal soubestes encobrir
meu feyt'e voss'e perdestes per hy,
mi e vós, e oy mays quen nos vyr
de tal se guarde se molher amar,
filh'aquel ben que lhi deus quiser dar,
e leyx'o mays e pass'o temp'assy.
Cá vós quisestes aver aquel ben
de mi que vos non podia fazer
sen meu gram dan'é perdestes poren,
quanto vos ant'eu fazia d'amor;
e assy faz quen non é sabedor
de saber bem poys lh'o deus dá a soffrer.
E bem sabedes camanho temp'ha
que m'eu d'aquest', amigo, recehey,
em que somus, e poys que o ben já
non soubestes sofrer, sofred'o mal,
ca m'end'eu queyra fazer al
demo lev'o poder que end'ey.

PERO D'AMBROA

840

Ay meu amigo, pero vós andades
jurando sempre que mi non queredes
bem ant'as donas quando as veedes,
entendem elas cá vós perjurades,
e que queredes a mi tam gram bem
com'elas querem os que queren ben.
E pero vós ant'elas jurar hides
que non fazedes quanto vos eu mando,
quanto lhis mays hides en mi falando
al entendem mays que lhis mentides,
e que queredes a mi tam gran bem
com'elas queren os que queren ben.
E andad'ora de camanho preyto
vós vos quiserdes andar toda vya,
cá o cantar vosso de maestria
entenden elas que por mi foy feyto,
e que queredes a mi tam gram bem
com'elas querem os que queren ben.

PAYO CALVO

841

Foy-ss'o namorado, madr'e nõ vejo
e vyv'eu coytada e moyro con desejo;
torto mi ten ora o meu namorado,
que tant'alhur mora e sen meu mandado.
Foy-ss'el con perfia por mi fazer guerra
nembrar-se devya de que muyto m'erra;
torto mi tem ora o meu namorado,
que tant'alhur mora e sen meu mandado.
De prah con mentira mh'andava sem falha,
ca se foy con ira, mays se deus mi valha
torto mi ten ora o meu namorado
que tant'alhur mora e sen meu mandado.
Non quis meter guarda de min que seria,
e quant'el tarda, e per seu mal dia,
torto mi ten ora o meu namorado
que tant'alhur mora, e sen meu mandado.

842

Foy-ss'o meu perjurado
e non m'envya mandado,
desejal-o-ey.
Ay madr'o que ben queria
foy-ss'ora d'aqui sa vya;
desejal-o-ey.
Se non m'envyou mandado
de deus lhi seja buscado;
desejal-o-ey.
Poys mandado nom m'envya,
busque-lh'o sancta Maria;
desejal-o-ey.

MARTIN PEDROZELLOS

843

Eu louçana, em quant'eu viva for
nunca ja mays creerey por amor,
poys me mentiu o que namorey;
nunca jamays per amor creerey
poys me mentiu o que namorey.
E poys m'el foy a sseu grado mentir
des oy mays me quer'eu d'amor partir,
poys me mentiu o que namorey;
nunca jamays per amor creerey,
poys me mentiu o que namorey.
E direy-vos que lhi farey por en,
d'amor non quero seu mal nen seu ben,
poys me mentiu o que namorey;
nunca jamays per amor creerey,
poys me mentiu o que namorey.

844

Gram sazom ha, meu amigo,
que vós vos de mi partistes,
en Valongu'e non m'ar vistes,
nen ar ouv'eu depoys migo
de nulha ren gasalhado,
mays nunca tan desejado
d'amiga fostes, amigo.
Nen vos dirá nunca molher
que verdade queyra dizer,
nen vós non podedes saber
nunca per outrem, se deus quer,
ou se eu verdad'ey migo
que nunca vistes amigo
tan desejado de molher.
Pero ouvestes amiga
a quem quisestes mui gram bem,
a min vos tornade por en,
se achardes que vos diga;
se non, assy com'eu digo,
que nunca vissem amigo
tan desejado d'amiga.

845

«Amig'avya queixume
de vós e quero mh'o perder,
poys vehestes a meu poder.
—Ay meu senhor e meu lume,
se de mi queixum'avedes,
por deus que o melhoredes.
«Tant'era vossa queixosa
que jurey en San Salvador,
que nunca vos fezess'amor.
—Ay mha senhor mui fremosa;
se de mi queixum'avedes,
por deus que o melhoredes.
«Amigu'en poder sodes meu,
se m'eu de vós quiser vingar,
mays quero mi vos perdoar.
—Ay senhor por al vos rogu'eu
se de mi queixum'avedes,
por deus que o melhoredes.
De min que mal dia naçi
senhor se vol-o mereçi.

846

Madr', envyou-vol'o meu amigo
oje dizer que vos veeria
se ousasse par sancta Maria,
se o vós ante falardes migo,
se el vir vós nen min per meu grado,
san Salvador mi seja hirado.
De Valongo pero se espreytada
som de vós, cá lhi quero gram ben,
nunca lh'o quix pois naci, e por en
se creerdes, madre loada,
se el vir vós nen mi per meu grado,
san Salvador mi seja hirado.
De Valongo, cá se foy el d'aqui
sem meu mandad'e non me quis veer,
e ora manda-vos preyto trager,

que vos veja por tal que vej'a min;
se el vir vós nen mi per meu grado,
san Salvador mi seja hirado.
E ssey ben que non é tan ousado
que vos el veja sen vosso grado.

847

Ay meu amigo, coytada
vyvo porque vos non vejo,
e poys vos tanto desejo,
en grave dia foy nada,
se vos ced'o meu amigo
non fazo prazer e digo:
Poys que o cendal venci
de parecer en Valongo,
se m'ora de vós alongo,
en grave dia naçi;
se vos ced'o meu amigo
non fazo prazer e digo:
Por quantas vezes pesar
vos fiz de que vos amey,
alguma vez vos farey
prazer e dês non m'ampar'
se vos ced'o meu amigo
non fazo prazer e digo.

848

Por deus, que vos non pes',
mha madr'e mha senhor,
d'ir a San Salvador,
ca se oje hy van tres
fremosa, eu serey
a hunha, bem o sey.
Por fazer oraçon
quer'oj'eu a lá hir,
e por vos non mentir
se oj'i duas son
fremosas, eu serey
a hunha, ben o sey.
Hy é meu amigo, ay
madre hil-o-ey veer,
por lhi fazer prazer;
se oj'i hũa vay,
fremosas, eu serey
a hunha, bem o sey.

849

Amigas, sejo cuydando,
no meu amigo, porque non
ven, e sal-m'este corazon,
e estes olhos chorando,
que me nom pode guarir ren
de morte, se cedo non ven.
E ando maravilhada
porque tanto tarda, se é
viv'e saben per boa fé
cá vyv'oj'eu tan coitada
que me non pode guarir ren
de morte, se cedo non ven.

850

Fostes-vos vós, meu amigo d'aqui
sen meu mandad', e nulha ren falar
mi non quisestes, mays oj'ao entrar
se por mesura non fosse de mi
se vos eu vira, non mi venha ben
nunca de deus, nen dor ende m'oje ven.
Cá vos fostes sen meu mandad'e sey
que mi pesava muy de coraçon,
e, meu amigo, deus non mi perdon'
se por mesura non fosse que ey,
se vos eu non vira, non mi venha ben
nunca de deus, nen dor ende m'oje vem.
San Salvador sabe que assy é
cá vos fostes mui sen o meu prazer,
e quando m'oje non vehestes veer
se por mesura non foss', a lá fé,
se vos eu non vira, non mi venha ben
nunca de deus, nen dor ende m'oje vem.

851

Hido l'ay meu amigo
led'a San Salvador,
eu vosc'ay hirey leda,
e poys eu vosco for,
muy leda hirey, amigo,
e vós led'a comigo.
Pero sou guardada
todavya quer'hir
con vosc'ay meu amigo,
se m'ha guarda non vyr,
muy leda hirey, amigo,
e vós led'a comigo.
Pero soõ guardada
todavya hirey
com vosc'ay amigo
se a guarda non ey,
muy leda hirey, amigo,
e vós led'a comigo.

852

Deus, e que cuydey a fazer
quando m'eu da terra quitey,
hu mha senhor vi, baratey
mal, porque o fuy cometter,
ca sey que non posso guarir
per nulha rem se a non vir;
deus, e que cuydey a fazer!
Sandeç'e devia perder,
amigus, por quanto provey
de m'end'alongar, e direy
vos: mays nom posso sofrer;
e cuydo sempre tornar hy
e fiz por quanto m'eu party,
sandiçe, e devia perder

O corpo, ca non outr'; a ver
tod'aqueste eu mh'o busquey
muy ben, e lazeral-o-ey,
ca sey ca non posso viver
pelo que fiz; e assy é
que perderey per boa fé
o corpo, ca nom outr'aver.
Mais quen me podia valer
se nom dês, a quen rogarey
que me guise d'ir e hirey
ced'u a vi pola veer,
ca non sey al tan muyt'amar
e se m'el esto non guisar
quem me poderia valer?

LOPO, jograr

853

Por vós, meu amigo, morar
queredes en casa del rey,
fazed'end'o que vos direy;
se nostro senhor vos empar';
doede-vos vós de meu mal
porque vos lev'e nom por al.

854

Polo meu mal filhou el rey
de mar a mar, assy deus mi perdon',
ca levou sigo o meu corazon
e quanto ben oj'eu no mund'ey;
se o el rey sigo non levasse
mui ben creo que migo ficasse.
O meu amigu'e meu lum'e meu bem
non s'ouver'assy de mi a partir,
mays ante se m'ouvera a espedir,
e veed'ora qual é o meu sen;
se o el rey sigo non levasse
mui ben creo que migo ficasse.
O meu amigo, poys con el rey é
a mha coyta e qual pode seer
semelha-mh'a mi já par de morrer,
esto vos dig'ora per boa fé;
se o el rey sigo non levasse
mui ben creo que migo ficasse.

855

And'ora trist'e fremosa
porque se foy meu amigo
con sanha, ben vol-o digo,
mays eu soo aleyvosa
se ss'el foy pol-o seu ben
ca sey que mal hi verrá en.
E bem vol-o juro, madre,
poys que ss'el foy n'outro dia
sanhud'e non mh'o dizia;
non fui filha de meu padre
se ss'el foy pol-o seu ben,
ca sey que mal hi verrá en.
Poys que m'eu d'el muito queixo
e fui por el mal ferida
de vós, mha madre velida,
non logr'eu este meu soqueixo,
se ss'el foy pol-o seu ben,
ca sey que mal hi verrá en.

856

Porque se foy meu amigo
sen o meu grad'alhur viver,
e se foy sen o meu prazer
já non falará comigo
nenhunha rem que el veja
de quanto de mi deseja.
Porque se foy a meu pesar
e sse foy sen o meu prazer,
esto li cuyd'eu a fazer
ca sey que non a pod'acabar
nen hunha rem que el veja
de quanto de mi deseja.

857

Filha, se grado edes
dizede, que avedes:
non mi dam amores vagar.
Filha, se bem ajades
dized'e non mençades:
non mi dam amores vagar.
Dizede, poys vus mando,
porque lh'ides chorando:
nom mi dam amores vagar.
Par san Leuter vos digo,
cuydand'en meu amigo:
non mi dam amores vagar.

858

Por deus vos rogo, madre, que mi digades
que vos mereci, que mi tanto guardades
d'ir a san Leuter falar com me'amigo?
Fazede-mh'ora quanto mal poderdes,
ca non me guardaredes pero quiserdes,
d'ir a san Leuter falar com me'amigo.
Nunca vos fiz ren que non devess'a fazer,
e guardades-me tanto que non ey poder
d'ir a san Leuter falar com me'amigo.

859

Disserom-m'agora do meu namorado
que se foy sanhud'e sen o meu mandado;
e porque s'assanhou agora o meu amigo?
Sabe-o san Leuter a que o eu muyto roguey
que non mereci porque o sanhud'ey;
e porque s'assanhou agora o meu amigo?
Non lh'o mereci, ca nunca pôys foy nada,
madre, fuy hũ dia por el mal julgada,
e porque s'assanhou agora o meu amigo?

860

Assanhou-se, madr'o que mi quer gram bem
contra mi endoad'e foy-ss'ora d'áquem,
e sse soubess'eu, madre, ca mi sanhud'ya,
desassanhal-o-ya.
Sabe-o san Leuter, a que o roguey,
que o non mereci, pero o sanhudei
e sse soubess'eu, madre, ca mi sanhud'ya
desassanhal-o-ya.
Assanhou-ss'e foy-sse sen o meu prazer,
e quando mh'o disseron non o quis creer,
e sse soubess'eu, madre, ca mi sanhud'ya,
desassanhal-o-ya.

GALISTEU FERNANDIZ

861

O voss'amigo foy-ss'oje d'aqui
mui triste, amig', assi mi venha ben,
porque non ousou vosco falar ren,
e manda-vos esto roguar por mi:
que perca já de vós med'e pavor,
e falará vosc', amiga, melhor.
O voss'amigo non pode perder
pavor, amiga, se por esto non
perdoardes-lhi de coraçon;
e manda-vos el roguar e dizer:
que perca já de vós med'e pavor,
e falará vosc', amiga, melhor.
Quando-ss'el foy chorou muyto d'os seus
olhus, amiga, se mi venha ben,
porque non ousou vosco falar ren,
e manda-vos esto rogar, por deus,
que perca já de vós med'e pavor,
e falará vosc', amiga, melhor.
Veja-se vosqu', e perderá pavor
que ha de vós, et est'é o melhor.

862

Meu amigo sey ca se foy d'aqui
trist', amiga, porque m'ante non vyu,
e nunca mays depoys el ar dormiu,
nen eu, amiga, des que o non vi;
nunca depoys dormi per boa fé
des que s'el foy, porque non sey que é
D'el, amigas; e agora serey
morta porque o non posso saber,
nem mi sab'oje nulh'ome dizer
o que d'el est, et mays vos eu direy:
nunca depoys dormi per boa fé
des que s'el foy, porque non sey que é
D'el, amigas; e and'ora por en
tan triste que me non sey conselhar,
nem mi sab'ome oje recado dar
se verra ced'e mays vos direy en:
nunca depoys dormi per boa fé
des que s'el foy, porque nom sey que é
D'el, amigas; e sse el coytad'é
por mi e eu por el, per boa fé.

863

«Por deus, amiga, que pode seer
do voss'amigo, que morre d'amor
e de morrer a já muy grã sabor
poys que non pode vosso ben aver.
—Non o averá en quant'eu viver,
ca já lhi diss'eu que se partiss'en,
e sse ha coyta, que a sofra ben.
«Tenh'eu, amiga, que prol non vos a
do voss'amigo ja morrer assy,
ante tenho que o perdês hi
se por ventura vosso ben non a.
—Par dês, amiga, non o averá ja,
ca já lhi disseron que se partiss'en,
e sse ha coyta, que a sofra ben.
«Ben sodes desmesurada molher,
se voss'amor non pod'aver de pram,
e ben sey que por mal vol-o terran,
amiga, se vosso ben non ouver.
—Nunca o averá, se deus quiser,
ca já lhi disseron, que se partiss'en,
e sse ha coyta, que a sofra ben.
«Par dês, amiga, mui guisado ten
de sofrer coita, pois quer morrer por en.
—Se morrer moyra, ca non dou eu ren,
d'assy morrer ante mi praz muyt'en.
«Por ess'amiga, venha mal a quen
vos amar, poys tal preyto por vós ven.

864

Dizem do meu amigo ca mi fez pesar,
pero veo-m'ora, amigas, rogar:
ca mi queria tanto pesar fazer
quanto querria de mi receber.
Disserom-m'ay amigas, ca mi buscou mal
pero veo-m'ora jurar jura tal:
ca mi queria tanto pesar fazer
quanto querria de mi receber.
Soub'el estas novas e veõ ante mi
chorand'ay amigas, e jurou-m'assy:
ca mi queria tanto pesar fazer
quanto querria de mi receber.

LOURENÇO jograr

865

«Hir-vos queredes, amigo
mays mi de vós mui cedo?
—Ay, mha senhor, ey gram medo
de tardar, ben vol-o digo,
ca nunca tan cedo verrey
que eu non cuyde que muyto tardey.
«Amigo, rogo-vos aqui
que mui cedo vos venhades:

— Senon porque me rogades,
cá sey ben que será assy,
ca nunca tan cedo verrey
que eu non cuyde que muyto tardey.
«Amigo, vossa prol será,
poys que vos hides, de non tardar.
— Senhor, que prol m'hade jurar,
ca sei ben quanto mh'averrá,
ca nunca tan cedo verrey
que eu non cuyde que muyto tardey.
E senhor, sempre cuydarey
que tardo muyto, e que farey?
«Meu amigo, eu vol-o direy,
se assy for, gracil-vol-o-ey.

866

Hunha moça namorada
dizia hun cantar d'amor,
e diss'ella: «Nostro senhor,
oj'eu foss'aventurada,
que oyss'o meu amigo,
com'eu este cantar digo.»
A moça ben pareçia,
e en sa voz manselinha
cantou, e diss'a meninha:
«Prouguess'a sancta Maria,
que oyss'o meu amigo,
com'eu este cantar digo.»
Cantava muy de coraçon,
e mui fremosa estava,
e disse quando cantava:
«Peç'eu a deus por pediçom,
que oyss'o meu amigo,
com'eu este cantar digo.»

867

Tres moças cantavam d'amor
mui fremosinhas pastores,
mui coytadas dos amores
e diss'end'unha mha senhor:
Dized'amigas, comigo
o cantar do meu amigo.
Todas tres cantavam mui bem
com'é moças namoradas,
e dos amores coitadas,
e diss'a per quem perc'o sen:
Dized', amigas, comigo
o cantar do meu amigo.
Que gram sabor eu avya
de as oyr cantar entom,
e prougue-mi de coraçon
quanto mha senhor dizia:
Dized'amigas, comigo
o cantar do meu amigo.
E sse as eu mays oysse
a que gram sabor estava
e que muyto me pagava,
de como mha senhor disse:
Dizede, amigas, comigo
o cantar do meu amigo.

868

Assaz é meu amigo trobador,
ca nunca ss'ome defendeu melhor
quanto sse torna en trobar
do que ss'el defende por meu amor
dos que van con el entençar.
Pero o muytos veem cometer
tan ben se sab'a todos defender,
en seu trobar per boa fé,
que nunca o trobadores vencer
poderom, tam trobador é.
Muytus cantares ha fey per mi
mays o que lh'eu sempre mays gradeci
de como sse ben defendeu
nas entenções que eu d'el oy,
sempre per meu amor venceu.
E aquesto non sey eu per mi,
senon por que o diz quen quer assy
que o en trobar cometeu.

869

Amiga, des que meu amigo vi
el por mi morre, e eu ando desy
namorada.
Des que o vi primeyro lhi faley,
e el por mi morre e eu d'el fiquey
namorada.
Des que nos vimos assi nos aven
el per mi morre, e eu ando por en
namorada.
Des que nos vimus vedel-o que faz,
el per mi morre, e eu and'assaz
namorada.

870

Já'gora meu amigo filharia
de mi o que el tinha por pouco
de falar migo cá tant'era louco,
contra mi, que a vida mays querria;
e já filharia se m'eu quizesse
de falar migu'e nunca lh'al fezesse.
Tan muyto mi dizen que é coitado
por mi des quando non falou comigo,
que non dorme, nen ha sen comsigo,
nem sabe de si parte nem mandado;
e já filharia se m'eu quisesse
de falar migu'e nunca lh'al fezesse.
Ca est'é l'ome que mays demandava
e non ar quis que comigo falasse,
e ora jura que já sse quitasse
de gram sandiç'en que m'ante falava;
e já filharia se m'eu quizesse
de falar migu'e nunca lh'al fezesse.
E jura ben que nunca mi dissesse
de lh'eu fazer rem que mal me'stevesse;

En tal que comigo falar podesse
já non a preito que mi non fezesse.

871

Amiga, quero-m'ora cousecer
se ando mays leda por hunha ren,
porque dizen, que meu amigo ven;
mays a quen me vir querrey parecer
triste quando souber que el verrá,
mays meu coraçon muy ledo será.
Querrey andar triste por lhy mostrar
ca mi non praz, assi dês mi perdon',
pero al mi tenho eu no coraçon;
mas a quem me vir querrey semelhar
triste quando souber que el verrá,
mays meu coraçon muy ledo será.
Pero, amigas, sempre receey
d'andar triste quand'o gram prazer viir,
mays ey-o de fazer por m'encobrir,
e á força de mi parecerey
triste quando souber que el verrá,
mays meu coraçom muy ledo será.

GOLPARRO

872

Mal faç'eu, velida, que ora non vou
veer meu amigo, poys que me mandou
que foss'eu con el en a sagraçon
fazer oraçom a san Treeçon;
d'ir ey coraçon
a san Treeçon.
E nom me devedes, mha madr'a guardar,
ca sse lá non for, morrerey con pesar,
ca hu ss'el hya disse-m'esta razon:
fazer oraçon a san Treeçon
d'ir ey coraçon,
a san Treeçon.

JOHAM DE CANGAS

873

En san Mamed'u sabedes
que vistel-o meu amigo,
oj'ouvera seer migo,
mha madre, fé que devedes
leixedes-mh'o hir veer.
O que vistes esse dia
andar per mi mui coytado,
chegou-m'ora seu mandado,
madre, per sancta Maria,
leixedes-mh'o hir veer.
E poys el foy da tal ventura
que sofreu tan muyto mal
per mi e ren non lhi val,
mha madre, e per mesura,
leixedes-mh'o hir veer.
Eu serey per el coitada
poys el é por mi coitado,
se de deus ajades grado,
madre ben aventurada,
leixedes-mh'o hir veer.

874

Fuy eu, madr'a san Mamed'u me cuydey
que veess'o meu amigu'e non foy hi
por mui fremosa que triste m'eu parti,
e dix'eu como vos agora direy:
poys hy non ven, sey hunha ren,
por mi se perdeu, que nunca lhi fiz ben.
Quand'eu a san Mamede fui e non vi
meu amigo con quem quisera falar,
a muy gram sabor nas ribeyras do mar
sospirey no coraçon e dix'assy:
pois hi non ven, sey hunha ren,
por mi se perdeu, que nunca lhi fiz ben.
Depoys que fiz na ermida oraçon
e non vi o que mi queria gram ben,
com gram pesar filhou-xi-me gram tristen,
e dix'eu log'assy esta razon:
poys hi non ven, sey hunha ren,
por mi se perdeu, que nunca lhi fiz ben.

875

Amigo, se mi gram bem queredes,
hid'a san Mamed'e veer-m'edes;
oje non mi mençades, amigo.
Poys m'aqui ren nom podedes dizer,
hid'u ajades comigo lezer;
oje non mi mençades, amigo.
Serey vosqu'en san Mamede do mar,
na ermida, se mh'o deus aguisar;
oje nom mi mençades, amigo.

MARTIN DE GIIZO (FRAYSÕ?)

876

E como vyvo coytada, madre, por meu amigo
ca m'envyou mandado, que se vay no ferido;
e por el vyvo coytada.
Como vyvo coytada, madre, por meu amado,
ca m'envyou mandado que se vay no fossado;
e por el vyvo coytada.
Cá m'envyou mandado que se vay no ferido;
eu a santa Cecilia de coraçom o digo,
e por el vyvo coytado.
Ca m'envyou mandado que sse vay no fossado;
en a santa Cecilia de coraçom o falo:
e por el vyvo coytada.

877

Se vos prouguer, madr'oj'este dia
hirey oj'eu fazer oraçom

e chorar muyt'en santa Cecilia,
d'estes olhos meus, e de coraçon,
ca moyr'eu, madre, por meu amigo,
e el morre por falar comigo.
Se vos prouguer, madre, d'esta guisa
hirey a lá mhas candeas queimar,
en o meu mant'en a mha camisa
a santa Cecilia ant'o seu altar;
ca moyr'eu, madre, por meu amigo
e el morre por falar comigo.
Se me leixardes, mha madr'a la hir
direy-vos ora o que vos farey,
punharey sempre já de vos servir,
e d'esta hida muy leda verrey;
ca moyr'eu, madre, por meu amigo,
e el morre por falar comigo.

878

Treydes, ay mha madr'en romaria
ora hu chamam sancta Cecilia,
e louçana hirey
ca já hy est'o que namorey,
e louçana hirey.
E treydes migo, madre, de grado,
ca meu amigu'é por mi coitado,
e louçana hirey;
cá ja hy est'o que namorey
e louçana hirey
Orar hu chamam sancta Cecilia,
poys m'aduss'o que ben queria,
louçana hirey
ca já hy est'o que namorey
louçana hirey.
Ca meu amigu'é por mi coitado,
e poys eu non farey seu mandado,
e louçana hirey
cá já hy est o que namorey
louçana hirey.

879

Nom poss'eu, madre, ir a sancta Cecilia,
ca me guardades a noyt'e o dia,
do meu amigo.
Non poss'eu, madr'aver gasalhado,
ca me non leixades fazer mandado,
do meu amigo.
Ca me guardades a noyt'e o dia,
morrer-vos-ey con aquesta perfia,
por meu amigo.
Ca mi non leixades fazer mandado,
morrer-ves-ey com aqueste cuydado
por meu amigo.
Morrer-vos-ey com aquesta perfia,
e sse me leixassedes hir guarria
con meu amigo.
Morrer-vos-ey com aqueste cuydado,
e ss'er quiserdes hirey mui de grado
com meu amigo.

880

Ay vertudes de sancta Cecilia,
que sanhudo que se foy hun dia
o meu amigo; e tem-se por morto
e se ssa sanha non faz hy torto
o meu amigo e tem-se por morto.
Ay vertudes de sancta ermida,
com gram pesar fez aquesta hida
o meu amigo; e tem-se por morto
e se ssa sanha non faz hi torto
o meu amigo, e tem-se por morto.

881

Non mi digades madre mal, e irey
veel-o, se verdad'é que namorey
na ermida do Soveral,
hu m'el fez muytas vezes coytada estar,
na ermida do Soveral.
Non mi digades madre mal, se eu for
veel-o, s'en verdad'é o mentidor,
na ermida do Soveral,
hu m'el fez muytas vezes coytada estar
na ermida do Soveral.
Se el non ven hi, madre, sey que farey
el será sen verdad'e eu morrerey
na ermida do Soveral,
hu m'el fez muytas vezes coytada estar
na ermida do Soveral.
Rogu'eu sancta Cecilia e nostro senhor,
que ach'oj'eu hy madr'o meu traedor
na ermida do Soveral,
hu m'el fez muytas vezes coytada estar
na ermida do Soveral.

882

Nunca eu vi melhor ermida nem mais santa
e que sse de mi enfinge e mi canta;
disserom-mi que a ssa coyta sempr'avanta
por mi deus a-vos grado,
e dizen-mi que é cuydado
por mi o perjurado.
Martin Codaz, esta non acho fechada ...

883

A do muy bon parecer
mandou lo aduffe tanger;
louçana, d'amores moyr'eu.
A do muy bon semelhar
mandou lo aduffe sonar;
louçana, d'amores moyr'eu.
Mandou-l'o aduffe tanger
e non lhi davan lezer;
louçana, d'amores moyr'eu.
Mandou-l'o aduffe sonar,
e non lhy davam vagar;
louçana, d'amores moyr'eu.

MARTIN CODAX

884

Ondas do mar de Vigo,
se vistes o meu amigo?
e ay, deus, se verrá cedo!
Ondas do mar levado,
se vistes meu amado?
e ay, deus, se verrá cedo!
Se vistes meu amigo,
o porque eu sospiro?
e ay, deus, se verrá cedo?
Se vistes meu amado,
o por que ey gram cuydado;
e ay, deus, se verrá cedo!

885

Mandad'é comigo,
ca ven meu amigo;
hirey, madr'e vyvo!
Comigu'é mandado,
ca ven meu amado;
hirey, madr'e vyvo!
Ca ven meu amigo,
e ven san'e vyvo;
hirey, madr'e vyvo!
Ca ven meu amado,
e ven vyvo e sano;
hirey, madr'e vyvo!
Ca ven san'e vyvo,
e d'el rey amigo;
hirey, madr'e vyvo!
Ca ven vyv'e sano
e d'el rey privado;
hirey, madr'e vyvo!

886

Mha irmana fremosa,
treydes comygo
a la igreja de Vigo,
hu é o mar salido
e miraremos las ondas.
Mha hermana fremosa,
treides de grado
a la igreja de Vigo
hu é o mar levado;
e miraremos las ondas.
A la igreja de Vigo
hu é o mar salido,
e verrá hy, madre
o meu amigo;
e miraremos las ondas.
A la igreja de Vigo
hu é o mar levado,
e verrá hy, madre,
meu amado;
e miraremos las ondas.

887

Ay, deus, sab'ora, meu amigo,
com'eu senlheira estou en Vigo,
e vou namorada!
Ay deus, sab'ora o meu amado
com'eu en Vigo senlheira manho;
e vou namorada!
Com'eu senlheyra estou en Vigo,
e nulhas guardas non son comigo;
e vou namorada!
Com'eu senlheira em Vigo manho,
e nulhas guardas migo non trago;
e vou namorada.
E nulhas guardas nom é comigo,
ergas, meus olhos que choram migo
e vou namorada!
E nulhas guardas migo non trago
ergas, meus olhos que choram ambos;
e vou namorada.

888

Quantas sabedes amar amigo,
treydes comigu'a lo mar de Vigo,
e banhar-nos-hemos nas ondas.
Quantas sabedes d'amar amado,
treydes-vos migo ao mar levado,
e banhar-nos-hemos nas ondas.
Treydes comigo ao mar de Vigo,
e veeremol-o meu amigo,
e banhar-nos-hemos nas ondas!
Treydes migo ao mar levado,
e veremol-o meu amado;
e banhar-nos-hemos nas ondas.

889

En o sagrad'en Vigo,
baylava corpo velido;
amor ey.
En Vigo, no sagrado,
baylava, corpo delgado;
amor ey.
Hu baylava corpo velido,
que nunca ouvera amigo;
amor ey.
Baylava corpo delgado,
que nunca ouvera amado;
amor ey.
Que nunca ouvera amigo,
ergas, no sagrad'en Vigo,
amor ey.
Que nunca ouvera amado,
ergas, no Vigo en sagrado,
amor ey.

890

Ay, ondas que eu vin veer,
se mi saberedes dizer:
porque tarda meu amigo
sem mi?

Ay ondas que eu vin mirar,
se mi saberedes contar
porque tarda meu amigo
sen mi?

AYRAS PAES

891

Quer'hyr a sancta Maria de Leça
e, irmanas, treydes migo
e verrá o namorado
de bom grado falar migo;
quer'hir a sancta Maria de Leça
hu non fui a mui gram peça.
Se a lá poss'ir, mana, ben sei
que meu amigu'i verria,
por me veer e por falar migo,
ca lh'o non vi n'outro dia;
quer'hir a santa Maria de Leça
hu non fui a mui gram peça.

892

Por vel lo namorado
que muyt'a que eu non vi,
irmana, treydes comigo,
ca me dizen que ven hy
a sancta Maria de Leça.
Porque sey ca mi quer ben,
e porque ven hi mu'yrado,
irmana, treides comigo
ca sey que ven hi de grado
a sancta Maria de Leça.
Por vel-o namorado
que por mi gram mal levou,
treides comig'ay irmana,
ca mi dizem que chegou
a sancta Maria de Leça.

FERNAM DO LAGO

893

D'ir a santa Maria do Lagu'ey gram sabor,
et pero non hyrey a lá se ant'i non for,
irmana, o meu amigo.
E d'ir a santa Maria do Lago é-mi gram ben,
et pero non hyrey a lá se ant'i non a sen,
irmana, o meu amigo.
Gram sabor averia no meu coraçon
d'ir a santa Maria se hy achass'enton,
irmana, o meu amigo.
Já jurey n'outro dia, quando-me de parti
que non salia'la hermida se ante non foss'i,
irmana, o meu amigo.

JOHAM DE REQUEYXO

894

Fui eu madr'en romaria
a Faro com meu amigo,
e venho d'el namorada
por quanto falou migo;
ca mi jurou que morria
por mi; tal ben mi queria.
Leda venho da ermida
e d'esta vez leda serey,
ca faley com meu amigo
que sempre desejey;
ca mi jurou que morria
por mi, tal ben mi queria.
D'u m'eu vi con meu amigo,
vin leda, se deus mi perdon',
ca nunca lhi cuyd'a mentir
por quanto m'el diss'enton;
ca mi jurou que morria
por mi, tal ben mi queria.

895

A Far'hun dia hirey, madre, se vos prouguer,
rogar se verria meu amigo que mi ben quer,
e direi-lh'eu enton
a coyta do meu coraçon.
Muyto per desej'eu que vehesse meu amigo,
que m'estas penas deu, e que falasse comigo,
e direi-lh'eu enton
a coyta do meu coraçon.
Se ss'el nembrar quiser como fiquey namorada
e sse cedo veher, e o vir eu ben talhada,
e direi-lh'eu enton
a coyta do meu coraçon.

896

Poys vós, filha, queredes mui gram ben
voss'amigo, mando-vol'-hir veer;
pero facede por mi hunha ren,
que aja sempre que vos gradecer:
non vos entendam per ren que seja
que vos eu mand'hir hu vos el veja.
Mando-vos eu hir a Far'hun dia,
filha fremosa, fazer oraçon
hu fale vosco como soya,
o voss'amigu', e se deus vos perdon',
non vos entendam per rem que seja,
que vos eu mand'ir hu vos el veja.
E poys lhi vós gram bem queredes,
direy-vos, filha, como façades
hy, de vós, madr'e vel-o-edes,
mays per quanto vós comig'amades,
non vos entendam per rem que seja
que vos eu mand'ir hu vos el veja.

897

Atender quer'eu mandado
que m'envyou meu amigo,
que verrá en romaria
a Far'e veer-ss'ha migo;
e poren tenh'eu que venha,

como quer que outrem tenha,
nom tem'eu d'el que non venha.
Atendel-o quer'eu, madre,
poys m'envyou, seu mandado,
ca mi diss'o mandadeyro
que é por mi mui coitado;
e por en tenh'eu que venha
como quer que outrem tenha,
non tem'eu d'el que non venha.
Atendel-o quer'eu madre
poys m'el mandad'envya,
que se querria veer migo
en Far'en sancta Maria;
e por en tenh'eu d'el que venha
como quer que outrem tenha,
nom tem'eu d'el que non venha.
Que el log'a mi non venha
non tenh'eu per rem que seja,
nem que muyto viver possa
en logar hu me nom veja;
e por en tenh'eu d'el que venha,
como quer que outrem venha,
non tenh'eu d'el que non venha.

898

Amiga, quen oje soubesse
mandado do meu amigo
e lhi bem dizer podesse
que vehesse falar migo,
aly hu sempre queria
falar migu'e non podia.
Se de mi ouver mandado
non sey ren que o detenha,
amiga, pelo seu grado,
que el mui cedo non venha,
aly hu sempre queria
falar migu'e non podia.
E foy mig'outra vegada
atendel-o-ey velida,
fremosa e ben talhada
en Far'en a ermida,
aly hu sempre queria
falar migu'e non podia.

FERNAND'ESQUYO

899

O vosso amigo, assy deus m'empar',
vy, amiga, de vós muyto queyxar,
das grandes coytas que lhe fostes dar
des que vos el vyra.
A lo seu mal vos filhou por senhor,
e, amiga, sodes d'el pecador
e diz que morte lhe foy voss'amor,
des que vos el vyra.
A lo seu mal, e queyxou-se-m'ende,
ca el morre, e de vós nunca atende
se non coytas, que fosse por ende,
des que vos el vyra.

900

Senhor, porque eu tant'afam levey
gram sazon ha por deus que vos non vy,
e pero muy longe de vós vyvy
nunca aqueste verv'antig'achey:
quan longe d'oos tan longe de coraçon.
A minha coyta, por deus, non ha par
que por vós levo sempr'e levarey,
e pero muy longe de vós morey
nunca pude este verv'antig'achar:
quan longe d'olhos tan longe de coraçon.
E tam gram coyta d'amor ey migo
que o non sabe deus, mal pecado,
pero que vyvy muyt'alongado
de vós, non acho este verv'antigo:
quan longe d'olhos tan longe de coraçon.

901

O voss'amigo, triste sem razon
vi eu amiga; muy pouco per'ey,
e perguntey-o porque? e non sey
d'el se non tanto que me diss'enton:
des qu'el vyra hũa sa senhor
hir d'u el era, fora sofredor
de grandes coytas no seu coraçon.
Tan trist'estava, que ben entender
pode quem quer que o vir que trist'é,
e perguntey-o, mais per boa fé
non pud'eu d'el mais d'atanto aprender,
des qu'el vira hũa que quer bem
hyr d'u el era, por dereito ten,
'ta que a vyr, de non tomar prazer.
Da ssa tristeza ouv'eu tal pesar
que foy a el e perguntey assy,
en que coidava, mais nom aprendi
d'el senon tanto que lh'y oy falar,
des que el vira quem lhi coitas deu
hir d'u el era, no coraçon seu
ta que a vir, ledo non pod'andar.
E enton pode perder seu pesar
d'u que el vyra hyr veer tornar.

902

Vayamos, irmana, vayamos dormir
nas rybas do lago, hu eu andar vy
a las aves meu amigo.
Vaiamos, irmana, vaiamos folgar
nas ribas do lago hu eu vi andar
a las aves meu amigo.
En nas ribas do lago, hu eu andar vi
seu arco na mãao as aves ferir,
a las aves meu amigo.
En nas rribas do lago, hu eu vi andar
seu arco na mãao a las aves tirar,
a las aves meu amigo.
Seu arco na mano, as aves ferir
a las que cantavam leixal-as guarir;
a las aves meu amigo.

Seu arco na mano, a las aves tirar
e las que cantavam non nas quer matar,
a las aves meu amigo.

903

«Que adubastes, amigo, a lá en Lug'u andastes
ou q.[1] he essa ffremosa de q̃ vos vós namorastes?
Direi-vol-o eu, sr.ª, pois me tãbẽ preguntastes
d'amor que eu levei de Sanctiago a Lugo
a esse me adugu', e esse mh'adugo.
«Que adubastes, amigo, hu tardastes n'outro dia
ou qual he essa fremosa q̃ vos tan ben parecia?
—Direi-vol-o, senhora, pois hi tomastes perfia:
d'amor que eu levei de Sanctiago a Lugo
esse me adugu', e esse me adugo.
«Que adubastes, amigo, la hu avedes tardado,
ou qual he essa fremosa de q̃ sodes namorado?»
Direi-vol-eu, sr.ª, pois m'avedes preguntado:
d'amor que eu levei de Sanctiago a Lugo,
esse me adugu', e esse me adugo.

STEVAM DA GUARDA

904

A hũ corretor a quem vy
vender panos que conhoçi
con penas veyras, diss'assy:
— Da molher son de dom Foam,
e disse m'el: Vedes quant am
el et aquesta sa molher
an o mester, an o mester.
E diss'eu: Ficará em cós
sem estes panos do ungrós,
mays poys que o trajedes vós
a vender et per seu talam;
et disse-m'el: Sey eu de pram
per ela quanta vez disser:
an-o mester, an-o mester.
E diss'eu: Grav'é de creer
que elos con mengua d'aver
mandem taes panos vender,
por quam pouco por elles dam.
E disse-m'el: Per com'estam
el et aquesta ssa molher,
an-o mester, an-o mester.

905

D'uma gram vinha que tem em Valada
Alvar Rodriguis nom pod'aver prol,
vedes porquê, ca el non cura sol
de a querer per seu tempo cavar,
et a mays d'ela jaz por adubar
pero que tem a mourisca podada.
El s'entende que a ten adubada
pois lh'a podarom et sen razon
ca tan menguado ficou o torçon,
que a copa non pode bem deytar,
ca en tal tempo a mandou podar
que sempre lhe ficou decepada.
S'entom de cabo non for rrechantada
nenhum proveyto non pod'end'aver
ca per aly per hu a fez reer
ja en dezembr'está para secar,
et mays valrria já pera queymar
que de jazer como jaz mal parada.

906

Alvar Rodriguis vej'eu agravar
porque se sent'aqui mengua d'avindar,
et ten que lh'ya melhor alen mar
que lhe vay aquy hu naçeu et criou;
et por esto diz que sse quer tornar
hu gram tempo serviu e afanou.
Ten el que faz dereyt'en se queyxar
poys lhe non val servir et afanar,
nen pod'aqui conselho percalçar
com'alem-mar per servir percalçou;
poren quer-ss'yr a seu tempo passar
ha gram tempo serviu e afanou.

907

A molher d'Alvar Roiz tornou
tal queyxume quando ss'el foy d'áquem
et a leixou, que per mal nem per bem,
des que veo nunca ss'a el chegou,
nem quer chegar-se d'el; sancta non he
jurando-lhe ante que a boa fé
non na er leixe como a leixou.
E o cativo per poder que ha
non na pode d'esta feyta partyr,
nem per meaças, nem pela ferir,
ela por en nenhuma ren non dá,
mais se a quer d'esta sanha tirar
a boa fé lhe convem a jurar
que a non leixe en nenhum tempo já.

908

En preyto que dom Joam ha,
con hun maestre ha gram questom,
e o meestre presopom
o de que o dereyt'está
tan contrairo per quant'eu vi,
que se lh'outrem non acorr' i
o meestre decaerá.
Mais se decae, quem será
que já dereito, nem razon
for demandar, nen defenson,
en tal meestre que non dá
en seu feit'ajuda de ssi,
mais levará per quant'oy
quem lh'o direito sosterrá.
Ca o meestre entende já
se decaer, que lh'é cajom,
antr'os que leterados som,

onde vergonha prenderá,
d'errar seu dereito assi,
e quem esto vir des ali
por mal andante o terrá.

Esta cantiga de cima foi feita a hu meestre de leys que era manco d'uã perna, e çopegava d'ela muito.

909

Hum cavaleiro me diss'em baldom
que me queria poer citação
muy agravada, como home crú;
e dixi-lh'enton como vos direy:
se mh'a poserdes, tal vol-a porrei
que a sençades bem atá o cuu.
E disse-m'el: citação tenh'eu já,
tal que vos ponha, que vos custará
mais que quanto val aqueste meu muu;
e dixi-lh'eu: poil-o non tenh'en al,
se m'a poserdes, porrei-vol-a tal
que a sençades atá o cuu.
Tal exeiçon vos tenh'eu de poer,
diss'el a mi, per quando voss'aver
vos custe, tanto que fiquedes nuu;
e dixi-lh'eu: coração de judeu,
se mh'a poserdes tal vos pareceu,
que a sençades ben a taa o cuu.

Esta cantiga de cima foi feita a hun cavaleiro que lhe apohiam que era puto.

910

Meu dano fiz por tal juiz pedir
quando mh'a rainha madre d'el-rei deu
hũ cavaleiro oficial seu
pois me non val d'ante tal juiz ir;
ca se vou y e lev'o meu vogado,
sempre me diz que está embargado,
de tal guisa que me non pod'oir.
Por tal juiz nunca já mais ha
desembargad'este preyto que ey,
nem a rainha, nem seu filh'el-rei
pero lh'o manden nunca m'oirá;
cá já me disse que me non compria
d'ir per d'ant'el pois m'oir non podia
mentr'embargado estever com'está.
Mais a rainha pois que certa for
de qual juiz en a sa casa ten,
terá per razon, esto sei eu ben,
de poer hi outro juiz melhor,
e assi poss'eu aver meu dereito,
pois que d'i for este juiz tolheito,
e me deren qualquer outr'oidor.

Esta cantiga foi feita a hũ juiz que non ouvia ben.

911

Pois a todos avorrece
este jograr avorrido,
de tal molher e marido
que a min razon parece
de trager per seu pediolo
o filho d'outro no colo.
Pois ela trage camisa
de sargo mui bem lavrada,
e vai a cada pousada
por algo, non é sen guisa
de trager per seu pediolo
o filho d'outro no colo.
Como Pero da Arruda
foi da mulher ajudado,
non he mui desaguisado
pois lh'esta fez tal ajuda
de trager per seu pediolo
o filho d'outro no colo.

912

D'onde mora ali hũu home
vai-sse d'aqui hũu ric'ome;
dixe-lh'eu, per com'el come,
poys que m'eu fiqu'en Lixboa:
já que se vay o ric'ome
varon, vaa-ss'en ora boa.
E disse-m'el: per Leyrea
se vai caminho de Cêa;
dixi-lh'eu: per com'el çêa,
poys eu fiqu'en Extremadura
se vay caminho de Cêa;
el vaa-ss'em boa ventura.
E disse-m'el: este caminho
se vay d'antre Doyro et Minho;
dix'eu: poys bevo bon vinho,
aqui hu com'he um conto,
se vay antre Doyr'e Minho,
senhor vaa-ss'em ponto.

913

Pois teu preyto anda juntando
áquel que he do teu bando,
di-me, doutor, com'ó roguando
lhe cuydas fazer emmenda?
por quant'anda trabalhando
com'apost'a ta fazenda.
Pois com muytos ha baralha
por te juntar prol sem falha,
di, doutor, ssy deus t'y valha,
se lhe cuydas dar merenda,
por quant'el por sy trabalha
com'apost'a ta fazenda.
Pois anda tam afficado
por teu preyto aver juntado,
di, doutor, cab'o casado,

que prol tem y ou quegenda
o que toma tal cuydado
com'apost'a ta fazenda?

Esta cantiga foy fecta a hun doutor que meteu por seu mesegeyro pera justar seu casamento hũu home que era leigo e casado, e fora ante frade preegador, e o que se sal da ordem chamam-lhe «apóstata»; esta cantiga h? a de cima.

914

Pois que te prazes d'aver sen comprido
en trobar bem e em boa razom,
non faz mester, a ty ffer ũa chançon
d'ir entençar com'en torre a ruido;
nen te loares com'é quen s'engana
e de palavras torpes e d'ouffana
e depos faço seer espargido.
Ca sempre contam por en cyvidade
ao pastor por dar-sse de gram sen,
nem gram saber, por end'a ty conven
en quanto es tam pastor d'idade,
pois en tan alta razon ousas
que punhes sempre antre outras cousas
seeres partido de torpidade.
Non entendas que fazes hy cordura,
d'ires assy com'en torre entençar,
atrevendo te que sabes trobar
ante mercês hy ten feito mesura;
poren non queiras seer enganado,
en tal razon mays sêy sempr'acordado
de seeres parado de loucura.

Fiida

E pois en al es mans'e mesurado,
non entences se quer, serás loado
no que tu es comprido de bravura.

Esta cantiga foy fecta a hũu galego que se preçava de trobar e non o sabya ben e meteu-sse á maneira de tençon com Estevam da Guarda, e Estevam da Guarda lhi fez esta cantiga; e el andava sempre espartido, e nunca lhe entendeu a cantiga, nem lhe soube a ella trobar.

915

Bispo senhor, eu dou a deus bon grado
por que vos vej'em privança entrar
d'el-rey, a quem praz d'averdes logar
no seu conselho mais d'outro prelado,
e por que eu do voso tal a sey,
qual prol da vossa privança terrey,
rogo eu a deus que seiades privado.
Dobrando ende quant'al avedes
fazede sempre quant'al rey prouguer,
pois que vos el por privad'assi quer,
e pois que vós altos fectos sabedes,
e quant'en fisc'e en conselho jaz,
nostro senhor, pois d'esto al rey praz,
fyo por deus que privado seredes.
Per qu'este papa quen dovydaria
quen non tiredes gram prol e gram bem
quand'el souber que pelo vosso sen
el-rey de vós mais d'outro varon fia,
e poys vos el-rey aqueste logar dá
d'isto, senhor, hu outra rem non ha
vos seeredes privado todavya.
D'este vosso beneficio com oficio quem
dovydará,
que vol exalcem em Outrant'ora já?

916

Donzela, quem quer que poser femença
em qual vós sodes e de que logar,
e non parecer que vos deus quis dar
entender porquant'é mha creença,
que pois vos querem juntar casamento
nom pod'aver hy nen hũu partimento
se non se for por vosa negrigença.
E quem bem vir o voso contenente
e as feyestas e o parecer,
que vós avedes, bem pod'entender
en tod'aquesto quant'é mençiente;
que ben aly hu vos casar queredes
non se partirá que hy non casedes
se non per seerdes vós hy negrigente.
Ca sey eu outro non de tal doayro,
nem de tal logar como vós de pram,
com aguça que tomou de talam
de casar çedo nom ouv'y contrayro;
poren vos compre, se casar cuydades
de negregente que sodes, seiades
muy aguçosa sem outro desvayro.

917

Ruy Gonçalvyz, pero vos agravece
porque vos travou en voso cantar
Johan'Eanes, vej'eu el queyxar
de quam mal doesto lh'y de vós recrece,
hu lh'y ffezestes trobar de mal dizer,
en tal guysa que ben pode entender
quem quer o mal que aí lh'aparece.
Poren partid'este feito de cedo,
ca de mal dizer non tirades prol,
e como se Johan'Eanes dol,
já de vós perdeu vergonha et medo;
ca entend'el que se dev'a sentyr
do mal dizer que a seu olho vyr,
que pode log'a tocar con seu dedo.
Poys sodes entendud'en vysta
sabed'agora catar tal razon,
per que venha este feito a perdon,
e por parardes melhor a conquista,
outorgad'ora, senhor, que vos praz,
se mal-dizer no voso cantar jaz
que o poedes tod'o voss'a vista.

918

Dis oj'el-rey: poys dom Foam mays val
seendo pobre, o gram bem fazer
que lh'eu fiz sempr'o fez ensandecer;
se m'el ben quer, meus amigos, en tal
que me queyra mal hy, farey
padecer et desensandecel'-ey.
Poys en pobreza non sal de seu sen
e o bem fazer o torna sandeu
por padeçer o que non padeceu,
pero, amigos, diz que me quer bem,
que me queyra mal hy, farey
padecer et desensandecel'-ey.
Poys que lhi deus a tal ventura deu
que em pobreza tod'o seu sen ha,
e com bem et se tem por meu
.... que me queira ja,
que me queyra mal hy, farey
padecer et desensandecel'-ey.

Esta cantiga foy fecta a hũu que fora privado d'el-rey, e quando estava muy tendo amor d'el-rey apoinham-lhe que era muy levantado com'homem de mal recado; e aas vezes en quanto el-rey non fazia sanhudo todo tornava mui mansso et mui cordo et mui misurado.

919

Poys catarei ú m'espreite
con sas razões d'engano
e me quer meter a dano,
por en dan'eu quem m'o deyte;
deytar quero eu todavya
o Maestre qu'a dom Maçia.
Poys me tenta, de tal provo
per que traga esforzado,
eu como home de recado
em vespera d'ano novo,
deytar quero eu todavya
o Maestre qu'a dom Maçia.
E poys el aas primeyras
quer de myn levar o meu,
com'é enganador judeu
en vespera de janeyras,
deytar quero eu todavya
o Maestre qu'a dom Maçia.

Esta cantiga foy feyta a hũu escudeyro que avya nome Maçia e que era escudeyro do Meestre d'Alcantara et veera d'el-rey de Portugal con suas preytesias, et dava-lhe a entender que levaria do Maestre d'Alcantara muyto gram algo, e el andava-lh'y con mentira et para levar d'el algo.

920

—Vós dom Josep venho eu preguntar
poys pelos vossos Judeus talhadores,
vos ten talhad'a grandes e meores
quanto cada hũu Judeu ade dar;
per qual razon dom Foham Judeu
a quen já talha foy posta no seu
s'escusa sempre de vosco reytar.
«Estevam da Guarda, pode quitar
qual judeu quer de reytar os senhores,
mays na talha graças nem amores
nulh'y faram os que ham de talhar;
e don Foam ja per vezes deu
o o que talharom com'ende perd'o meu
des ora mays et con yr'a s'el jurar.
— Don Josep tenho por sem razom
poys ja ffal vosqu'eu talha igualdade,
hu do seu deu quanto lhy foy tolhade,
que per senhores aja defensom,
de non peytar como outro peytador
como peyta qualquer talhador
quanto lh'y talhan sem escusaçom.
«Stevam da Guarda per tal auçom
qual vós dizedes, foy já demandado
e foy por el seu feyto desputado
assy que dura na desputaçom,
e do talho non ten o melhor
ca deu gran peyta poys seu senhor
lh'a peyta quant'a val tal quitaçom.
— Já dom Foam por mal que mi quer dizer
que nego quant'ey per non peytar nada,
e de com'he fazend'apostada
vós dom Estevam sodes em bem fazer,
que nunca foy dom a tan sonegado
mays sabudo e certo apregoado
quant'ey na terra movil e raiz.
«Dom Joseph, já eu certo fiz
que devess'e non he cousa negado,
mays he tan certo et apreado
com'he o vinho forte em Alhariz;
e el quere-a de vós desearreygado,
de vos aver assy aspeytado
com'oj'el he polo mayor juiz.

921

Martim Gil, hũu homem vil
sse quer de vós querellar,
que o mandastes atar
cruamente a um esteo,
dando-lh'açoutes bem mil;
e aquesto, Martym Gil,
parece a todos muy feo.
Nom me poss'end'eu partir
per'o que o já roguey,
que se non queyx'ende al rey,
ca se sente tam mal treyto
que non cuyda en guarir;
e Martim Gil, quen no vir
parece mior lá o defeyto.
Tan cruamente e tam mal
diz que foy ferido entom,
que teedes hy cajom

s'el d'esto non guarrer,
e aquesto ffeyto tal,
Martim Gil, tan desigual
ei a muy peior parecer.

Esta cantiga foy feita a hum escudeyro que avya nome Martim Gil, e era homem muy feo.

922

Alvar Rodriguis, dá preç' e desforço
a est'infante mouro pastorinho,
e diz que pero parece menino
que emparar-se quer a tod'alvoroço;
e maestr'Ali, que vejas prazer,
d'Alvar Rodriguiz punha de saber
et se fode já este mouro tam moço.
Diz que per manhas et per seu sembrante
sab'el do mouro qu'é home comprido,
et para emparar-ss'a tod'o ruydo
et que sabe que tal he seu talante;
e maestr'Ali, que moiras em fé,
d'Alvar Rodriguis sab'i ora como he,
et se fode já este mouro infante.
E diz do mouro que sabe que ten'o
seu coraçom em ss'emparar afeito;
porque o cria et lhi he sujeito,
pero parece de corpo pequeno;
et maestr'Ali sab'y ora ben,
d'Alvar Rodriguis poyl-o assi ten
se fode já este mouro tam neno.

923

Do que eu quigi per sabedoria
d'Alvar Rodriguis seer sabedor,
e d'est'infante mouro muy pastor
já end'eu sey quanto saber queria
por maestr'Ali, de que aprendi
que lhi diss'Alvar Rodriguis asi
que já tempo ha que o mouro fodia.
Com'el guardou de frio e de fome
este mouro, poyl-o ten en poder,
maylo devera guardar de foder
poys con el sempre alberga et come;
ca maestr'Ali jura per ssa fe
que já d'Alvar Rodriguis ao pé
que fod'o mouro como fode outr'ome.
Alah guarde toda prol en seu seo,
Alvar Rodriguis, que por en tirar
d'aqueste mouro que non quis guardar
de seu foder a que tam moço veo;
ca maestr'Aly diz que dias ha
que sabe d'Alvar Rodriguis que já
fod'este mouro a caralho cheo.

924

Dizem, senhor, que huũ vosso parente
vos vem fazer de seus serviços crença,
e dizer-vos en maneyra de sabença
que vos serviu como leal servente;
e se vos el aquesto ven frontar
corta resposta lhy devedes dar
hu vos disser que vos servyu lealmen .
Ca se vos el quer fazer entendente
que vos servyu serv'y outra encoberta
per sa coita que ven poer por certa,
en tal razom a que ehe m'eu ciente
certa resposta deve levar,
de vós, senhor, poys non he de negar
hu disser que vos serviu lealmente.
E poys el and'a fazer-vos creente
que vos serviu como homem de peage,
nom compre aqui resposta per mensage,
mays vós, senhor, com ledo contenente
lhy devedes-lhy y logo a tornar
certa resposta, s'ar a mays cuydar,
hu disser que vos serviu lealmente.

925

En tal perfia qual eu nunca vy
vi eu dom Foam com sa madr'estar,
e porque os vi ambos perfiar
cheguei m'a el et dixi-lhy logu'y:
vencede-vos a quanto vos disser,
ca perfiardes non vos ha mester
con vossa madre perfiar assy.
E disse-m'el: sempr'esto ouvemos d'uso,
eu e mha madre em nosso solaz,
de perfiarmos en o que nos praz,
e quando-m'eu de perfiar escuso,
assanha-se et diz-m'o que vos direy:
que sejas sempre maldito e confuso.
E dix'eu: senhor, non vos está bem,
de perfiardes, mays esta-vos mal
com vossa madr'; e diss'el: nemical,
poyl-o ela por sa prol assy ten
ca se lh'eu dig'al tenho de fazer,
por bem ou mal tanto m'ade dizer
ou na cima perfiar me conven.
E paravuas am de falecer,
mays tanto avemos de noyte a seer
que a alvorada ja muy perto ven.

926

Se vós, dom Foão, dizedes
que deverades de casar
com molher de mayor logar
que essa que vos doedes,
dizedes hy en que vos praz
ca para vós perdon ten
et ela quant'obra bem,
filha d'algo he bem assaz.
Como quer que vos tenhades
que con ben fazer de senhor
deverades casar melhor,
senhor, nunca o digades;

ca se filharedes em cós
molher para vós tan lyal,
pera ela que tanto val
filha d'algo é para vós.
Poys sodes tan bem casado
non devedes hy al dizer,
mays a deus muyto gradecer
casamento tan onrrado;
ca para vós poys que vos dar
gram preç'a ome de bon sen,
et ela hu ha todo ben
filha d'algo é ben de pram.

927

O caparom do marvy
que vos a testa bem cobre,
con pena veyra tan nobre,
alfayat'ou pelyteiro,
dized'ora cavaleiro
qual vol a postou assy?
Tal caparom vos conven
con tal pena que tragaes,
mays ides dar meesteyraes
me dized'o que vos digo,
cavaleyr'a meu amigo
cal vol-a postou ca bem?
O que he mays sabedor
de caparom empenado
mi dê d'agora recado
e non seja encoberto,
de como vos sodes certo
cal vol-a postou melhor.

Esta cantiga foy feita a hũu vilaão rico que avia nome Roy Fafes e feze-o el rey dom ao filho del rey Dom Denis cavalleiro a rogo de Miguel Vivas, eleito de Viseu seu privado, porque casou com hua sa sobrinha, e era calvo e el em pero fez hun capeirom grande de marvy con pena veira e con alfreses aberto por deante e anchava-sse pelas costas pelos ombros todos arredor e de branco em cima do caparom lhe parece a pena veira.

928 e 929

Ja Martim Vaasques da estrelogia
perdeu bençom polo grand'engano
das pranetas, per que veo a dapno
en que tan muyto ante s'atrevia;
cá o fezerom sem prol ordinhar
por egreja que lhe non querem dar,
e per que lh'é defesa jograria.
E per esto porque ant'el vivia
lh'é defeso des que foy ordinhado,
oy mays se ten el por desasperado
da prol do mester et da crerezia;
e as pranetas o tornarom fol,
sen egreja, nen capela de prol
et sen o mester per que guarecia.
E ja de grado el renunçaria
sas ordiis per quant'eu ey apreso,
por lhe non seer seu mester defeso,
nem er ficar en tanta peioria,
como ficar por devaneador
coroado, et do que he peor
perder a prol do mester que avia.
E na coroa, que tapar queria
leixa crecer acima o cabelo
et a vezes a cobre com capelo
o que a mal muy daninhos faria,
mays d'el quant'el asperança perdeu
das planetas desi logu' entendeu
que per coroa prol non tiraria.
En o seu livro, per que aprendeu
astrologia, logu' i prometeu
que nunca por el mays estudaria.

Estas cantigas de cima foram feitas a huũ jograr que se presava d'estrologo e el non savia nada e ffoy-sse cercear, dizendo que averia egreja, e fazer coroa, e a huma ficou cerceado e non ouve a egreja e fezerom-lhe estas cantigas porem.

930

Com'aveo a Merlin de morrer
per seu gram saber, que el foy mostrar
a tal molher que o soub'enganar,
per essa guisa se foy confonder
Martim Vaasques per quant'eu lh'oy,
que o ten mort'huã molher assi
a que mostrou por seu mal saber.
E tal coyta diz que lhe faz sofrer
no coraçom que se quer afogar,
nem er pode hu a non vyr durar,
en tornand'i o faz esmorecer;
e per saber que lh'el mostrou o tem
ja coytado que a morrer convem,
de mort'estranha que ha padecer.
E é que lh'é muyto grave de ter
por aquelo que lh'el foy mostrar,
em estar com quem sabe que o pod'ensarrar,
en tal logar hu conven d'atender
a tal morte de qual morreu Merlim,
hu dará vozes fazendo ssa ffim,
ca non pod'el tal morte escaecer.

931

Ora é já Martim Vaasques certo
das planetas que tragia erradas,
Mars e Saturno mal aventuradas,
cujo poder trax en si encuberto;
ca per Mars foy mal chagad'em peleja,
et per Saturno cobrou tal egreja
sem prol nenhuma em logar deserto.
Outras planetas de boa ventura
achou per vezes en seu calandayro,

mays das outras que lh'andam en contrayro,
cujo poder ainda sobr'el dura,
per hũa d'elas foy muy mal chagado,
et pela outra cobrou priorado
hu ten lazeyra en logar de cura.
El rapou barva e fez gran corôa,
et cerceou seu topete spartido,
et os cabelos cabo do oydo,
cuydando avєr per hy egreja boa;
mays Saturno lh'a guisou de tal renda
hu non ha pam nem vinho d'oferenda,
nem de herdade milho para borôa.
E poys el he prior de tal prebenda,
conven que leyx'a cura e a renda
a capela ygual da sa pessoa.

932

Pero el rey ha defeso
que juiz non filhe preyto,
vedes o que ey apreso:
quen s'ajudar quer do alho
faz barata d'algu'e da-lh'o.
Pero que he cousa certa
que el rey pôs tal defesa
ond'a bon juiz non pesa,
digu'eu que per encoberta:
quem s'ajudar quer do alho
faz barata d'algo e da-lh'o.
Pero en tod'ome cabe
en que a sen e cordura,
que se aguarde tal postura,
vedes que diz quem o sabe:
quem s'ajudar quer do alho,
barata d'algo e dá-lh'o,
En prata ou em retalho
ou em trobas ou bisalho.

JOHAM FERNANDES DARDELEYRO

933

Esta cantiga foy feyta a hum commendador que ouvera sas palavras com este escudeyro que lh'y esta cantiga fez, porque o moveu a fazer d'el queyxume d'el rey et fez-lhi perder a terra que d'el tiinha avya nome Pavya.

O que cer'a no pavyo,
que me fez perder Pavya,
de que m'eu nada non fio,
al m'er fez com sa perfia:
de noyte per muy gram frio
que tangesse eu pessa fria,
mais aynda m'end'eu ryo
como s'end'el nunca ria.
Nem huãs graças non rendo
a quen lhy deu tan gran renda,
per que m'eu d'el nom defenda,
nen acho quem me defenda;
et poys que eu non emendo,
nem me faz outrem emenda,
a o demo eu comendo
que o aja en sa comenda.
Coyda-me lançar a mato,
dos ays o que me d'el m'após mata...
....
Que m'hade poer no paao
esto diz que vyu na paa
e por en quanto ten da-o
et a mha lavoyra daa;
mays poys eu non acho váao
a meu feito, sempre vaa
sa fazenda em ponto máao
e el muyto em ora maa.

934

A mi dizen quantos amigos ey
porque vivo tan muyt'em Portugal
ca muych'a já que non fighe mha prol;
digo-lhe eu: vos eu direy,
meus amigus, nom m'ho digades sol
ca mha prol he de viver en hu non vej'
huã vez a quen vi por meu mal.
E a est'est oje quanto ben ey,
nem me digades amiga hy al,
ca emquant'eu poder veer os seus
olhos, meu dano já nunca farey,
mays mha gram prol vedes porque, par deus,
ca me querrá matar se m'emparar
esta gram coyta que me nunca fal.

935

Pero Coello é deytado
da terra pellos meirinhos,
porque britou os caminhos;
mays de seu padr'ey gram doo,
nom ha mays d'um filho soo
e ficou d'elle lançado.
E foy-s'el morar a França
et desemparou sa terra,
ca nom quys con el rey guerra;
mays la coyta de sa madre
porque ficou a seu padre
d'el no coraçom a lança.
E foy-s'el morar a Coyra
que he terra muyt'esquiva,
hu coydamos que non viva,
e sseu padr'e sseu linhage
da lança que d'el trage
todos envydamus que moyra.
E el se foy certamente
porque nom podia
na terra guarir um dia;
ca eu a sseu padre ouvy-lh'o
que a lança do seu filho
en o coraçom a sente.

936

Huũ sangrador de Leirea
me sangrou est'ontro dya,
et vedes que me fagia:
cuidando buscar a vêa
foy-me no cuu apalpar;
al fodido hirá sangrar
sangrador em tal logar.
Este sangrador, amiga,
traz huã nova sangria
onde m'eu non percebia;
filhou-me pela barriga,
começou a sofaldrar;
al fodido hirá sangrar
sangrador en tal logar.
E tal sangrador achedes,
amiga, se vos sangrardes,
quando vos non precatardes
se lh'o consentir queredes,
querra-vos el provar:
al fodido hirá sangrar
sangrador en tal logar.
Quem tal rogo, quer rogar
con sa mãy vaa roguentar.

JOHAM SOARES DE PAYVA

937

Aquy se começam as cantigas d'escarnh'e de mal-dizer. Esta cantiga, é de mal-dizer e feze-a Joham Soares de Pavha al rey dom Sancho de Navarra, porque lhi rroubar tensa foram, e non lhi deu el rey ende dereyto.

Ora faz est'o senhor de Navarra
poys em Proenç'est el rey d'Aragom,
nom lh'am medo de pico, nem de marra,
Carcaçona, pero vezinhos son;
nen am medo de lhis poer Boron
e riir-s'am muyt'en Dura e Darra,
mays se deus traz o senhor de Monçon
ben mi cuyd'eu que a cunca lhis varra.
Se lh'o bon rey varrel-a escudela
que de Pamplona oystes nomear,
mal ficará aquest'outr'en Todela,
que al non ha a que olhos alçar;
que verrá hi o bon rey sojornar,
e destruyr a cá burgo d'Estela,
e veredes Navarros azerar,
e o senhor que os todus caudela.
Quand'el rey sal de Todela estrea
el essa ost'e tod'o seu poder,
ben soffrem hy de travalh'e de pea,
ca van a furt'e tornam-s'en correr;
guarda-s'el rey, com'é de bon saber,
que o non filhe luz en terra alhea
e onde sal hy ss'ar torn'a jazer
ao jantar ou senon aa cea.

FERNAM RODRIGUIS DE CALHEYROS

938

Fernam Rodriguis de Calheyros entendia en hũa donzela et tragia a esta donzela preyto de a casarem com Fernam Roiz Corpodelgado, e ela disse que non queria, e por esto fez este cantar Fernam Rodriguis, e diz assi:

D'unha donzela ensanhada
soo eu maravilhado,
de como foy razoada
contra mi n'outro dia,
ca mi disse que queria
seer ante mal talhada,
que aver corpo delgado.

939

Outrossy fez outra cantiga a outra dona a que davam preyto con huun peon, que avia nome Vela, e diz assy:

Agora oy d'unha dona falar
que quero ben, pero a nunca vi,
por tan muyto que fez por se guardar
por molher que nunca fora guardada,
por se guardar de maa nomeada
filhou-se e pos o Vela sobre sy.
Ainda e d'al fez mui melhor,
que lhi devemos mays agradecer
que nunca end'ouve seu padre sabor,
nem lh'o mandou nunca pois que foy nado,
c'apesar d'el e sen o seu grado
non quer Vela de sobre ssy tolher.

940

Et fez est'outro cantar a huu cavaleyro que dizia que era filho d'um home e fazia-se chamar per seu nome, e depois acharom que era filho d'outrem, e diz assy:

Vistes o cavaleiro que dizia
que Joham Mariz ora mentia
ca Joham Johanes o acharom;
e tomarom-lhi quanto tragia,
e foy de gram ventura aquel dia
que escapou que o non enforcarom.

941

Dom Fernam Paes de Talamancos fez este cantar de mal-dizer a hum jograr que chamavam Jograr-Saco, e era muy mal feyto e poren trobou-lhi que mays guysad'era de seer saco ca jograr.

DOM FERNAM PAEZ DE TALAMANCOS

Jograr Sacco, non tenh'eu que fez razom
quen vos poz nome jograr e vos deu dom;
mays guisado fora saqu'e jograr non,
assy deus m'ampar'vosso nome vos dirá
quem vos chamar saqu'e non jograr.
Rodrig'Ayras vol-o diss'e fez mal sen,
poys que vós non citolades nulha rem,
ar avede o nome saqu'e será bem;
assy deus m'ampar', vosso nome vos dirá
quem vos chamar saqu'e non jograr.
Quem vos saco chamar prazerá a vós,
e dirá-vol-o ben lh'en que vos en cós
vistira lus nadigões após vós;
assy deus m'ampar', vosso nome vos dirá
quem vos chamar saqu'e non jograr.
Quen vos a vós chamou jograr a prã mentiu
ca vej'eu que citolar non vos oyu,
nen os vossos nadigões non vos vyu;
assy dês m'empar', vosso nome vos dirá
quem vos chamar saqu'e non jograr.

942

Jograr Saqu'eu entendi,
quando ta medida vi
que sem partires d'aqui
ca desmesura pedes;
como vêes vay-t'assy
poys tu per saco medes.
Gram medida é de pram
pero que d'ele muyt'am,
saqu'e non ch'o daram,
ca desmesura pedes;
hu fores recear-te-am,
poys tu per saco medes.

943

Outrossy fez estas cantigas a hũa abbadessa sa coyrmana en que entendia, e passou por aquel moesteyro huu cavaleiro e levava hua cinta e deu-lh'a porque era pera ela, e poren trobou-lhi estes cantares.

Non sey dona que podesse
valel-a que eu amey,
nem que eu tanto quisesse
por senhor das que eu sey;
se a cinta nom prefesse
de que mi lh'eu despaguey
e por esto a cambey.
Pero m'ora dar quisesse
quant'eu d'ela desejey,
e mh'aquel amor fezesse
porque a sempr'aguardey,
cuydo que lh'o non quisesse
ca muyto me despaguey
d'ela poyla a cinta achey.

Nem ar sey prol que m'ouvesse
seu ben, e al vos direy
s'eu por a tal tevesse
quando-m'a ela torney.
juro que o non fezesse,
ca tenho que baratey,
bem poys me d'ela quitey.
Ca muyto per el am'e ssey,
com melhor senhor a sey
de mi, que a servirey.

944

Quand'eu passey per d'Ormãa
preguntey per mha coyrmãa
a salva e paçãa?
disseron: non é aqui essa,
alhur buscade vós essa,
mays é aqui a abbadessa.
Perguntey per caridade
hu é d'aqui salvidade,
que sempr'amou castidade?
disseron: non é aqui essa,
alhur buscade vós essa,
mays é aqui a abbadeça.

DOM LOPO LIAS

945

Don Lopo Lias trobou a huns cavalleiros de Lemus, e eram quatro irmãos e andavam sempre mal guisados, e por en trobou-lhis estas cantigas.

Da esteyra vermelha cantarey
e das mangas do ascari farey,
e o brial hy ementar-vol-ey,
e da sela que lh'eu vi rengelhosa
que já lh'ogano rengeu ant'el rey,
ao zevron, e poys ante sa esposa.
Da esteyra cantarey des aqui
e das mangas grossas do ascari,
e o brial ementar-vol ey hy,
e da sela que lh'eu vi rengelhosa
que lh'ogano rengeu ant'el rey
ao zevron, e poys ante sa esposa.

946

Tercer dia ante natal
o infançon lhi foy dar
hum brial a mha senhor bela,
e ao zevron renge lh'a sela;
e brial a mha senhor bela,
e ao zevron rengi-lh'a sela.
Sey eu hũ tal cavaleiro
que lhi talhou em janeyro
hum brial a mha senhor bela,
e ao zevron renge lh'a sela;
e brial a mha senhor bela,
e ao zevron rengi-lh'a sela.

Fiou-lh'o manto caente,
e talhou-lh'o en Benavente
hũ brial a mha senhor bela,
e ao zevron renge-lh'a sela;
e brial a mha senhor bela
e ao zevron rengi-lh'a sela.

947

Enmentar quer' eu do brial
que o infançon por natal
deu a sa molher e fez mal;
a gram trayçom a matou,
que lhi no janeyro talhou
brial e lh'o manto levou.
O infançon ca ond'a liçam,
de muytos e omiziam,
se for d'ant'el rey lhy diran
cá fremosa dona matou,
que lhi no janeyro talhou
brial e lh'o manto levou.
Brialheste, vay-te d'aqui
hu for Lopo Lias, e dy
que faça cobras per mi
ao que a dona matou,
que lhi no janeyro talhou
brial e lh'o manto levou.
Ben t'ajudaram d'Orzelhon
quantos trobadores hy son,
a escarnir o infançon
ca fremosa dona matou,
que lhi no janeiro talhou
brial e lh'o manto levou.

948

A mi quer mal o infançon
a mui gran cór et sen razon
por trobadores d'Orzelhon,
que lhi cantam seu brial
e pesa-m'en, e é-mi mal
que lh'escarniron seu brial
que era nov'e de cendal.
Quantos oj'en Galiza son
atá en terra de Leon,
todos com o brial colhon
dizen e fazen-no mui mal,
e pesa-m'en, et é-mi mal
que lh'escarniron o seu brial
que era nov'e de cendal.
E seu irmão, o zevron,
que lhi quer mui gram mal de corazon,
porque lhi reng'o selegon,
e se lhi renge non ment'al,
e pesa-m'en e é-mi mal
que lh'escarniron seu brial
que era nov'e de cendal.

949

En este son de negrada
farey hũ cantar
d'unha sela canterlhada;
mui mal
estê a sela pagada,
e direy do brial
todos colhon, colhon, colhon
con aquel brial de Sevilha
que aduss'o infançon
aqui por maravilha.
En este son de negrada
hũ cantar farey,
d'uã sela canterlhada
qu'é mi ant'el rey,
estê a sela pagada,
e do brial direy
todos colhon, colhon, colhon
com aquel brial de Sevilha
que aduss'o infançon
aqui por maravilha.
Logo fuy maravilhado
polo ascari,
e assy fui espantado
polo soçeri;
vi end'o brial talhado
e dixi lh'eu assy:
todos colhon, colhon, colhon
con aquel brial de Sevilha
que aduss'o infançon
aqui por maravilha.

950

D'esto son os zevrões
de ventura minguada,
erguen-sse nos arções
da sela canterllada
e dando os nadigões,
e diss'a ben talhada:
maa sela tragedes,
maa sela levades,
porque a non atades?
D'esto son os zevrões
de ventura falida,
erguem-se nos arções
da sela com'empodrida,
e dand'os nadigões,
e disse-lh'a velida:
maa sela tragedes,
maa sela levades,
porque a non atades?
Direy-vus que lh'eu ouço
em dia de ssa voda,
ao lançar do touço
da sela rengelhosa,
feriu do arcabouço,
e disse-lh'a fremosa:

maa sela tragedes,
maa sela levades,
porque a non atades?

951

Os zevrões forom buscar
Rodrigo polo matar;
mays ouvyu-lhes el cantar
as selas porque guariu;
polas selas que lh'oyu
renger, por essas guaryu.
Non lhis guarirá per ren,
a torto que lhis ten,
mays reng'ome per seu ben
as selas porque guariu;
polas selas que lh'oyu
renger por essas guaryu.
Non lhis podera guarir
ca os non vira viir,
mays oyu-lhes el ganir
as selas porque guariu;
polas selas que oyu
renger, por essas guariu.
E foram-lhi meter
cilada polo prender,
mays oyu-lhis el renger
as selas por que guariu;
polas selas que oyu
renger, por essas guariu.

952

Ora tenho guysado
desmanchar o zevron,
non and'eu cavalgado
nen trag'en selegon,
nen sela, mal pecado,
nen lh'oyrey o son;
ca já non trag'a sela
de que riiu a bela,
sela canterlhada
que rengeu na cilada.
Val-mi sancta Maria,
poys a sela non ouço
a que ranger soya,
ao lançar do touço;
matar-se-m'ia huũ dia
ou ele ou Ayras Louço,
ca já non trag'a sela
de que riiu a bela,
a sela cantarlhada
que rengeu na cilada.

953

Sela aleyvosa em mao dia te vi,
por teu cantar já Rodrigo perdi,
riiu-ss'el rey e mhà esposa de mi;
leixar-te quero, mha sela, por en,
e hirey en ôsso e baratarey ben.
Sela aleyvosa polo teu cantar
perdi Rodrigu'e non o poss'achar,
e per ende te quero leixar;
leixar-te quero, mha sela, por en,
e hirey en ousso e baratarey ben.
Des oy mays non tragerey
esteos, nen arções, se mi valha deus,
e vencerey os enmigus meus,
leixar-te quero, mha sela, poren,
e hirey en ousso e baratarey ben.

954

Ao lançar do pao
en a sela deu do cuu mao,
e quebrou-lh'a sela;
e assy diss'a bela:
rengeu-lh'a sela.
Ao lançar do touço
deu do arcabouço,
e quebrou-lh'a sela;
e assy diss'a bela:
rengeu-lh'a sela.

955

Ayras Moniz, o zevron,
leixad'o selegon,
e tornad'ao albardon,
andaredes hy melhor
cá na sela rengedor;
andaredes hy mui ben
e non vos rengerá per ren.
Tolhede-lh'o peytoral,
apertade-lh'o atafal,
e non vos rengerá per al,
andaredes hy melhor,
ca na sela rengedor;
andaredes hy mui ben
e non vos rengerá per ren.
Podedes en bafordar
e o tavolado britar,
e non vos rengerá; e ar
andaredes hy mui melhor
cá na sela rengedor,
andaredes hy mui bem
e non vos rengerá per ren.

956

O infançon ouv'a tal
tregoa comigo des natal
que agora oyredes,
que lhi non dissesse mal
da sela, nen do brial;
mays aquel dia vedes,
ante que foss'unha legoa,
comecey
aqueste cantar da egoa
que non andou na tregoa,
e por en lhi cantey.

Non negu'eu que tregoa dey hi
ao brial a sazon,
e aa rengelhosa,
e de praın hy andaron
as mangas do ascarí
mays non a rabicosa;
ante que fosse hũa legua
comecei
aqueste cantar da egua
que non andou na tregoa,
e por en lhi cantarey.
Dey eu ao infançon
e a seu brial tregoa,
ca mh'a pedia;
e ao outro zevron
a quem reng'o selegon;
mays logo n'aquele dia
ante que foss'unha legua
comecei
aqueste cantar da egua
que non andou na tregoa,
e por en lhi cantarei.
Do infançon vilão
affamado como cão
e a canterlhada
e o seu brial d'alvão,
tregoa lhe dey eu de prão;
e pois lh'a ouvi dada
ante que foss'unha legoa
comecei
aqueste cantar da egoa
que non andava na tregoa,
e por en lhi cantei.

957

Outrossy fez este cantar de mal-dizer aposto a hũa dona que era mui meninha fremosa, e fogiu aó marido e a el prazia-lhi.

Muyto mi praz d'unha ren
que fez dona Marinha,
non quer a seu marido ben,
e soub'essa pastorinha
fogir;
mal aja quen non servir
dona fremosa que fogir.
Ela fez end'o melhor,
a deus seja gracido,
molhersinha com pastor
saber a seu marido
fogir;
mal aja quen non servir
dona fremosa que fogir.
Qual é meu sabor
averem ambos guerra,
e ben toste mha senhor
verrá-ss'a vossa terra
guarir;
mal aja quem non servir
dona fremosa que fogir.

958

Outrossy trobou a hũa dona que non avya prez de mui salva, e el disse que lhĩ dera de seus dinheyros por preyto a tal, que fezesse por el algũa cousa, e pero non quis por el fazer nada, e por en fez estes cantares de mal dizer.

A dona fremosa do Soveral
a de mi dinheyrus per preyt'a tal
que vehess'a mi hu non ouvess'al
hun dia talhado a cas de don Coral;
e perjurada
ca non fez en nada,
e baratou mal;
ca d'esta vegada
será penhorada,
que dobr'o final.
Se m'ela creyer, cuydo-m'eu, dar-lh'ey
o melhor conselho que oj'eu sey,
de mi meu aver e gracir-lh'o-ey,
se mh'o non der penhoral-a-ey;
cá m'o ten forçado
e de corp'alargado,
non lh'o sofrerey;
mays polo meu grado
dar-mh'a ben dobrado
o sinal que lh'eu dey.

959

A dona de Baguyn
que móra no Soveral,
dex e sex soldos ha de min,
e dey-lh'os eu per preyt'a tal
que m'os ar desse
ond'al non fezesse,
se non vehesse
falar migu'en cas
de don Coral.

960

Sabem en Monserraz e en Silves
meu preyt'e sen non lhis pes,
quen ha de mi mays a d'un mez
hũ sold'e dous, e dez e trez;
de mays diziam que tercer dia
en cas de don Curral o burguez...

961

Esta cantiga fez como respondeu hũ escudeyro que non era ben fidalgo e queria seer cavaleyro e el non o tiinha por dereyto, e diss'assy:

—Escudeyro, poys armas queredes,
dized'ora con quen comedes?
«Don Fernand'a comer mi eu sol,
ca assy fez sempre meu avol.

— Poys armas tanto desejades,
buscad'ante com quem comades.
«Don Fernand', a comer mi eu sol,
ca assy fez sempre meu avol.

962

Esta cantiga fez a hũa dona fremosa que a casarom seus parentes mal por dinheyros.

Se m'el rey dess'algo ja m'iria
pera mha terra de bon grado,
e sse chegasse, compraria
dona fremosa de gram mercado;
ca já vendem, a deus louvado,
como venderon dona Luzia
en Orzelhon n'outro dia.
Eu coytado non chegaria
por comprar corpo tan ben talhado,
e astroso que a vendia
porque mi non envyou mandado;
fora de cachas encarregado,
en que comprara dona Luzia
en o Orzelhon do que a vendia.

963

Este cantar fez en son d'un seu cór, e fe-ze-o a hũ infanzon de Castela que tragia leyto dourado, e era mui rico e guisava-se mal e era muyt'escasso.

Quen oj'ouvesse
guysad'e podesse,
hũu cantar fezesse
a quem mh'ora eu sey;
e lhi dissesse:
e poys pouco valesse,
non desse
ren que non trouxesse
feyt'en cas d'el rey.
Ca poys onrrado
non é, nem graadoado,
faz leyto dourado
de pos sy trager;
e ten poupado
quant'a, e negado
preçado,
e trag'enganado
quem lh'o faz fazer.
Ca nunca el de seu
aver ren deu,
esto ben sey eu
que lh'estevesse ben;
demo-lh'o deu
poys que lhi prol non ten;
muyto lh'é greu
quando lh'o pede alguen.
E mantenente
perd'o contenente,
verdadeiramente
e vay-s'asconder;
e faz-se doente,
e vosso mal non sente
e fug'ante a gente
pola non veer.

964

Este outro cantar fez a hũa dona casada, que avya preço con hũu seu homen que avya nome Franco.

A dona Maria
soydade ca perd'en
aquel jogral
dizendo d'el ben;
et el non o achou
quen nenhun preyto
d'el fosse mover
nem ben nem mal,
e triste se tornou.

965

Est'outro cantar fez de mal dizer a hun cavaleyro que cuydava que trobava muy ben, e que fazia muy bons sons e non era assy.

MARTIN SOARES

Cavaleyro, com vossus cantares
mal avilastes os trobadores,
e poys assy per vós som vençudos
busquen per al servir sas senhores;
cá vos vej'eu mays das gentes ganhar,
do vosso bando por vosso trobar
ca non eles que son trobadores.
Os aldeyãos e os concelhos
todolus avedes per pagados,
tambem sse chamam per vossus quites
como se fossem vossos comprados;
por estes cantares que fazedes d'amor
em que lhis acham as filhas sabor,
e os mancebos que teen soldados.
Benquisto sodes dos alfayates,
dos peliteyros e dos moedores,
d'a vosso bando son os tropeyros
e os jograes dos atambores,
porque lhis cabe nas trombas vosso son,
para atambores ar dizem que non
acham no mund'outros sões melhores.
Os trobadores e as mulheres
de vossus cantares son nojados
a hũa porque en pouco daria
poys mi dos outros fossem loados;
ca eles non saben que xi van fazer,
queren bon son e boõ de dizer,
e os cantares fremosos e rimados.
E tod'aquesto é mao de fazer
a quen os sol fazer desguisados.

966

Esta outra cantiga fez a Affons'Eanes de Coton, foy de mal-dizer, aposto en que mostrava dizendo mal de ssy as manhas que o outro avya, e diz assi:

Nostro senhor, com'eu ando coytado
con estas manhas que mi quisestes dar,
son muy gran putanheyr'afficado,
e pago-me muyto dos dados jogar,
desy ar ey muy gram sabor de morar
per estas ruas e vyvend'apartado.
Pod'ora meu ben se foss'ăvejoso
caer en bon prez e onrrado seer,
mays pago-m'eu d'este foder astroso
e d'estas tavernas e d'este bever;
e poys eu jamays non posso valer
quero-m'andar per'u seja viçoso.
E poys eu entendo que ren non valho
nen ey por outra bondad'a catar,
non quer'eu perder este fodestalho
nen estas putas, nen est' entençar;
nem quer'ir per outras fronteiras andar,
perdend'o vinç'e dando-mi gram trabalho.
Ainda eu outras manhas avya
porque eu non posso já muyto valer,
nunca vos entro na taffularia
que lhi non aja algum preyto a volver;
porque ey poys em gran coita seer
e fuj'ir guarir na putaria.
E poys quando me vej'eu meu lezer,
merendo logo e poys vou mha vya,
e leix'i putas de mi ben dizer,
e de mhas manhas e da mha folya.

967

Esta outra cantiga fez a hum cavaleyro que foy cativo e deu por se quitar mayor aver que pode, que tinham os homeens que non valia el tanto.

Hun cavaleyro se conprou
pera quitar-se de Jaen,
hu jazia pres'e custou
pouco, pero non mercou ben;
ante tenho que mercou mal
ca deu por sy mays ca non val,
e tenho que fez hy mal sen.
Tan pouco fez el de mercar
que nunca eu tan pouco vi
ca se quitou de se comprar
e tan grand'engano pens'y,
que pero s'ar querra vender
ja nunca poderá valer
o meyo do que deu por sy.
De se comprar ouv'el sabor
tan grande que sse non guardou
de mercar mal, e fez peyor
porque s'ante non conselhou;
ca diz agora sa molher
que este mercado non quer
caber, poys tam mal mercou.

968

Esta outra fez a hũ escudeyro de pequeno logo, e diziam-lhi Albardar; e fez-lhe estes cantares d'escarnh'e de mal-dizer, e diss'assy:

Ouv'Albardar caval'e seendeyro,
cuydava cavaleyro seer;
quand'eu soub'estas novas primeyro,
maravilhey-m'e non o quys creer;
fiz dereyto, ca non vi fazer
des que naci d'albardar cavaleyro.

969

Quand'Albardar fogia d'aalen,
Orrac'Ayras o ascondeu mui ben,
e el na arca lhi fez a tal ren
per que nunca hy outr'asconderá;
per quant'i fez Albardar nunca já
Orrac'Ayras hy outr'asconderá.
Polo guarir muyto fostes de mal
sen, e chamou sempre non moyr'Albardar — et el de mays lhi fez a arca tal
porque nunca hy outr'asconderá;
per quant'i fez Albardar nunca já
Orrac'Ayras hy outr'asconderá.

970

Esta outra fes a hũ escudeyro que era pelejador, e pero hu cuydava el ferir ferian el.

Pero Perez se remeteu
por dar hunha punhada,
e non a deu, mays recebeu
hunha grand'orelhada;
ca errou essa que quis dar,
mays non o quis enterrar
de cima da queixada.
Ouvera el gram coraçom
de seer vingado,
e d'o ferir punho d'un peon
que o ha desonrrado;
e non lhi deu ca o errou
Pero Perez, hi ficou
con seu rosto britado.

971

Outrossy fez estes cantares aposto a hũ jograr que diziam Lopo, e citolava mal, e cantava peyor, e sson estes:

Foy a citola temprar
Lopo que citolasse,

e mandaron-lh'algo dar
en tal que a leixasse,
e el cantou logu'enton
cá deron-lh'outro don
en tal que sse calasse.
Hu a citola temprou
logo-lh'o doõ foi dado,
que a leixasse e el cantou
e diss'un seu malado
ar dê-lh'alg'a quen pesar
non se cal'endoado.
E conselhava eu ben
a quen el don pedisse,
disse-lh'o logu'e per ren
seu cantar non oysse
al ca este, ay meu senhor,
ó jograr braadador,
que nunca bon son disse.

972

Con alguen é'qui Lopo desfiado,
a meu cuydar, ca lhi vyron trager
hun citolon muy grande sobraçado
con que el sol muyto mal fazer;
e poyl-o ora assy vyron andar,
non mi creades, se o non sacar
contra alguen que foy mal dia nado.
Por que o veem a tal desaguisado
non o prezam, nen o querem temer,
mays tal pass'a cabo d'el segurado,
que se lhi Lopo cedo non morrer
ca lhi querrá deante citolar,
....
e poys guarrá a morte seu grado.
E poys mi Lop'ouver citolado
se hi alguen chegar polo prender
diz que é mui corredor afficado,
e de mays se cansar ou sse caer
e hi alguen chegar polo filhar,
jura que á cara vos a cantar
que non aja quem dulde, mal pecado.

973

Lopo jograr garganton,
e se és trist'ao comer,
pero dous nojos per razon
tenh'eu de ch'os non m'en sofrer,
mays vás no citolon rascar,
desy ar filhas-t'a cantar
e estes nojos quatro son.
Come verde foucelegon,
cuidas tu hi a guarecer
por nojos, mays non é sazon
de ch'os querer homen sofrer:
ca hirás hũ dia cantar
hu ch'o faram todo quebrar
na cabeça o citolon.

974

Foy hum dia Lopo jograr
a cas d'uũ infanzon cantar,
e mandou-lh'el por don
dar tres couces na garganta,
e fuy-lh'escass'a meu cuydar,
segundo com'el canta.
Escasso foy o infançon
en seus couçes partir enton,
ca non deu a Lop'enton
mays de tres na garganta;
e mays merece o jograron,
segundo com'el canta.

975

Esta cantiga fez d'escarnho a hũ que dizian Johan Fernandis e semelhava mouro, e jogavam-lh'ende, e diss'assy:

Johan Fernandis, hun mour'est aqui
fugid'e dizen que vól-o avedes,
e fazed'ora tanto por mi,
se deus vos valha, que o mour'edes,
ca vol-o hiran da pousada filhar,
e se vós virdes no mouro travar
sey eu de vós que vos assanharedes.
Levad'o mour'e hide-vos d'aqui,
poyl'a seu don'entregar non queredes,
e jurarey eu que vol-o non vi
en tal que vós con o mour'escapedes;
ca ey pavor d'iren vosco travar
e quero-m'ant'eu por vós prejurar,
ca vós por mouro non pelejedes.
Si quer meaçan-vos agor'aqui
por este mouro que vosco traedes,
e juran que se vos achan assy
mour'ascondudo com'est'ascondedes,
se o quiserdes hũ pouqu'emparar
ca vol-o hiran sô o manto cortar
de guisa que vos sempr'en doeredes.

976

Esta outra cantiga fez a Pero Rodrigues Grougalete, de sa molher que avya prez que lhi fazia torto.

Pero Rodriguis, da vossa molher
non creades mal que vos home diga,
ca entend'eu d'ela que ben vos quer
e quen end'al disser dirá nemiga;
e direy-vos en que lh'o entendi,
en outro dia quando a fodi
mostrou-xi-mi muyto por voss'amiga.
Poys vos deus deu boa molher leal,
non tenhades per nulha jograria
de vos null'ome d'ela dizer mal,
ca lh'oy eu jurar en outro dia,

ca vos queria melhor d'outra ren,
e por veerdes ca vos quer gram ben
non sacou ende mi que a fodia.

977

Esta outra cantiga fez d'escarnho a hūa donzela; e diz assy:

Hunha donzela jaz aqui
que foy ogano hua dona seguir,
e non lhi soube da terra sayr
e a dona cavalgou, e echou-l'i
don caralhote nas mãaos, e ten,
poyl'o a preso, ca está muy ben
e non quer d'el as mãos abrir.
E pois a dona caralhote viu
antre sas mãos ouv'en gran sabor;
e diz esto: o ffalso traedor,
que m'ogano desonrrou e feriu,
praz-me con el, pero tregoa lhy dey;
que o non mate, mais trosquiarey
como quem trosquia falso traedor.
A tal dona, molher mui leal,
pois que caralhote ouv'em seu poder;
muy ben soube o que d'el fazer,
e meteu-o logo en huũ cerc'a tal
hu muytus presos jouveron assaz,
e nunca hi tan fero preso jaz
que ome saia, menos de morrer.

978

Esta cantiga que se aqui acaba fez Martin Soares a hua sa irmãa; porque lhi fez ela querela d'uũ clerigo que a fodia ca a terra e o clerigo non quis a ela tornar, atá que ela foy por el a ssa casa e o trouxe para a sua.

Johan Fernandez, que mal vos talharon
essa saya que tragedes aqui,
que nunca eu peyor talhada vy,
e se quer muito vol-a encortaram;
cá lhi talharon cabo de gibon,
muito corta, si deus mi perdon',
porque lhi cabo do gibon talharon.
E porque lhi talharon a tanto,
sô o gibon vol-a talharom mal,
Johan Fernandes, ar derei-vos al,
poys que d'ela non tragedes o manto;
saya tan curta nom convem a vós,
ca muitas vezes ficades em cós
e faz-vos peyor talhad'o jaqueton.
Non vos vestides de saya guisado,
poys que a côrta queredes trager,
ante fazedes hi vosso prazer,
ca na côrta sodes vós mal talhado;
e a longa estará-vos ja ben,
ca mui côrta, senhor, non convem
a vós que sodes cortês e casado.

NUNO FERNANDES TORNEOL

979

De longas vyas muy longas mentiras;
est'é verv'antigo verdadeiro,
ca hum ric'om'achei eu mentireiro,
hindo de Valedolide pera Toledo;
achei sas mentiras entrant'ao Olmedo,
e sa resposta e seu posadeiro.
Aquestas son as que el enviara
sen as outras que com el ficarom,
de que pagá os que o guardarom
a gram sažom, e de mais seus amigos
pagará d'elas, e seus enemigos,
ca tal est'el que nunca lhi menguarom.
Nen minguará, ca mui ben as barata,
de mui gram terra que ten ben parada,
de que lhi non tolhe nulh'ome nada
gram dereyto, e ca el nunca erra,
dá-lhis mentiras em paz e em guerra,
a seus cavaleiros per sa soldada.

PERO GARCIA BURGALEZ

980

D'unha cousa sôo maravilhado,
que nunca vi a outren'contecer,
de Pedro boo, que era arrijado
e bem manceb'assaz pera vyver,
e foy doent' e non se confessou,
deu-lh'o peor e perceu e ficou
seu aver todo mal desemparado.
E pero avya que s'el sentiu coitado
quando-lhi deu a lançad'a perder,
logu'el ouve por seu filho enviado
cá lhi queria leixar seu aver,
e sa herdad'; e o filho tardou
e poren entramente ficou
seu filho mal, ca ficou exerdado.

981

Pero-me vós, donzela, mal queredes,
porque vos amo, conselhar-vos-ey,
que poys vos vós entoucar nom sabedes
que façades quanto vos eu direy;
buscade quem vos entouque melhor,
e vos correga polo meu amor
as feyturas e o cós que avedes.
E sse esto fezerdes, averedes,
assy mi valha a min nostro senhor,
bon parecer e bon talh'e seredes
fremosa muyt'e de bon coor;
sacad'aquessa touc'a torcer,
se log'ouverdes quem vos correger
as feyturas mui ben parecedes.
Ay, mha senhor, por deus en que creedes,
poys que por al non vos ouso rogar,

poys sempr'a touca mal posta tragedes,
creede-mi dó que vos conselhar;
en vez de vol-a correger alguen,
correga vol-as feyturas mui ben
co falar, e se non non faledes.

982

Maria Balteyra, porque jogades
os dadus, poys a eles descreedes?
hunhas novas vos direy que sabedes,
com quantos vos conhecem vós perdedes;
ca vos direy que lhis ouço dizer,
que vós nom devedes a descreer,
poys dona sodes e jogar queredes.
E sse vos d'aquesto non castigades
nulh'ome non sey con que ben estedes,
pero muytas boas maneyras ajades
poys já d'aquesto tam gram prazer avedes
de descreerdes, e direy-vos al,
se vol oyr terrá-volo a mal
bon ome e nunca con el jogaredes.
E nunca vós, dona, per mi creades,
per este descreer que vós fazedes,
se en gram vergonha poys nom entrades
algunha vez con tal home manteredes,
ca sonharedes, se dês mi perdon'
....
per sonho mui gram vergonça averedes.

983

Fernam Dias, este que and'aqui
foy hunha vez d'aqui a Ultramar,
e quanto bom maestre pod'achar
de castoar pedras, per quant'oy,
todolos foy provar o pecador,
e pero nunca achou castoador
que lh'o olho soubess'encastoar.
E pero mui boo maestre achou hy
qual no mund'outro non pod'en saber
de castoar pedras, e de fazer
mui ben lavor de caston outrossy;
pero lh'o olho en mesurou enton,
tam estreyto lhi fazend'o caston,
que lhy non pod'y o olho caber.
Ca don Fernand'aconteceu-lh'assy
d'un maestre que com el baratou,
cambhou-lh'o olho que d'aqui levou,
e dissi-lhi que era de çafy;
d'es'es maos contrafeytus d'el põy,
e meteu-lh'un grand'olho de boy,
aquel mayor que el no mund'achou.
Olho de cabra lhi quis hy meter
e non lhi pode no caston fazer,
e con seu olho de boy xi ficou.

984

Fernand'Escalho leixey mal doente
com olho mao, tan coytad'assy
que non guarrá, cuyd'eu, tan mal se sente,
per quant'oj'eu de don Fernando vi;
ca lhi vi grand'olho mao aver,
e non cuydo que possa guarecer
d'este olho máo tant'é mal doente.
E o maestre lhi disse: dormistes
con aquest'olho mao, e por en
don Fernando non sey se vol-o oystes,
quem se non guarda non o praza ren;
por en vos quer'eu huã ren dizer já,
se guarirdes, maravilha será,
d'est'olho mao velho que teedes.
Ca conhosqu'eu mui ben que vós avedes
olho máo mesto con catarron,
e d'este mal guarecer non podedes,
tan ced'e direy-vos por que non;
ca vós que queredes foder e dormir,
por esto sodes mao de guarir
d'est'olho mao velho que avedes.

985

Fernand'Escalho vi eu cantar ben
que poucos outrus vi cantar melhor,
e vy-lhe sempre mentre fuy pastor
muy boa voz e vy-o cantar ben;
mays ar direy-vós per que o perdeu,
ouve sabor de foder e fodeu,
e perdeu todo o cantar por en.
Non se guardou de foder, e mal sen
fel'el, que non poderia peor,
e am lh'as gentes per en desamor,
por boa voz que perdeu con mal sen;
voz de cabeça que xi lhi tolheu,
ca fodeu tanto que lh'enrouqueceu,
a voz, e ora já non canta bem.
C'a dom Fernand'aconteceu assy
de mui boa voz que soya aver,
soube a per avoleza perder,
ca fodeu moç'e non canta já assy;
ar fodeu poys mui grand'escudeyron,
e ficou ora, se deus mi perdon',
con a peor voz que nunca vi.
E ora ainda mui grand'infançon
si quer foder, que nunca foy sazon,
que mays quisesse foder, poyl-o eu vi.

986

Don Fernando, pero mi mal digades,
quero-vos eu ora desenganar,
ca ouç'as gentes de vós profaçar,
de cavalgar de que vos non guardades;
cavalgades pela fest'aqui,
e cavalgades de noyt'outro ssy,
e sospeytam que por mal cavalgades
Mays rogo-vos ora que mi creades,
do que vos ora conselhar,
se queredes com as gentes estar,
dom Fernando, melhor ca non estades,

senhor, forçade vosso coraçon
e nom cavalguedes tan sen razon,
siquer por vossas bestas que malades.

987

Que muyto mi de Fernan Dias praz,
que fez el rey dom Affonso meyrinho,
e non cata parente nem vezinho,
con sabor de teel'a terra em paz;
se o pode por mal feytor saber,
vay sobr'el e sse o pode colher
na mão logo d'el justiça faz.
E porque ha dom Fernando gram prez
das gentes todas de mui justiceyro,
o fez el rey meyrinho des Viveyro,
a tá Carron ond'outro nunca fez,
e sse ouve de malfeitor falar
vay sobr'el e non lhi pod'escapar
e faz-lhi mal jogo per huã vez.
E cuydará d'el quen o vir aqui
que o vir andar assy calado
ca non sabe parte nen mandado
de tal justiça fazer qu'a lh'eu vi;
leix'or'a gente adormecer enton,
e trasnoytou sobr'un hom'a Leon,
e fez sobr'el gram justiça logu'i.

988

Roy Queymado morreu com amor
em seus cantares, par sancta Maria,
por hunha dona que gram bem queria,
e por se meter por mays trobador;
porque lh'ela non quis ben fazer,
feze-s'el en seus cantares morrer,
mays resurgiu depoys ao tercer dia.
Esto fez el per hunha ssa senhor,
que quer gram bem, e mays vos eu dirya,
porque cuyda que faz hi maestria,
e nos cantares que fez a sabor
de morrer hy, e desy d'ar vyver
esto fez el que x'o pode fazer,
mays outr'omem per ren non o faria.
E non aja de sa morte pavor,
se non sa morte mays la temeria,
mays sabe ben per sa sabedoria
que vyverá des quánto morto for;
e faz en sseu cantar morte prender,
desy ar vyv'e vedes que poder
que lhi deus deu, mays que non cuydaria.
E sse mi deus a min desse poder
qual oj'el a, poys morrer de viver,
já mays morte nunca temeria.

989

Nostro senhor, que ben alberguey
quand'a Lagares cheguey n'outro dia,
per hunha chuva grande que fazia,
ca prougu'a deus que o juiz achey,
Martin Fernandiz; e disse-m'assy:
pan e vinh'e carne venden aly,
en San Paayo contra hu eu hya.
En coyta fóra, qual vos eu direy
se non achasse o juiz que faria,
ca eu nenhũ dinheyro non tragia,
mays proug'a deus que o juiz achey;
Martin Fernandis sayu a mi,
e mostrou-m'albergue cabo sy,
em que compre quanto mester avya.
Se eu o juiz non achasse, ben sey
como alberguey na albergaria,
ca eu errey e ja m'estarrecia,
mays o juiz me guariu que achey;
per o que eu tard'i o conhoci,
conhoceu-m'el e ssayo contra mi
e omilhou-xi-mi e mostrou-mha a vya.

990

Maria Negra ví eu en outro dia
hir rabialçada per hunha carreyra,
e pregumtey-a como hya senlheyra,
e por aqueste nome que avya;
e disse-m'ela entòn: ey nom'assy
por aqueste sinal com que naci
que trago negro como hunha caldeyra.
Dixi-lh'eu hu me d'ela partia:
esse sinal é suso na moleyra;
e disse-m'ela d'aquesta maneyra
com'eu a vós direy, e foy sa vya:
este sinal, se deus mi perdon'
é negro ben com'é hun carvon,
e cabeludo a derredor da caldeyra.
A grandes vozes lhi dix'eu hu sse hya,
que vos direy: a don Fernan de Meyra,
d'esse sinal, ou é de pena veyra,
de como he feyto a Johan d'Anbria;
tornou-s'ela e dizia-m'outra vez:
dizede-lhis ca chus negr'é ca pez,
e tem sedas de que faram peneyra.
E dixi-lh'eu enton: dona Maria
como vós sodes molher arteyra
assy soubestes dizer com'arteyra
esse sinal que vos non parecia;
e disse-m'ela: por este sinal
nom'ey de Negr', e muyt'outro mal,
ey per hy preço de peydeyra.

991

—Senhor, eu quer'ora de vós saber
poys que vos vejo tam coytad'andar,
con amor que non vos leixa, nem vos ar
leixa dormir nen comer,
que faréy a que faz mal amor
de tal guysa que non dormho, senhor,
nem posso contra el conselh'aver.
«Pero Garcia, non poss'eu saber

como vos vós possades emparar
d'amor, segundo quant'é meu cuydar,
que vos non faz muyto mal soffrer,
ca tanto mal mi faz a mi amor,
que se eu fosse do mundo senhor
dal-o-ya por amor non aver.
—Senhor, direy-vos que oy dizer,
a quen d'el foy cuytado gram sazon,
esse me disse que per oraçon
per jajuar, per esmolla fazer
ca per aquesto se partiu d'el amor;
fazed'esto, quiçá nostro senhor
vol-o fará per esto perder.
«Pero Garcia, sempr'oy dizer
que os conselhos boos boos son,
farey esso se deus mi perdon',
poys lhi per al non posso guarecer;
poys que mi tanto mal faz amor
rogarey muyto a nostro senhor,
que mi dê mort'ou mh'o faça perder.

992

Dona Maria Negra, bem talhada,
dizen que sodes de min namorada;
se me bem queredes
por deus, amiga, que m'oy saberedes
se me ben queredes.
Poys eu tanto por voss'amor ey feyto
aly hu vós migo talhades preyto,
se me ben queredes,
por deus, amiga, que m'oy saberedes
se me ben queredes.
Por non viir a min ssoa senlheyra
venha con vosc' a vossa covilheyra,
se me ben queredes,
por deus, amiga, que m'oy saberedes
se me bem queredes.
Poys m'eu por vós de peydos vaso,
aly hu vós migo talhastes prazo,
se me bem queredes,
por deus, amiga, que m'oy saberedes
se me bem queredes.

993

Maria Negra desventuyrada,
e porque quer tantas pissas comprar,
poys lhe na mão non queren durar,
e lh'assi morren a a malfadada;
e n'un caralho grande que comprou
honte ao seram o esfolou
e outra pissa ten ja amorviada.
E ja ela é probe tornada
comprando pissas, vedes que ventuyra,
pissa que conpra pouco lhe dura,
sol que a mete na sa pousada;
ca lhi conven que ali moyra enton,
de polmeyra ou de torcilhon,
ou per força fica ende aaguada.
Muyt'é per aventuyra menguada,
de tantas pissas no ano perder,
que compra caras, poys lhe van morrer,
e est'é pola casa molhada;
e quem as mete na estrebaria
poys lhe morr'er que lh'a sandia,
per pissas será en terra deytada.

ROY QUEYMADO

994

O demo m'ouver'oj'a levar
a hunha porta d'un cavaleyro,
por saber novas, e o porteyro
foy-lhi dizer que queria jantar;
e el tornou logo ssa vya,
con dous cães grandes que tragia
que na porta m'ouveram de matar.
E começava-os el d'arriçar
de tral-a porta d'un seu celeyro
hun mui gran can negro, outro veyro,
e começavam-ss'a mi de couçar
en cima da besta en que hya
e jurand'eu par sancta Maria
per novas vos quisera perguntar.
Tres cães e tan grandes no logar
mays non sayu o gram fileyro,
mays os dous que sayron primeyro
non lhis cuydei per ren ascapar,
pero jurava que non queria
aly dizer tanto mi valia,
como se dissess'a lá quer'entrar.
E dix'eu logo, poys m'en partia
sey-m'eu quen assy convydaria
o coteyffe peydeyr'en seu logar.

995

Don Estevan en grand'entençon
foy ja ora aqui por vosso preyto,
oy dizer por vós que a feyto
sodes cego, mays dix'eu que mui ben
oydes cada que vos cham'alguen,
vedes como tiv'eu vossa razon.
E muyto vos vy eu oje mal sen
dizer, por vós que a feyto,
sodes cego, e dix'eu logu'enton;
esto que sey que vos a vós aven,
que nunca vos home diz nulha rem
que non ouçades, se deus mi perdon'.
Oy dizer por vós que a sazon
que vedes quanto poys m'é deyto
e dormesco e dormho ben a feyto
que assy veedes vol-o a son';
e assanhey-m'eu e dixi per en,
confonda deus quem cego chama quen
assy ouve como vól-o sermon.

996

Querri'agora saber de grado
d'un home que sey muĩ profaçador,
de profaçar a tan gran sabor,
se soub'ora el com'é profaçado;
e pero sabe-o a meu cuydar
e por en a coyta de profaçar
ca non profaçar endoado.
E poyl-o sabe faz aguisado
de profaçar, ca nunca vi peyor,
ca x'o deostan el o melhor
faz pois que já tal é seu pecado:
ca o deosta quen eu nunca vi
home no mundo, des quando naci,
en profaçar e tan mal doestado.
Non vos é el d'aquest'en artado,
ante tenh'eu que é ben sabedor
de profaçar d'amigu'e de senhor,
e non guardar nenhum home nado
em profaçar, e tenho lhi per sen
de non dizer de nenhum home bem,
ca d'esto é el de todos ben guardado.
E diga poys quen disser muyto mal
qual ch'a fezer o compadr'outro tal
lhi faz per end'e serás vingado.

997

Don Marco, vej'eu muyto queixar
don Estevan de vós, cá diz assy
que pero foy muy mal doente aqui
que vos nunca quisestes trabalhar
de o veer, nen o vistes mays ben
jura que o confonda deus por en,
se vos esto per casa non passar.
Qual desden lhi vós fostes fazer
nunca outr'om'a seu amigo fez,
mays ar fará-vol-'outra vez,
se mal ouverdes non vos ar veer,
ca x'é el home que x'a poder tal
ben como vós, se vos ar veher mal
de vos dar en pelo vas'a bever.
Diz que o non guise nostro senhor,
se vos mui ced'outro tal non fezer,
non vos veer quando vos for mester
poyl-o non vistes e end'al diz peyor
hun verv'antigo, con sanha que a:
como lhi cantardes baylemos a ca,
non a per que vos bayle melhor.

De mal-dizer

JOHAM LÓBEYRA

998

Hum cavaleyro a 'qui tal entendença
qual vos eu agora quero cantar,
faz hu dev'a fazer prazer pesar,
e sa mesura toda é entença;
e ó que lhi pregúntan respond'al,
e o seu ben fazer é fazer mal,
e todo seu saber é sen sabença.
E non depart'en ren de que se vença
pero lh'outren guysado falar,
e verveja hu se dev'a calar,
e nunca diz verdad'n mays non mença;
e hu lhi ped' n cousimento fal,
pero é mans'hu dev'a fazer al,
e hu deve sofrer é sen sofrença.
Desy er fala sempr'en conhocença
que sab'el ben seu conhocer mostrar,
e dorme quando se deve espertar,
e menos sab'u mete mays femença;
e se con guisa diz logo seu sal,
e hu lh'aven alguma cousa tal
que lh'é mester sciente sen sciença.
E non lhy fazen mal de que se serça,
ante leyx'assy o preyto passar,
e os que lhi devian a peitar
peita-lhis el per fazer aveença;
e diz que nenhum prez nada non val,
mays deus que o fez já descomunal
lhy queyra dar por saude doença.

DOM GONÇAL'EANES DO VINHAL

999

Amigas, eu oy dizer
que lidaron os de Mouron
con aquestes d'el rey, e non
poss'end'a verdade saber,
se he viv'o meu amigo
que troux'a mha touca sigo.
Se me mal non estevesse,
ou non fosse por enfinta
daria esta mha cinta
a quem m'as novas dissesse;
se he viv'o meu amigo,
que troux'a mha touca sigo.

Esta cantiga fez Don Gonçal'Eanes do Vinhal a Don Anrique en nome da reina dona Johana sa madrasta, porque dizian que era seu entendedor, quando lidou en Mouron con don Nuno et con don Rodrigo Affonso que tragia o poder d'el rey.

1000

Estas cantigas son de escarnh'e de mal-dizer, e feze-as Gonçal'Eanes do Vinhal:

Pero Fernandis, home de Barnage
que me non quer de noyte guardar o muu,
se a ca d'el travarem por peage
como non trage dinheiro nenhuu;
non lhi vaam na capa travar,

nen o assanhen ca sse s'assanhar
pagar-lhis-a el peage do cuu.
Des ar mh'a mi d'andar em mha companha
ca nunca home tan sanhudo vi,
eu oy já que hũ home d'Espanha
sobre peagem mataron aqui;
e com'é home de gram coraçom
se lhi peagen pede o gaston
peage de cuu pagará hy.
Ca el ven quebrando com grand'ardura
con este mandado que oyu ja,
e ferve-lh'o sangu'e fará loucura
que nulha ren hy non esguardará;
se lhi peagem foren demandar
os parteiros do gaston de Bear
bevan a peagen que lhis el dará.

1001

En gran coyta andáramos con el rey
per esta terra hu con el andamus,
se non fosse que quis deus que achamos
infançōes quaes vos eu direy;
que entram nosqu'en doas cada dia,
e jantan e cean a gran perfia,
e burlham corte cada hu chegamus.
Taes barvas infançōes quaes non sey
e todos nós d'eles maravilhamus,
e pero os infançōes chamamus
vedes amigus tan'o vos direy;
eu per infançōes non os terria
mays son xa graça Sancta Maria
e san Juyão con que albergamus.
E sempre dês por sa vida rogarey
e dereyt'é que todol-o façamus,
poys d'eles todos tant'amor filhamos
en sa terra quanto vos eu direy;
qualquer d'eles nos fez quanto devya,
mays tant'é grand'a nossa folya
que nulhas graças lhis ende non damus.

1002

Non levava nen dinheyro
ogano hu ouv'i passar
per campos, e quix pousar
en casa d un cavaleyro,
que sse t n por infançon,
e soltou m'hum can enton
e mordeu-mh'o seendeyro.
Por meu mal enton senlheyro
ouv'aly a chegar
que non chegass'a logar
hu a tal fais *cava*leyro,
ca el se fosse santon
non fora ao vergalhon
raso do meu seendeyro.
Non vistes peyor parado
albergue do que achey
enton quand'a elle cheguey,
nen vistes mays estirado
home ca fuy d'um mastin
e fez-mi tal o rocin
que semelhava lobado.
Non fui eu ben acordado
poyl o da porta catey
dentro, porque o chamey
poz m'o gram can enriçado
que nunca fez fin
atá que fez en min
qual fez no rocin lobado

1003

Hunha dona foy de piam
demandar casas e pam
da ordin de San Johain,
con minguas que avya;
e digo-vos que lh'as dam
quaes ela querrya.
Das casas ouve sabor
e foy tal preytejador
que foss'ende jazedor
con minguas que avya;
e dam lh'as per seu amor
quaes ela querrya.
Pedyu-as a preito tal
d'i jazer, non fez al
ca xi lazerava mal
con minguas que avya;
e dam lh'as do espital
quaes ela querrya.
A dona de corazon
pediu as casas enton,
e mostrou esta razon
con minguas que avya;
e dam-lh'as da misson
quaes ela querrya.

1004

Pero d'Ambroa, sempr'oy cantar
que nunca vós andastes sobre mar,
que med'ouvessedes n'hua sazon,
e que avedes tan gram coraçon
que tanto dades que bon tempo faça,
ben como máo, nem como boança
nem dades ren por tormentas do mar.
E desi ja pola nave quebrar
aqui non dades vós rem polo mar,
com'é os outros que hy van enton,
poren teẽ que tamanho perdon
non avedes como os que na frota
van e sse deytan con medo na sota
sol que entenden tormenta do mar.
E nunca oymus d'outr'ome falar
que non temesse mal tempo do mar,
e poren cuydan quantos aqui son,
que vossa madre com algum caçon

vos fez sem falha ou com lobaganto,
e todos esto cuydamos per quanto
non dades ren por tormenta do mar.

1005

Abadessa, nostro senhor
vos gradesca, se lhy prouguer,
porque vos nembrastes de mi
a sazon que m'era mester;
hu cheguey a vosso logar,
que tan ben mandastes pensar
hy do vosso commendador.
Ca morto fôra, mha senhor,
de gram lazeyra, sey de pram,
mays nembrastes-vos bem de min,
e todos me perguntarám
se vos saberey eu servir
quam bem o soubestes guarnir
de quant'el avya sabor.
Ajades por en galardon
de deus, senhor, se a el praz,
porque vos nembrastes de min,
hu m'era muy mester assaz;
o commendador chegou
e sse el ben non albergou
non foy por vosso coraçon.
Dê-vos de poren galardon
por mi, que eu non poderey
porque vos nembrastes de min,
quand'a vosso logar cheguey;
ca já d'amor e de prazer
non pòdestes vós mays fazer
ao commendador enton.
Cento dobrad'ajades por en,
por mi que lh'i non mingou ren,
de quant' avya na mayson.

1006

Quantus mal am, se queren guarecer
se x'agora per eles non ficar
venham este maestre ben pagar
e deu lus pode mui ben guarecer;
ca nunca tan mal doent'ome achou,
nem tan perdudo des que el chegou
se lh'algo deu que non fosse catar.
Quyçá non o pod'assy guarecer
que este poder non lh'o quis deus dar,
a que non sabe que possa sanar
o doente, menos de guarecer;
mays perguntar-lh'am de que enfermou,
com'o maestre se o bem pagou
non leixa guarecer pol o el perguntar.
Ca vos non pod'el assy guarecer
o doente, menos de terminhar,
mays poys esto for se quiser filhar
seu conselho pode ben guarecer;
se se ben guardar, poyl-o el catou
ben guarrá do mal ca terminhou,
e diz o maestre se lhi non tornar;
Ca o doente de que el pensou
per hũ gram tempo se mui ben sanou
se mal non ouver pod'andar.

1007

Maestre, todolus vossos cantares
ja que filham sempre d'un a razon
e outrossy ar filham a mi son,
e non seguades outros milhares
se non aquestes de Cornoalha,
mays este seguydes ben sen falha
e non vi trobador per tantos logares.
D'amor e d'escarnh'en todas razões
os seguides sempre ben provado,
eu o sey que avedes filhado,
ca se ar seguissedes outros sões
non trobariades peyor por en,
pero seguydes vós os vossus mui ben
e já ogan'y fezestes tenções.
En razon d'un escarnho que filhastes
e non metestes ascondudo
ca já que era de Pedr'Agudo
essa razon en que vós hy trobastes;
mays assy a soubestes vós deitar
antr'unhas rimas e entravincar
que toda vol a na vossa tornastes.
Por maestria soubestes saber
da razon alhea vossa fazer,
e seguir sões a que vos deitastes.
E gram careza fezestes de pram,
mays lus trobadores travar-vos-am
ja que vos tem por que ben non guardastes.

1008

Esta cantiga fez dom Gonçalo Anes do Vinhal ao infante don Anrrique, porque dizian que era entendedor da raynha dona Joana sa madrasta, e esto foy quando el rey dom Affons'o poz fora da terra.

Sey eu, donas, que deytad'é d'aqui
do reyno já meu amigo, e non sey
como lhy vay, mais quer'ir a el rey,
chorar-lh'ey muyto e direy-lh'assy:
por deus, senhor, que vos tan bon rey fez,
perdoad'a meu amigo esta vez.
Porque o amo tan de coraçon
como nunca amou amigo molher,
irey aly hu el rey estever,
chorando dos olhos e direi-lhe enton:
por deus, senhor, que vos tan bon rey fez,
perdoad'a meu amigo esta vez.
E poys que me non val rogar a deus
nen os sanctos me queren oyr,
hirey al rey mercê pedir,
e digo chorando dos olhos meus:
por deus, senhor, que vos tan bon rey fez
perdoad'a meu amigo esta vez.

E por deus, que vos deu honrra e bondade
a dom Anrriqu'esta vez perdoade.

DON JOHAM D'AVOIN

1009

—Joham Soares, comecey
de fazer ora hun cantar,
vedes porque, porque achey
boa razon pera trobar;
ca vej'aqui hun jograron,
que nunca pode dizer son
nen o ar pode citolar.
«Joham Perez, eu vos direy
porque o faz a meu cuydar,
porque beve muyt'e o sey
e com'e fod'e poys falar
non pode por esta razon
canta el mal, mays a tal don
ben dev'el de vós a levar.
—Joham Soares, responder
non mi sabedes d'esto ben,
non canta el mal por bever,
sabede mays por hũa rem;
porque des quando começou
a cantar, sempre mal cantou
e cantará mentre vyver.
«Joham Perez, por mal dizer
vos foy esso dizer alguem,
ca pelo vynh'e per foder
perd'el o cantar e o sen;
mays ben sey eu que o mizcrou,
alguen com vosqu'e lhi buscou
mal, poys vos esso fez creer.
—Joham Coelho, el vos peytou,
n'outro dia quando chegou
poys hides d'el tal ben dizer.
«Joham Perez, ca vos dou
quanto mi deu e mi mandou
e quanto m'hades meter.

1010

—Lourenço, soyas tu guarecer
como podias per teu citolon,
ou ben ou mal non ti digu'eu de non,
e vejo-te de trobar trameter,
e quero-t'eu d'esto desenganar,
ben tanto sabes tu que é trobar
ben quanto sab'o asno de leer.
«Joham d'Avoyn, já me cometer
veheron muytos per esta razon,
que mi diziam, se deus mi perdon',
que non sabian trobar entender,
e veheron por en comigu'entençar,
e figi-us eu vençudos ficar,
e cuydo-vos d'este preyto vencer.
—Lourenço, serias mui sabedor
se me vencesses de trobar nen d'al,
ca ben sey eu quem troba bem ou mal,
que non sabe mays nenhum trobador;
e por aquesto te desenganey,
e vês, Lourenço, onde ch'o direy:
quita-te sempre do que teu non for.
«Joham d'Avoym, por nostro senhor,
porque leixarei eu trobar a tal
que mui ben faç'e que muyto mĩ val,
desy ar gradece-mh'o mha senhor
porque o faç'e poys eu tod'est'ey
o trobar nunca eu leixarey,
poyl-o ben faç'e ei gram sabor.

1011

—Joham Soares, non poss'eu estar
que vos non diga o que vej'aqui,
vejo Lourenço com muytos travar,
pero nom o vejo travar en mi;
e bem sey eu porque aquesto faz,
porque sab'el que quant'en trobar faz
que mh'o sey todo e que x'é tod'en mi.
«Joham d'Avoym, oy-vos ora loar
vosso trobar e muyto m'eu rii,
er dizede que sabedes boyar
ca ben o podedes dizer assy,
e que x'é vosso Toled'e Orgás,
e todo quanto se no mundo faz
ca per vós x'est e dized'assy.
—Joham Soares, nunca eu direy
senon aquelo que eu souber ben,
e do que sse polo mundo faz sey
que sse faz pór mi ou por alguen;
mays Toledo nen Orgás nom poss'eu
aver, mays en trobar que mi deus deu
conhosco se troba mal alguen.

JOHAM SOARES COELHO

1012

Joham Fernandis, mentr'eu vosc'ouver
aquest'amor que oj'eu con vosqu'ey,
nunca vos eu tal cousa negarey
qual oj'eu ouço pela terra dizer;
dizem que fode quanto mays foder
fode o vosso mouro a vossa molher.
Pero que foss'este mouro meu
ca mi terria eu por desleal,
Joham Fernandez, se vos negass'eu
a tal cousa qual dizen que vos faz:
ladinho, como vós jazedes, jaz
com vossa molher e m'end'é mal.
E direy-vos eu quanto vymos nós,
vymos ao vosso mouro filhar
a vossa molher, e foy-a deitar
no vosso leit'e vos eu direy;
quant'eu do mour'aprendi e sey,
fode-a como a fodedes vós.

1013

Joham Fernandes, o mouro tornado,
e de pram cuydamos que quer fiir,
veemol-o emperador levantado
contra Roma e tartaros viir;
e ar vemos aqui don pedir
Joham Fernandes, o mouro cruzado.
É sempr'esto foy profetizado
par doüs e cinco sinaes da fin,
seer o mundo assy como é miscrado,
e ar tornа ss'o mouro pelegrin;
Joham Fernandes, creed'est'a mi,
que soo home ben letrado.
E se non foss'o Ante-Christo nado
non averria esto que avem,
nen fiar o senhor no malado;
nen o malado no senhor rem,
nem ar hiria a Jherusalem
Joham Fernandes non bautiçado.

1014

Don Estevan fez sa partiçon
con seus irmãos e caeu mui ben
en Lixboa, e mal en Santarem,
mays en Coymbra, caeu ben provado,
caeu en Runa atá en o Arnado,
en todos tres os portos que hy son.
Quem diz d'Estevan que non vee ben
digu'eu que mente, ca diz mui gram falha,
e mostrar-lh'ey que non disse rem,
nem é recado que nulha rem valha;
pero mostrado devya seer,
ca nom pode per nulha rem veer
mal home que non vée nemigalha.
E nem lh'o diss'e sey que lh'o non diria
ca vee mal se migo falass'ante,
ou se o viss'andar fora da vya,
como o eu vi en junt'a Amarante,
que non sabia sayr d'uũ tojal
por en vos digo que non vée mal,
quem vee de redo quant'é deante.

1015

Don Estevam, que lhi non gradecedes
qual doayro vos deu nostro senhor,
e como faz de vós aver sabor
os que vos veem que vós non veedes;
e al hy devedes agradecer,
como vos faz antr'os boos caer,
e antr'os maos que ben vós caedes.
E hu vos jogaron ou hu vós jogades
mui ben caedes en qual d'estas quer,
en falardes con toda molher,
ben caedes e hu quer que falades
e ant'el rey muyto caedes ben,
se quer manjar nunca tam pouco ten
de que vós vossa parte non ajades.
E poys el rey de vós é tan pagado
que vos seu bem essa mercê faz
d'averdes nome muyto vos jaz,
e non seer home desensinado;
ca poys per cort'avedes a guarir,
nunca de vós devedes a partir
húm home que vos traga companhado.

1016

Maria do Grave, grav'é de saber
porque vos chamam Maria do Grave;
ca vós non sodes grave de foder,
e pero sodes de foder mui grave;
e quer'eu gram conhocença dizer
sen leterad'ou trobodor seer
non pod'ome departir este grave.
Mays eu sey ben trobar e ben leer,
e quer'assy departir este grave,
vós nom sodes grav'en pedir aver,
pero vosso con'e vós sodes grave
a quem vos fode muyto de foder,
e por aquesto sse dev'entender
porque vos chamam Maria do Grave.
E poys vos assi departi este grave,
tenho-me d'ora por muy trobador,
e bem vos juro, par nostro senhor,
que nunca eu achey tan grave
com'é Maria, e já o provey
de grave nunca poys molher achey
que a mi fosse de foder tan grave.

1017

Luzia Sanches, jazedes en gram falha
comigo que non fodo mays nemigalha
d'ua vez; e poys fodo, se deus mi valha,
fiqu'end'afrontado ben por tercer dia;
par deus, Luzia Sanches, dona Luzia,
se eu foder vos podesse foder-vos-hya.
Vejo-vos jazer comigo muyt'agravada,
Luzia Sanches, porque non fodo nada,
mays se eu vos per hy ouvesse pagada,
poys eu foder non posso, pagar-vos-ya;
par deus, Luzia Sanches, dona Luzia,
se eu foder-vos podesse, foder-vos-hya.
Deu-mh'o demo esta pissuça cativa
que já non pode sol cospir a salyva,
e de pram semelha mays morta ca vyva,
e sse lh'ardess'a casa non s'ergueria;
par deus, Luzia Sanches, dona Luzia,
se eu foder-vos podesse, foder-vos hya.
Deytaram-vos comigo os meus pecados,
cuydades de mi preytus tan desguisados,
cuydades dos colhões que trag'inchados,
ca o son con foder e con malouria;
par deus, Luzia Sanches, dona Luzia,
se eu foder-vos podesse, foder-vos-hya.

1018

Jograr mal desemparado
fuy eu pelo teu pescar,
como que ouvh'a envyar
àa rua por pescado;
por end'o don que t'ey dado
quer'ora de ti levar.
Assi ch'o dei preitejado
que m'ouvest'a escusar
da rua, e vês, jograr,
poys me non as escusado,
hun don e linho dobrado
pensa ora de mh'o dar.
Non ti baralh'eu mercado
nem queria baralhar,
mays ouveste-m'a pagar
en truytas, e poys pagado
non mh'as dás como t'ei contado
er pensa de mi contar.

1019

Bon casament'é pero sen gram milho
en a porta do ferr'unha tendeyra,
e direy-vos com'e de qual maneyra:
pera ric'ome que non pod'aver
filho nen filha pod'el a fazer
con aquela, que faz cada mez filho.
E de min vos dig'assy — ben mi venha,
sse ric'ome fosse e grand'alg'ouvesse,
. . . .
a quen leixar meu aver e mha erdade,
eu casaria, digades verdade,
con aquela que cada mez emprenha.
E ben seria meu mal e meu dano
per boa fé e mha menos ventura,
e meu pecado grave sen mesura,
poys que eu com a tal molher casasse
se hũa vez de min non emprenhasse,
poys emprenha doze vezes no anno.

1020

— Pero Martiiz, ora por caridade
vós que vos teedes por sabedor,
dizede-mi quen é comendador,
en o Espital ora da escassidade,
ou na franqueza, ou quen no forniz,
ou quen en quanto mal sse fez e diz,
se o sabedes dizede verdade.
«Poys don Vaasc'un pouco m'ascoytade:
os que mal fazen e dizen son mil,
en o forniz'é don Roy Gil,
e Roy Martiiz en a falsisdade,
e en a escasseza é o seu Priol,
non vos pod'om'esto partir melhor,
se mays quiserdes por mais perguntade.
— Pero Martiiz, mui ben respondestes,
pero sabia-m'eu esto per min,
ca todos trez eram senhores hy,
das comendas comendadores estes;
e par estes mh'é tan ben que m'é mal,
mays ar quer'ora de vós saber al
que mi digades do que non aprendestes.
«Vós don Vaasc'ora me cometestes
d'outros preytos, des y ar dig'assy,
non mi deu algo pero lh'o pedy,
o Priol, e fod'y e vós fodestes
con Roy Gil, e meus preytos talhey,
con frey Rodrigu'e mentiu-m'os, e sey
por aquesta sa fazenda d'aquestes.
— Pero Martiiz, respondestes tan ben,
en tod'esto, que foystes hy con sen
de trobador, e cuyd'eu que leestes.
«Vos don Vaasco, tod'esso-m'é ben,
ey sis'e sey trobar e leo ben,
mays que tard'i que mh'o vós entendestes.

1021

— Vedes, Picandon, soo maravilhado
eu d'en Sordel, que ouço entenções
muytas e boas, ey mui boos sões
como fui en teu preyto tan errado;
poys non sabedes jograria fazer,
porque vos fez per côrte guarecer,
ou vós ou el dad'ende bon recado.
«Joham Soares, lôgo vos é dado
e mostrar-vo-lo-ey en poucas razões;
gram dereyt'ey de ganhar dões,
e de seer en côrte tan preçado,
como segrel que diga, mui ben vês,
en canções e cobras e sirventês,
e que seja de falimento guardado.
— Picandon, por vos vós muyto loardes
nom vol-o cataram per cortesia
nen por entrardes na tafularia,
nem por beverdes, nem por pelejardes;
e se vos esto contarem per prez,
nunca nostro senhor tan cortez fez
como vós sodes se o ben catardes.
«Joham Soares, por me deostardes
non perc'eu por esso mha jograria,
e a vós, senhor, melhor estaria,
d'a tod'ome de segrel bem buscardes;
ca eu sey canções muytas e canto bem,
e guardo-me de todo falimen,
e cantarey cada que me mandardes.
— Senhor, conhosco-mi-vos, Picandon,
e do que dixi peço-vos perdon,
e gracir-vol'-ey se mi perdoardes.
«Joham Soares, mui de coraçon
vos perdoarei que mi dedes don,
e mi busquedes prol per hu andardes.

1022

— Quem ama deus, Lourenç', ama verdade,
e farey-ch'entender porque o digo,

home que entençon furta a seu amigo
semelha ramo de deslealdade;
e tu dizes que entenções faes
que poys non riman e son desiguaes,
sey-m'eu que x'as faz Johan de Guylhade.
«Joham Soares, ora m'ascuytade,
eu ouvi sempre lealdade migo,
e quem tam gram parte ouvesse sigo
en trobar com'eu ey par caridade,
bem podia fazer entenções quaes
fossen bem feytas, e direy-vos mays
la con Joham Garcia baratade.
—Pero Lourenço, pero t'eu oya
tençon desigual e que non rimava,
pero qu'essa entençon de ti falava,
demo lev'esso que t'eu criia,
ca non cuydey que entençon soubesses
tan desigual fazer nen n'a fezesses,
mas sey-m'eu que x'a fez Johan Garcia.
«Joham Soares, par sancta Maria,
fiz eu entençon e bem a iguava
com outro trobador que ben trobava,
e de nós ambos bem feyta seria;
e non vol-o poss'eu mays jurar,
mays sse trobador migu'entençar
defender-mi-lh'ei mui ben todavya.

1023

Don Buytorom, o que vos a vós deu
sobre los trobadores a julgar,
ou non sabia que x'era trobar,
ou sabia como vos trobey eu,
que trobey duas vezes mui ben
e se vos el fez juyz por en
de vos julgardes outorgo-vol'eu.
E sse vos el por esto fez juyz
don Vuytoron devedel'-a seer,
ca vos soub'eu dous cantares fazer
sen outros sex ou sete que vos fiz,
porque devedes julgar com razon
....
julgad'os cantares que vos eu fiz.
E pois julgardes como vos trobey
e ar chamad'o comendador hy
que fezeron comendador sen mi
de mhas comendas per força de rey,
e o que ora nas alças está
se o eu deitey entregar-mh'as a,
ca todas estas son forçadas de rey.

1024

Johan Garcia tal se foy loar
e enfenger que dava sas doas,
e que trobava por donas muy boas,
e oy end'o meyrinho queyxar,
e dizer que fará, se deus quizer,
que non trobe quen trobar non dever
por ricas donas nen por infançôas.
E oy n'outro dia eu queixar
huãs coteyfas e outras cochoas,
e u meyrinho lhis disse: — varôas,
e non vos queixedes, cá se eu tornar
eu vos farey que nenhum trobador
non trobe en talho se non de qual for,
nen ar trobe por mays altas pessoas.
Ca mand'al rey, porque a en despeito,
que trobem os melhores trobadores
polas mays altas donas e melhores,
e tem assy per razon con proveito;
e o coteyfe que for trobador
trobe, mays cham' a coteyfa senhor,
e andaram os preytus com dereyto.
E o vilão que trobar souber
que trob'e chame senhor sa molher,
e averá cada hũu o seu dereito.

1025

Martin Alvelo,
d'esse teu cabelo
ti falarey já,
cata capelo
que punhas sobr'elo
ca muy mester ch'a;
ca o topete
poys mete,
ca os mays de sete
e mays hu mays ha,
muytos que vejo
sobejo,
e que grand'entejo
en toda molher a.
E das trincheyras,
e das transmoleyras
ti quero dizer,
vejo-ch'as veyras
e von nas carreyras
polas deffender;
ca a velhice
poys crecer,
sol non quer sandice
al é de fazer,
ca essa cinta
mal pinta
e que val a enfinta
hu não ha foder?
Messa os cãos
e sinus saimãos
e non ch'a mester,
panos louçãos;
abride-las mãos
ca toda molher
o tempo cata
quen s'ata
a esta barata
que t'ora disser,
d'encobrir
a nós con panos

aquestes enganos,
per rem non os quer.

ROY PAES DE RIBELA

1026

Mala ventura mi venha,
se eu pola de Belenha
d'amores ey mal.
E confonda-me san Marcos,
se pola donzela d'Arcos
d'amores ei mal.
Mal mi venha cada dia,
se eu por dona Maria
d'amores ey mal.
Fernan d'Escalho me pique,
se eu por de Vyl'Hanrique
d'amores ey mal.

1027

Ven hu ric'ome das truytas
que compra duas por muytas,
e coz'end'a hunha!
Por quanto xi quer apenas,
compra en duas pequenas,
e coz'end'a hunha.
Venden cem truytas vivas,
e compra en duas cativas
e coz'end'a hunha!
E hu as venden bolindo
vay-ss'en con duas riindo,
e coz'end'a hunha!

JOHAM SERVANDO

1028

E s'a sela muyto dura
e dura sa pregadura,
mais non a Fôr' de Castela,
ay novel, non vos a prol
de tragerdes mais a sela.
Já a sela dava mal
e quebra o peytural,
per hu se ten a ffivela;
ay novel, non vos a prol,
de tragerdes mais a sela.
Ja ss'a sela vay husando,
e dixo Joham Servando,
que muyto vosco revela;
ay novel, non vos ha prol
de tragerdes mais a sela.

1029

Comeron infanções en outro dia
apartados na feyra de sancta Maria,
e deron-lhi linguados por melhoria,
que nunca vi tan poucos des que naçy;
eu com os apartados fui enton hy
apartado da vida e non comi.
Direy-vos como forom hy apartados,
derom-lhis das fanegas e dos pescados
a tanto, per que foran muy lazerados,
que des quando foy nado nunca chus vi;
eu com os apartados fuy enton hy,
apartado da vida e non comi.
Apartarom-sse d'elles por comer bem
melhor que comeriam em almazem,
e pois quando os erguer non podiam em
tirar muy bem as pernas ar c'a ssy,
eu com os apartados ffoy enton hy
apartado da vida e non comi.

1030

Don Domingo Caorinha
non a proe
de sobir em Marinha,
ca ja doe
quand'ela jaz, a sobrinha
mal assoe
a grossa pixa mesquinha
que lhi no seu cono móe;
por aquesto, don Domingo,
non digades que m'enfingo
de trobar,
e d'outra cinta me cingo
e d'outra Marinh'olhar.
Don Domingo, a deus loado
d'aqui ataa em Toledo,
nom ha clerigo prelado
que non tenha o Degredo;
e vós Marinha, co'dedo
avedel-o con'husado
que non pode teer medo;
por aquesto, don Domingo,
non digades ca m'enfingo
de trobar,
e d'outra cinta me cingo,
e d'outra Marinh'olhar.
Dom Domingo, non podedes
co's calções
que com a pissa tragedes
a Marinha pelos peixes
mays com mó a fodedes
e sobedes e decedes;
brad'en os cantões:
por aquesto, don Domingo,
non digades ca m'enfingo
de trobar,
e d'outra cinta me cingo
e d'outra Marinha olhar.
Dom Domingo, vossa vida
é com pêa,
pois Marinha jaz transida
e sem cêa;

porque vos aa sobida
cansou essa cordovêa;
ficou-vol-a pissa 'espida,
que ja xe vos esfreia;
por aquesto, don Domingo,
non digades ca m'enfingo,
de trobar,
e d'outra cinta me cingo,
e d'outra Marinha olhar.

1031

De quant'og'eu no mundo queria
a quen infançon nen ao sendal aven,
ca lhi pedi os panos que tragia
e disse-m'el o que teve por bem,
ca os queria trager a seu sen,
e pois na cima que mh'os non daria.
E pois l'ouv'i hos panos perfiado
enton punhey mais en lh'os pedir,
e disse-m'el: muy foy eu pagado,
hide-vos alhur e quando-vos ar vir
querrey os panos ante vós cobrir
que sejades d'elles de segurado.
E porem seerey ja sempre do seu lado,
per como m'ele os panos mandou,
hu me par'cia d'el desconfortado
foy-me chamar, e des hu me chamou:
Joham Servando, pero m'assy vou
non vos darey os panos a meu grado.

LOURENÇO jograr

1032

— Rodrigu'Eanes, queria saber
de vós porque m'hides sempre travar
em meus cantares, ca ssey bem trobar,
e a vós nunca vos vimos fazer
cantar d'amor, nem d'amigo; e por en
sse querede-l'o que eu faço bem
d'amar terran-vos por sem conhocer.
«Lourenço, tu fazes hi teu prazer
en te quereres tan muyto loar,
ca nunca te vimos fazer cantar
que ch'eu querra, nen o demo dizer;
com'esso diz Servand'y huã rem,
que es omen mui comprido de sen,
e bon meestre que sabes leer.
— Rodrigu'Eanes, sempr'eu loarey
os cantares que muy bem fectos viir,
quaes eu faço, e quem os oyr
pagar-ss'a d'elles; mays vos eu direy
dos sarilhos sodes vós trobador,
ca non fazedes um cantar d'amor
por nulha guisa qual eu farey.
«Lourenç'Eanes, terras hu eu andey
non vi vilam tan mal departir,
e vejo-te trobares cousir,
e loar-te; mais huã cousa sey,
de tod'omen que entendudo for,
non averá en teu cantar sabor,
nem ch'o colheram em casa d'el rey.
— Rodrigu'Eanes, hu meu cantar for
non acha rey nem emperador
que o non colha, muy ben eu o sey.
«Lourenço, tenho que és chufador,
e vejo-t'ora muy gram loador
de pouco, se non ch'o creerey.

1033

Pedr'Amigo duas sobervas faz
ao trobar, e queixa-sse muyt'en
o trobar, aquesto sey eu muy bem,
ca diz que lhi fazem de mal assaz;
com seus cantares vai-o escarnir,
ar diz que o leix'eu, que sey seguir
o trobar e todo quant'en el jaz.
E aquestas sobervas duas som,
que Pedr'Amigo em trobar vay fazer,
en a huã vay-o escarnecer
con seus cantares sempre en seu son;
en a outra vay, he min de loor,
d'esto se queixa muy mal o trobador,
ca ten comigu'en toda razon.
Mais dizede porque lh'o soffrerey
a Pedr'Amigo se me mal disser
de meus mesteres, poil'os bem fezer,
e de mais o trobar de mi já partirey
s'el sem conhocer per ficará
do que me diz que quer veerá,
que fazo bem esta que me filhey.

1034

— Quero que julguedes, Pero Garcia,
d'antre min e todolos trobadores
que de meu trobar som desdezidores,
poys que eu ey muy gram sabedoria
de trobar e do mui bem fazer;
se ey culpa no que me vam dizer
vingade-o sen toda bandoria.
. . . .
«Don Lourenço, muyto me cometedes,
e en trobar muyto vos ar loades,
e dizem esses com que vós trobades,
que de trobar nulha rem non sabedes;
nem rimades, nem sabedes iguar,
e pois vos assy travan en trobar
do vosso julgar, senhor, nom me coitedes.
— Dom Pedro, eu como vos ouç'i falar
hu vós bem non sabedes julgar,
ora dos outros offereçom ayedes.
«Dom Lourenço, vejo i vos profaçar,
mais quem nom rima, nem sabe iguar
se eu juizo dou queyxar-vos-edes.

1035

— Joham Vaasquez, moiro por saber
de vós porque me leixastes o trobar,
ou se foy el vos primeiro leixar,
ca vedes o que ouço a todos dizer:
ca o trobar acordou-s'en a tal
que estava vosco en pecado mortal,
e leixa-vos por se non perder.
«Lourenço, tu vêes por aprender
de min, e eu non ch'o quero negar,
eu trobo ben quanto quero trobar,
pero nom o quero sempre fazer;
mais di-me, ti que trobas desigual,
se te deitam por en de Portugal,
ou se mataste homem ou se roubaste aver.
«Joham Vaasquez, nunca roubei rem
nem matey homem, nem ar mereci
porque mi deitassem, mais viĩ aqui
por ganhar algo, e pois sey iguar-mi bem
como o trobar vosso, mais estou
que se perdia tan vosqu'e quitou-
sse de vós, e nom trobades por en.

1036 (vid. 472)

Vós que soêdes en côrte morar,
d'esses privados queria saber
se lhes ha privança muit'a durar,
ca os nom vejo dar nem despender;
ante lhes vejo tomar e pidir,
e os que nom querem dar ou servir
nom podem rem com el rey adubar.
D'esses privados nom sei mais falar
senon que lhes vejo mui gram poder,
e grandes rendas et casas gaanhar,
e vejo a gente toda empobrecer;
et com pobreza da terra sair,
e ha el rey sabor de os oyr,
mais eu nom sei que lhe vã conselhar.
Sodes de côrte et nom sabedes rem,
ca mester faz a todo homem que dê,
pois a côrte por livrar algo vem
c'ali dar non quer, por seu sabor he;
poys na côrt'homem non livra por al,
pense de dar, nom se trabalhe d'al,
ca os privados querem que lhes dêm.

Esta cantiga de cima foy feita em tempo del rey don Affonso, a seus privados.

O CONDE DON PEDRO, de Portugal

1037

Esta cantiga foy feita a hũ escudeiro que andou a alem-mar, e dizia que fora a lo mouro.

Alvar Roiz, monteyro mayor,
sabe bem qu'a-lhi el-rey desamor,
porque lhe dizem que he mal feytor;
na ssa terra est'é cousa certa,
ca diz que se quer hyr, et per hu for
levará cabeça descuberta.
El entende que faz al rey pesar
se lh'y na terr'aqui mais morar,
por en quer hir sa guarida buscar,
com gram despeit'em terra deserta;
et diz que pode per hu for levar
sempr'a cabeça bem descuberta.

1038

Esta cantiga foy feita a Miguel Vivas, que foy Enleyto de Viseu, et a Moniz Lourenço de Beja.

Os privados que d'el rey ham,
por mal de muytos, gram poder,
seu saber é juntar aver,
e non no comen, nen o dam;
mays profaçar de quem o dá,
e de quanto no reyno ha,
se compre todo seu talam.
Os que trabalham de servir
el-rey por tirar galardon,
s'é do seu bando ou se non som,
logo punham de lh'o partir
o que d'el rey quiser tirar
bem sem servir, se lhis peitar
avel o-a d'u l'o pedir.
Seu sen e seu saber é tal
qual vos ca já'gora contey,
e fazem al que vos direi,
que he muy peior que o al;
hu s'el-rey mov'a fazer
bem com'é razon, pesa-lhes er
et razoam o bem por mal.
E hu compre conselh'ou sen
a seu senhor, nom sabem rem,
se nom em todo desigual.

1039

Huũ cavaleyro avya
hũa tenda muy fremosa,
que cada que n'ella siia
assaz lh'é tam saborosa;
e huũ dia pela sesta
hu estava bem armada,
de cada parte espetada
foy toda pela meestra.
Na tenda nom ficou pano,
nem cordas, nem guarnimento,
que toda nom foss'a dano,
pelo apoderamento
da maestra, que tirando
foy tanto pelo esteo
que por esto, com'eu creo,
se foy toda espetando.

A corda foy em pedaços
e o mays do al perdudo,
mays ficaron-lhy dous maços
ficand'o esteo rompudo;
e a maestra meluda
em grand'estaca jazendo,
e foy-s'a tenda perdendo
assy como he perduda.
Per mingua de boo meestre
pereceu tod'a tenda,
que nunca sse d'ela preste
pera dom, nom pera venda;
ca leyxou com mal recado
a meestra tirar tanto
da tenda, que ja quanto
avia sse era porfaçado.

Esta cantiga de cima foy fecta a huũ meestre d'ordim de cavalaria, porque avya sa barragãa, e fazia seus filhos *en ela ante que ffosse meestre, e depoys c'avya hũa tenda em Lixboa em que tragia mui grande aver a guaanho, e aquela sa barragãa quitando-lhy alguũs dinheiros q̃ viinhã da terra da Horden et que o maestre y non era envyava-os a aquela tenda porque gúaanhasen con elles pera sseos filhos, e depoys tiraron ende os dineros da tenda e deron-os em outros prazos pera gaanharem com elles e ficou a tenda desfeita e non leyxou por en o meestre depoys a gaanhar.*

1040

Natura das animalhas
que som d'uã semelhança
é de fazerem criança
mais des que som fodimalhas;
vej'ora estranho talho,
qual nunca cuydey que visse,
que emprenhass'e parisse
a Camela do Bodalho.
As que som d'ũa natura
juntam-s'a certas sazões
e fazem sas criações,
mays vejo já criatura
ond'eu nom cuydey veel-a;
e por en me maravilho
de Bodalho fazer filho
per natura na Camela.
As que som per natureza
corpos d'ũa parecença
juntam-s'e fazen nacença,
esto he sa dereyteza;
mays non coydey em mha vida
que Camela se juntasse
com Bodalh'e emprenhasse,
e de mays seer d'el parida.

Esta cantiga de cima ffoy fecta a hũa dona d'ordym, que chamavam Moor Martins por sobrenome Camela, e a hũu homem que avya nome Joham Mariz, por sobrenome Bodalho, e era naticio de Bragaa.

1041

Mandey pedir n'outro dia
huũ alaão a Paay Varella,
porqu'ei huã mha cadella,
e diss'ell que mh'o daria;
e per como mh'o-el dá
eu ben cuydo qu'ell verrá
quand'aqui veer Messya.
Outrossy Pero Marinho
dous sabujos mh'a mandado
la da serra e de montado,
e disse-me huũ sseu mininho
que bem certo foss'eu d'isto;
poys veér o Ante-Christo
verrã con el por camynho.
Eu nom foy home de siso
hu mh'as promessas fazian,
duvydando cá que verrian,
e entolha-xe-me riso
de que o foy duvydando
poys sey que verram quando
for todus no parayso.

Esta cantiga foy fecta a estes cavalleyros que aquy conta, que remeterom ca hũu alão et sabujos segundo s'aqui escreveo e pero que lh'os temian a sopear, que os quiserom dar, e o conde fez-lhis poren esta cantiga.

1042

Martin Vasques n'outro dia
hu estava en Lixboa,
mandou fazer gram corôa,
ca vyo per estrologia
que averia igreja
grande, qual ca el deseja,
de mil libras em valia.
E diz que vio na estrela
pero que a nom domande,
d'aver egreja mui grande
ca nom egreja messela;
ca da pequena nom cura,
ca lhe seria loucura
d'el aver a curar d'ela.
E diz que vio na lũa
qũe averia sem contenda
egreja de muy gram renda,
e non ca non pequena e nua
e porque lhe vay tardando
el vai-sse muito agravando
porque lhe non dam nenhũa.
El a cercou na espera
qual planeta tem por doa
que lh'a outorgasse pessoa...

Esta cantiga suso escripta, que se comenta, se juntou a as que no outro dia fez o Conde a hu jograr que avya nome Martin Vaasques, et prezava-se que sabya d'estrologia et non sabia em nada, e colheu ai vaydade na mañão ca avya d'aver egreja de Milhãs ou de Silves et juntou infantes et mandou fazer coroa e con cavalarya foy-se a Alem-Doyro et non ouve nemigalha, e o Conde fez-lhi esta cantiga.

1043

Diz hũa cantiga de vilaão:

«o pee d'hũa torre
baila corp'e giolo;
vedes o cós, ay cavaleyro.»

e

JOHAM DE GAYA, escudeyro

Vosso pay na rua
ant'a porta sua,
vedel-o cós, ay cavaleyro.
Ant'a ssa pousada
em say'apretada,
vedel-o cós, ay cavaleyro.
En meio da praça
em saya de baraça,
vedel-o cós, ay cavaleyro.

Esta cantiga seguiu Joham de Gaya por aquella de cima, de vilaaõs, que diz a refrem: vedel-o cós, ay cavaleyro; *e feze-a a hũ vilãao que foy alfayate do bispo don Domingos Jardo, de Lixboa, ca avya nome Vicente Domingues, e depoys pose-lhy nome o bispo Joham Fernandes et fese-o servir ante sy de cosinha et talhar ant'el, et feze-o el rey Dom Denys cavaleyro e depois morou na freguesia de Sam Nicolaao et chamaram-lhy Joham Fernandes de Sam Nicolaao.*

1044

Vej'eu muy bem que por amor
que vos ey me queredes mal,
et quero-vos eu dizer al
per boa fé, ay mha senhor:
que me queirades mal por en,
já vos eu sempre querrey ben.
E mha senhor, per boa fé
poys soubestes que vos amey,
me desamastes, eu o sey,
mays per deus, que nõ ceo s'é
que me queyrades mal por en,
já vos eu sempre querrey ben.
Meu coraçon non se partiu
poys vos vyu de vos muyt'amar,
e vós tomastes en pesar,
e por deus que nunca mentiu,
que me queirades mal por en
já vos eu sempre querrey bem.
Senhor, sempre vos querrey ben
atá que moyr'ou perca o sen.

ROY PAEZ DE RIBELA

1045

A donzela de Bizcaia
ainda mh'a preyto saya,
de noyte ao lunar.
Poys m'agora assy desdenha,
ainda mh'a preito venha
de noyte ao luar.
Poys d'ela soõ mal treito,
ainda mi venha a preito
de noyte ao luar.

1046

Perguntad'un ric'ome,
mui rico que mal come,
porque o faz?
El de fam'e de sêde
mata home, ben o sabede
porque o faz?
Mal com'e faz nemiga,
dizede-lhi que diga
porque o faz?

1047

Hun ric'omaz, hun ric'omaz
que de maos jantares faz,
quanta carne manda a cozer
quand'ome vay pola veer
se s'ante muyto non merger
sol non pode veer hu jaz;
hun ric'omaz, hũ ric'omaz
que de maos jantares faz.
Quem vee qual cozinha tem
de carne se s'y non detem
nom poderá estimar bem
se x'est carne, se pescaz;
hũ ric'omaz, hũ ric'omaz
que de maos jantares faz.

1048

Comendador, hu m'eu quytei
de vós e vos encomendey
a mha molher, per quant'eu sey
que lhi vós fezestes d'amor,
tenhades vós comendador
comẽndad'o demo mayor.
Ca muyto a fostes servir
nom vol-o poss'eu gracir,
mays poyl' a vós fostes comprir
de quant'ela ouve sabor,
tenhades vós comendador
comendad'o demo mayor.

E dizer-vos quer'unha rem,
ela per servida sse ten
de vós, e poys que vos quer bem,
como quer a min ou melhor,
tenhades vós comendador
comendad'o demo mayor.

1049

Maria Genta, Maria Genta da saya çintada,
hu massastes esta noyte, ou quen poz cevada?
Alva, abriades-m'a lá.
Albergamos eu e outra na carreyra,
e rapazes com amores furtan ceveyra.
Alva, abriades-m'a lá.
Hu eu m'oj'aquesta noyte ouvy gram cea,
e rapazes com amor furtan avêa;
Alva, abriades-m'a lá.

1050

Meu senhor, se vos aprouguer,
comendador, dade-mi mha molher,
e se vol-a eu outra vez ar der
de mi, dê-vos muita de maa ventura;
comendador, dade-mi mha molher
que vos dey e fazede mesura.
De fazer filhos m'é mester,
comendador, dade mha molher,
e dar-vos-ey outra d'Alanquer
en que percades a calentura;
comendador, dade mha molher
que vos dey e fazede mesura.

PERO BARROSO

1051

Pero Lourenço, comprastes
hunhas casas, e mercastes
d'elas mal, pero catastes
ant'as casas e por en
por deus vós vos enganhastes
que as non catastes ben.
Poys vos non deron hy orto
por entrada de morto,
vos tenh'oj'eu mays conhorto
ca de vós, per hũa rem,
que se faz em vosso torto
que as nom catastes ben.
Se vós, como home dereito
as paredes e o teyto
catassedes, gram preveito
vos ouvera a meu sen;
vós sofred'end'o despeito
que as non catastes ben.
Poys non vistes hy cortinha
nem paaço, nem cosinha,
respondestes vós azinha;
mays ora que prol vos tem,
a pagar é a farinha,
poyl'as non catastes ben.

1052

Moyr'eu aqui da de Soryã,
e dizen ca moyro d'amor,
e averia gram sabor
de comer se tevesse pam;
e, amigo, direi-vos al:
moyr'eu do que en Portugal
morreu don Ponço de Bayam.
E quantus m'est'a mi dit'am
que nom posso comer d'amor,
dê-lhis deus tam gram sabor
com'end'eu ey, e veram
que é a gram coita de comer
quem dinheiros nom pod'aver
de que o compr'e nom lh'o dam.

1053

Sey eu hun ric'ome, se deus mi perdon',
que traj'alferez e trage pendon,
e con tod'est'assy mi venha ben,
nom pod'el rey saber per nulha rem
quando sse vay, nem sabe quando ven.
E trage tenda e trage manjar,
e ssa cozinha hu faz seu jantar,
e con tod'esto, se mi venha ben,
nom pod'el rey saber per nulha rem
quando sse vay, nem sabe quando ven.
Trage reposte e trage 'scançam,
e trage saquiteyro que lhi dá pam,
e com tod'esto, si mi venha ben,
non pod'el rey saber per nulha rem
quando se vay, nen sabe quando ven.

1054

Hun ryc'ome que oj'eu sey
que na guerra non foy aqui,
vem mui sanhudo e diz assy
como vos agora direy:
diz que ten terra qual pediu,
mays porque a nunca servyu
a muy gram querela d'el-rey.
El veo, sse deus mi perdon',
des que vyu que era paz,
ben lhi venha se ben faz,
pero mostra el tal razon;
diz que ten terra qual pediu,
mays porque a nunca serviu
contra el rey anda muy felon.
Pero na guerra nom fez ben
nen mal, que nom quis hy viir,
con coita d'el rey non servir,
pero mostra el hũa rem:
diz que tem terra qual pediu,

mays porque a nunca serviu
al rey quer mui mal por en.
Sanhudo vem contr'el rey já,
ca hu foy mester nom chegou,
e mais de mil vezes jurou
que da terra nom sayrá:
diz que tem terra qual pediu,
mais porque nunca a serviu
al rey mui gram mal por en *querrá.*

1055

Chegou aqui don Foam
e veo mui ben guysado,
pero non veo ao mayo
por nom chegar endoado;
demos-lhi nós hunha maya
das que fazemos no mayo.
Per boa fé, ben guysado
chegou aqui don Foam,
pero non veo no mayo,
mays por non chegar em vão,
demos-lhi nós hunha maya
das que fezemos no mayo.
Porque veõ ben guisado
com tenda e com reposte,
pero non veo en o mayo
nen veõ a Pindecoste,
demos-lhi nós hunha maya
das que fezemos no mayo.
Poys traz reposte e tenda
em que sse tenh'a viço,
pero non veo no mayo
....
demos-lhi nós hunha maya
das que fezemos no mayo.

1056

Meu senhor, direi-vos ora
pela carreira de Mora,
hu vós já passastes fóra,
e con vosco os de Touro,
ca pero que alguem chora
tragu'eu o our'e o mouro.
Pero non vos custou nada
mha yda, nem mha tornada,
gradades com mha espada
e com meu cavalo louro,
bem da vila de Graada
tragu'eu o our'e o mouro.
Meu senhor, que vos semelha
do que xe vosc'aparelha
e vos anda na orelha,
rogindo como abesouro,
Roy Gomes de Telha,
tragu'eu o our'e o mouro.

1057

Pero d'Ambroa, se deus mi perdon'
non vos trobey da terra d'ultramar,

vedes por que, ca non achei
razon porque vos d'ela podesse trobar;
poys hy non fostes mays trobar-vos-ey
de muytas cousas que vos eu direy
do que vos non sabedes guardar.
Se deus mi valha, vedes porque non
non trobey d'Acri, nem d'esse logar,
porque nom virom quantos aqui som
que nunca vós passastes alen-mar;
e da terra hu non fostes non sey,
como vos trobei, mays saber-vos-ey
as manhas que vós avedes contar.

JOHAM DE GAYA, escudeyro

1058

Como asn'em mercado
se vendeo hun cavaleyro
de Sanhoan'a janeyro,
tres vezes estê provado;
pero se oj'este dia
lh'outrem der mayor contia
ficará con el de grado.
El foy comprado trez vezes,
ogano de trez senhores,
el xe sab'en os melhores,
ca non ha mays de sex mezes
ca el ten que todavia
ade pagar en contiia
en panos ou en torneses.
Se mays senhores achara
ca os trez que o compráron
os sex mezes non passarom
que el com mays non ficara;
mais está-x'é em sa perfia
empenhando cada dia,
ca el non se desempara.

Esta cantiga foi fecta a hun cavaleyro que ouve nome Fernam Vaasques Pimentel que foy primeiro vasalo do Conde dom Pedro, poys partiu-se d'ele e foi-sse pera dom Joham Affonso d'Alboquerque seu sobrinho, e depoys partiu-sse pera o Inffante dom Affonso filho d'el rey dom Denis, que depoys foy rey de Portugal, e todo esto foy em sex meses.

1059

Se eu, amigus, hu he mha senhor
viver ousasse, por tod'outro ben
que deus no mundo a outro pecador
fazer quizesse, eu já per boa fé
ren non daria, mays poys assi he
et que non ous'i a viver, conven
Que moyr'amigus; ca nom sey eu quem
viver podesse, poys nom ousass'ir
hu est aquela que sa vida ten

en seu poder et seu bem e seu mal
como ela ten de mi et non me val
rem contra ela, nem me val servir
Ela que amo; pero que mh'oyr
non quer mha coyta, nem me quer hy dar
conselho, amigus, nem quer consentir
que a veja, nem que more hu a veer
possa per bem, et meu gram bem querer
et meu serviço todo s'aprobar.

1060

Meus amigus, poys me deus foy mostrar
a mha senhor que quero muy gram bem,
trobey eu sempre polo seu amor;
et meu trobar nunca me valeu rem
contra ela, mays vedes que farey
poys me nom val trobar por mha senhor
oy mays quer'eu ja leixar o trobar.
E buscar outra razon, se poder
porque possa esta dona servir,
et verey enton se me fará
sequer algũa rem porque possa partir
muy grandes coytas do meu coraçom,
et sey que asi me conselhará
o meu amigo que me gram bem quer.
Ca d'outra guisa nom posso aver hy
conselho já per esta razon tal
ca eu, amigos, da morte prest'estou
se m'a esto nostro senhor non val,
pero da mort'ey sabor, et a la fé
ca se morrer diram que me matou
a melhor dona que eu nunca vi.

1061

En gran coyta vivo, senhor,
a que me deus nunca quis dar
conselho et quer-me matar;
et a min seeria melhor,
et por meu mal se me deten
por vingar-vos, mha senhor, ben
dê-mi se vos faço pesar.
E assi me troment'amor
de tal coyta que nunca par
ouv'outr'ome a meu cuydar,
assy morrerey pecador;
et, senhor, muyto me praz en
que prazer tomades por en,
non o dev'eu a recear.
E assi ey eu a morrer
veendo mha mort'ante mi,
et nunca poder filhar hy
conselho, nen o atender
de parte do mund'e bem sey,
senhor, que assi morrerey
si assi he vosso prazer.
E ben o devedes saber
se vos eu morte mereci,
mais, por deus, guardade-vos hy
ca todo he em vosso poder;
et, senhor, preguntar-vos ey
por serviço que vos busquey
se ey por en mort'a prender?

1062

Eu convidey hũ prelado
a jantar, se ben me venha;
diss'el en estes meus narizes
de color de berengenha:
vós avedel-os olhos verdes,
et matar-m'iades con eles.
O jantar está guisado
et por deus, amigo, trey-nos;
diz el en estes meus narizes
color de figus çofeynos:
vós avedel-os olhos verdes,
et matar-m'iades con eles.
Comede migu'e diram-vos
cantares de Martim Moxa,
diz el en estes meus narizes
color d'escarlata roxa;
vós avedel-os olhos verdes,
et matar-m'iades con eles.
Comede migu'e dar-vos-ey
hũa gorda garça parda;
diz el en estes meus narizes
color de rosa bastarda:
vós avedel-os olhos verdes,
et matar-m'iades con eles.
Comede migu'e dar-vos-ey
temporaano figo maduro;
diz el en estes meus narizes
color de môrece 'scuro:
vós avedel-os olhos verdes,
et matar-m'iades com eles.
Treides migu'e comeredes
muytas boas assaduras;
diz el en estes meus narizes
color d'amoras maduras:
vós avedel-os olhos verdes,
et matar-m'iades con eles.

Esta cantiga foy seguida por huã baylada, que diz:

Vós avedel-os olhos verdes,
matar-m'edes com eles,

e foy fecta a huũ bispo de Viseu natural d'Aragon, que era tan tardo en comer cada huã d'estas cousas que convida en esta cantiga ou mays, et apoynham-lhe que sse pagava do vinho.

JOHAM BAVECA

1063

Bernal fendudo, quero-vos dizer
que vós façades, poys vos querem dar,

ar maos, dona salvage chamar,
se vos com mouros lid'acaecer;
soffrede-os, ca todos ferrar-vos-am
e dando colpes en vós cansarám,
e averedes poys vós a vencer.
E ali logo hu ss'a lide a volver
verram-vos d'elhes deante cobrar,
desy os outros, por vos nom errar,
ar querram-vos por alhur cometer;
mais soffrede ferram per hu quer,
ca se vos dês en armas ben fezer
ferindo em vós am elles de caer.
Pero com'a muy gram gente a sseer,
muyt'a vezes vos am a derribar,
mais vós sempr'avedes a cobrar,
e elles am mais a enfranquecer;
pero nom quedarom de vos ferir
de todas partes, mays ao *fiir*,
todos morrerám em vosso poder.

1064

Hum escudeyro vi oj'arrufado
por tomar penhor a Mayor Garcia,
por dinheyros poucos que lhi devia;
e diss'ella, poil'o viu denodado:
senhor, vós non m'affrontedes assy,
e será'gora hun judeu aqui
con que barate dar-vos-ey recado
De vossos dinheiros de muy bom grado;
e tornad'aqui ao meio dia,
e entanto verrá da judaria
aquel judeu con que ey baratado,
e hũ mouro que ach'i de chegar
con que ey outrosy de baratar,
e eu como quer farey-vos en pagado.
E o mouro foy a log'alhy chegado
e cuydou-s'ela que el pagaria
divida velha que ela devia,
mais diss'o mouro: ssal non compensado,
que vós paguedes rem do meu aver,
meas deveram sobre vós fazer
ca hũ judeu avedes enganado.
E ela disse: fazede vos qual
feito quiserdes sobre min, poys d'al
nom poss'aver aquel homen pagado.
E o mouro logo a carta notou
sobr'ela et sobre quanto lh'achou,
e pagou-a e leixou-lh'o tralado.

1065

Mayor Garcia, sempr'oy dizer
por quen quer que podesse guisar
da ssa morte se bem m'a enffestar,
que non podia perdudo seer;
e ela diz por sse de mal partir
que emquant'ouver per que o comprir
que non quer ja sem clerigo viver.
Ca diz que nom sab'u x'ade morrer,
e por aquesto se quer trabalhar
a como quer d'ess'e d'esto pagar,
guis'ar e diz, que a ben per hu a fazer
çono que tem desy, se d'alhur non,
dous outros clerigos hu sa sazon
. . . .
E Mayor Garcia por non perder
sua alma quando esto oyeu
foy buscar clerigo en o sacr'e veu
albergar. . . . . er
e já trez clerigos pagados tem,
que nehũ d'elles, sabede vos ben,
qua non pode a morte tolher.

1066

Pero d'Ambroa prometeu de pram
que fosse romeu de sancta Maria,
e acabou assy sa romaria
com'acabou a do flume Jordam;
ca entonce ata Monpylier chegou,
e ora per Ronçavales passou
e tornou-se do poio de Roldam.

1067

Pero d'Ambroa, sodes mayordomo
e trabalhar-s'a de vos enganar
o albergueyro; mais de 'scarmentar
lo avedes, e direy-vos eu como;
se vos mentir do que vosco poser
s'ora de vós e de nós, como quer,
e brita-lh'os narizes no momo.
E pois mercar d'elos al logo cedo
vos amostr'a roupa que vos dará
e sse pois mi diz que vol'a non da
ide sarrar la port'a vosso quedo,
e d'esses vossos narizes logu'i
fic'o seu cuu quebrand'assy
que já sempr'aja d'espanhoes medo.

1068

Estavam oje duas soldadeyras
dizendo ben a gram pressa de sy,
e vyu a huã d'elas as olheyras
de ssa companheyra e diss'assy:
que enrugadas olheyras teendes;
e diss'a outra: vós com'ar veedes
d'esses ca. . . . .
E ambas elas eram companheyras
e diss'a huã en jogo outrosy:
pero nós ambas somos muyt'anteyras
milhor conhosqu'eu vós ca vós min;
e diss'outra: vós que conhocedes
a min tambem, porque non entendedes
como som covas essas caaveyras.
E depoys tomaram senhas masseyras
e banharom-sse e loavam-ss'aly;
e quis dês, que nas palavras primeiras

que ouveram, que chegass'eu aly,
e diss'a ũa: mole o ventr'avedes;
e diss'a outra: e vós malo ascondedes
as tetas que semelham cevadeyras.

1069

Don Bernaldo, pesa me que tragedes
mal aguadeyr'e esse balandrao,
e aqui dura muit'o tempo mao,
e vós en esto mentes non metedes,
e conselho-vos que catedes al
que cobrades, ca esse non é tal
que vos vós sô el muyto non molhedes.
E quem vos pois vir la saya molhada
ben lh'en terrá que é com escaceza,
e en vós ouve sempre gram largueza,
e pois aqui veél-a n'invernada
maravilha será se vos guardar
hun dia poderdes de vós molhar
sô huã muy boa capa dobrada.
E don Bernaldo, vel'em esta guerra
de quanto vol-o vosso home al mete,
aved'ũa capa d'un capeyrete
pero capa nunca ss'a vós bem serra;
ar queredes-vos vós cras a colher,
e cavalgar e non pode seer
que vos non molhedes en essa terra.

1070

Par deus, amigos, gram torto tomey
e de logar onde m'eu non cuydey,
estand'alhi ant'a porta d'el-rey
preguntando por novas da fronteyra,
por hũa velha que eu doestey
doestou-m'ora Maria Balteyra.
Veed'ora se me devo queixar
d'este preyto, ca nom pode provar
que me lh'oisse nulh'omen chamar
y senon seu nome per nulha maneyra;
e pola velha que foy deostar
deostou-m'ora Maria Balteyra.
Muyto vos deve de sobervha tal
pesar, amigos, e direi-vos al,
sey muy bem que lh'esta bem ssal,
todos iremos per hũa carreyra;
ca porque dixo d'ũa velha mal
deostou-m'ora Maria Balteyra.

JOHAN AYRAS, de Sanctiago

1071

Pero García me disse
que mha senhor con el visse;
e disse-lh'eu que non oysse:
Ay Pero Garcia,
gran med'ey
de dona Maria
que nos mataria.
Disse-m'el: aventuremos
os corpos e a lá entremos;
e dixi-lh'eu: non o faremos,
Ay Pero Garcia,
gran med'ey
de dona Maria
que nos mataria.
Disse-m'el: entremos ante,
que dona Maria jante;
e dix'eu: ide vós deante;
Ay Pero Garcia,
gram med'ey
de dona Maria
que nos mataria.
Mal conhocedes dona Maria
ay Pero Garcia.

1072

Quando chamam Johan Ayras
bevedor, bem cuyd'eu logo
per boa ffé que mi chamam,
mais a nostro senhor rogo
que a tal demo o tome
per que tolham o nome.
Veen Johan Ayras chamando
per aqui todo dia,
e eu vou quando o chamam,
mais rogu'eu a sancta Maria
que a tal demo o tome
per que tolham o nome.

1073

Dizen que ora chegou dom Beeyto
muyt'alegre pera sa molher
com sas merchandias de Monpiler;
mais dizer-vos quer'ora hum preyto:
já deus nom me leixe entrar sobre mar
sse polo custo queria filhar
o mercado qu'el aly a feyto.
E por huũ d'estes nossos miradoyros
veo aqui bem guisado esta vez
con sas merchandias que a lá fez,
mais dizen que ouve maos agoyros;
e ar dizen que mercou a tan mal
que nunca end'averam seu caudal,
ca se lhy danaram muy mal os coyros.

1074

Dom Beeyto home duro,
foy beijar pelo oscuro
a mha senhor.
Hom'é hom'aventurado,
foy beyjar pelo furado
a mha senhor.
Vedes que gran desventura,
beijou-lhe la fendedura
a mha senhor.

Vedes que muy grand'abaco,
foy beijar pelo buraco
a mha senhor.

1075

Hu con don Veeyto
aos preytos veeron,
cuspiron as donas
e assy disseron:
talhou don Veeyto
aqui o ffeyto.
E poys que ouveran
ja feita sa voda,
cuspiron as donas
e diz dona Toda:
talhou don Beeyto
aqui o feyto.
Todas se da casa
com coita sayam,
e hiam cospindo,
todas en diziam:
talhou don Beeyto
aqui o ffeyto.

1076

Ay justiça, mal fazedes que non
queredes ora dereyto filhar
de Mór da Cava, porque foy matar
Johan Ayras, ca fez muy sen razon;
mays se dereyto queredes fazer,
ela sô el devedes a meter,
ca o manda o Livro de Leom.
Ca lhi queira gram bem, e desy
nunca lhi chamava senon senor,
e quando-lh'el queria muy melhor
foy-o ela logo matar aly;
mays, justiça, poys tam gram torto fez
metede-a ja sô ele hũa vez,
en o mando é dereyto assy.
E quando mais Johan Ayras cuydou
que ouvesse de Mor da Cava ben
foy-o ela logo matar por en,
tanto que el en seu poder entrou;
mays justiça pois que assy é já,
met an-a sô el-et padecerá
a que o a muy gram torto matou.
E quen nós ambos vir jazer, dirá
beeyto seja aquel que o julgou.

1077

Hunha dona, non digu'eu qual,
non aguyrou ogano mal,
polas oytavas de natal
hya pôr ssa missa oyr;
e ouv'un corvo carnaçal
e non quys da casa sayr.
A dona muy de coraçon
oyra ssa missa enton,
e foy por oyr o sermon
e vedes que lh'o foy partir;
ouve sig'un corv'a caron,
e non quis da casa sayr.
A dona dissé: que será?
e hi o clerigu'está já
revestid'e maldizer-m'ha,
se me na igreja non vyr;
e diz o corvo: qua-cá,
e non quis da casa sayr.
Nunca taes agoyros vy,
des aquel dia que nacy,
com'aquest'ano ouv'aqui;
e ela quis provar de ss'yr
e ouv'un corvo sobre sy,
e non quis da casa sayr.

1078

Don Pero Nunez era en tornado
e ia-ss'a Santiagu'albergar,
e o agoyro sol el bem catar
ca muytas vezes l'ouv'afaçanhado;
e indo da cas ao celeyro
ouv'hũu corvo vorac'e faceiro,
de que don Pedro non foy ren pagado.
E pois lo el ouve muyto catado
diz: d'este corvo non posso escapar,
que d'el non aja escarnho a tomar,
con gram perda do que ey gaanhado,
ou da mayor parte do que ouver,
per ventura ou do corpo ou da molher,
segund'eu ey o agoyro provado.
E tornou-sse contra seu gasalhado,
e diz: amiga, muyt'ey gram pesar,
ca me non posso do dano guardar,
d'este corvo que vejo tam chegado
a nossa casa, poys filha perfia
e corv'é já'qui sempr'o mays do dia;
e diz: de noite seas trasffumado.

DON AFFONSO LOPES DE BAYAM

1079

Cantigas que fez don Affonso Lopez de Bayam de escarnh'e de mal dizer.

Oy d'Alvelo que era casado
mays non o creo, se deus mi perdon',
e quero-vos logo mostrar razon,
que entendades que digo recado;
ca lh'oy eu muytas vezes jurar
que can pastor non podia casar,
e por en creo que non é casado.
Sabia-m'eu ca x'era esposado,
mays a d'ũ ano, non digu'eu de non,
ca mi mostrou el ben seu coraçon
per quant'el a mi avya jurado,
que mentre cão pastor fosse com'é
que non casaria, per boa fé,
mays esposou-ss'e anda esposado.

E seus parentes teen por guisado
que sse casass'ay gram sazon,
ós que lh'o dizen, dize-lhis el enton:
do que dizedes non soo pagado;
ca me non podedes tanto coitar,
que eu cam pastor quisesse casar,
mays casarey quand'ouver guisado.
De me cuytardes fazedes mal sen,
ca non podedes já per nulha rem
que per mi seja o preito evitado.

1080

Aqui sse começa a gesta, que fez don Affonso Lopes a don Meendo e a seus vassallos, de mal diser.

Seria-x'i don Velpelho en hunha sa mayson
que chamam Longos, ond'eles todos son;
per porta lh'entra Martin de Farazon,
escud'a colo en qu'é senh'un capon
que foy ja pol'eyr'en outra sazon;
caval'agudo que semelha forom,
en cima d'el un velho selegon,
sen estrebeyras e con roto bardon,
nem porta loriga, nem porta lorigon,
nen geolheiras quaes de ferro son,
mays trax perponto roto sen algodon,
e cuberturas d'un velho zarelhon,
lança de pinh'e de bragal o pendon,
e chapel de ferro que x'i lhi mui mal pon;
e sobarçad'um velh'espadarron;
cuytel'a cachas, cintas sen farcilhom,
duas esporas destras, ca sestras non som,
maça de fusto que lhi pende do arçom;
a don Belpelho moveu esta razon:
—Ay, meu senhor, assy deus vos perdon',
hu é Joham Aranha, o vosso companhon,
e voss'alferez, que vos ten o pendon?
se é aqui saya d'esta mayson,
ca ja os outros todos en Basto son.
Eoy!
Estas oras chega Joham de Froyam,
cavalho velho cuçurr'e alazam,
sinaes porta en o arçon d'avam,
campo verde u inquyreo can,
en o escud'ataaes lh'acharam
çeram'e cint'e calças de Roam,
sa catadura semelha d'un sayam;
ante don Belpelho se vay aparelhan'
e diz: — Senhor, non valrredes hũ pam,
se os que son en Basto se x'i vos assy van,
mays hid'a eles ca xe vos non iram,
achal-os-edes, escarmentarán,
vyngad'a casa en que vos mesa dan,
que digam todos quantos pós vós verran,
que tal conselho deu Joham de Froyam.
Eoy!
Esto per dito, chegou Pero Ferreyra
cavalo branco, vermelho na pereyra,
escud'a colo que foy d'uã masseyra,
ca lança torta d'un ramo de cerdeyra,
capelo de ferro, o anasal na trincheyra,
e furad'en rrod'a moleyra,
traguam husa e hua geolheyra;
estrebeyrando vai de mui gram maneyra,
e achou Belpelho estand'en hũa eyra,
e diz: — Aqui estades, ay velho de matreyra,
venha Pachacho e o don Cabreyra,
para dar a min a deanteyra,
ca já vos tarda essa gente da Beyra,
o Moordom'e o sobrinho de Cheira,
e Meen Sapo, e don Martin de Meyra,
e Lopo Gato, esse filho da freyra,
q̃ non ha antre nós melhor lança per peydeyra.
Eoy!

1081

En Arouca hunha casa faria,
a tant'ey gram sabor de a fazer,
que ja mays custa non recearia,
nem ar daria ren por meu aver;
ca ey pedreyros e pedra e cal,
e d'esta casa non mi mingúa al,
se non madeyra nova que queria.
E quem m'a desse sempre lh'o servyria,
ca mi faria hy mui gram prazer,
de mi fazer madeyra nova aver,
en que lavrass'unha peça do dia;
e poys hir logo a casa madeirar,
e telhal-a, e poys que a telhar
e dormir en ela de noyt'e dia.
E meus amigos, par sancta Maria,
se madeira nova podess'aver,
logu'esta casa hiria fazer,
e cobril-a e descobril-a-hia;
e revolvel-a, se fosse mester,
e sse mh'a mi a abadessa der
madeyra nova esto lhi faria.

1082

Deu ora el rey seus dinheiros
a Belpelho que mostrasse
en alardo cavaleiros
e por ric'omen ficasse;
e pareceu a cavalo
con sa sela de badana,
qual ric'omen tal vassalo,
qual concelho tal campana.

MEEN RODRIGUES TENOYRO
(Ayras Peres Vuyturon?)

1083

Don Estevam achey n'outro dia
muy sanhudo de pos hum seu hom'ir,
e sol non lhi pod'un passo fogir
aquel seu home de pos que el hya;

e filhou-o hy pelo cabeçom,
e ferio-o mui mal d'un gram baston
que na outra mãao destra tragia.
E don Estevan assy dizia
a nós, que lh'o nom leixassemos ferir:
mays quero vos eu ora descobrir,
com'este vilão migo vyvya:
mays era eu seu, ca era el meu,
e muyt'andava mays em pos el eu,
ca el por mi, pero x'i m'el queria.
E o vilão enton respondia
com'agora podedes oyr:
mui gram mal fazedes en consentir
a est'ome torto que mi fazia;
ca del-o dia en que o eu sey
sempr'aa gram coita deante lh'andey,
e el sempre deante me metia.
E veed'ora, por sancta Maria,
se ey poder de com el mays guarir,
ca me non poss'un dia d'el partir,
de mi dar golpe de que morreria;
d'un gram páo que achou non sey hu,
e poys s'assanha non cata per hu
feyra con el, sol que lh'ome desvya.

1084

Don Estevan, eu eyri comi
en cas d'el rey, nunca vistes melhor,
e contarey-vol-o jantar aqui,
c'axa home de falar hy sabor;
non vyron nunca já outro tal pan
os vossos olhos, nen ar veeram
outro tal vynho a qual eu hy bevi.
Nen vistes nunca, se deus mi perdon',
melhor jantar, e contar-vol-o-ey;
a dez annos que non vistes capon
qual eu hy ouve, nem vistes ben sey
melhor cabrito, nen vistes a tal
lombo de vinh'e d'alhos e de sal
que lhi nomi deu hi hũ de criaçom.
Nem vistes nunca nulh'ome comer
com'eu comi, nem vistes tal jantar,
nem vistes mays viços'ome seer
do que eu sevi en nenhum logar,
ca a min non minguava nulha rem,
e mays viços'ome de comer bem
nom vistes, nem havedes de veer.

AYRAS PERES VEYTOROM

1085

Don Estevan, tam de mal talam
sodes, que nom podedes de peyor,
que ja por home que vos faça amor
sol non catades tal preço vos dam;
e servh'a vós home quanto poder,
se vos desvya quam pouco xiquer,
hydes log'ome trager como can.
E tan mal dia vosco tant'affam
e tanta coita con vosc'a levar,
poys non avedes per hom'a catar
mal serviço faz hom'en vós de pram;
ca se avedel-a besta mester
se vol-a home toste nom trouxer
queredes home trazer como can.
E, don Estevan, poys sodes tan
sanhudo, que non catades por quem
vos faz serviço poys vos sanha vem,
os que vos servem non vos servirám;
ca se vos sanha como sol prefer'
non cataredes home nem molher,
que non queirades trager como can.

1086

Don Bernaldo, porque non entendedes
camanh'escarnho vos fazem aqui
ca nunca mais escarnhid'ome vi
ca vós andades aqui hu vyvedes;
ca escarnh'é pera mui bom segrel
a que x'assy vam foder a molher
com'a vós fodem esta que tragedes.
E, don Bernaldo, se o non sabedes
quero-vos eu dizer quant'end'oy,
molher tragedes, com'eu aprendi,
que vos foden, e de que ficaredes
com mal escarnho se vos emprenhar
d'algun rapaz, e vos depoys leixar
filho d'outro que por vosso criedes.
Mays semelha-xe que vós non queredes
que xi vos fodan a molher assy,
ca se non fugiriades d'aly
d'u vol-a foden, don Bernal, e vedes
non é maravilha de xi vos foder
a molher, mays fodem-vos do aver,
ca xi vos foden mal de quant'avedes.

1087

Poys que don Gomes Çura querria
con boas aves ante prender mal
ca ben con outras, non lhy dê deus al
ergu'estes corvos per que s'el fia,
e con qual corv'el soubesse escolher,
o leixasse mal andante seer
deus, ca depois em ben tornaria.
Com'el sabe d'agoyria
se ouvesse bon corvo carnaçal
ou cornelha a negra caudal
e tal e qual xe don Gomez oya,
o cal lhi leixasse deus perder
a herdade, o corp'e o aver
ca todo x'el depoys cobraria.
E poys sab'el tod'alegoria,
d'agoyro quando da ssa casa sal,
se ouvess'el huã cornelha tal
qual x'a don Gomez consinaria;
con a tal visse a casa arder,

e lhi leixasse deus morte prender
sen confisson, ca pois s'ar porria.
E con bon còrvo foss'el pois caer
en nojo grav'e ficass'em poder
do diaboo, ca pois s'oporria.

1088

Esta outra cantiga é de mal dizer dos que derom os Castelos como non deviam al rey don Affonso.

AL...

Non ten Sueyro Bezerra
que tort'é en vender Monsanto,
ca diz que nunca deus diss'
a san Pedro mays de tanto:
quen tu legares en terra
erit ligatum in celo;
poren diz ca non é torto
de vender hom'o castelo.
E poren diz que non fez torto
o que vendeu Marialva,
ca lhe diss'o Arcebispo
hũ verso per que se salva:
estote fortes in bello,
et pugnate cum sponte;
poren diz que non he torto
quen faz trayçon et *esconde.*
O que vendeu Leyrea
muyto ten que fez dereyto,
ca fez mandado do Papa
et confirmou-lh'o Eleyto:
super istud caput meum,
et super ista mea capa,
dade o castello do Conde
poys vol-o manda o Papa.
O que vendeu Faria
por remiir seus pecados,
se mays tevesse mays daria,
e disserom dois prelados:
tu autem, domine, dimitte
aquel que sse confonde,
bem esmolou en sa vida
quen deu Santarem ao Conde.
Offereceu Martin Dias
a a cruz que os confonde
Covylhaã, e Pero Dias
Sortelha; e diss'o Conde:
centuplum accipiatis
de mão do Padre Santo;
diz Fernan Dias ben m'est
por que o fez i Monsanto.
Offereceu Trancoso
ao Conde Roy Bezerro;
falou enton don Soeyro
por sacar seu filho d'erro:
non potest filius meus facere
sine patre suo quiquam;
salvos son os traedores,
poys ben ysopados ficam.
O que offereceu Sintra
fez como bon cavaleiro;
e disse-lh'i o Legado
log'un verso do salteyro:
seguite potentis acute;
e foy hy ben acordado,
melhor é de seer traedor
ca morrer escommungado.
E quando o Conde ao castelo
chegou de Celorico,
Pachequ'enton o cuytelo
tirou, e disse-lh, amigo:
mite gladium in vagina,
con el non nos empescas;
diz Pacheco: alhur, Conde,
peede hu vos digam: crescas!
Mal disse don Ayras Soga
a huã velha n'outro dia,
disse-lhi Pero Soares
huũ verso per d'erizia:
non vetula bonbatricon
scandis confusio ficun;
non foy Soeyro Bezerra
alcayde de Celorico.
Salvos son os traedores
quantos os castelos deron,
mostrarom-lhi en escrito:
....
super ignem eternum
et dum vacatis open,
salvo é quen trae castelo
a preyto, que o ysopen.

1089

Don Estevam diz que desamor
a con el rey, e sey eu ca ment'i,
ca nunca viu prazer poys foi aqui
o Conde, nen veerá mentr'el i for;
e per quant'eu de sa fazenda sey,
por que non ven al reyno el rey
non vee cousa ond'aja sabor.
Con arte diz que non quer al rey ben,
ca sey eu d'el ca já non veerá
nunca prazer se o Conde reyn'a;
ca ben quit'é de veer nulha ren
don Estevam ond'aja gram prazer,
d'est'é já el ben quite de veer
mentr'o Cond'assy ouver Santarem.
Porque vos diz el que quer al rey mal,
ca ren non vee, assi deus mi perdon',
que el mays ame en o seu coraçon,
nem veerá nunca, e direy-vos al;
poys que ss'agora o reyno partiu,
prazer poys nunca don Estevam vyu
nem veerá jamays en Portugal.

1090

Fernam Dias é aqui como vistes,
e anda en preyto de sse casar,

mays non pod'o casamento chegar,
d'ome o sey eu que sabe com'é;
e por aver casament'a la fé
d'ome nunca vós tam gram coyta vystes.
E por end'anda vestid'e loução,
e diz que morre por outra molher,
mays este casamento que el quer
d'ome o sey eu que lh'o non daram;
e por este casamento el de pram
d'ome a tal coyta nunca vyu christão.
Ca d'Estorga atá san Fagundo
dona que a de don Fernando torto,
ca por outro casamento anda morto
d'ome o sey eu que o sabe já,
e se este casament'el non a
d'om'a tal coyta nunca foy no mundo.

1091

Don Fernando, vejo-vos andar ledo
con deantança que vos deu el rey,
adeantado sodes e o sey
de San Fagundo, e d'Esturas, d'Ovedo;
e poys vos deus ora tanto ben fez,
punhade d'ir adeant'unha vez
ca atá aqui fostes sempr'a derredo.
Ca fostes sempre desaventurado,
mays poys vos ora deus tanto ben deu,
don Fernando, conselhar-vos quer'eu,
non vos ar lev'atrás vosso peccado,
poys vos el rey meteu en tal poder,
senhor, querede-mi d'esto creer,
adeant'yde como adeantado.
E poys sodes ora tan ben andante,
ben era d'ome do vosso logar
de ss'olho mao de vos ar quebrar,
e nom andar com'andava des ante;
ca somos oj'e non seremos crás,
e poys punhastes sempre d'ir atraz,
ar punhad'agora d'yr adeante.

1092

Joham Soares, pero vos teedes
que trobades en esta terra ben,
quero-vos eu conselhar hunha rem,
aqui fazed'esso qu'em sabedes;
ca aqui teen-vos por sabedor
de trobar, mays non trobamos melhor
ben entendemos como o fazedes.
E se vós de trobar sabor avedes,
aqui trobade e faredes hi sen
en o beote, cabo Santaren,
ca nossos juyzes que nos queredes,
ca ben trobamos d'escarnh'e d'amor;
mais se avedes de trobar sabor
Martin Alvel'é aqui com que trobedes.
E por travar no que non conhoçedes
non dariamos nós nada por en,
cá vos direy o que vos aven
en estes juyzes que vós dizedes,
cantar julgamos de bon trobador,
mays cantar dama nen de tencedor
nunca julgamos, vol-o saberedes.

1093

Correola, sodes adeantado
en cas d'el rey doma que ss'y fezer,
e caeredes en este mester
se me creerdes que est aguysado;
se algun home vyrdes mal fazer
non lh'o leixedes a vosso poder,
ante o vós fazed'a vosso grado.
E se souberdes hũ cont'angendado
que quer alguen perder o que trouxer,
sabed'u e de quen vol-o disser,
e logu'yde vosso passo calado;
e non leixedes hi nada perder
se non a vós e a vosso poder,
ante vós hy ficade desbragado.
E todavya seed'acordado
se algun home pelejar quiser
aqui con outren, seja cujo quer,
aqui punhad'en seer esforçado;
e quen quiser a peleja volver
logu'entrad'i, ca vosso poder
vos say d'en con o rostro britado.
E pois tod'esto vos eu ey conselhado,
conselho-vos que tragades molher,
d'estas d'aqui se peyor non veher,
a que achardes hi mays de mercado;
e sse tal molher poderdes trager
será mui ben e punhad'en poder
ca per hy é nosso preyt'acabado.

1094

Don Martin Galo est acostumado
de lhi daren algo todos de grado,
e dizem que he ben empregado,
sol que podessem acalantal-o;
ben mereç'algo don Martin Galo,
quando quizer cantar por leixal-o.
Ben entend'ele com'agravece,
e por dar-lh'algo non o gradece,
ca el ten que mayl-o merece,
ca o mereç'a senhor vassallo;
ben mereç'algo don Martin Galo,
quando quizer cantar por leixal-o.

1095

Ja hun s'achou con corpos que fezeron
mui ben de vestir e logo lh'o deron,
e el baratou mui ben en filhal-o;
ja hun s'achou con corpos, Martin Galo,
ca o vejo vestid'e de cavalo.
Ja hun s'achou com corpos na carreyra,
ca o vej'andar com capa augadeyra;
e sse non dou mao demo por vassalo,

ja hun s'achou con corpos, Martin Galo,
ca o vejo vestid'e de cavalo.

1096

Joham Nicholas soube guarecer
de mort'un hom'assy per sa razon,
que foy julgad'a Fôro de Leon,
que non devya demo cas torcer;
e sucorreu-s'assy con esta ley,
que non deve justiça fazer rey
en home que na mão colher.
E poys el vyu que devya prender
mort'aquel hom'assy, disse-lh'enton:
ponho que fez aleyv'e trayçon,
e cousa ja porque deva morrer;
dizede vós, se a terra leixar,
que me non achen hi a justiçar,
se poderá en mi justiça fazer?

JOHAM DE GUYLHADE

1097

Ay dona fea, foste-vos queixar
que vos nunca louv'eu meu cantar,
mays ora quero fazer hun cantar
en que vos loarey todavya;
e vedes como vos quero loar,
dona fea, velha e sandya.
Dona fea, se deus me perdon'
poys avedes tan gram coraçom,
que vos eu loe en esta razon,
vos quero ja loar todavya;
e vedes qual será a loação:
dona fea, velha e sandia,
Dona fea, nunca vos eu loey
en meu trobar, pero muyto trobey,
mays ora já hun bon cantar farey,
en que vos loarei todavya:
e direy-vos como vos loarey,
dona fea, velha e sandia.

1098

Hun cavalo non comeu
a sex mezes, nen s'ergueu,
mays proug'a deus que choveu
e creceu a erva,
e per cabo sy paceu,
e já se leva.
Seu dono non lhi buscou
cevada, nen o ferrou;
mayl o bon tempo tornou
e creceu a erva,
e paceu e arriçou,
e já se leva.
Seu dono non lhi quis dar
cevada, nen o ferrar,
mays cabo d'un lamaçal
e creceu a erva,
e paceu e arriç'ar
e já se leva.

1099

Elvyra Lopes, que mal vos sabedes
vós guardar sempre d'aqueste peon,
que pousa vosqu'e a coraçon
de pousar vosqu'e vós non lh'entendedes;
ey mui gram medo de xi vos colher
algur senlheira, e se vos foder
o engano nunca lh'o provaredes.
O peon sabe sempr'hu vós jazedes,
e non vos sabedes d'ele guardar,
siquer poedes cada logar
vossa maeta, e quanto tragedes;
e dized'ora, se deus vos perdon'
se de noyte vos foder o peon,
contra qual parte o demandaredes?
Direy-vos ora como ficaredes
d'este peon que tragedes assy
vosco pousand'aqui e aly;
e non já quanto que ar dormiredes;
e o peon se coraçon ouver
de foder, foder-vos-a se quiser,
e nunca d'el o vosso averedes.
Cá vós diredes: fodeu-m'o peon!
e el dirá: boa dona, eu non!
e hu las provas que lhi daredes?

1100

Elvyra Lopes, aqui n'outro dia
se deus mi valha, prendeu hun cajon,
deytou na casa sigo hun peon
en a maeta e quanto tragia
pois cabo de sy, e adormeceu,
e o peon levantou-ss'e fodeu,
e nunca ar soube contra hu siia.
Ante lh'eu dixi que mal sen fazia,
que se non queria d'el a guardar,
sigo na casa o hya jeytar,
e dixi-lh'eu quanto lh'end'averria;
ca vos direy do peon com'o fez,
abriu a porta e fodeu huã vez,
nunca soube d'el sabedoria.
Mal sse guardou e perdeu quant'avya,
ca se non soub'a cativ'a guardar;
leixô-o sigo na casa alberguar,
e o peon fez que dormya;
e levantou-ss'o peon traedor,
e como x'era de mal sabedor,
fodeu-a tost'e foy logo sa vya.
E o peon vyron en Santaren,
e non sse a nada, nen dá per en ren;
mais lev'o demo o quant'en tragia.

1101

Martin jograr, que gram cousa,
ja sempre comvosco pousa
vossa molher!

Vedes-m'andar morrendo,
e vós jazedes fodendo
vossa molher!
Do meu mal non vos doedes,
e moyr'eu, e vós fodedes
vossa molher!

1102

Martin jograr, ay dona Maria
jeyta-sse vosco já cada dia;
e lazero-m'eu mal!
And'eu morrend'e morrendo sejo,
e el ten sempr'o cono sobejo;
e lazero-m'eu mal!
Da mha lazeyra pouco sse sente,
fod'el ben con'e jaz caente;
e lazero-m'eu mal.

1103

Par deus, infanzon, queredes perder
a terra, poys non temedes el-rey;
ca ja britades seu degred'e sey
que lh'o faremos mui cedo saber,
ca vos mandaron a capa de pram
trager dos avós, e provar-vos-an
que vol-a viron tres avós trager.
E provar-vos-a das carnes quem quer,
que duas carnes vos mandam comer,
e non queredes vós d'unha cozer,
e no degredo non a já mester;
nem já da capa non ey a falar,
ca ben trez avós a vymos andar,
no vosso col'e de vossa molher.
E fará el rey côrte este mes
e mandam-vos, infançon, chamar,
e vós querredes a capa levar,
e provar-vos-an, pero que vos pes',
da vossa capa e do vosso garda-cós,
en cas d'el rey vos provaremos nós
que an quatr'anos, e passa por trez.

1104

—Lourenzo jograr, as mui gram sabor
de citolares, ar queres cantar
desy ar filhas-te log'a trobar,
e teẽs-t'ora ja por trobador;
e por tod'esto hunha ren ti direy:
deus me confonda se oj'eu hy sey
d'estes mesteres qual fazes melhor.
«Joham Garcia, soo sabedor
de meus mesteres sempre deantar,
e vós andades por mh'os desloar,
pero non sodes tan desloador,
que con verdade possades dizer
que meus mesteres non sey ben fazer,
mays vós non sodes hi conhocedor.
—Lourenzo, vejo-t'agora queixar
pola verdade que quero dizer,
metes-me já por de mal conhocer,
mays eu non quero tigo pelejar;
e teus mesteres conhocer-t'os-ei,
e dos mesteres verdade direy
esse que foy con os lobos arar.
«Joham Garcia, no vosso trobar
acharedes muyto que correger,
e leixade-mi que sei ben fazer
estes mesteres que fui começar;
ca no vosso trobar sey-m'eu com'é,
hy a de correger, per boa fé,
mais que nos meus em que m'ides travar.
—Vês, Lourenç'ora m'assanharey,
poys mal i entenças, e todo farey
o citolon na cabeça quebrar.
«Joham Garcia, se dês mi perdon',
mui gram verdade digu'eu na tençon,
e vós fazed'o que vos semelhar.

1105

—Muyto te vejo, Lourenço, queixar,
pola cevada e polo bever,
que t'o non mando dar a teu prazer,
mays eu t'o quero fazer melhorar;
poys que t'agora citolar oy,
e cantar, mando que t'o den assy
ben como o tu sabes merecer.
«Joham Garcia, se vos eu pesar
de que me queix'en vosso poder,
o melhor que podedes hy fazer
non mi mandedes a cevada dar
mal, nen o vinho, que mi non dam hy
tan ben com'eu sempre mereci,
ca vos seria grave de fazer.
—Lourenço, a min grave non será
de te pagar tanto que mi quiser,
poys ante mi fezisti teu mester,
mui ben entendo e ben vejo ja
como te pague logo o mandarey
pagar a gram vilão que ey,
se hũ bõ pao na mão tever.
«Joham Garcia, tal paga achará
en vós o jograr quand'a vós veher,
mays outro que mester fezer
que m'eu entenda mui ben fará;
e panos ou algo merecerey,
e vossa paga ben a leixarey,
e pagad'outro jograr qualquer.
—Pois, Lourenço, cala-t'e calar-m'ey,
e todavya tigo mh'o averey,
e do meu filha quanto-chi m'eu der.
«Joham Garcia, non vos filharey
algu'e mui ben vos citolarey,
e conhosco mui ben trovar.
—Amo far don Lourenço chufar.

1106

Lourenço, poys te quitas de rascar
e desemparas o teu citolom,

rogo-te que nunca digas meu son,
e jamais nunca mi farás pesar;
ca per trobar queres la guarecer,
e farás-m'ora desejos perder
do trobador que trobou d'ovinçal.
Ora cuyd'en trobar e dormir
que perdi sempre cada que te vi
rascar no cep'e tanger e non dormi,
mais poyl'o queres já de ti partir
poys guarecer per trobar,
Lourenço, nunca irás a logar
hu tu non faças as gentes riir.
E vêes, Lourenço, se deus mi perdon'
poys que mi tolhes do cepo pavor,
e de cantar farey-t'eu sempr'amor
e tenho que farey mui gram razom,
e direy-ti qual amor t'eu farey,
já mays nunca teu cantar oyrey
que eu non riia muy de coraçon.
Ca vês, Lourenço, muyto mal aprendy
de teu rascar e do cep'e de ti,
mays poys te quitas tudo ti perdon'.

1107

Ora quer Lourenço guarir
poys que sse quyta de rascar,
se já guariria a meu cuydar
se ora ouvesse que vestir;
e ja nulh'ome non se ten
. . . .
por devedor de o ferir.
E sse sse quysesse partir
como se partiu de rascar,
d'un pouco que ha de trobar
poderia mui ben sayr;
de todo por se quitar en
ou non no ferian poren,
os que o non queren oyr.
E seria conhocedor
de sseu trobar por non fazer
os outros errados seer,
e el guarria mui melhor
sen trobar e sen citolon,
poys perdeu a voz e o son,
porque o ferian peyor.

1108

Nunca tan gran torto vi
com'eu prendo d'un infançon,
e quantos en a terra son
todolo teen por assy;
o infançon cada que quer
vay-sse deytar com ssa molher,
e nulha ren non dá por mi.
E ja me nunca temerá
ca sempre me teve en desdem,
desy ar quer a sa molher ben,
e já sempr'y filhos fará;
sequer tres filhos que fiz hy
filha-os todos pera sy,
o demo lev'o que m'en dá.
En tan gran coita vyvo oj'eu,
que non poderia mayor,
vay-se deytar com mha senhor,
e diz do leyto que é seu;
e deyta-ss'a dormir en paz,
desy se filh'ou filha faz
non o quer outorgar por meu.

1109

Dona Ouroana, poys já besta avedes,
outro conselh'ar avedes mester;
vós sodes muy fraquelinha molher,
se ja mays cavalgar non podedes;
mays cada que quyserdes cavalgar
mandade sempr'a besta chegar
a hun caralho de que cavalguedes.
E cada que vós andardes senlheira
se vol-a besta mal enselada andar,
guardade-a de xi vos derramar,
ca pela besta sodes soldadeira;
e, par deus, grave vos foy d'aver,
e punhade sempr'en guarecer
ca en talho sodes de peydeyra.
E non moredes muyto na rua,
este conselho filhade de min,
ca perderedes logu'i o rocin,
e non faredes hi vossa prol nenhũa;
e mentr'ouverdes a besta de pram,
cada hu fordes todos vos faram
onrra d'outra puta fudud'an-cúa.
E se ficardes en besta muar,
eu vos conselho sempr'a ficar
ante con muacho novo, ca en múa.

1110

A don foam quer'eu gram mal,
e quer'a ssa molher gram ben,
gram sazon a que m'est'avem,
e nunca hy já farey al;
ca des quand'eu sa molher vi
. . . .

AFFONSO DO COTOM

1111

Abadessa, oy dizer
que erades muy sabedor
de todo ben, et por amor
de deus querede-vos doer
de min, que ogano casey,
que ben vos juro que non sey
mays que huũ asno de foder.
Ca me fazen en sabedor
de vós, que avedes bon sen

de foder et de todo bem,
ensinade-me mais, senhor,
como foda, cá o non sey,
nem padre, nem madre non ey,
que m'ensine, e fiqu'y pastor.
E sse eu ensinado vou
desi, vós senhor, d'este mester
de foder, e foder souber
per vós, que me deus aparou,
cada que per foder direy
pater noster et enmentarey
a alma de quem m'ensynou.
E per y podedes ganhar,
mha senhor, o reyno de deus,
per ensynar os pobres seus,
mais ca por outro jajũar;
e per ensinar a molher
cortada que a vós veer,
senhor, que non souber ambrar.

1112

Foy don Fagundo huũ dia convidar
dois cavaleyros pera seu jantar,
e ffoy con elles sa vaca ençerrar,
e a vaca morreu-xe logu'enton;
e don Fagundo quer-s'ora matar
porque matou sa vaca o cajon.
Quand'el a vaca ante sy mórt'achou
logu'i estando mil vezes jurou
que non morreu por quant'end'el talhou,
ergas se foy no coytelo poçon,
e don Fagundo todo se mestou
porque matou sa vaca o cajon.
Quysera-s'el da vaca despender,
tant'a per que non leyxass'a pacer,
ca sse el cuydasse sa vaca perder
ante xe dera... assy non,
e don Fagundo quer ora morrer
porque matou sa vaca o cajon.

1113

Veieron-m'agora dizer
d'uã molher que quero bem,
que era prenhe, et ja creer
non lh'o quig'eu per nulha rem,
pero dix'eu: sse est'assy
oy mais non creades per mi
se a non emprenhou alguen.
E digo-vos que m'é gram mal
d'aquesto que lhy conteceu,
ca soõ córd'e leal
pero me dan por de sandeu;
mays vedes de que ey pesar,
d'aquel que a foy emprenhar
de que cuyda que x'a fodeu.
Pero juro-vos que no sey
ben este Fôro de Leon,
ca pouc'a que aqui cheguey,
mais direy-vos huã razon;
em mha terra per boa fé
a toda molher que prenh'é
logo lhi dizen con baron.

1114

Fernam Gil am aqui ameaçado
d'uũ seu rapaz e doestado mal;
e Fernam Gil teve-sse por desonrrado,
cá o rapaz é muy seu natural,
cá é filho d'un vylãao de seu padre
e de mais foy criado de ssa madre
. . . .

1115

Mari'Mateu, ir-me quer'eu d'áquem,
porque non poss'un cono baratar;
alguen que mh'o daria non o tem,
e alguem que o tem non mh'o quer dar;
Mari'Mateu, Mari'Mateu
tam desejosa ch'es de cono com'eu.
E foy deus já de conos avondar
aqui outros que o non am mester,
e ar fazer muyto desejar
a min e ty, pero que ch'és molher;
Mari'Mateu, Mari'Mateu
tam desejosa ch'es de cono com'eu.

1116

Meestre Incolás a meu cuydar
é muy boõ fisico por non saber
el a suas gentes bem guarecer,
mais vejo-lhi capelo d'ultra-mar;
e traj'al uso bem de Monpiller,
e latyn como qual clerigo quer
entende, mais non o sabe tornar.
E sabe seus livros sigo trager,
como meestre sabe-os catar,
e sab'os cadernos ben cantar,
qual cór non sabe per elles leer;
mais bem vos dirá 'qui quanto custou
todo per conta ca elle x'os comprou,
ora veede se a gram saber.
E en boõ ponto el tan muyto leeu,
ca per o prezam condes e reyx,
e sabe contar quatro e cinqu'et seix,
per 'strolomya que aprendeu;
e mais vos quer'end'ora dizer
en mays vam a el quen a meester
an d'el des antanho que o outro morreu.
E outras artes sab'el muy melhor
que estas todas de que vos faley,
diz das luas como vos direy,
que x'as fezo todas nostro senhor,
e dos estormentos diz tal razom
qué muy bem pod'em elles fazer son
todo homem que en seja sabedor.

1117

Sueyr'Eanes, hun vosso cantar
nos veo ora huũ jograr dizer,
e todos foram pelo desfazer,
e punhey eu de vol-o emparar;
e travaron en que era igual,
e dix'eu que cuydavades en al,
ca vos vy sempre d'aquesto guardar.
E outro trobador ar quis travar
en huã cobra, mais por voss'amor
emparey-vol-eu: non justeis milhor,
que a cobra rimava en hũ logar;
e diss'el: poys porque rimou aqui?
e dix'eu: de pram non diss'el assy,
mais tenho que x'a errou o jograr.
E, amigus, outra rem vos direy,
polo jograr a cantiga dizer
igual non dev'o trobador a perder,
eu por Sueyr'Eanes vol-o-ey,
ca del'o dia en que el trobou
nunca cantar qual fez nem rimou,
ca todos os seus cantaron, eu sey.

1118

Paay Rangel e outros dous romeus
de gram ventura non vistes mayor,
guareceram ora, louvado deus,
que non morreron por nostro senhor,
en huã lide que ffoy en Josaphás,
a lide foy com'oj'e como crás,
prenderam elles terra no Alcor.
E ben hos quis deus de morte guardar
Paay Rangel et outros dous enton,
d'uã lide que foy em Ultramar,
que non chegaram aquela sazon;
e vedes ora por quanto fficou,
que o dia qu'essa lide juntou
prenderam elles port'a Mormoion.
De como non entraron a Blandiz
per que poderam na lide seer,
ca os quis deus de morte guarecer
per com'agora Paay Rangel diz,
e guarecerom de morte por em,
que quand'a lide foy em Bellem
aportarom elles en Tamaris.

1119

Covilheyra velha, se vos eu fezesse
grand'escarnhe, dereyto farya
ca me buscades vós mal cada dia
e direy-vos em que vol'entendi:
ca nunca velha fudud'an-cua vy
que me non buscasse mal se podesse.
E non est ũa velha, nem som duas,
mais som m'el cent'as que m'andam buscando
mal quanto podem e m'andam miscrando[1],
e por esto rogu'eu de coraçon
a dês que nunca meta se m'el non
antre mi e velhas fudud'an-cúas.
E pero lança de morte me feyra,
covylheyra velha, se vós fazedes
nenhuũ torto, se me gram mal queredes,
ca deus me tolha o corp'a quant'ey,
se eu velha fudud'an-cúa sey
oge no mundo a que gram mal non queyra.
E sse me gram mal queredes, covylheyra
velha, digu'eu que fazedes razom,
cá vos quer'eu gram mal de coraçom
covilheyra velha, e sabed'or'*al*,
des que fuy nado quig'eu sempre mal
a velha fudud'an-cúa peydeyra.

[1] E andam-me sempre deostando. *(Variante)*

1120

Bem cuydey eu, Maria Garcia,
em outro dia quando vos fodi
que me non partiss'em de vós assy,
como me party já mão vazia;
u el por servyço muyto que vos fiz
que me non destes, como x'omen diz,
se quer huũ soldo que ceass'un dia.
Mais d'esta seerey eu escarmentado
de nunca foder já outra tal molher,
se m'ant'algo na mão non poser,
ca non ey porque foda em *grado;*
. . . .
. . . . ide-o fazer
con quem teverdes visted'e calçado.
Ca me non vistedes nen me calçades,
nen ar sej'eu en o vosso casal,
nem avedes sobre min poder tal
porque vos foda se me non pagades;
ante muy bem et mays vos em direy,
nulho medo, grado a deus e a el rey,
non ey de força que me vós façades.
E ninguem, dona, que pergunta non erra,
e vós, per deus, mandade perguntar
polos naturaes d'este logar
se foderam nunca en pax nem en guerra;
ergo se foy por alg'ou por amor,
hyd'adul ar vossa prol, ay senhor,
c'avedes, grad'a deus, rey a na terra.

1121

Oraca Lopez vy doente hun dia,
e perguntey-a sse guareceria?
e diss-m'ela tod'en jograria:
soon velha e cuyd'a guarecer;
e dixi-lh'eu: cuydades gram folia,
c'a yrman veg'eu das velhas morrer.
Dixi-lh'eu: gram folia pensades
se per velhece a guarecer cuidades,
pero non vos digu'eu que non vivades
quanto vos deus quizer leixar viver;
mais em velhice non vos atrevades,
c'a yrman vej'eu das velhas morrer.

1122

A huã velha quis eu trobar
quand'en Toledo fiquey d'esta vez,
e veo-mi cá Orraca Lopes rogar,
e disse-m'assy: Por deus que vos fez,
non trobedes a nulha velha aqui,
ca cuydarám que trobades a mi.

1123

Tal é 'gora Marinha Sabugal
huã velha que adusse d'essa terra,
a quem quer bem e ella lhi quer mal;
e faz-lh'algo, pero que lh'erra;
mays ora quer ir mouros guerreyar,
e quer comsyg'a velha levar,
mais a velha non é doyta da guerra.

DIEGO PEZELHO, jograr

1124

Meu senhor arcebispo, and'eu escommungado,
porque fiz lealdad'e enganhou-m'o pecado;
soltade-m'ay senhor,
e jurarey mandado que seja traedor.
Se traiçon fezesse nunca vol-a diria,
mais pois fiz lealdade, val por santa Maria,
soltade-m'ay senhor,
e jurarey mandado que seja traedor.
Per mha mala ventura tivi hu castello em Souza,
et dey-o a seu dono e tenho que fiz grã cousa;
soltade-m'ay senhor,
e jurarey mandado que seja traedor.
Per meus negros pecados tive huũ castello forte
et dey-o a seu dono e ey medo de morte;
soltade-m'ay senhor,
e jurarey mandado que seja traedor.

PEDR'AMIGO, de Sevilha

1125

Moytos s'enfingem que hã gaanhado
doas das donas a que amor ham,
e tragem cintas que lhys elas dam,
mays a mim vay-m'oy peor, mal pecado,
com Sancha Dias, que sempre quix ben,
ca jur'a deus que nunca mi deu rem,
senon huũ peyd'a qu'el foy sem seu grado.
Ca se per seu grado foss'al seerya,
mays d'aquesto nunca m'enfingirey,
ca eu verdadeyramente o ssey,
que per seu grado nunca mh'o daria;
mays u estava coydando en al,
deu'm gram peyd'e foy-lh'y depoys mal
hu ss'acordou que mh'o dad'avya.
Coydando eu que melhor se nembrasse
ela de min, por quanto a servi,
por aquesto nunca lhy rem pedy
desy en tal que se mi non queixasse;
e falando-lh'eu em outra razom,
deu-m'hu gram peid'e deu-mho em tal som
como quem s'ende moy mal log'achasse.
E pois ela dera refece dom,
sempr'end'en bem tenho eu que non
mi dess'outro de que m'en mays passasse.

1126

Non sey no mundo outro omen tan coytado
com'og'eu vivo de quantos eu sey,
e meus amigos, por deus, que farey
eu sen conselho desaconselhado;
ca mha senhor non me quer fazer bem,
senon por algo eu non lhy dou rem
nem poss'aver que lhy dê, mal pecado.
E, meus amigos, mal dia foy nado,
poys esta dona sempre tant'amey,
des que a vi quanto vos eu direy,
quant'eu mais pudi, nen ei d'ela grado;
e diz que sempre me terrá en vil
atá que barate hun mara*vedil*,
e mais d'ũ soldo non ey baratado.
E vej'aqui outros em desemparado,
que am seu ben que sempr'eu desejey,
por senhos soldos, e gram pesar ey,
por quanto dizen que é mal mercado;
ca s'eu podesse mercar assy
con esta dona que eu por meu mal vi,
logu'eu seeria guarid'e cobrado,
De quant'afam por ela ey levado.

1127

Meus amigos, tan desaventurado
me fez deus, que non sey oj'eu quem
fosse no mund'en peor ponto nado,
poys unha dona fez querer gram bem;
fea e velha nunca eu vi tanto,
e esta dona puta é já quanto
porqu'eu moyr'amigos, mal pecado.
Esta dona de pram a jurado,
meus amigos, porque perc'o meu sen,
que jasca sempre quand'ouver guisado
ela con outrem non dê por min rem;
e con tod'aquesto, se deus mi valha,
jasqu'eu morrendo d'amor e sem falha
polo seu rostro velh'e enrugado.
E d'esta dona moyto ben diria....

PERO D'AMBROA

1128

Ora vej'eu que est aventurado
já Pedr'Amigo e que lhi fez deus bem,
ca non desejou do mund'outra ren
se non aquesto que aja cobrado:

huã ermida velha que achou,
e entrou dentr'e poys que hi entrou
de sayr d'ela sol non é pressado.
E pois achou logar tam aguisado
en que morasse, per dereyto ten
de morar hi, e vedes que lh'avem,
con a ermida é muy cordado;
e diz que sempre querrá hy morar,
e que quer hi as carnes marteyrar
ca d'este mundo muyt'a ja burlado.
E non sey eu no mund'outr'ome nado,
que s'aly fosse meter, e mal sen
faz se o ende quer quitar alguen,
ca da ermida tant'é el pagado,
que a jurado que non saya d'y
morto nem vyv'e sepultura hy
ten em que jasca quando for passado.

1129

O que Balteyra ora quer vingar
das desonrras que no mundo prendeu,
se bem fezer non dev'a começar
en mi que ando por ela sandeu;
mays com'e cant'en reyno de Leon
hu pres desonrras de quantos hy som,
que lh'as desonrras nom querem peytar.
C'a Castela foy-a desonrrar
muyto mal home que non entendeu
o que fazia, nem soube catar
quem muyta dona per esto perdeu;
e quem a vinga fezer con razon
d'estes la vingue, ca en sa prison
and'eu d'ela non m'eyd'emparar.
E os mouros pense de os matar,
ca de todos gram desonrra colheu
no corpo, ca non em outro logar,
e outro tal desonrra recebeu
dos mays que a no reyno d'Aragon,
e d'Estela vinga el, ca de mi non
poys ha sabor de lhi vingança dar.

1130

Querri'agora fazer hun cantar
se eu podesse tal, a Pedr'Amigo,
que sse non perdess'el por en comigo,
nen eu con el, pero non poss'achar
tal razon, e que lh'o possa fazer
que me non aja con el de perder
e el comigo des que-lh'eu trobar.
Ca já outra vez, quando foy entrar
en a ermida velha Pedr'Amigo,
trobey-lh'end'eu e perdeu-ss'el comigo,
e eu con el quando vin d'Ultramar;
mays ora já poys m'el foy cometer
outra razon lhi cuyd'eu a mover
de que ajam dous tamanho pesar.
Ca se acha per u m'escatimar
non vos é el contra mi Pedr'amigo,
e por aquesto perder-ss'a comigo,
e eu con el ca poyl'eu começar
tal escatima lhi cuyd'eu dizer,
que se mil anos no mund'el viver
que já sempr'aja de que sse vingar.

1131

Se eu no mundo fiz algun cantar
como faz home con coyta d'amor,
e por estar melhor com sa senhor,
acho-me mal e quero-m'eu quytar;
ca hunha dona que sempre loey
en meus cantares e porque trobey
anda morrendo por hun scolar.
Mays eu me matey, que fui começar
dona a tan velha sabedor
pero conhorto-m'ey gram sabor
de que a veerey cedo pobr'andar;
ca o que gaanhou en cas d'el rey
andand'y pedind'e o que lh'eu dey
todo lh'o faz o clerigo peytar.
Mays que lhi cuyda nunca rem a dar
assy s'ach'en com'eu ou peyor,
e poyl a velha puta pobre for
non a querrá poys nulh'ome catar,
e será d'ela como vos direy
demo lev'a guarda que lh'eu sey,
ergo se guarir per alcayotar.

PERO MENDEZ DA FONSECA

1132

Chegou Payo de maas artes
con seu cerame de Chartes,
e non leeu el nas partes
que chegasse a hun mez;
e do lunes ao martes
foy comendador d'Ocrês.
Semelha-me busuardo
viind'em ceramen pardo,
e hu non ouvesse reguardo,
em nenhum dos dez a sex;
log' ouve manto tabardo
e foy comendador d'Ocrez.
E chegou per hua grada
descalço gram madrugada,
hu se non catavam nada
d'um hom'a tam raffez;
cobrou manto com espada
e foy comendador d'Ocres.

AYRAS NUNES

1133

Achou-ss'i um bispo que eu sey, hun dia
con ho Eleyt'e sol non lhe falou,
e o Eleyto se maravilhou

e foy a el e assy lhe dizia:
que bispo sodes, se deus vos perdon'
que passastes ora por min e non
me falastes e fostes vossa via?
E diz o bispo: nom vos conhocia,
se deus me valha, ca des que naci
nunca con vosco faley nem vos vi,
e assi conhocer non vos podia;
e por en se me algur con vosco achar,
e vos non conhocer, nen vos falar
non mh'o tenhades vós por vilania.

PERO D'ARMEA

1134

Donzela, quem quer entenderia
que vós muy fremosa parescedes,
se assi he como vós dizedes
no mundo vosso par non avya;
aum que y vosso par non ouvesse,
quem a meu cuu con sela posesse
de parescer bem vencer-vos-ya.
Vós andades dizend'en concelho
que sobre todas parescedes bem,
e con tod'esto non vos vej'eu rem,
pero poedes branqu'e vermelho;
mays sol que s'o meu cuu de ssi pague,
et poser huũ pouco da vaydade
reveer-s'a con vosco no espelho.
Donzela, vós sodes bem talhada
se no talho erro non prendedes,
ou en essa saya que vós tragedes,
e pero sodes ben colorada:
quem a meu cuu posesse orelhas
et lhi ben tingesse as sobrancelhas
de parescer non vos dev'em nada.

PERO D'AMBROA

1135

Esta outra cantiga fez Pero d'Ambroa a Pero d'Armea por est'outra de cima que fezera.

Pero d'Armêa, quan composestes
o vosso cuu, que tam ben parescesse,
e lhi revol et com çela posestes
que donzela de parescer vencesse;
e sobrancelhas lhi fostes poer,
e tod'est'ay amigo soubestes perder
polos narizes que lhi non posestes.
E, don Pedro, poned'olhos grizes,
ca vos conselh'eu o revinqueroso
e matarei huũ par de perdizes
quem a tam bon cuu com'o que he vosso;
ainda que o home que irá buscar
que o non possan em toda a terra achar
de san Fagundo atá san Felizes.

E, don Pedro, os beiços lhe poede
a esse cuu, que he tan ben barvado,
e o granho bem feito lhi fazede
e faredes o cuu bem arrufado;
e per hu pode log'ade-o encobrir,
ca se vejo don Fernan d'Escalho riir
sodes solteiro et seredes casado.

FERNANDO ESQUIO

1136

A huũ frade dizem escaralhado,
e faz perdudo quem lh'o vay dizer,
ca pois el sabia reytar de foder,
cuyd'eu que gaj'é de pissa retada,
et poys emprenha estas con quem jaz
et faze filhos et filhas assaz,
ante lhe digu'eu ben encaralhado.
Escaralhado nunca eu diria,
mays que trage ante caralh'oj'aceyte
ao que tantas molheres de leyte
ten, ca lhe pariron tres en huũ dia;
et outras muitas prenhadas que tem,
et a tal frade cuyd'eu que muy bem
encaralhado per esto serria.
Escaralhado non pode seer
o que tantas filhas fez en Marinha,
et que tem ora outra pastorinha
prenhe que ora quer escaecer;
et outras muytas molheres que fode,
et a tal frade bem cuyd'eu que pode
encaralhado per esto seer.

1137

A vós dona abbadessa,
de min don Fernando Esquio,
estas doas vos envyo
porque sey que soys essa
dona, que as merecedes:
quatro caralhos francezes,
et dous aa prioreza.
Poys sodes amiga minha
non quer'a cust'acatar
quero-vos já esto dar
ca non tenho al tan aginha;
quatro caralhos de meza,
que me deu huã burgueza
dous e dous en a baynha.
Muy bem vos semelharam,
ca se quer levar cordões
de senhos pares de colhões
agora vol-os daram;
quatro caralhos asnaes
enmargedos en coráes
com guedelha d'ũa mam.

1138

Estas cantigas fez huũ judeu d'Elvas, que avia nome Vidal, por amor d'uã judia d'essa vila que avia nome dona; e por que é ben que o ben que home faz senon perca, mandamol-o screver et non sabemos mais d'ela mais de duas cobras, a primeira cobra de cada huã.

Moyr'e faço dereyto
por huã dona d'Elvas,
que me trage tolheyto
como a quem dam as hervas;
des que lh'eu vi o peyto
branco, dix'aas sas servas:
a mha cova non a par,
ca ssey que me quer matar,
e quero eu morrer por ela
ca me non posso em guardar.

1139

Faz-m'agora por sy morrer
e traz-me muy coitado
mha senhor de bom parecer
e do cas bem filhado;
a porque ey mort'a prender
com'é cervo lançado,
que sse vay do mund'a perder
da companha das cervas;
e mal dia non ensandeci
e pa*ce*sse das hervas,
e non viss'u primeiro *vi*
a muy fremosinha d'Elvas.

FERNAM...

1140

Disse hum infante ante sa companha
que me daria besta na fronteyra,
e non será já murzela, nen veyra,
nem branca, nem vermelha, nem castanha;
pois amarela, nem parda non for,
a pram será a besta ladrador
que lh'adusam do reyno de Bretanha.
E tal besta como m'el a mandada
non foy que lhe visse as semelhas,
nem tem rostro, nem olhos, nem orelhas,
nem he gorda, nem magra, nem dentada,
nem he ferrada, nem é por ferrar,
nem foy homen que a visse espernear,
nem come erva, nem palha, nem cevada.

JOAN VELHO DE PEDROGAES

1141

Esta cantiga de cima foi feita a hun cavaleyro, que fora villano, et furtava a as vezes per u andava.

Lourenço Boucon, o vosso vilão
que sempre vosco soedes trager
é gram ladron, e oi eu dizer,
que se o colhe o meirinho na mão
de tod'en tod'enforcar-vol-o a;
ca o meirinho em pouco terrá
vos mandar enforcar o vilão.
Porque tragedes huu vilão maao
ladron convosco, o meirinho vos he
sanhud'e brav'e cuid'eu a la fé,
que vol-o mande poer ben hu paao;
e pois que d'el muytas querelas dam
se lhi con el non fogides, teram
todos que sodes hom'a jus'i maao.

1142

Con gram coita rogar a que m'ajudasse
a hua dona fui eu n'outro dia,
sobre feito d'uã capelania,
e disso-m'ela que me non coitasse:
ca sobre min filhei o capelan,
e poil-o sobre min filhei de pram
mal faria se o non ajudasse.
E dixi-lh'eu: mui gram fiuça tenho
pois que en vós filhastes o seu feito,
de dardes cima a tod'o seu preito;
e diss'ela: eu de tal logar venho,
que poil-o capelan per boa fé
sobre mi filh'e seu feit'en min he,
ajudal-ei, poil-o sobre min tenho.
E dixi-lh'eu: que vós do vosso filho
prazer vejades, que vós m'ajudedes
o capelan que vós mester avedes;
e diz ela: por vós me maravilho
que avedes, ca poil-o eu filhei
já sobre min, verdade vos direi
ajuda ei, poil'o sobre min filho.
E dixi-lh'eu: non queyrades seu dano
de capelan, nem perca rem per mingua,
en sa ajuda, e poede lingua;
diss'ela: farey-o sen engano;
ca já em mim meteu do seu i ben,
et pois que todo assy en min tem
se o non ajudar farey meu dano.
Ca non quero end'eu outro escarmentar,
que me dê do seu polo ajudar,
quand'ei mengua da cousa que non tenho.

AFFONSO FERNANDES CUBEL, cavaleyro

1143

De como mh'ora con el-rey aveo
quero-vol'-eu, meus amigos, contar,
el do seu aver rem non me quer dar,
nem er quer que eu vyva do alheo;
ja eu non ey erd'a de meu padre,
e huã pousa que foy de mha madre
alhou-m'a e fez-mh'uã pobra no seo.

E n'outra parte tolheu-m'as naturas
en que eu soya a guarecer,
e agora ey coytad'a vyver,
já non som poucas, par dês, mhas rancuras,
com'é quem non come ca o non tem,
se lh'o non dá por sa mesura alguen
ay, demo andou en estas mesuras.

STEVAM FERNANDES BARRETO

1144

Stev'Eanes, por deus mandade
a Ruy Paciez, logo este dia
se quizer hir a sancta Maria
que sse non vaa pela Trindade,
ca mi dizem que lhe tem Fernan Dade
cilada feita pela gaffaria.
Se a romaria fazer quiser
como a sempre fazer soya,
outro caminho cate todavia,
cá o da Trindade non lh'é mester;
cá dizen que Fernan Dade lhe quer
meter cilada pela gafaria.
E cada que el ven a Santarem
sempr'alá vay fazer romaria;
e da Trindade, per u soya
d'ir, mandade que se guard'el muy ben,
ca dizen que Fernan Dade lhe ten
cilada feita pela gafaria.

Esta cantiga de cima fez Stevam Fernan- des de Barreto a hun cavaleiro que era (ga- fo?)

JOHAM ROMEO, de Lugo

1145

Loavam huũ dia em Lugo Elvira,
Elvira Perez, Elvira Padroa,
todos diziam que era muy boa,
e non tenh'eu que diziam mentira,
ante tenho que diziam con razon;
e Dom Lopo Lias diss'enton
i, per boa fé, que já x'el melhor vyra.
Ficou já a dona muy bem andante,
ca a loaram quantos ali siiam,
e todos d'ela muyto bem diziam,
mays Lopo Lias, este de constante,
como foy sempr'huũ gram jogador,
i disse que vyra outra vez melhor
quando era moça, em cas da Infante.

Esta cantiga de cima fez Joham Romeo a hun cavaleyro que morava em Lugo, a don Lopo Lias, que era cego d'hum olho.

RODRIGU'ANES REDONDO

1146

Soer'Fernandis, si veja plazer,
veste-se ben a todo seu poder,
e outra cousa lhe vejo fazer,
que fazem outros pontos no reinado;
sempr'eu no verãao lhe vejo trager
e no inverno sapato dourado.
El se veste et se calça mui bem,
en esto mete el o mais do que tem,
pero nunca lhe vejo menguar ren,
e como se todo ouvesse endoado,
hu outros non tragem, a el conven
que traga sempre çapato dourado.
El se veste sempre ben como quer,
et desi, custe o que custar podér,
e non creades quem vos al disser,
et d'esto mi faço maravilhado;
ca en inverno et per qual tempo quer,
sempre lhe vejo çapato dourado.

FERNAM RODRIGUES REDONDO

1147

Dom Pedro est cunhado d'el-rei
que chegou ora aqui d'Aragon,
com hum espelho grande de leitom,
e pera que vol-o perlongarei,
deu por vassalo desi a senhor,
faz sempre nojo, non vistes mayor.
Pero se lhi non poder aperceber
já el tinha prestes cabo si
aquel espelho que filhou logu'i
e que compre de vós en mais dizer:
deu por vassalo desi a senhor
faz sempre nojo, non vistes mayor.
Muy ledo seend'hu cantára seus lays
a sa lidice pouco lhi durou,
e o espelho en sas mãos filhou
e pera que o perlongarey mays;
deu por vassalo desi a senhor
faz sempre nojo, non vistes mayor.
E en tal que non podesse escapar
nem lhi podesse en salvo fogir,
filhou o espelho em som d'esgremir
e que ey de-vol-o perlongar;
deu por vassalo desi a senhor
faz sempre nojo, non vistes mayor.

Esta cantiga foi feita a Dom Pedro d'Ara- gon, per hũ cavaleyro seu moordomo que feriu endoado en desajuda d'outros... Crat'- iam...

1148

Pero da Ponte, ou eu non vejo ben,
de pram essa calça non he

o que vos antano per boa fé
levastes quando fomos aleen,
e cuydo-m'eu adormecestes ayer,
e roubador ou ladron.........
....

AFFONSO DE COTOM

1149

A mi dom Pedro non he desguisado
dos maltalhados, e non erram y
Joham Fernandez, o mour'outrosy,
nos maltalhados o vejo contado;
e pero maltalhados semos nós
e me visse Pero da Ponte em cós,
semelhar-lh'ya muy peor talhado.
E pero dês a gram poder
non o pode tant'ajudar,
que o peyor possa tornar,
pero ben sey que a poder
de dar grand'alg'a don foam,
mays d'el seer peyor de pram
do que era non ha en poder.
Pero lhy queyra fazer deus
dobrado ben do que lhi fez
ja nunca pode peyor prez
aver per rem; porem por deus,
como será peyor que é,
quem peyor é per boa fé
de quantos fez nem fará deus?

1150

Marinha Tod'en folengares
tenho eu por desaguysado,
e soom muy maravilhado
*en*d'eu por non rebentares,
ca che tapo en aquesta minha
boca a ta boca, Marinha;
e d'estes narizes meus
tapo eu, Marinha, os teus;
e co'as mãos e as orelhas,
de olhos, das sobrancelhas;
tapo-t'o primeiro sono
da mha pissa o teu cono,
como me non veja nenguem,
e dos colhões no cuu, em
como non rebentas Marinha...

PERO DE VIVYÃES

1151

Vós que per Pero Tinhoso
perguntades, se queredes
d'ele saber novas certas
per min poil'as non sabedes,
achar-lh'edes trez sinaes,
per que o conhosceredes:
mais este que vos eu digo
non vol-o sabha nenhun:
e qu'el é Pero Tinhoso
o que traz o toutiço nuu,
e traz un cancer na pissa,
Pero Alvar asno ou muu.
Já me per Pero Tenhoso
preguntastes n'outro dia,
que vos dissess'eu d'el novas
et enton non as sabhia;
mas por estes tres sinaes
quen quer o conhosceria:
mais este que vos eu digo
non vol-o sabha nenhun,
e qu'el é Pero Tinhoso
o que traz o toutiço nuu,
e traz un cancer na pissa,
Pero Alvar asno ou muu.
Vós que per Pero Tinhoso
mh'ora hyades preguntando,
que vos dissess'eu d'el novas,
novas as quer enmentando:
achar-lh'edes trez sinaes,
se lhe bem fordes catando;
mais esto que vos eu digo
non vol-o sabha nenhun,
aquel é Pero Tenhoso
o que traz o toutiço nuu,
e traz un cancer na pissa,
Pero Alvar a no ou muu.

1152

Huã donzela coytado
d'amor por si me faz andar
já; et en sas feyturas falar
quero eu como namorado;
rost'agudo como forom,
barva no queyxo en o granhom,
o ventre grande, inchado.
Sobrancelhas mesturadas,
grandes, et muy cabeludas
sobr'elhas olhos morrudas,
et as tetas penduradas,
et muy grandes, per boa fé,
ham hu palm'e medonho est,
et no cos tres pollegadas.
A testa ten rugada
et os olhos encovados,
dentes como pindurados
et acabo i de passada
a tal a fez nostro senhor
muy sen donayr'e sem sabor
desi muy d'obra forçada.

1153

Por dom foam em ssa casa comer
quer bem quer mal que ay d'adubar,
quem mal cõ el, nem bem non sol jantar

e d'el bem diz nen mal faz seu prazer,
poys mal nem bem con el nunca comeu,
e d'el bem diz nem mal muyt'é sandeu
d'ir mal nem bem de sseu jantar dizer.
Por en sa casa come quando quer
quer bem quer mal que had'adubar, hy,
pois bem nem mal com el non comeu hy,
et d'el ben diz nem mal non lh'é mester;
poys mal nem bem con el non comer sol,
et d'el ben nen mal diz, tenh'eu por fol
se mal nen ben de seu jantar disser.
Por el comer en sa casa tenh'eu
quer bem quer mal, que gram torpidad'é
quem mal nem bem d'el diz per boa fé,
poys bem nem mal nunca lh'ai jantar *deu;*
nen mal nem bem nõ er ten hy de pram,
et mays que a bem a mal lhe terram
nem bem nem mal dizer do jantar seu.

MARTIM ANES MARINHO

1154

En a primeyra rua que cheguemos
guarir-vos-a dom foam mui ben,
d'un pan'estranho que todos sabemos,
d'unha gualdrapa i xe que ten;
e as calças seram de melhor pano
feytas seram de nevoa d'antano,
e nós de chufas guarnidos seremos.
E prometeu-m'el hua boa capa,
ca non d'estas maas feytas de luyto,
mays outra bona feita de gualdrapa,
cintada e de nem pouco nem muyto;
e hua pena non d'estas miscradas,
mays outra boa de chufas paradas,
já m'eu d'aqui non hirey sen a capa.
Vistel-o potro côor de mentira
que m'antano prometeu em janeyro,
que nunca home melhor aqui vyra,
criado foy em Crastro mentireiro;
e prometeu-m'uãs armas entom,
non d'estas maas feytas en Leom,
mays melhores d'outeyr'en freixeyro.
Ca quanto labor mi deu a loriga,
e toda era de chufas vilada,
e como quer que vos end'eu al diga
nunca mh'a home viu na pousada,
e cravelada de mençonha,
e tan lev'era, que ben de coronha
a trageria aqui huã formiga.
E prometeu-m'unha arma preçada,
como dizem os que a conhocerom,
gualdrapa fariz avya n'uma espada
de mouros foy, non sey hu x'a perderom;
e pelo pao mi prometeu logu'i,
de nevoeyro e eu lh'o recebi
que me pagass'a seu poder de nada.
De preç'e con labor foy a loriga
que m'el mandou e de par lh'avyada,
mays como quer que vol-o homen diga
nunca a min vyron teer na pousada;
ben cravelada é de çanponha,
desy tan leve que bem de mençonha
mh'a aduria aqui huã formiga.

AFFONSO SOARES

1155 E 1156

Poren Tareyja Lopez non quer Pero Marinho,
pois x'el é mancebo, quer-x'ela mays meninho;
non casará con ele nem pelos seus dinheyros,
e esto saben donas e sabem cavaleyros;
ca dos escarmentados se fazen mays ardeyros.
Esta offens'am...............
Poren Tareyja Lopes non quer Pero Marinho
pero x'el é mancebo quer x'ela mais minino;
non casará con ele pola cobrir d'alfolas,
nem polos seus dinheiros velhos q̃ tem nas olas;
o que perdeu nos alhos quer cobrar nas cebolas.
Poren Tareyja Lopes non quer Pero Marinho,
pero x'el é mancebo quer x'ela mais mininho;
non casará con ele por ouro nem por prata,
nem por panos de seda quant'é per escarlata;
ca dama de capelo de todo se cata.

CALDEYRON

1157

Os d'Aragon, que sóen donear
e Catalães con eles a perfia,
leixados som por donas a lidar,
van-ss'acordando que era folia;
et de burlas cuyd'eu rir-s'end'ia,
quem lhe dissess'aqueste meu cantar
a dona gaia de bon semelhar
oo amar quiçá non no preçaria.
Jantar quer'eu, non averá hy al
a dos d'Aragon et dos de Catalunha,
per como guardam sas armaduras de mal
cada hũ d'eles ergo se as sonha
ante xe querem sobre a vergonha
d'aqueste segre polos que mays i fal
non pararám os do Spital
de melhor morte a lide con besonha.
D'este cantar el-rey me desolvide,
dos d'Aragon quand'eu vin de Galiza
en que viven con gram mingua de lide,
a busquey ben aalen de Fariza;
non se faz todo por farpar peliça
mays quem este meu cantar oyr
far-me-a bem, et poys que esbaldir
se s'em queixar busque-me liça.

PAYO GOMES CHARINHO

1158

— Huã pregunta vos quero fazer,
senhor, que mi devedes a fazer,
porque podestes jantares comer,

que home nunca do vosso loguar
comeu esto que pode seer,
ca vej'ende os herdeiros queixar.
«Pay Gomes, quer'eu-vos responder
por vos fazer a verdade saber,
ouv'aqui reys de mayor poder
conquirer e en terras guaanhar,
mays non quem ouvesse mayor prazer
de comer quando lhi dan bon jantar.
— Senhor, por esto non digu'eu de non,
de ben jantar, des ca he gram razom,
mayl-os erdeyros Fôr'an de Leon,
guarian vosco porque am pavor
d'aver sobre lo seu con vosco entençon
e xe lhis parar outro non peyor.
«Pay Gomes, assi deus mi perdon'
mui gram terra que non foy en Carrhon,
nem mi derom meu jantar en Monçon,
e por esto non soõ pecador
de comer ben poys mh'o dan en don',
ca de mui boõ jantar ei gram sabor.

1159

Don Affonso Lopes de Bayam quer
fazer sa casa; se el pod'aver
madeyra nova e sse mi creer,
fará bom siso tanto que ouver
madeyra logo punh'en a cobrir
o fundamento ben alt'e guarir
pod'o lavor per hy se o fezer.
E quand'el a madeyra adusser
guarde-a ben e faça-a jazer
en logar que non chouva, ca torcer
assy a mui toste non ar a mester;
e sse o lavor non quer escarnir
abra lo fundament'alt'e ferir
e muyto batel-o quanto podér.
E poys o fundamento aberto for
alt'e bem batudo, pod'el andar
en salvo sobr'el e poys s'acabar
estará da madeyra sen pavor,
e do que diz que a revolverá,
ant'esto faça, se non matar-ss'a
ca este é o começo do lavor.
E don Affonso poys a tal sabor
de fazer boa casa começar
e dev'assy e desy folgar
e fazer que d'en mester for;
descobril-a e cobril-a poderá,
e revolvel-a, ca todo sofrerá
a madeyra e seer aly en melhor.
E don Affonso tod'esto fará
que lh'eu conselho, senom perder-ss'a
esta casa por máo laurador.

PERO DA PONTE

1160

Eu digo mal com'ome fadimalho
quanto mais posso d'aquestes fodidos,
e trob'a eles e a seus maridos;
e hũ d'eles mi pos mui grand'espanto,
topou comigu' e sobraçou o manto,
e quis en min achantar o caralho.
Ando lhes fazendo cobras et soons
quanto mais poss'e and'escarnecendo
d'aquestes putos que ss'andam fodendo;
e hũ d'eles de noite affitou-me
e quis-me dar do caralh'errou-me
e lançou de pós mi os colhões.

1161

Marinha Foza quiz saber
como lh'ia de parecer,
e fuy eu log'assi dizer
tanto que m'ela preguntou:
senon non ouvera nacer
quem vos viu e vos desejou.
E bem vos podedes gabar
que vos non sab'oj'ome par,
en as terras, de semelhar,
de mays diss'uũ que vos catou:
que non se ouvera levantar
quen vos vyu e vos desejou.
E poys parecedes assy
tan negr'ora vos eu vi
que o meu cór sempre des y
nas vossas feyturas cuydou:
e mal dia naceu por sy
quen vos vyu e vos desejou.
Mays que fará o peccador
que vyu-vos e vossa coor
e vos non ouv'a seu sabor;
dizer-vol-o-ey poys me vou,
irad'ouve nostro senhor
quem vos vyu e vos desejou.

1162

Marinha Crespa, sabedes filhar
en o paaço sempr'un tal logar,
en que am todos mui ben a pensar
de vós; e poren diz o verv'antigo:
a boy velho non lhi busques abrigo.
En o inverno sabedes prender
logar cabo do fogo ao comer,
ca non sabedes que x'ade seer
de vós; e por en diz o verv'antigo:
a boy velho non lhi busques abrigo.
E no Abril quando gram vento faz
o abrigo est o vosso solaz,
hu fazedes como boy quando jaz
en o bon prado; e diz o verv'antigo:
a boy velho non lhi busques abrigo.

1163

Hun dia foy cavalgar
de Burgus contra Carrhon,

e sayu-m'a convydar
no caminh'un infançon;
e tanto me convydou
que ouv'i logo a jantar
con el, mal que mi pesou.
Hu m'eu de Burgus parti
log'a deus m'encomendey,
e log'a el proug'assy
que hun infançon achey;
e tanto me convydou
que ouv'a jantar logu'i
con el, mal que mi pesou.
E sse eu de coraçon
roguey deus, baratey ben
ca en pouca de sazon
a que m'un infançon vem,
e tanto me convidou
que ouv'a jantar entom
con ele, mal que mi pesou.
E nunca já assy comerey
com'enton con el comi
mays hu eu con el topey
quisera-m'ir, e el y
a tanto me convidou
que sen meu grado jantey
con el, mal que mi pesou.

1164

Eu ben me cuydava que er'avoleza
d'a cavaleyro mancebo seer
escasso muyt'e de guardar aver,
mays vej'ora que val muyt'escaceza;
ca hun cavaleyro sey eu vylan,
e torp'e brav'e mal barragam,
pero tod'esto lh'encobre escasseza.

1165

Marinha Lopes oy mays ha seu grado,
se quiser deus, será boa molher,
e sse algun feyto fez desaguisado
non o fará ja mays, se deus quiser;
e direy-vos como se quer guardar,
quer ss'yr aly en cas don Lop'andar
hu lhi semelha loguar apartado.
E ben creede que est apartado
pera ela, que folya non quer,
ca non veerá hy mays null'omen nado,
de mil cavaleyros, se non quiser;
e poys se quer de folya leyxar,
de pram deus lhy mostrou aquel logar
hy pode ben remiir seu pecado.
E poys ben quer remiir seu pecado
logar achou qual avya mester,
hu non saberá parte nem mandado
de nulh'ome, se d'alhur non veher;
pero se prob'ou coytado passar
por aquel porto, sabel-o-a albergar,
e de mays dar-lh'albergue en doado.

1166

N'outro dia en Carrhon
queria hu salmon vender,
e chegou hy hun infançon,
e tanto que o foy veer
creceu-lh'i d'el tal coraçon
que diss'a hun seu hom'enton:
peix'ora quer'oj'eu comer.
Ca muyt'a já que non comi
salmon que sempre desejey,
mays poys que o ach'ora aqui
ja custa non receerey,
que oj'eu non coma de pram,
bem da peixota e do pam
ca muyt'a que ben non cehey.
Mays poys aqui salmon achei
querrei oj'eu mui ben cear,
ca non sei hu mh'o acharey
des que me for d'este logar;
e do salmon que ora vi
ante que x'o levem d'aly
vay-m'unha peixota comprar.
Non quer'eu cust'arrecear
poys salmon fresco acho siquer,
mays quero hir ben d'el assimar,
por envyar a mha molher,
que morre por el outrossy
da balea que vej'aqui,
e depois quite quen podér.

1167

D'un tal ric'ome vos quero contar
que n'outro dia a Segovha chegou,
de como foy a a vila a refeçar
poys o ric'ome na vila entrou;
ca o manjar que ante davam hy
por dez soldos ou por maravedi
logu'esse dia cinco soldos tornou.
Ric'ome foy que vos deus envyou
que vos non quis assy desamparar,
que nos a vila assy refeçou
poyl o ric'ome veo no logar;
ca nunca eu tan gram miragro vi
polo açougue en refeçar assy
mentr'o ric'ome mandara comprar.
C'a dês devemos graças a dar
d'este ric'ome que nos presentou,
de mays en ano que era tan car',
a com'este foy que ogano passou;
ca poys este ric'om'entrou aqui
nunca maa careza entrou hy
mentr'o ric'ome na côrte morou.

1168

Quem a sesta quiser dormir
conselhal-o-ey a razon,
tanto que jante pense d'ir

a cozinha do infançon;
e tal cozinha lh'achará
que tan fria casa non a
na oste de quantas hy son.
Aynda vos eu mays direy
eu que hũ dia hi dormi,
tan boa festa non levey
des aquel di'an que nacy
como dormir en tal logar,
hu nunca deus quis mosca dar
en a mais fria rem que vi.
E vedes que ben se guisou
de fria cosinha teer
o infançon, ca non mandou
des ogan'y fog'acender;
e sse vinho ganhar d'alguen
ali lh'o esfriará ben
se o frio quiser bever.

1169

Tareja Lopes d'Alfaro,
direy-vos que m'agravece,
qu'é vosso don mui caro
e vosso don é rafece;
o vosso don é mui caro,
pera quen o ad'aver;
o vosso don é rafece
a quen o ade vender.
Por caros temos panos
que home pedir non ousa,
e poyl-os tragem dous anos
rafeces son por tal cousa;
o vosso don é mui caro
pera quen o ade aver;
o vosso don é mui rafece
a quen no ade vender.
Esto eu nunca cuydara
que huã cousa senlheira
podesse seer cara
e rafec'en tal maneira;
o vosso don é mui caro
para quen no ade aver,
o vosso don é mui refece
a quen no ade vender.

1170

Sueyr'Eanes, este trobador
foy por jantar a cas d'un infançon,
e jantou mal, mays el vingou-ss'enton,
que or'ajam os outros d'el pavor;
e non quys el a vendita tardar,
en tanto que se partiu do jantar,
trobou-lhi mal, nunca vistes peyor.
E no mundo non sey eu trobador
de que ss'ome mays dev'a se temer
de x'el mui maas tres cobras fazer,
ou quatro a quem lhi maa barva for;
ca des que non lh'el cae na razon
maas trez cobras ou quatr'e o son
de as fazer muyt'é el sabedor.
E por esto non sey no mundo tal
home que lh'a el devess'a dizer,
de non por lhi dar mui ben seu aver,
ca Suer'Eanes nunca lhi fal
razon des que el despagado vay,
en que lhi troba tan mal e tan lay,
porque o outro sempre lhi quer mal.

1171

Quand'eu d'Olide say
preguntey por Alvar,
e disse-mi log'assy
aquel que foy preguntar:
senhor vós creed'a mi
que o sey mui ben contar;
eu vos contarey quant'a d'aqui
a cas de don Xemeno,
hun dia mui grand'a hy,
e hun jantar mui pequeno.
Disse-mi hu me d'el parti:
quero-vos ben conselhar,
a jornada que d'aqui
vós óy queredes filhar
será grande poys desy,
cras non é ren o jantar;
poren vos conto quant'a d'aqui
a cas de don Xemeno;
hun dia mui grand'a hi,
e hũ jantar mui pequeno.

1172

D'unha cousa son maravilhado
porque se quer home desembargar,
por porfaçar muyt'e deostar
e nulh'ome non seer seu pagado;
eu por aquesto ben vos jurarey
que tan mal torp'en o mundo non sey
com'é o torpe muy desenbargado.
E quen se ten por desvergonhado
por dizer a quantos sempre vyr pesar,
e pelo mundo non poder achar
nenhũ home que seja seu pagado;
por desembargado non lhi contarey,
mays se o vir vedes que lhe direy:
confonda deus a tal desenbargado.
Ca o torpe que sempr'anda calado
non o deven per torpe a razoar
poys que é torp'e leixa de falar,
e d'a tal torpe soõ eu pagado;
mays o mal torpe eu vol-o mostrarey,
quem diz mal dos que som en cas d'el rey
por se meter por mays desembargado.

1173

Dáde-m'alvyssara, Pedr'Agudo,
e oy mays sodes guarido,

vossa molher a bon drudo,
baronsinho mui velido;
dade-m'alvissara, Pedr'Agudo,
vossa molher a bon drudo.
Dade-m'alvyssara, Pedr'Agudo,
cresca-vos end'o rabo;
vossa molher a bon drudo,
que fode já en seu cabo;
dade-m'alvyssara, Pedr'Agudo,
vossa molher a bon drudo.
Dade-m'alvyssara, Pedr'Agudo,
esto seja mui festinho;
vossa molher a bon drudo,
e já non sodes maninho;
dade-m'alvyssara, Pedr'Agudo,
vossa molher a bon drudo.
Dade-m'alvyssara, Pedr'Agudo,
e gram dereito faredes,
vossa molher a bon drudo
que erda en quant'aver edes;
dade-m'alvyssara, Pedr'Agudo,
vossa molher a bon drudo.

1174

D'un tal ric'ome ouç'eu dizer
que est mui ric'omaz,
de quant'en gram requeza jaz,
mays esto non poss'eu creer;
mays creo-mh'al, per boa fé,
quen d'amigos mui pobr'é
non pode mui rico seer.
De mays quem a mui gram poder
de fazer algu'e o non faz
mays de viver porque lhi praz
poys que non val, nem quer valer,
ou grand'estança que prol lh'a,
ca poys d'amigos mal está
non pode boa estança aver.
Ca poys home de tal conven
porque todos lhi queren mal
o demo lev'o que lhi val
sa requeza, demays a quen
non presta a outren nen a ssy,
de mal conhocer por est'y,
quem tal home per rico ten.
E direy-vos d'el outra ren,
e non acharedes end'al,
poys el diz que lhi non ench'al
de dizerem d'el mal nem bem;
já mays d'el non atenderey
bon feyt'e sempre terrey
por cousa que non vay nem vem.
Mas pero lh'eu grand'aver sey
que a el mays do que eu ey,
poys s'end'el non ajuda rem.

1175

Don Bernaldo, poys trajedes
convosc'unha tal molher,
a peior que vós sabedes
se o alguazil souber
açoutar-vol-a querrá,
e a puta queixar-s'a,
e vós assanhar-vos-edes.
Mays vós que tod'entendedes
quant'entende bon segrel,
pera que demo queredes
puta que non a mester,
ca vedes que vos fará;
en logar vos meterá
hu vergonha prenderedes.
Mays que conselho faredes
se alguen al rey disser
ca molher vosco teedes
e a justiçar quizer;
se non deus non lhi valrrá,
e vós a quen pesará
valer non lhi poderedes.
E vós mentes non metedes
se ela filho fizer,
andando como veedes
con algun peon qualquer,
aquel tempo avemos já
alguen vos suspeytará
que no filho part'avedes.

1176

Maria Perez, a vossa cruzada
quando veo da terra d'ultra-mar
assy veo de perdon carregada
que se non podia con el'emerger;
mays furtam-lh'o cada hu vay maguer,
e do perdon já non lhi ficou nada.
E o perdon é cousa mui preçada,
e que sse devya muyt'aguardar;
mays ela non a maeta ferrada,
en que o guarde, nem a pod'aver;
ca poys o cadead'en foy perder,
sempr'a maeta andou descadeada.
Tal maeta como será guardada,
poys que rapazes albergan no logar,
que non aja seer mui trastornada,
ca o logar hu eles an poder
non a perdon que assy possa asconder,
assy saben trastornar a pousada.
E outra cousa vos quero dizer
a tal perdon ben se devera de perder;
ca muyto foy cousa mal ganhada.

1177

En almoeda vi estar
a hun ric'ome; e diss'assy:
quen quer hun ric'ome comprar?
e nunca hy comprador vi
que o quysesse nen en don,
ca diziam todos que non
dariam hun soldo por sy.

E d'este ric'ome quem quer
vos pod'a verdade dizer,
poys non a pres nen hun mester
quen querrá hi o sen perder;
ca el non faz nenhun lauor
de que nulh'om'aja sabor,
nen sab'adubar de comer.
E hu forom polo vender
preguntaron-no en gram sen;
ric'ome que sabedes fazer?
e o ric'ome disse rem;
non amo custa nem misson,
mays compro mui de coraçon
erdade se mh'a vend'alguen.
E poys el diss'esta razon,
non ouv'i molher nem baron
que por el dar quizesse rem.

1178

Mentre m'agora d'al non digo *nada*
d'un meu amigo quero dizer
amor sen prol e palavra doada,
de tal amor non ey eu que fazer;
nem outro se non ey eu porque temer
o desamor que non mh'a nuçir nada.
Non me tem'eu de grand'espadada
que d'el prenda nos dias que vyver,
nem s'ar tem'el de nulha rem doada,
que eu d'el lev'a todo seu poder;
nem m'ar tenh'eu de nunca d'el prender
já mays bon don nem boa espadada.
E quem vyu terra tan mal empregada
nen a cuyda nunca mays aveer
que non merece carta de soldada
e da-lh'o demo terra e poder,
e muytas terras pod'ome saber
mays nunca terra mal empregada.
E o que non val e podia valer
este merece sô terra jazer,
mays non terrá huã polegada.

1179

De Sueyr'Eanes direy
como lhe de trobar aven,
non o baralha el mui ben,
nen ar quer hy mentes meter;
mays d'esto se pod'el gabar
que se m'eu faço bon cantar
a el mh'o soyo fazer.
Pero cousa que eu ben sey
non sab'el muyto de trobar,
mays en tod'aqueste logar
non poss'eu trobador seer
tan venturad'en huã rem
se algũ cantar faz alguen
de lhi mui cantado seer.
Ca lhi troban en tan bon son
que non poderian melhor,
e por est'avemos sabor
de lhi sas cantigas cantar;
mays al vos quer'eu d'el dizer,
quem lh'aquesta manha tolher
ben assy o pode matar.

1180

Os de Burgus son coytados,
que perderon Pedr'Agudo,
de quem porram por cornudo;
e disseron os jurados:
seja-o Pedro Bodinho
que est'é nosso vesinho,
tambem com'é Pedr'Agudo.
E poys qu'é o concelho
dos cornos apoderado,
quem lhi sayr demandado
fará-lh'el mao trebelho;
ca el mentr'hi for cornudo
querrá hi seer temudo
e da vila apoderado.
E vedes en que gram bryo
el que o deus a chegado
por seer cornud'alçado
en tamano poderio;
hom'é de seu padre filho,
por tanto me maravylho
d'a esto seer chegado.
E creede que en justiça
pod'i mays, anda la terra,
ca sse non fará hi guerra
nem mui maa cobiiça,
ca el rogo nunca prende
de cornos, mays entende
mui ben os fóros da terra.

1181

Martin de Cornes vi queixar
de sa molher, a gram poder,
que lhi faz hi a seu cuydar,
tanto mays eu foy-lhi dizer:
falar quer'eu y se vos praz,
demo lev'o torto que faz
a gram poder d'esse foder.
Mays se vós sodes hy de mal sen
de que lh'apoedes mal prez,
ca salvar-sse pod'ela ben
que nenhun torto non vos fez,
nen torto non faz o taful
quando os dados acha algur
de os jogar huã vez.

1182

Quen seu parente vendia
todo por fazer thesouro,
se xe foss'en corredura
e podesse prender mouro,

tenho que x'o venderia
quen seu parente vendia.
Quen seu parente vendia
ben fidalgu'e seu sobrinho,
se tevess'en Sanctiago
bon' adega de vinho,
tenho que x'o venderia
quen seu parente vendia.
Quen seu parente vendia
polo poerem no pao,
se pam sobrepôst'ouvesse
e lhi chegass'ano mao,
tenho que x'o venderia
quen seu parente vendia.
Quen seu parente vendia
mui fidalgu'e mui loução
se cavalo çop'ouvesse
e lh'o comprassem por são,
tenho que x'o venderia
quen seu parente vendia.

1183

De Fernam Dias Estaturão
oy dizer novas de que mi praz,
que é home que muyto por deus faz,
e sse quer ora meter ermitão;
e fará bom feyto se o fezer,
de mays nunca lh'ome soube molher
des que naceu, tant'é de bon cristão.
Este ten o parais'en mão,
que sempr'amou con sen cristão paz,
nen nunca amou molher nem seu solaz,
nem desamou fidalgo nem vilão;
e mays vos direy se vos prouguer,
nunca molher amou, nem quis, nem quer
pero cata falagueyr'e loução.
E tan bon dia foy nado
que tan ben soub'o pecad'enganar,
que nunca por molher rem quis dar
e pero mete-ss'el por namorado;
e os que o non conhecemos ben
cuydamos d'el que folya manten,
mays el d'aver molher non é pensado.
Que ss'oj'el foss'emparedado
nem se saberia melhor guardar
de nunca já com molher albergar,
por non se riir d'el o pecado;
ca nunca deu por molher nulha rem,
e pero vedes se o vyr alguen
terrá que morre por seer casado.
E poys el tal castidade mantem,
quand'el morrer direy-vos huã rem:
beati oculy — será chamado.

1184

Sueyr'Eanes, nunca eu terrey
que vós trobar non entendedes ben,
poys entendestes quando vos trobey
que de trobar non sabiades rem;
mays o trobar ond'estades melhor,
pero d'al non sodes tan trobador,
entendedes quando vos troba alguen.
Entendestes hun dia ant'el rey
como vos meteron en hun cantar,
polo peyor trobador que eu sey
esto s'a vós nunca pode negar;
e por aquesto maravilho-m'eu,
d'este poder que demo vol-o deu,
por vós assy entenderdes trobar.
Cá vos vi eu aqui mui gram sazom,
e non vos vi per trobador meter,
e ora non vos troban en razon
en que xi vos possa rem asconder;
se de mal trobador enmentan hy
que vós logo non digades: a mi
foy feyt'aquel cantar de mal dizer.

1185

Quen a sa filha quyser dar
a mester con que sabha guarir,
a Maria Doming' ad' yr,
que a saberá ben mostrar,
e direy-vos que lhi fará:
ante d'un mes lh'amostrará
como sabha mui ben ambrar.
Como lhi vej'eu ensinar
huã ssa filha encobrir,
quen sas manhas ben cousir
aquesto pode ben jurar
que des Paris atees a cá,
molher de seus dyas non a
que tan ben s'acorde d'ambrar.
E quen d'aver ouver sabor
non ponha sa filh'a tecer
nen a cordas, nen a coser,
mentr'esta mestra aqui for,
que hi mostrará tal mester
porque seja rica molher,
ergo se lhi minguar lavor.
E será en mays sabedor
por estas artes aprender,
de m'oje quanto quiser saber
sabel-o pode mui melhor;
e pois tod'esto ben souber
guarrá assy como poder,
de mays guarra por seu lavor.

1186

— Don Garcia Martiiz, saber
queria de vós hunha rem,
de que dona qu'ei-mi gram ben
e lhi ren non ous'a dizer,
com medo que lhi pesará;
e non o posso mays sofrer,
dizede-mi se lh'o dirá
ar que mandades-l'y fazer.

«Pero da Ponte, responder
vos quer'eu e dizer meu sen,
se ela pode por alguen
o ben que lh'el quer aprender;
sol non o diga, mays se já
por el non o pod'entender
este pesar, dizel-o-a,
e poys servir e atender.
—Don Garcia, como vos direy
a quem sempr'amey e servi,
a tal pesar por que desy
perca quanto ben no mund'ey;
d'eu veer e de lhi fallar
ca sol viver non poderey
poys m'ela de sy alongar
e d'esto julgue-nos el rey.
«Pero da Ponte, julgar-m'ey,
ant'el rey vosqu'e dig'assy,
poys que per outren, non por mi
mha coyta non sabe, querrey
dizel-a, e se s'en queixar
a tan muito a servirey
que por servir cuyd'acabar
quanto bem sempre desejey.
—Don Garcia, non poss'osmar
com'o diga, nem o direy
a quem servi sempr'e amey
como direy tam gram pesar.
«Pero da Ponte, se m'ampar',
dês, praz-mi que vos julgu'el rey.

1187

Eu en Toledo sempr'ouço dizer
que mui maa de pescad'é,
mays non o creo per boa fé,
ca mi fui eu a verdad'en saber;
ca n'outro dia quand'eu entrey hy
ben vos juro quant'em ma vida vi
a peixota su o leito jazer.
Endoando ben podera aver
peixota quen na quisesse filhar
ca non a vi a nulh'ome aparar,
e huã cousa vos quero dizer;
tenh'eu por mui boa vileca assaz
hua peixota su o leyto jaz,
e sol nulh'ome non a quer prender.
E sse de min quiserdes aprender
qual part'a de cima en esta sazon,
non ha hy se lhis ven hy salmon
mays pescad'outro pera desprender,
mui refece por vos eu non mentir
ca vi eu a peixota remanyr
hy su hun leyt'assy deus mi perdón'.

1188

Aos mouros que aqui son
don Alvaro rem non lhis dá,
mays manda-lhis filhar raçon
da cachaça, e dar-lhis-a
d'al que na cosinh'ouver;
mays o mouro que mi creer
a cachaça non filhará.
Mays se lh'a deren logu'enton
aos cães a deytará,
e direy-vos por qual razon,
ca nunca xe lhi cozerá;
e a cachaça non a mester
poys que sse non cozer
a quanta lenha ño mund'a.
Nen os mouros a meu cuydar
poyl-a vyren non a querram,
mays se a quiseren filhar
direy-vos como lhi farán;
hyla-an logo remolhar,
ca assy soen adubar
a cachaça quando lh'a dam.

1189

Mort'é don Martin Marcos,
ay deus, se é verdade!
sey ca se ele é morto
morta é torpidade,
....
e morta neycedade,
morta é covardia
e morta é maldade.
Se don Martinh'é morto
sen prez e sen bondade,
oy mays maos costumes
outro senhor catade;
mays non o acharedes
de Roma atá cidade,
se tal senhor queredes
alhu'-lo demandade.
Pero hũ cavaleyro
sey eu par caridade
que vos ajudaria
tolher d'el soydade,
mays que vos diga
ende bem a verdade;
non est rey nen conde
mays he x'outra podestade
que non direy, que direy,
que non direy...............

1190

Poys vos vós ca vyngar non sabedes
d'este marido con que vós seedes,
mostrar-vos quer'eu como vos vinguedes
d'el, que vos faz con mal dia vyver:
maa noyte vos mando que lhi dedes,
poys que vos el mal dia faz aver.
Poys que vos deus deu tamanha valentia
de vos vingar, sse creerdes, hia
d'este marido que vos dá mal dia,
mostrar-vos-ey gram dereyt'a prender;

maa noyte lhi dade todavia,
pois que vos mal dia faz aver.
Direy-vos eu a negra da verdade,
se mh'a creerdes, e senon leixade
d'el, que vos dá mal dia, vos vingade;
pois vos en deus deu tamanho poder
oy mays todavia negra noyte lhi dade,
pois que vos el mal dia faz aver.
Por deus, todavya, que vos fez seer nada
nen se ria pois de vós na pousada
este marido que vos tem coitada,
porque vos faz mal dia padecer;
negra noyte lhi dade e estirada,
pois que vos el mal dia faz aver.

1191

Don Tisso Peres, queria oj'eu
seer guardado do trebelho seu,
a perdoar-lh'o baston que foy meu,
mais non me poss'a sem rogo quitar;
e Tisso Perez, que demo mh'o deu
por sempre migo querer trebelhar.
De trebelhar-mh'a el gram sabor,
e eu pesar nunca vistes maior,
ca non dormho de noite con pavor,
ca me trebelha senpre ao lũar;
demo o fezo tan trebelhador
por sempre migo querer trebelhar.
Cada que póde mal me trebelhou,
sempr'eu já mh'assanhando vou
de seu trebelho mao que vezou,
con que me ven cada noyt'espertar;
e Tisso Perez, demo mh'o mostrou,
por sempre migo querer trebelhar.

PEDR'AMIGO

1192

Elvyra, capa velha dest'aqui
que lhi vendess'un judeu corretor,
e ficou comtigo outra mui peyor,
Elvira, capa velha que t'eu vi;
ca queres sempre por dinheiros dar
ja melhor capa, e queres leixar
a capa velha, Elvyra, pera ti.
Por que te ficass'y, deus ti perdon',
a capa velh'Elvyra, que trager
non quer nulh'ome, mays dás a vender
melhor capa velha d'outra sazom;
Elvyra, nunca a ti capa daram,
ca ficas d'estas capas que ti dam
con as mays husadas no cabeçon.
Cá capa velh'Elvyra, mi pesou,
por que non é la para cas d'el-rey,
a capa velha, Elvyra, que eu sey,
muytus an que comtigo ficou;
ca pera côrte sey que non val rem
a capa velh', Elvyra, que já tem
pouco cabelo, tan muyto ss'usou.

1193

Hun bispo diz aqui por sy
que é de Conca, mays ben sey
de mi que bispo non achey
de Conca, des que eu naci,
que d'alá fosse natural;
mays d'aqueste mi venha mal
se nunca tan sen Conca vi.
E nunca tal mentira oy,
qual el diss'aqui ant'el rey,
ca sse meteu, por qual direy,
por bispo de Conca logu'i;
e dixi-lh'eu logu'en ton al:
hu est essa Conca bispal
de que vós falades assy?
E polo bispo aver sabor
grande de Conca non aver
non lh'o queremos nós saber,
ca diss'o vesitador:
que bispo per nenhun logar
non pode per de Conca andar,
bispo que de Conca non for.
Vedes que bisp'e que senhor
que vos cuyda a fazer veer
que é de Conca, mays saber
podedes que é chufador;
por min que o fuy asseytar
per hun telhad'e non vi dar
ant'el Conca nem talhador.

1194

Don Estevan, oy por vós dizer
d'unha molher que queredes gram bem,
que é guardada, que per nulha rem
non a podedes, amigo, veer;
e al oy, de que ey gram pesar,
que quant'ouvestes todo no logar
hu é, lá o fostes hy despender.
E poys ficastes probe sem aver,
non veede ca fezestes mal sen,
siquer a gente a gran mal vol-o ten,
por hirdes tal molher gran ben querer;
que nunca vistes riir, nen falar
e por molher tan guardada ficar
vos vej'eu pobr'e sen conhocer.
E non vedes, home pecador,
qual est o mund'e estes que lh'i son,
nen conhocedes, mesquinho, que non
se paguam já de quen faz o peyor;
é gram sandice d'ome per oyr
bem da molher guardada que non vyr
d'ir despender quant'a por seu amor.
E ben vos faç'amigo sabedor,
que andaredes por esta razon,
per portas alheas mui gram sazon,

porque fostes querer bem tal senhor;
porque sodes tornad'en pam pedir,
e as guardas non se querem partir
de vós, e guardan-a porén melhor.

1195

Quem mh'ora quysesse cruzar,
ben assy poderia hyr
ben como foy a ultra-mar
Pero d'Ambroa deus servir,
morar tanto quant'el morou
na melhor rua que achou,
e dizer: Venho d'ultra-mar.
E tal vyla foy el buscar
de que nunca quiso sayr,
atá que pôde ben osmar
que podia hir e viir,
outr'omen de Jherusalen,
e poss'eu hir, se andar ben,
hu el foy tod'aquest'osmar.
E poss'en Monpilher morar
ben como el fez por nos mentir,
e ante que cheg'ao mar
tornar-me poss'e departir
com'el depart'en cour'a deus,
pres mort'en poder dos judeus
e en as tormentas do mar.
E sse m'eu quiser enganar,
deus, ben o poss'aqui comprir,
en Burgos, ca sse perguntar
por novas ben nas posso oyr,
tan ben com'el en Monpilher,
e dizel-as poys a quen quer
que me por novas preguntar.
E poys end'as novas souber
tan ben poss'eu, se mi quiser,
como hum gram palmeyro chufar.

1196

Pero d'Ambroa, tal senhor avedes
que non sey quen se d'ela non pagasse,
e ajudey-vos eu, como sabedes
. . . .
escontra ela mui de boa mente;
e diss'ela: fazede-me-lh'en mente
ainda oje vós migo jazedes
Por seu amor; ca x'anda tan coytado
que se vós oje migo non jouverdes
será sandeo, e se o non fazerdes
non se terrá de vós por ajudado;
mays enmentade-me lhi hũa vegada,
e morarey eu vosqu'en vossa pousada,
e o cativo perderá cuydado.
E já que lhi vós amor demostrades
semelh'ora que lhi sodes amigo,
jazede logo aquesta noyte commigo,
e desy poys crás, hu quer que o vejades,
dizede-lhe que comigo albergastes
por seu amor, e que me lh'enmentastes
e non tenha que o pouc'ajudades.

1197

Maria Balteyra, que se queria
hyr já d'aqui, veo-me preguntar
se sabia j'aqui d'aguyraria,
ca non podia mays aqui andar;
e dixi-lh'eu logu'enton quant'eu sey,
Maria Perez, eu vol-o direy,
e diss'ela logu'i que m'ho gracia.
E dix'eu: poys vos hides vossa vya
a quen leixades o voss'escholar
ou vosso filh'e vossa companhia?
poren vos mand'eu catar
que vejades nos aguyros que ey,
com'er poss'yr, e mays vos eu direy,
a menos d'esto sol non moveria.
E dixi-lh'eu: cada que vos deitades
que esturnudos soedes d'aver?
e diss'ela: dous ey, ben o sabhades,
e hun ey quando quero mover;
mays este non sey eu ben departir;
e dix'eu: con dous ben poderiades hir,
mays hun manda sol que non movades.
E dixi lh'eu: poys aguyro catades
das aves vos ar conven a saber,
vós que tan longa carreyra filhades;
diss'ela: esso vos quer'eu dizer,
ey feryvelha sempr'ao sayr;
e dixi-lh'eu: ben podedes vós hir
con ferivelha mays nunca tornades.

1198

Joham Baveca e Pero d'Ambroa
começaron fazer sa tençon,
e sayron-sse logo da razom,
Joham Baveca e Pero d'Ambroa;
e por que x'a non souberon seguyr;
nunca quedaron poys en departir
Joham Baveca e Pero d'Ambroa.
Joham Baveca e Pero d'Ambroa
ar forom outra razom começar,
sobre que ouverom de pelejar,
Joham Baveca e Pero d'Ambroa;
sobre la terra de Jherusalem,
que diziam que sabiam mui ben
Joham Baveca e Pero d'Ambroa.
Joham Baveca e Pero d'Ambroa
ar departirom logo no Gram-Can,
e pelejarom sobr'esto de pram,
Joham Baveca e Pero d'Ambroa;
dizend'ora verremos qual é;
e leixei eu assy per boa fé
Joham Baveca e Pero d'Ambroa.

1199

Marinha Mejouchi, Pero d'Ambroa
diz el que tu o fuist'i pregoar
que nunca foy na terra d'Ultra-mar;
mays non fezisti como molher boa,
ca, Marinha Mejouchi, sy é sy,
Pero d'Ambroa sey eu cá foy-lh'y
mays queseste-lh'y tu mal assacar.
Marinha Mejouchi, sen nulha falha
Pero d'Ambroa en Çaca de-Ven
filhou a cruz pera Jherusalem
e depoys d'aquesto, se deus mi valha
Marinha Mejouchi, com'é romeu,
que ven casado e tal o vi end'eu
tornar, e dizer que non tornou en.
Marinha Mejouchi, muytas vegadas
Pero d'Ambroa ach'end'en mal,
mays se te colhe d'el logar a tal
com'andas tu assy pelas pousadas,
Marinha Mejouchi, a mui gram sazon
Pero d'Ambroa, se te achar enton,
gram med'ey que ti querrá fazer mal.

1200

Quer'eu gram bem a mha senhor
polo seu mui bon parecer,
e por que me non quer veer
pobre, lhi quer'eu já melhor;
ca diz, que mentr'eu al jouver,
que nunca já será molher
que mi queyra por en peyor.
Conselha-me mha senhor
como se ouvess'a levar
de mui algo poys mh'o achar,
e diz-m'o ela con sabor:
que ouvess'eu algo de meu
ca diz que tant'é com'é seu
poys que mh'a por entendedor.

1201

Hun cavaleyro fi' de clerigon
que non a en ssa terra nulha rem,
por quant'está com seu senhor mui ben,
por tanto se non queria conhocer
a quen sab'onde ven e onde non
e leixe-vos en gram conta poer.
E poys xe vos en tan gran conta pon,
por que é caro, ca lhi non conven
contra quen sabe ond'est e onde ven
o seu linhagen e todo seu poder,
e faz creenç'a quantos aqui son
que val mui mays que non dev'a valer.
El se quer muyt'a seu poder onrrar
ca se quer por mays fidalgo meter
de quantos a enton d'aquel logar
hu seu padre ben a missa cantou,
e non queria por parente colher
hũ seu sobrinho que aqui chegou.

1202

Lourenço non mi quer creer
pero que o conselho ben
do que el non sabe fazer;
e pero se mi creess'en
de tres cousas que ben direy,
podia per hy con el rey
e con outros ben guarecer.
E quero-lh'eu logo dizer
hi outras cousas qu'el ten,
que sabe melhor, e saber
podedes que non sabe ren
trobar, ca trobador non a
en o mundo, nen averá
a que ss'el queira conhocer.
E ben com'el faz de trobar
assy vira se vehess'y
pero s'en con el cantar
e Pero Bodinh'outro ssy
e quantos que cantadores son,
por todos diz el ca non
lhis quer end'a vontad'a dar.
Aynda de seu citolar
vos direy eu quanto lh'oy,
diz que o non poden passar,
todos quantos andam aqui;
e por esto lhi conselh'eu
que leix'esto que non é seu
en que lhi van todos travar.
E eu que lh'o conselho dou
que leix'esta que se filhou,
diz que ando pol'enganar.

1203

Pedr'Ordoñes, corpo desembrado,
vej'eu hun home que ven da fronteyra
e pergunta por Maria Balteyra,
Per'Ordonhes, e semelha guysado
d'aquest'ome que tal pregunta faz
Per'Ordonhes, semelh'ar rapaz
ou algun home de pouco recado.
Per'Ordonhes, corpo enganado,
mi semelha, e fóra de caveyra,
a quen pregunta por huã soldadeyra
e non pregunta por al mays guysado;
e Per'Ordonhes, mui cheo de mal
mi semelha en corp'est'om'a tal,
Per'Ordonhes, que m'a preguntado.
E Per'Ordonhes, non preguntaria
por esto se alguã rem valesse
aquest'omen e se o ben conhocesse,
Per'Ordonhes, fez mui gran ben e queria
aquest'ome que tal pregunta fez
Per'Ordonhis, se foss'alguã vez
por corpo fóra, dereyto seria.

1204

Pediu oj'hum ric'ome
de que eu ey queixume,

candeas a hun seu home
e deu-lh'o home lume;
e poys que foy o lume
ficado no esteo,
ca assy Pedro
queria segun creo,
 que al est a candea
 e al est o candeo.
 El candeas e vinho
pediu ao serão,
e log'un seu meninho
troux'o lume na mão;
e foy log'a dereyto
fical'a no esteo,
e disse Pedro: queria
colher-me d'un baracéo,
 que al est a candea
 e al est o candeo.
 E candeas pedia,
e logo mantenente
assy com'el queria
foy-lh'o lume presente;
e per logo ficado
ben aly no esteo
e disse san Petro que ja
ou eu nada non creo;
 ou al est a candea
 ou al est o candeo.

1205

Mayor Garcia *vi* tan pobr'ogano,
que nunca tan pobr'outra molher vi,
que se non foss'o arcediano
non avya que deytar sobre ssy;
ar cobrou poys sobr'ela o dayam,
e por aquelo que lh'antr'ambos dam
and'alá toda coberta de pano.
.... [1]

[1] Seguem-se no Ms. 14 folhas em branco innumeradas.

FINIS

GLOSSARIO ARCHAICO DO CANCIONEIRO

A, (expletiva; antigo galleguismo.)
Aaugado, Doente de desejos; pop. ougado.
Abaco, Cofre, arca.
Abafordar, Jojar o bafordo.
Abanos, Capa solta.
Aboiz, Armadilha.
Abondo, Excessivamente.
Abuytre, Abutre.
A cachas, Escondidamente.
Acaecer, Acontecer.
A cajam, Cajam, desastre.
A carom, Defronte.
Achantar, Plantar.
Acorrer, Acudir, soccorrer.
Adul, *Adur*, Difficultosamente.
Aduffe, Pandeiro.
Aduzer, Trazer.
Affamado, Esfaimado.
Affanar, Causar affan, cansar.
Afeitar, Enfeitar.
Aficado, Teimoso.
Affrom, Affronta.
Agravecer, Tornar grave.
Agoyria, *Aguyraria*, Arte dos agouros.
Aguadeyra, Capa larga.
Aguça, Pressa, diligencia.
Aguçoso, Argucioso.
Aguisar, Guisar, dispor.
Al, Outro, e expletiva.
Alacrá, Tecido antigo.
Albergueiro, Estalajadeiro.
Alças, Impostos.
Alegrança, Alegria.
Alegoria, Explicação.
Alfaraz, Cavallo ligeiro.
Alfrezes, Ornato de chapéo.
Algo, Alguma cousa.
Alguazil, Aguazil, quadrilheiro.
Alhur, Algures, n'outra parte.
Alvão, Especie de brial.
Amenaça, Ameaça.
Amistar, Ter amisade.
Amorviado, Adoentado.
Anasal, Anasado.
Ancho, Amplo.
Anchar, Alargar.
Animalhas, Alimarias.
Antanho, O anno anterior.
Antejo, Entojo, teiró, aversão.
Anteyras, Inteiras, virgens.
Antolhança, Previdencia.
Aparelham, Aparelhando.
Apoer, Increpar, accusar.
Aposto, Elegante.
Apressurar, Apressar.
Aquessa, Essa.
Aqueste, *Aquisto*, Este, isto.
Ar, (expletiva) Tambem, outra cousa.

Ardido, Atrevido.
Arduda, Ardidez.
Arcabouço, Esqueleto.
Arcediano, Arcediago.
Arlota, Vagabunda.
Armar, Aparelhar.
Arriçado, Açulado.
Arrufado, Impavezado.
Arteiro, Ardiloso.
Ascari, Certo pano.
Asperança, Esperança.
Assimar, Acabar.
Astroso, Desastroso.
Atal, Tal.
Auscuytar, Escutar.
Aval, Estrago.
Aver preço, Ter relações sexuaes.
Avilar, Envilecer.
Avindador, Conciliador.
Avol, Avô.
Avoleza, Nobreza dos antepassados.
Azerar, Acerar.
Azes, Alas, flancos, lados.
Azinha, Depressa.

Babous, Especie de lesma.
Bafordar, Jojar o bafordo.
Balandrão, Sobretudo sem mangas.
Baraceo, Baraço.
Bandoria, Parcialidade.
Baraço, Cinta, atilho do cabello.
Baralha, Bulha, peleja.
Baralhar, Combinar.
Barata, Questão.
Baratar, Apoucar.
Barvado, Barbado.
Bastoados, Bastonados.
Bayoninho, Cavallinho bayo.
Bel, Bello.
Beldade, Belleza.
Beneito, *Beeito*, Bento, bendito.
Beote, Bote, barco.
Besonha, Necessidade.
Bevo, *Bevisti*, (v. de Beber.)
Bisalho, Bolsim; enfeites.
Boança, Bonança.
Borôa, Pão de milho.
Braceiro, Forte de braços, activo.
Bulhafre, Milhafre.
Burlhar, Burlar.

Ca, Que, porque.
Cabo, Ao pé, perto; fim.
Cachaça, Porca por castrar.
Cada que, Cada vez que.
Caente, Cadente.
Cafi, Çafira.
Cajon, Mau ensejo.
Calaveyra, Caveira.

Calentura, Febre.
Camanho, Tamanho.
Cambhar, Trocar.
Campana, Sino.
Campaynha, Campina.
Canelho?
Cano, Encanecido, velho.
Canterlhado, Guarnecido nos cantos.
Capeyrete, Capa pequena.
Careza, Carestia, custo.
Carnaçal, Carniceiro.
Carrajaz, Roufenho.
Carreyra, Caminho, atalho.
Cas, Casa.
Castoar, Encastoar, engastar.
Catar, Guardar, attender.
Catarron, Catarro forte.
Caudelar, Acaudilhar.
Cendal, Tecido de brial.
Cerame, Çurome, capa grande.
Cercear, Cortar rente ou cerce.
Certão, Certo.
Cervo, Veado.
Cevadeyra, Cesto de pão, alforge.
Ceveira, Ceraes; (pop. na Beira.)
Chançon, Canção.
Chanto, Pranto.
Chapel, Capello, elmo.
Charriar, Carrear, acarretar.
Che, Te; que.
Chuchurruchão?
Chufadòr, Critico.
Chus, Mais.
Ciar, Ter ciumes.
Cinger, Cingir.
Citola, *Citolar*, Cythara, etc.
Cividade, Cidade.
Cobra, Copla, estrophe.
Cobrar, Obter, alcançar.
Cohorto, Conforto.
Cochom, Porco.
Coitar, Causar mal.
Color, Côr.
Colpado, Golpeado.
Conortar, Confortar.
Conhocença, Conhecimento.
Conquirer, Conquistar.
Çopegar, Manquejar.
Çopo, Manco.
Cofeynos, Especie de figos.
Conquis, (v. de Conquistar) conquistou.
Cór, Coração.
Cordo, Cordato.
Cornelha, Gralha.
Corredura, Correria.
Cortinha, Pateo, pequena córte.
Cos, Apertadura da saia.
Costa juso, De costas para o ar.
Coteyfe, Capa de pesponto.

Cousecer, Censurar.
Cousido, Considerado, censurado.
Cousir, Considerar, discernir.
Cousimento, Discrição, discernimento.
Coyta, Afflição.
Coyto, Cosido.
Covylheyra, Dama de companhia.
Cras, Ámanhã.
Criança, Criação.
Cravellado, Cravejado.
Cruzar, Entrar na Cruzada.
Curar, Tratar, cuidar.
Cuçurro, Certa côr de cavallo.

Dante, Que dá; dando.
Dapno, Damno.
De cham, De prompto.
Defensom, Prohibição,
Degredo, Decreto (Decretaes.)
Delgadas, Certa vestimenta.
Delgado, Delicado.
Del, Des, Desde.
Desaguisado, Desguisado, Sem geito.
Desembrado, Desajeitado, azambrado.
Desi, Desde então.
Desfiar, Desafiar.
Disputação, Disputa.
De pram, De prompto.
De suso, De cima.
De vegadas, Amiudadas vezes.
Deyto, Dito.
Dia talhado, Dia aprasado.
Dizer a refrem, Glossar o retornello.
Dizer das luas, Prognosticar.
Dizedor, Intrigante.
Doa, Dadiva.
Doairo, Donaire, graça.
Doestar, Deostar, insultar.
Dolçor, Doçura.
Doma, Ebdoma, Semana.
Dona, Senhora.
Dona d'algo, Senhora nobre.
Doyta, Docta.
Drudo, Amante.
Duldar, Duvidar.
Dy, (v. de Dizer) Diz.

Echar, Deixar (cf. *enha* por *minha.)*
Edes, (v. de Haver) Eis.
Edoy, retornello basco: Etoy.
Eiri, Eyri, Hontem.
El, Elle.
Elhes, Elles.
Emparamento, Amparo.
En, Ende, D'isso, por isso, d'ali.
Em cas, Em casa.
Ementar, Mentar, considerar.
Encimar, Acabar.
Endurar, Soffrer.
Enfinger, Fingir.
Enfinta, Fingimento.
Enganhar, Enganar.
Entença, Pleito, demanda.
Entençar, Trovar tenções, pleitear.
Entenção, Genero poetico, despique.
Entendedor, Conversado, namorado.
Entendença, Intendencia.
Entolhar, Antolhar.
Entramente, Entretanto.
Entravincar, Cruzar rimas.
Enventurado, Venturoso.
Enxeco, Pendencia, damno.
Er, Ar, (expletiva) Al.
Ergo (er que) De mais.
Esbaldir, Gastar, baldar.
Escaecer, Esquecer.
Escarnir, Escarnhido, Escarnecer, escarnecido.
Escatima, Falta, defeito; censura.
Escasso, Mesquinho.
Escontra, De encontro.
Esguardar, Resguardar.
Esparger, Derramar.
Espartido, Ausente.
Espedir, Despedir.
Espital, Hospital.
Est, (v. de Ser) É.
Estê, (v. de Estar) Esteja.
Estarrecer, Entristecer.
Esto, Isto.
Estraydade, Extranheza.
Estyo, Verão.
Exalçar, Exaltar.

Faceiro, Insolente.
Faes, (v. de Fazer) Fazes.
Falagueiro, Fagueiro.
Falha, Falta.
Falcatrua, pop. Trapaça.
Falido, Falso.
Falimen, Falimento, Erro, falta.
Fall, Falta.
Fame, Fome.
Farcilhom, Certo arreio.
Favonear, Facilitar.
Femença, Attenção, inquirição.
Fendedura, Fenda.
Fer, Fazer.
Ferido, Arrancada, assalto.
Festinho, Apressadamente.
Fey, Feito.
Feyra, (v. de Ferir) Fira.
Feyestas, Festas.
Feziste, (v. de Fazer) Fizeste.
Fi, Filho.
Fidor, Fiador.
Fighe, (v. de Fazer) Fiz.
Fistulado, Que abriu fistula.
Fiusa, Fiança, confiança.
Flume, Frume, Rio.
Fodimalhas, Capazes de gerar.
Folengar, Folgar.
Fol, Tollo.
Folgança, Folguedo.
Folia, Loucura.
Fontana, Fonte.
Foro da terra, Garantia local.
Forom, Furão de caça.
Fossado, Arrancada, hoste.
Fraquelinha, Fraquinha.
Frol, Frolido, Flor, Florido.
Fudud'an cúa, Crime antigo.
Fudud'an dia, Dada ao fornizio.
Fustam, Panno branco.

Gaanhar, Ganhar.
Gage, Penhor.
Garceras, Roupas de moça.
Gargantom, Comilão.
Garrida, Bella; vistosa.
Gasalhado, Abrigo.
Gazeite? (n.º 78.)
Geolheiras, Defeza dos joelhos.
Giolo, Joelho.
Glosa, Rima, trova.
Gonella, Coifa; veste de lã.
Gradescades, (v. de Gradescer.)
Gracir, Agradecer.
Grado, Vontade, agrado.
Gram peça, Uma grande parte.
Gram sazom, Muito tempo.
Gran, Pano de lã.
Grand'algo, Riqueza.
Granho, Grenha.
Granhom, Gadelhudo.
Greu, Grado, vontade.
Gris, Cinzento.
Guarecer, Melhorar, sarar.
Guarida, Agasalho.
Guarnimento, Guarnição.
Guarir, Melhorar, curar.
Guidar, Guiar.
Guirlanda, Grinalda.
Guisa, Modo, maneira.
Guysar, Ordenar, dispor.

Haveo, (v. de Advir) Adveiu.
Hadusse, (v. de Adduzir) Adduzisse.
Ho, O.
Hi, Ahi.
Homem, Om, (Fórma pronominal.)
Hu, Onde.

I, Ali.
Iguar, Egualar, rimar bem.
Infançõas, Filhas de infanções.
Ir em osso, Montar sem selim.
In suso, De cima.

Jaço, Jasca, Jouve, (v. de Jazer) Jazo, jaza, jazi.
Jajuar, Jejuar.
Janeyras, Festas do primeiro dia do anno.
Jantar, Tributo peculiar dos reis.
Jaquetão, casacão curto.
Jazedor, Morador; que tem privilegio de sepultura.
Joeta, Pequena joia.
Jograes, Jograes, cantores vagabundos.
Jograron, Jogral desprezivel.
Juso, Abaixo.

Ladinho, Ladino, astuto.
Laida, Ferida grave; affrontado.
Lanzar, Jogar a lança.
Lazerado, Doente.
Lazeyra, Doença.
Ledo, Alegre.
Leger, Ler.
Leli, Lelia, Estribilho popular.
Levar, Levantar.
Lez, Lado (pop. Lez a lez.)
Lexar, Deixar.
Lezer, Descanso.
Leuter, Eleutherio.
Li, Lhe.
Liça, Estacada.
Lidar, Combater.
Lidice, Alegria.
Liria, Genero poetico com refrem.
Livrar, Entregar.
Lo, O.
Loador, Louvaminheiro.

Loação, Louvor.
Lobado, Com tumores do cavallo.
Lobaganto, Especie de lagosta.
Loriga, Espada curta.
Loução, Formoso.
Louvamyantes, Louvaminheiros.
Lunes, Segunda feira.
Lus, Os.

Macar, Maguer, Antes que.
Maestra, Vendedeira.
Madre, Mãe.
Maestria, Arte de trovar.
Maeta, Mala pequena.
Malado, Servo.
Mala, Má.
Maldezi, (v. verb.) Maldisse.
Malandança, Infelicidade.
Maltreyto, Doente.
Malouria, Doença.
Malvaz, Malvado.
Maleza, Maldade.
Mandadeyro, Portador de recado.
Manha, Costume.
Manhana, Manhã.
Manselinha, Mansinha.
Mantenente, Detidamente.
Maravedil, Maravedi.
Martes, Terça feira.
Marteiro, Martyrio.
Marra, Martello, maça.
Mayson, Casa, mansão.
Mayça, Malicia.
Meaça, Ameaça.
Medes, Mesmo.
Meiga, Miga, migalha.
Mençonha, Mentira.
Mengua, Mingua.
Menciente, Mentiroso.
Mentes, Mentre, Entretanto.
Mentidor, Mentiroso.
Mentireiro, Mentiroso.
Meores, Menores.
Mercadeyro, Mercador.
Merchandia, Mercadoria.
Merger, Mergulhar.
Mesela, O que Deus quizer.
Mesnada, Arrancada, hoste.
Mester, Precisão.
Mesteyral, Industrial.
Mesura, Decencia, honestidade.
Messegeyro, Mensageiro.
Mha, Minha.
Miscrar, Intrigar.
Mi medes, A mim mesmo.
Mocelinha, Mocinha.
Moirer, Morrer.
Montar, Importar.
Mourisca, Bando de trabalhadores mouros.
Movil, Movel.
Mua, Mula.
Muacho, Macho ou mú.
Murzelo, Côr de amora; diz-se do cavallo.

Nana, Menina.
Nembrar, Lembrar.
Nemigalha, Cousa nenhuma.
Neno, Menino.
Neycedade, Necessidade.
Nostro, Nosso.
Nulha, Nenhuma.
Nucir, Fazer mal.
Nuncha, Nunca.

Obridar, Olvidar.
Obispo, Bispo.
Ogano, Este anno. (Pop. Oroanno.)
Oidor, Ouvinte.
Ola, Panella.
Oos, Olhos.
Omildoso, Humilde.
Ordinhado, Ordenado.
Oste, Exercito.
Orpelado, Franjado de oiro.
Ouso, Osso.
Oy, Hoje.
Oyr, Ouvir.

Paaço, Palacio.
Padre, Pae.
Pagar, Satisfazer-se.
Palmeiro, Peregrino.
Panil, Pesponto de coteyffe.
Papagay, Papagaio.
Par, Por.
Paravoras, Palavras.
Partimento, Desfecho.
Parecer, Rosto, semblante.
Partir, Acabar.
Passo, Vagarosamente.
Pastorella, Ballada pastoril.
Patela, Patinha.
Pêa, Embaraço.
Peage, Pionagem, tributo.
Pediçom, Petição.
Pediolo, Peditorio.
Pelegrim, Peregrino.
Pendon sem Caldeira, Hoste não sustentada.
Peon, Pedestre.
Per, Pôr.
Perdoador, Que perdoa.
Percalçar, Soffrer perdas.
Pero, Porém.
Pez, (v. de Pesar) Pése.
Pescaz, Pescado.
Pindecoste, Pentecoste.
Plazer, Prazer.
Poer, Pôr.
Pobra, Póvoa; logarejo.
Poio, Pincaro.
Pon, (v. de Pôr) Põe.
Polo, Pelo.
Polmeira, Abcesso.
Pontos, Notas do canto.
Poylo, Pois o.
Posponto, Pesponto.
Porrá, (v. de Poder) Poderá.
Porto, Passagem.
Pos, Apoz.
Posadeiro, Pousada.
Postura, Lei.
Pram, De prompto.
Prasmado, Censurado.
Pres, Perto.
Preçar, Prezar.
Preito, Accordo, accedencia.
Prender, Tomar.
Prestador, Prestadio.
Prestumeiro, Ultimo.
Prix, (de Prender) Tomou.
Preytejador, Pleiteador.
Prez, Preço, presença.
Profaçador, Satyrico.
Profaçar, Satyrisar.
Prol, Pró.
Probe, Pobre.
Proeza, Valentia.
Proveza, Pobreza.
Puge, (v. de Pôr) Puz.
Punhar, Pugnar.

Quegenda, Tal qual.
Quartadas, Golpes de espada.
Quebranto, Feitiço, agouro.
Querelhas, Queixas.
Querria, (v. de Querer) Quereria.
Quitações, Pagamentos.
Quiçá, Talvez.
Quitar, Resgatar.

Rabiosa, Que tem rabo.
Raffece, Renegado.
Rancuras, Aggravos.
Recadar, Arrecadar.
Recaudo, Acautelado.
Rechantado, Replantado.
Reer, Cortar, podar.
Rem, Cousa.
Remanyr, Permanecer.
Rengelhoso, Que range.
Repostar, Responder.
Reposte, Reposteiro.
Ric'omem, Cavalleiro.
Riir, Rir.
Rolda, Vigia.
Rostro, Rosto, cara.

Sabha, (v. de Saber) Saiba.
Sabença, Sapiencia.
Sabor, Prazer, graça.
Sal, Salirá, Salrrá (v. de Saír) Sáe, sairá.
Salva, Defeza.
Salvidade, Salvação.
Sandecer, Ensandecer.
Sandia, Douda.
Sanhoane, Sam João.
Sanhar, Assanhar.
Sanhudo, Assanhado.
Saquiteiro, Moço do pão.
Sargo, Pano.
Sazon, Ensejo, occasião.
Scaleyra, Escada.
Scanção, Moço da cópa.
Scholar, Estudante.
Selegon, Séla grande.
Seestro, Esquerdo, sinistro.
Sen, Sentido, cuidado.
Segler, Segrel, Cantor de cavallo.
Senço (v. de Sentir) Sinto.
Sejo, Sedia e *Sïiam* (v. de Sedar) Estou, estava assentado.
Sedes, Sodes, Semos, Seiades, Seve (v. de Ser.)
Senhor, Senhora.
Senhos, Taes.
Servir, Galantear.
Sinus Saymão, Signo de Salomão.
Si, Se.
Sin, Sem.
Sirventes, Cantos satyricos.
Sinlheira, Cuidadosa.
Siquazes, Sequazes.
Sirgada, Atada com sirgo.
Sol, Soyo (v. de Soer) Costuma, costumo.
Sô, Sob.
Soffrença, Soffrimento.
Sofraldar, Levantar a fralda.
Sojornar, Permanecer.
Soterrado, Enterrado.
Soydade, Saudade.
Spartido, Partido ao meio.

Spital, Hospital.
Strolomya, Astronomia.

Tafularia, Vicio do jogo.
Talam, Talante, Vontade.
Taleyga, Sacola.
Talhadores, Cobradores de impostos ou talhas.
Talho, Estatura.
Tardada, Demora.
Tam muyto, Muitissimo.
Tavolado, Jogo das Tavolas.
Temperar, Afinar.
Tene, Terrá, (v. de Ter) Tem, terá.
Terminhar, Terminar.
Tolheito, Aleijado.
Tolher, Tirar.
Torçon, troço, cêpa.
Tornar, Responder.
Torpidade, Torpesa.
Torto, Mal, damno.
Toste, Logo, immediatamente.
Touço, Projectil do jogo.
Tralado, Traslado.
Trameter, Entremetter.
Trapaz, Trapaceiro.
Trasnoytar, Perder a noite.
Traspernas, Traves da casa.
Tray (v. de Trazer) Traz.
Trautar, Emprehender.
Trebelhar, Folgar.
Tredo, Traidor.
Treitor, Traidor.
Treyde (v. de Trazer) Trazey.
Tristem, Tristura, Tristeza.
Trobar, Compor versos.
Tropeyros, Os que andam em bandos.
Trosquiado, Tosquiado.
Trumentar, Atormentar.
Tunador, Que anda á tuna.

U, Onde.
Unha, Uma.
Ungros, Certos panos.
Uso de Monpilher, Vestes doutoraes.

Vaades, (v. de Ir) Vades.
Vaganáo, Vadio.
Valdi, Certo pano.
Valrria (v. de Valer) Valeria.
Vassallo, Subordinado.
Veer, Ver.
Veiro, Alvo, alveiro.
Velido, Bello.
Vervejar, Dizer anexins.
Vervo, Rifão, anexim; proverbio.
Viaraz, Certo milhafre.
Viçoso, Saudavel.
Viido, (v. de Vir) Vindo.
Vilado, Envilecido.
Vileco, Velhaco.
Viltança, Vilta, affronta.
Vinço, Viço.
Vir ao Mayo, Entrar em campanha.
Vogado, Advogado.
Vus, Vos.

Xa, A.
Xe (expletiva.)
Xi, Se.

Y, Ali, aí.

Zevron, Selim de pelle de boi.